

**FONOLOGIA SEGMENTAL E SUPRASSEGMENTAL
DO NAMBIKWARA DO CAMPO
(NAMBIKWARA DO SUL)**

Published by
LOT
Kloveniersburgwal 48
1012 CX Amsterdam
The Netherlands

phone: +31 20 525 2461

e-mail: lot@uva.nl
<http://www.lotschool.nl>

Cover illustration: Photo taken by James Lee and available on unsplash.com.

ISBN: 978-94-6093-340-0
NUR: 616

Copyright © 2020: Paula Mendes Costa. All rights reserved.

VRIJE UNIVERSITEIT

**FONOLOGIA SEGMENTAL E SUPRASEGMENTAL DO NAMBIKWARA
DO CAMPO (NAMBIKWARA DO SUL)**

ACADEMISCH PROEFSCHRIFT

ter verkrijging van de graad Doctor of Philosophy aan
de Vrije Universiteit Amsterdam,
op gezag van de rector magnificus
prof.dr. V. Subramaniam,
in het openbaar te verdedigen
ten overstaan van de promotiecommissie
van de Faculteit der Geesteswetenschappen
op vrijdag 28 februari 2020 om 9.45 uur
in de aula van de universiteit,
De Boelelaan 1105

door

Paula Mendes Costa

geboren te Recife, Brazilië

promotoren: prof.dr. W. L. M. Wetzels
prof.dr. S. V. Telles de Araújo Pereira Lima

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
VRIJE UNIVERSITEIT AMSTERDAM

**FONOLOGIA SEGMENTAL E SUPRASEGMENTAL DO NAMBIKWARA
DO CAMPO (NAMBIKWARA DO SUL)**

Paula Mendes Costa

Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras (PPGL) da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e à Vrije Universiteit Amsterdam (VU Amsterdam), na modalidade de co-tutela, como requisito para obtenção do título de Doutora/PhD em Letras/Linguística sob orientação da Prof^a. Dr^a. Stella Telles (PPGL/UFPE) e do Prof. Dr. Leo Wetzels (VU Amsterdam).

Recife/Amsterdam

2020

Catálogo na fonte
Bibliotecária Jéssica Pereira de Oliveira, CRB-4/2223

C837f Costa, Paula Mendes
Fonologia segmental e suprasegmental do Nambikwara do Campo
(Nambikwara do Sul) / Paula Mendes Costa. – Recife, 2020.
418f.: il.

Orientadores: Stella Telles, Leo Wetzels.
Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Pernambuco. Centro de
Artes e Comunicação. Programa de Pós-Graduação em Letras, 2020.

Inclui referências e anexo.

1. Línguas indígenas brasileiras. 2. Família Nambikwara.
3. Nambikwara do Campo. 4. Fonologia. 5. Análise linguística. I. Telles,
Stella (Orientadora). II. Wetzels, Leo (Orientador). III. Título.

410 CDD (22. ed.)

UFPE (CAC 2020-224)

A todo o povo Nambikwára, em especial
a Tadeu Nambikwára Kithãulhu, Carlos
Sul Kithãulhu e Clério Nambikwára
Wakalitesu.

À minha mãe (*in memoriam*).

SUMÁRIO

Agradecimentos.....	i
Lista de siglas, abreviaturas e glosas.....	iii
Lista de convenções e símbolos.....	vii
Lista de quadros e tabelas.....	ix
Lista de figuras.....	xiii
INTRODUÇÃO.....	1
a) Objetivos e justificativa do trabalho.....	3
b) Metodologia e pesquisa de campo.....	4
c) Referencial teórico e literatura relevante.....	6
d) Estrutura do trabalho.....	7
e) Esquema da morfologia do nome e do verbo do Nambikwara do Campo (adaptado de Kroeker, M. (2001)).....	8
CAPÍTULO 1: ETNOGRAFIA E CLASSIFICAÇÃO LINGÜÍSTICA DO NAMBIKWARA DO CAMPO.....	25
1.1 O povo Nambikwara.....	25
1.1.1 Localização e organização geográfica.....	27
1.2 A família linguística Nambikwara e o Nambikwara do Campo.....	32
1.2.1 Situação linguística e aspectos sociais.....	34
CAPÍTULO 2: A FONOLOGIA SEGMENTAL DO NAMBIKWARA DO CAMPO.....	39
2.1 Fonemas.....	39
2.1.1 Inventário fonético.....	39
2.1.1.1 Os fones consonantais.....	39
2.1.1.2 Os fones vocálicos.....	42
2.1.2 Inventário fonológico.....	43
2.1.2.1 Consoantes.....	43
2.1.2.1.1 Oposições consonantais.....	45
2.1.2.1.2 Descrição e distribuição dos segmentos consonantais.....	45
2.1.2.1.2.1 As oclusivas não-glotalizadas.....	45
2.1.2.1.2.1.1 O /p/.....	47
2.1.2.1.2.1.2 O /t/.....	48
2.1.2.1.2.1.3 O /k/.....	52
2.1.2.1.2.1.4 O /ʔ/.....	53
2.1.2.1.2.2 As fricativas.....	55
2.1.2.1.2.2.1 O /s/.....	55
2.1.2.1.2.2.2 O /h/.....	57
2.1.2.1.2.3 A nasal.....	58
2.1.2.1.2.3.1 O /n/.....	59
2.1.2.1.2.4 As líquidas.....	65
2.1.2.1.2.4.1 O /l/.....	65
2.1.2.1.2.4.2 O /r/.....	68

2.1.2.1.2.5 As consoantes glotalizadas.....	71
2.1.2.1.2.5.1 As ejetivas.....	78
2.1.2.1.2.5.1.1 O /ʔt/.....	78
2.1.2.1.2.5.1.2 O /ʔk/.....	82
2.1.2.1.2.5.2 A soante glotalizada /ʔn/.....	84
2.1.2.2 Vogais.....	87
2.1.2.2.1 Oposições vocálicas.....	89
2.1.2.2.2 Descrição e distribuição dos segmentos vocálicos.....	90
2.1.2.2.2.1 As vogais orais e laringais.....	90
2.1.2.2.2.1.1 O /i/ e o /ĩ/.....	91
2.1.2.2.2.1.2 O /e/ e o /ẽ/.....	93
2.1.2.2.2.1.3 O /a/ e o /ã/.....	94
2.1.2.2.2.1.4 O /o/ e o /õ/.....	96
2.1.2.2.2.1.5 O /u/ e o /ũ/.....	97
2.1.2.2.2.2 As vogais nasais e nasais laringais.....	99
2.1.2.2.2.2.1 O /ĩ/ e o /ĩ̃/.....	103
2.1.2.2.2.2.2 O /ẽ/ e o /ẽ̃/.....	105
2.1.2.2.2.2.3 O /ã/ e o /ã̃/.....	107
2.1.2.2.2.2.4 O /ũ/ e o /ũ̃/.....	108
2.1.2.3 Ditongos.....	109
2.1.2.4 Síntese do comportamento e da distribuição dos fonemas da língua.....	118

CAPÍTULO 3: A SÍLABA E OS PROCESSOS FONOLÓGICOS DO NAMBIKWARA DO CAMPO.....	121
3.1 A sílaba.....	121
3.1.1 O <i>onset</i>	123
3.1.2 O núcleo.....	124
3.1.3 A coda.....	124
3.1.4 Tipos silábicos.....	126
3.1.4.1 Sílabas abertas a nível lexical.....	126
3.1.4.2 Sílabas fechadas a nível lexical.....	129
3.1.5 O molde silábico.....	131
3.1.6 Silabificação.....	133
3.1.7 Síntese do comportamento da sílaba em Nambikwara do Campo e nas línguas da família Nambikwara.....	150
3.2 Os processos fonológicos.....	154
3.2.1 Assimilação.....	156
3.2.1.1 Vozeamento de obstruinte.....	156
3.2.1.2 Ponto de articulação das coronais em coda.....	158
3.2.1.3 Laringalização de vogal.....	163
3.2.1.4 Nasalização das vogais átonas.....	164
3.2.1.5 Harmonia vocálica.....	168
3.2.2 Realizações fonéticas do /s/ em <i>onset</i> de sílaba.....	172
3.2.3 Redução/apagamento.....	181
3.2.3.1 Apagamento de consoante.....	181
3.2.3.2 Síncope de vogal átona entre sílaba tônica e sílaba átona.....	183

3.2.3.3 Monotongação.....	185
3.2.3.4 Fusão.....	186
3.2.4 Epêntese.....	188
3.2.5 Rotacismo.....	194
3.2.6. Coalescência consonantal.....	198
3.2.6.1 Ensurdimento do /l/ em <i>onset</i>	198
3.2.7 Fortalecimento.....	202
3.2.7.1 Fortalecimento do glide coronal [j].....	203
3.2.7.2 Dentalização do glide labial [w].....	208
3.2.7.3 Implosão de oclusiva.....	209
3.2.8 Aspiração.....	212
3.2.8.1 Aspiração de oclusiva em <i>onset</i>	212
3.2.8.2 Aspiração de coda.....	214
3.2.9 Pré-oralização de coda nasal.....	217
3.2.10 Alongamento.....	222
3.2.10.1 Alongamento vocálico em sílaba acentuada.....	222
3.2.10.2 Alongamento enfático.....	226
3.2.10.3 Alongamento da nasal em coda.....	227
3.2.11 Reduplicação.....	229
3.2.12 Os processos que agem na coda.....	235
3.2.13 Síntese dos processos fonológicos observados em Nambikwara do Campo e nas línguas da família Nambikwara.....	238

CAPÍTULO 4: O ACENTO E O TOM EM NAMBIKWARA DO CAMPO..243

4.1 O acento.....	243
4.1.1 Breve explanação acerca da Teoria Métrica do Acento.....	244
4.1.2 Correlato fonético do acento.....	245
4.1.3 Atribuição do acento à raiz.....	249
4.1.3.1 Raízes monossilábicas.....	253
4.1.3.2 Raízes dissilábicas.....	255
4.1.3.3 Raízes trissilábicas.....	262
4.1.3.4 Raízes com reduplicação.....	266
4.1.3.5 Exceção à atribuição do acento à raiz: extrametricalidade.....	268
4.1.4 O acento em morfemas gramaticais.....	274
4.1.5 O acento e o domínio da palavra fonológica.....	294
4.1.5.1 A hierarquia prosódica e a palavra fonológica.....	294
4.1.5.2 O acento no domínio da palavra em Nambikwara do Campo.....	298
4.1.6 Síntese do comportamento do acento em Nambikwara do Campo e nas línguas da família Nambikwara.....	307
4.2 O tom.....	314
4.2.1 O tom no domínio da palavra.....	315
4.2.2 O tom morfossintático: a palavra verbal.....	349
4.2.2.1 Os paradigmas verbais de 1ª e 3ª pessoas do singular no presente e no passado recente em sentenças declarativas afirmativas e negativas.....	350
4.2.2.1.1 O morfema <i>portmanteau</i> de tempo/pessoa.....	350
4.2.2.1.2 Sândi tonal: restrições de HH em fronteira de raiz com morfema.....	358
4.2.2.1.3 O tom na distinção de tempo na 3ª pessoa do singular.....	361

4.2.2.1.4 O tom na distinção entre 1ª e 3ª pessoas do singular.....	362
4.2.2.1.5 O tom na construção da negativa: o morfema {-ʔ} e o tom L <i>default</i>	364
4.2.2.2 Visão geral dos paradigmas verbais de 1ª e 3ª pessoas do singular.....	372
4.2.3 Tom enfático.....	382
4.2.4 Síntese do comportamento do tom em Nambikwara do Campo e nas línguas da família Nambikwara.....	390
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	395
RESUMO.....	397
SUMMARY.....	399
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	401
VOCABULÁRIO NAMBIKWARA DO CAMPO-PORTUGUÊS.....	409

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, pois sem Ele eu não teria chegado até aqui.

Agradeço à minha orientadora Stella Telles, professora-mãe que me apresentou ao universo das línguas indígenas e me possibilitou vislumbrar novos valores e a riqueza de diferentes cosmovisões. Obrigada por acreditar em mim e por estar sempre ao meu lado. E obrigada por me ensinar tanto em cada encontro, em cada orientação, em que os aprendizados sempre foram para muito além do universo da linguística. À Sra, dedico meu respeito, meu carinho e minha gratidão.

Agradeço ao meu orientador Leo Wetzels, a quem também dedico todo o meu respeito, carinho e gratidão. Obrigada por também acreditar em mim e por me incentivar em cada encontro. Obrigada também por toda generosidade e atenção que nunca me faltaram e pelos comentários e leituras sempre tão valiosos e cuidadosos. O Sr tem toda a minha admiração.

Obrigada ao meu irmão Toni, por ser minha família e meu suporte mesmo do outro lado do oceano. Admiro muito você enquanto pessoa, profissional e intelectual. Você sempre foi e sempre será um exemplo para mim. Amo você,

Obrigada à minha mãe, que não pôde acompanhar em vida o desdobrar de todo o ensinamento que ela me deu ao longo dos meus primeiros 17 anos de existência. Dedico a você esse trabalho. Obrigada ao meu avô Paulo (*in memoriam*), que sempre me incentivou a permanecer no mundo acadêmico e sempre acreditou no meu potencial.

Obrigada a Luci, amiga-tia que sempre esteve pronta para me ouvir e me ajudar nos momentos de dificuldade. Obrigada por todo carinho e por também sempre acreditar que eu era capaz. Obrigada a Rita e Maria, pelo apoio e pela ajuda de sempre.

Obrigada à Fundação de Amparo à Ciência e Tecnologia do Estado de Pernambuco (FACEPE), pela bolsa de doutorado que me possibilitou cumprir essa jornada até o fim.

Obrigada à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela bolsa de doutorado sanduíche PDSE, que financiou minha estadia na Holanda durante o período de co-tutela junto à Vrije Universiteit Amsterdam (VU).

Obrigada à equipe do PPGL, em especial a Jozáias e a Diva, sempre tão prestativos e atenciosos. Agradeço também ao staff da VU, em especial à Liesbeth e à Paola por sempre se mostrarem disponíveis para me atender.

Obrigada a todo o povo Nambikwara, especialmente a Carlos Sul Kithaulhu, Clério Nambikwara Wakalitesu, Nalissom Kithaulhu, Nelmsom Kithaulhu, Tadeu Nambikwara, Renato Arlindo Kunekina Nambikwara, Rafael Nambikwara Kithaulhu e Roberto Nambikwara Kithaulhu. Obrigada também aos índios Nambikwara do cerrado que me receberam na Aldeia 13 de Maio, Erso Nambikwara, Sr. Miguel, Jonas Sawentesu, Valmir Nambikwara, Jorge Nambikwara, Samuel Nambikwara Kithaulhu, Agnelo Nambikwara Halotesu. À FUNAI, em especial à FUNAI de Comodoro, Adriani e Iana. Esse trabalho não existiria sem vocês, meus professores e verdadeiros doutores nessa língua.

Obrigada aos meus amigos do Núcleo de Estudos Indigenistas (NEI/UFPE) pelas discussões sempre tão valiosas e frutíferas, em particular a Sivaldo e Edney. Vocês foram muito importantes nessa jornada. Obrigada a Luis, companheiro de

campo, pelo apoio e cumplicidade. Obrigada a Sivaldo por todo o apoio e pelo carinho de sempre, e a Edney pelas conversas e apoio que nunca me faltaram.

Obrigada aos amigos da Holanda e do 510: Rina, Catina, Lívvia, Isaac, Jéssica, Luis Felipe, Lucas e Bianca. Vocês deixaram os dias de frio sempre mais acolhedores nessa nossa segunda casa, que foi/é Amsterdam. Obrigada por cuidarem de mim quando me machuquei e por estarem sempre presentes.

Obrigada aos amigos da graduação e da vida: Anne, Felipe, Luisa, Gabi, Laura, Elissa. Vocês são muito especiais para mim. Obrigada também aos amigos que ganhei na pós-graduação da UFPE, amigos para a vida: Shênia, Maria, Michelle, Eduardo, Diego. Agradeço também aos amigos Lilian, Débora, Tiago, Alber, Carol, Lourenço, pelas risadas e pela amizade. Obrigada também a Thiago Bananeira, pela amizade e pelas conversas sempre tão agradáveis. Agradeço, ainda, a Marília Teixeira pela amizade e pelo apoio de sempre.

Obrigada à Professora Dilma, que sempre acreditou em mim e me deu palavras de conforto quando precisei. Obrigada pelo apoio e pelo incentivo constantes, que me ajudaram a seguir em frente mesmo quando achava que não era capaz.

Obrigada a Fernanda Ziober, amiga-irmã que a vida me deu para sempre. Obrigada pela amizade, pela cumplicidade, pela paciência e pela confiança, amiga. Levo você no meu coração e admiro muito a mulher e a profissional que você é. Obrigada pelas horas de conversas no telefone, pelas risadas e por acreditar que eu era capaz.

Obrigada a Gabi, minha também amiga-irmã que a vida me deu para o Brasil e para a Holanda. Obrigada pelo apoio e pela amizade de sempre, você é uma pessoa incrível.

Obrigada a Thijs, pelo companheirismo e pelo apoio que nunca me faltaram. Obrigada pela compreensão nos momentos difíceis e por sempre me incentivar a seguir em frente em busca dos meus sonhos.

Obrigada ao LOT (*Landelijke Onderzoekschool Taalwetenschap* ou *Netherlands Graduate School of Linguistics*), em especial a Janacy, pela atenção e disponibilidade no processo de publicação da tese.

Obrigada aos Professores que aceitaram fazer parte do Comitê de Leitura e da banca de defesa dessa tese. Suas contribuições e leitura cuidadosa serão certamente muito valiosos.

Obrigada a todos aqueles que, de alguma forma, contribuíram para que eu pudesse concluir essa jornada. Àqueles que não mencionei, também estendo toda a minha gratidão.

LISTA DE SIGLAS, ABREVIATURAS E GLOSAS

1PL	1ª pessoa do plural
1PL.E	1ª pessoa do plural exclusivo
1PL.I	1ª pessoa do plural inclusivo
1SG.2SG	1ª e 2ª pessoa singular (argumento interno do verbo, objeto)
2SG	2ª pessoa do singular
2PL	2ª pessoa do plural
3SG	3ª pessoa do singular
ADVERS	Adversativo
ADV	Advérbio
ADV.P	Morfema adverbial de passado
ADVZ	Adverbializador
AUX	Sufixo verbal auxiliar
AUX.IMN	Sufixo verbal auxiliar significando “ação iminente”
C	Consoante, margem silábica ou coda
(C)	Consoante não obrigatória
cf.	Conforme
CL	Classificador nominal
CL.não espec	Classificador nominal significando “pessoa ou coisa não especificada”
COMIT	Morfema comitativo
COP	Copulativo (cópula)
CTL	Coordenação Técnica Local
DEM	Morfema demonstrativo
DESID	Morfema verbal desiderativo
EMBRAPA	Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária
ENF	Enfático
EQUA	Equativo
FUNAI	Fundação Nacional do Índio
FUT	Futuro
GRUPO	Sufixo significando “grupo”
H	High (<i>pitch</i> alto)
Hz	Hertz
IBAMA	Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IC	Consoante intrusiva
IDEOF	Ideofone
IMIN	Morfema de ação iminente
IMPER	Imperativo (interlocutor do sexo masculino)
IMPER.F	Imperativo (interlocutor do sexo feminino)
IMPF	Imperfectivo (interlocutor do sexo masculino)
IMPF.F	Imperfectivo (interlocutor do sexo feminino)
IN	Incorporação nominal
INAL	Morfema de inalienabilidade
INTENS	Morfema de intensidade

INTER	Sufixo Interrogativo
INSTR	Prefixo instrumental
IPA	The International Phonetic Alphabet
ISA	Instituto Socioambiental
KI	Kithãulhu
L	Low (<i>pitch</i> baixo)
LOC	Locativo
ME	Sufixo de mudança de estado
ms	Milissegundos
MT	Moldura temporal
N	Núcleo silábico ou segmento nasal
NOMZ	Nominalizador
O	<i>Onset</i>
O.1SG	1ª pessoa do singular (argumento interno do verbo, objeto)
O.1SG.2SG	1ª e 2ª pessoa singular (argumento interno do verbo, objeto)
O.3SG	3ª pessoa do singular (argumento interno do verbo, objeto)
P	Morfema pronominal
PAS	Tempo passado
PAS/1SG	Tempo passado e 1ª pessoa do singular
PBAI	Projeto Básico Ambiental Indígena
PF	Perfectivo masculino (falando para homem)
PF.FEM	Perfectivo feminino (falando para mulher)
PLZ	Pluralizador
POS.1PL	Possessivo de 1ª pessoa do plural
POS.1SG+2SG	Possessivo de 1ª e 2ª pessoa singular
POS.3SG	Possessivo de 3ª pessoa
PRC	Tempo passado recente
PRC/1SG	Tempo passado recente e sujeito de 1ª pessoa do singular
PRES	Tempo presente
PRES/1SG	Tempo presente e sujeito de 1ª pessoa do singular
PRON	Pronome
PRV	Pró-verbo
PT.fem	Pronome de tratamento feminino
PT.masc	Pronome de tratamento masculino
P.VER	Pró-verbo
R	Rima
REDUPL	Reduplicação
RFX	Reflexivo
RN	Raiz nominal
RV	Raiz verbal
S.1SG	Sujeito 1ª pessoa do singular
S.2PL	Sujeito 2ª pessoa plural
S.3SG	Sujeito 3ª pessoa do singular
SEMEC	Secretaria Municipal de Educação de Comodoro
SESAI	Secretaria Especial de Saúde Indígena
SIL	Summer Institute of Linguistics
S.NOM	Sufixo nominal

S.VER	Sufixo verbal
T.I.	Terra Indígena
UFPE	Universidade Federal de Pernambuco
V	Vogal ou núcleo silábico
(V)	Vogal não obrigatória
VU	Vrije Universiteit Amsterdam
WA	Wakalitesu
X	Tempo

LISTA DE CONVENÇÕES E SÍMBOLOS

//	Transcrição fonológica
[]	Transcrição fonética
{ }	Morfema
:	Oposição fonológica
:	Alongamento
ˈ	Acento primário
ˌ	Acento secundário
~	Variação fonética
#	Fronteira de palavra
/	Contexto
—	Posição em que um segmento ocorre
∅	Não realização ou morfema zero
→	Realiza-se como
\$	Fronteira de sílaba
.	Fronteira de sílaba
+	Fronteira de morfema
-	Fronteira de morfema
)	Fronteira
?	Morfema com significado e glosa desconhecidos
*	Forma agramatical ou não aceita pelos falantes
±	Possibilidade de presença
μ	Mora
σ	Sílaba
Σ	Pé
ω	Palavra fonológica
C	Grupo clítico
Φ	Frase fonológica
I	Frase entoacional
U	Enunciado

LISTA DE QUADROS E TABELAS

INTRODUÇÃO

Quadro 1 – Faixa etária e etnia dos colaboradores da pesquisa.....	4
Quadro 2 – Legenda de cores.....	8
Quadro 3 – Representação do nome em Nambikwara do Campo.....	9
Quadro 4 – Prefixos possessivos e de inalienabilidade.....	9
Quadro 5 – Sufixos classificadores.....	10
Quadro 6 – Sufixos enfáticos.....	11
Quadro 7 – Sufixos de moldura temporal.....	11
Quadro 8 – Sufixos demonstrativos.....	11
Quadro 9 – Sufixos nominalizadores.....	12
Quadro 10 – Sufixos nominais.....	12
Quadro 11 – Numerais.....	12
Quadro 12 – Pronomes pessoais livres.....	13
Quadro 13 – Pronomes indefinidos.....	15
Quadro 14 – Pronomes demonstrativos livres.....	15
Quadro 15 – Pronomes interrogativos (formas livres).....	15
Quadro 16 – Legenda de cores.....	16
Quadro 17 – Representação do verbo em Nambikwara do Campo.....	16
Quadro 18 – Prefixos instrumentais.....	17
Quadro 19 – Algumas partes do corpo mais usadas em incorporações.....	17
Quadro 20 – Alguns sufixos adverbiais 1.....	18
Quadro 21 – Sufixos pessoais objetivos.....	18
Quadro 22 – Formas duais dos sufixos pessoais objetivos.....	19
Quadro 23 – Formas plurais dos sufixos pessoais objetivos.....	19
Quadro 24 – Alguns sufixos adverbiais 2.....	19
Quadro 25 – Sufixos pessoais subjetivos.....	19
Quadro 26 – Formas duais dos sufixos pessoais subjetivos.....	20
Quadro 27 – Formas plurais dos sufixos pessoais subjetivos.....	20
Quadro 28 – Verbos auxiliares.....	20
Quadro 29 – Aspectos do sistema de evidência.....	21
Quadro 30 – Sufixos de tempo verbal/pessoa/evidência.....	22
Quadro 31 – Sufixos de aspecto/gênero.....	23
Quadro 32 – Partículas ou clíticos de sentença.....	23
Quadro 33 – Advérbios de tempo.....	24

CAPÍTULO 1

Quadro 34 – Terras Indígenas Nambikwara (adaptado de Eberhard (2009) e Sousa Netto (2018)).....	30
Quadro 35 – Família linguística Nambikwara (adaptado de Eberhard (2009)).....	33
Quadro 36 – Família linguística Nambikwara segundo Lowe (1999, p.269-70).....	34
Quadro 37 – Aldeias do grupo Nambikwara do Campo (Nambikwara do Sul) e número de habitantes (adaptado de Sousa Netto (2017, p.54-5), baseado em Secretaria de Saúde indígena (SESAI, 2013)).....	36

CAPÍTULO 2

Quadro 38 – Os fones consonantais do Nambikwara do Campo.....	40
Quadro 39 – Os fonemas consonantais da língua Nambikwara segundo Kroeker, M. (2001) (adaptado).....	41
Quadro 40 – Os fonemas consonantais ejetivos da língua Nambikwara segundo Kroeker, M. (2001).....	41
Quadro 41 – Os fones vocálicos do Nambikwara do Campo.....	42
Quadro 42 – Os fonemas vocálicos do Nambikwara segundo Kroeker, M. (2001).....	43
Quadro 43 – Os fonemas consonantais do Nambikwara do Campo.....	44
Quadro 44 – fonemas consonantais do Nambikwara do Campo com base em Clements e Hume (1995).....	44
Quadro 45 – Línguas Nambikwara e seus fonemas consonantais oclusivos não-glotalizados.....	46
Quadro 46 – Interpretações do [r] em línguas Nambikwara.....	69
Quadro 47 – Os fonemas consonantais ejetivos da língua Nambikwara segundo Kroeker, M. (2001).....	74
Quadro 48 – Os fonemas consonantais glotalizados do Nambikwara do Campo.....	77
Quadro 49 – Os fonemas vocálicos do Nambikwara do Campo.....	87
Quadro 50 – fonemas vocálicos do Nambikwara do Campo com base em Clements e Hume (1995).....	88
Quadro 51 – Segmentos vocálicos das línguas Nambikwara.....	100
Quadro 52 – Nasalidade em Nambikwara do Campo.....	102
Quadro 53 – As interpretações dos ditongos nas línguas da família Nambikwara.....	110
Quadro 54 – Os ditongos do Nambikwara do Campo.....	114
Quadro 55 – Síntese dos fonemas consonantais e de suas realizações em posição de <i>onset</i>	118
Quadro 56 – Síntese dos fonemas consonantais e de suas realizações em posição de coda.....	119
Quadro 57 – Síntese dos fonemas vocálicos e de suas realizações.....	119

Tabela 1 – Distribuição das ocorrências e coocorrências das consoantes glotalizadas entre as línguas consideradas por Maddieson (2013).....	74
---	----

CAPÍTULO 3

Quadro 58 – A sílaba nas línguas Nambikwara.....	151
Quadro 59 – Realizações, contextos relevantes e exemplos da lateral coronal /l/.....	195
Quadro 60 – Comportamento de consoantes líquidas em sílaba postônica em final de palavra (fronteira de morfema).....	201
Quadro 61 – Processos que agem em posição de coda e seu contexto relevante.....	235
Quadro 62 – Relações entre processos que ocorrem em posição de coda.....	237
Quadro 63 – Os processos fonológicos nas línguas Nambikwara.....	238

CAPÍTULO 4

Quadro 64 – Exemplos de contextos de extrametricalidade.....	269
Quadro 65 – Legenda de cores.....	276
Quadro 66 – Representação do nome em Nambikwara do Campo.....	276
Quadro 67 – Representação do verbo em Nambikwara do Campo.....	276

Quadro 68 – Comportamento do acento lexical em morfemas gramaticais monossilábicos.....	277
Quadro 69 – Comportamento do acento lexical em morfemas gramaticais dissilábicos.....	289
Quadro 70 – Morfema classificador operando como morfema gramatical e como raiz lexical.....	298
Quadro 71 – O acento nas línguas Nambikwara.....	307
Quadro 72 – Possibilidades de construções observadas considerando-se padrão tonal e morfema de tempo/pessoa.....	354
Quadro 73 – Alomorfias do morfema de tempo/pessoa em declarativa afirmativa.....	355
Quadro 74 – Padrões tonais da raiz em fronteira com morfema de tempo/pessoa com tom alto.....	359
Quadro 75 – Alomorfias do morfema de tempo/pessoa em declarativa afirmativa.....	367
Quadro 76 – Alomorfias do morfema de tempo/pessoa em declarativa afirmativa e negativa.....	368
Quadro 77 – Paradigma verbal de 1ª pessoa do singular de verbos ativos e adjetivais no presente e no passado recente.....	373
Quadro 78 – Paradigma verbal de 3ª pessoa do singular de verbos ativos e adjetivais no presente e no passado recente.....	375
Quadro 79 – Esquema dos paradigmas verbais de 1ª e 3ª pessoas do singular de verbos ativos e adjetivais no presente e no passado recente.....	377
Quadro 80 – O tom nas línguas Nambikwara.....	390

LISTA DE FIGURAS

CAPÍTULO 1

Figura 1 – Distribuição aproximada das famílias linguísticas entre os rios Guaporé e Arinos no início do século XX.....	26
Figura 2 – Território Nambikwara.....	28
Figura 3 – Mapa das Terras Indígenas Nambikwara.....	29
Figura 4 – Mapa do domínio vegetal da Terra Indígena Nambikwara.....	31
Figura 5 – Mapa do domínio vegetal da Terra Indígena Nambikwara.....	31
Figura 6 – Família linguística Nambikwara.....	33
Figura 7 – Dados demográficos da Terra Indígena Nambikwara entre os anos de 1990 e 2010.....	35

CAPÍTULO 2

Figura 8 – Espectrograma de “é achatado”: exemplo da nasal pré-oralizada [ʰm]....	63
Figura 9 – Espectrograma de “homem, marido”: exemplo da nasal pré-oralizada [ʰn].....	64
Figura 10 – Espectrograma de “é estreito, fino”: exemplo da nasal pré-oralizada [ʰŋ].....	65
Figura 11 – Espectrograma de “flecha”: exemplo da ejetiva coronal /ʔt/ em fronteira de raiz com sufixo nominal {-a}.....	80
Figura 12 – Espectrograma de “flecha”: exemplo da ejetiva coronal /ʔt/ em fronteira de raiz com sufixo nominal {-su}.....	80
Figura 13 – Espectrograma de “espingarda”: exemplo da ejetiva dorsal /ʔk/ em fronteira de morfema.....	84
Figura 14 – Espectrograma de “árvore (geral)”.....	85
Figura 15 – Espectrograma de “folha (da árvore)”.....	85
Figura 16 – Espectrograma de “coxa (dele)”: exemplo da nasal coronal glotalizada /ʔn/ em fronteira de morfema.....	86
Figura 17 – Sílabas GV ['ja].....	113
Figura 18 – Sílabas VG ['aj].....	113

CAPÍTULO 3

Figura 19 – Molde silábico.....	132
Figura 20 – Estrutura da sílaba resultante dos processos fonológicos.....	133
Figura 21 – Princípio do Onset Máximo entre morfemas/palavras com atribuição de peso silábico por alongamento da vogal nuclear devido à posição do acento.....	138
Figura 22 – Ressilabificação em contexto intervocálico entre morfemas/palavras.....	146
Figura 23 – Contexto de ressilabificação com vogal epentética.....	147
Figura 24 – Resultado da ressilabificação com vogal epentética.....	147
Figura 25 – Ressilabificação com apagamento de segmento vocálico.....	149
Figura 26 – Representação da assimilação do traço [+vozeado] da consoante nasal pela obstruinte que a segue.....	157
Figura 27 – Representação da assimilação do traço [+vozeado] das vogais adjacentes pela consoante obstruinte.....	157

Figura 28 – Representação da assimilação do ponto [labial] do glide adjacente pela consoante oclusiva /t/ em coda.....	159
Figura 29 – Representação da assimilação progressiva do ponto [labial] do glide em coda de ditongo fonético pela consoante nasal /n/ em coda.....	161
Figura 30 – Representação da assimilação regressiva do ponto de articulação da consoante no <i>onset</i> pela consoante nasal /n/ em coda.....	162
Figura 31 – Representação de laringalização progressiva e regressiva de vogal....	164
Figura 32 – Representação da assimilação regressiva do traço [nasal] da consoante em <i>onset</i> pela vogal da sílaba anterior.....	165
Figura 33 – Representação da assimilação regressiva do traço [nasal] da vogal tônica pela vogal pretônica.....	166
Figura 34 – Representação da assimilação progressiva do traço [nasal] da consoante em <i>onset</i> pela vogal nuclear átona seguinte.....	167
Figura 35 – Representação da assimilação regressiva da abertura da vogal alta pela vogal média precedente (harmonia vocálica com assimilação parcial).....	169
Figura 36 – Representação do espriamento do nó de cavidade oral na sequência /n.s/.....	174
Figura 37 – Representação de apagamento de vogal átona e ressilabificação em {-te}.....	179
Figura 38 – Representação de sílaba terminada em [t] seguida de {-su}.....	180
Figura 39 – Representação do apagamento de consoante em coda com alongamento da vogal devido ao acento.....	182
Figura 40 – Representação de síncope de vogal átona entre sílaba tônica e sílaba átona na palavra “pedra”.....	183
Figura 41 – Representação de monotongação de ditongo decrescente em sílaba tônica.....	186
Figura 42 – Representação da fusão no ditongo [aw].....	187
Figura 43 – Representação da epêntese de [w] em contexto intervocálico.....	188
Figura 44 – Representação da epêntese de [j] em contexto intervocálico.....	189
Figura 45 – Representação da epêntese de [h] em início de palavra.....	190
Figura 46 – Representação do <i>input</i> da epêntese de vogal [i] após oclusiva coronal em coda em “flecha”.....	191
Figura 47 – Representação do <i>output</i> da epêntese de vogal após oclusiva coronal em coda em “flecha”.....	191
Figura 48 – Representação da hierarquia de movimentos na escala de força (LASS, 1984, p.178, adaptado).....	202
Figura 49 – Escala de sonoridade (CLEMENTS, 1990, p.12, adaptado).....	203
Figura 50 – Representação da assimilação do nó vocálico de [j] por /n/ ou /l/.....	204
Figura 51 – Espectrograma de “urucum”.....	210
Figura 52 – Espectrograma de “mel”.....	210
Figura 53 – Espectrograma de “flecha”.....	211
Figura 54 – Interpretação de [±spread glottis] em fricativas proposta por Vaux (1998, p.509) (adaptado).....	215
Figura 55 – Representações das nasais pré-oralizadas.....	218
Figura 56 – Representação do alongamento de vogal simples em posição de acento.....	223

Figura 57 – Representação de alongamento vocálico em sílaba acentuada após ressilabificação de coda.....	224
Figura 58 – espectrograma de “é muito longe”	227
Figura 59 – espectrograma de “algodão”	228

CAPÍTULO 4

Figura 60 – Espectrograma de “rato” realizado em fala lenta e pausada.....	248
Figura 61 – Espectrograma de “é longo, comprido” realizado em fala lenta e pausada.....	248
Figura 62 – Espectrograma de “aldeia” realizado em fala lenta e pausada.....	249
Figura 63 – Espectrograma de “ele pinta” realizado em fala lenta e pausada.....	256
Figura 64 – Espectrograma de “dois” realizado em fala lenta e pausada.....	256
Figura 65 – Hierarquia e constituintes prosódicos (BISOL, 2001, p.230).....	295
Figura 66 – Esquema de marcação do acento na raiz.....	313
Figura 67 – Espectrograma de “casa”.....	317
Figura 68 – Espectrograma de “formiga tocandira”.....	317
Figura 69 – Espectrograma de “mulher”.....	318
Figura 70 – Espectrograma de “mel”.....	318
Figura 71 – Espectrograma de “roça”.....	319
Figura 72 – Espectrograma de “guerreiro”.....	319
Figura 73 – Espectrograma de “flauta sagrada”.....	320
Figura 74 – Espectrograma de “criança, bebê”.....	320
Figura 75 – Espectrograma de “macuco”.....	321
Figura 76 – Espectrograma de “macaco-prego”.....	321
Figura 77 – Espectrograma de “é molhado”.....	332
Figura 78 – Espectrograma de “ele(a) está voando”.....	332
Figura 79 – Espectrograma de “jabuti”.....	333
Figura 80 – Espectrograma de “tambor”.....	334
Figura 81 – Espectrograma de “época seca”.....	334
Figura 82 – Espectrograma de “boca”.....	335
Figura 83 – Espectrograma de “eu estou bebendo”.....	336
Figura 84 – Espectrograma de “cabelo”.....	337
Figura 85 – Espectrograma de “pai dele”.....	337
Figura 86 – Espectrograma de “criança”.....	338
Figura 87 – Espectrograma de “anta”.....	339
Figura 88 – Espectrograma de “rato”.....	340
Figura 89 – Espectrograma de “arara”.....	340
Figura 90 – Espectrograma de “água”.....	341
Figura 91 – Espectrograma de “mosca”.....	342
Figura 92 – Espectrograma de “pé”.....	342
Figura 93 – Espectrograma de “lobo-guará”.....	343
Figura 94 – Espectrograma de “piolho”.....	344
Figura 95 – Espectrograma de “caminho, estrada, vereda”.....	344
Figura 96 – Espectrograma de “galinha”.....	346
Figura 97 – Espectrograma de “libélula”.....	347
Figura 98 – Espectrograma de “mosquito”.....	347
Figura 99 – Espectrograma de “é redondo”.....	348

Figura 100 – Espectrograma de “é comprido”	385
Figura 101 – Espectrograma de “é muito comprido”	385
Figura 102 – Espectrograma de “é longe”	386
Figura 103 – Espectrograma de “é muito longe”	386
Figura 104 – Espectrograma de “é grande, grosso”	387
Figura 105 – Espectrograma de “é muito grande, grosso”	387
Figura 106 – Espectrograma de “barulho grande, alto”	388
Figura 107 – Espectrograma de “é fino”	389
Figura 108 – Espectrograma de “é muito fino”	389

INTRODUÇÃO

No Brasil, existem, aproximadamente, 170 línguas indígenas, as quais resistiram ao longo das décadas ao processo de colonização e aos desafios impostos pelo contato com o não-índio. Um grande número dessas línguas não foi descrito e é ameaçado de extinção, uma vez que possui poucos falantes. Tal realidade torna-se ainda mais alarmante ao se pensar que essas línguas são ágrafas e guardam um rico acervo cultural em forma de canções, lendas, histórias, crenças e conhecimentos que foram transmitidos de geração a geração por séculos da nossa história. O risco de se perder uma língua e, com ela, toda uma cosmovisão secular tão peculiar e que tem tanto para nos ensinar chama a atenção para a urgência na preservação e na documentação das línguas indígenas brasileiras. De acordo com Rodrigues (1986, p.17-9):

Os índios do Brasil não são um povo: são muitos povos, diferentes de nós e diferentes entre si. Cada qual tem usos e costumes próprios, com habilidades tecnológicas, atitudes estéticas, crenças religiosas, organização social e filosofia peculiares, resultantes de experiências de vida acumuladas e desenvolvidas em milhares de anos. E distinguem-se também de nós e entre si por falarem diferentes línguas. [...] Falam-se no Brasil, hoje em dia, umas 170 línguas indígenas. Quantas, exatamente, não sabemos, não só porque até hoje não se incluem nos recenseamentos oficiais brasileiros informações linguísticas, nem informações sobre os povos indígenas, mas também porque línguas são coisas muito difíceis de contar, mesmo quando são bem conhecidas.

A família Nambikwara corresponde a uma das 41 famílias linguísticas sobreviventes, hoje, no Brasil. Ela é formada por três ramos: Nambikwara do Norte, com 5 línguas, Nambikwara do Sul, que compreende 13 letos, e Sabanê, sem divisão interna, representando a única língua do ramo. Os grupos que falam essas línguas estão localizados na região centro-oeste do Brasil, quase todos no estado do Mato Grosso, de modo que apenas o grupo Latundê, pertencente ao ramo do Norte, está situado no estado de Rondônia, ao norte do município de Vilhena (RO). Tradicionalmente, os Nambikwara são grupos predominantemente coletores e caracterizados por um contingente reduzido, que não ultrapassava muito a margem de 50 pessoas/grupo. Em censo realizado em 1982 e apresentado em Price (1985), havia, à época, 425 índios Nambikwara do Sul, 150 Nambikwara do Norte e 25 índios Sabanê.

Segundo Price (1985), muitas das designações de grupos de índios Nambikwara que apareceram na literatura são termos de parentesco. Grande parte delas surgiu no início do século XX, quando Coronel Cândido Mariano da Silva Rondon construiu uma linha telegráfica através da área Nambikwara. Ocorria que, comumente, não se percebia que as palavras usadas para se referir aos índios eram termos de parentesco e assumia-se que esses eram nomes que designavam algum tipo

2 Fonologia segmental e suprasegmental do Nambikwara do Campo

de unidade étnica. Por vezes, também, os nomes eram atribuídos aos grupos a partir de algumas de suas características. Nambikwara é uma palavra tupi que significa “orelha furada” (ou “furo na orelha”).

De acordo com Kroeker, M. (2001), as primeiras incursões em regiões Nambikwara ocorreram por volta do século XVII, mas os contatos só vieram se estabelecer em 1907, com a construção da referida linha telegráfica pela Comissão Rondon. Na época, havia cerca de 10.000 índios Nambikwara até que, nas décadas de 1930 e 1940, algumas doenças importadas assolaram a região e causaram a morte de centenas de índios. Na década de 1960, estimava-se a existência de 500 Nambikwara e, atualmente, entre os grupos da família que resistiram à depopulação característica do processo de contato e puderam permanecer como agrupamentos politicamente autônomos, apenas 3 apresentam uma população que regula entre 200 e 300 pessoas (KROEKER, M., 2001). A maioria dos grupos ainda permanece com um contingente populacional bastante restrito.

O povo Nambikwara do Campo (ou Nambikwara do Cerrado), de língua homônima, habita a região ao longo dos afluentes do rio Juruena, na Chapada dos Parecis ou Planalto Parecis (KROEKER, M., 2001; PRICE, 1978), nas Terras Indígenas Nambikwara e Sapezal, ambas no estado do Mato Grosso, e sua língua corresponde a um conjunto de letos que integra o ramo Nambikwara do Sul. O Nambikwára do Campo é uma língua falada pelos índios Kithãulhu, Halotesu, Sawentesu e Wakalitesu. Nesse trabalho, optou-se por se referir à língua como Nambikwara do Campo, em vez de Nambikwara do Cerrado, devido ao fato de, na literatura existente, ser esse o nome adotado pelos autores, incluindo trabalhos mais recentes, como o de Sousa Netto (2018). Assim, embora as duas nomenclaturas sejam possíveis e aceitáveis pela comunidade indígena, considerou-se que manter a mesma nomenclatura já utilizada em trabalhos pré-existentes, sejam eles linguísticos ou etnográficos, seria mais consistente, evitando discrepâncias ou confusões tendo em vista a literatura científica. Ainda com relação à família linguística Nambikwara e à sua subdivisão interna, Rodrigues (1986, p.74-5) expõe:

Bem mais ao norte da língua Kadiwéu temos a família linguística Nambikwára, a qual se situa exclusivamente em território brasileiro, estendendo-se no noroeste de Mato Grosso ao sueste de Rondônia. Ela compreende três línguas: o Sabanê, o Nambikwára do Norte e o Nambikwára do Sul. Tanto o Nambikwára do Norte quanto o Nambikwára do Sul são mais propriamente complexos dialetais. O primeiro compreende quatro dialetos: Tawandê (também conhecido como Tagnaní), Lakondê, Mamaindê e Nagarotú. O segundo abrange uma maior variedade, reunida em quatro grupos: Mundúka, Nambikwára do Campo, Nambikwára do Guaporé e Nambikwára do Sararé, também chamado Kabixí.

O Nambikwára do Campo é uma língua polissintética que apresenta fonologia complexa, na qual se observam a interface fonética/fonologia bastante

opaca e vários processos fonológicos que interagem com a gramática. Nesse trabalho, procurou-se lançar um olhar sobre a fonologia dessa língua a fim de melhor compreendê-la e explicá-la, considerando-se, para tal, a interface com a morfossintaxe.

a) Objetivos e justificativa do trabalho

Este trabalho teve como objetivo geral descrever e analisar a fonologia segmental e suprasegmental do Nambikwara do Campo tendo em vista a interface fonologia-gramática à luz dos pressupostos das teorias fonológicas não-lineares, como a fonologia autosssegmental, lexical e prosódica e a geometria dos traços presentes em Goldsmith (1979; 1990; 1996), Clements (1990; 1991; 1999), Clements e Hume (1995), Spencer (1986; 1996), Kenstowicz (1994), Hayes (1995), Nespor e Vogel (1986), Vogel (2008), entre outros.

Os objetivos específicos do presente estudo somaram um total de 4, quais sejam: (1) compreender o funcionamento da fonologia do Nambikwara do Campo e de sua interface com a gramática por meio de sua análise e descrição e da revisão da literatura existente sobre a mesma; (2) lançar as bases para estudos posteriores sobre a língua que visem o desenvolvimento de materiais que possam contribuir para o ensino do Nambikwara do Campo na escola da comunidade; (3) contribuir com o conhecimento mais amplo da tipologia Nambikwara, mais especificamente, do ramo Nambikwara do Sul, ainda pouco estudado; e (4) apresentar, através da análise, dados que possam contribuir para o fortalecimento da Teoria Fonológica e para os estudos que têm como finalidade compreender a faculdade humana da linguagem.

Tendo em vista os objetivos geral e específicos mencionados, o presente trabalho se justifica pela necessidade e, acima de tudo, urgência de estudo, registro e documentação da língua Nambikwara do Campo, ainda pouco investigada e cuja fonologia carece de descrição. Sabe-se que grande parte das línguas da família Nambikwara se caracteriza por uma complexidade fonológica e por um alto grau de polissíntese, a exemplo do Latundê (TELLES, 2002), do Lakondê (TELLES, 2002), do Mamaindê (EBERHARD, 1995; 2009), do Negarotê (BRAGA, 2017) e do próprio Nambikwara do Campo, de modo que a realização de um trabalho minucioso de descrição fonológica e do sistema prosódico desta última é, então, fundamental para se tentar compreender o funcionamento e os processos operantes na língua.

Desse modo, pode-se afirmar que os benefícios do estudo aqui realizado se respaldam, pelo menos, em razões de três naturezas: (1) social, que diz respeito à relevância e à valorização de qualquer língua para sua sociedade; (2) linguística, que se refere à contribuição potencial que o conhecimento de línguas pode dar para a construção da teoria linguística e para o avanço do entendimento da faculdade humana da linguagem; e (3) cultural, visto que compreende um intercâmbio sociocultural de conhecimento, cujo resultado vem a funcionar como elemento catalisador desse mesmo processo, fortalecendo o desenvolvimento de pesquisas futuras que estejam relacionadas à temática indigenista e, dentro da própria comunidade, o desenvolvimento de materiais para a implementação do ensino da língua Nambikwara do Campo na escola local.

4 Fonologia segmental e suprasegmental do Nambikwara do Campo

b) Metodologia e pesquisa de campo

A seguir, serão explicadas a metodologia envolvendo a coleta dos dados e a pesquisa de campo e a metodologia de análise dos dados para elaboração do trabalho.

1) Metodologia de coleta de dados: pesquisa de campo

Para a realização desse trabalho, foram coletados dados *in loco* junto aos índios Nambikwara do Campo entre os meses de março e abril de 2017. Foram utilizados os seguintes critérios de inclusão de colaboradores para a pesquisa desenvolvida: (1) ser bilíngue em português-Nambikwara do Campo, devendo ser essa última a língua materna do sujeito, e (2) ser reconhecido e aceito pela comunidade como potencial informante para a pesquisa.

Com base nesses critérios, realizou-se a coleta de aproximadamente 100 horas de gravação com um total de 10 colaboradores, todos falantes de variantes da língua Nambikwara do Campo, e residentes no estado do Mato Grosso, na região do cerrado. Os índios entrevistados pertencem às etnias Kithãulhu (4 colaboradores), Halotesu (4 colaboradores), Wakalitesu (1 colaborador) e Sawentesu (1 colaborador) e habitam em aldeias localizadas na Terra Indígena (TI) Nambikwara. O quadro abaixo ilustra o perfil dos falantes colaboradores desse trabalho:

Quadro 1 – Faixa etária e etnia dos colaboradores da pesquisa

Faixa etária (em 2017)	Número de colaboradores	Colaborador	Sexo	Etnia
entre 18 e 29 anos	4	C1	Masc	Kithãulhu
		C2	Masc	Kithãulhu
		C3	Masc	Kithãulhu
		C4	Masc	Sawentesú
entre 30 e 54 anos	2	C5	Masc	Wakalitesú
		C6	Masc	Halotesú
entre 55 e 79 anos	4	C7	Masc	Kithãulhu
		C8	Masc	Halotesú
		C9	Masc	Halotesú
		C10	Masc	Halotesú

Como pode ser visto, todos os falantes entrevistados para coleta de dados são do sexo masculino. As entrevistas ocorreram majoritariamente no município de Comodoro, tendo ocorrido visitas, também, à aldeia 13 de Maio. Os principais colaboradores desse estudo foram os C1, C5 e C7, sendo C1 e C5 professores da língua Nambikwara do Campo que atuam ou já atuaram na escola indígena local.

Aqui, optou-se por não se revelar explicitamente a identidade dos colaboradores devido a questões de sigilo relativas à ética na pesquisa científica.

Os falantes entrevistados possuem o português como segunda língua e apresentam diferentes graus de fluência na mesma. Todos falam diariamente a língua indígena materna nas aldeias onde habitam, usando o português em situações de contato com o não-índio ou com índios de outras etnias que não compreendem o Nambikwara do Campo.

As entrevistas foram feitas a partir da eliciação de dados e, posteriormente, foram gravados textos curtos e alguns trechos de fala espontânea. As pequenas histórias gravadas foram transcritas no campo pela pesquisadora e traduzidas junto aos colaboradores. As entrevistas e gravações também contaram com narrativas e histórias de conteúdo etnográfico (mitos, lendas, etc).

Foram utilizados como instrumento de coleta alguns questionários já existentes para orientar coletas de dados linguísticos. Esses questionários são: questionário referente à lista de “Léxico de Swadesh” (versão adaptada por Dyen, 1992); questionário do Museu Nacional (SIL); questionário de Comrie e Smith (1977); e questionário do Museu Goeldi. Paralelamente a eles, outros questionários foram providenciados para realização da coleta de dados tendo como base os trabalhos das línguas Nambikwara já existentes, principalmente os trabalhos de Kroeker, M. (2001) e de Kroeker, B. (2003). Além disso, em alguns momentos se fez uso de material visual com fotos e imagens da fauna e da flora características da região do cerrado e da Amazônia.

As gravações foram feitas em formato digital com dois gravadores: o Tascam DR07 Mkii e o Zoom H6. Na ocasião, também se fez uso de microfones omnidirecionais e direcionais e acessório corta-vento, quando necessário. Os arquivos de áudio estão armazenados em formato .WAV original.

Um diário de campo foi escrito pela pesquisadora durante a coleta de dados in loco e transcrições de dados eram sempre realizadas em cadernos avulsos simultaneamente às gravações junto aos falantes. Os dados coletados estão armazenados em arquivo pessoal da pesquisadora e fazem parte de banco de dados de acesso restrito da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e da Vrije Universiteit Amsterdam (VU Amsterdam).

2) Metodologia da análise de dados

Já com os dados devidamente coletados em campo, procedeu-se à sua análise tendo em vista os seguintes procedimentos metodológicos:

- (1) Escuta dos dados sonoros referentes a cada colaborador;
- (2) Transcrição fonética/fonológica do *corpus* utilizando-se do Alfabeto Fonético Internacional (*International Phonetic Alphabet* – IPA) e de fonte fonética Doulos SIL;

6 Fonologia segmental e suprasegmental do Nambikwara do Campo

(3) Separação dos dados sonoros relativos a cada colaborador/falante participante da pesquisa (organização de metadados) e posterior segmentação dos mesmos para análise acústica por meio do programa *Praat*¹;

(4) Organização de um banco de dados pessoal da língua para procedimentos de análise;

(5) Descrição e análise segmental e suprasegmental da língua Nambikwara do Campo, levando-se em consideração a interface da fonologia com a gramática. No que concerne à descrição e à análise da língua, inicialmente foram identificados os inventários segmentais das consoantes e das vogais, incluindo-se aí os ditongos, e, em seguida, partiu-se para a análise da estrutura silábica do Nambikwara do Campo. Posteriormente, procedeu-se à descrição e à análise dos processos fonológicos observados e, por fim, foram descritos os sistemas acentual e tonal da língua;

(6) Comparação sistemática dos resultados de análise encontrados em cada capítulo com os trabalhos já existentes sobre línguas-irmãs, isto é, línguas da família Nambikwara;

(7) Realização das considerações finais tendo em vista a análise e a descrição realizadas e a literatura existente a respeito das línguas Nambikwara. Nesse momento, foram apresentados os resultados encontrados com o estudo e sua contribuição para a compreensão da fonologia e, em certa medida, da morfofonologia do Nambikwara do Campo e, numa perspectiva mais tipológica, das línguas do ramo Nambikwara do Sul e da família Nambikwara.

c) Referencial teórico e literatura relevante

A tarefa inicial de descrição fonológica (e gramatical) regularmente se apoia na abordagem estruturalista norte-americana, que fornece os instrumentos e as técnicas de procedimentos de descoberta fundamentais para o tratamento de línguas com registros escassos ou com estudos ainda incipientes, como no caso do Nambikwara do Campo.

Assim, como ponto de partida, utilizaram-se como base as técnicas da linguística distribucional, encontradas em clássicos da fonologia, tais como Hyman (1975) e Lass (1984). Após o estabelecimento dos inventários segmentais, avançou-se na análise tendo como base as teorias fonológicas não-lineares, como a fonologia autosegmental, lexical e prosódica e a geometria dos traços, constantes em Goldsmith (1979; 1990; 1996), Clements (1990; 1991; 1999), Clements e Hume (1995), Spencer (1986), Kenstowicz (1994), Hayes (1995), Nespor e Vogel (1986), Vogel (2008), entre outros.

Em cada capítulo são realizadas explanações teóricas sempre que necessário, de modo a esclarecer aspectos importantes relativos às temáticas abordadas. Dessa forma, paralelamente ao arcabouço teórico mencionado, outros autores foram

¹ Software disponível *online* para download no site: <<http://www.fon.hum.uva.nl/praat/>>.

utilizados quando pertinente, a exemplo de Dixon e Aikhenvald (2002), Haspelmath (2010), Wetzels (2008), Wetzels e Nevins (2018), Fox (2000), Yip (2002).

Para a análise da língua, também foram utilizados estudos já existentes a respeito de línguas da família Nambikwara, quais sejam: Kingston (1973; 1976), Price (1978), Lowe (1999), Telles (2002; 2013; 2019), Eberhard (1995; 2004; 2009), Braga (2012; 2017), Sousa Netto (2018), Borella (2003), Kroeker, B. (2003), Kroeker, M. (1977; 1996; 2001), Sotero (2019). Dentre esses, fez-se uso principalmente dos trabalhos de Telles (2002) sobre o Latundê, Eberhard (2009) sobre o Mamaindê, Braga (2017) sobre o Negarotê, Araújo (2004) sobre o Sabanê, Kroeker, M. (1996; 2001) sobre o Nambikwara do Sul e Sousa Netto (2018) sobre o Nambikwara do Campo. Ao final de cada capítulo, um quadro comparativo com as interpretações de cada um desses autores sobre o elemento descrito é apresentado.

d) Estrutura do trabalho

Este trabalho está dividido em uma introdução e em 4 capítulos, os quais estão organizados de acordo com os objetivos e os temas de análise da forma descrita a seguir.

A introdução está dividida em 5 partes. Na primeira são apresentados os objetivos norteadores do presente trabalho e a sua justificativa, que permeia o âmbito acadêmico-científico e se estende para o contexto social. Na segunda parte são apresentadas a metodologia de coleta de dados (pesquisa de campo) e a metodologia de análise de dados. A terceira parte diz respeito ao referencial teórico que embasa as análises e à literatura sobre as línguas da família Nambikwara que foi utilizada nesse estudo. A quarta parte compreende a descrição da organização e da estrutura do trabalho e, por fim, a quinta e última parte da introdução traz um esquema da morfologia do nome e do verbo do Nambikwara do Campo adaptado de Kroeker, M. (2001).

No Capítulo 1, apresenta-se, de modo sucinto, o povo Nambikwara de um modo geral e, de maneira mais específica, o povo Nambikwara do Campo. Assim, é realizado um panorama geral da família linguística Nambikwara e são trazidas informações atuais e de cunho etnográfico a respeito do povo. Além disso, são apresentados mapas atualizados da distribuição e da organização geográfica das Terras Indígenas habitadas pelos Nambikwara, dentre eles os Nambikwara do Campo, e mapas que ilustram a vegetação e a topografia da região.

O Capítulo 2 traz a identificação e a descrição dos inventários fonológicos segmentais do Nambikwara do Campo. Nesse sentido, são apresentadas, inicialmente, as consoantes da língua e, depois, as vogais, juntamente com pares mínimos capazes de demonstrar os contrastes dos segmentos. Na sequência, apresentam-se os ditongos encontrados. Ao final, são trazidos quadros resumo dos inventários segmentais da língua. Ao longo do capítulo, são realizadas várias reflexões envolvendo interpretações sobre os inventários nas outras línguas da família Nambikwara.

O Capítulo 3 divide-se em duas partes. Inicialmente, são expostos quadros com as consoantes e vogais da língua segundo a geometria dos traços proposta por Clements e Hume (1995). Na primeira seção do capítulo, é apresentada a sílaba do Nambikwara do Campo, sendo apresentados os tipos silábicos encontrados, o molde da sílaba fonológica e da sílaba resultante de processos e aspectos relativos à

8 Fonologia segmental e suprasegmental do Nambikwara do Campo

silabificação. A segunda seção, por sua vez, é destinada aos processos fonológicos da língua. É nessa parte que são tratados, então, os processos opcionais e obrigatórios que ocorrem a nível lexical e pós-lexical no Nambikwara do Campo. Ao final de cada seção do capítulo é possível observar um quadro resumitivo das interpretações acerca da sílaba e dos processos fonológicos nas outras línguas da família Nambikwara para fins de comparação com os resultados obtidos para o Nambikwara do Campo.

O Capítulo 4 é dedicado à análise suprasegmental e, tal qual o 3, divide-se também em duas partes. A primeira parte trata do acento na língua, que é previsível em raízes e lexical em afixos. A segunda parte, por seu turno, é destinada à análise tonal do Nambikwara do Campo. A língua apresenta, portanto, sistema prosódico misto, com acento e tom lexicais.

Na sequência, são apresentadas as considerações finais do trabalho, com reflexões acerca dos resultados encontrados a partir das análises e descrições realizadas. Por fim, encontram-se as referências bibliográficas e os resumos do estudo desenvolvido em português e em inglês, além de um vocabulário Nambikwara do Campo-Português.

e) Esquema da morfologia do nome e do verbo do Nambikwara do Campo (adaptado de Kroeker, M. (2001))

Esse esquema foi realizado com base na *Gramática descritiva da língua Nambikuara*, de Menno Kroeker (2001). Assim, embora haja adaptações feitas pela autora do presente trabalho, ele não tem por objetivo realizar uma descrição ou análise acurada e detalhada da morfologia da língua, mas apenas oferecer um panorama geral da mesma e servir como material de apoio e de consulta para melhor compreensão da estrutura morfológica do Nambikwara do Campo e dos exemplos que serão apresentados nesse trabalho. Também não serão realizadas aqui discussões de cunho teórico. Exemplos de algumas estruturas poderão ser vistos ao longo dos capítulos. Os morfemas presos são apresentados entre chaves {} e as formas livres aparecem entre barras oblíquas //. Todas as informações exibidas são grafadas com o Alfabeto Fonético Internacional (IPA), tendo em vista as interpretações aqui adotadas.

1. O nome

- Plena representação do nome (cada um dos elementos será explicado na sequência):

Quadro 2 – Legenda de cores

	Afixos derivacionais
	Raiz nominal
	Posição na palavra

Quadro 3 – Representação do nome em Nambikwara do Campo

+/- POS/ INAL	+ RN	+/- CL	+/- GR	+/- EN	+/- MT	+/- DEM	+/- NOMZ	+/- S.NOM
1	2	3	4	5	6	7	8	9

- POS/INAL = possessivo e morfema de inalienabilidade, RN = raiz nominal, CL = classificador, GR = morfema de grupo, EN = enfático, MT = morfema de moldura temporal, DEM = demonstrativo, NOMZ = sufixo nominalizador e S.NOM = sufixo nominal;
- A moldura temporal (MT), o demonstrativo (DEM) e o sufixo nominal (S.NOM) são mutuamente excludentes.

1.1 Prefixos possessivos e de inalienabilidade (POS/INAL)

- Podem ser facultativos (com indicação de posse opcional) ou obrigatórios (em nomes que se referem a elementos cuja posse é inalienável, a exemplo das partes do corpo).

Quadro 4 – Prefixos possessivos e de inalienabilidade

Morfema	Pessoas
{ ² ta-}	1sg
{ <u>u</u> a-}	2sg
{a-}	Inalienabilidade e 3sg
{ ² ta <u>u</u> a-}	1pl e 1sg+2sg (dual)

1.2 Raiz nominal (RN)

- Elemento principal do nome;
- Geralmente tem de 1 a 2 sílabas, podendo ter mais (geralmente devido à presença de morfemas lexicalizados);
- Nunca ocorre sozinha na palavra (é afixado, pelo menos, um sufixo nominal à raiz);
- Outras raízes, a exemplo das verbais, podem ser nominalizadas.

1.3 Sufixos classificadores (CL)

- De acordo com Kroeker, M. (2001), há 19 classificadores;
- São geralmente seguidos por sufixo nominal;
- Funcionam como nominalizadores.

Quadro 5 – Sufixos classificadores

Classificador	Significado
{-ên}	Buraco (oco)
{-kaʔt}	Comprido, sólido e cilíndrico
{-ki}	Pequeno e redondo
{-nũ}	Pó ou grão
{-ʔnã}	Folha, papel
{-êh}	Cordão, cipó
{-ien}	Circular, plano, também usado para se referir à superfície de aldeia
{-kalo}	Plano, achatado, ou característica daquilo que cobre, envolve
{-iaũ}	Líquido
{-tĩhno}	Caminho, vereda ou cordão
{-nãũʔ}	Ovular
{-tĩn}	Aldeia, casa
{-iahlo}	Homem (só com nomes próprios)
{-akaʔli}	Mulher (só com nomes próprios)
{-te}	Pessoa ou coisa não-especificada
<i>Os morfemas classificadores abaixo são apontados por Kroeker, M. (2001) mas não foram confirmados neste trabalho:</i>	
{-thoʔ}	Cinza
{-nãũ}	Clareira
{-yũ}	Pedaço, galho, lenha
{-ʔnãʔ}	Receptáculo tampado, fruta, esfera

1.4 Sufixo de grupo (GR)

- O plural pode ser indicado por {-nãũʔ} “grupo”, principalmente em pronomes livres. Também pode ser indicado por {-kaʔta}, pluralizador.

1.5 Sufixos enfáticos (EN)

- Há o sufixo enfático de sentença declarativa afirmativa {-kaiʔ} “certamente, mesmo, com certeza”, o enfático de declarativa negativa {-tihe} “não mesmo, de jeito nenhum” e alguns enfáticos que Kroeker, M. (2001) chama de “enfáticos de veracidade”. Eles podem ser fixados à raiz nominal ou à verbal:

Quadro 6 – Sufixos enfáticos

Significado		Morfema
Ênfase de sentença declarativa negativa		{-tihe}
Ênfase de sentença declarativa afirmativa		{-kaiʔ}
Ênfase de veracidade	<i>Opinião (acho que...)</i>	{-tesĩʔli}
	<i>Aparente (parece...)</i>	{-ienʔ}
	<i>Semelhança (parecido com...)</i>	{-tehũn}

1.6 Sufixos de moldura temporal (MT)

- Nomes e pronomes livres podem trazer um morfema de tempo:

Quadro 7 – Sufixos de moldura temporal

Sufixo	Relação temporal
{-nutaʔkailu}	Remoto: antecede a vida do falante
{-aitali}	Passado: momento da vida do falante, mas antes do dia de hoje
{-inti}	Recente: qualquer momento hoje
∅	Presente: agora, em curso (não-marcado)
{-nũa}	Futuro: qualquer momento ainda não iniciado
{-na}, {-ni}	Indefinido

1.7 Sufixos demonstrativos (DEM)

- Especificam certo objeto e substituem o sufixo nominal;
- Em algumas palavras, como em pronomes livres, estão se lexicalizando.

Quadro 8 – Sufixos demonstrativos

Morfema/nome	Significado
{-aili}	Demonstrativo
{saʔkailu}	Demonstrativo a nível de oração (especificador de substantivo)
{teʔkai(lu)}	Nível de oração: especificador de agente
{-aina}	Demonstrativo que substitui <i>-aili</i> quando há especificador de substantivo (forma não-final)

1.8 Sufixos nominalizadores (NOMZ)

- Se dividem em 3 tipos:

Quadro 9 – Sufixos nominalizadores

Especificação		Morfema
Nominalizações de ação	Intransitivo	{-iuta}
	Transitivo	{-iuta}
Nominalizações agentivas	Intransitivo	{-tea}
	Transitivo	{-tea}
Nominalizações adverbiais	‘Quando’	{-tãña}
	‘Onde’	{-iena}

1.9 Sufixos nominais (S.NOM)

- Delimitam o nome em contexto isolado e em contexto de uso;
- Podem se referir ao grau de precisão do nome/objeto a cuja raiz é afixado;
- O {-a} participa de construções genitivas;
- De acordo com Kroeker, M. (2001), pode indicar o grau de precisão do nome na cabeça do falante²

Quadro 10 – Sufixos nominais

Morfema	Significado
{-a}	Fixado no final do nome em contexto de uso/fala (dentro de sentenças/enunciados) e em construções genitivas
{-su}	Fixado no final do nome em contexto isolado; pode delimitar o nome (raramente) dentro de sentenças em contexto de uso/fala

2. Modificadores e numerais

- O sufixo {-ta} indica que a locução não está completa (quando ocorre, ocupa o lugar do sufixo nominal);
- **Numerais:** há os numerais “um” e “dois”, formas resultantes de composições com “um” e “dois” e formas verbais para indicar “muitos (há muitos)” e “zero (não existe)”.

Quadro 11 – Numerais

Numeral	Significado
/kanaki/	Um
/hali/	Dois
/hali # kanaki/	Três (2+1)

² Kroeker, M. (2001) classifica esses morfemas como “artigos”, sendo o {-a} “artigo definido” e o {-su} “artigo indefinido”.

/hali # hali/	Quatro (2+2)
/hali # hali # kanaki/	Cinco (2+2+1)
/hika # hanĩ/	Dez (duas mãos)
/kaʔlanara/ kaʔla- Ø- na- ra haver muitos-3SG-PRES-PF “há muitos”	Muitos (há muitos)
/ĩũnʔaua/ ĩũn- Ø- ʔ- a- ua ter, existir-3SG-NEG-PRES-IMPF “não tem, não existe, não há”	Zero (não tem)

- **Quantificadores** - são derivados dos numerais e podem funcionar como pluralizadores: {-kanaki} e {-hali}, ambos significam “vários, alguns”.

3. O sistema pronominal

3.1 Pronomes pessoais livres

- As formas livres normalmente ocorrem em início de sentença ou enunciado.

Quadro 12 – Pronomes pessoais livres

Pronome	Pessoa
/ʔtaina/ [ˈdajna] ~ [ˈtajna] ~ [ˈdajna] ʔta- aili- na POS.1SG-DEM-MT “eu” ³	Eu – 1sg
/ʋaina/ [ˈwajna] ~ [ˈwajna] ʋa- aili- na POS.2SG-DEM-MT “tu, você”	Tu, você – 2sg
/teiahla/ [ˈtʃahla] ~ [ˈtʃahla] te- iahlo- a DEM-CL.masc-S.NOM “ele”	Ele – 3sg masculino

³ Belo (conversa pessoal) apresenta uma interpretação parecida para o sistema pronominal do Hahäntesu (Nambikwara do Sul).

/takaʔla/ [ˈtakaʔla] ~ [ˈtakaʔla] te- akaʔli- a DEM-CL.fem-S.NOM “ela”	Ela – 3sg feminino
/ʔtaʊanũkaʔta/ [d̪aˈwa.nũkada] ʔtaʊa- nũ- kaʔta POS.1PL-povo, gente-PLZ “nós” /ʔtaʊakinauʔa/ [ˌd̪aˈwaki.nãw̃ʔa] ʔta- ʊa- ki- nãũʔ- a 1SG-2SG-1PL-GRUPO-S.NOM “nós”	Nós – 1sg+2sg (dual) e 1pl ⁴
/ʊanũkaʔta/ [ˈw̃a.nũkaɖa] ʊa- nũ- kaʔta 2SG-povo, gente-PLZ “vocês”	Vocês – 2pl
/tiahlanũkaʔta/ [ˈt̪ʰahla.nũkaɖa] te- iahlo- a- nũ- kaʔta DEM-CL.masc-S.NOM-gente, povo-PLZ “eles”	Eles – 3pl masculino
/takaʔlanũkaʔta/ [ˈtakaʔla.nũkaɖa] te-akaʔli-a-nũ-kaʔta DEM-CL.fem-S.NOM-povo, gente-PLZ “elas”	Elas – 3pl feminino
/ʔtanũkaʔta/ [ˈd̪a.nũkaɖa] ʔta-nũ-kaʔta 1SG-povo, gente-PLZ “eles, elas (lit.: meu povo, minha gente)”	Eles, elas – 3pl

- As formas presas serão apresentadas a seguir na seção 4 “o verbo”;
- **Pronomes de tratamento:** ocorrem logo após nomes próprios, sendo {-ahla} “pronome de tratamento masculino” e {-kala} “pronome de tratamento feminino”. O pronome {tena}, [ˈtena], “isso, esse” é um demonstrativo e pode ser usado para se referir a seres inanimados.

⁴ Essas estruturas podem ser usadas para se referir tanto a “nós dois” (dual) quanto a “nós todos” (1pl).

3.2 Pronomes possessivos (ver item 1.1)

3.3 Pronomes indefinidos

- Ocorrem como formas livres.

Quadro 13 – Pronomes indefinidos

Pronome	Significado
/ĩlitea/	Qualquer um
/ãthũntea/	Alguém

3.4 Pronomes demonstrativos (ver item 1.7)

- Podem ocorrer como formas presas (ver item 1.7) ou como formas livres.

Quadro 14 – Pronomes demonstrativos livres

Pronome	Significado
/tena/	Este, esse, aqui
/teka/	Aquele, ali
/tea/	Esse, aí

3.5 Pronomes reflexivos e recíprocos

- Ocorrem como formas presas;
- O reflexivo é {-na};
- O recíproco é {-nihuh}.

3.6 Pronomes interrogativos

- Ocorrem como formas livres em início de sentença interrogativa⁵.

Quadro 15 – Pronomes interrogativos (formas livres)

Pronome	Significado
/ĩhteā/	O que (humano)?
/ĩãteā/	O que (não-humano)?
/ĩhnũlatā/	Onde?
/ĩh [?] nehĩna/	Quando?
/ĩh [?] net [?] sã/	Como?
/ĩh [?] neha [?] kai/	Por quê?

⁵ Há morfemas presos que ocorrem com raízes verbais para formar sentenças interrogativas. Tais construções, no entanto, não serão abordadas nesse trabalho.

4. O verbo

- Plena representação do verbo (cada um dos elementos será explicado na sequência):

Quadro 16 – Legenda de cores

	Afixos derivacionais
	Raiz verbal
	Afixos flexionais
	Posição na palavra

Quadro 17 – Representação do verbo em Nambikwara do Campo

+/- INSTR	+ RV	+/- S.VER	+/- ME	+/- BN	+/- ADV1	+/- O.PES	+/- ADV2	+/- S.PES	+/- NEG	+/- AUX	+/- T/P/E	+/- ASP	+/ CLT.F
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14

- INSTR = prefixo instrumental, RV = raiz verbal, S.VER = sufixo verbal, ME = sufixo de mudança de estado, BN = benefactivo, ADV1 = sufixo adverbial 1, O.PES = sufixo pessoal objetivo, ADV2 = sufixo adverbial 2, S.PES = sufixo pessoal sujeito, NEG = sufixo negativo, AUX = sufixo verbal auxiliar, T/P/E = sufixo de tempo verbal/pessoa/evidência, ASP = sufixo de aspecto verbal/gênero e CLT.F = clítico final (discurso direto, interrogativo, fala descontinua, etc.).

4.1 Prefixo Instrumental (INSTR)

- Há 5, enfocando-se o agente:

Quadro 18 – Prefixos instrumentais

Morfema	Significado
{ũh-}	Instrumento como agente que atua sobre o alvo
{uã-}	Mão humana como agente que atua sobre o alvo
{sa-}	Agente não-especificado que atua sobre o alvo
{ã-}	Agente não especificado que atua sobre si mesmo
{ĩ-}	Agente não especificado que atua num contínuo

4.2. Raiz verbal (RV)

- Apresenta normalmente de 1 a 2 sílabas, podendo apresentar mais, a exemplo de raízes verbais com sílabas reduplicadas.

- *Incorporação nominal:*

- Partes do corpo ficam muitas vezes incorporadas ao verbo:

Quadro 19 – Algumas partes do corpo mais usadas em incorporações

Morfemas	Significado
{ne-}	Cabeça
{jeta-}	Pescoço
{hala-}	Costela (do meio)
{kala-}	Ombro
{ui-}	Dente
{'na-}	Face (bochecha)
{io-}	Boca
{nũ-}	Braço
{hi-}	Dedo (da mão)
{si-}	Nádegas
{iu-}	Pé

- *Verbos seriais:*

- São compostos por duas raízes verbais justapostas;
- O segundo verbo envolve movimento de algum tipo, como /so/ “levar”, /ũh/ “dar” e /ã/ “deixar”.

- Verbalizações:

- Verbalizações ocorrem com o acréscimo do prefixo instrumental {ĩ-} (ver item 4.1) ou do verbalizador {-on}.

4.3 Sufixo verbal (S.VER)

- Ocorre junto a raízes verbais em contexto isolado. Como as raízes (nenhuma delas) nunca ocorrem sozinhas, quando ditas em isolado acrescenta-se o sufixo verbal {-sa}, a exemplo de [ˈkãĩsa], /kãĩsa/, “roubar”.

4.4 Sufixo de mudança de estado (ME)

- Ocorre geralmente com verbos adjetivais por meio do acréscimo do sufixo de mudança de estado {-ki}.

4.5 Sufixo benefactivo (BN)

- O sufixo benefactivo é o {-ki};
- Sua função é de demonstrar o doador do benefício da ação.

4.6 Sufixo adverbial 1 (ADV1)

- Ocorre imediatamente após o último sufixo derivacional presente na palavra verbal:

Quadro 20 – Alguns sufixos adverbiais 1

Morfema	Significado
{-kai?}	Enfatizador de sentença declarativa afirmativa
{-tihe}	Enfatizador de sentença declarativa negativa
{-ie}	Parece que sim
{-satẽ}	Contínuo
{-ai}	Consecutivo
{-satet}	Intermitente

4.7 Sufixos pessoais objetivos (O.PES)

- Atuam como argumento interno do verbo (objeto).

Quadro 21 – Sufixos pessoais objetivos

Sufixo	Pessoa/objeto
{-sa}	O.1SG
{- ² na}	O.2SG

Ø	O.3SG
---	-------

- As formas duais seguem as formas singulares:

Quadro 22 – Formas duais dos sufixos pessoais objetivos

Forma dual	Combinada	Divisão	Glosa
{-iah}	{-siah}	O.1SG + DU	Nos
{-ti}	{- ² nti}	O.2SG + DU	Lhes/os (= ‘a vocês’)
{-iah}	{-iah}	O.3SG + DU	Lhes/os (= ‘a eles’)

- As formas plurais seguem as formas singulares

Quadro 23 – Formas plurais dos sufixos pessoais objetivos

Forma PL	Combinação	Divisão	Glosa
{-sĩn}	{-sasĩn}	O.1SG + 1PL	Nos (exclusivo)
{-ne}	{-ne}	O.1+2	Nos (inclusivo)
{-iasain}	{-iasain}	DU + O.3SG + O.1SG + 3PL	Nos (eu + eles)
{-iasainsĩn}	{-iasainsĩn}	DU + O.3SG + O.1SG + 3PL + 1PL	Nos (nós + eles)
{-ti}	{- ² nti}	O.2SG + 2PL	Lhes/os (vocês)
{-ain}	{-ain}	O.3SG + 3PL	Lhes/os (eles)

4.8 Sufixos adverbiais 2 (ADV2)

Quadro 24 – Alguns sufixos adverbiais 2

Sufixo	Significado
{-nũn}	Também
{-toh}	De novo
{-sân}	Primeiro (antes de outra coisa)

4.9 Sufixos pessoais subjetivos (S.PES)

- Atuam como argumento externo do verbo (sujeito).

Quadro 25 – Sufixos pessoais subjetivos

Sufixo	Pessoa Subjetiva
{-a}	S.1SG
{-in}	S.2SG
Ø	S.3SG

- Formas duais:

Quadro 26 – Formas duais dos sufixos pessoais subjetivos

Dual	Composto	Divisão	Glosa
{-iah}	{-iaha}	1DU	Nós (dois)
{-iah}	{-iahin}	2DU	Vocês (dois)
{-iah}	{-iah}	3DU	Eles (dois)

- Formas plurais:

Quadro 27 – Formas plurais dos sufixos pessoais subjetivos

Forma PL	Combinação	Divisão	Glosa
{-sĩn}	{-sĩna}	1PL + 1SG	Nós (exclusivo)
{-ki}	{-ki}	1 + 2	Nós (inclusivo)
{-iasain}	{-iasain}	DU + O.1SG + 3PL + 3SG	Nos (eu + eles) 'eles comigo'
{-iasainsĩn}	{-iasainsĩn}	DU + O.1SG + 3PL + 1PL + 3SG	Nós (nós + eles) 'eles conosco'
{-ʔli}	{-jahʔlin}	DU + 2PL + 2SG	Vocês (pl)
{-ain}	{-ain}	3PL + 3SG	Eles

- Quando o sujeito é um porta-voz de um grupo, a forma de primeira pessoa do plural {-sĩn} deve ser incluída.

4.10 Sufixo negativo (NEG)

- Anula a ação da raiz verbal entre os marcadores de pessoa e tempo ou entre a raiz e o morfema de tempo;
- O sufixo de negação é {-ʔ}.

4.11 Sufixo verbal auxiliar (AUX)

- Ocorre após a raiz do verbo principal;
- Os sufixos de pessoa e tempo verbal/evidência ocorrem após o auxiliar;
- Há 3 verbos auxiliares principais:

Quadro 28 – Verbos auxiliares

Morfema	Significado
{-ʔlun}	desejar
{-tel}	ação iminente
{-ten}	querer

4.12 Sufixos de tempo verbal/pessoa/evidência (T/P/E)⁶

- Há 5 tempos verbais: remoto, passado, passado recente, presente e futuro;
- Segundo Kroeker, M. (2001), com exceção do futuro, o tempo gramatical inclui os evidenciais;
- Sistema de evidência: sistema temporal + 2 aspectos (verificação e observação):

Quadro 29 – Aspectos do sistema de evidência

VERIFICAÇÃO (quem pode verificar a declaração do evento)	<i>Individual</i>	O evento foi presenciado apenas pelo falante.
	<i>Coletiva</i>	O evento foi presenciado pelo falante e pelo(s) ouvinte(s).
ORIENTAÇÃO (fonte da informação dada pelo falante)	<i>De observação</i>	Dada atividade foi vista pela falante e depois relatada ao(s) ouvinte(s).
	<i>Dedutiva</i>	Atividade não foi presenciada pelo falante, mas outras ações ou eventos o levaram a inferi-la.
	<i>Costumeira</i>	Atividade sempre ocorre de certa maneira.
	<i>Narrativa</i>	Atividade sobre a qual o falante ouviu falar é agora por ele relatada ao(s) ouvinte(s).

⁶ Nesse trabalho, interpretou-se que o sufixo de tempo pode incluir, também, pessoa (sujeito) de acordo com sua configuração tonal (ver Capítulo 5). Além disso, não foi possível comprovar que esses morfemas comportam evidencialidade, sendo essa uma questão que deve ser fruto de trabalhos posteriores. Assim, embora Kroeker, M. (2001) interprete os sufixos de tempo como sendo tempo/evidência, nesse trabalho, embora não se descarte a ideia de que eles possam comportar evidencialidade, optou-se por se referir a tais morfemas como sendo de tempo/pessoa. De qualquer forma, nesse esquema, iremos mostrar a interpretação de Kroeker, M. (2001) incluindo evidencialidade, numa tentativa de ilustrar como se dá tal interpretação e de deixar mais claro o funcionamento dos tempos verbais da língua para o leitor, o que pode auxiliar na compreensão de exemplos futuros. Por fim, ressalta-se que o funcionamento do sistema de evidencialidade da língua foge ao escopo do presente trabalho, não sendo, portanto, objeto de discussões aqui, inclusive no que se refere às implicações de interpretação para o morfema de tempo.

Quadro 30 – Sufixos de tempo verbal/pessoa/evidência

Evidência	Sufixo	Glosa	Tempo
Verificação individual Orientação de observação (<i>eu digo a você o que vi o ator fazer</i>)	{-hê}	T/E.IO.P	Passado (1sg)
	{-nahê}	T/E.IO.P	Passado (3sg)
	{-a}	1SG.T/E.IO.PRC	Passado recente (1sg)
	{-na}	T/E.IO.PRC	Passado recente (3sg)
	{-a}	1SG.T/E.IO.PRES	Presente (1sg)
	{-na}	T/E.IO.PRES	Presente (3sg)
Verificação individual Orientação dedutiva (<i>eu digo a você a minha inferência de uma ação devido a algo que vi/vejo</i>)	{-nũhe}	T/E.ID.P	Passado (3sg)
	{-nĩnsu}	T/E.ID.REP	Passado recente (3sg)
	{-nĩnta}	T/E.ID.PRES	Presente (3sg)
Verificação individual Orientação costumeira (<i>o falante sabe que isso é verdade porque sempre acontece assim</i>)	{-teiuhê}	T/E.IC.P	Passado (3sg)
Verificação individual Orientação narrativa (<i>ouvi dizer que determinada ação tinha ocorrido</i>)	{-tah?aihê}	T/E.IN.PR	Passado remoto (3sg)
	{-tahê}	T/E.IN.P	Passado (3sg)
	{-tahê}	T/E.IN.PRC	Passado recente (3sg)
Verificação coletiva Orientação de observação (<i>relato aquilo que eu e o ouvinte vimos (o passado e o recente podem apresentar formas abreviadas)</i>)	{-taititu}, {-taittu}	T/E.CO.P	Passado (1 + 2sg)
	{-tenitu}, {-tentu}	T/E.CO.PRC	Passado recente (1 + 2sg)
	{-titu}	T/E.CO.PRES	Presente (1 + 2sg)

Verificação coletiva Orientação dedutiva <i>(falante e ouvinte inferem ter acontecido determinada ação)</i>	{-tenaititu}	T/E.CD.P	Passado (3sg)
	{-tenutitu}	T/E.CD.PRC	Passado recente (3sg)
	{-tutitu}	T/E.CD.PRES	Presente (3sg)
Verificação coletiva Orientação narrativa <i>(falante e ouvinte ouviram dizer que tinha ocorrido determinada ação)</i>	{-tatẽ?titu}	T/E.CN.P	Passado (3sg)
	{-tatetitu}	T/E.CN.PRC	Passado recente (3sg)

4.13 Sufixos de aspecto/gênero (ASP)

- *Aspecto:*

- Há dois aspectos: perfectivo e imperfectivo;
- Perfectivo {-ra} “masculino” e {-na} “feminino”: evento já completo, ocorre com o tempo passado, o futuro negativo e os verbos estativos (com exceção da 1ª pessoa do presente);
- Imperfectivo {-ua} “masculino” e {-a} “feminino”: evento incompleto, corre com o tempo presente, formas positivas do futuro e 1ª pessoa de verbos estativos.

- *Gênero:*

- O gênero do falante não é marcado;
- O gênero do ouvinte fica marcado no sufixo de aspecto/gênero;
- A forma normativa (padrão) é a masculina.

Quadro 31 – Sufixos de aspecto/gênero

	Ouvinte Masculino	Ouvinte Feminino
Aspecto Perfectivo	{-ra}	{-na}
Aspecto Imperfectivo	{-ua}	{-a}

4.14. As partículas e os conectivos (CLT.F)

- Kroeker, M. (2001) menciona como “partículas” os seguintes “clíticos de sentença”:

Quadro 32 – Partículas ou clíticos de sentença

Clíticos de sentença	Morfema	Significado
Clítico interrogativo	{-ta}	Incorporado ao final da oração principal inicial

Clítico negativo	{-la}	Sentença transitiva: o clítico é incorporado ao objeto direto em vez do sufixo nominal
Clítico de fala direta	{-i}	Após o sufixo de aspecto/gênero
Clítico locucional descontinuo	{-sa}	Parte final da oração

- Kroeker, M. (2001) menciona a existência de pró-verbos que podem funcionar como conectivos entre duas orações principais, em construções de subordinação. Os pró-verbos também podem ocupar a posição da raiz verbal em sentenças.

5. O verbo adjetival

- Os adjetivos (ou atributivos) ocorrem com morfologia verbal, sendo aqui, portanto, interpretados como verbos adjetivais⁷;
- Inclui cor, tamanho, contorno, atributos e formas onomatopaicas.
- Kroeker, M. (2001) divide os verbos adjetivais (por ele interpretados como “adjetivos”) em três classes de acordo com possibilidades de reduplicação da raiz:
 - **Classe 1:** reduplica a raiz inteira;
 - **Classe 2:** reduplica a última sílaba da raiz apenas;
 - **Classe 3:** havendo um prefixo instrumental, perde-se a parte reduplicada (na maioria dos casos, usa-se o prefixo instrumental {-i-});
- Os classificadores podem ocorrer com raiz de verbo adjetival.

6. O advérbio

- Ocorre geralmente em início de sentença;
- **Indicação de tempo:**

Quadro 33 – Advérbios de tempo

Advérbio	Significado
{hĩn-}	Hoje, agora, mais cedo (raiz)
RN + {-ait}	Ontem
RN + {-ĩn}	Hoje cedo
RN + Ø	Agora (o presente é não-marcado)

- **Locativo:** emprega-se um sufixo locativo, a exemplo de {-ien} “casa, aldeia” (também ocorre como classificador);
- **Modo ou maneira:** emprega-se o sufixo adverbializador {-²ti}.

⁷ Para o Latundê e o Lakondê, Telles (2002) também interpreta os adjetivos como sendo verbos adjetivais.

CAPÍTULO 1: ETNOGRAFIA E CLASSIFICAÇÃO LINGUÍSTICA DO NAMBIKWARA DO CAMPO

Esse capítulo é dedicado à apresentação de alguns aspectos da etnografia e da classificação linguística do grupo e da língua Nambikwara do Campo e, de um modo mais amplo, do grupo e da família linguística Nambikwara. Para cumprir com tais objetivos, serão abordados fatos e características históricas que permeiam o grupo Nambikwara e questões referentes à categorização da língua Nambikwara do Campo como um ramo da família linguística Nambikwara.

1.1 O povo Nambikwara

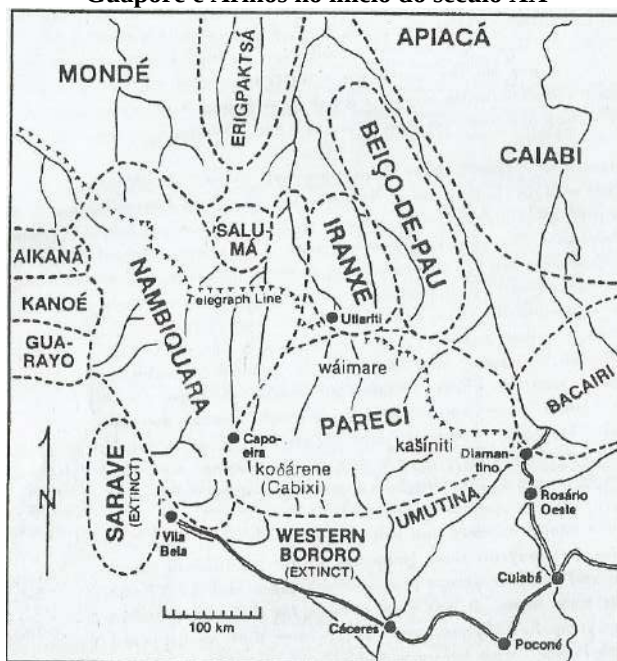
O nome “Nambikwara” é de origem Tupi-Guarani e significa “orelha furada” (“nambi”: orelha, “cuara”: buraco). As primeiras referências a um grupo com esse nome ocorrem em um relatório escrito por Padre Gonçalo de Veras em 1671, conforme expõe Price (1983; 1987), porém os primeiros contatos ocorreram de fato apenas em 1907, quando o Marechal Cândido Mariano da Silva Rondon construiu uma linha telegráfica de 1.500 Km entre as atuais cidades de Cuiabá e Porto-Velho. Sobre a origem do nome “Nambikwara” e os primeiros contatos desses índios, Lévi-Strauss (1946) aponta:

The name *Nambikuara* was mentioned for the first time, and only by hearsay, by Antonio Pires de Campo in the beginning of the 18th century. Since then it appeared several times with reference to an unknown tribe located on the headwaters of the Tapajoz. There is a great discrepancy between the different spellings. When General (then Colonel) Candido Mariano da Silva Rondon began to explore the land between the Tapajoz and the Gi-Paraná, in 1907, he met with an unknown group speaking several dialects of an unknown language, and he did not hesitate to identify them with the tribe often mentioned in the early documents. It was at that time that the name *Nhambikwara* was definitely adopted, its spelling fixed, and that it was recognized as a Tupi nickname the meaning of which is “big ears”. [...] Present-day adventurers in search for gold, diamonds or rubber who happened to see these much-dreaded natives, call them *beíços de pau*, a Portuguese expression which means “wooden mouths”. They all agree that the natives wear wooden discs in the ear-lobes as well as in the lower lip, whence the designation now commonly used in the *sertão* Northwest of Cuiabá. Therefore I submit that this tribe is the “big ears” of the Tupi and of the older literature, whose nickname was mistakenly transferred to the *Nambikuara* at the beginning of the 20th century

because, at that time, no other tribe was known to dwell in that particular region. (LÉVI-STRAUSS, 1946, p.139-40, grifo do autor)

A fim de ilustrar como estavam distribuídos os grupos indígenas e as línguas faladas pelos mesmos na região norte do Mato Grosso no início do século XX, é apresentado a seguir um mapa extraído de Price (1983). Nele, é possível identificar a região onde se localizavam os índios Nambikwara à época dos primeiros contatos estabelecidos pelo Marechal Rondon. Observe a seguir:

Figura 1 – Distribuição aproximada das famílias linguísticas entre os rios Guaporé e Arinos no início do século XX



Fonte: Price (1983, p.140)

A respeito da aparência, dos costumes e do modo de se vestir dos índios Nambikwara à época dos primeiros grandes contatos, no início do século XX, vale a pena observar o que o então General Rondon conta. De acordo com ele, dentre os povos do Brasil, nenhum despertava mais atenção que a tribo Nambikwara naquele período (RONDON, 1947, p.45). Ele menciona que os Nambikwara eram destemidos e, a partir de contatos realizados em 1910, foram descritos por Sr. Severiano de Albuquerque, encarregado da Invernada de Campos Novos, “Retiro do Veado Branco”, estação que estabelecera na Serra do Norte em junho de 1909, da seguinte forma:

Pintam-se pouco de urucu.

São de estatura mediana; têm o ventre saliente, as coxas grossas, as pernas finas, os pés pequenos; dentes grandes, regularmente conservados. Têm as orelhas perfuradas e nelas põem pingentes de contas. Os cabelos são grossos e aparados na testa e na nuca.

Nariz pequeno e grosso. Usam um pequeno fragmento de madeira através do septo nasal e outro através do lábio superior perfurado. Ao redor dos braços, dos punhos e das pernas trazem ligas de tucum de um centímetro de largura. No pescoço levam colares de contas feitas com os frutos da bacaba.

Trazem pendente da cinta um chumaço de embira, feito de folhas novas de buriti. Plantam milho, cará, favas, mandioca e batatas. O milho, a mandioca e a caça são os principais elementos de sua alimentação. Fumam folhas secas reduzidas a pó.

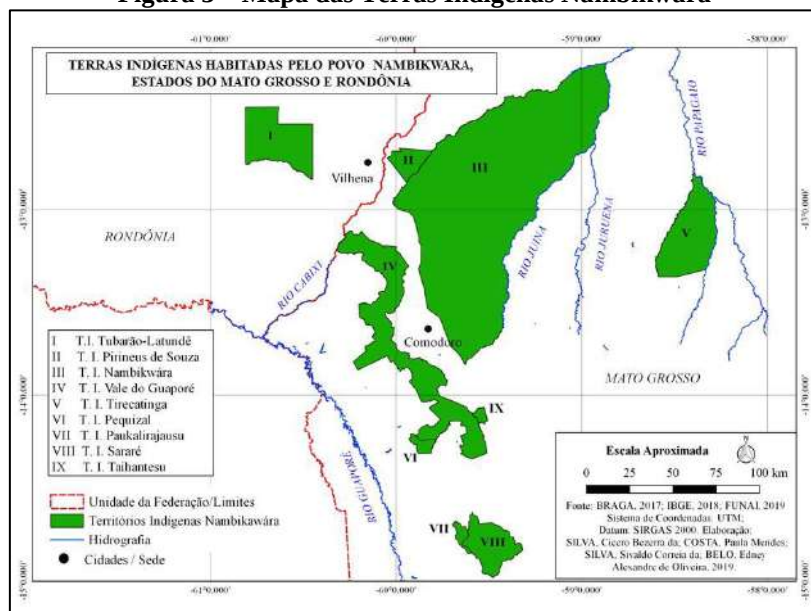
Dormem no chão, ao que sabemos; talvez tenham rêde no aldeamento. (RONDON, 1947, p.47-8)

De acordo com Lowe (1999), a população estimada dos índios Nambikwara no início do século XX era de 20.000 a 50.000 índios. Esse número reduziu bastante após a Segunda Guerra Mundial devido a surtos epidêmicos na região após a construção da linha telegráfica, e os Nambikwara passaram a somar menos de 500 índios no início da década de 1950. Após esse episódio, sua população voltou a crescer na segunda metade do século XX, havendo comunidades em que a população dobrou de tamanho. Assim, na década de 1990, havia uma população majoritariamente jovem nas aldeias do povo Nambikwara.

Em meados do século XX, os Nambikwara viviam à base de caça, coleta, pesca e agricultura, costume que se estende aos dias de hoje. O contato com a cultura não-nativa era pequeno e apenas alguns índios do sexo masculino falavam, com dificuldade, a língua portuguesa. Atualmente, apesar de ser comum os jovens falarem bem o português, as crianças aprendem desde cedo a língua materna indígena, a qual é usada por todos os Nambikwara (LOWE, 1999).

1.1.1 Localização e organização geográfica

Na primeira metade do século XX, Price (1985) expõe que a área das línguas do Sul se estende ao norte do rio Sararé, abaixo do Vale do Guaporé e através da Chapada dos Parecis, ao passo que a área das línguas no Norte se estende para norte do rio Piolho até as cabeceiras do rio Roosevelt. Ainda de acordo com o autor, não se sabe exatamente onde os Sabanê viviam antes do contato com a sociedade oeste. O mapa abaixo, extraído de Price e Cook (1969), mostra a localização aproximada dos grupos Nambikwara em seu território na segunda metade do século XX.

Figura 3 – Mapa das Terras Indígenas Nambikwara

Elaboração: SILVA, C.; COSTA; SILVA, S.; BELO.

A primeira reserva indígena Nambikwara demarcada foi a chamada Terra Nambikwara. Ela foi demarcada em 1968, tendo os grupos que habitavam o Vale do Guaporé sido transferidos para lá nesse mesmo período (PBAI⁹, 2012).

A criação da reserva acabou impondo a vários grupos Nambikwara um território definido e fora do seu universo de referência e de seus aspectos socioculturais. Os grupos Nambikwara não se habituaram às diferenças existentes entre as matas do Guaporé e o Cerrado que predominava na reserva, retornando quase que imediatamente para suas áreas tradicionais. Isso gerou conflitos envolvendo os Nambikwara e os novos ocupantes da região. Esse período de conflito durou até o início da década de 1980, quando o Tribunal Internacional Bertrand Russel, da Holanda, denunciou o Brasil por crime de genocídio contra os Nambikwara. O governo se viu, então, na obrigação de criar uma área indígena no Vale do Guaporé, a Oeste do primeiro território Nambikwara. Nos anos de 1980 e 1990, algumas áreas importantes para

⁹ A sigla PBAI refere-se ao Projeto Básico Indígena Ambiental das linhas de transmissão 600kV, Porto Velho – Araraquara 2 nº1 e 2, dos Programas de Educação Ambiental e Comunicação Social (terras e populações indígenas nas áreas de influência das linhas de transmissão).

os Nambikwara foram demarcadas pela FUNAI, todas em áreas contíguas à Terra Indígena Vale do Guaporé. (PBAI, 2012, p.65-7).

Uma visão geral das Terras Indígenas Nambikwara, incluindo sua dimensão territorial e os grupos específicos que habitam cada uma delas é apresentado abaixo, em quadro extraído e adaptado de Eberhard (2009, p.7)¹⁰ e Sousa Netto (2017, p.44).

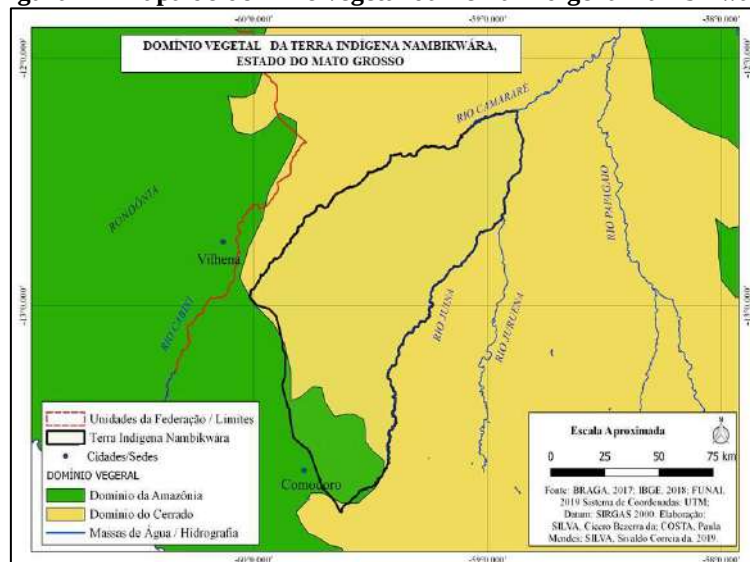
Quadro 34 – Terras Indígenas Nambikwara (adaptado de Eberhard (2009) e Sousa Netto (2018))

Terra Indígena	Extensão	Grupos que habitam
T.I. Nambikwara	10.119 km ²	Grupos do cerrado do Nambikwara do Sul: Kithãulhu, Halotesu, Wakalitesu e Sawentesu
T.I. Sararé	674 km ²	Saráré
T.I. Vale do Guaporé	2.425 km ²	Mamaindê, Negarotê e grupos do Vale do Nambikwara do Sul
T.I. Lagoa dos Brincos	16 km ²	Território adicional Mamaindê/Negarotê (área para coleta de conchas)
T.I. Aikanã/Tubarão-Latundê	1.160 km ²	Latundê e povo Aikanã (não Nambikwara)
T.I. Pirineus de Souza	282 km ²	Sabanê/Tawandê
T.I. Tirecatina	1.305 km ²	Nambikwara do Sul (Halotesu)
T.I. Pequizal	988 km ²	Alantesu e Wakalitesu (grupo do Vale do Nambikwara do Sul)
T.I. Taihãtesu	536 km ²	Wasusu (grupo do Vale do Nambikwara do Sul)

Conforme é apontado por Price e Cook (1969), a vegetação da região onde vivem os Nambikwara é heterogênea e caracteriza o cenário e o espaço ocupado pelos grupos que falam as diversas línguas. Assim, tem-se mais ao norte da região habitada pelos Nambikwara uma vegetação mais densa, ao passo que na região central se observa o cerrado ou campo. Mais ao sul e sudoeste, na região do Vale do Guaporé, tem-se também mata mais densa. A língua Nambikwara do Campo é falada pelos índios que habitam a T.I. Nambikwara, a qual possui um bioma caracterizado, majoritariamente, pelo cerrado (ou campo). O mapa a seguir ilustra e confirma tal assertiva:

¹⁰ A T.I. Lagoa dos Brincos, mencionada por Eberhard (2009), localizava-se nas proximidades da T.I. Vale do Guaporé.

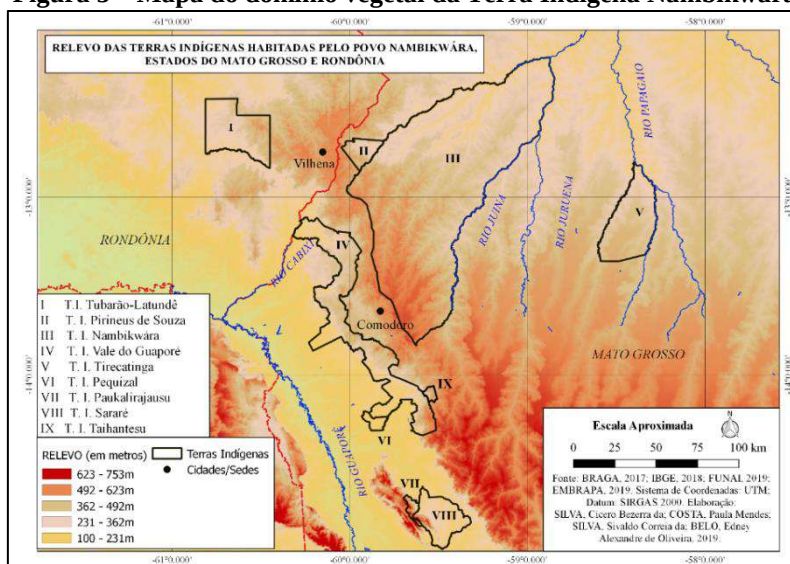
Figura 4 – Mapa do domínio vegetal da Terra Indígena Nambikwara



Elaboração: SILVA, C.; COSTA; SILVA, S.; BELO.

No que concerne à topografia e ao relevo, não são observadas variações significativas de níveis de altitude entre as Terras Indígenas ocupadas pelos Nambikwara, que se estendem pela Chapada dos Parecis e pelo Vale do Guaporé. A esse respeito, observe o mapa abaixo:

Figura 5 – Mapa do domínio vegetal da Terra Indígena Nambikwara



Elaboração: SILVA, C.; COSTA; SILVA, S.; BELO.

Além das diferenças linguísticas, territoriais e de vegetação característica associada às áreas geográficas onde moram, os índios Nambikwara apresentam também aspectos culturais e sociais que os distinguem entre si. Segundo Price e Cook (1969), diferenças podem ser notadas entre os grupos nos termos de parentesco, papéis sociais atribuídos por gênero, música etc.¹¹

1.2 A família linguística Nambikwara e o Nambikwara do Campo

A família linguística Nambikwara é uma família isolada que se subdivide em três ramos, quais sejam: Nambikwara do Norte, Nambikwara do Sul e Sabanê. Os dois primeiros ramos apresentam subdivisões internas, ao passo que o terceiro é formado apenas pela língua Sabanê, mais distante tipologicamente das demais línguas Nambikwara. Apesar dessas diferenças, o Sabanê guarda semelhanças com os outros dois ramos Nambikwara, conforme apontado por Lévi-Strauss (1948).

Um fato merecedor de atenção diz respeito à dificuldade verificada tanto em textos históricos de cunho etnográfico e quanto em documentos atuais na delimitação da quantidade de línguas e/ou dialetos falados pelos índios Nambikwara. A primeira razão que diz respeito a tal questão figura da difícil diferenciação entre língua e dialeto no contexto linguístico desse grupo especificamente. De acordo com Rodrigues (1986), línguas são difíceis de serem contabilizadas mesmo quando bem conhecidas:

É o caso, por exemplo, das línguas românicas da Península Ibérica: São duas – Português e Espanhol? São três – Português, Espanhol e Catalão? São quatro – Português, Galego, Espanhol e Catalão? São cinco ou mais? Quando as línguas são mal conhecidas, como é frequentemente o caso das línguas indígenas brasileiras, essa situação de indefinibilidade ocorre muitas vezes: há uma língua Tupí-Guaraní? Ou uma língua Tupí e uma língua Guaraní? Ou diversas línguas Tupí e diversas línguas Guaraní? Mesmo quando se adquire conhecimento razoável das línguas, ainda restam problemas técnicos, como a definição de língua em contraposição à definição de dialeto, a discussão entre formas antigas e modernas do que pode ser uma mesma língua. (RODRIGUES, 1986, p.19)

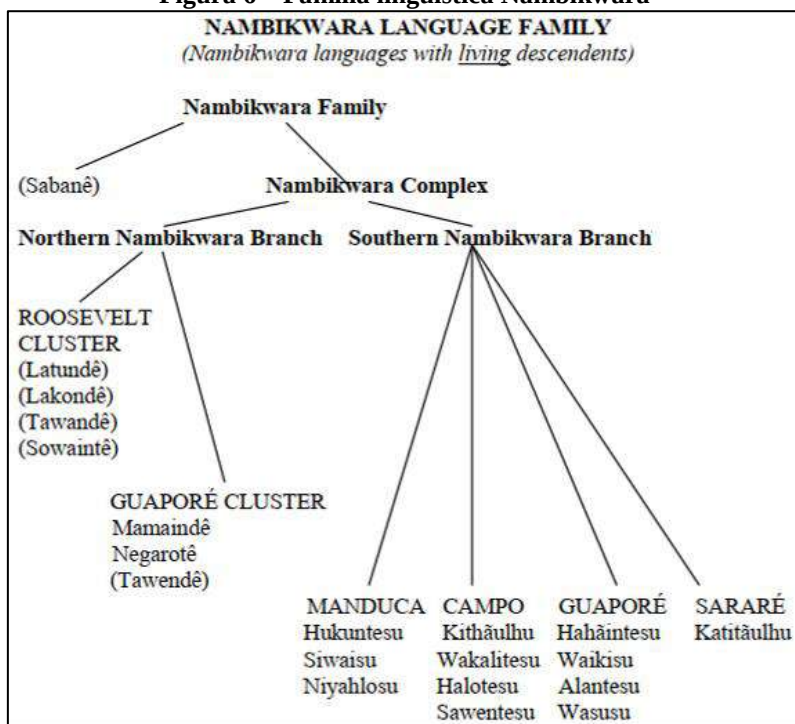
Nessa perspectiva, o que é comumente aceito na literatura e na comunidade é que a família Nambikwara se divide em três línguas (ou grupos dialetais), conforme expõem Lowe (1999), Telles (2002), Eberhard (2009), Braga (2017), Sousa Netto (2018), entre outros. No quadro a seguir, é possível ver como a família linguística Nambikwara está organizada:

¹¹ Para mais informações sobre aspectos culturais e antropológicos relativos aos índios Nambikwara, ver Price (1972) e Lévi-Strauss (1948; 1996).

Quadro 35 – Família linguística Nambikwara (adaptado de Eberhard (2009))

FAMÍLIA LINGUÍSTICA NAMBIKWARA						
Nambikwara do Norte		Nambikwara do Sul				Sabanê
<i>Roosevelt (rio)</i>	<i>Vale do Guaporé</i>	<i>Manduca</i>	<i>Campo</i>	<i>Vale do Guaporé</i>	<i>Sararé</i>	
Latundê Lakondê Tawandê Sowaintê	Mamaindê Negarotê Tawendê	Hukuntesu u Siwaisu Niyahlosu	Kithâulhu Wakalitesu u Halotesu Sawentesu u	Hahântesu u Waikisu Alantesu Wasusu	Sararé (ou Katitâulhu)	Sabanê

A organização e subdivisão linguística da família Nambikwara evidenciadas no quadro acima estão ilustradas na figura a seguir, extraída de Eberhard (2019, p.30):

Figura 6 – Família linguística Nambikwara

Fonte: Eberhard (2009, p.30)

Assim, em conformidade com o que é observado na literatura e com o que foi vivenciado na pesquisa de campo realizada em 2017, adotou-se nesse trabalho que a língua Nambikwara do Campo corresponde a um complexo dialetal pertencente ao

ramo Nambikwara do Sul da família linguística Nambikwara. O grupo Nambikwara do Campo, falante de língua homônima, compreende as seguintes etnias: Kithãulhu, Halotesu, Wakalitesu e Sawentesu.

Ainda no que se refere à subdivisão e à categorização linguística das línguas da família Nambikwara, é interessante observar as informações apresentadas por Lowe (1999), para fins de exemplificação dos desafios concernentes à categorização de línguas e dialetos. De acordo com o autor, a família Nambikwara se subdivide em três línguas, quais sejam: complexo dialetal Nambikwara do Sul, Mamaindê/Negarotê e Sabanê. Essa organização aparece esquematizada em Lowe (1999) da seguinte forma:

Quadro 36 – Família linguística Nambikwara segundo Lowe (1999, p.269-70)

Família linguística Nambikwara			
Complexo dialetal Nambikwara do Sul		Subgrupo Nambikwara do Norte	
		Mamainde/Nekarothé	Sabanes
Nɛ³su²	Waik²ti²te²su²	Mamainde Nekarothé	Sabanes
Ki³tãu³lhu²	Ha²hãĩ³te²su²		
Ha³lot²te²su²	A³lʔuh¹nʔe³ka²ta³ki²te²su²		
Wa³ka³li³te²su²	Ka³lu³whãĩ³ko³te²su²		
Wa³suh¹sʔu²	Tu³ka³lʔu³la³ko³te²su²		
A³lãn¹te²su²	Wai³su²		

O quadro 36 acima evidencia uma interpretação da organização e subdivisão das línguas pertencentes à família Nambikwara um pouco diferente daquela apresentada por Eberhard (2009), exposta no quadro 35 e na figura 6, com a qual concordamos nesse trabalho. Tal contexto é um exemplo, portanto, dos desafios presentes na distinção e na categorização de línguas e dialetos de uma dada família linguística, nesse caso, a família Nambikwara.

1.2.1 Situação linguística e aspectos sociais

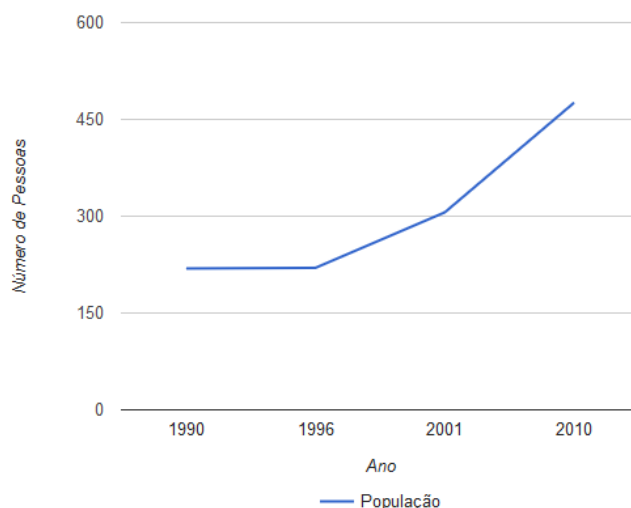
De acordo com Price (1985), apesar de os Nambikwara terem sido enumerados como milhares no início do século XX, sua população foi reduzida a aproximadamente 650 indivíduos na segunda metade do século. Paralelamente a isso, o autor expõe que cerca de 50 desses indivíduos eram crianças que estavam provavelmente mais confortáveis falando português do que a língua de seus pais. À época, aproximadamente 425 indígenas falavam Nambikwara do Sul, 150 Nambikwara do Norte e 25 Sabanê, como apontam dados do censo de 1982 (PRICE, 1985). Ainda com relação aos dados populacionais do povo Nambikwara, Miller (2018) coloca:

A estimativa de David Price para o início do século XX era de cerca 5.000 Nambikwara. Já Lévi-Strauss calculou que, nesta época, os Nambikwara somavam um total de 10.000 índios e, em 1938, data em que esteve com alguns

bandos Nambiquara, a população estimada por ele era de 2.000 a 3.000 pessoas. O censo realizado por Price em 1969, mostrou que, 30 anos depois da passagem de Lévi-Strauss pelo território Nambiquara, esses grupos estavam reduzidos a 550 indivíduos. Nas duas últimas décadas observou-se um crescimento populacional entre os grupos desta região. De acordo com o censo registrado pelo ISA, em 1999, a população Nambiquara era de 1.145 pessoas. No último censo realizado pela Funai, em 2002, os Nambiquara somavam cerca de 1.331 indivíduos. Apesar do recente crescimento populacional, muitos grupos foram extintos e outros foram reduzidos a poucos indivíduos. Este foi o caso de parte dos grupos Nambiquara do Norte, cujos remanescentes juntaram-se a outros grupos mais numerosos, passando a compor um único grupo. (MILLER, 2018, INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL)

No que diz respeito à Terra Indígena Nambikwara, existiam, entre 1990 e 1996, cerca de 200 índios habitando a região, número que passou a 306, em 2001, e a 476, em 2010, de acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010) e do Instituto Socioambiental (ISA, 2019). Essas estimativas podem ser melhor visualizadas no gráfico abaixo:

Figura 7 – Dados demográficos da Terra Indígena Nambikwara entre os anos de 1990 e 2010



Fonte: IBGE (2010) e Instituto Socioambiental (ISA, 2019)

Em 2013, foi constatado para a T.I. Nambikwara um contingente populacional indígena de 720 pessoas, de acordo com dados da Secretaria Especial de Saúde Indígena (SESAI, 2013). A seguir, pode-se observar um quadro com as aldeias existentes na T.I. Nambikwara e o respectivo número de habitantes verificado para cada uma delas no referido ano:

Quadro 37 – Aldeias do grupo Nambikwara do Campo (Nambikwara do Sul) e número de habitantes (adaptado de Sousa Netto (2017, p.54-5), baseado em Secretaria de Saúde indígena (SESAI, 2013))

Aldeias	Número de habitantes
Algodão	6
Manduca	30
Camararê Central	34
Camararê Davi	22
Camararê João Maxixe (Barracão Queimado)	54
Camararê Eládio	20
Camararê Nova Mutum	16
Kithaulhú	84
Manairisú Thahaintesu	51
Manairisú-Cabeceira	56
Manairisú-Trevo A	51
Manairisú-Trevo B	18
Manairisú-Cabeceira	56
Manairisú-Central	0
Nambikwara 13 De Maio	44
Nambikwara Aldeia Branca	26
Nambikwara Auxiliadora	19
Nambikwara Cabeceira	37
Nambikwara Central	28
Nambikwara Serra Azul	17
Sowaintê	51
Total de habitantes (população):	720

Price (1985) aponta que, apesar da drástica mudança social decorrente da depopulação, é possível fazer algumas observações a respeito da relação entre biomas, aspectos geográficos e diferenças linguísticas. Em geral, as divisões entre dialetos existiam em regiões de campos abertos e cada grupo de aldeia, explorando a fértil agricultura das terras nas proximidades de um curso de água particular, formou uma comunidade de fala cujos padrões linguísticos tendiam a se afastar daqueles de outras comunidades, nas proximidades de outras correntes de água. Apesar disso, a maioria das diferenças linguísticas não está relacionada às bacias de drenagem ligadas aos rios, como era esperado, mas sim à ocupação relativamente recente da região pelos Nambikwara (PRICE, 1985). Esse último fator seria, então, a principal justificativa

para se encontrar diferenças linguísticas significativas em grupos Nambikwara habitando regiões geograficamente próximas.

É possível afirmar que os índios Nambikwara, em seu cotidiano, usam a língua nativa para se comunicar. As mulheres, devido ao fato de permanecerem mais tempo nas aldeias, geralmente têm um nível de proficiência menor em língua portuguesa. O mesmo ocorre com crianças pequenas. No que se refere aos falantes mais velhos, pode-se dizer que nem todos dominam a língua portuguesa, mas isso não é categórico, visto que há idosos que, além de sua língua materna, também falam o português. O grupo Nambikwara do Sul e a maior parte do grupo Nambikwara do Norte dominam a língua portuguesa, ao passo que, dentre os grupos que habitam a região do Vale do Guaporé, são os sujeitos mais novos que apresentam mais domínio dessa língua (PBAI, 2012, p.72).

De acordo com Price (1985), os Nambikwara são muito conscientes das distinções dialetais, mas tentam não deixar as diferenças linguísticas interferirem na comunicação com outros povos que falam diferentes línguas e com a sociedade não-índia. Ainda de acordo com o autor, eles aceitam uma gama de variações em sua própria língua para favorecer a comunicação e se fazerem compreender, adaptação linguística que é facilitada pelo fato de todas as línguas Nambikwara apresentarem sistemas fonológicos que guardam semelhanças. Dessa forma, quando falantes de uma língua visitam falantes de outra língua, eles não precisam aprender a ouvir e produzir novos sons para se comunicarem. Eles só precisam produzir sons familiares em combinações que seriam possíveis em sua própria língua, acrescentando-se gestos, quando necessário, para também facilitar a comunicação.

De acordo com dados da Secretaria Municipal de Educação de Comodoro (SEMEC, 2019), na Terra Indígena Nambikwara, habitada pelos índios do grupo Nambikwara do Campo, há uma escola municipal, a Escola Municipal Indígena Aldeia Branca, e duas extensões, a saber: Extensão Barracão Queimado e Extensão Kithãulhu. Nessas instituições, a língua materna é ensinada a crianças de diferentes idades. Para o ensino, são utilizadas como material didático as gramáticas de Bárbara Kroeker (2003) e de Menno Kroeker (2001), denominadas *Aspectos da língua Nambikuara* e *Gramática descritiva da língua Nambikuara*, respectivamente.

Por fim, ressalta-se que, entre os Nambikwara, o local de residência obedece à regra matrilocal, sendo o homem obrigado a morar no lugar onde mora a mulher. Os diversos grupos Nambikwara são autossuficientes economicamente e independentes do ponto de vista político. De um modo geral, a necessidade de matrimônios entre os diferentes grupos étnicos favorece uma relação mais pacífica entre os indivíduos (PBAI, p.68-72).

CAPÍTULO 2: A FONOLOGIA SEGMENTAL DO NAMBIKWARA DO CAMPO

Este capítulo apresenta a fonologia segmental da língua Nambikwara do Campo. Ele está dividido em duas seções, a primeira tratando dos fonemas consonantais e a segunda dos fonemas vocálicos da língua, sendo realizada em ambas a apresentação, a descrição e a distribuição dos segmentos.

Buscou-se, inicialmente, apresentar o inventário fonético do Nambikwara do Campo para, em seguida, tratar de seus fonemas. Através da observação do comportamento dos segmentos da língua e de oposições encontradas e evidenciadas por meio de pares mínimos e análogos, chegou-se à identificação do inventário dos fonemas consonantais e vocálicos. Assim, em conformidade com grande parte da literatura existente acerca das línguas da família Nambikwara, verificou-se que o Nambikwara do Campo apresenta fonologicamente mais vogais do que consoantes. Esse resultado também foi verificado para as línguas Latundê (TELLES, 2002), Lakondê (TELLES, 2002 e BRAGA, 2012), Mamaindê (EBERHARD, 2009), Negarotê (BRAGA, 2017) e também para o Nambikwara do Campo (SOUSA NETTO, 2018).¹²

Foram identificados 13 fonemas consonantais para o Nambikwara do Campo, quais sejam: /p, ^ʔp, t, ^ʔt, k, ^ʔk, ʔ, n, ^ʔn, l, r, s, h/. Quanto aos fonemas vocálicos, foram verificados um total de 18, a saber: /i, u, ɪ, ʊ, e, o, ẽ, a, ã, ɨ, ʉ, ẽ̃, ɔ̃, ẽ̂, ɔ̂, ẽ̄, ɔ̄/. A larga quantidade de segmentos vocálicos na língua deve-se ao fato de a mesma apresentar vogais orais, nasais, laringais¹³ e nasais-laringais.

2.1 Fonemas

2.1.1 Inventário fonético

2.1.1.1 Os fones consonantais

Em Nambikwara do campo, foi observada a realização de 41 fones consonantais, os quais estão apresentados no quadro abaixo¹⁴.

¹² Kroeker, M. (2001), em sua gramática da língua Nambikwara, expõe brevemente os segmentos da língua e apresenta mais consoantes do que vogais, principalmente devido à grande quantidade de consoantes ejetivas proposta pelo autor. No entanto, a distinção entre fonemas e alofones não fica muito clara em seu trabalho. A respeito da língua Sabanê, Araújo (2004) também evidencia em sua análise a existência de mais consoantes fonológicas do que vogais, resultado que normalmente não é esperado para línguas Nambikwara.

¹³ O termo “laringal” usado ao longo desse trabalho diz respeito ao traço laringal *creaky voice*.

¹⁴ Os segmentos apresentados correspondem aos alofones que ocorrem mais sistematicamente na língua, isto é, que são mais produtivos e que podem ser identificados auditivamente. Para uma análise mais detalhada das alofonias em Nambikwara do campo, verificar a seção 2.1.2 *Inventário fonológico* deste trabalho. Algumas palavras resultantes de empréstimos lexicais do português na língua Nambikwara do Campo também apresentam os segmentos [b], [v] e [ʒ], conforme pode ser verificado nos exemplos que seguem, nos quais o segmento em questão

Quadro 38 – Os fones consonantais do Nambikwara do Campo

FONES CONSONANTAIS							
	Bilabiais	Lábio-dental	Alveolar	Palato-alveolar	Palatal	Velar	Glotal
Oclusivas	p b		t d			k g	ʔ
Oclusivas aspiradas	p ^h		t ^h d ^h			k ^h	
Implosivas	ɓ		ɗ				
Ejetivas	ʔp		ʔt			ʔk	
Oclusiva labializada						k ^w	
Oclusiva labializada aspirada						k ^{wh}	
Nasais	m		n		ɲ	ŋ	
Nasal glotalizada			ʔn				
Nasais pré-oralizadas	^b m		^d n			^g ŋ	
Laterais			l _o l		ʎ		
Flap			r				
Flap aspirado			r ^h				
Fricativas		ʋ	s z	ʃ ʒ			h
Fricativa pré-glotalizada			ʔs				
Africadas				tʃ dʒ			
Glides		w			j		

É interessante notar que Kroeker, M. (2001), em sua gramática, apresenta de maneira breve um total de 35 segmentos consonantais para o Nambikwara do Sul. A distinção entre os segmentos fonéticos e fonológicos não aparece de forma clara, mas é importante que se leve em consideração o inventário por ele apresentado, uma vez que seus trabalhos foram pioneiros no que concerne à descrição sistemática do Nambikwara do Sul. As consoantes descritas pelo autor aparecem esquematizadas no quadro abaixo:

aparece destacado em negrito: [**b**o:datesu], “bode”, [ka^hva:^hlu], “cavalo”, e [**ʒ**ela^hdej.rɛn^hsu], “geladeira”.

Quadro 39 – Os fonemas consonantais da língua Nambikwara segundo Kroeker, M. (2001) (adaptado)

FONEMAS CONSONANTAIS (KROEKER, M., 2001)						
	Bilabiais	Lábio-dental	Alveolar	Palatal	Velar	Glotal
Oclusivas	p		t		k	ʔ
Implosivas			d ^{l5}			
Oclusiva labializada					k ^w	
Aspiradas	p ^h	w ^h	t ^h		k ^h k ^{wh}	
Nasais	m		n		ŋ	
Nasais pré-oralizadas	^b m		^d n		^g ŋ	
Lateral			l			
Flap			r			
Fricativa		f	s			h
Africada			tʃ			
Glides		w		y		

Além das consoantes acima apresentadas, Kroeker, M. (2001) menciona a existência de dez segmentos consonantais ejetivos, os quais estão ilustrados no quadro que segue. O autor menciona que a oclusão glotal nesses segmentos pode ocorrer após as consoantes, no caso das oclusivas e fricativas, ou antes, como atestado com a nasal, a lateral e os glides.

Quadro 40 – Os fonemas consonantais ejetivos da língua Nambikwara segundo Kroeker, M. (2001)

FONEMAS CONSONANTAIS EJETIVOS (KROEKER, M., 2001)						
	Bilabiais	Lábio-dental	Alveolar	Palatal	Velar	Glotal
Oclusivas	pʔ		tʔ		kʔ	
Oclusiva labializada					kwʔ	
Nasal			ʔn			
Lateral			ʔl			
Fricativa			sʔ			hʔ
Glides		ʔw		ʔy		

¹⁵ Segundo Kroeker, M. (2001), esse som é encontrado apenas na fala de sujeitos idosos.

Alguns desses segmentos ejetivos foram observados em Nambikwara do Campo, conforme será descrito mais adiante nesse capítulo.

2.1.1.2 Os fones vocálicos

Os fones vocálicos observados em Nambikwara do Campo somam um total de 41 segmentos e aparecem devidamente dispostos a seguir:

Quadro 41 – Os fones vocálicos do Nambikwara do Campo

FONES VOCÁLICOS						
	Vogais orais e nasais			Vogais laringais e nasais-laringais		
Altas	i, i:		u, u:	ĩ, i:		ũ, u:
Altas quase fechadas (átona)	ɪ		ʊ			
Altas nasais	ĩ, i:		ũ, u:	ĩ, i:		ũ, u:
Médias altas	e, e:		o, o:	ẽ, e:		õ, o:
Médias altas nasais	ẽ, e:			ẽ, e:		
Médias baixas ¹⁶	ɛ		ɔ			
Baixa átona		ɐ				
Baixas		a, a:			ã, a:	
Baixas nasais		ã, ã:			ã, ã:	

Verifica-se que todas as vogais orais em Nambikwara do Campo possuem suas contrapartes laringais e nasais, à exceção das vogais médias altas labiais /o/ e /ɔ/, cujas contrapartes nasais não foram verificadas nos dados analisados. Outro ponto a ser mencionado diz respeito ao fato de existirem foneticamente as vogais [ɪ], [ʊ] e [ɐ], respectivamente alofones de /i/, /u/ e /a/, passíveis de ocorrência em sílabas átonas. Finalmente, há também as vogais longas, as quais ocorrem em sílabas tônicas abertas.

Na descrição do Nambikwara proposta por Kroeker, M. (2001) as vogais são apresentadas de modo semelhante às nossas, à exceção da presença da vogal média baixa posterior não-arredondada [ʌ]. A distribuição das vogais proposta pelo autor está esquematizada a seguir:

¹⁶ Foram observadas poucas ocorrências das vogais médias baixas na língua, estando elas sempre em variação com as vogais médias altas correspondentes.

Quadro 42 – Os fonemas vocálicos do Nambikwara segundo Kroeker, M. (2001)

FONEMAS VOCÁLICOS (KROEKER, M., 2001)						
	Vogais orais e nasais			Vogais laringais e nasais-laringais		
Altas	i		u	ĩ		ũ
Altas nasais	ĩ		ũ	ĩ̃		ũ̃
Médias altas	e		o	ẽ		õ
Médias altas nasais	ẽ			ẽ̃		
Médias baixas		Λ ¹⁷				
Baixas		a			ã	
Baixas nasais		ã			ã̃	

A seguir, o inventário fonológico do Nambikwara do Campo será apresentado e descrito considerando-se a distribuição dos segmentos.

2.1.2 Inventário fonológico

Serão apresentados a seguir os fonemas consonantais e vocálicos do Nambikwara do Campo, bem como as oposições contrastivas em ambientes idênticos ou análogos para exemplificar cada segmento.

2.1.2.1 Consoantes

No que concerne às consoantes fonológicas do Nambikwara do Campo, foram observados um total de 13 segmentos, os quais estão dispostos no quadro abaixo:

¹⁷ Segundo o autor, essa vogal ocorre apenas em sílabas átonas e fechadas. (KROEKER, M., 2001, p.109)

Quadro 43 – Os fonemas consonantais do Nambikwara do Campo

FONEMAS CONSONANTAIS				
	Bilabiais	Alveolar	Velar	Glotal
Oclusivas	p	t	k	ʔ
Ejetivas	ʔp	ʔt	ʔk	
Nasal		n		
Nasal glotalizada		ʔn		
Lateral		l		
Flap ¹⁸		r		
Fricativas		s		h

Observa-se inicialmente que o número de consoantes fonológicas na língua é relativamente restrito quando comparado ao total de fonemas vocálicos, os quais serão devidamente apresentados e descritos na seção 2.1.2.2 *Vogais* deste capítulo.

O quadro com as consoantes do Nambikwara do Campo com base em Clements e Hume (1995), que também será usado nesse estudo, está disposto abaixo:

Quadro 44 – fonemas consonantais do Nambikwara do Campo com base em Clements e Hume (1995)

FONEMAS CONSONANTAIS DE ACORDO COM CLEMENTS E HUME (1995)									
[-silábico]		[labial]		[coronal]		[dorsal]		[gl. constrita]	
		[-voz]	[+voz]	[-voz]	[+voz]	[-voz]	[+voz]	[-voz]	[+voz]
[-soante]	[-contínuo]	p		t		k		ʔ	
	[+contínuo]			s				h	
[+soante]	Nasal			n					
	Líquida			r, l					

A seguir, serão introduzidas as oposições de consoantes, além da descrição e da distribuição dos segmentos consonantais do Nambikwara do Campo. Nos casos em que não foi possível encontrar pares mínimos perfeitos, apresentam-se pares análogos¹⁹. As consoantes em contexto relevante estão destacadas em negrito.

¹⁸ Neste trabalho, o flap /ɾ/ é interpretado como fonema consonantal da língua, no entanto, tal deliberação está restrita a apenas um contexto morfofonológico de ocorrência, o qual será devidamente esclarecido na seção 2.1.2.1.2.4.2 *O /ɾ/ a seguir*.

¹⁹ As representações fonológicas adotadas nesse capítulo serão justificadas no capítulo 3 desse trabalho, que versará sobre os processos fonológicos operantes na língua. Além disso, verificou-se que as vogais nasais podem ocorrer com e sem consoante nasal em coda, o que justifica suas representações ao longo dessa seção, sendo esse tópico devidamente discutido mais à frente, na subseção 2.1.2.2.2.2 *As vogais nasais e nasais laringais* desse capítulo.

sobre Lakondê, Eberhard (2009) sobre o Mamaindê, Braga (2017) sobre o Negarotê e Sousa Netto (2018) sobre o Nambikwara do Campo. Ademais, o fato de as oclusivas surdas serem menos marcadas nas línguas do mundo ajuda a corroborar a interpretação supramencionada, a qual, por fim, também está de acordo com o conceito universal de marcação abordado por Hyman (1975, p.151-2), que estabelece que segmentos não-marcados (não-continuantes e não-vozeados) são mais comuns de serem encontrados nas línguas do mundo devido ao fato de serem mais naturais.

Assim, não foram encontrados contrastes entre oclusivas surdas e sonoras e, paralelamente a isso, verificou-se que os correlatos sonoros das consoantes oclusivas acima mencionadas, com exceção da glotal /ʔ/, aparecem muitas vezes em variação livre com seus respectivos correlatos surdos, o que aponta que os mesmos podem ter sofrido influência de fatores externos à língua ou serem resultado de processo fonológico de sonorização engatilhado por segmentos sonoros adjacentes.

Em Mamaindê, apesar de não haver consoantes oclusivas sonoras a nível subjacente, há os correlatos aspirados das oclusivas surdas, com exceção da glotal, sendo considerados fonológicos os segmentos /p, t, k, ʔ, p^h, t^h, k^h/ (EBERHARD, 2009). Neste trabalho e nos trabalhos sobre as outras línguas Nambikwara mencionados acima, as oclusivas aspiradas não foram interpretadas como sendo parte do inventário fonológico, mas como alofones das consoantes oclusivas surdas. Nos dados analisados, também foi verificada ausência de contraste entre oclusivas surdas e seus respectivos correlatos aspirados.²⁰

O quadro abaixo ilustra a interpretação das consoantes oclusivas não-glotalizadas fonológicas em estudos prévios sobre as línguas Nambikwara:

Quadro 45 – Línguas Nambikwara e seus fonemas consonantais oclusivos não-glotalizados

Grupos	Línguas da família Nambikwara	Fonemas consonantais oclusivos não-glotalizados
N O R T E	Latundê (TELLES, 2002)	/p, t, k, ʔ/
	Lakondê (TELLES, 2002; BRAGA, 2012)	/p, t, k, ʔ/
	Mamaindê (EBERHARD, 2009)	/p, p ^h , t, t ^h , k, k ^h , ʔ/
	Negarotê (BRAGA, 2017)	/p, t, k, ʔ/
SABANÊ	Sabanê (ARAÚJO, 2004)	/p, t, k, ʔ/
S U L	Nambikwara do Sul (KROEKER, M., 2001)	/p, t, k, ʔ/
	Nambikwara do Campo (SOUSA NETTO, 2018)	/p, t, k, ʔ/
	Nambikwara do Campo (própria autora)	/p, t, k, ʔ/

²⁰ Kroeker, M. (2001), em sua gramática sobre a língua Nambikwara, também menciona a existência de consoantes oclusivas aspiradas, mas apresenta exemplos escassos e poucas evidências sobre o *status* fonológico das mesmas.

Por fim, salienta-se que o termo *oclusivo* aqui utilizado se refere à total obstrução da passagem do ar pelas cavidades oral e nasal. A seguir, cada consoante oclusiva será descrita separadamente.

2.1.2.1.2.1.1 O /p/

A consoante oclusiva labial surda /p/ ocorre apenas em posição de *onset* em início ou meio de palavra e pode ser realizada foneticamente como [p], [p^h] ou [b]²¹. O /p/ ocorre normalmente em sílaba acentuada e diante das vogais /i/, /a/, /ã/ e /o/.

Verificou-se que o /p/ apresenta uma distribuição restrita na língua e, desse modo, são poucos os exemplos encontrados nos dados concernentes à realização desse segmento. Tal fato está em consonância com a literatura sobre as línguas da família Nambikwara²². É muito comum, também, encontrar o /p/ em itens lexicais oriundos de empréstimos do português ou em expressões usadas para comunicação com crianças.

- | | |
|---|--|
| (001) [ˈpoːna] ~ [ˈp ^h oːna]
pon- a
boi, gado-S.NOM
“boi, gado” | (002) [ˈbaw ^m kaːlisu]
paunka- li- su
barbatimão-?-S.NOM
“barbatimão” |
| (003) [ˈp ^h iːt ^s u]
pit- su
abóbora-S.NOM
“abóbora” | (004) [paˈpãːnara] ~ [pãˈpãːnara]
pa.pã- Ø- na- ra
REDUPL.acabar-3SG-PRC-PF
“acabou, não tem (falando para criança)” |
| (005) [paˈpaw ^b mnara]
pa.paun- Ø- na- ra
REDUPL.ser achatado-3SG-PRES-PF
“é achatado” | |

Diante da escassez de exemplos com a oclusiva labial surda /p/, é válido mostrar também casos que configuram empréstimos da língua portuguesa para fins de exemplificação.

²¹ De acordo com Sousa Netto (2018, p. 91-2), o /p/ também pode ser realizado como [m] em posição de *onset* em Nambikwara do Campo, mas apenas um caso foi encontrado para esse contexto: [mamaˈtesu] /papatesu/ “bebê”.

²² Também foi verificada a distribuição restrita da consoante oclusiva labial surda /p/ nas línguas do ramo Nambikwara do Norte (Latundê (TELLES, 2002), Lakondê (TELLES, 2002; BRAGA, 2012), Mamaindê (EBERHARD, 2009), Negarotê (BRAGA, 2017)), em Sabanê (ARAÚJO, 2004) e nos estudos prévios sobre as línguas Nambikwara do Sul (Nambikwara do Campo (SOUSA NETTO, 2018) e Nambikwara (KROEGER, M., 2001)).

- (006) [per¹mu:daka₁losu]
 bermuda- kalo- su
 bermuda-CL.que cobre-S.NOM
 “bermuda”
- (007) [es¹pe:ka₁losu]
 espelho- kalo- su
 espelho-CL.chato-S.NOM
 “espelho”
- (008) [ˈpa:t̚u]
 pat- su
 pato-S.NOM
 “pato”

2.1.2.1.2.1.2 O /t/

A consoante oclusiva coronal surda /t/ apresenta larga distribuição na língua Nambikwara do Campo e pode ocorrer em posição de *onset* ou coda silábica, em sílabas acentuadas e não acentuadas. O /t/ aparece em início, meio ou final de palavra e pode realizar-se foneticamente como [t], [d], [tʰ], [dʰ], [tʃ] e [dʒ], em *onset*, e como [t], em coda.

A oclusiva coronal surda /t/ ocorre majoritariamente diante das vogais /a/, /i/ e /e/ e pode vir precedida por qualquer vogal ou consoante em posição de coda na sílaba anterior, exceto o próprio /t/.

O alofone [t], quando em *onset* silábico, ocorre em início, meio ou final de palavra, em sílabas tônicas ou átonas. Foi verificada a sua ocorrência diante de vogais orais e nasais altas, médias e baixas e, com menos frequência, diante de vogais laringais baixas.

- (009) [ˈtuhsu] ~ [ˈtu:su]
 tuh- su
 mel-S.NOM
 “mel”
- (010) [ˈtẽ:na]
 tẽn- a
 tambor-S.NOM
 “tambor”
- (011) [ˈte:na]
 te- na
 DEM-MT
 “isso”
- (012) [wati̯t̚ĩ:su] ~ [wati̯t̚ĩ:su]
 uati.(ua)t̚ĩ- su
 REDUPL.libélula-S.NOM
 “libélula”
- (013) [ᵛt̚ĩt̚ĩ:nara]
 ᵛ- t̚ĩn- Ø- na- ra
 INSTR-lamber-3SG-PRES-PF
 “ele lambe, está lambendo”
- (014) [kaˈto:nara]
 kato- Ø- na- ra
 estar maduro-3SG-PRES-PF
 “está maduro”

O alofone [t] em *onset* pode aparecer em variação livre com o alofone [d] nos mesmos contextos acima mencionados, normalmente em ambiente de alta sonoridade, isto é, em contexto intervocálico ou após coda com segmento sonoro. Geralmente a

ocorrência da oclusiva coronal sonora está condicionada à posição do acento, mas isso não é categórico na língua.

- | | | | | |
|-------|------------------------------|--|-------|-----------------|
| (015) | [sa'dɛ:nara] | | (016) | [wade'dɛ:su] |
| | sate- Ø- na- ra | | | uate.(ua)tẽ- su |
| | dançar-3SG-PRES-PF | | | borboleta-S.NOM |
| | "ele dança, está dançando" | | | "borboleta" |
|
 | | | | |
| (017) | [dĩ'dĩ ^d nnara] | | | |
| | tĩ.tĩn- Ø- na- ra | | | |
| | REDUPL.ser preto-3SG-PRES-PF | | | |
| | "é preto, escuro" | | | |

O alofone [tʰ] ocorre em *onset* em início e meio de palavra, em sílaba acentuada e diante de vogais altas, podendo também ser produzido como seu correlato sonoro [dʰ] quando em ambiente de alta sonoridade. Às vezes, a oclusiva coronal surda aspirada [tʰ] ocorre devido à presença da fricativa glotal surda [h] em coda na mesma sílaba, como resultado de assimilação, podendo a fricativa glotal sofrer síncope, havendo um alongamento da vogal nuclear devido à posição do acento. Além disso, a expiração de [tʰ] pode ocorrer espontaneamente, havendo variação livre entre [tʰ] e [t].

- (018) [a^ltʰiːjəwə]
a- tih- iau- a
INAL-sangue-CL.líquido-S.NOM
“sangue”
- (019) [_C<Como^ldoro>_Ttʰɪ^ɦzɯ] ~ [_C<Como^ldoro>_Tdʰɪ^ɦzɯ]²³
Comodoro- tĩn- su
Comodoro-CL.casa, aldeia-S.NOM
“Comodoro (município)”
- (020) [tʰuːha_itasu] ~ [tʰuːha_ita^hsu]
tuh- a- ta- su
abelha-S.NOM-INTENS.grande-S.NOM
“abelha, espécie de”

A oclusiva coronal surda /t/ também pode ser realizada em *onset* como a africada alvéolo-palatal [tʃ] como resultado de um processo de palatalização do [t]

²³ Apesar de essa palavra ser resultante de empréstimo lexical do português, com o nome do município de Comodoro, ela carrega a morfologia do Nambikwara do Campo, sendo possível observar a realização de [t^h].

quando diante ou precedido do glide palatal [j], o qual, por vezes, não chega a ser pronunciado. A africada alvéolo-palatal surda [tʃ] foi verificada em sílabas acentuadas em início e meio de palavra.

- (021) [tʃahla] ~ [tʃʰahla] (022) [kaʲja,tʃʰawsu]
 te- iahlo- a kuaiaɪt- iau- su
 DEM-CL.masc-S.NOM milho-CL.líquido-S.NOM
 “ele” “mingau, chicha de milho”

O [tʃ] também pode ser pronunciado como seu correlato sonoro [dʒ] devido ao processo de sonorização engatilhado pelos segmentos vozeados a ele adjacentes.

- (023) [kaʲja,dʒʰawsu]
 kuaiaɪt- iau- su
 milho-CL.líquido-S.NOM
 “mingau, chicha de milho”

É comum a oclusiva coronal surda [t] formar *onset* complexo [ts] com a fricativa coronal surda [s] em final de palavra e, menos frequentemente, em meio de palavra. Esses casos, porém, não se confirmam a nível fonológico e podem estar relacionados a dois contextos distintos. Em primeira análise, na subyacência, o /t/ ocupa a posição de *onset* diante da vogal /e/, formando o morfema classificador nominal sufixal {-te} relativo a pessoa ou coisa não especificada, o qual é um morfema átono que vem, portanto, em posição postônica na palavra. Nesse contexto, em fala corrida, o núcleo da sílaba não acentuada é elidido, de modo que a oclusiva coronal surda passa a formar *onset* complexo com a fricativa coronal surda da sílaba subsequente. Assim, o *onset* complexo [ts] é, na subyacência, duas sílabas, as quais correspondem à sequência /tesu/ que, morfologicamente, diz respeito a dois morfemas: {-te}, classificador nominal sufixal, e {-su}, sufixo nominal. Na superfície, no entanto, [ts] aparenta fazer parte de uma única sílaba [tsu]²⁴.

- (024) [waʲla^dndsu] ~ [waʲla^dndi^hsu]
 ualan- te- su
 cupim escuro-CL.não espec-S.NOM
 “cupim, espécie de (cupim escuro)”
- (025) [ãʲnʲãw̃gadzu] ~ [ãʲnʲãw̃katsu]
 a- ãũka- te- su
 POS.3SG-espírito-CL.não espec-S.NOM
 “espírito dele”

²⁴ Ver subseção 3.2.2 *Realizações fonéticas do /s/ em onset de sílaba* no capítulo 3.

- (026) [tuh'nẽndisu] ~ [tuh'nẽndesu] ~ [tuh'nẽndsu]

tuhnẽn- te- su
 abelha-CL.não espec-S.NOM
 “abelha, espécie de”

Em segunda análise, há os casos em que o [ts], aparente *onset* complexo a nível fonético, corresponde à junção da oclusiva coronal surda [t] em coda da sílaba anterior com a fricativa coronal surda [s] em *onset* da sílaba seguinte, que, em final de palavra, normalmente corresponde ao sufixo final {-su}. Exemplos desse contexto de ocorrência são apresentados abaixo:

- (027) [wa'tũ:tsu]

uatũt- su
 girino-S.NOM
 “girino”

- (028) [a'je:tsu]

aiet- su
 ninho-S.NOM
 “ninho”

- (029) [a'wɛ:tsu] ~ [ã'wɛ:tsu]

a- uɛt- su
 POS.3SG-pena, pêlo-S.NOM
 “pena, pêlo (dele)”

- (030) [a,jokaʔ'kawtsu]

a- iɔ- kaʔkaut- su
 INAL-boca-broto-S.NOM
 “broto”

Em posição de coda, o /t/ realiza-se foneticamente como [t], geralmente em sílaba tônica. Verificou-se, ainda, que, quando a sílaba termina com /t/ em coda e a sílaba seguinte inicia com vogal, há uma ressilabação da consoante oclusiva coronal surda, que passa a *onset* da sílaba seguinte.

- (031) [ˈnũ:ta]

nũt- a
 pilão-S.NOM
 “pilão”

- (032) [ˈu:ta]

ut- a
 irara-S.NOM
 “irara”

- (033) [ˈetsa]

et- sa
 ralar-S.VER
 “ralar”

2.1.2.1.2.1.3 O /k/

A oclusiva dorsal surda /k/ apresenta larga distribuição na língua Nambikwara do Campo e possui como alofones os segmentos [k], [g] e [k^h]²⁵. O /k/ ocupa somente a posição de *onset* na sílaba e aparece em início, meio ou fim de palavra, sendo o último menos frequente. Ele ocorre em sílaba acentuada ou não acentuada, podendo formar sílaba com qualquer vogal ou ditongo da língua.

Em *onset*, o alofone [k] é o mais comum e pode aparecer diante de qualquer vogal ou ditongo da língua, em sílaba tônica ou átona, em início, meio e fim de palavra.

- | | |
|--|---|
| (034) [kalaka'la:su]
kala.kala- su
REDUPL.galinha-S.NOM
“galinha” | (035) ['kũhnara]
kũh- Ø- na- ra
pendurar-3SG-PRC-PF
“ele pendurou” |
| (036) ['ẽ:kinara]
ẽki- Ø- na- ra
esquentar-3SG-PRES-PF
“está esquentando” | (037) [ta'ko:kisu]
takoki-su
mato-S.NOM
“mato, floresta” |
| (038) ['kãĩ:nara]
kãĩn- Ø- na- ra
ser grande-3SG-PRES-PF
“é grande” | (039) ['kĩ:su]
ki- su
cupim-S.NOM
“cupim, espécie de” |
| (040) ['kĩn,ɖanawa]
kĩn- ʔti- a- Ø- na- ua
estar alto-ADVZ-S.NOM-3SG-PRES-IMPF
“está em cima” | |

Em contexto de alta sonoridade, após coda nasal ou em ambiente intervocálico, a oclusiva dorsal surda /k/ pode ser produzida como seu correlato sonoro [g] em meio de palavra, geralmente diante de /a/ ou /i/.

- | | |
|--|---|
| (041) ['waj ^g ɲginara] ~ ['waj ^g ɲkinara]
uainki- Ø- na- ra
ser estreito, fino-3SG-PRES-PF
“é estreito, fino” | (042) ['kãĩ ^g gitara]
kãĩn- ki- na- ra
ser grande-1PL-PRES-PF
“nós somos grandes” |
|--|---|

²⁵ Nesse trabalho, interpreta-se que a oclusiva dorsal surda labializada [k^w] e sua variante aspirada [k^{wh}] são, na verdade, dois segmentos: [k] ~ [k^h], /k/, e [w], /u/. Por isso, optamos por não as acrescentar à lista de variantes alofônicas de /k/.

- (043) [ãga'ja^dnnara] ~ [ãka'ja^dnnara]
 ã- kaian- Ø- na- ra
 INSTR-estar molhado-3SG-PRES-PF
 “está molhado”
- (044) [ˈja:nũgisu]
 ia nũ- ki- su
 fogo-CL.pó, grão, massa-CL.redondo-S.NOM
 “carvão, cinzas”

A oclusiva dorsal surda /k/ é, por vezes, realizada foneticamente como a oclusiva dorsal surda aspirada [k^h], normalmente diante das vogais orais altas [i, u] e da vogal baixa [a], em início ou meio de palavra e, preferencialmente, em sílaba acentuada. Essa aspiração ocorre espontaneamente, de modo que [k^h] comumente se encontra em variação livre com [k].

- (045) [ˈk^hu:nẽn^dzu] ~ [ˈkuh,nẽn^dzu] (046) [ˈk^hajsu] ~ [ˈk^haj:su]
 kuhni- ãn- su kai- su
 cerrado-CL.oco-S.NOM quati-S.NOM
 “cerrado (vegetação)” “quati”
- (047) [ˈk^hũ^ɲsu] (048) [ˈk^hwid̥isu] ~ [ˈk^hwid̥isu]
 kũn- su kui^ʔti- su
 mosquito-S.NOM veado-S.NOM
 “mosquito, espécie de” “veado do campo”

2.1.2.1.2.1.4 O /ʔ/

A consoante oclusiva glotal surda /ʔ/ possui como alofone apenas a sua forma modal [ʔ] e ocorre em sílabas acentuadas ou não acentuadas, em início ou meio de palavra. Está restrita à posição de coda silábica e é realizada mais comumente após as vogais [a, ɶ, ẽ, e, o, i, ĩ, ʊ].

- (049) [hãʔˈlats̥u]
 hãʔˈlat-su
 pente-S.NOM
 “pente”
- (050) [ãʔˈkaʔla]
 ẽʔkaʔ-li-a
 idosa-?-S.NOM
 “idosa, mulher velha”

- (051) [ʰhajʔdisu] (052) [ʰjeʔnĩnara]
 haiʔti- su ã- ieʔni- Ø- na- ra
 fósforo-S.NOM INSTR-descansar-3SG-PRES-PF
 “fósforo” “ele descansa, está descansando”
- (053) [ʰiʔtara]
 ã- iʔ- Ø- na- ra
 INSTR-assoprar-3SG-PRES-PF
 “ele sopra”
- (054) [ʰwaʔjalaka,losu]
 uaʔia- li- a- kalo- su
 barata-?-S.NOM-CL.chato-S.NOM
 “barata”

É comum verificar a síncope da oclusiva glotal surda [ʔ], favorecendo o alongamento da vogal tautossilábica em sílaba aberta em posição de acento²⁶.

- (055) [ʰka:ĩnara] ~ [ʰkaʔninara] (056) [saʰwe:na] ~ [saʔʰwe:na]
 kaʔni- Ø- na- ra saʔuen-a
 descer-3SG-PRES-PF mato-S.NOM
 “ele desce, está descendo” “mato”
- (057) [ʰha:kisu] ~ [ʰhaʔkisu]
 haʔki- su
 cará-S.NOM
 “cará (geral)”

Foi verificada, ainda, a presença do segmento [ʔ] na segunda posição de coda ramificada, sendo geralmente precedida pela fricativa glotal [h] ou pelo glide labial [w]. Nesse caso, a glotal pode ocorrer em sílaba acentuada ou não, preferencialmente em início de raiz.

- (058) [ʰdihʔa]
 ʔtihʔ- a
 cobra-S.NOM
 “cobra (geral)”
- (059) [ʰjuhʔa]
 iuhʔ- a
 baixo, chão-S.NOM
 “chão, terra”

²⁶ Para mais informações sobre o acento, ver seção 4.1 *O acento*.

- | | |
|--|--|
| (060) ['ehʔa]
ehʔ- a
machado-S.NOM
“machado” | (061) [ãwʔ'i:nawa]
ãũʔin- Ø- a- ua
dormir-3SG-PRES/1SG-IMPF
“eu estou dormindo” |
|--|--|

2.1.2.1.2.2 As fricativas

Em Nambikwara do Campo, foi verificada a existência de duas consoantes fricativas: a fricativa coronal surda /s/ e a fricativa glotal surda /h/, ambas com grande produtividade na língua. A seguir, serão apresentadas suas distribuições, alofonias e ambientes de ocorrência.

2.1.2.1.2.2.1 O /s/

A consoante fricativa coronal surda /s/ ocorre em posição de *onset* e coda e pode ser realizada foneticamente como [s], [z], [ʃ], [ʒ] e [ʔ]. O /s/ ocorre em sílabas acentuadas ou átonas, em início, meio ou fim de palavra.

Em *onset*, o /s/ realiza-se foneticamente como a própria fricativa coronal surda [s] em sílabas tônicas ou átonas, em qualquer posição da palavra. Pode ocorrer diante de qualquer vogal da língua.

- | | |
|---|---|
| (062) ['sũ:ma]
sũn- a
avô, Deus-S.NOM
“Deus (nosso avô)” | (063) [oh'sĩn ^d zu]
oh- sũn- su
céu-carne-S.NOM
“nuvem” |
| (064) ['suhlanara]
suhla- Ø- na- ra
matar-3SG-PRES-PF
“ele mata, está matando” | (065) [a'se:su]
a- se- su
POS.3SG-esposa-S.NOM
“esposa, mulher (dele)” |
| (066) [saḍḥsa'dḥ ^d nnara]
sa ^ʔ tḥ.sa ^ʔ tḥn- Ø- na- ra
REDUPL.ser verde-3SG-PRES-PF
“é verde” | (067) [jalã ^ʔ so ^d nnara]
ialãson- Ø- na- ra
ser magro-3SG-PRES-PF
“ele é magro” |
| (068) ['sã ^h ka,losu]
sãh- kalo- su
deitar-CL.chato-S.NOM
“esteira, cama” | |

Em sílabas postônicas, o /s/ pode realizar-se como sua contraparte sonora [z] (ou [d^z], como resultado de processo²⁷) em ambiente de alta sonoridade, normalmente após vogal nasal ou coda nasal na sílaba anterior. Nesses casos, o ambiente sonoro favorece a assimilação do traço [+vozeado] pela fricativa coronal.

- | | |
|---|--|
| (069) [a ^h lã:su] ~ [ã ^h lã:zu] | (070) [t ^h ah ₁ lẽn ^d zu] |
| alã- su | tah?- li- ãn- su |
| arara-S.NOM | pedra-?-CL.oco-S.NOM |
| “arara” | “buraco, caverna” |

Em contextos de fala acelerada em meio de palavra e em fronteira de morfema, a fricativa coronal surda /s/, quando precedida ou seguida por vogal alta, pode realizar-se como a fricativa palato-alveolar surda [ʃ] ou como sua correspondente sonora [ʒ], se em ambiente de alta sonoridade.

- | | |
|---|--|
| (071) [ãka ^h no:ka ₁ lof _u hãj ^d nnara] | (072) [t ^h ʃahla # ^h hukif _u ?awa] ~ [t ^h ʃahla # ^h hukizu?awa] |
| a- kano- kalo- su- ain- na- ra | te- iahlo- a hu ^ʔ ki- su- Ø- ?- a- ua |
| INAL-canoa-CL.chato-S.NOM-3PL-COP-PF | DEM-CL.masc-S.NOM arco-S.NOM-3SG-NEG-COP-IMPF |
| “a canoa é deles” | “o arco não é dele (dito na presença do indivíduo sobre o qual se fala)” |

Em posição de coda, o /s/ pode realizar-se como a oclusiva glotal [ʔ] e nunca é produzido foneticamente como [s], a não ser quando é ressilabificado e passa a ocupar a posição de *onset* fonético da sílaba seguinte. Isso ocorre porque a sílaba em Nambikwara do Campo tem uma restrição quanto a segmento [-soante, +contínuo, coronal] em coda na superfície. Quando não há realização fonética da fricativa coronal /s/ ou quando esta é ressilabificada, é comum haver o alongamento da vogal nuclear tônica da sílaba aberta, mantendo-se na superfície o peso silábico importante para o acento.

- | | |
|---------------|--|
| (073) [wẽ:sa] | (074) [ho ^ʔ t ^s u] |
| ũẽns- a | hos- su |
| criança-S.NOM | macaco prego-S.NOM |
| “criança” | “macaco prego” |

²⁷ O [s] (ou [d^z], quando vozeado) ocorre como resultado de processos fonológicos. Para mais informações, ver item 3.2.2 *Realizações fonéticas do /s/ em onset de sílaba*.

- (075) [ˈho:sa]
 hos- a
 macaco prego-S.NOM
 “macaco prego”

2.1.2.1.2.2.2 O /h/

A consoante fricativa glotal surda /h/²⁸ é bastante produtiva na língua e ocorre em sílabas tônicas ou átonas. O /h/ pode ocupar a posição de *onset* e coda silábica²⁹, em início e meio de palavra, e apresenta como único alofone sua forma modal [h].

Em posição de *onset*, a fricativa glotal surda /h/ ocorre diante de qualquer vogal ou consoante da língua, em início ou meio de palavra, em sílaba acentuada ou não acentuada.

- (076) [ĩˈhatinara]
 ĩ- hati- Ø- na- ra
 INSTR-encontrar-3SG-PRES-PF
 “ele encontra, está encontrando”
- (077) [ĩˈhãjnara]
 ĩ- hãĩ- Ø- na- ra
 INSTR-esconder-3SG-PRES-PF
 “ele esconde, está escondendo”
- (078) [ũhˈhajnara]
 ũh- hai- Ø- na- ra
 INSTR-desabrochar-3SG-PRC-PF
 “(a flor) desabrochou (hoje)”
- (079) [ˈhe:rinara]
 heli- Ø- na- ra
 brigar-3SG-PRES-PF
 “ele está lutando, brigando”

²⁸ A opção teórica por interpretar a fricativa glotal como surda (e não como a sonora [ɦ]) está em consonância com o Conceito Universal de Marcação, sobre o qual já se discorreu na seção 2.1.2.1.2.1 *As oclusivas não-glotalizadas*.

²⁹ A fricativa glotal surda /h/ pode, inclusive, ocupar as posições de *onset* e de coda na mesma sílaba, o que é evidenciado no exemplo 87 mais abaixo.

- (080) [ʰhɔ:su] ~ [ʰhɔ̃:su]
 hɔ̃- su
 lobo guará-S.NOM
 “lobo-guará”
- (081) [ʰhɛ:rʰu]
 hɛ- li- su
 buriti-?-S.NOM
 “buriti”
- (082) [heʰheᵀnnara]
 he.hen- Ø- na- ra
 REDUPL.ser vermelho-3SG-PRES-PF
 “é vermelho”
- (083) [ũʰhũʔnara]
 ũhũn-Ø- ʔ- a- ra
 dar-3SG-NEG-PRC-PF
 “ele não deu”
- (084) [ʰhĩna]
 hĩn- a
 ADV.hoje-S.NOM
 “hoje, agora”
- Em posição de coda, o /h/ pode vir precedido por qualquer vogal da língua, sendo mais comum em sílabas acentuadas, uma vez que, nesse contexto, confere peso à sílaba e a torna elegível para receber o acento. Por vezes, o [h] em coda não é realizado ou é produzido de modo bastante sutil, tornando-se quase inaudível. Nos casos em que é apagado, ocorre, na superfície, o alongamento da vogal tônica.
- (085) [aʰnihnara] ~ [aʰni:nara]
 anih- Ø- na- ra
 correr-3SG-PRES-PF
 “ele está correndo”
- (086) [ʰjahla]
 iahlo- a
 idoso-S.NOM
 “idoso, homem velho”
- (087) [ʰhohsu] ~ [ʰho:su]³⁰
 hoh- su
 macuco-S.NOM
 “macuco”

2.1.2.1.2.3 A nasal

Em Nambikwara do Campo, foi observada apenas uma consoante nasal a nível subjacente, a oclusiva coronal nasal /n/, cujas características e contextos de realização serão descritos a seguir. A ausência da oclusiva labial nasal /m/ no inventário fonológico da língua chama a atenção devido ao fato de essa consoante compor o sistema fonológico das línguas do ramo Nambikwara do Norte (TELLES, 2002; EBERHARD, 2009; BRAGA, 2018) e do Sabanê (ARAÚJO, 2004).

³⁰ Nesse exemplo, o /h/ é fonológico (e não resultante de processo devido à contiguidade da fricativa /s/ do sufixo nominal {-su}). Quando junto ao sufixo nominal {-a}, o /h/ em coda é silabado em posição de *onset*: [ʰho:ha], /hoha/, “macuco”.

A ausência do /m/ no inventário fonológico segmental do Nambikwara do Campo também foi atestada por Kroeker, M. (2001) em sua gramática do Nambikwara do Sul. O autor menciona a oclusiva labial nasal em sua obra, mas deixa claro que a mesma ocorre apenas em palavras de base lexical portuguesa³¹. Essa omissão do /m/ em Nambikwara do Campo também foi verificada por Sousa Netto (2018), que menciona que tal fato nos fornece subsídios para realizar duas interpretações acerca dos sistemas fonológicos das línguas Nambikwara: (1) a nasal labial perdeu-se diacronicamente em Nambikwara do Campo ou (2) as línguas do ramo do norte e o Sabanê introduziram essa consoante em seus inventários fonológicos diacronicamente, de modo que o mesmo não ocorreu com o Nambikwara do Campo devido ao seu distanciamento geográfico relativo a essas outras línguas.

Assim, embora esse trabalho não objetive realizar uma análise diacrônica da língua, é importante levar em consideração aspectos que podem estar relacionados à sua história a fim de melhor compreender sua fonologia (e gramática), os processos operantes nesse nível e, de um modo mais amplo, o funcionamento das nasais nas línguas Nambikwara.

2.1.2.1.2.3.1 O /n/

A oclusiva coronal nasal /n/ pode ocorrer tanto em posição de *onset* quando em posição de coda silábica. Sua alofonia está condicionada a vários fatores, a saber: o acento, a posição na palavra, o contexto fonológico adjacente e a estrutura da sílaba. A seguir, serão devidamente explicados as alofonias desse segmento e os fatores a elas relacionados.

Em posição de *onset*, o /n/ realiza-se como a modal [n], a qual pode ocorrer em sílabas átonas ou acentuadas, diante de qualquer vogal e em início, meio ou final de palavra³².

(088) [a'ne:kisu]
a- neki- su
INAL-cabeça-S.NOM
“cabeça”

(089) [ano'kwaj:r^hu]
a- nokuaj-li-su
INAL-peito-?-S.NOM
“peito, seio”

³¹ O autor traz como exemplo de [m] a ocorrência [ma'mãusu] “mamão” (KROEKER, M., 2001, p.108).

³² Em final de palavra, a presença do /n/ foi majoritariamente verificada no sufixo verbal de aspecto perfectivo {-na}, usado quando o falante se refere a um interlocutor do sexo feminino, e no morfema nominalizador {-a} quando antecedido por raiz nominal ou morfema com /n/ em coda na última sílaba, havendo, portanto, a ressilabação dessa consoante, que passa à posição de *onset* fonético da sílaba seguinte (no caso, o morfema nominalizador {-a}, que é, então, produzido [-na]).

- (090) [a'nũ:kisu] ~ [a'nũ:gisu]
 a- nũki- su
 INAL-braço-S.NOM
 “braço”
- (091) [ãn^h'sajni^hnara]
 ãnsaini-Ø- na- ra
 arrotar-3SG-PRES-PF
 “ele arrota”

Em posição de coda, a oclusiva coronal nasal /n/ apresenta um variado número de alofones, os quais podem ser previsíveis de acordo com o contexto fonológico adjacente, isto é, os segmentos contíguos. Assim, tanto a vogal nuclear que antecede a nasal quanto a consoante em *onset* da sílaba seguinte pode condicionar a realização alofônica do /n/. Nesse contexto, em coda, há diversos processos fonológicos que operam envolvendo a oclusiva coronal nasal e os segmentos adjacentes, os quais trazem como resultado essa plasticidade em termos de alofonia.

Em posição de coda em sílaba acentuada, o /n/ pode realizar-se como [m], [n], [ŋ], [ʔ] ou como as nasais pré-oralizadas [ᵐm], [ᵈn] e [ᵑŋ] em início e meio de palavra. Salienta-se que neste trabalho o /n/ em coda, apesar de configurar uma nasal com ponto de articulação não especificado, não foi considerado como arquifonema. Tal interpretação foi adotada porque não há neutralização de oposição de fonemas entre seus alofones em nenhuma posição da sílaba, já que apenas um de seus alofones, a sua forma modal, corresponde a um fonema existente em Nambikwara do Campo.

O [m] ocorre após o ditongo nasal [ãw̃] e foi verificado apenas em meio de palavra. Sua ocorrência flutua com o [ʔ], oclusiva glotal surda, sendo a realização com a labial pouco frequente na língua. Isso deve se dar, provavelmente, devido ao fato de não haver a consoante labial nasal /m/ em Nambikwara do Campo.

- (092) [tãw̃ᵐ'tara] ~ [tãw̃ʔ'tara]
 tãũnt- Ø- na- ra
 assobiar-3SG-PRES-PF
 “ele assobia”
- (093) [wã^h'wãw̃^hka.lisu]
 ãã.ũãũn- kali-su
 REDUPL.teia-?-S.NOM
 “teia de aranha”
- (094) [watãw̃wa'tãw̃ᵐ'nara]
 uatã.uatãũn- Ø- na- ra
 REDUPL.ser redondo-3SG-PRES-PF
 “é redondo (a bola)”

O [n] em posição de coda é frequente na língua, podendo ocorrer em meio de palavra após qualquer vogal nasal e também, mais raramente, podendo vir após vogais orais.

- (095) [wẽn'su]
 ãẽns- su
 criança-S.NOM
 “criança”

- (096) [kĩn₁ɖanawa]
 kĩn- ʔti- a- Ø- na- ua
 em cima-ADVZ-S.NOM-3SG-PRES-IMPF
 “(ele) está em cima”

- | | |
|---|--|
| <p>(097) [nũ:n'su]
 nũn- su
 tatu galinha-S.NOM
 “tatu-galinha (<i>Dasyopus novemcinctus</i>)”</p> | <p>(098) [nan'tsu]
 nan- su
 aranha caranguejeira-S.NOM
 “aranha caranguejeira”</p> |
|---|--|

O [ŋ] foi verificado em meio de palavra, podendo ocorrer antes da consoante dorsal surda /k/ em *onset* da sílaba seguinte ou antes de vogal alta ou vogal nasal. Nesse contexto, é comum ocorrer também o vozeamento da consoante dorsal em *onset*, que passa a ser realizada como a oclusiva dorsal sonora [g].

- | | |
|---|---|
| <p>(099) [n'ãw̃ŋkata] ~ [ʔãw̃ŋkata]
 ãũn- kat- a
 cerimônia-doença-S.NOM
 “festa, cerimônia de finados”</p> | <p>(100) [sɔ'ja^hga₁losu] ~ [sɔ'ja^hga₁losu]
 sauian- kalo- su
 peneira-CL.chato-S.NOM
 “peneira”</p> |
|---|---|

O /n/ em posição de coda em sílaba acentuada e em meio de palavra é, por vezes, realizado como a oclusiva glotal [ʔ], principalmente em contextos com velocidade de fala acelerada.

- | | |
|--|---|
| <p>(101) [tãw̃^htara] ~ [tãw̃^mtara]
 tãũnt- Ø- na- ra
 assobiar-3SG-PRES-PF
 “ele assobia”</p> | <p>(102) [wa'li:^hnawa]
 ualin- Ø- na- ua
 voltar-3SG-PRES-IMPF
 “ele está voltando, está perto”</p> |
|--|---|

Quando em meio de palavra a oclusiva coronal nasal /n/ ocorre em coda antes de /n/ em *onset* da sílaba seguinte, caso a vogal nuclear seja nasal, geralmente ocorre a síncope do segmento nasal em coda e a vogal tônica é alongada devido ao acento. Por outro lado, se a vogal nuclear for oral, ocorre a pré-oralização da nasal em coda.

- | | |
|---|---|
| <p>(103) [ũ:nara]
 ũn- Ø- na- ra
 ser forte-3SG-PRES-PF
 “é forte”</p> | <p>(104) [wa'nĩ:nara]
 uanĩn- Ø- na- ra
 fazer pajelança-3SG-PRES-PF
 “ele está fazendo pajelança”</p> |
|---|---|

- (105) [i^dnnara]
 in- Ø- na- ra
 voar-3SG-PRES-PF
 “(ele) está voando”

As nasais pré-oralizadas correspondem a segmentos que apresentam uma fase oral e uma fase nasal em sua realização (WETZELS, 2008). Esses segmentos são bastante comuns em Nambikwara do Campo e ocorrem após vogais orais e em meio de palavra, sendo seu ponto de articulação determinado pelo segmento em posição de *onset* da sílaba seguinte ou pelo glide labial em coda tautossilábica.

Segundo Wetzels (2008, p.251-2), há várias línguas que apresentam segmentos de contorno bifásicos envolvendo uma fase oral e uma nasal, algumas das quais se encontram na América do Sul³³. Ainda segundo o autor, línguas que apresentam essas consoantes de contorno não fonêmicas normalmente não apresentam contrastes entre oclusivas nasais e oclusivas sonoras não-soantes, evidenciando em seu sistema fonológico, em vez disso, oposições sistemáticas entre oclusivas surdas e fonemas que possuem vários alofones. Assim, em línguas com essa configuração não seriam esperados, por exemplo, contrastes do tipo /d:/t/ ou /b:/m/. Tal contexto se assemelha ao do Nambikwara do Campo, que, além de não apresentar oclusivas sonoras não-soantes a nível subjacente, não possui em seu inventário a oclusiva labial nasal /m/.

Salienta-se que, apesar de essas realizações pré-oralizadas serem bastante recorrentes em Nambikwara do Campo, o mesmo não foi verificado em todas as línguas Nambikwara. Telles (2002) afirma que, em Latundê, as ocorrências desses alofones são escassas no *corpus* analisado, ao passo que em Lakondê as mesmas são frequentes. Em Mamaindê (EBERHARD, 2009) e em Negarotê (BRAGA, 2017) as nasais pré-oralizadas também são recorrentes.

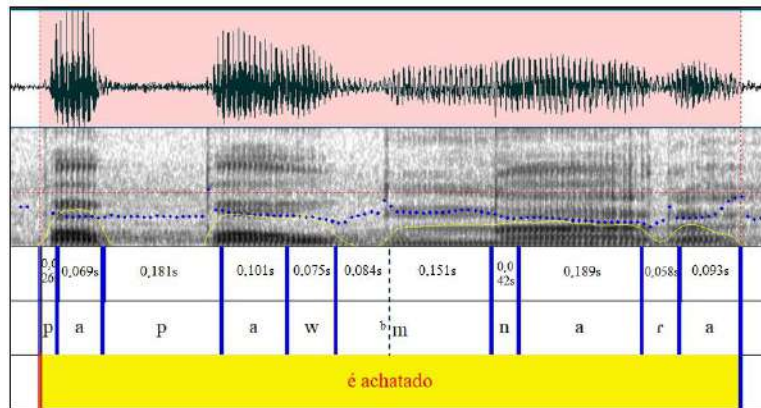
Como exposto anteriormente, foram verificados três alofones que correspondem a realizações pré-oralizadas da oclusiva coronal nasal /n/: [b^m], [dⁿ] e [ŋ]. A seguir, será descrito cada um desses segmentos e, para tal, será apresentado um espectrograma através do qual será possível visualizar a sua realização e o seu tempo de duração em segundos. Nessas figuras, a primeira linha corresponderá ao tempo de duração de cada segmento em segundos, a segunda linha à transcrição fonética da palavra e, por fim, a última linha trará a tradução livre do exemplo para o português. A curva em azul diz respeito ao *pitch* e a linha amarela, à intensidade.

O [b^m] foi verificado após o ditongo oral labial [aw], sendo relativamente raro na língua. Ele flutua com a oclusiva coronal surda [n] e com a oclusiva glotal [ʔ], quando em fala acelerada, podendo por vezes ser elidido.

³³ Segundo o autor, essas consoantes bifásicas de contorno ocorrem não somente em línguas indígenas da América do Sul, mas também em línguas africanas, australianas, austronésias, entre outras (WETZELS, 2008, p.251).

- (106) [pa'paw^bmnara] ~ [pa'paw[?]nara]
 pa.paun- Ø- na- ra
 REDUPL.ser achatado-3SG-PRES-PF
 “é achatado”
- (107) [l'waw^bmdisu] (108) [hi'waw^bmdisa^bnawa]
 uaunti- su hiauaunti- sa- na- ua
 redemoinho-S.NOM redemoinho-O.1SG-PRES/1SG-IMPF
 “redemoinho” “estou preocupado”

Figura 8 – Espectrograma de “é achatado”: exemplo da nasal pré-oralizada [b^m]

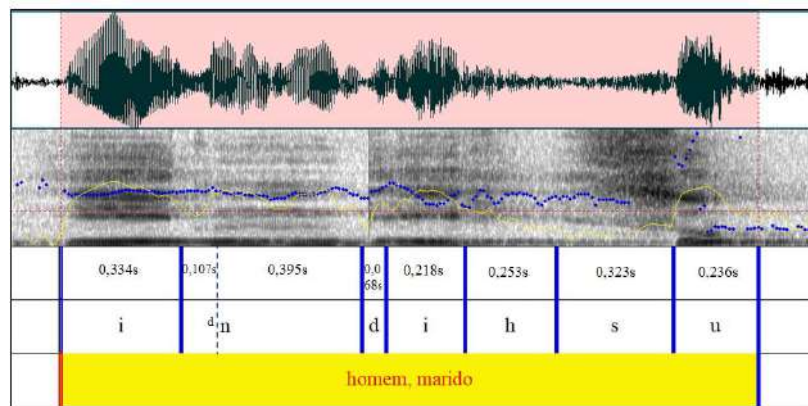


O [dⁿ] configura a nasal pré-oralizada mais recorrente da língua, podendo ocorrer antes das consoantes homorgânicas /n, t, s/ em *onset* da sílaba seguinte.

- (109) [l'i^dndi^bsu]
 in[?]ti- su
 homem-S.NOM
 “homem, marido”
- (110) [l'sih_jje^dn'su]
 sih- ien- su
 casa-CL.aldeia-S.NOM
 “aldeia (onde fica a casa)”
- (111) [kaʔ^lle^dn'su]
 kaʔlen-su
 sapo-S.NOM
 “sapo (geral)”
- (112) [a'l^ala^dnnawa]
 alan- Ø- na- ua
 ser quente-3SG-PRES-IMPF
 “é quente”

- (113) [p^ho^hn^hsu]
 pon- su
 gado-S.NOM
 “gado”

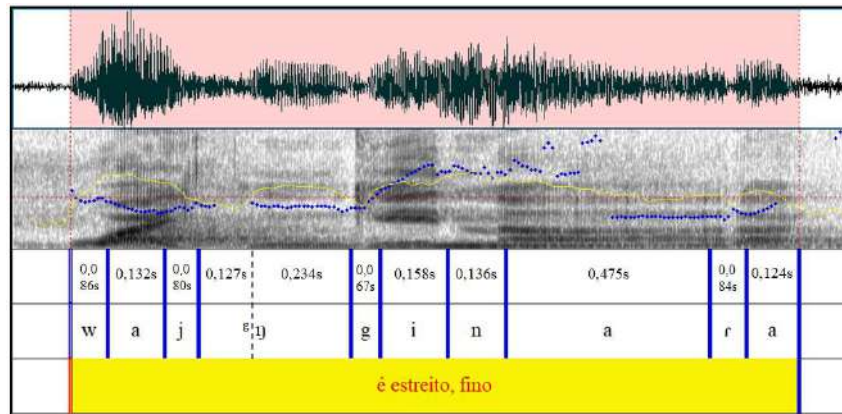
Figura 9 – Espectrograma de “homem, marido”: exemplo da nasal pré-oralizada [d^hn]



O [ɛ̃] ocorre antes da consoante dorsal surda /k/ em *onset* da sílaba seguinte. Normalmente, a presença da nasal acarreta o vozeamento da consoante dorsal em *onset*.

- | | |
|--|--|
| <p>(114) [aj^{ɛ̃}ŋ'gi:nara]
 ainkin-Ø- na- ra
 ouvir-3SG-PRES-PF
 “ele está ouvindo”</p> | <p>(115) [waj^{ɛ̃}ŋ'gi:nara]
 uainkin- Ø- na- ra
 ser estreito-3SG-PRES-PF
 “é estreito, fino”</p> |
| <p>(116) [sɔ'ja^{ɛ̃}ŋginara]
 saujanki- Ø- na- ra
 peneirar-3SG-PRES-PF
 “ele está peneirando”</p> | <p>(117) [alu^{tʃ}e^{ɛ̃}ŋgisu]
 aluienki-su
 perdiz-S.NOM
 “perdiz”</p> |

Figura 10 – Espectrograma de “é estreito, fino”: exemplo da nasal pré-oralizada [ɛ̃]



2.1.2.1.2.4 As líquidas

Em Nambikwara do Campo, foram observadas duas consoantes líquidas compondo o inventário fonológico segmental, diferenciando-se uma da outra pelo traço [+contínuo]³⁴. As consoantes líquidas são /l/ e /r/ e serão apresentadas e descritas a seguir.

2.1.2.1.2.4.1 O /l/

A consoante líquida lateral coronal /l/ foi verificada em meio de palavra, apresentando como alofones [l], [l̥], [l^h], [r] e [r^h]. Não foi verificada nenhuma ocorrência de /l/ em início de palavra. Em posição de *onset*, o /l/ realiza-se como [l], [l̥], [r] ou [r^h], a depender da tonicidade da sílaba em que se encontra, de sua posição na palavra e do contexto adjacente. A líquida lateral coronal /l/ foi verificada formando sílaba com /u, û, ʊ, o, a, ă, ǣ, i, ĩ, e, ê/. O [l] é o alofone não marcado, ocorrendo em sílabas tônicas, pretônicas e postônicas da língua.

(118) [ata'lo^hsu]
a- talo- su
INAL-costas-S.NOM
“costas”

(119) [a'lũ:su]
alũ- su
anta-S.NOM
“anta”

³⁴ Considerou-se aqui que os traços [-vocoide, +aproximante] definem a classe das líquidas, de modo que /l/ é considerado [-contínuo] e /r/, [+contínuo], de acordo com Clements (1991).

- (120) [a'lajsu]
alai- su
bicho preguiça-S.NOM
“bicho-preguiça”
- (121) [ã'lã:su] ~ [a'lã:su]
alã- su
arara-S.NOM
“arara (geral)”
- (122) [kalaka'la:su]
kala.kala- su
REDUPL.galinha-S.NOM
“galinha”
- (123) [wa'ta;lẽn'su]
uata- li- ãn- su
cabaça-?-CL.oco-S.NOM
“balde”

A lateral coronal /l/ se realiza como o flap [ɾ] quando precedida por vogal coronal, independentemente de nasalidade e laringalização. O processo de rotacismo³⁵ foi observado em meio e final de palavra, em raiz e em fronteira de morfema.

- (124) ['he:rinara]
heli- Ø- na- ra
brigar-3SG-PRES-PF
“ele está lutando, brigando”
- (125) [kwi,ri'¹⁹nãjsu]
kuili- ?nãĩ- su
peixe bagre-lontra-S.NOM
“ariranha”

O [ɺ] ocorre em posição de *onset* como resultado de coalescência³⁶ entre [l] e [s], em fronteira de morfema. Nesse sentido, ele é verificado apenas em final de palavra nominal, em sequências envolvendo o sufixo {-li}, cujo significado não conseguimos acessar nos dados analisados, e o sufixo nominal {-su}. Observe os dados abaixo:

- (126) [ã'tã:ɺu]
ãtã- li- su
colmeia-?-S.NOM
“colmeia”
- (127) ['kãw̃ɺu] ~ ['kãw̃^hɺu]
kãũ- li- su
rio, água-?-S.NOM
“rio, água”
- (128) [a.jɔ'w̃ã:^hɺu] ~ [a.jɔ'w̃ã:ɺu]
a- iɔ- ãã- li- su
INAL-boca-roupa, pele-?-S.NOM
“lábio (lit.: pele da boca)”

Como pode ser visto acima, o ensurdecimento do /l/, que se realiza [ɺ], ocorre como resultado de derivação, em que /lisu/ > [lsu] > [ɺu]. Por vezes, a lateral surda

³⁵ O processo de rotacismo está devidamente descrito no item 3.2.5 *Rotacismo* do capítulo 3.

³⁶ Para mais informações sobre o processo de coalescência consonantal, ver subseção 3.2.6. *Coalescência consonantal* do capítulo 3.

pode ser aspirada, realizando-se [ʰ], devido à presença na subjacência da fricativa coronal surda /s/. Devido ao contexto mencionado, o [ʰ] foi observado formando sílaba apenas com a vogal /u/. Mais alguns exemplos encontram-se abaixo:

- (129) [ta'nũ:ʰu] ~ [ta'nũ:u]
 tanũ- li- su
 anzol-?-S.NOM
 “anzol”

- (130) [ja'ta:ʰu] ~ [ja'ta:u]
 iata- li- su
 veado-?-S.NOM
 “veado, espécie de”

- (131) [kwa'ta:ʰu] ~ [kwa'ta:u]
 kuata- li- su
 panela-?-S.NOM
 “panela”

Caso a vogal que preceda o [ʰ] seja coronal, a lateral sofre rotacismo e realiza-se como [r], podendo variar com o flap aspirado [rʰ] devido à presença da fricativa surda /s/ na subjacência, tal qual ocorre com o [ʰ]. Assim, o [rʰ] foi observado, também, formando sílaba apenas com /u/.

- (132) [sa'wi:ru] ~ [sa'wi:rʰu]
 saui- li- su
 periquito-?-S.NOM
 “periquito”

- (133) [i:ru] ~ [i:rʰu]
 i- li- su
 bugio preto-?-S.NOM
 “bugio preto”

- (134) [ã'hi:ru] ~ [ã'hi:rʰu]
 a- hi- li- su
 INAL-fígado-?-S.NOM
 “fígado”

Foi verificada a líquida lateral em posição de coda em pouquíssimos exemplos na língua, todos em palavras verbais. Nesse contexto, a lateral não se superficializa em posição de coda, mas apenas em posição de *onset*, quando ressilabado para a sílaba seguinte com vogal inicial. Alguns exemplos são os que seguem:

- (135) ['wi:rawa]
 uil- a- ua
 ser bonito, bom-PRES/1SG-IMPF
 “sou bonito, bom”

- (136) ['u:ʔlawa]
 ul- Ø- ʔ- a- ua
 ser longe-3SG-NEG-PRES-IMPF
 “não é longe”

2.1.2.1.2.4.2 O /r/

As interpretações acerca do flap [ɾ] nas línguas Nambikwara são variáveis, sendo esse segmento normalmente compreendido como alofone de outra consoante, geralmente do /t/, para as línguas do ramo do Norte, e do /l/ para o Sabanê e para as línguas do ramo do sul. Como pôde ser visto na descrição da lateral coronal /l/ apresentada anteriormente, o [ɾ] pode ocorrer como alofone do /l/ quando esta consoante é precedida por vogal coronal. Nesse caso, a variação alofônica resultante do processo de rotacismo é perceptível na língua, podendo ser mapeada e descrita.

Há, no entanto, um caso específico em que a realização do flap [ɾ] é categórica, fugindo ao padrão acima observado e levando a outras conclusões envolvendo a língua. Assim, devido a esse contexto particular, neste trabalho, optou-se por considerar o flap /ɾ/ como fonológico devido a duas razões principais.

Em primeira análise, verifica-se a sistematicidade na realização do [ɾ] no sufixo final {-ra}, o qual corresponde a um sufixo verbal de aspecto/gênero³⁷. Observou-se nesse contexto específico que os falantes de Nambikwara do Campo não aceitam variação na produção do [ɾ] com qualquer outro segmento, sendo obrigatória a realização com o flap. Isso ocorre categoricamente na língua, mesmo quando o contexto adjacente, com vogal dorsal, não engatilha o rotacismo e pressupõe a realização com a lateral [l]. Observe os exemplos que seguem, nos quais o [ɾ] encontra-se destacado em negrito:

- | | |
|--|---|
| <p>(137) [ʰoʰnara]</p> <p>hoh- Ø- na- ra</p> <p>nadar-3SG-PRES-PF</p> <p>“ele nada, está nadando”</p> | <p>(138) [wasiʰsiʰnnara]</p> <p>uasi.(ua)sin- Ø- na- ra</p> <p>REDUPL.ser seco-3SG-PRES-PF</p> <p>“é seco”</p> |
|--|---|

Como se pode ver, o flap [ɾ] ocorre mesmo quando precedido pela vogal dorsal [a], contexto em que se esperaria a realização de um [l]. Em segunda análise, encontra-se o forte caráter de identidade linguística atrelado à realização do flap [ɾ] no morfema final {-ra}. Em sua gramática, Kroeker, M. (2001) apresenta seus exemplos grafando esse afixo como sendo [-la]. No entanto, os falantes da língua foram categóricos ao afirmar repetidas vezes que tal forma de falar ou grafar esse sufixo estaria em consonância com as línguas Nambikwara do Sul faladas no Vale do Guaporé, mas não com as línguas do cerrado. Então, eles não reconhecem o morfema final como [-la], e sim como [-ra], sendo esta diferença um forte e relevante fator de identidade linguística para os Nambikwara do Campo. Acrescenta-se, ainda, que não foi verificada variação com qualquer outro segmento nas realizações desse morfema final, sendo o mesmo sempre realizado com o flap [ɾ].

Desse modo, acredita-se que esse importante fator identitário de realização do flap [ɾ] no morfema final {-ra} supramencionado pode ter engatilhado a fonologização deste segmento, razão pela qual se optou por inseri-lo no inventário

³⁷ O sufixo [-ra] indica o aspecto perfectivo e o gênero do ouvinte, nesse caso, masculino, sendo também considerado como a forma *default* da língua (gênero masculino).

fonológico da língua exposto nesse trabalho. Assim, o [r] teria sido fonologizado em um morfema gramatical da língua cuja evolução diacrônica e processos fonológicos ocorridos não se podem mais recuperar, tendo-se então cristalizado como o /r/. Salienta-se que nos demais contextos, isto é, em raízes nominais e verbais e nos demais afixos da língua, as ocorrências do flap observadas são resultantes de processos fonológicos, podendo ser mapeadas. É possível que a fonologização do flap [r] torne-se cada vez mais presente na língua, atingindo raízes lexicais e outros morfemas da mesma. Além disso, tal processo de mudança linguística pode também estar atrelado à influência da língua portuguesa, para a qual o /r/ em *onset* tem *status* fonológico.

Alguns exemplos com o morfema final de aspecto/gênero {-ra} são apresentados abaixo:

- (139) [ĩːnara] (140) [iːd̪nara]
 ãn- Ø- na- ra in- Ø- na- ra
 morder-3SG-PRES-PF voar-3SG-PRES-PF
 “ele morde, está mordendo” “ele voa, está voando”
- (141) [waˈtã̃waˈtã̃mːnara] (142) [kaˈlaːnara]
 uatã.uatã̃n- Ø- na- ra kalan-Ø- na- ra
 REDUPL.ser redondo-3SG-PRES-PF subir-3SG-PRC-PF
 “é redondo” “ele subiu (hoje)”

Para fins de esclarecimento e melhor compreensão da natureza do flap [r], são apresentadas abaixo as interpretações acerca desse segmento nas línguas Nambikwara já estudadas:

Quadro 46 – Interpretações do [r] em línguas Nambikwara

Grupos	Línguas Nambikwara	Interpretação do [r]
N O R T E	Latundê (TELLES, 2002)	/t/ → [r] - Em <i>onset</i> em ambiente intervocálico, restrito a sílaba tônica; - Após /h/ na coda anterior, restrito a sílaba tônica.
	Lakondê (TELLES, 2002 e BRAGA, 2012)	/t/ → [r] - Em <i>onset</i> em ambiente intervocálico, restrito a sílaba tônica; - Após /h/ na coda anterior, restrito a sílaba tônica.
	Mamaindê (EBERHARD, 2009)	/t/ → [r] Em <i>onset</i> ou coda em ambiente intervocálico, restrito a sílaba átona (enfraquecimento coronal);

		Quando precedido por /h/, o /t/ realiza-se como [ɾ]. Há, primeiro, o enfraquecimento coronal (/t/ → [ɾ]) e, depois, o desvozeamento do <i>onset</i> e a coalescência de dois segmentos ([hr] → [ɾ]). O primeiro processo é alofônico e o segundo é fonológico (portanto, [ɾ] não seria um alofone do /t/).
	Negarotê (BRAGA, 2017)	/t/ → [ɾ] Em <i>onset</i> em fronteira de morfema.
SA BA NÊ	Sabanê (ARAÚJO, 2004)	/l/ → [ɾ] - Variação livre diante de /i, u, a/; - Foi verificado um caso de sílaba inicial.
S U L	Nambikwara do Sul (KROEKER, M., 2001)	/l/ → [ɾ] Após vogais anteriores.
	Nambikwara do Campo (SOUSA NETTO, 2018)	/s/ → [ɾ] - Em <i>onset</i> após /h/ em coda. /l/ → [ɾ] - Sempre em final de palavra e em posição postônica; - Pode gerar alongamento vocálico do núcleo silábico; - Geralmente engatilhado pelo /h/ na coda anterior.
	Nambikwara do Campo (própria autora)	/ɾ/ → [ɾ] - Fonologizado diacronicamente; - Morfema final de aspecto/gênero {-ra}; - Atrelado à identidade linguística dos falantes. /l/ → [ɾ] - Rotacismo engatilhado por vogal coronal adjacente na sílaba anterior; - Ocorre em sílaba tônica ou átona; - Ocorre em raiz e em fronteiras de morfema.

A partir da observação do quadro acima, percebe-se que a interpretação do flap [ɾ] como fonológico em Nambikwara do Campo restringe-se a um contexto particular, o morfema de aspecto/gênero {-ra}, considerando-se para tal a sistematicidade em sua produção e o fator identitário dos falantes da língua. Nos demais contextos, as ocorrências do flap são decorrentes de processos fonológicos, tal qual ocorre nas demais línguas da família Nambikwara.

2.1.2.1.2.5 As consoantes glotalizadas

As consoantes, além de poderem ser classificadas como surdas ou sonoras, de acordo com a abertura ou constrição das cordas vocais, também podem ser classificadas articulatoriamente como glotalizadas, como expõe Maddieson (2013). Segundo o autor:

In addition to these two settings [voiced and voiceless sounds] there are other, less commonly used adjustments of the larynx involving either a tighter constriction of the vocal folds and/or a movement of the larynx a short distance up or down in the throat. Consonants with these characteristics are known as **glottalized** (from the word *glottis*, the name given to the space between the vocal folds). (MADDIESON, 2013, grifo do autor)

Assim, as consoantes glotalizadas podem ser agrupadas em 3 classes, a saber: oclusivas ejetivas (nesse trabalho referidas apenas como “ejetivas”), implosivas e soantes glotalizadas. Ainda de acordo com o autor, as ejetivas compreendem o fechamento completo das cordas vocais seguido por um movimento ascendente da laringe. Sendo esses movimentos realizados ao mesmo tempo que a obstrução característica das consoantes oclusivas no trato vocal, o ar no espaço entre as cordas vocais e os articuladores fechados será comprimido, uma vez que a distância entre as duas obstruções é reduzida. Quando a obstrução na boca é liberada, um barulho de explosão característico é criado, configurando as chamadas consoantes ejetivas.

Maddieson (2013) afirma que as consoantes implosivas são segmentos oclusivos produzidos com um movimento da laringe descendente (para baixo). Dessa forma, se esse movimento descendente for suficientemente forte, o ar irá passar brevemente para dentro dos pulmões em vez de para fora quando a obstrução dos articuladores no trato vocal for liberada. Geralmente, quando da produção desses sons, as cordas vocais estão fechadas e, devido a essa possibilidade de inspirar a corrente de ar em vez de expirá-la, dá-se a esses segmentos o nome de implosivos.

A terceira classe de consoantes glotalizadas, composta pelas chamadas soantes glotalizadas, caracteriza-se articulatoriamente pela passagem de uma corrente de ar constante através do trato vocal ou nasal, podendo ocorrer uma maior constrição do que o usual nas cordas vocais, de modo a interromper ou modificar o vozeamento natural desses sons (MADDIESON, 2013).

Percebe-se que, em Nambikwara do Campo, às vezes a explosão característica das oclusivas ejetivas não é tão intensa, assemelhando-se à explosão verificada na produção das demais consoantes oclusivas da língua. No entanto, é perceptível o fechamento das cordas vocais e o alçamento da laringe, configurando uma sequência de duas consoantes: /ʔ/ e segmento oclusivo. De modo semelhante, também é perceptível essa constrição das cordas vocais quando da produção de soante glotalizada, configurando uma sequência /ʔ/ e segmento soante.

Com base em Maddieson (2013), entende-se que essas sequências de sons podem ser interpretadas como um segmento complexo pré-glotalizado, por exemplo

[ʔt] ou [ʔw], como uma consoante glotalizada (ejetiva, implosiva ou soante glotalizada), como [tʰ] ou [wʰ], ou como uma glotal com uma articulação secundária, a exemplo da labializada [ʔʷ].

É importante elucidar o conceito de segmento complexo aqui utilizado. Nesse sentido, Clements e Hume (1996) afirmam:

A *complex* segment is a root node characterized by at least two different oral articulator features, representing a segment with two or more simultaneous oral tract constrictions. This analysis receives striking support from Halle's observation (1983) that we can find doubly articulated complex segments involving all possible pairs of oral articulators, as defined by the articulator features *labial*, *coronal*, and *dorsal*. (CLEMENTS E HUME, 1996)

Desse modo, interpretou-se aqui que a língua apresenta segmentos complexos glotalizados, e não segmentos de contorno, visto que a realização dessas consoantes está muito mais atrelada aos articuladores envolvidos do que a segmentos com binariedade de traços distintivos em suas extremidades.

As consoantes glotalizadas identificadas podem ser de duas ordens: ejetivas³⁸, para o caso das oclusivas, e soantes glotalizadas, no caso das soantes. Tendo em vista que as consoantes implosivas ocorrem em variação com as ejetivas, as mesmas são interpretadas como alofones das segundas e não foram incorporadas ao inventário fonológico da língua. No entanto, acredita-se que, diacronicamente, os segmentos implosivos tenham sido parte do inventário fonológico das consoantes do Nambikwara do Campo, conforme discutido na seção 2.1.2.1.2.1 *As oclusivas*.

Maddieson (2013) afirma também que a distribuição geográfica das línguas que contêm consoantes glotalizadas em seus inventários é bastante regional. As ejetivas podem ser encontradas especialmente nas Américas, em regiões leste e sul da África e no Cáucaso. Consoantes implosivas, por sua vez, são mais particularmente verificadas fora da região setentrional da África e ao sul da Ásia, podendo também ser encontradas nas Américas. Por fim, as soantes glotalizadas ocorrem mais frequentemente nas Américas. Essa distribuição regional dos sons glotalizados nas línguas do mundo sugere uma associação entre oclusivas ejetivas e soantes glotalizadas, mas esta deve ser vista antes como o resultado de uma sobreposição de padrões de propagação em uma única área do que como a consequência de qualquer dependência entre a ocorrência dessas duas classes de consoantes (MADDIESON, 2013).

Para o autor, devido ao fato de a realização de consoantes glotalizadas implicar uma coordenação das ações da laringe com as ações dos articuladores na boca mais intrincada do que o que ocorre com muitos dos sons mais comuns nas línguas do mundo, esses segmentos são interpretados normalmente como segmentos

³⁸ Assim como afirma Maddieson (2013), o termo “ejetivo(a)” aqui usado se refere a uma classe de consoantes glotalizadas mais inclusiva do que o que é geralmente adotado como mais tradicional na literatura.

complexos. Nesse sentido, Maddieson (2013) expõe que o “Princípio do Tamanho” (ou “Size Principle”) propõe que consoantes mais complexas são previstas de ocorrer mais provavelmente em línguas com um maior número de consoantes fonológicas. Desse modo, é esperado que ao menos uma das classes das consoantes glotalizadas ocorra mais frequentemente em línguas com muitas consoantes.

É interessante notar que o Nambikwara do Campo vai em uma direção oposta a esse princípio, uma vez que apresenta um inventário consonantal relativamente pequeno, inclusive menor do que o inventário das vogais, e ainda assim possui consoantes glotalizadas. Além disso, salienta-se o fato de essa língua apresentar, pelo menos, duas classes de consoantes glotalizadas (ejetivas e soantes glotalizadas) fonológicas, considerando-se os dados observados sincronicamente. Se se considerar a presença das consoantes implosivas, as quais não puderam ser confirmadas fonologicamente, mas estão presentes na língua pelo menos a nível de superfície, pode-se dizer que são verificáveis em Nambikwara do Campo as três classes de consoantes glotalizadas, contexto que, por si só, é pouco usual nas línguas do mundo e que se torna ainda mais destoante se considerado junto ao fato de a língua apresentar um inventário consonantal pouco extenso.

Essa realidade pode ser melhor observada a partir da tabela apresentada abaixo elaborada com base em Maddieson (2013). De um total de 567³⁹ línguas observadas pelo autor, apenas 158 apresentam alguma classe de consoante glotalizada (aproximadamente um quarto do total, 27,8%). Dentre essas, as ejéticas são as mais frequentes, seguidas pelas implosivas e, por último, pelas soantes glotalizadas. A tabela abaixo ilustra esse contexto de ocorrências e coocorrências das 3 classes de consoantes glotalizadas em línguas apresentando sons de uma ou mais dessas 3 classes. A primeira coluna numérica apresenta o número de línguas observadas pelo autor com as consoantes glotalizadas, a segunda coluna traz, em porcentagem, a distribuição de ocorrências e coocorrências dessas consoantes entre o total das línguas que apresentam pelo menos uma das classes das glotalizadas (158 línguas de 567) e, por fim, a última coluna numérica traz, também em porcentagem, a distribuição das ocorrências e coocorrências desses segmentos levando-se em consideração todas as línguas (567) analisadas por Maddieson (2013).

³⁹ Em seu trabalho, o autor menciona, primeiramente, um total de 567 línguas e, mais adiante, 566. Aqui, optou-se por considerar o montante de 567 inicialmente exposto por Maddieson (2013).

Tabela 1 – Distribuição das ocorrências e coocorrências das consoantes glotalizadas entre as línguas consideradas por Maddieson (2013)

Línguas	Número de línguas	% do total de 158 línguas	% do total absoluto de 567 línguas
Consoantes glotalizadas			
Ejetivas (apenas)	58	36,7%	10,2%
Implosivas (apenas)	55	34,8%	9,7%
Soantes glotalizadas (apenas)	4	2,5%	0,7%
Ejetivas e implosivas	14	8,8%	2,5%
Ejetivas e soantes glotalizadas	20	12,6%	3,5%
Implosivas e soantes glotalizadas	4	2,5%	0,7%
Ejetivas, implosivas e soantes glotalizadas	3	1,9%	0,5%
Total de línguas com pelo menos uma classe de consoantes glotalizadas	158	100%	27,8%
Total de línguas analisadas	567		100%

FONTE: Adaptado de MADDIESON, Ian. 2013. Glottalized Consonants. In: Dryer, Matthew S. & Haspelmath, Martin (eds.) The World Atlas of Language Structures Online. Leipzig: Max Planck Institute for Evolutionary Anthropology. (Disponível em: <<http://wals.info/chapter/7>>. Acessado em 01 de maio de 2019.)

Em sua gramática do Nambikwara do Sul, Kroeker, M. (2001, p.109) já aponta para a existência de consoantes ejéticas, as quais foram apresentadas no quadro 40 deste capítulo e, para fins de elucidação, seguem novamente abaixo:

Quadro 47 – Os fonemas consonantais ejéticos da língua Nambikwara segundo Kroeker, M. (2001)

FONEMAS CONSONANTAIS EJÉTIVOS (KROEKER, M., 2001)						
	Bilabiais	Lábio-dental	Alveolar	Palatal	Velar	Glotal
Oclusivas	pʔ		tʔ		kʔ	
Oclusiva labializada					kwʔ	
Nasal			ʔn			
Lateral			ʔl			
Fricativa			sʔ			hʔ
Glides		ʔw		ʔy		

Segundo o autor e conforme evidenciado no quadro acima, os segmentos ejéticos por ele apresentados são caracterizados por uma oclusão glotal, podendo esta ocorrer antes da consoante, no caso dos segmentos contínuos e dos glides, ou após as consoantes, no caso das oclusivas e fricativas (KROEKER, 2001, p.109).

Em seu dicionário, Kroeker, M. (1996), apesar de não mencionar as consoantes ejetivas, apresenta vários exemplos de palavras contendo esses segmentos, algumas das quais puderam ser confrontadas com os dados analisados e confirmadas. Assim, vários exemplos que são apresentados nessa seção para ilustrar as consoantes glotalizadas coincidem com o que o autor expõe no seu dicionário e grafa como segmentos ejetivos. Tal confirmação por si só não é suficiente para corroborar a existência a nível fonológico das consoantes glotalizadas, mas, em conjunto com outros parâmetros de análise, constitui mais um argumento a favor dessa interpretação.

Eberhard (2009, p.74-6) também apresenta algumas considerações a respeito das consoantes glotalizadas em Mamaindê. Segundo o autor, é comum encontrar um segmento glotal adjacente a outra consoante na língua, sendo difícil discernir quando esses segmentos ambíguos são compostos por um único segmento ou dois segmentos simples contíguos. Essas sequências a que Eberhard (2009) se refere são: [tʔ], [kʔ], [nʔ], [ʔd], [ʔg], [ʔn], [ʔm], [ʔs] e [ʔw]. Inicialmente, tais consoantes glotalizadas haviam sido consideradas como um segmento único complexo para o Mamaindê, tendo sido essa uma decisão teórica feita pelo autor em trabalhos anteriores sobre a língua levando em consideração o *template* da sílaba, com *onset* simples. Assim, a decisão de considerar sequências do tipo glotal-consoante como um único segmento estava de acordo com o que se observava no comportamento da sílaba na língua. Em estudos posteriores e na gramática do Mamaindê, Eberhard (2009) verificou que a sílaba permite *onset* complexo, e, sendo assim, analisar tais sequências de segmentos como um segmento único não traria implicações diretas para a sílaba, mas sim para o inventário segmental consonantal da língua, que ficaria mais complexo.

Nessa perspectiva, o autor afirma que vários aspectos foram levados em consideração para se chegar à interpretação de sequências glotal-consoante como sendo dois segmentos simples em vez de um único segmento complexo. Em Mamaindê, a maioria desses segmentos glotalizados não ocorre em posição inicial da palavra e, quando em contexto intervocálico, essas consoantes podem sofrer processos de apagamento, separação por ressilabação ou metátese. Eberhard (2009, p.74) argumenta, então, que esses processos fonológicos não ocorrem com outros fonemas complexos da língua, a exemplo das oclusivas aspiradas, e, portanto, interpreta as sequências de glotal-consoante como sendo dois segmentos separados.

Finalmente, Eberhard (2009, p.75-6) expõe que parte do desafio de analisar esses sons glotalizados é que eles são às vezes difíceis de escutar, particularmente quando envolvem a oclusiva dorsal [k] ou quando ocorrem em início de palavra. O autor acrescenta, ainda, que, no que se refere ao morfema sufixal nominal final /-tu/, a natureza glotalizada da consoante inicial parece estar morrendo gradualmente na língua junto aos falantes mais velhos. Segundo ele:

The history of this special articulation of the /-tu/ can only be guessed at. It may be that there were more laryngealized consonants in the parent language, or that the /u/ vowel in this morpheme used to be laryngealized and has since passed its [+constricted larynx] feature on to the preceding consonant. (EBERHARD, 2009, p.76)

Trazendo para o contexto do Nambikwara do Campo essas considerações apontadas por Eberhard (2009) para o Mamaindê, observa-se que, de fato, são poucos os exemplos em que as consoantes glotalizadas ocorrem em início de palavra. No entanto, não foram atestados processos fonológicos de metátese ou ressilabação com perda da glotalização no que concerne a essas consoantes⁴⁰. Com relação à metátese, não foi visto nos dados casos em que, em uma glotalizada do tipo [ʔt], a parte glotal troca de lugar com o [t]. Assim, em um exemplo como “mulher”, /^ʔtuha/, [ʔtu:ha], não ocorre *[ʔtu:ha] ou *[t^ʔu:ha]. Quanto à ressilabificação, se a consoante glotalizada ocorrer em coda, esta pode, em final de domínio, passar por cima de fronteira de morfema e funcionar como onset de sílaba com vogal inicial, e, quando isso ocorre, a glotalização nunca se perde, como mostra a palavra “flecha” /hau^ʔt-a/, [ʔhaw.ða] ~ [haw.ʔta].

Paralelamente a isso, no que se refere à sílaba⁴¹ em Nambikwara do Campo, sabe-se que sua estrutura máxima é (C)V(C)(C), para a sílaba fonológica, e (C)(C)V(C)(C), para a sílaba resultante de processos fonológicos. No entanto, há uma restrição que deve ser levada em consideração, principalmente no que se refere aos contextos em que as consoantes glotalizadas ocorrem em *onset* em início de palavra, que é o fato de a oclusiva glotal /ʔ/ como fonema independente estar licenciada apenas para a posição de *onset* silábico. Nessa perspectiva, interpretar sequências do tipo [ʔn] ou [ʔt] como sendo dois segmentos simples em posição de *onset* contraria o funcionamento da sílaba do Nambikwara do Campo e o Princípio de Sonoridade (CLEMENTS, 1990) presente na maioria das sílabas das línguas do mundo.

Assim como já apontado por Eberhard (2009) para alguns contextos específicos do Mamaindê, a partir da observância do comportamento dos segmentos glotalizados nos dados analisados do Nambikwara do Campo, é possível afirmar que os mesmos estão caindo em desuso, sendo comum não ocorrer a consoante glotalizada na fala de informantes mais jovens. Além disso, percebe-se que, mesmo na fala de informantes mais velhos, pode haver variação entre a produção da consoante glotalizada e de suas contrapartes não-glotalizadas, além de laringalização alofônica de vogais contíguas. Devido a esses fatores que envolvem o processo sincrônico de mudança linguística, reforçado particularmente pela forte influência da língua portuguesa, língua de prestígio na comunidade, foram encontrados poucos exemplos com os segmentos em questão, mas, ainda assim, foi possível comprovar sua existência na língua tanto em raízes quanto em morfemas gramaticais.

Nos contextos em que não é possível distinguir com exatidão a natureza do segmento glotalizado, optou-se por não considerar a sequência de consoante glotal +

⁴⁰ É importante lembrar que há escassez de dados com as consoantes glotalizadas. Assim, hipoteticamente, se houvesse mais dados com essas consoantes específicas e, portanto, mais contextos de produção, talvez fosse possível verificar a ocorrência dos processos fonológicos mencionados. Para os dados analisados no presente trabalho, porém, tais processos não foram identificados junto às consoantes glotalizadas.

⁴¹ Para mais informações sobre a sílaba em Nambikwara do Campo, ver o Capítulo 3, seção 3.1 *A sílaba*.

não-glotal como um segmento complexo, e sim como dois segmentos simples, no caso, consoante oclusiva glotal em coda e consoante não-complexa em *onset*, a exemplo do que ocorre com a palavra “sapo”: /kaʔlensu/, [kaʔ^hle^dn^hsu].

É sabido que o Nambikwara do Campo apresenta 9 segmentos consonantais, quais sejam: /p, t, k, ʔ, s, n, l, r, h/. Desse total, apenas 1, a oclusiva glotal /ʔ/, não é passível de apresentar uma contraparte glotalizada devido à sua natureza articulatória. Quanto aos demais, foi verificada e comprovada acusticamente a ocorrência da contraparte glotalizada na subjacência em 4 segmentos, formando, assim, as consoantes /^hp, ^ht, ^hk, ^hn/, conforme pode ser visto no quadro abaixo:

Quadro 48 – Os fonemas consonantais glotalizados do Nambikwara do Campo

CONSOANTES GLOTAIZADAS				
		Lábio-dental [+labial]	Alveolar [+coronal]	Velar [+dorsal]
Ejetivas [-soante] [+laringal]	Oclusivas	^h p	^h t	^h k
Soante glotalizada [+soante] [+laringal]	Nasal		^h n	

Foi encontrada apenas uma ocorrência da oclusiva labial ejetiva /^hp/. A pouca quantidade de dados com esse segmento se justifica pelo fato de segmentos labiais serem pouco frequentes na língua. No entanto, optou-se por manter a labial ejetiva /^hp/ no inventário das consoantes devido ao fato de a mesma ser categoricamente pronunciada com a implosiva labial [ɓ] por todos os falantes entrevistados no que se refere à palavra “melão”: [ʔɓɛːr^hu], /^hpɛlisu/. Tendo em vista que as consoantes implosivas, tal qual ocorre com a coronal [ɗ], alofone de /^ht/, são aqui interpretadas como realizações alofônicas das ejetivas homorgânicas, entendeu-se que a ocorrência sistemática de [ɓ] na palavra mencionada entre os falantes é um argumento a favor da interpretação do /^hp/ como fonológico.

Apesar de Kroeker, M. (2001) mencionar a presença de várias outras consoantes glotalizadas na língua, não foi possível confirmá-las nos dados analisados sincronicamente nesse trabalho. A seguir, serão introduzidas e descritas as consoantes glotalizadas do Nambikwara do Campo, as quais se dividem em duas classes: ejetivas e soantes glotalizadas. Nos espectrogramas, a linha amarela diz respeito à intensidade (acento) e a linha azul, ao *pitch*. Além disso, são apresentadas três linhas abaixo dos espectrogramas: a primeira mostra a duração dos segmentos em segundos, a segunda traz a transcrição fonética da palavra e, finalmente, a última corresponde à tradução da mesma para o português.

2.1.2.1.2.5.1 As ejetivas

As consoantes oclusivas ejetivas encontradas na língua são três, a saber: /^ʔp, ^ʔt, ^ʔk/. Todas ocorrem em posição de *onset*, e apenas o /^ʔt/ foi identificado em coda. Nos espectrogramas apresentados para as oclusivas ejetivas, não foi realizada a separação do segmento complexo formado pela oclusão glotal e o [p, t, k] porque não se sabe ao certo onde a oclusão glotal termina e o [t, k] começam, uma vez que a glotal não apresenta *burst* (explosão). Desse modo, a mensuração do tempo referente à realização das ejetivas foi feita para o segmento complexo como um todo.

A seguir, serão apresentadas e descritas as consoantes ejetivas verificadas em Nambikwara do Campo⁴².

2.1.2.1.2.5.1.1 O /^ʔt/

A oclusiva coronal glotalizada /^ʔt/ possui uma distribuição na língua mais ampla do que as demais ejetivas e pode ser realizada como [ʔt, t, d]. Ela foi encontrada tanto em raiz quanto em morfema, tanto ocupando a posição de *onset* quanto a de coda na sílaba, além de poder ocorrer em sílabas acentuadas e não acentuadas.

- | | |
|---|--|
| <p>(143) [ʔdihʔa]
 ^ʔtihʔ- a
 cobra-S.NOM
 “cobra (geral)”</p> | <p>(144) [ʔk^hwidisu] ~ [ʔk^hwidisu]
 kui^ʔti- su
 veado-S.NOM
 “veado do campo”</p> |
| <p>(145) [sad̥saʔd̥^hnnara]
 sa^ʔt̥e.sa^ʔt̥en- Ø- na- ra
 REDUPL.ser verde-3SG-PRES-PF
 “é verde”</p> | <p>(146) [ʔkĩn₁d̥a] ~ [ʔkĩn₂d̥a]
 k̃n- ^ʔti- a
 alto-ADVZ-S.NOM
 “em cima”</p> |
| <p>(147) [ʔd̥ɛ:r^hu]
 ^ʔt̥ɛ- li- su
 mosca-?-S.NOM
 “mosca”</p> | <p>(148) [ʔhisak₁d̥a] ~ [ʔhisak₂d̥a]
 his- a- ka^ʔt- a
 árvore-S.NOM-CL.comprido-S.NOM
 “tronco (de árvore)”</p> |

Sabe-se que as consoantes implosivas em Nambikwara do Campo são alofônicas e estão caindo em desuso na língua tendo em vista o processo diacrônico de mudança linguística, que pode estar ocorrendo, inclusive, devido à influência do Português, língua de prestígio, junto à comunidade indígena. Nesse trabalho, a consoante implosiva coronal [d], que ocorre sempre em *onset*, foi interpretada como alofone da ejetiva /^ʔt/.

⁴² Essa descrição inicia pelo /^ʔt/ em vez do /^ʔp/ devido ao fato de, como mencionado acima, só ter sido observada uma ocorrência da oclusiva labial glotalizada /^ʔp/.

- (149) ['dajna] ~ ['dajna] ~ ['tajna]
[?]ta- ai(li)- na
 POS.1SG-DEM-MT
 “eu”
- (150) ['du:ha]
[?]tuh- a
 urucum-S.NOM
 “urucum, mulher”
- (151) ['dihʔa tahsu]
[?]tihʔ- a- ta- su
 cobra-S.NOM-INTENS.grande-S.NOM
 “sucuri (cobra grande)”

Em raiz, um caso particularmente interessante do /ʔt/ pode ser verificado nas ocorrências da palavra “flecha”, /hauʔtsu/, ['hawʔtsu]. Nesse exemplar da língua, a ejetiva coronal ocorre em coda fonológica, podendo ser ressilabada e formar *onset* com a vogal da sílaba seguinte, a exemplo do sufixo nominal {-a}. Nessa palavra, o /ʔt/ pode realizar-se como [t, ʔt] quando ocorre em coda sem ser ressilabificado e como [t, ʔt, d] quando passa a *onset* fonético junto ao morfema final {-a}, sendo a implosiva coronal [d] preferível nesse contexto.

Vale lembrar que, embora as implosivas realizem-se quase que categoricamente na língua em sílabas tônicas, esses segmentos também podem ocorrer em sílabas com *pitch* alto, caso em que se enquadra o contexto acima descrito de realização final do [d] junto ao {-a}, morfema lexicalizador com tom alto. Também foi observada a laringalização alofônica da vogal [a] do sufixo final, podendo ser esta produzida como [ã]. Abaixo são apresentados exemplos contendo a raiz /hauʔt-/ tanto em palavra isolada quando em contexto de fala:

- (152) ['hawʔtsu] ~ ['hawʔtisu]
 hauʔt- su
 flecha-S.NOM
 “flecha”
- (153) ['hawʔdã] ~ ['hawt'ã]
 hauʔt- a
 flecha-S.NOM
 “flecha”
- (154) ['hawdã,kadã]
 hauʔt- a- kaʔt- a
 flecha-S.NOM-CL.comprido-S.NOM
 “flecha”
- (155) [tʃahla # 'hawdã,kadã # ũhũ^hsanara]
 te- jahlo- a hauʔt- a- kaʔt- a ũhũ- sa- na- ra
 DEM-CL.masc-S.NOM flecha-S.NOM-CL.comprido-S.NOM dar-O.1SG-PRES-PF
 “ele está me dando uma flecha”

Figura 11 – Espectrograma de “flecha”: exemplo da ejetiva coronal /ʔt/ em fronteira de raiz com sufixo nominal {-a}

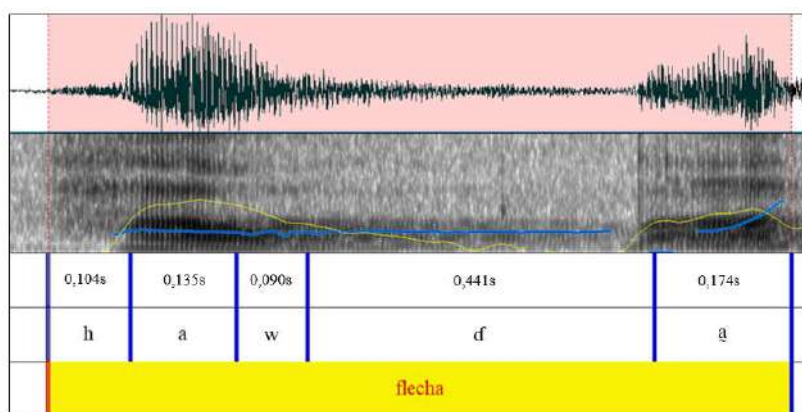
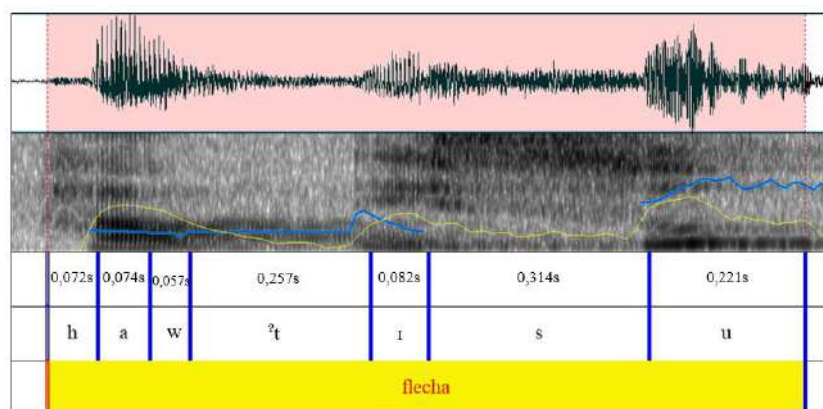


Figura 12 – Espectrograma de “flecha”: exemplo da ejetiva coronal /ʔt/ em fronteira de raiz com sufixo nominal {-su}



A ejetiva coronal /ʔt/ também foi verificada no morfema sufixal adverbializador {-ʔti}. Nesse afixo, o /ʔt/ ocupa a posição de *onset* na sílaba e pode ser realizado foneticamente como [t, ʔt, d]. Foi verificada a laringalização alofônica da vogal nuclear do afixo, que pode realizar-se como [i, ɨ, e, ɛ]. O adverbializador {-ʔti} vem comumente seguido por um sufixo nominal final que, quando é o {-a}, promove a queda do [i] átono e a formação de sílaba junto ao /a/, que pode realizar-se como [a, ɶ]. Alguns exemplos com a produção do adverbializador {-ʔti} estão dispostos a seguir.

- (156) [ʼkaʔnãdã] ~ [ʼkaʔnãdã̃]
 kaʔna- ʔti- a
 noite-ADVZ-S.NOM
 “à noite”
- (157) [ʼkĩᵐdã] ~ [ʼkĩᵐdã̃]
 kĩn- ʔti- a
 alto-ADVZ-S.NOM
 “em cima”
- (158) [waʼsu:ḁḁ # ʼsi:ha # wãʔdõ:natowa]
 uasu- ʔti- sih- a uã- ʔton- a- tu- ua
 rápido-ADVZ casa-S.NOM INSTR.mão-construir-1SG-FUT-IMPF
 “vou construir rapidamente uma casa”
- (159) [ʼḁajna # waʼsu:ḁḁ # hiʼnẽ:ka # ʼĩkaʼla:nawa]
 ʔta- ai(li)- na uasu- ʔti- hinẽki- a
 POS.1SG-DEM- MT rápido-ADVZ árvore-S.NOM
 ʼĩ- kalan- a- ua
 INSTR-subir-PRES/1SG-IMPF
 “eu subo rápido na árvore”

Outra ocorrência da ejetiva coronal /ʔt/ encontra-se no morfema classificador nominal sufixal de configuração {kaʔt-}, afixo acentuado que significa “cilíndrico, comprido”. Nesse sufixo, a ejetiva pode realizar-se como [t, ʔt, d] e também pode laringalizar a vogal nuclear. É comum, ainda, a ressilabação desse segmento, que passa para o *onset* da sílaba subsequente, contexto no qual é frequente sua realização como a implosiva coronal [d]. É interessante observar que, no que tange ao morfema classificador nominal {-kaʔt-}, já apontado por Kroeker, M. em suas obras, não há um consenso por parte do autor quanto à sua representação, tendo ele o grafado como <-kax⁴³-> (KROEKER, M., 1996), significando “como pau (comprido, maciço, e cilíndrico)”, e como <-kat> (KROEKER, M., 2001), denotando “comprido, sólido e cilíndrico”. No presente trabalho, interpreta-se, então, esse morfema como apresentando a ejetiva coronal /ʔt/ na subjacência em posição de coda, e não um segmento simples como seriam o [ʔ] ou o [t] apontados por Kroeker, M. (1996; 2003).

- (160) [ʼhi:sa,kadã]
 his- a- kaʔt- a
 árvore-S.NOM-CL.comprido-S.NOM
 “tronco”

⁴³ Na notação adotada por Kroeker, M. (1996, 2001), o <x> corresponde à oclusiva glotal [ʔ].

(161) [ʰi:sa,kəʔtsu]

his- a- kaʔt- su
 árvore-S.NOM-CL.comprido-S.NOM
 “galho, pau, madeira”

(162) [tʰahla # ʰawta,kadə # ũ,hũhʰsanara]

te- iahlo- a hauʔt- a- kaʔt- a
 DEM-CL.masc-S.NOM flecha-S.NOM-CL.cilíndrico-S.NOM
 ũhũ- sa- na- ra
 dar-O.1SG-PRES-PF
 “ele está me dando uma flecha”

Verificou-se, ainda, que é comum haver laringalização alofônica das vogais nucleares da sílaba formada com a ejetiva coronal /ʔt/ ou a ela adjacentes. Foram observadas as realizações vocálicas laringais [ɪ̰, ɛ̰, ʌ̰], todas resultantes do espriamento do traço [laringal] pela consoante ejetiva e da assimilação do mesmo pelas vogais.

(163) [ʰi:sa,kadə̰] ~ [ʰi:sa,kədə̰]

his- a- kaʔt- a
 árvore-S.NOM-CL.comprido-S.NOM
 “tronco”

(164) [waʰsu:ʔtɛ̰] ~ [waʰsu:d̰i]

uasu- ʔti
 rápido-ADVZ
 “rapidamente”

2.1.2.1.2.5.1.2 O /ʔk/

A consoante ejetiva dorsal /ʔk/ tem uma realização restrita na língua, tendo sido encontrada em apenas algumas raízes lexicais, à exemplo de /huʔki/ “arco”. Essa raiz também dá origem à palavra “espingarda”, conforme será explicado abaixo.

O /ʔk/ ocorre diante de [a, ʌ, i, e] e possui como alofones [ʔk, k], sendo esse último mais frequente em fala acelerada. Ele pode ocorrer em sílaba acentuada ou não acentuada:

(165) [ʔkĩhnã]

ʔkĩh- nũ- a
 areia-CL.pó, grão-S.NOM
 “areia”

(166) [ʰu:ʔksu] ~ [ʰu:kisu]

huʔki- su
 arco-S.NOM
 “arco”

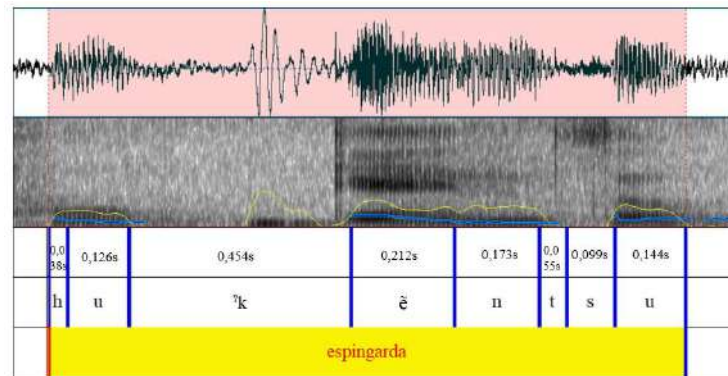
- (167) [ʰhu:kā]
 huʔki- a
 arco-S.NOM
 “arco”

- (168) [ʰhu:kā # ʰteᵈnˈsaᵂnawa]
 huʔki- a ten- sa- na- ua
 arcoS.NOM AUX.querer-O.1SG-PRES-IMPF
 “eu quero o arco”

A raiz /huʔki/ “arco” também forma a palavra “espingarda” a partir do acréscimo do classificador nominal sufixal {-ên}, que remete a “buraco, oco”. O classificador ocorre entre a raiz lexical e o sufixo nominal final {-su} ou {-a}. Nota-se que, uma vez que o classificador nominal não possui *onset* consonântico, há a síncope da vogal átona [i] da sílaba [ʔki] e o /ʔk/ é ressilabificado, passando a formar a sílaba [ʰkēn], a qual é acentuada. Alguns exemplos de ocorrência desses contextos estão dispostos a seguir, assim como o espectrograma da palavra “espingarda”, no qual é possível observar a realização da ejetiva dorsal /ʔk/.

- (169) [ʰhu:ʔkēnᵈzu]
 huʔki- ên- su
 arco-CL.oco-S.NOM
 “espingarda”

- (170) [ʰhu:kēna # ʰteᵈnˈsaᵂnawa]
 huʔki- ên- a ten- sa- na- ua
 arco-CL.oco-S.NOM querer-O.1SG-PRES-IMPF
 “quero uma espingarda”

Figura 13 – Espectrograma de “espingarda”: exemplo da ejetiva dorsal /ʔk/ em fronteira de morfema

Pode ocorrer a laringalização do {-a}, sufixo nominal final, quando a ejetiva dorsal /ʔk/ é ressilabificada e passa a formar sílaba junto a essa vogal. Isso ocorre devido ao espraçamento do traço [laringal] da consoante glotalizada, que é assimilado pelo segmento vocálico. Não foi verificada a laringalização do [u] que compõe a raiz nominal /huʔki/.

- (171) [ɖ̥aʔhu:k̥a]
 ʔta- huʔki- a
 POS.1SG-arco-S.NOM
 “meu arco”

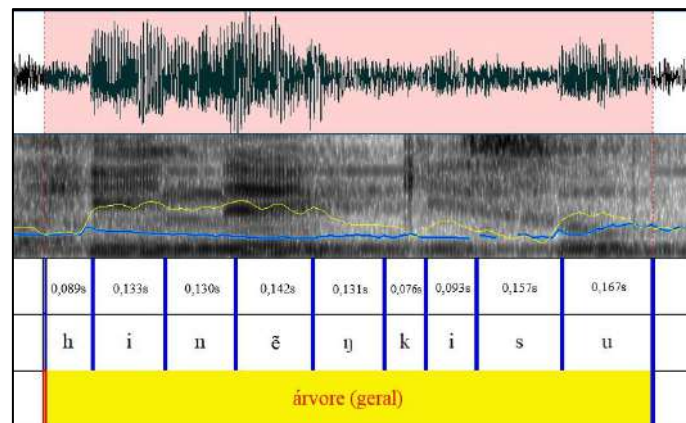
2.1.2.1.2.5.2 A soante glotalizada /ʔn/

A única soante glotalizada verificada foi o /ʔn/. A nasal coronal glotalizada /ʔn/ foi atestada em posição de *onset* em sílabas tônicas e diante das vogais /ã, ẽ/. Ela pode ser realizado como [ʔn] ou [n], quando em fala acelerada. Observe os exemplos a seguir:

- (172) [ãʔnãntsu] (173) [ʔhinẽʔkisu]
 a- ʔnã- su hinẽnki- su
 INAL-folha-S.NOM árvore-S.NOM
 “folha (geral)” “árvore (geral)”
- (174) [ʔhiʔnãntsu]
 hi- ʔnã- su
 árvore-CL.folha-S.NOM
 “folha (da árvore)”

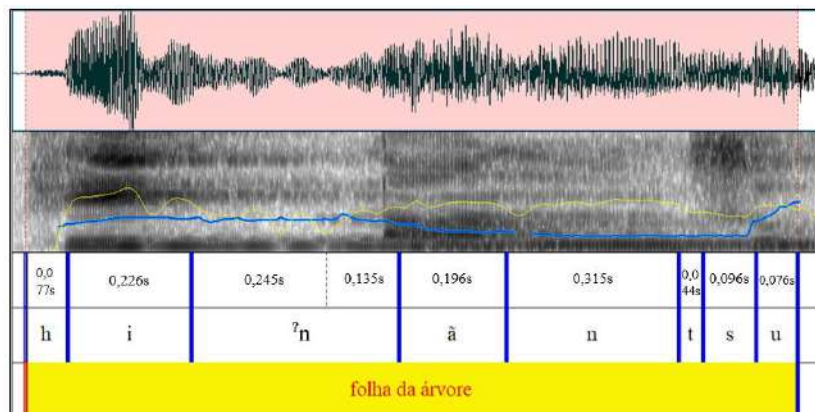
Na palavra “folha (da árvore)”, pode-se verificar na primeira sílaba a raiz da palavra “árvore” e, em seguida, a raiz de “folha”. Sabendo-se que não há oclusão glotal na realização de “árvore”, conforme pode ser visto no espectrograma abaixo, compreende-se que a oclusão verificada em “folha (da árvore)” pertence à raiz nominal de “folha”. A seguir são apresentados os espectrogramas de “árvore (geral)” e de “folha (da árvore)” para fins de ilustração.

Figura 14 – Espectrograma de “árvore (geral)”



Como pode ser visto acima, não há oclusão glotal na raiz da palavra “árvore (geral)”. Abaixo segue a representação no espectrograma de “folha (da árvore)” com oclusão glotal e, portanto, a presença da nasal coronal glotalizada /^ʔn/:

Figura 15 – Espectrograma de “folha (da árvore)”



Também é possível visualizar a ocorrência do /n/ em fronteira de raiz com o morfema prefixal de inalienabilidade {a-}, sempre presente em palavras que remetem a partes do corpo humano. Assim, quando uma glotal segue o prefixo {a-}, sabe-se

Foi observada laringalização alofônica da vogal nuclear da sílaba com a nasal coronal glotalizada /ʔn/ em *onset* e de vogais a ela adjacentes devido ao espriamento do traço [laringal] da soante glotalizada.

- (179) [aʔnẽ'haj^dn'su] ~ [aʔnẽ'haj^dn'su] (180) [aʔna'nẽn'su] ~ [aʔnã'nẽn'su]
 a- ʔnẽhain- su a- ʔnanẽn- su
 INAL-perna-S.NOM INAL-orelha-S.NOM
 “perna” “orelha”

2.1.2.2 Vogais

Na língua Nambikwara do Campo, foram verificados 18 fonemas vocálicos, os quais compreendem vogais orais, orais laringais, nasais e nasais laringais. Assim, a língua apresenta um número maior de vogais do que de consoantes. Os fonemas vocálicos identificados estão apresentados no quadro a seguir:

Quadro 49 – Os fonemas vocálicos do Nambikwara do Campo

FONEMAS VOCÁLICOS						
	Vogais orais e nasais			Vogais laringais e nasais-laringais		
Altas	i		u	ĩ		ũ
Altas nasais	ĩ		ũ	ĩ̃		ũ̃
Médias	e		o	ẽ		õ
Médias nasais ⁴⁴	ẽ			ẽ̃		
Baixas		a			ã	
Baixas nasais		ã			ã̃	

Paralelamente, o quadro com as vogais do Nambikwara do Campo com base em Clements e Hume (1995) é o que segue:

⁴⁴ As interpretações dadas às vogais médias nasais subjacentes nas línguas Nambikwara não são consensuais, havendo, aparentemente, comportamentos distintos quanto a esses segmentos principalmente no que se refere às línguas do ramo Nambikwara do Norte e Nambikwara do Sul. Em Latundê, conforme atesta Telles (2002), não há vogais médias nasais ou nasais laringais fonológicas, do mesmo modo que em Negarotê, segundo Braga (2017). Sousa Netto (2018) afirma que o mesmo ocorre com o Nambikwara do Campo, apesar de deixar claro que análises detalhadas são necessárias para confirmar a hipótese. Em Mamaindê, Eberhard (2009) verificou a presença a nível fonológico das vogais médias nasais. Kroeker, M. (2001) verifica a presença da vogal média nasal coronal /ẽ/ e da vogal média nasal laringal coronal /ẽ̃/.

Quadro 50 – fonemas vocálicos do Nambikwara do Campo com base em Clements e Hume (1995)

FONEMAS VOCÁLICOS DE ACORDO COM CLEMENTS E HUME (1995)				
[+silábico] [+vocoide]		[coronal]	[dorsal]	[labial] [dorsal]
[-aberto 1] [-aberto 2]	oral	i		u
	nasal	ĩ		ũ
	laringal	ᵢ		ᵘ
	nasal laringal	ĩ̃		ũ̃
[-aberto 1] [+aberto 2]	oral	e		o
	nasal	ẽ		
	laringal	ᵉ		ᵒ
	nasal laringal	ẽ̃		
[+aberto 1] [+aberto 2]	oral		a	
	nasal		ã	
	laringal		ᵃ	
	nasal laringal		ã̃	

Os traços relevantes considerados na subyacência para a classificação e identificação dos segmentos vocálicos na língua Nambikwara do Campo foram altura, qualidade, arredondamento, laringalização e nasalidade e estão devidamente descritos abaixo⁴⁵:

- Altura: foram identificados três níveis de abertura, sendo as vogais classificadas como altas (/i, u, ᵢ, ᵘ/), médias (/e, o, ẽ, ᵒ/) e baixas (/a, ᵃ/);
- Qualidade: verificaram-se vogais anteriores (coronais) (/i, e, ᵢ, ẽ/), centrais (dorsais) (/a, ᵃ/) e posteriores (dorsais e labiais) (/u, o, ᵘ, ᵒ/);
- Arredondamento: esse traço restringe-se às vogais posteriores (labiais e dorsais) (/u, o, ᵘ, ᵒ/);
- Laringalização: diz respeito ao traço “creaky voice” do *International Phonetic Alphabet* (IPA, revisado em 2015) e presente na língua em cinco vogais orais (/ᵢ, ᵘ, ẽ, ᵒ, ᵃ/) e em quatro vogais nasais (/ĩ, ũ, ẽ̃, ã̃/);
- Nasalidade: verificada nas vogais não-laringais /ĩ, ũ, ẽ, ã/ e nas vogais laringais /ᵢ, ᵘ, ẽ̃, ã̃/.

⁴⁵ Esses traços estão em conformidade com o que Telles (2002) apresenta para o Latundê e Lakondê.

A seguir, serão devidamente introduzidas as oposições vocálicas e a descrição e distribuição dos segmentos vocálicos do Nambikwara do Campo. Nos casos em que não foi possível encontrar pares mínimos perfeitos, foram apresentados pares análogos. Os contextos relevantes estão destacados em negrito:

2.1.2.2.1 Oposições vocálicas

/i/ : /ĩ/ : /ĩ̃/ : /u/

[^l innara]	/innara/	“ele/a está segurando/amamentando”
[^l ĩnnara]	/ĩnnara/	“ele está mordendo”
[^l ĩnnara]	/ĩnnara/	“está pegando fogo, brasa”
[^l uunara]	/uunara/	“é longe”
[_l d̥a ^h hi:ka]	/ ^ʔ tahikia/	“minha mão”
[_l d̥a ^h hu:k̥a]	/ ^ʔ tahu ^ʔ kia/	“meu arco”

/ĩ/ : /i/

[ane ^l kĩ̃su]	/anekĩ̃ssu/	“cabelo (dele)”
[a ^l nekisu]	/anekisu/	“cabeça (dele)”

/ẽ/ : /ĩ/

[^l d̥ẽr ^h u]	/ ^ʔ tẽ̃lisu/	“mosca”
[ka ^l d̥ĩ̃ru]	/ka ^ʔ tilisu/	“pulga”

/ĩ/ : /ũ/ : /ũ̃/

[^l kĩ̃su]	/kĩ̃su/	“cupinzeiro claro”
[^l k ^h ũ̃tsu]	/kũ̃tsu/	“mosquito, espécie de”
[^l kũ̃n ^l su]	/kũ̃nsu/	“algodão”

/u/ : /ũ/ : /ũ̃/

[a ^l lũ̃su]	/alũ̃su/	“rato”
[a ^l lũ̃tsu]	/alũ̃tsu/	“tatu-bola”
[wa ^l lũ̃tsu]	/ualũ̃tsu/	“cabaça”
[a ^l lũ̃su]	/alũ̃su/	“anta”
[^l ju:su]	/iusu/	“verme”
[^l jũ ^h u]	/iũ̃lisu/	“faca”
[^l jũ̃su]	/iũ̃̃su/	“carrapato”

/e/ : /ẽ/

[satesa'te ^d nnara]	/satesatennara/	“é amarelo”
[sadẽsa'dẽ ^d nnara]	/sa'tẽsa'tẽnnara/	“é verde”

/e/ : /ẽ/ : /ẽ̃/ : /ã̃/

[wẽ ^d n'su]	/uensu/	“bacaba (palmeira)”
[wẽ ⁿ n'su]	/ũẽnsu/	“plantação baixa, capim, pântano”
[wẽ ^ẽ n'su]	/ũẽ̃nsu/	“capim molhado”
[sa'wẽã ⁿ 'su]	/saũã̃nsu/	“formiga, espécie de”

/o/ : /u/

[a'jõ:kisu]	/ajõkisu/	“intestino”
[a'ju:kisu]	/aiũkisu/	“pé”

/ã/ : /ã̃/

[ta'lãũsu]	/talãũsu/	“lagarto, espécie de”
[ja'lãũsu]	/ialãũsu/	“taioba”

/ã̃/ : /a/

[wã̃j ^r h'u]	/ũã̃lisu/	“flauta sagrada”
[waj ^r h'u]	/uailisu/	“espinho”

A seguir, os segmentos vocálicos serão descritos tendo em vista sua distribuição e alofonias. Para tal, a seção 2.1.2.2.2 abaixo será subdividida em duas partes, a primeira é destinada às vogais orais e laringais da língua, sendo abordada a atual situação de produção das vogais laringais pelos falantes, além da descrição dos segmentos vocálicos e de seus alofones considerando-se sua variação, distribuição e restrições de ocorrência. A segunda seção, por sua vez, versará sobre as vogais nasais da língua, considerando-se sua distribuição, ocorrência e restrições tendo em vista também as vogais orais.

2.1.2.2.2 Descrição e distribuição dos segmentos vocálicos**2.1.2.2.2.1 As vogais orais e laringais**

Em Nambikwara do Campo, como pôde ser verificado nos quadros 49 e 50, há 5 vogais orais plenas, a saber: /i, e, a, o, u/. Todas as vogais orais mencionadas apresentam suas contrapartes laringais, quais sejam: /ĩ, ẽ, ẽ̃, õ, ũ/. Desse modo, a língua totaliza 10 vogais orais, podendo ser elas laringais ou não-laringais.

O traço laringal (ou *creaky voice*) é fonológico e, portanto, distintivo na língua Nambikwara do Campo. O contraste entre vogais orais e laringais foi verificado

em raízes lexicais verbais e nominais e, embora esses contrastes estejam presentes na língua e possam ser observados e comprovados empiricamente, é também evidente que a realização de vogais laringais é menos frequente comparativamente à produtividade das vogais orais modais.

Conforme atestado por Telles (2002) e Eberhard (2009) para o Latundê/Lakondê e Mamaindê, respectivamente, o traço laringal vem perdendo sua característica distintiva nas gerações mais recentes de falantes, o que aponta para um processo de mudança linguística. Ainda não se sabe quais outros recursos essas línguas podem adotar como artifício de compensação ou acomodação para a possível perda do traço *creaky voice*, podendo, ainda, ocorrer apenas a perda desse traço sem haver nenhuma acomodação.

Nos dados de falantes mais velhos, observa-se com mais clareza a realização das vogais laringais. Em contrapartida, nos dados com falantes mais jovens (abaixo dos 25 anos), muitas vezes esse traço distintivo é produzido de forma sutil, sendo quase inaudível ou imperceptível de oitiva, ou não é produzido, o que torna o reconhecimento das vogais laringais mais difícil e acaba por gerar dúvidas por parte dos pesquisadores quando da identificação da qualidade das vogais envolvidas nos contextos de fala. Observa-se, ainda, que os falantes mais velhos, que adquiriram a língua indígena como primeira língua sem que houvesse interferência do Português, são mais enfáticos com relação à produção das vogais laringais, embora também haja variação nas realizações desses segmentos na fala desses sujeitos.

Telles (2002) e Eberhard (2009) afirmam também que uma possível razão para essa crescente neutralização do traço laringal dentre os falantes jovens das línguas Nambikwara diz respeito à influência da língua Portuguesa, considerada língua de prestígio e cada vez mais presente nas situações quotidianas das comunidades indígenas.

Nesse contexto, verifica-se que a presença de vogais nasais laringais na língua é ainda mais reduzida, sendo praticamente inexistente na fala de indivíduos jovens, na qual comumente se perde o traço *creaky voice* e se mantém apenas a nasalidade das vogais. Nos dados coletados, é normalmente mais desafiador encontrar pares mínimos contrastivos para as vogais nasais laringais e averiguar seu caráter distintivo subjacente na língua.

A seguir, serão descritas as vogais orais da língua e suas contrapartes laringais.

2.1.2.2.2.1.1 O /i/ e o /i/

A vogal alta coronal /i/ e a vogal alta coronal laringal /i/ realizam-se respectivamente como [i, ɪ, j] e [ḭ, j̰]. Ambas as vogais são frequentes na língua e podem ocorrer em sílaba acentuada ou não acentuada, sendo preferível a primeira. O /i/ aparece em sílaba sem *onset* consonântico ou após qualquer consoante da língua e pode vir em início, meio ou, mais raramente, fim de palavra. Verificou-se, ainda, que, quando em sílaba átona e em fala acelerada, o /i/ pode ser realizado como [ɪ].

- (181) [a^hnihnara]
 anih- Ø- na- ra
 correr-3SG-PRES-PF
 “ele corre, está correndo”
- (182) [pitsu] ~ [p^hitsu]
 pit- su
 abóbora-S.NOM
 “abóbora”
- (183) [hi:kisu]
 hi- ki- su
 fruto-CL.redondo-S.NOM
 “fruto”
- (184) [a^htih.jawwa]
 a- tih- iau- a
 INAL-sangue-CL.líquido-S.NOM
 “sangue, seiva”
- (185) [wasi^hsi^dnnara]
 uasi.(ua)sin- Ø- na- ra
 REDUPL.ser seco-3SG-PRES-PF
 “é seco”
- (186) [ha:li]
 hali
 dois
 “dois”

O /i/, menos frequente na língua do que sua contraparte oral não-laringal, ocorre em sílaba sem *onset* consonântico ou após as consoantes /t, k, l, s, h/. Ele ocorre em início ou meio de palavra.

- (187) [i^h.jawnara]
 i- iaun- Ø- na- ra
 fogo-estar, morar-3SG-PRES-PF
 “ele faz fogueira”
- (188) [ki:su]
 ki- su
 cupim-S.NOM
 “cupim, espécie de”
- (189) [di^hdi^dnnara]
 ti.tin- Ø- na- ra
 REDUPL.ser preto-3SG-PRES-PF
 “é preto, é escuro”
- (190) [wa^hhi:rinara]
 ua- hili- Ø- na- ra
 INSTR.mão-lavar-3SG-PRC-PF
 “ele lavou (com a mão)”

Quando o /i/ e o /i/ são átonos e ocorrem contíguos a uma vogal tônica (que não /i/ nem /i/), eles se realizam como o glide coronal [j] e [j], respectivamente, formando com a vogal tônica ditongo crescente ou decrescente ou mesmo tritongo.

- (191) [ũ^hhjanakinara]
 ũh- ianaki- Ø- na- ra
 INSTR-tornar seco-3SG-PRES-PF
 “ele está enxugando”
- (192) [k^hwajʔt^su]
 kuait- su
 beija flor-S.NOM
 “beija-flor”

- (193) [ja'jajgisu] ~ [ja'jajkisu]
 iaiai- ki- su
 REDUPL.chocalho-CL.redondo-S.NOM
 “chocalho”
- (194) [ʔaj^dn'su]
 ajn- su
 peixe-S.NOM
 “peixe (geral)”
- (195) [ãŋga'ja^dnnēnara] ~ [ãŋka'ja^dnnēnara]
 ãn- kaian- nē- Ø- na- ra
 INSTR-molhar-PRV-3SG-PRES-PF
 “ele molha”

A vogal alta coronal /i/ e sua contraparte laringal /i̥/ podem ser realizadas como [i:] e [i̥:] quando tônicos em sílabas abertas. O alongamento vocálico ocorre devido à regra do acento.

- (196) [ɿwə'hj:rinara]
 uə- hji- Ø- na- ra
 INSTR.mão-lavar-3SG-PRC-PF
 “ele lavou (com a mão)”
- (197) [i:ru] ~ [i̥:r^hu]
 i- li- su
 bugio preto-?-S.NOM
 “bugio preto”

2.1.2.2.2.1.2 O /e/ e o /ɐ/

A vogal média coronal /e/ e a vogal média coronal laringal /ɐ/ realizam-se foneticamente como [e, ɛ]⁴⁶ e [ɐ], respectivamente, e apresentam larga frequência na língua, sendo a vogal modal mais recorrente que a laringal. As duas vogais podem ocorrer em início e meio de palavra, em sílabas acentuadas ou átonas. O /e/ forma sílaba sem *onset* consonântico ou junto a qualquer segmento consonantal, excetuando-se o /p/, sendo menos frequente após /l, s/.

- (198) [ne'ke:kinara] ~ [ne'ke:ki^hnara]
 nekeki- Ø- na- ra
 pensar-3SG-PRES-PF
 “ele está pensando”
- (199) [ʔehsu]
 eh?- su
 machado-S.NOM
 “machado”
- (200) [he'he^dnnara]
 he.hen- Ø- na- ra
 REDUPL.ser vermelho-3SG-PRES-PF
 “é vermelho”
- (201) [ʔwe^dn'su]
 uen- su
 bacaba-S.NOM
 “bacaba, palmeira”

⁴⁶ A vogal média baixa coronal [ɛ] ocorre como alofone do /e/ em poucos exemplos.

- | | | | |
|-------|--|-------|--|
| (202) | [ha'se:a] | (203) | [a'je:tsu] |
| | a- se- a | | a- iet- su |
| | POS.3SG-esposa-S.NOM | | POS.3SG-ninho-S.NOM |
| | “esposa, mulher (dele)” | | “ninho” |

O /ɐ/, por sua vez, também pode formar sílaba sem *onset* consonântico ou com as consoantes /p, t, ²t, n, s, h/.

- | | |
|---|---|
| <p>(204) [ʼɛʔa]
 ɛʔ- a
 fumo-S.NOM
 “fumo”</p> | <p>(205) [ʼḭɛ:ru]
 ʔpɛ- li- su
 melão-?-S.NOM
 “melão”</p> |
| <p>(206) [ʼhɛ:su]
 hɛ- su
 andorinha-S.NOM
 “andorinha, espécie de”</p> | <p>(207) [aʼwɛtsu] ~ [ãʼwɛtsu]
 a- uɛt- su
 POS.3SG-pena, pêlo-S.NOM
 “pena, pêlo (dele)”</p> |
| <p>(208) [saḑɛsaʼdɛ^dnnara]
 saʔtɛ.saʔtɛn- Ø- na- ra
 REDUPL.ser verde-3SG-PRES-PF
 “é verde”</p> | |

As duas vogais podem ser alongadas quando posição tônica em sílaba aberta, produzindo-se como [e:, e:].

- | | |
|--|--|
| (209) [haʔ ^l je:ru] ~ [haʔ ^l je:ʰu]
haʔie- li- su
percevejo-?-S.NOM
“percevejo” | (210) [ʰhɛ:ʰu]
hɛ- li- su
buriti-?-S.NOM
“palmeira, buriti” |
|--|--|

2.1.2.2.2.1.3 O /a/ e o /a/

A vogal baixa dorsal /a/ e a vogal baixa dorsal laringal /ǣ/ apresentam larga distribuição na língua e podem ser realizadas foneticamente como [a, ɐ] e [ǣ], respectivamente. O /a/, vogal mais frequente em Nambikwara do Campo, pode vir em início, meio e final de palavra, em sílaba tônica ou átona. Foi verificado formando sílaba sozinho, podendo ou não vir seguido de consoante em coda, e, também, formando sílaba junto a todas as consoantes da língua.

- (211) [pa'paw^bmnara]
 pa.paun- Ø- na- ra
 REDUPL.ser achatado-3SG-PRES-PF
 “é achatado”
- (212) [ʔaʔa]
 ʔʔ- a
 outro-S.NOM
 “outro(a)”
- (213) [ʔwahkala₁tasu] ~ [ʔwahkala₁ta^hsu]
 uahka-li- a- ta- su
 jacaré-?-S.NOM-INTENS.grande-S.NOM
 “jacaré do papo amarelo”
- (214) [ta'ko:kisu]
 takoki- su
 floresta-S.NOM
 “floresta”
- (215) [ũ^hha'li:nara]
 ũh- hali- Ø- na- ra
 INSTR-desenhar-3SG-PRC-PF
 “ele desenhou, pintou, escreveu (hoje)”
- (216) [kalaka'la^hsu]
 kala.kala- su
 REDUPL.galinha-S.NOM
 “galinha”

O alofone [ʔ] ocorre com pouca frequência na língua, em sílabas átonas e em fala acelerada. Ele pode aparecer em posição pretônica, quando iniciando palavra, ou postônica, quando em final de palavra.

- (217) [ʔha'nē:tesu] ~ [aha'nē:tesu]
 a- hanẽ- te- su
 INAL-ser gordo-CL.não espec-S.NOM
 “gordura”
- (218) [ʔajkʔ]
 ʔiki- a
 pássaro-S.NOM
 “pássaro, ave (geral)”

A vogal baixa dorsal laringal /ʔ/, vogal mais frequente na língua dentre as laringais, foi verificada em início, meio e fim de palavra, em sílaba acentuada e não acentuada. Ela pode formar sílaba sozinha, seguida ou não por segmento em coda, e forma sílaba com todas as consoantes da língua e os dois glides.

- (219) [ja'ta:^hlu]
 iata- li- su
 veado-?-S.NOM
 “veado, espécie de”
- (220) [ja'lã^wsu]
 ialã^w- su
 taioba-S.NOM
 “taioba”
- (221) [wa'nã:^hlu]
 uanã- li- su
 peneira-?-S.NOM
 “peneira, tipo de”
- (222) [ʔsahnaganũsu]
 sahnãki-a- nũ- su
 sal-S.NOM-CL.grão-S.NOM
 “sal”

- (223) [w̥a'waj̥^dnnara]
 w̥a- w̥aj̥n- Ø- na- ra
 INSTR.mão-coçar-3SG-PRES-PF
 “ele coça (com a mão)”

Ambas as vogais baixas centrais /a/ e /ã/ ocupam a posição nuclear da sílaba e podem formar ditongo⁴⁷ crescente e decrescente.

- | | |
|--|--|
| <p>(224) [sa'd̥aw̥su]
 sa^ʔt̥aw̥- su
 patauá-S.NOM
 “palmeira patauá (<i>oenocarpus bataua</i>)”</p> | <p>(225) [ʔd̥aj̥na]
 ʔta- aili- na
 POS.1SG-DEM-MT
 “eu”</p> |
|--|--|

- (226) [ʔka:j̥r^hu] ~ [ʔka:j̥r^hu]
 kai- li- su
 formiga-?-S.NOM
 “formiga, espécie de (formiga da cabeça amarela)”

O /a/ e o /ã/ podem ser produzidos como [a:] e [ã:] como resultado de alongamento vocálico em sílaba aberta acentuada.

- | | |
|---|---|
| <p>(227) [ja'na:lu]
 iana- li- su
 onça-?-S.NOM
 “onça (geral)”</p> | <p>(228) [ʔa:^hlu]
 a- li- su
 tatu-?-S.NOM
 “tatu, espécie de (KI) / pequi (WA)”</p> |
|---|---|

2.1.2.2.2.1.4 O /o/ e o /õ/

A vogal média alta labial /o/ realiza-se como [o] ou, mais raramente, como a vogal média baixa labial [ɔ], ao passo que sua contraparte laringal /õ/ realiza-se como [ɔ̃]. Ambas as vogais são pouco recorrentes na língua, podem ocorrer em sílabas acentuadas ou não e nenhuma das duas apresenta realizações nasais ou nasalizadas.

O /o/ foi verificado em início, meio e final de palavra podendo formar sílaba sem *onset* consonântico ou com os segmentos /p, t, ʔt, k, l, s, h/ ⁴⁸ e o /õ/, menos recorrente na língua, foi atestado em meio de palavra e após /t, k, l, h/.

⁴⁷ Para mais informações sobre os ditongos, ver seção 2.1.2.3 *Ditongos*.

⁴⁸ Foi verificada apenas uma ocorrência do /o/ formando sílaba com a consoante oclusiva labial surda /p/ devido, principalmente, ao fato dessa consoante ser rara na língua (exemplo nº230). Para informações mais detalhadas sobre o /p/ ver a seção 2.1.2.1.2.1.1 *O /p/ desse capítulo*.

- | | |
|--|---|
| <p>(229) [oh^hsĩn^hsu]
oh- sãn- su
céu-carne-S.NOM
“nuvem”</p> | <p>(230) [po^hn^hsu]
pon- su
boi-S.NOM
“boi, gado”</p> |
| <p>(231) [sako^hko:tara]
sako.(sa)kot- Ø- na- ra
REDUPL.brilhar-3SG-PRES-PF
“está brilhando”</p> | <p>(232) [d^ho^hnnara]
ʔton- Ø- na- ra
nascer-3SG-PRC-PF
“ele nasceu”</p> |
| <p>(233) [ka^htoʔnawa]
kato- Ø- ʔ- a- ua
estar maduro-3SG-NEG-PRES-IMPF
“não está maduro”</p> | <p>(234) [k^hoʔnara]
koʔ- Ø- na- ra
ser sujo-3SG-PRES-PF
“é sujo, feio, mau”</p> |
| <p>(235) [ha^hlo:su]
halo- su
tucumã-S.NOM
“tucumã, espécie de”</p> | <p>(236) [a^hj^ho^ha]
a- i^ho- a
INAL-boca-S.NOM
“boca”</p> |

A ocorrência das vogais alongadas [o:, ɔ:] está relacionada à posição tônica e, portanto, à regra do acento.

- | | |
|--|---|
| <p>(237) [ha^hjo:]
haio
olá, sim
“olá, sim (saudação ou concordância)”</p> | <p>(238) [h^ho:su]
h^ho- su
lobo guará-S.NOM
“lobo-guará”</p> |
|--|---|

2.1.2.2.2.1.5 O /u/ e o /ɥ/

A vogal alta labial /u/ é frequente na língua Nambikwara do Campo, ao passo que a vogal alta labial laringal /ɥ/ aparece de forma mais restrita. A primeira pode vir sozinha na sílaba ou após qualquer consoante da língua⁴⁹, enquanto que a sua correspondente laringal pode ocorrer sem *onset* consonântico ou após /l, n/.

⁴⁹ Não foram verificadas ocorrências da vogal alta labial /u/ com a oclusiva labial surda /p/. Como especificado na seção 2.1.2.1.2.1.1 O /p/ deste capítulo, esse fonema é pouco produtivo na língua e apenas pôde ser observado nos dados analisados em poucos contextos, majoritariamente na fala de sujeitos idosos.

- (239) [a.je'hukisu]
a- ie- hu^hki- su
INAL-olho-arco-S.NOM
“testa”
- (240) [u^htʃenakisu]
uiena- ki- su
sol-CL.redondo-S.NOM
“sol”
- (241) [ʲju:la]
iy- li- a
faca-?-S.NOM
“faca pequena”

O /u/ pode vir em início, meio ou final de palavra, em posição acentuada ou não acentuada e seguido ou não por segmento em coda. Quando em sílaba átona e em fala acelerada, o /u/ pode ser produzido como [ʊ].

- (242) [saha^hdu:tara]
sa- ha^htut- Ø- na- ra
INSTR-arrancar-3SG-PRES-PF
“ele arranca, está arrancando”
- (243) [ʰuhnara]
uh- Ø- na- ra
furar-3SG-PRES-PF
“ele fura, está furando”
- (244) [ɸha^hnẽ:tesu] ~ [aha^hnẽ:tesu]
a- hanẽ- te- su
INAL-ser gordo-CL.não espec-S.NOM
“gordura”
- (245) [ʰi:r^hu]
i- li- su
lua-?-S.NOM
“lua”

O /u/ também pode realizar-se como o glide [w] quando em posição átona, formando ditongo com uma vogal tônica adjacente. Salienta-se, ainda, que por vezes os ditongos são produzidos como hiatos, contexto em que o /u/ volta a compor núcleo da sílaba em que se encontra.

- (246) [ʰwawka^hloa] ~ [ʰwa:uka^hloa]
uau- kalo- a
enxada-CL.chato-S.NOM
“enxada”
- (247) [ʰwi:nara]
uil- Ø- na- ra
ser bom, bonito-3SG-PRES-PF
“é bom, bonito”

Vale a pena mencionar que o /u/, em alguns casos, pode ter como alofone além do [u, w] a vogal média alta labial [o], especificamente no sufixo átono verbal de futuro {-tu}, o qual é geralmente seguido pelo sufixo imperfectivo masculino {-ua}.

- (248) [ĩ'hajtowa] ~ [ĩ'hajtuwa] (249) [ũ'hũ:natowa] ~ [ũ'hũ:natuwa]
 ĩ- hai- Ø- tu- ua ũhũ- na- Ø- tu- ua
 INSTR-partir-3SG-FUT-IMPF dar-O.2SG-3SG-FUT-IMPF
 “ele vai partir, rachar” “ele vai dar a você”

O /y/, por sua vez, apresenta como alofones [y, w] e foi verificado em meio de palavra e, mais raramente, em início. A realização como [y] ocorre em sílabas acentuadas ou não, ao passo que o glide laringal [w] ocorre apenas em sílaba átona, ocupando a periferia da sílaba com vogal tônica em posição de núcleo. Ambas as ocorrências podem vir seguidas ou não por segmento em coda.

- (250) [a'jy:ka] (251) [wa'ly:tsu]
 a- iŷki- a ualŷt- su
 INAL-pé-S.NOM cabaça-S.NOM
 “pé” “cabaça”
- (252) [ʼe:ki,tʃʷawsu]
 eki- iəw- su
 falar com-CL.líquido, fluido-S.NOM
 “língua, falante”

As duas vogais apresentam realizações alongadas [u:, y:], sendo elas decorrentes de alongamento em sílaba aberta na superfície quando em posição tônica.

- (253) [ja'lu:nara] (254) [wə'ly:ʰlu]
 ialun- Ø- na- ra ŷalŷ- li- su
 morrer-3SG-PRC-PF tatu canastra-?-S.NOM
 “ele morreu (hoje)” “tatu-canastra”
- (255) [ʼjy:la,təʰsu]
 iŷ- li- a- ta- su
 faca-?-S.NOM-INTENS.grande-S.NOM
 “facão, faca grande”

Na próxima subseção serão apresentadas e descritas as vogais nasais e nasais laringais da língua.

2.1.2.2.2 As vogais nasais e nasais laringais

Foram atestadas 8 vogais nasais em Nambikwara do Campo, sendo 4 laringais e 4 não-laringais: /ĩ, ỹ, ẽ, ẽ̃, ã, ă, ũ, ũ̃/. Apesar de serem bem distribuídas na

língua, as vogais nasais são menos frequentes comparativamente às vogais orais, sendo os segmentos nasais laringais ainda menos recorrentes.

A ocorrência de vogal nasal na língua está muitas vezes condicionada à existência de coda nasal tautossilábica, embora esta não seja obrigatória. Esse mesmo contexto foi evidenciado em análises de outras línguas Nambikwara, especialmente em línguas do ramo do Norte como Latundê (TELLES, 2002) e Lakondê (TELLES, 2002; BRAGA, 2012), para as quais a ocorrência de vogal nasal está condicionada também à tonicidade. Em Mamaindê (EBERHARD, 2009), as vogais nasais podem ocorrer em sílabas acentuadas ou não acentuadas, com ou sem segmento nasal tautossilábico.

As vogais médias nasais são menos frequentes do que as vogais altas e baixas nasais, o que mostra que a distribuição das vogais nasais na língua ocorre de maneira distinta. Foram verificadas poucas ocorrências do /ẽ/, e ainda menos de sua contraparte laringal /ẽ̃/. Não foi verificada nos dados nenhuma realização de vogal média labial nasal ou nasalizada, seja ela laringal ou não.

Esse fato está em consonância com o que Eberhard (2009) afirma a respeito da existência de vogais nasais em línguas Nambikwara e, de modo geral, nas línguas do mundo. Segundo o autor, tipologicamente, as vogais altas e baixas são mais prováveis de apresentarem uma contraparte nasal do que as vogais médias. As línguas da família Nambikwara parecem seguir essa premissa, conforme pode ser visto no quadro abaixo:

Quadro 51 – Segmentos vocálicos das línguas Nambikwara

Grupos	Línguas Nambikwara e estudos prévios	Vogais orais	Vogais nasais
N O R T E	Latundê (TELLES, 2002)	/i, ɪ, e, ɛ, a, ʌ, o, ɔ, u, ʊ/	/ĩ, ɪ̃, ẽ, ẽ̃, ă, ẵ, ũ, ʊ̃/
	Lakondê (TELLES, 2002; BRAGA, 2012)	/i, ɪ, e, ɛ, a, ʌ, o, ɔ, u, ʊ/	/ĩ, ɪ̃, ẽ, ẽ̃, ă, ẵ, ũ, ʊ̃/
	Mamaindê (EBERHARD, 2009)	/i, ɪ, e, ɛ, a, ʌ, o, ɔ, u, ʊ/	/ĩ, ɪ̃, ẽ, ẽ̃, ă, ẵ, ɔ̃, ũ, ʊ̃/
	Negarotê (BRAGA, 2017)	/i, ɪ, e, ɛ, a, ʌ, o, ɔ, u, ʊ/	/ĩ, ɪ̃, ẽ, ẽ̃, ă, ẵ, ũ, ʊ̃/
SA BA NÊ	Sabanê (ARAÚJO, 2004)	/i, e, a, o, u/	—
S U L	Nambikwara do Sul (KROEKER, M., 2001)	[i, ɪ, e, ɛ, ʌ, a, ʌ, o, ɔ, u, ʊ] ⁵⁰	[ĩ, ɪ̃, ẽ, ẽ̃, ă, ẵ, ũ, ʊ̃]

⁵⁰ Como Kroker, M. (2001) não deixa claro se sua descrição diz respeito aos segmentos fonéticos ou fonológicos, optou-se, aqui, por apresentar as vogais por ele evidenciadas entre colchetes, modo como aparecem na obra do autor.

	Nambikwara do Campo (SOUSA NETTO, 2018)	/ĩ, ỹ, e, ẽ, a, ă, o, ɔ, u, ʊ/	/ĩ, ỹ, ă, ă, ỹ, ỹ/
	Nambikwara do Campo (própria autora)	/ĩ, ỹ, e, ẽ, a, ă, o, ɔ, u, ʊ/	/ĩ, ỹ, ẽ, ẽ, ă, ă, ỹ, ỹ/

Como pôde ser observado, o Latundê e o Lakondê (TELLES, 2002; BRAGA, 2012) apresentam as vogais nasais /ĩ, ỹ, ă, ă, ỹ, ỹ/ na subyacência, assim como ocorre com o Negarotê (BRAGA, 2017). Em Mamaindê (EBERHARD, 2009), há /ĩ, ỹ, ẽ, ă, ă, ỹ, ỹ/, totalizando 8 vogais nasais das quais 2 são médias. A língua não apresenta as vogais médias nasais laringais, que podem já ter desaparecido do sistema. Em Sabanê (ARAÚJO, 2004), parece não haver nenhuma vogal nasal fonológica.

Para o Nambikwara do Sul, há dois trabalhos a serem considerados: Kroeker, M. (2001) e Sousa Netto (2018). O primeiro afirma que as vogais nasais do Nambikwara do Sul são /ă, ă, ẽ, ẽ, ỹ, ỹ, ỹ, ỹ/, sendo nasais as duas vogais médias coronais (laringal e não-laringal). O segundo autor afirma haver 6 vogais nasais para o Nambikwara do Campo, sendo elas /ĩ, ỹ, ă, ă, ỹ, ỹ/, não atribuindo, portanto, *status* fonológico a nenhuma vogal média nasal. É interessante notar que, para as línguas da família Nambikwara já descritas, a vogal média labial nasal laringal /ɔ̃/ é a única que não foi atestada em nenhum trabalho e, portanto, em nenhuma das línguas. Em Nambikwara do Campo, nos dados analisados, também não foi verificada nenhuma ocorrência de [ɔ̃] ou [ɔ̃].

Embora seja muito comum as vogais nasais virem seguidas de segmento nasal em coda, isso não é categórico na língua Nambikwara do Campo, sendo verificados também casos em que a vogal nasal aparece em sílaba sem consoante nasal em coda, o que ajuda a corroborar a atribuição do traço nasal subjacente nas vogais acima mencionadas. Além disso, atestou-se que as vogais nasais fonológicas aparecem em sílabas acentuadas.

Ocorre na língua, ainda, o processo de nasalização de vogais orais átonas, o qual é resultante da assimilação da nasalidade da vogal nasal tônica ou da consoante nasal adjacente tautossilábica ou não tautossilábica, esta última ocupando posição de *onset* da sílaba seguinte. Nesses casos, as vogais nasalizadas são alofônicas e resultantes de processos fonológicos de assimilação regressiva ou progressiva, os quais serão abordados no capítulo 3 (subseção 3.2.1.4 *Nasalização das vogais átonas*). Conclui-se, portanto, que, em Nambikwara do Campo, as vogais nasais subjacentes ocorrem apenas em sílaba tônica, contexto em que a nasalidade é imprevisível, de modo que, em sílaba átona, a nasalidade é resultante de processo. Além disso, para ter o *status* nasal, a vogal tônica não precisa vir acompanhada de consoante nasal em coda ou em *onset*.

Assim, o que se observa na língua é que, na posição do acento, a nasalidade vocálica é contrastiva independentemente da presença de consoante nasal na sílaba (seja em *onset*, seja em coda). Paralelamente a isso, ainda no que diz respeito à posição tônica, a presença de uma consoante nasal na sílaba não necessariamente pressupõe a nasalidade da vogal nuclear. Isso implica dizer que, mesmo havendo um segmento

nasal tautossilábico, a nasalidade da vogal tônica é, também, imprevisível, sendo, portanto, contrastiva.

O quadro a seguir ilustra a distribuição da nasalidade alofônica ou contrastiva em Nambikwara do Campo:

Quadro 52 – Nasalidade em Nambikwara do Campo

Nasalidade	Posição prosódica da vogal	Contexto
<i>Nasalidade contrastiva (fonológica)</i>	Sílaba acentuada (com acento primário ou secundário)	Nasalidade imprevisível, inclusive sem presença de nenhuma consoante nasal na sílaba e no contexto adjacente: <i>Exemplo com ditongo:</i> [^hwajra] [^hwaĩra] uai- li- a uai- li- a espinho-?-S.NOM flauta-?-S.NOM “espinho” “flauta” <i>Exemplo sem ditongo:</i> [a^hlu:a] [a^hlũ:a] alu- a alũ- a rato-S.NOM anta-S.NOM “rato” “anta”
		Nasalidade imprevisível, mesmo com presença de consoante nasal na sílaba: <i>Exemplo com /n/ em onset:</i> [a^hnekisu] ~ [a^hnekisu] [a^hnẽ:kisu] a- neki- su a- ?nẽki- su INAL-cabeça-S.NOM INAL-perna-S.NOM “cabeça” “perna” <i>Exemplo com /n/ em coda⁵¹:</i> [^hha^dnnara] [^hhã:nara] han- Ø- na- ra hã- Ø- na- ra ser claro-3SG-PRES-PF ser branco-3SG-PRES-PF “é claro” “é branco”

⁵¹ A consoante nasal /n/ em coda de sílaba tônica ocorre com uma realização pré-oralizada caso a vogal nuclear seja oral. Tal realização corresponde a um movimento de “proteção” da oralidade da vogal, que, em posição de acento, contrasta com a vogal nasal (ver item 3.2.9 *Pré-oralização de coda nasal*).

<i>Nasalidade resultante de processo (não- fonológica)</i>	Sílaba átona	Nasalidade previsível devido à presença de consoante nasal tautossilábica ou em contexto adjacente (assimilação regressiva ou progressiva): <i>Exemplo de assimilação regressiva:</i> [ãñẽ'kĩ:sa] ~ [ane'kĩ:sa] a- nekĩs- a INAL-cabelo-S.NOM “cabelo” <i>Exemplo de assimilação progressiva:</i> [^ʔkĩhnã] ^ʔkĩh- nũ- a areia-CL.pó, grão-S.NOM “areia” Em casos mais raros em palavra com vogal inicial, pode haver nasalização espontânea (ver item 3.2.1.4 <i>Nasalização das vogais átonas</i> do capítulo 3): <i>Exemplo de nasalização espontânea:</i> [a'tihsu] ~ [ã'tihsu] a- tih- su INAL-sangue, seiva-S.NOM “sangue, seiva”
--	--------------	--

Na sequência, será descrito o comportamento das vogais nasais laringais e não-laringais do Nambikwara do Campo.

2.1.2.2.2.1 O /ĩ/ e o /ĩ̃/

A vogal alta coronal nasal /ĩ/ e a vogal alta coronal nasal laringal /ĩ̃/ possuem como alofones, respectivamente, [ĩ, j̃] e o [ĩ̃, j̃̃]. Elas podem ocorrer em sílaba tônica ou átona e em início e meio de palavra. Ambas as vogais altas coronais nasais formam sílaba sem *onset* consonântico ou com as consoantes /t, k, s, h, l, n/, podendo ou não vir acompanhadas por /ʔ, h, n/ em coda. As duas vogais podem ser alongadas quando em posição de acento e realizarem-se como [ĩ̃:, j̃̃:].

(256) [wati'tĩ:su] ~ [wati'tĩ̃:su]
uati.(ua)tĩ- su
REDUPL.libélula-S.NOM
“libélula”

(257) [oh'sĩn'su]
oh- s̃ĩn- su
céu-carne-S.NOM
“nuvem”

- (258) [hĩ:na]
hĩn- a
ADV.hoje-S.NOM
“agora, hoje”
- (259) [nĩ'nĩ:su]
ni.nĩ- su
REDUPL.mosquito-S.NOM
“mosquito, pernilongo”
- (260) [a'wĩ:na]
a- ãĩn- a
INAL-pai-S.NOM
“pai”
- (261) [kãĩnara]
kãĩn- Ø- na- ra
ser grande-3SG-PRES-PF
“é grande”
- (262) [ʔkĩhnũsu]
ʔkĩh- nũ- su
areia-CL.grão-S.NOM
“areia, terra”
- (263) [a,nɛ'kĩ:sa]
a- nekĩs- a
INAL-cabelo-S.NOM
“cabelo”
- (264) [wĩ:su]
ũĩ- su
batata doce-S.NOM
“batata doce”

A ocorrência de /ĩ/ sem a presença da consoante nasal em coda pode ser observada no morfema {-tĩhno}, o qual corresponde ao classificador nominal sufixal “caminho, estrada” e pode ser verificado nos exemplos abaixo:

- (265) [tĩ^hna]
tĩhno- a
CL.caminho-S.NOM
“caminho, estrada”
- (266) [tĩ^hnusu]
tĩhno- su
CL.caminho-S.NOM
“caminho, estrada”

A evidência para a subjacência da vogal alta coronal nasal /ĩ/ sem consoante nasal contígua reside no fato de esse segmento apresentar a consoante fricativa glotal /h/ em coda, não sendo possível, portanto, haver segmento nasal nessa posição, uma vez que a construção /nh/ em coda ramificada é mal-formada na língua.

Outra ocorrência do /ĩ/ sem a nasal tautossilábica encontra-se no morfema {ĩ-}, que é um prefixo instrumental relacionado à ideia de que há um agente não especificado atuando em um contínuo (KROEKER, M., 2001). Os exemplos abaixo ilustram esse caso:

- (267) [ĩ'uhnara]
ĩ- uh- Ø- na- ra
INSTR-cavar-3SG-PRC-PF
“ele cavou (hoje)”

- (268) [ĩ'taw,terawa]
 ĩ- tau- tel- a- ua
 INSTR-cortar-IMIN-PRES/1SG-IMPF
 “eu vou cortar (com machado, faca, enxada)”

A razão pela qual esses exemplos do morfema instrumental {ĩ-} corroboram a interpretação da vogal alta coronal nasal /ĩ/ na subjacência sem a presença de consoante nasal em coda reside no fato de não ter sido verificada produção de consoante nasal em posição de *onset* na sílaba seguinte ao prefixo instrumental iniciada por vogal, o que poderia ocorrer como resultado de um processo de ressilabação da consoante em coda. Além disso, também não foi observada a sonorização da consoante em posição de *onset* da sílaba seguinte ao afixo, processo que provavelmente ocorreria caso houvesse segmento nasal em coda no prefixo {ĩ-}.

2.1.2.2.2.2 O /ẽ/ e o /ẽ̃/

Como pôde ser visto no quadro 51 apresentado mais acima nesse capítulo, a existência das vogais médias nasais a nível subjacente não é consensual nas línguas Nambikwara (Cf. seção 2.1.2.2.2.2 *As vogais nasais e nasais laringais*). No entanto, considerou-se nesse trabalho que as vogais médias coronais nasais laringal e não-laringal são fonológicas na língua Nambikwara do Campo, tendo sido observada oposição entre elas (Cf. seção 2.1.2.2.1 *Oposições vocálicas*) e averiguada a ocorrência de afixos com a vogal média coronal nasal não-laringal. A fim de corroborar essa assertiva, esses morfemas gramaticais serão devidamente apresentados de maneira sucinta a seguir, bem como a distribuição e os contextos de ocorrência das vogais médias coronais nasais /ẽ/ e /ẽ̃/.

A vogal média alta coronal nasal /ẽ̃/ e sua correspondente laringal /ẽ/ realizam-se como [ẽ̃] e [ẽ] respectivamente e são, dentre as vogais nasais da língua, as mais raras. O /ẽ/ foi verificado em sílabas tônicas e átonas, sendo mais recorrente nas primeiras, e o /ẽ̃/ foi observado apenas em sílabas tônicas. Ambas as vogais ocorrem em início e meio de palavra e podem sofrer alongamento quando em sílabas abertas em posição acentuada, sendo realizadas como [ẽ:, ẽ̃:].

O /ẽ/ foi verificado formando sílaba sem *onset* consonântico e após as consoantes /k, n, l/, enquanto que o /ẽ̃/ foi atestado após os segmentos /t, s/.

- (269) ['kũẽ:ka]
 kũẽki- a
 época seca-S.NOM
 “época da estação seca”
- (270) [kũẽ'kũẽ:kisu]
 kũẽ.kũẽ- ki- su
 REDUPL.barulho de abanar-CL.redondo-S.NOM
 “abanador”

- (271) [ʼwẽnʼsu]
 ũẽns- su
 criança-S.NOM
 “criança”
- (272) [wẽʼha:jaʼwsu]
 ũẽha- iaʼu- su
 chuva-CL.líquido-S.NOM
 “chuva”
- (273) [haʼnẽ:nara]
 hanẽ- Ø- na- ra
 ser gordo-3SG-PRES-PF
 “ele é gordo”
- (274) [ʼsẽ:su]
 sẽ- su
 chuva forte-S.NOM
 “chuva forte, tempestade”
- (275) [ãsiʼwẽ:ru]
 a- siũẽ-li-su
 INAL-rabo-?-S.NOM
 “cauda, rabo”
- (276) [wadeʼdẽ:su]
 uate.(ua)tẽ- su
 REDUPL.borboleta-S.NOM
 “borboleta”

Quanto à presença da vogal média coronal nasal /ẽ/ em afixos, dois exemplos são merecedores de atenção. Primeiramente, foi verificada a existência do morfema sufixal {-ẽn}, que corresponde a um sufixo classificador nominal significando “buraco, oco”. Embora esse morfema gramatical não seja capaz de corroborar a interpretação do /ẽ/ na subyacência sem a presença de consoante nasal em coda, ele contribui para exemplificar contextos morfofonológicos de ocorrência dessa vogal. Alguns exemplos são apresentados abaixo:

- (277) [ʼtah,lẽn^dzu]
 tah?- li- ẽn- su
 pedra-?-CL.buraco-S.NOM
 “caverna (na pedra)”
- (278) [waʼta:lẽnʼsu]
 uata- li- ẽn- su
 cabaça-?-CL.oco-S.NOM
 “balde”
- (279) [aʼwa:nẽnʼsu]
 a- uan- ẽn- su
 INAL-nariz-CL.buraco-S.NOM
 “nariz”
- (280) [aʼni:tẽn^dzu]
 a- niṭ- ẽn- su
 INAL-costela-CL.oco-S.NOM
 “costela”
- (281) [ʼhu:kẽnʼsu]
 huʼki- ẽn- su
 arco- CL.oco-S.NOM
 “espingarda”

Outro morfema sufixal que foi verificado contendo a vogal média coronal nasal /ẽ/ foi o classificador nominal {-ẽh}, que significa “(em forma de) corda, cipó”. O comportamento desse morfema configura um exemplo de ocorrência do /ẽ/ sem segmento nasal tautossilábico e pode ser observado a seguir:

- (282) [a'lo;_iẽhnũsu] ~ [a'lo;_iẽ^hnusu] (283) [ja'la;_ihẽ^hnusu]
 alo- ẽh- nu- su ialah- ẽh- nu- su
 tucumã-CL.corda-?-S.NOM buriti-CL.corda-?-S.NOM
 “corda, fibra de tucumã” “fibra de buriti”
- (284) ['kã;_inẽhnũsu]⁵²
 kãn- ẽh- nu- su
 cano-CL.corda-?-S.NOM
 “cano”

Como pôde ser visto acima, o sufixo classificador nominal {-ẽh} apresenta a consoante fricativa glotal /h/ em coda e, sabendo-se que a sequência /nh/ em coda ramificada é mal-formada em Nambikwara do Campo, conclui-se que não há consoante nasal contígua ao segmento vocálico.

2.1.2.2.2.3 O /ã/ e o /ã̃/

A vogal baixa dorsal nasal /ã/ e sua correspondente laringal /ã̃/ são as vogais nasais mais produtivas da língua e realizam-se, respectivamente, como [ã] e [ã̃]. Podem ocorrer em sílabas tônicas ou átonas e ambas as vogais formam sílaba sozinhas ou sem *onset* consonântico, podendo vir seguidas por /n, h, ʔ/ em coda.

O /ã/ foi verificado formando sílaba após todas as consoantes em *onset*, ao passo que o /ã̃/ pode ocorrer após os segmentos /t, k, l/. A vogal baixa dorsal nasal /ã/ foi observada em início, meio e, mais raramente, final de palavra, geralmente configurando parte de morfema gramatical nessa última posição. A vogal baixa dorsal nasal laringal /ã̃/, por sua vez, foi observada apenas em início e meio de palavra. Ambas as vogais podem ser alongadas em posição acentuada e realizarem-se como [ã:, ã̃:].

- (285) [pa'pã:nara] (286) ['kã̃jnara]
 pa.pã- Ø- na- ra kã̃n- Ø- na- ra
 REDUPL.acabar-3SG-PRES-PF ser grande-3SG-PRES-PF
 “acabou, não tem (falando para criança)” “é grande”
- (287) [juʔdãw̃lu] (288) [ta'lã̃wsu]
 iuʔtãũ-li-su talãũ- su
 jabuti-?-S.NOM lagarto-S.NOM
 “jabuti” “lagarto, espécie de”

⁵² Esse exemplo, embora configure empréstimo lexical do português, serve para ilustrar o processo de acomodação morfofonológica na incorporação de novo léxico na língua e, nesse caso, a ocorrência do morfema classificador nominal {-ẽh}.

- (289) [hi^hnã^hsu] (290) [ã^hhã:kanã]
 hi- nã- su a- hãka-nũ- a
 árvore-CL.folha-S.NOM POS.3SG-mãe-gente-S.NOM
 “folha da árvore” “a mãe dele”
- (291) [ʼwã:laka^hlowa] (292) [ʼãw̃:lu] ~ [ʼãw̃^hlu]
 ã- li- a- kalo- a ã- li- su
 roupa-?-S.NOM-CL.que cobre-S.NOM papagaio-?-S.NOM
 “roupa, pele, couro” “papagaio”
- (293) [sa^hw̃ã:n^hsu] (294) [ja^hlãw̃su]
 saũã- su ialã- su
 formiga-S.NOM taioba-S.NOM
 “formiga, espécie de” “taioba”
- (295) [k^hw̃ãŋkisu] ~ [k^hw̃ã^h?gisu] ~ [k^hw̃ã^h:gisu]
 kũãŋki- su
 cova-S.NOM
 “cemitério, cova”

2.1.2.2.2.4 O /ũ/ e o /ũ/

A vogal alta labial nasal /ũ/ e sua correspondente laringal /ũ/ apresentam como alofones [ũ, w̃] e [ũ, w̃]. Ambas as vogais podem ocorrer em início ou meio de palavra, em sílaba tônica ou átona. O /ũ/ forma sílaba sem *onset* consonântico ou com as consoantes /k, s, l, h, n/ e pode vir seguido por /ʔ/, /h/ ou /n/ em coda. O /ũ/, por sua vez, foi verificado formando sílaba junto a /k, n/ e também geralmente é seguido por /ʔ/, /h/ ou /n/ em posição de coda. As duas vogais podem sofrer alongamento em sílaba tônica, realizando-se [ũ:, ũ:].

- (296) [ũnnawa] (297) [kũn^hsu]
 ũn- na- ua kũn- su
 cheirar-PRES/1SG-IMPF mosquito-S.NOM
 “eu cheiro” “mosquito, espécie de”
- (298) [kũ:nara] ~ [kũhnara] (299) [ĩ^hsũ:tara]
 kũh- Ø- na- ra ĩ- sũt- Ø- na- ra
 pendurar-3SG-PRES-PF INSTR-esfriar-3SG-PRES-PF
 “ele pendura” “está esfriando”

- (300) [a'lũ:su]
alũ- su
anta-S.NOM
“anta”
- (301) [ũ'hũ:nara]
ũhũ- Ø- na- ra
dar-3SG-PRC-PF
“ele deu (hoje)”
- (302) ['kũn:'su] ~ ['kũn^dzu]
kũn- su
algodão-S.NOM
“algodão”
- (303) [¹⁹kĩhnũsu]
⁹kĩh- nũ- su
areia-CL.grão-S.NOM
“areia, terra”
- (304) ['kũãŋkisu] ~ ['kũãŋgisu] ~ ['kũãŋgisu]
kũãŋki- su
cova-S.NOM
“cemitério, cova”

Pode-se comprovar a existência da vogal alta labial arredondada /ũ/ na subyacência sem presença de coda nasal através do comportamento do afixo {ũh-}, prefixo instrumental relacionado à ideia de instrumento atuando sobre um alvo (KROEKER, M., 2001). Alguns exemplos são:

- (305) [ũhwa'to:tara]
ũh- uatot- Ø- na- ra
INSTR-furar-3SG-PRES-PF
“ele está furando”
- (306) [ũ^bhi'jo:linara]
ũh- hi- ioli- Ø- na- ra
INSTR-IN.dedo-cortar-3SG-PRC-PF
“cortei o dedo”

O comportamento desse morfema prefixal ajuda a corroborar a existência do /ũ/ sem coda nasal na subyacência devido ao fato de a sequência /nh/ em coda ramificada ser mal-formada na língua. Logo, havendo a fricativa glotal [h] em posição de coda, não há consoante nasal nessa posição.

2.1.2.3 Ditongos

As interpretações existentes a respeito dos ditongos em línguas da família Nambikwara são variáveis, não havendo um consenso na literatura quanto a isso. O quadro que segue ilustra essa afirmação, trazendo uma síntese das interpretações dos ditongos nessas línguas:

Quadro 53 – As interpretações dos ditongos nas línguas da família Nambikwara

Grupos	Línguas Nambikwara	Interpretações dos ditongos
N O R T E	Latundê e Lakondê (TELLES, 2002)	- Sequências de vogal e glide; - Ditongos crescentes (GV), decrescentes (VG) e sequências G-V-G (tritongos); - Tendência à monotongação; - Consonantização do glide em <i>onset</i> em alguns contextos. 25 Ditongos observados: /wi, we, wɛ, wa, wɔ, wo, je, jɛ, ja, jɔ, jɛ, jo, ju, jʉ, jũ, iw, aw, ɔw, ɔ̃w, ow, ej, ɛj, aj, ɔj, ɔ̃j/.
	Mamaindê (EBERHARD, 2009)	- Sequências de vogal e vogal; - Apenas ditongos decrescentes (VV); - Sempre em sílaba acentuada com acento primário ou secundário; - Ditongos não acentuados são raros e só encontrados fora da raiz; - Podem ocorrer fusões e quedas de segmentos nos ditongos; 17 ditongos encontrados: /iu, iʉ, ei, ɛi, eu, ai, ɔi, au, ɔu, iũ, ĩũ, ẽi, ẽũ, ɔi, ɔ̃i, ɔ̃ũ, ɔ̃ũ/.
	Negarotê (BRAGA, 2017)	- Sequências de vogal e vogal; - Apenas ditongos decrescentes (VV); - Preferencialmente em sílabas acentuadas; - Comum haver apagamento da segunda vogal do ditongo em fala acelerada; 15 ditongos encontrados: /iu, iũ, eu, ɛu, au, ɔu, ɔ̃u, ou, ei, ɛi, ẽi, ai, ɔi, ɔ̃i, ui/.
SA BA NÊ	Sabanê (ARAÚJO, 2004)	- Sequência de vogal e glide; - Ditongos crescentes (GV), decrescentes (VG) e sequências G-V-G (tritongos); - Ditongos decrescentes são frequentes; - Posição de coda está licenciada para 4 segmentos na língua: [j, w, ʔ, n]; - Não foram verificados processos de redução de ditongos; 18 ditongos encontrados: /aw, aj, ew, ej, iw, ow, oj, uw, uj, wa, ja, we, je, wi, ji, wo, jo, ju/.

S U L	Nambikwara do Sul (KROEKER, M., 2001)	• Sequência de vogal e vogal; • Apenas ditongos decrescentes (VV); • 2 ditongos mencionados: /ai, au/; • Aparentemente os 2 ditongos mencionados podem ter suas contrapartes nasais e laringais (de acordo com os exemplos verificados ao longo do trabalho).
	Nambikwara do Campo (SOUSA NETTO, 2018)	• Sequência de vogal e vogal; • Apenas ditongos decrescentes (VV); • Ditongos ocorrem preferencialmente em sílabas tônicas, podendo também ocorrer em sílabas átonas; • Podem formar sílabas do tipo: /VV/, /CVV/, /VVC/, /CVVC/, /CCVV/; • 9 ditongos encontrados: /au, ãu, ɔu, ẽu, ɔu, ai, ãi, ɔi, ei/.

Como pode ser observado acima, Telles (2002) interpreta os ditongos em Latundê e Lakondê como sendo uma sequência de vogal e glide, podendo haver ditongos crescentes (GV), decrescentes (VG) e sequências do tipo G-V-G, portanto, na língua. A autora afirma também que há uma evidente e sistemática tendência à monotongação em sílabas pretônicas de bases lexicais dissilábicas, sendo os ditongos fusionados nesses contextos. Como resultado dessa fusão podem surgir na superfície vogais médias abertas que não fazem parte do inventário fonológico do Latundê e do Lakondê, o que pode indicar um processo de fonologização desses segmentos e futura mudança da língua nesse sentido.

Para o Sabanê, Araújo (2004) apresenta uma interpretação semelhante à de Telles (2001), uma vez que também interpreta os ditongos como sequências de vogal e glide na língua, havendo, portanto, ditongos crescentes e decrescentes. Dessa forma, Telles (2002) e Araújo (2004), ao interpretarem os ditongos como uma sequência VG ou GV, tiram complexidade do núcleo, mas adicionam complexidade à coda, sendo as sílabas sempre pesadas e capazes de atrair o acento, conforme esclarece Eberhard (2009, p.121).

Partindo de outro viés, Kroeker, M. (2001), Eberhard (2009), Braga (2017) e Sousa Netto (2018) interpretam os ditongos como uma sequência de duas vogais ocupando o núcleo silábico. No que diz respeito especificamente ao Nambikwara do Sul, Kroeker, M. (2001, p.110) afirma existirem dois ditongos, /au/ e /ai/, os quais, pelo que pode ser observado nos exemplos dispostos ao longo de sua gramática, podem ser também nasais ou laringais, totalizando, portanto, seis ditongos, quais sejam: /au, ãu, ɔu, ai, ãi, ɔi/⁵³.

⁵³ O autor não deixa clara a existência de outros ditongos que não sejam /au/ e /ai/, não tendo sido encontradas em sua gramática ocorrências de ditongos com a vogal baixa dorsal nasal

Sousa Netto (2018, p.134) também assume que só existem ditongos decrescentes em Nambikwara do Campo, e identifica um total de 9 ditongos para a língua, 6 dos quais são formados com [a, ã, ǣ] em primeira posição no núcleo e [i,u] em segunda. Há também o ditongo [ǣu], formado com a vogal baixa nasal laringal [ǣ] em primeira posição do núcleo, não tendo sido verificada a existência de ditongo formado com essa vogal junto ao [i]. Ele acrescenta, ainda, que foi encontrada apenas uma ocorrência com [ei] e uma com [qu], que configuram ditongos raros.

Assume-se nesse trabalho que os ditongos da língua são sempre fonéticos, sendo, na subjacência, duas vogais heterossilábicas. Assim, para que se forme o ditongo na superfície, é preciso que haja uma vogal alta átona adjacente a outra vogal, que é geralmente tônica. O núcleo da sílaba licencia apenas uma posição, que é ocupada pela vogal adjacente, de modo que a vogal alta átona se realiza como glide e ocupa a periferia da sílaba, isto é, o *onset*, no caso de ditongo crescente, ou a coda, em ditongo decrescente. Desse modo, os glides, nesse trabalho, não foram assumidos como segmentos fonológicos, mas apenas fonéticos. Os ditongos podem ter vogais orais, nasais, laringais e nasais-laringais.

Salienta-se que essa interpretação aqui apresentada é de cunho teórico, uma vez que, do ponto de vista articulatorio, os glides e as vogais altas são idênticos. Para essa definição, levou-se em consideração o comportamento dos glides e das vogais altas antes e após a vogal nuclear, além dos processos fonológicos identificados nesses contextos. A nossa decisão tira complexidade do núcleo silábico, que licencia apenas uma posição, apesar de adicionar complexidade às adjacências da sílaba.

O fato de o segmento pré-vocálico poder ser consonantizado é uma evidência de que os glides se comportam como consoantes quando em posição de *onset*, o que está de acordo com a escala de sonoridade (CLEMENTS, 1991). Em posição pós-vocálica, os glides têm um comportamento diferente, não tendo sido verificada consonantização, mas apenas alguns outros processos fonológicos de outra ordem, como fusão ou síncope. Tal comportamento também está de acordo com a escala de sonoridade e com o que é preferível, na sílaba, para os segmentos que ocorrem após o núcleo vocálico. Assim, a ocorrência de processos fonológicos de naturezas diferentes de acordo com a posição ocupada pelos glides fonéticos também fundamentou a decisão a respeito dos ditongos aqui adotada.

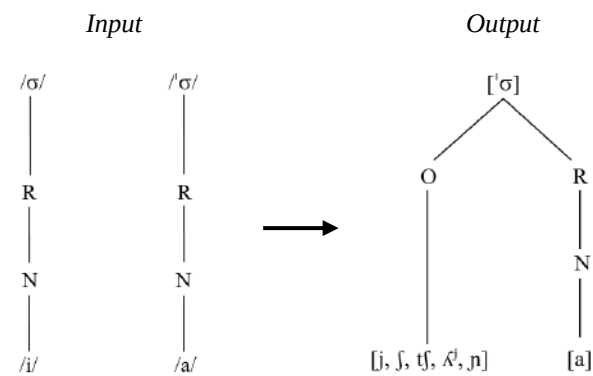
A fim de ilustrar a interpretação ora exposta, apresentam-se a seguir as representações na sílaba do que seriam sequências GV e VG em Nambikwara do Campo:

laringal /ǣ/. Os demais ditongos mencionados foram verificados nos exemplos dispostos ao longo de sua obra.

Interpretação de sílaba GV em meio de palavra:

Sílaba ['ja]

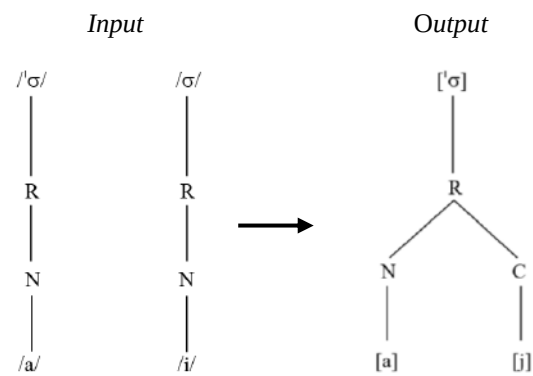
Figura 17 – Sílaba GV ['ja]



Interpretação de sílaba VG em meio de palavra:

Sílaba ['aj]

Figura 18 – Sílaba VG ['aj]



Assim, em Nambikwara do Campo, foram encontrados 30 ditongos, todos fonéticos, sendo 22 crescentes e 8 decrescentes. Essas sequências vocálicas estão devidamente apresentadas no quadro abaixo:

Quadro 54 – Os ditongos do Nambikwara do Campo

DITONGOS		
Vogais	/i/	/u/
/i, ĩ, ị, ị̃/	-	[wi, wĩ, w _{ị} , wị̃]
/u, ũ, ụ/	[ju, jũ, j _{ụ}]	-
/e, ě, ẹ, ẹ̌/	[je, j _{ẹ}]	[we, w _ě , wẹ, w _{ẹ̌}]
/o, ɔ/	[jo, j _{ɔ̣}]	-
/a, ǎ, ạ̌, ạ̣̌/	[aj, ǎj, ạ̌j, ạ̣̌j]	[aw, ǎw, ạ̌w, ạ̣̌w]
	[ja, jǎ, j _{ạ̌}]	[wa, wǎ, w _{ạ̌} , wạ̣̌]

Os ditongos podem ocorrer em início, meio e, mais dificilmente, em fim de palavra, preferencialmente em sílabas acentuadas, seja com acento primário ou secundário. Também podem ocorrer em sílaba com ou sem *onset* consonântico e coda, podendo, inclusive, formar sílaba sozinhos. Quando há segmento em coda após ditongo, em sílaba tônica, este pode ser tanto a fricativa glotal surda /h/ quanto a nasal coronal /n/, e ambas as consoantes podem ser elididas.

Nos ditongos formados por vogal nasal, laringal e nasal laringal, assume-se que tanto a nasalidade quanto o traço laringal pertencem a ambos os segmentos vocoides, uma vez que, mesmo tais características estando possivelmente associadas a apenas uma vogal, é muito delicado discernir até que ponto cada uma delas relaciona-se a um ou a outro segmento da sequência⁵⁴. Exemplos dos ditongos verificados para o Nambikwara do Campo são os que seguem:

[wi]

- (307) [k^hwiḍisu] ~ [k^hwiḍisu]
 kui[?]ti- su
 veado-S.NOM
 “veado do campo”

[wĩ]

- (308) [a^hwĩ:na]
 a- ũĩn- a
 INAL-pai-S.NOM
 “pai”

[w_{ị}]

- (309) [a^hw_{ị}:su]
 a- ụĩ- su
 INAL-dente-S.NOM
 “dente”

[wị̃]

- (310) [a^hwị̃:su]
 ũị̃- su
 batata doce-S.NOM
 “batata doce”

⁵⁴ Tal compreensão está de acordo com o que Eberhard (2009, p.119) apresenta ao citar o Princípio do Contorno Obrigatório (OCP): “either way, the OCP (Obligatory Contour Principle) convention would insure that the surface form of diphthongs would only have a single occurrence of the nasal or creaky voice feature shared by the two vowels”.

[ju]

- (311) [ˈjuhʔa]
 iuhʔ- a
 baixo, chão-S.NOM
 “chão, terra”

[jɯ]

- (313) [ˈjɯːʰlu]
 iɯ- li- su
 faca-?-S.NOM
 “faca”

[jɛ]

- (315) [aˈjɛːtaˌkaʔtsu]
 a- iɛt- a- kaʔt- su
 INAL-pescoço-S.NOM-CL.comprido-S.NOM
 “pescoço”

[wẽ]

- (317) [ˈkʷẽːka]
 kũẽki- a
 época seca-S.NOM
 “época da estação seca”

[wẽ̃]

- (319) [ˈwẽ̃nˈsu]
 ũ̃̃n- su
 capim molhado-S.NOM
 “capim molhado”

[jɔ]

- (321) [aˈjɔːkisu]
 a- iɔ- ki- su
 INAL-boca-CL.redondo-S.NOM
 “intestino”

[jũ]

- (312) [jũˈjũkisu] ~ [ɲˈũˌɲˈũkisu]
 jũ.jũ- ki- su
 REDUPL.minhoca-CL.redondo-S.NOM
 “minhoca”

[je]

- (314) [aˈjetsu]
 aiet- su
 ninho-S.NOM
 “ninho”

[we]

- (316) [saˈweːna] ~ [saʔˈweːna]
 saʔuen-a
 mato-S.NOM
 “mato”

[wɛ]

- (318) [aˈwɛtsu] ~ [ãˈwɛtsu]
 a- uɛt- su
 POS.3SG-pena, pêlo-S.NOM
 “pena, pêlo (dele)”

[jo]

- (320) [haˈjoː]
 haio
 olá, sim
 “olá, sim (saudação ou concordância)”

[aj]

- (322) [ˈhajʔtˢu]
 hais- su
 roça-S.NOM
 “roça”

[ãj]

- (323) [ˈkãjnara]
 kãĩn- Ø- na- ra
 ser grande-3SG-PRES-PF
 “é grande”

[aj]

- (324) [ˈajˈnˈsu]
 ajn- su
 peixe-S.NOM
 “peixe (geral)”

[ãj]

- (325) [aˈhãjnũsu]
 a- hãĩ- nũ- su
 POS.3SG-avó-gente-S.NOM
 “avó dele”

[ja]

- (326) [ˈjahla]
 iahlo- a
 idoso-S.NOM
 “idoso, homem velho”

[jã]

- (327) [kaˈjãːlẽnˈsu]
 kaĩã- li- ěn- su
 areia úmida-?-CL.oco-S.NOM
 “praia (areia molhada)”

[ja]

- (328) [kaˈjaːtʃˈawsu]
 kuaiat- iau- su
 milho-CL.líquido-S.NOM
 “mingau, chicha de milho”

[aw]

- (329) [ˌiˈtawˌterawa]
 i- tau- tel- a- ua
 INSTR-cortar-IMIN-PRES/1SG-IMPF
 “eu vou cortar (com machado, faca, enxada)”

[ãw̃]

- (330) [waˌtãˈwaˌtãˈm̃nara]
 uatã.uatãũn- Ø- na- ra
 REDUPL.ser redondo-3SG-PRES-PF
 “é redondo (a bola)”

[aw̃]

- (331) [ˈjawkaˌlosu]
 iau- kalo- su
 sentar-CL.chato-S.NOM
 “banco, lugar onde se senta”

[ãw̃]

- (332) [ˈkãw̃ˈlu]
 kãũ- li- su
 inhame-?-S.NOM
 “inhame”

[wa]

- (333) [aˈwaːnẽnˈsu]
 a- uan- ěn- su
 INAL-nariz-CL.buraco-S.NOM
 “nariz”

[wã]

- (334) [a.jõ'wã:^hlu] ~ [a.jõ'wã:^llu]
 a- iõ- ãã- li- su
 INAL-boca-roupa, pele-?-S.NOM
 “lábio (lit.: pele da boca)”

[wə]

- (335) [wə'hj:rinara]
 uə- hĩli- Ø- na- ra
 INSTR.mão-lavar-3SG-PRC-PF
 “ele lavou (com a mão)”

[wã]

- (336) [sa'wã:n^dsu] ~ [sã'wã:n^dsu]
 saũãñ- su
 formiga-S.NOM
 “formiga carregadora”

É possível, também, encontrar sequências de GVG, as quais ocorrem mais raramente. Alguns exemplos são:

- | | |
|--|--|
| <p>(337) ['wawka,losu]
 uau- kalo- su
 enxada-CL.chato-S.NOM
 “enxada”</p> | <p>(338) [wẽ'ha:ja^usu]
 ãẽha- iã^u- su
 chuva-CL.líquido-S.NOM
 “chuva”</p> |
|--|--|

Quando em velocidade de fala acelerada, pode ocorrer fusão do ditongo, que é realizado como uma única vogal. Não foram encontrados muitos casos de fusão nos dados analisados.

[au] > [o]

- (339) ['həw:su] ~ ['hɔ:su]
 həu- su
 lobo guará-S.NOM
 “lobo-guará”

Também foram verificados casos de monotongação, quando há apagamento do glide do ditongo decrescente, sendo realizada apenas a vogal nuclear tônica alongada:

[ãw̃] > [ã (:)]

- (340) [nũ'tãw̃su] ~ [nũ'tã:su]
 nutãũ- su
 lagarto-S.NOM
 “lagarto, espécie de”

2.1.2.4 Síntese do comportamento e da distribuição dos fonemas da língua

Conforme o que foi apresentado em relação à descrição e distribuição dos segmentos consonantais e vocálicos do Nambikwara do Campo, verifica-se que a língua possui mais vogais do que consoantes a nível subjacente, embora as últimas apresentem um número relativamente grande de alofones. O comportamento dos segmentos pode estar condicionado aos contextos adjacentes, à posição na palavra, à tonicidade e à posição na sílaba, resultando em diferentes realizações na superfície.

Os quadros 55, 56 e 57 que seguem apresentam um resumo da distribuição dos segmentos consonantais e vocálicos do Nambikwara do Campo e de seus alofones, considerando-se, para os primeiros, a posição de ocorrência na sílaba. O quadro 55 apresenta os fonemas consonantais e suas possibilidades de realizações quando em posição de *onset* na sílaba, ao passo que o quadro 56 sumariza os segmentos consonantais e suas alofonias quando ocupam a posição de coda. O quadro 57, por sua vez, apresenta os segmentos vocálicos e suas realizações.

Quadro 55 – Síntese dos fonemas consonantais e de suas realizações em posição de onset

FONEMAS CONSONANTAIS E SUAS REALIZAÇÕES EM ONSET				
	Labiais	Coronais	Velar	Glottais
Oclusivas	p [p, p ^h , b]	t [t, t ^h , d, d ^h , tʃ, dʒ]	k [k, k ^h , g, k ^w , k ^{wh}]	
Ejetivas	ʔp [ʔ]	ʔt [ʔt, dʔ, t, d]	ʔk [ʔk, k]	
Nasal		n [n]		
Nasal glotalizada		ʔn [ʔn, n]		
Lateral		l [l, l ^h , l ^{wh} , r, r ^h]		
Flap		r [r]		
Fricativas		s [s, z, ʃ, ʒ]		h [h]

Quadro 56 – Síntese dos fonemas consonantais e de suas realizações em posição de coda

FONEMAS CONSONANTAIS E SUAS REALIZAÇÕES EM CODA				
	Labiais	Coronais	Velar	Glottais
Oclusivas		t [t, ʔ]		ʔ [ʔ]
Ejetiva		ʔt [ʔt, dʔ]		
Nasal		n [m, n, ɲ, ŋ, ʔ, ^b m, ^d n, ^g ŋ]		
Fricativas				h [h]

Quadro 57 – Síntese dos fonemas vocálicos e de suas realizações

FONEMAS VOCÁLICOS E SUAS REALIZAÇÕES						
	Vogais orais e nasais			Vogais laringais e nasais-laringais		
	anterior	central	posterior	anterior	central	posterior
Altas	i [i, j, ɪ, i:]		u [u, w, ʊ, o, u:]	ɨ [ɨ, ɪ:, ʏ]		ɯ [ɯ, ʊ:, ɰ]
Altas nasais	ĩ [ĩ, ã:, ỹ]		ũ [ũ, õ:, ɰ̃]	ĩ [ĩ, ɪ:, ʏ]		ũ [ũ, ʊ:, ɰ̃]
Médias	e [e, ɛ, e:]		o [o, ɔ, o:]	ɛ [ɛ, ɛ:]		ɔ [ɔ, ɔ:]
Médias nasais	ẽ [ẽ, ɛ:]			ẽ [ẽ, ɛ:]		
Baixas		a [a, ɐ, a:]			a [a, a:]	
Baixas nasais		ã [ã, ɐ:]			ã [ã, ɐ:]	

Desse modo, a partir da verificação dos quadros acima, é possível visualizar de forma mais clara as idiossincrasias de cada segmento da língua no que concerne às suas possibilidades de realização em função de sua posição na sílaba, a qual será descrita no capítulo a seguir.

CAPÍTULO 3: A SÍLABA E OS PROCESSOS FONOLÓGICOS DO NAMBIKWARA DO CAMPO

Este capítulo é destinado à apresentação e à descrição da sílaba e dos processos fonológicos da língua Nambikwara do Campo, de modo que ele se encontra dividido em duas partes, cada uma das quais dedicada a um desses elementos. Para sua realização, foram considerados os pressupostos da Geometria dos Traços conforme abordam Clements e Hume (1995), tendo-se, portanto, lançado um olhar para os inventários fonológicos das consoantes e vogais da língua à luz dessa perspectiva teórica.

A seguir, são apresentados e descritos a sílaba e os processos fonológicos do Nambikwara do Campo.

3.1 A sílaba

Nessa seção, será abordada a sílaba em Nambikwara do Campo. Para tal, parte-se inicialmente da descrição do funcionamento de cada parte integrante da sílaba e dos detalhes que envolvem as possibilidades de combinação de segmentos em sua estrutura para, posteriormente, serem apresentados os padrões e o molde silábico. Assim, haverá subseções específicas para tratar do comportamento do *onset*, do núcleo e da coda na sílaba, bem como dos tipos silábicos encontrados, para os quais serão apresentados exemplos. Por fim, serão tecidas algumas considerações a respeito de como se dá a silabificação na língua e algumas conclusões acerca do comportamento da sílaba em Nambikwara do Campo, levando-se em consideração para tal outras línguas da família Nambikwara.

Segundo Goldsmith (2011, p.164), “The syllable is one of the oldest constructs in the study of language, and most studies of phonology have found a place for the syllable within them”. Sendo assim, é importante elucidar o que se compreende por sílaba, elemento que pode apresentar variadas interpretações a depender da perspectiva teórica adotada.

Tendo em vista o funcionamento das línguas do mundo, Blevins (1996, p.206-8) interpreta a sílaba, a nível teórico, como sendo um universal linguístico. Paralelamente a isso, a autora assume que a sílaba tem uma posição fixa na hierarquia prosódica universal, vindo abaixo dela os seus elementos integrantes e, acima, o pé⁵⁵. Ainda de acordo com Blevins (1996 p.208):

Just as the feet of metrical theory supply rhythmic organization to phonological strings, syllables can be viewed as the structural units providing melodic organization to such strings. This melodic organization is based for the most part on the inherent sonority of phonological segments, where the sonority of a sound is roughly defined as its loudness relative to other sounds

⁵⁵ De acordo com o que expõe Blevins (1996, p.208), a Hierarquia Prosódica Universal pode ser assim resumida: terminais da sílaba < sílaba < pé < palavra fonológica < frase fonológica.

produced with the same input energy (i.e., with the same length, stress, pitch, velocity of airflow, muscular tension, etc.). Hence, melodic organization of a phonological string into syllables will result in a characteristic sonority profile: segments will be organized into rising and falling sonority sequences, with each sonority peak defining a unique syllable. The syllable then is the phonological unit which organizes segmental melodies in terms of sonority; syllabic segments are equivalent to sonority peaks within these organizational units. (BLEVINS, 1996, p.208)

Tal perspectiva está em consonância, também, com o que Goldsmith (2011, p.194) propõe ao afirmar que a sílaba pode ser compreendida como sendo o nível mais baixo (ou um dos níveis mais baixos) da recorrência rítmica de possibilidades de uma língua. Nesse sentido, as noções de sonoridade, de hierarquia prosódica, de mora e de possibilidades fonotáticas de combinações de segmentos para gerar diferentes *outputs* nas línguas do mundo são fundamentais quando se está considerando a sílaba⁵⁶.

Finalmente, ainda no que se refere à compreensão da sílaba e dos elementos que a integram (*onset*, rima, núcleo e coda), é interessante observar o que Goldsmith (2011) expõe:

Tradition has it that a syllable consists of a vowel, usually preceded by one or more consonants, and sometimes followed by one or more consonants. In the overwhelming majority of spoken languages (though perhaps not all), the syllable plays an important role in analyzing phonological regularities that phonologists have placed at the center of the phonological stage. The syllable is, first of all, important for the expression of statements of phonotactics, the principles of a language that describe which strings of basic sounds are found. Why does *blick* appeal to the anglophone more than *bnick*? It is, additionally, relevant for the expression of phonological conditioning for the realization of the basic sounds: the description of the realization of a *t* in American English is far more compact if the description can use the notions of “syllable onset” and “syllable coda” than if it is forced to forego them. (GOLDSMITH, 2011, p.165)

Assim, partindo-se desses pontos de vista para se lançar um olhar analítico sobre o Nambikwara do Campo, tem-se que a estrutura máxima da sílaba fonológica

⁵⁶ Cf. Clements (1990), Clements e Hume (1990), Kenstowicz (1994), Blevins (1996), Goldsmith (2011), Gussenhoven e Jacobs (2017).

na língua é (C)V(C)(C), na qual C corresponde a consoante e V, a vogal⁵⁷. Os parênteses indicam o caráter facultativo de ocorrência na sílaba dos segmentos, sendo seu único elemento obrigatório a vogal em núcleo simples. O molde silábico será devidamente explicado ao longo dessa seção, bem como as possibilidades de combinação dos segmentos no nível da sílaba.

É interessante notar que o molde silábico encontrado para o Nambikwara do Campo coincide com aquele apontado por Telles (2002) para o Latundê e o Lakondê, porém difere um pouco daquele que foi verificado em outras línguas da família Nambikwara, a exemplo do Negarotê (BRAGA, 2017) e do Mamaindê (EBERHARD, 2009), ambas línguas do ramo do Norte, para as quais o molde é (C)(C)V(V)(C)(C).

Foi encontrado um total de 6 tipos de sílabas fonológicas para o Nambikwara do Campo, dos quais 2 são abertos e 4 são fechados. Essas sílabas são: /V/, /CV/, /VC/, /CVC/, /CVCC/, /VCC/. Dentre esses tipos silábicos verificados, os mais comuns são /CV/, para os tipos abertos, e /CVC/ para os fechados. No que se refere ao acento, verifica-se que, à exceção das sílabas com coda ramificada, todos os padrões silábicos observados podem compor sílabas acentuadas e não acentuadas, sendo preferível a atribuição do acento em sílabas fechadas e, portanto, pesadas. Nota-se, ainda, que a sílaba tônica tem uma tendência à manutenção de mora e, portanto, do peso silábico, o qual possui um papel relevante no que concerne à atribuição do acento.

A seguir, será apresentada a sílaba do Nambikwara do Campo, os itens que a compõem, as possibilidades de combinações de segmentos verificadas em sua estrutura e seu correspondente molde silábico.

3.1.1 O onset

Em Nambikwara do Campo, o *onset* não configura um elemento obrigatório, mas é comum encontrar sílabas com *onset* consonântico, o qual, na subjacência, pode ser apenas simples⁵⁸. O *onset* simples pode ser formado com qualquer uma das consoantes da língua, exceto a oclusiva glotal /ʔ/, para a qual é licenciada apenas a posição de coda.

Sílabas sem *onset* consonântico são menos frequentes na língua quando comparadas com sílabas com a posição de *onset* preenchida, e geralmente ocorrem em início de palavra e em posição não acentuada. Desse modo, dentre os tipos de sílabas formadas com *onset* consonântico, o padrão /CV/ é o mais recorrente, sendo seguido por /CVC/.

⁵⁷ Na superfície, a estrutura máxima da sílaba resultante de processos fonológicos é (C)(C)V(C)(C), em que C pode ser consoante ou glide e ocorre de acordo com a escala de sonoridade.

⁵⁸ *Onset* complexo, formado por dois segmentos consonantais, ocorre apenas na superfície, quando resultado de processo fonológico, sendo a primeira posição de *onset* ocupada por uma consoante oclusiva e a segunda, por /s/ ou por [j, w].

3.1.2 O núcleo

O núcleo é o único elemento obrigatório da sílaba em Nambikwara do Campo, podendo ser preenchido apenas por vogais. Ele pode ser ocupado por qualquer vogal da língua, sem exceções, e, assim como o *onset*, licencia apenas uma posição⁵⁹.

3.1.3 A coda

A coda é o único elemento da sílaba que, além de simples, pode ser ramificada em Nambikwara do Campo. A sílaba mais comum observada com coda simples é o padrão /CVC/, ao passo que, com coda ramificada, é o /CVCC/.

Há uma clara preferência pela coda simples à ramificada, sendo a última mais rara na língua. Na subjacência, a coda simples pode ser ocupada por /t, ^ʔt, ^ʔ, n, l, s, h/, ao passo que a ramificada tem a segunda posição ocupada apenas pelos segmentos /^ʔ, s/, a depender da consoante que os antecede⁶⁰. Assim, a oclusiva glotal /^ʔ/ pode ocupar a segunda posição da coda ramificada apenas se a primeira posição estiver preenchida pela fricativa glotal /h/; a fricativa alveolar /s/, por sua vez, pode ocupar a segunda posição da coda ramificada se for antecedida pela nasal alveolar /n/.

Devido ao fato de a língua ser sensível ao peso silábico no tocante ao acento, sílabas com coda e, portanto, com mais de uma mora são geralmente acentuadas, podendo ocorrer em início e meio de palavra. Além disso, a coda é o elemento mais propenso e suscetível à mudança e variação, sendo a parte da sílaba mais vulnerável aos processos fonológicos operantes na língua. Um exemplo que corrobora essa assertiva é o recorrente apagamento de coda simples a nível de superfície e consequente alongamento da vogal, sendo comum uma sílaba fechada a nível subjacente ser realizada foneticamente como uma aberta com vogal alongada. Esse comportamento mostra, inclusive, a tendência da língua a procurar seguir o padrão silábico [CV], mesmo que, nesse contexto específico, tal padrão ocorra apenas na superfície.

Nota-se, ainda, que, em Nambikwara do Campo, não ocorre segmento [-soante, +contínuo, +coronal] em posição de coda a nível fonético. Assim, a fricativa alveolar /s/, embora esteja licenciada para ocupar a posição de coda na sílaba a nível subjacente, nunca é realizada nessa posição na superfície, sendo, em vez disso,

⁵⁹ Os ditongos, quando ocorrem na língua, são sempre fonéticos e, portanto, resultados de processos fonológicos. Além disso, nesse trabalho, mesmo os ditongos fonéticos não são interpretados como compondo núcleo ramificado, mas sim como uma sequência [VG] ou [GV] em que V está no núcleo e G, na coda ou no *onset*. As restrições fonotáticas da sílaba serão explicadas na subseção 3.1.6 *Silabificação* a seguir.

⁶⁰ Sobre codas ramificadas com a oclusiva glotal em segunda posição, Kroeker, M. (2001, p.114) afirma que: “Quando /Cx/ final de morfema precede um /s/ inicial de morfema, o /x/ se transpõe para seguir o /s/”. Nos dados analisados, normalmente essa glotalização não é realizada. Às vezes, o que se nota é uma maior constrição na passagem do ar na realização da fricativa, mas não chega a ser uma glotalização.

realizada como a oclusiva glotal [ʔ] ou ressilabificada e realizada como sua forma modal [s] em *onset* da sílaba seguinte, alongando a vogal nuclear da sílaba de origem, quando acentuada⁶¹. Nesse contexto, o único segmento [+contínuo] passível de ocorrência em coda na superfície é a fricativa glotal [h].

É importante mencionar que a restrição supramencionada não se limita ao Nambikwara do Campo quando se observa o comportamento de outras línguas da família Nambikwara, especialmente do ramo do Norte. Em Mamaindê, Eberhard (2009, p.132-3) afirma que não-continuantes são os únicos segmentos cuja realização fonética é permitida em coda na língua. Desse modo, devido a essa restrição, em Mamaindê vários processos fonológicos são engatilhados para evitar a ocorrência de consoantes com o traço [+contínuo] nessa posição na sílaba. Alguns exemplos desses processos citados por Eberhard (2009) são: (1) ressilabificação do segmento em coda para o *onset* da sílaba seguinte, que, se já possuir *onset* consonântico, também pode sofrer processos de assimilação ou dissimilação: /sih-tu/, [si:ɽu], “house” e em /weis-hĩʔ/, [wei.ɽĩʔ], “to make, then...”; (2) epêntese de vogais para compor núcleo de sílaba fonética formada com o segmento [+contínuo] em *onset*: /mih-tu/ → [mi:hVru] → [mi:huru], “rain”; e (3) síncope de segmentos em coda e consequente alongamento compensatório da vogal, a exemplo do que ocorre com o /s/ no exemplo: /nakʔas-tahĩn-wa/, [naʔ.ɡaːdahĩn.wa], “Listen!” (EBERHARD, 2009, p.133-4, grifo nosso).

Em Latundê (TELLES, 2002), o único segmento [+contínuo] passível de ocorrência em coda é a fricativa glotal /h/, tal qual em Nambikwara do Campo. Segundo Telles (2002, p.139-40), são também frequentes na língua reduções ou apagamentos de segmentos ou sílabas, como em /ju-ʔkah ajn-ʔtāna/, [ju:geːdāni], “cortei o pé”, bem como epêntese vocálica em raízes nominais monossilábicas que terminam com /h/ em posição de coda, havendo, então, a ressilabificação desta última, que passa a *onset* da sílaba fonética cujo núcleo é a vogal epentética idêntica à vogal nuclear da raiz nominal, a exemplo de: /sih-ʔtu/, [ʔi:hiːdu], “cesto” (TELLES, 2002, p.139-141, grifo nosso).

Em Negarotê, Braga (2017, p.104) expõe que todas as consoantes confirmadas fonologicamente em posição de coda também podem ocorrer na superfície, não havendo restrição quanto à realização fonética de segmentos continuantes. Logo, nessa língua, apesar de também ser frequente o apagamento de consoantes em coda, há duas fricativas que podem ocorrer foneticamente nessa posição: a alveolar /s/ e a glotal /h/.

Por fim, no que tange ao ramo Nambikwara do Sul, Sousa Netto (2018) considera o /h/ como sendo a única consoante com o traço [+contínuo] que pode ocorrer em coda na sílaba, assemelhando-se, então, àquilo proposto por Telles (2002) para o Latundê e ao aqui proposto também para o Nambikwara do Campo.

⁶¹ Nesse caso, quando o /s/ passa a *onset* da sílaba seguinte, o que se observa é que a sílaba de origem, antes fechada, torna-se aberta e, portanto, leve. Como, no que se refere ao acento, a língua é sensível ao peso silábico, a vogal da sílaba acentuada é, então, alongada, tornando-se bimoraica e atendendo aos requisitos de atribuição do acento.

3.1.4 Tipos silábicos

Tendo em vista que, na subyacência, a estrutura máxima da sílaba em Nambikwara do Campo é (C)V(C)(C), seria possível formar um total de 6 combinações de padrões silábicos. Todas essas possibilidades foram observadas para a língua, havendo, portanto, 2 tipos de sílabas abertos e 4 fechados. Os padrões silábicos observados foram: /V/, /CV/, /VC/, /CVC/, /CVCC/ e /VCC/, em que C corresponde a consoante e V, a vogal⁶². Assim, a rima máxima na língua possui 3 posições.

A seguir, serão abordadas as sílabas abertas e fechadas da língua com exemplos para cada um dos tipos silábicos observados. Os exemplos que contemplam os padrões silábicos abordados aparecem destacados em negrito.

3.1.4.1 Sílabas abertas a nível lexical

Há 2 sílabas abertas na subyacência em Nambikwara do Campo, quais sejam: /V/ e /CV/. Dentre estas, a mais frequente é a do tipo /CV/. O padrão /CV/ é o padrão silábico mais comum não apenas dentre as sílabas abertas, mas dentre todos os tipos silábicos encontrados para a língua, incluindo os fechados⁶³.

As sílabas abertas podem ocorrer tanto em posição tônica quanto em átona, e, à exceção do tipo /CV/, são menos frequentes na língua do que as sílabas fechadas. A nível fonético, é comum encontrar sílabas abertas devido ao apagamento ou ressilabação do segmento em posição de coda⁶⁴.

Sílabas do tipo /V/ ocorrem majoritariamente em início de palavra⁶⁵ em raiz nominal e verbal e em morfemas, principalmente prefixais. São geralmente átonas, mas também podem receber o acento tônico. Esse tipo de sílaba pode ser formado por qualquer vogal da língua, sendo menos frequente com as vogais médias.

A sílaba /CV/ ocorre em raízes nominais e verbais e em morfemas prefixais e sufixais, em início, meio ou fim de palavra, em posição tônica e átona. Na sequência,

⁶² Conforme já mencionado, nesse trabalho, interpretou-se que os ditongos ocorrem apenas na superfície, como resultado de processos. Assim, à nível subjacente, não há glides presentes na sílaba. Em representações fonéticas, no entanto, os glides podem ocorrer, ocupando posições periféricas na sílaba.

⁶³ Apesar de o padrão CV ser também o mais comum nas línguas do mundo, sendo considerado universal (CLEMENTS, 1990; BLEVINS, 1996), isso não é categórico nas línguas da família Nambikwara. Em Latundê (TELLES, 2002), as sílabas mais recorrentes são /VC/ e /CVC/, ambas fechadas. Já em Mamaindê e em Negarotê, os tipos silábicos mais frequentes são /CV/ e /CVC/, tal qual ocorre em Nambikwara do Campo.

⁶⁴ Para mais informações, ver a subseção 3.1.6 *Silabificação* desse capítulo.

⁶⁵ Sílabas /V/ também ocorrem em meio de palavra em Nambikwara do Campo, mas com pouca frequência, e em fronteira de morfema com raiz. Telles (2002, p.110) aponta que, em Latundê, sílabas iniciadas por /V/ em posição medial são duvidosas, não tendo sido atestado hiato em raízes lexicais dissilábicas ou em prefixos mais raízes verbais. Em Negarotê, Braga (2017, p.106) também aponta que sílabas sem *onset* consonântico ocorrem predominantemente em posição inicial da palavra, podendo ocorrer em posição medial apenas quando a raiz lexical iniciada por /V/ é precedida por outro morfema.

são apresentados exemplos para cada tipo de sílaba aberta fonológica observado na língua.

Sílabas abertas a nível lexical:

/V/

- | | |
|--|---|
| <p>(341) [a.'ki.su]
/a.ki.su/
a- ki- su
POS.3SG-CL.redondo-S.NOM
“semente (de algo)”</p> | <p>(342) [ĩ.'na.ra]
/ĩ.na.ra/
ĩ- Ø- na- ra
morder-3SG-PRES-PF
“ele está mordendo”</p> |
| <p>(343) [ũ.'hũ.na.ra]
/ũ.hũ.na.ra/
ũ.hũ-Ø- na- ra
dar-3SG-PRES-PF
“ele está dando”</p> | <p>(344) [ã.'ĩ.dã] ~ [ã.'ĩ.rã]
/ã.ĩ.li.a/
a- ĩ- li- a
INAL-nome-?-S.NOM
“nome (dele)”</p> |
| <p>(345) [tʃ^h.a^h.la # ʔ[?].i.na.ra]
/te.i.ah.la # ʔ[?].i.na.ra/
te- i.ah.la ʔ[?].i- Ø- na- ra
DEM-P.masc chegar-3SG-PRC-PF
“ele chegou”</p> | <p>(346) [ã.'la]
/ã.la/
ã.la
já
“já”</p> |
| <p>(347) [a.'lu^h.na.ra] ~ [a.'lu[?].na.ra]
/a.luh.na.ra/
a.luh- Ø- na- ra
vomitar-3SG-PRES-PF
“ele vomita, está vomitando”</p> | <p>(348) [ĩ.'tũⁿ.na.ra]
/ĩ.tũn.na.ra/
ĩ.tũn- Ø- na- ra
lamber-3SG-PRES-PF
“ele lambe, está lambendo”</p> |
| <p>(349) [ĩ.'ha.ti.na.ra]
/ĩ.ha.ti.na.ra/
ĩ.ha.ti- Ø- na- ra
encontrar-3SG-PRES-PF
“ele encontra”</p> | <p>(350) [ĩ.ta.'kaʔ.tsu]
/ĩ.ta.kaʔ.su/
ĩ.ta.kaʔ- su
doença-S.NOM
“doença”</p> |

/CV/

- (351) [wa.'ti.ka.li.su] ~ [t̥i.k̥a.li.su]
 /u.a.**ti.ka.li.su**/
 u.a.ti.ka- li- su
 tamanduá-?-S.NOM
 “tamanduá-bandeira”
- (352) [sa.te.sa.'te^{dn}.na.ra]
 /**sa.te.sa**.ten.**na.ra**/
 sa.te.sa.ten- Ø- na- ra
 ser amarelo- 3SG-PRES-PF
 “é amarelo”
- (353) [ha.'ti.ki.su]
 /**ha.ti.ki.su**/
 ha.ti.ki- su
 tartaruga-S.NOM
 “tartaruga, jabuti”
- (354) [a.'lu: su] ~ [a.'lu: zu]
 /a.**lu.su**/
 a.lu- su
 rato-S.NOM
 “rato, espécie de”
- (355) [w̥i.ti.su]
 /u.i.**te.su**/
 u.i- te- su
 mutum-CL.não espec-S.NOM
 “mutum, espécie de”
- (356) [nĩ.'nĩ.su] ~ [ni.'nĩ.su]
 /**ni.nĩ.su**/
 ni.nĩ- su
 REDUPL.mosquito-S.NOM
 “mosquito, pernilongo”
- (357) [h̥e^b.sa.hẽ.ra]
 /h̥e.**sa.hẽ.ra**/
 h̥e- sa- hẽ- ra
 ter fome-O.1SG-PAS-PF
 “eu estava com fome”
- (358) [wa.'ko: na.tu.wa]
 /u.a.**ko.na.tu.u.a**/
 u.a.kon- a- tu- u.a
 trabalho-1SG-FUT-IMPF
 “vou trabalhar”
- (359) [he.'he^d.na.ra]
 /**he.hen.na.ra**/
 he.hen- Ø- na- ra
 ser vermelho-3SG-PRES-PF
 “é vermelho”
- (360) [hĩ.na # 'wẽ.ha.to.wa]
 /**hĩ.na** # u.ẽ.**ha.tu.u.a**/
 hĩn- a ã.ẽ.ha-Ø- tu- u.a
 ADV.hoje-S.NOM chuva-3SG-FUT-IMPF
 “vai chover hoje, agora”

3.1.4.2 Sílabas fechadas a nível lexical

Há 4 tipos de sílabas fechadas a nível lexical em Nambikwara do Campo, a saber: /VC/, /CVC/, /CVCC/ e /VCC/. Na subjacência, as sílabas fechadas, que sempre apresentam coda, podem ter essa posição preenchida pelos segmentos /t, [?]t, n, l, s, h, [?]/, no que se refere à primeira consoante, e, quando com coda ramificada, pode ter a segunda posição preenchida pela oclusiva glotal /ʔ/ ou pela fricativa alveolar /s/. Sendo assim, apenas segmentos coronais e laringais podem ocupar a coda silábica na língua.

Excetuando-se a sílaba do tipo /CV/, as sílabas fechadas ocorrem mais frequentemente do que as abertas e geralmente são acentuadas com acento primário ou secundário devido ao peso silábico, uma vez que, com a presença de coda, as sílabas passam a apresentar mais de uma mora. Assim, a maior parte das sílabas acentuadas da língua é fechada e, dentre essas, o padrão silábico mais comum é /CVC/. O tipo silábico mais raro dentre as sílabas pesadas é /VCC/, sendo as sílabas com coda ramificada pouco recorrentes.

Além disso, sílabas com apenas uma posição de coda preenchida podem ser encontradas em raízes lexicais e verbais e em morfemas gramaticais, sendo suscetíveis à ocorrência de processos fonológicos na coda a nível fonético, a exemplo de apagamentos e ressilabificações. Sílabas com coda ramificada ocorrem geralmente em raízes monossilábicas nominais e são, via de regra, acentuadas.

A seguir, são apresentados exemplos de cada tipo de sílaba fechada observado na língua.

Sílabas fechadas a nível lexical:

/VC/

(361) [i^{dn}.d̪a.ˈdu.ha]

/in.[?]ti.a.[?]tu.ha/

in- [?]ti- a- [?]tuh- a

homem-ADVZ-S.NOM-mulher-S.NOM

“sexo (masculino ou feminino). Lit.: homem-mulher”

(362) [tʃ^h.la # ˈho.sa # ˈa^{dn}.tu.wa]

/te.i.ah.la # ho.sa # an.tu.u.a/

te- i.ah.la hos- a an- Ø- tu- u.a

DEM-P.homem macaco-S.NOM matar-3SG-FUT-IMPF

“ele vai matar o macaco”

- (363) [ʼũⁿ.na.ra]
/ũⁿ.na.ra/
ũn- Ø- na- ra
cheirar-3SG-PRES-PF
“ele está cheirando, está com cheiro”
- (364) [ʼuh.na.ra]
/uh.na.ra/
uh- Ø- na- ra
fazer buraco-3SG-PRES-PF
“ele fura, está furando”
- (365) [a.ʼlo.ẽh.nũ.su]
/a.lo.ẽh.nũ.su/
a.lo- ẽh- nũ- su
tucumã-CL.corda-?-S.NOM
“fibra de tucumã”
- (366) [ʼe:^h.na.ra]
/eh.na.ra/
eh- Ø- na- ra
falar, piar-3SG-PRES-PF
“ele está falando, piando”
- (367) [ʼwãⁿ.na.ra]
/u.ãⁿ.na.ra/
u.ãn- Ø- na- ra
queimar-3SG-PRES-PF
“está queimando, queimou”
- (368) [ʼwĩⁿ.di.na.ra]
/u.ĩⁿ.ti.na.ra/
u.ĩn- ti- na- ra
fazer.sexo-2PL-PRES-PF
“vocês fazem, fizeram sexo”

/CVC/

- (369) [ʼho.ha]
/ho.ha/
hoh- a
macuco-S.NOM
“macuco”
- (370) [ʼho:sa]
/ho.sa/
hos- a
macaco prego-S.NOM
“macaco prego”
- (371) [ha.ʼli^{dn}.di.su]
/ha.lĩn.ti.su/
ha.lĩn- ti- su
fumaça-?-S.NOM
“fumaça, poeira”
- (372) [wa.ʼlu?^{tsu}]
/u.a.lut.su/
u.a.lut- su
paca-S.NOM
“paca”
- (373) [wa.ʼkoⁿ.deⁿ.dsa.na.wa]
/u.a.kon.ten.sa.na.u.a/
u.a.kon- ten- san- a- u.a
trabalho-AUX.querer-1SG-PRES-IMPF
“quero trabalhar”

(374) [ˈkɔː.na.ra]

/kɔ̃n.na.ra/

kɔ̃n- Ø- na- ra
 ser sujo, feio-3SG-PRC-PF
 “era sujo, mau, feio, ruim”

(375) [ˈdũː.na.ra]

/ˈtũ̃n.na.ra/

ˈtũ̃n- Ø- na- ra
 chupar-3SG-PRC-PF
 “ele chupou”

/CVCC/

(376) [ˈdĩhʔ.a]

/ˈtĩhʔ.a/

ˈtĩhʔ- a
 cobra-S.NOM
 “cobra (geral)”

/VCC/

(377) [ˈwẽ.sa]

/u.ẽn.sa/

u.ẽns- a
 criança-S.NOM
 “criança”

(378) [ˈehʔ.a]

/ehʔ.a/

ehʔ- a
 machado-S.NOM
 “machado”

(379) [ˈjuʰʔ.a]

/i.uhʔ.a/

i.uhʔ- a
 embaixo-S.NOM
 “chão, terra”

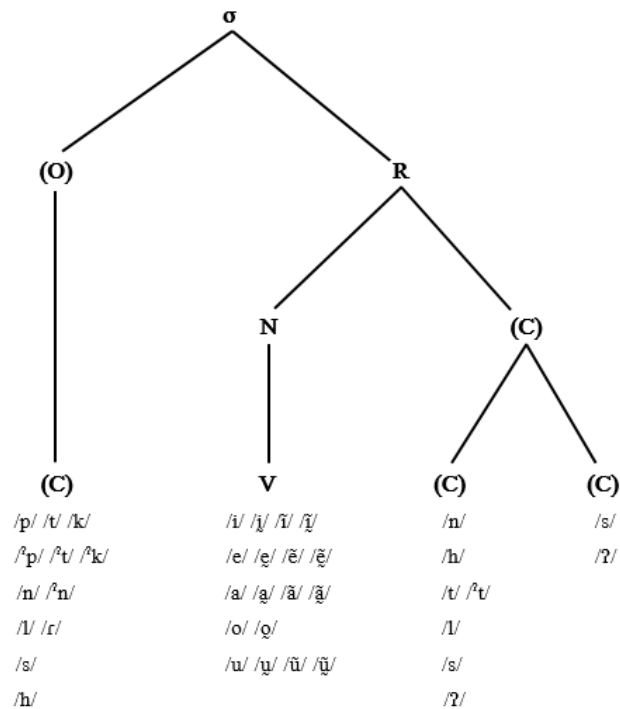
3.1.5 O molde silábico

A estrutura máxima da sílaba fonológica observada em Nambikwara do Campo é (C)V(C)(C)⁶⁶, em que V é o único elemento obrigatório, podendo formar sílaba com ou sem outros segmentos em *onset* ou em *coda*. Conforme já demonstrado anteriormente, na subyacência, tanto o *onset*, que só pode ser simples, quanto a *coda*, que pode ser simples ou ramificada, são preenchidos apenas por consoantes. O núcleo simples, por sua vez, é ocupado por segmentos vocálicos.

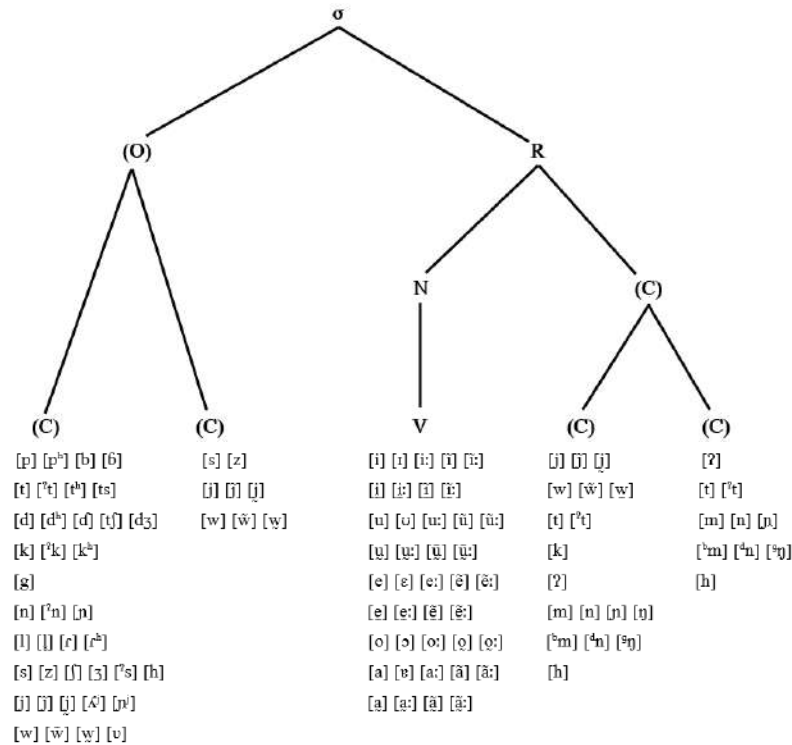
A figura abaixo ilustra o molde silábico a nível lexical do Nambikwara do Campo e os segmentos que podem preencher cada posição na sílaba.

⁶⁶ Nessa estrutura, C significa consoante e V, vogal. Os parênteses indicam a não-obrigatoriedade dos segmentos na estrutura da sílaba.

Figura 19 – Molde silábico



A coda é a posição da sílaba mais propensa a sofrer processos como apagamento e ressilabação, e, conforme já mencionado, é na superfície que se pode observar a formação de ditongos na sílaba. Nesse sentido, tendo em vista que a sílaba na superfície pode apresentar uma configuração distinta daquela que é observada na subjacência, apresenta-se abaixo a estrutura da sílaba do Nambikwara do Campo resultante de processos fonológicos, os quais serão descritos mais adiante no presente capítulo:

Figura 20 – Estrutura da sílaba resultante dos processos fonológicos

Como pode ser visto na figura 20 acima, a sílaba que ocorre a nível de superfície pode diferir bastante daquela encontrada na subjacência⁶⁷. A fim de esclarecer algumas das questões que envolvem esse contexto, são tecidas a seguir algumas considerações a respeito da silabificação em Nambikwara do Campo.

3.1.6 Silabificação

É sabido que as línguas do mundo podem diferir bastante no que se refere à silabificação, isto é, ao processo por meio do qual as sílabas de uma dada língua são compostas. Conforme supramencionado nesse capítulo, o molde silábico a nível lexical do Nambikwara do Campo é (C)V(C)(C), havendo um total de 6 possibilidades de combinações de sílabas, tendo sido todas verificadas na língua. O núcleo (N) é a única parte obrigatória da sílaba na língua, licenciando uma posição que só pode ser

⁶⁷ Para melhor compreensão da estrutura da sílaba resultante de processos fonológicos ilustrada na figura 20, ver o *Capítulo 2: A fonologia segmental do Nambikwara do Campo* e a subseção 3.2 *Os processos fonológicos* desse capítulo. No Capítulo 2, é possível verificar as diversas realizações alofônicas que abrangem os segmentos da língua e suas realizações no âmbito da sílaba. Na subseção 3.2 do presente capítulo, são descritos os processos fonológicos que operam na sílaba e as realizações fonéticas resultantes.

preenchida por vogal. O *onset*, por sua vez, é simples, sendo preenchido por consoantes. A coda, que licencia duas posições, pode ser preenchida por algumas consoantes da língua, seguindo a escala de sonoridade. A coda é a parte da sílaba mais suscetível a processos fonológicos, alguns dos quais envolvem a ressilabificação⁶⁸ de segmentos, conforme será discutido a seguir.

A sílaba em Nambikwara do Campo é composta inicialmente a partir do núcleo para, em seguida, ser formado o *onset* e, por fim, a coda. Nesse sentido, o elemento pré-vocálico passa a compor a estrutura silábica antes dos pós-vocálicos, os quais são os últimos a serem a ela incorporados. Tal movimento está de acordo com o Princípio do Onset Máximo (*Maximal Onset Principle – MOP*), que propõe que, no âmbito da sílaba, primeiramente é formado o *onset* para depois ser formada a coda. Ainda de acordo com esse Princípio, em contexto intervocálico, os segmentos são normalmente organizados na sílaba de modo a maximizar o *onset*⁶⁹.

Nessa perspectiva, sabendo-se que os tipos silábicos mais comuns na língua são, primeiramente, /CV/ e, secundamente, /CVC/, verifica-se que as sílabas em Nambikwara do Campo possuem, preferencialmente, a posição do *onset* ocupada, o que não é observado com a mesma frequência para a coda. Além disso, sílabas sem *onset* consonântico e, portanto, iniciadas por vogais são menos recorrentes na língua, o que configura mais um indício a favor do argumento de que o Princípio do Onset Máximo é fortemente operante na mesma.

Paralelamente a isso, de acordo com Goldsmith (2011, p.194), a sonoridade e a recorrência dos picos de sonoridade parecem ser o padrão fundamental da silabificação em uma língua. Nesse sentido, a sílaba em Nambikwara do Campo e nas línguas do mundo apresentam uma sonoridade que aumenta do início da sílaba (*onset*) até o pico (núcleo) e decresce desde o pico até o final da sílaba (coda). Assim, a sonoridade está relacionada à energia acústica dos segmentos (GUSSENHOVEN E JACOBS, 2017, p.128), e, dessa forma, as classes dos segmentos são organizadas de acordo com esse parâmetro em uma escala⁷⁰, a qual está relacionada ao que Clements (1990, p.283) denomina *Sonority Sequencing Principle*. Segundo o autor:

⁶⁸ Segundo Gussenhoven e Jacobs (2017, p.141), a *ressilabificação* é uma regra de silabificação que ocorre após o Princípio do Onset Máximo (MOP) e seu conceito está atrelado à necessidade de reorganização da sílaba e, portanto, à reaplicação do MOP junto a ela após uma derivação ou cliticização, de modo que o que antes ocorria em travamento silábico em um primeiro nível de representação passa à posição de *onset* em um segundo nível. Tal noção está relacionada também à de *ambissilabidade*, que pressupõe que o MOP se trata de um princípio persistente e, sendo assim, regras adicionais de silabificação devem respeitar a pré-existente, havendo uma superposição de regras que traz como resultado a presença de um segmento ocupando simultaneamente a posição de coda em uma sílaba e de *onset* em outra. Ainda segundo os autores, essa segunda noção é mais restritiva do que a primeira, uma vez que limita as possibilidades de silabificação operantes em dado contexto (GUSSENHOVEN E JACOBS, 2017, p.141-2).

⁶⁹ Cf. Clements (1990), Kenstovicz (1994), Gussenhoven e Jacobs (2017).

⁷⁰ De acordo com Clements (1990, p.292), a escala de sonoridade pode ser definida em termos de traços binários. Assim, o autor adota para a escala de sonoridade de elementos não-silábicos quatro classes principais, que crescem em termos de sonoridade da esquerda para a direita: O < N < L < G (em que O = Obstruente, N = Nasal, L = Líquidas e G = Glides). Considerando-se nessa escala também os elementos silábicos, tem-se: O < N < L < V (em que V = Vogal). Por

According to this principle, segments can be ranked along a "sonority scale" in such a way that segments ranking higher in sonority stand closer to the center of the syllable and segments ranking lower in sonority stand closer to the margin. While this principle has exceptions and raises questions of interpretation, it expresses a strong crosslinguistic tendency, and represents one of the highest-order explanatory principles of modern phonological theory. (CLEMENTS, 1990, p.284)

É possível verificar tais princípios operando na língua principalmente quando se observa o comportamento de sílabas com *onset* consonântico e coda ramificada. A fim de exemplificar tal assertiva, são apresentados alguns desses contextos abaixo:

- | | |
|---|---|
| <p>(380) ['kwaʔ.laʔ.tsu]
/ku.aʔ.laʔ.su/
ku.aʔ.laʔ- su
seriema-S.NOM
“seriema”</p> | <p>(381) ['juʰʔ.a]
/i.uhʔ.a/
i.uhʔ- a
embaixo-S.NOM
“chão, terra”</p> |
| <p>(382) ['kʰwajʔ.tsu]
/ku.a.it.su/
ku.a.it- su
beija flor-S.NOM
“beija-flor”</p> | |

Assim, em consonância com o Princípio do Onset Máximo, é categórica na língua a silabificação de consoantes em contexto intervocálico para a posição de *onset*, e não para a coda. Kroeker, M. (2001, p.116) também observou esse fato, afirmando que: “Qualquer consoante intervocálica simples será a consoante inicial da segunda sílaba”.

Dessa forma, o que se observa é que, em contexto de C intervocálica intramorfêmica (em morfemas com mais de uma sílaba), a silabificação ocorre automaticamente, de modo a maximizar o *onset* pelo MOP. Essa assertiva está ilustrada nos exemplos abaixo, nos quais se observa na raiz (exemplos nº X e X) e em morfema gramatical (exemplo nº X) a silabificação automática da consoante intervocálica para o *onset* da sílaba à direita:

fim, Clements (1990, p.296) propõe uma única escala de sonoridade não-marcada de segmentos no âmbito da sílaba para as línguas do mundo, qual seja: $O < N < L < G < V$. Ressalta-se, ainda, que o termo “silábico” usado pelo autor se refere aos segmentos que atraem as propriedades do núcleo da sílaba em uma dada língua, sendo “não-silábicos”, portanto, aqueles que não o fazem.

- (383) [ʼe.ki.tʃᵛᵛ.su]
 /e.ki.i.ᵛᵛ.su/
 e.ki- i.ᵛᵛ- su
 falar com-CL.líquido-S.NOM
 “língua, fala”
- (384) [wa.ʼtu.ki.su]
 /u.a.tu.ki.su/
 u.a.tu.ki- su
 relâmpago-S.NOM
 “relâmpago”
- (385) [ʼwã:la.ka.lo.su]
 /u.ã.li.a.ka.lo.su/
 u.ã- li- a- ka.lo- su
 roupa-?-S.NOM-CL.que cobre-S.NOM
 “roupa”

Por outro lado, em fronteira de raiz e morfema e de palavras, o que ocorre é a ressilabificação de segmento em coda, que passa a *onset* da sílaba do morfema ou da palavra que ocorre na sequência e que inicia com vogal (sem *onset* consonântico).

É possível observar ressilabificação acontecendo em fronteira de morfema entre a raiz e o sufixo nominal {-a}, o qual ocorre em final de nome e advérbio, geralmente delimitando palavra, em contexto de fala. A esse respeito, observe os exemplos abaixo:

- (386) [nẽ.kĩ.sa]
 /ne.kĩ.sa/
 ne.kĩs- a
 cabelo-S.NOM
 “cabelo”
- (387) [ʼhaw.dᵛa]
 /ha.u.ʔta/
 ha.uʔt- a
 flecha-S.NOM
 “flecha”
- (388) [ʼhĩ.na]
 /hĩ.na/
 hĩn- a
 ADV.hoje-S.NOM
 “hoje, agora”

Além disso, a ressilabificação de consoante em fronteira de morfema também foi vista em palavras verbais, nas quais a consoante em coda da raiz passa a *onset* da sílaba com o morfema de tempo:

- (389) [ʼwi:ra.wa]
 /u.i.la.u.a/
 u.il- a- u.a
 ser bonito, bom-PRES/1SG-IMPF
 “eu sou bonito, bom”
- (390) [ʼkãĩ.na.wa]
 /kã.ĩ.na.u.a/
 kã.ĩn- a- u.a
 ser grande-PRES/1SG-IMPF
 “sou grande”

Em fronteira de palavra, a ressilabificação também ocorre. Devido ao fato de as palavras na língua geralmente terminarem com sílaba aberta, a ressilabificação em fronteira de palavras comumente pressupõe o apagamento da vogal átona do núcleo da última sílaba de uma palavra, de modo que a vogal que inicia a palavra seguinte passa a ocupar a posição nuclear dessa sílaba. Observe o exemplo que segue:

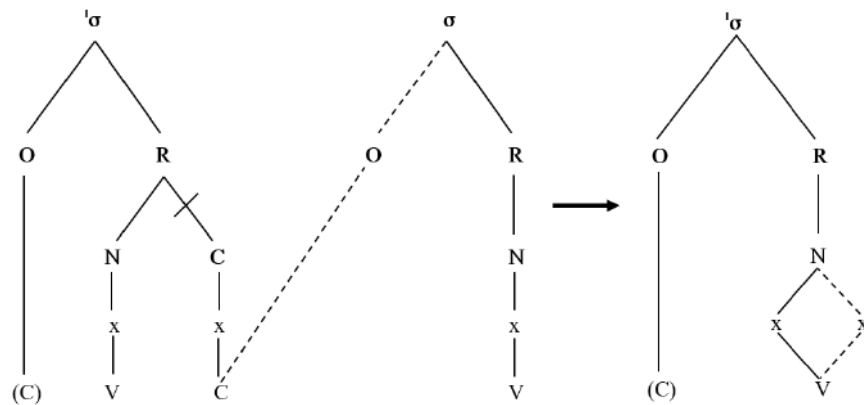
- (391) [nẽ. 'kĩ.sa # 'lu:.na.ra]
 /ne.kĩ.sa # a.lun.na.ra/
 nekĩs- a alun- Ø- na- ra
 cabelo-S.NOM ser comprido-3SG-PRES-PF
 “o cabelo é comprido”

Nesse exemplo, o que se observa é o apagamento na superfície do morfema sufixal nominal {-a} em /nekĩsa/, sendo sua posição ocupada, então, pela vogal [a] que inicia a palavra seguinte, o verbo adjetival “ser comprido”. Sabe-se que se trata do apagamento do primeiro [a] (e não do [a] da raiz verbal) devido ao fato de o sufixo nominal {-a} carregar tom alto e o [a] inicial de /alunnara/ carregar tom baixo. No *output*, o que se verifica na fronteira entre as palavras na sílaba [sa] é um tom baixo, carregado pela vogal ressilabificada pertencente à raiz verbal.

Paralelamente a isso, a língua tende a preservar mora, de modo que, quando uma consoante que fonologicamente pertence à coda ocorre entre vogais de morfemas distintos, ela é ressilabificada na superfície, passando a *onset* fonético da sílaba seguinte e havendo alongamento da vogal da sílaba anterior devido à posição do acento. O alongamento da vogal nuclear, típico de sílaba tônica, preserva o peso silábico, não havendo perda de mora quando da ressilabificação da consoante em coda para o *onset* da sílaba seguinte. Assim, apesar de o Princípio do Onset Máximo ser operante em Nambikwara do Campo, normalmente não interfere no peso silábico atribuído pela mora. Em outras palavras, quando o Princípio do Onset Máximo opera entre morfemas e palavras, a mora da consoante ressilabada mantém-se preservada na sílaba de origem.

Essa regra de ressilabificação de segmento em contexto intervocálico com alongamento da vogal nuclear devido ao acento é representada a seguir, juntamente com alguns exemplos. Na representação, a primeira sílaba é tônica:

Figura 21 – Princípio do Onset Máximo entre morfemas/palavras com atribuição de peso silábico por alongamento da vogal nuclear devido à posição do acento



- (392) [a.ˈwĩ:.na]
/a.u.ĩ.na/
a- u.ĩn- a
INAL-pai-S.NOM
“pai (dele)”

- (393) [saʔ.ˈwe:.na]
/saʔ.u.e.na/
saʔ.u.en- a
mato,floresta-S.NOM
“mata”

- (394) [ˈtẽ:.na]
/tẽ.na/
tẽn- a
tambor-S.NOM
“tambor”

- (395) [ˈsũ:.na]
/sũ.na/
sũn- a
avô, Deus-S.NOM
“Deus (avô)”

Nos exemplos acima, a ressilabificação da consoante em coda faz com que a sílaba, antes fechada, fique aberta. Devido à necessidade de atribuição de peso à sílaba demandada pela regra do acento, a vogal realiza-se, então, alongada, mantendo-se bimoraica e elegível para carregar o acento⁷¹.

Outro fato merecedor de atenção envolve o comportamento da consoante /s/ na sílaba. A língua Nambikwara do Campo apresenta uma restrição quanto à silabificação no que se refere à realização na superfície de segmento [-soante], [+contínuo] e [coronal] em posição de coda. Assim, a fricativa coronal surda /s/ ocorre foneticamente em *onset* silábico, mas nunca em coda. Essa restrição de licenciamento de coda para o /s/ na superfície não impede, no entanto, que o mesmo integre sílabas ocupando essa posição na subjacência.

Nesse contexto, há três possibilidades de *output* para o /s/ em coda, a saber: (1) a vogal nuclear é alongada e, se a sílaba seguinte apresentar *onset* consonântico,

⁷¹ Ver seção 4.1 O acento.

nenhum segmento é realizado em coda, podendo haver processos operando no *onset* da sílaba consecutiva⁷²; (2) a vogal nuclear sofre alongamento e, se a sílaba seguinte iniciar com vogal, a consoante [-soante], [+contínuo] e [coronal] é ressilabificada e realizada em posição de *onset* na mesma; (3) o /s/, em coda simples, é realizado na superfície como a oclusiva glotal [ʔ]⁷³ quando vem seguida de /s/ no *onset* da sílaba subsequente, de modo a evitar uma violação de OCP, com consoantes idênticas heterossilábicas em fronteira. Esse último contexto não foi observado em codas ramificadas com /s/ ocupando a segunda posição, como mostra o exemplo nº398 a seguir. Salienta-se, ainda, que a ressilabificação do /s/ em coda para o *onset* da sílaba seguinte ocorre sempre que possível, isto é, sempre que a sílaba subsequente não apresenta *onset* consonântico. Esse procedimento está em consonância com o Princípio do Onset Máximo e favorece a realização na superfície dos padrões silábicos preferíveis pela língua, com posição de *onset* preenchida. Esses contextos de ocorrência podem ser observados nos exemplos abaixo:

(396) ['siʔtsu]
/sis.su/
sis- su
capim-S.NOM
“capim”

(397) ['si:.sa]
/si.sa/
sis- a
capim-S.NOM
“capim”

(398) ['wẽn.tsu]
/u.ẽns.su/
u.ẽns- su
criança-S.NOM
“criança”

(399) ['wẽ:.sa]
/u.ẽn.sa/
u.ẽns- a
criança-S.NOM
“criança”

(400) [a.ne.'kĩʔ.tsu]
/a.ne.kĩs.su/
a- nekĩs- su
INAL-cabelo-S.NOM
“cabelo”

⁷² Ver seção 3.2 *Os processos fonológicos*.

⁷³ Nos contextos em que uma oclusiva glotal [ʔ] ou uma nasal alveolar [n] ocorrem em coda antes de fricativa coronal [s] em *onset* da sílaba seguinte é comum haver o espraçamento do nó de cavidade oral e, consequentemente, do traço [-contínuo] da glotal ou da nasal para junto do *onset* subsequente, formando a africada [ts] ~ [dz]. Para mais informações, ver subseção 3.2.1.6 *Espraçamento de nó de cavidade oral: o caso do [ts] em onset* na parte 2 desse capítulo.

- (401) [nẽ. kĩ.sa # 'lu:na.ra]
 /ne.kĩ.sa # a.lun.na.ra/
 nekĩs- a alun- Ø- na- ra
 cabelo-S.NOM ser comprido-3SG-PRES-PF
 “o cabelo é comprido”
- (402) ['waj.sa.ki.su] (403) ['wajʔ.tsu]
 /u.a.i.sa.ki.su/ /u.a.is.su/
 u.a.is- a- ki- su u.a.is- su
 açai-S.NOM-CL.redondo-S.NOM açai-S.NOM
 “açai” “açai”
- (404) ['wãjsakisu] (405) ['wãjʔ.tsu]
 /ũ.ã.i.sa.ki.su/ /ũ.ã.is.su/
 u.ã.is- a- ki- su u.ã.is- su
 castanheiro-S.NOM-CL.redondo-S.NOM castanheiro-S.NOM
 “castanheiro” “castanheiro”
- (406) ['so:.su] ~ ['so^h.su] ~ [soʔ.tsu] (407) ['so:.sa]
 /sos.su/ /so.sa/
 sos- su sos- a
 banana-S.NOM banana-S.NOM
 “banana” “banana”
- (408) ['hajʔ.tsu] (409) ['haj.sa]
 /ha.is.su/ /ha.i.sa/
 ha.is- su ha.is- a
 roça-S.NOM roça-S.NOM
 “roça” “roça”
- (410) ['hoʔ.tsu] (411) ['ho:.sa]
 /hos.su/ /ho.sa/
 hos- su hos- a
 macaco-S.NOM macaco-S.NOM
 “macaco-prego” “macaco-prego”

(412) ['ho.sa.ta^h.su] ~ ['ho:.sa.ta^h.su]

/ho.sa.ta.su/

hos- a- ta- su

macaco-S.NOM-INTENS.grande-S.NOM

“macaco-aranha”

(413) ['wã:sakalos]

/u.ã.sa.ka.lo.su/

u.ãs- a- kalo- su

chapéu-S.NOM-CL.chato-S.NOM

“chapéu”

(414) ['wãʔ.tsu]

/u.ãs.su/

u.ãs- su

chapéu-S.NOM

“chapéu”

É importante notar que, embora o Princípio do Onset Máximo seja universal, ele está sujeito à escala de sonoridade das classes de segmentos e às restrições da estrutura silábica da língua, a qual, em Nambikwara do Campo, não permite, por exemplo, oclusiva glotal em *onset*. Assim, na superfície, quando duas consoantes (ou uma consoante e um glide) ocorrem intervocalicamente, a língua tende a interpretar pelo menos uma delas como elemento do *onset*, e não da coda, de modo que uma sequência VCGV tende a ser compreendida na superfície como V.CGV, em que CG é formado por combinações de segmentos que respeitam a hierarquia da escala de sonoridade, conforme descrito por Clements (1990)⁷⁴. Além disso, se uma sequência de consoantes apresentar um segmento simples oclusivo glotal /ʔ/, o mesmo será compreendido como pertencente à coda, e nunca ao *onset*, formando, então, uma sílaba VC e outra CV, como na sequência VC.CV, ou uma sílaba VCC, numa sequência do tipo VCC.V, estando a glotal /ʔ/ na segunda posição da coda.

Alguns exemplos desses contextos de ocorrência e de silabificação em Nambikwara do Campo são apresentados a seguir. Ressalta-se que a fricativa glotal /h/ pode ocupar na sílaba tanto a posição de *onset* quanto a de coda, de forma que a restrição quanto à ocorrência em *onset* se refere apenas à oclusiva glotal /ʔ/.

(415) [i.ũ.'hja.na.ki.na.ra]

/ũ.hi.a.na.ki.na.ra/

ũh- i.a.na.ki- Ø- na- ra

INSTR-tornar seco-3SG-PRES-PF

“ele está enxugando”

(416) ['dĩhʔ.a]

/ʔtihʔ.a/

ʔtihʔ- a

cobra-S.NOM

“cobra (geral)”

⁷⁴ Se, em um contexto VCCV, houver uma consoante nasal seguida por uma obstruinte oral, a estrutura das sílabas será VC.CV, uma vez que, considerando-se a escala de sonoridade dos segmentos envolvidos, uma sílaba do tipo *NOV, na qual N = Nasal, O = Obstruinte (oral) e V = Vogal, seria mal-formada, visto que o segmento nasal é mais sonoro do que uma obstruinte e, então, uma sequência desse tipo deixaria de configurar um movimento ascendente em termos de sonoridade da sílaba até atingir a Vogal nuclear, que representa o pico de sonoridade da sílaba a partir do qual se inicia o movimento descendente em direção à coda, se existente.

- | | |
|--|--|
| (417) ['ehʔ.a]
/ehʔ.a/
ehʔ- a
machado-S.NOM
“machado” | (418) [kaʔ.'le ^{dn} .tsu]
/kaʔ.len.su/
kaʔ.len- su
sapo-S.NOM
“sapo (geral)” |
|--|--|

Conforme já mencionado nesse capítulo, a sílaba em Nambikwara do Campo está sujeita à ocorrência de vários processos fonológicos que, ao operarem, interferem na estrutura silábica realizada a nível de superfície, que pode diferir daquela a nível profundo⁷⁵. É comum, então, ocorrerem ressilabificações de segmentos, epênteses e apagamentos, sempre obedecendo aos parâmetros que envolvem o *template* da sílaba, o Princípio do *Onset* Máximo e a escala de sonoridade.

Enquanto que, na subjacência, o molde silábico é (C)V(C)(C), em que C equivale a consoante e V, a vogal, na superfície, com processos fonológicos operando na sílaba, sua estrutura máxima fica (C)(C)V(C)(C), em que V é vogal e C pode ser consoante ou glide, ocorrendo na sílaba na ordem prevista pela escala de sonoridade, de maneira que a sonoridade cresce a partir das margens em direção ao núcleo⁷⁶.

Desse modo, mesmo na superfície, a rima continua permitindo três posições ocupadas, porém apenas duas delas contam mora, como será explicado no Capítulo 4, cuja primeira seção discorre sobre o acento. O fato é que, na superfície, as vogais altas /i,u/ podem passar do núcleo para a periferia da sílaba (*onset* ou *coda*) quando são átonas e se encontram em ambiente adjacente a vogais não-altas, que permanecem como núcleo silábico. Nessa perspectiva, tanto ditongos crescentes quanto decrescentes são fonéticos e sempre resultantes de sequências heterossilábicas envolvendo vogal alta e vogal não-alta na subjacência, que se superficializam como sequências tautossilábicas do tipo [GV], [VG] ou mesmo [GVG]. Em outras palavras, os ditongos (e tritongos) são sempre resultados fonéticos, os quais ocorrem quando dois segmentos vocóides (vogal e glide) se realizam na mesma sílaba na superfície

⁷⁵ Para mais informações a respeito das alofonias na superfície relativas a cada segmento da língua, ver capítulo 2 desse trabalho. Para mais detalhes a respeito dos processos fonológicos operantes na língua, ver subseção 3.2 *Os processos fonológicos* desse capítulo.

⁷⁶ Como mencionado no capítulo 2 desse trabalho na seção 2.1.2.3 *Ditongos*, na língua, há 3 processos fonológicos que apontam para a ideia de que o ditongo não está em um núcleo ramificado, e sim no núcleo e na coda: labialização de nasal em coda, pré-oralização de nasal em coda e reduplicação. No primeiro e no segundo caso, o que se verifica é que o /n/ em coda só se realiza labial [m] (quando a vogal nuclear é nasal) ou [b̥m] (quando a vogal nuclear é oral) após ditongo labial. Se o núcleo tiver uma vogal labial simples, seja ela oral ou nasal, ela não engatilha a labialização do /n/ em coda, que se realiza sempre [n] ou [d̥n], se pré-oralizado. Isso implica dizer que o que engatilha a labialização da nasal (pré-oralizada ou não) é o segmento em coda, não o núcleo vocálico. Quanto à reduplicação, o que ocorre é que, em raízes monossilábicas, ditongos decrescentes não são reduplicados, mas apenas estruturas /CV/, o que também nos leva a inferir que a semivogal está na coda.

(por exemplo: /V_{alta}/ + /V/ > [jV]), mas, fonologicamente, pertencem a sílabas distintas (/V_{alta}/ e /V/)⁷⁷. Os exemplos abaixo ilustram esses contextos:

- | | |
|--|---|
| <p>(419) [a.'nãũ.su]
 /a.nã.ũ.su/
 a.nã.ũ- su
 lagarta-S.NOM
 “lagarta, espécie de”</p> | <p>(420) [soʔ.'jãj.na.ra]
 /soʔ.i.ã.i.na.ra/
 sauʔ.i.ã.i- Ø- na- ra
 costurar-3SG-PRES-PF
 “ele costura, está costurando”</p> |
| <p>(421) [pa.pa.'paw^{bm}.na.ra]
 /pa.pa.un.na.ra/
 pa.pa.un- Ø- na- ra
 REDUPL.ser achatado-3SG-PRES-PF
 “é achatado”</p> | |

Assim, o que se observa é que a sílaba, que licencia apenas uma posição no núcleo, tem uma restrição que não permite núcleo ramificado. Como consequência disso, sequências de vogal não-alta e vogal alta resultam sempre em ditongos (ou tritongos) fonéticos, uma vez que a vogal alta, impossibilitada de permanecer em posição nuclear, passa para a margem da sílaba adjacente e é pronunciada, então, como glide. Isso pode ocorrer intra e intermorfemicamente, dentro de raízes e afixos ou em fronteira de morfema. A seguir, são apresentados alguns exemplos desses contextos e de *outputs* da sílaba na superfície:

[GV]

- | | |
|--|--|
| <p>(422) [a.'jɛ.ki.ki.su]
 /a.i.e.ki.ki.su/
 a- i.e.ki- ki- su
 INAL-olho-CL.redondo-S.NOM
 “olho”</p> | <p>(423) [ʔa.ki.su]
 /i.a.ki.su/
 i.a.ki- su
 porco-S.NOM
 “porco do mato”</p> |
|--|--|

⁷⁷ Salienta-se que, em ditongos, o traço [laringal] ou [nasal] da vogal também pode ser carregado pelo glide. Não foi possível discernir quando, na superfície, esses traços são carregados apenas pela vogal ou pela vogal e pelo glide.

[VG]

- (424) ['**ay**.na.ra]
/a.u.na.ra/
a.u- Ø- na- ra
ser grosso- 3SG-PRES-PF
“é grosso”
- (425) ['**aj**.ki.su]
/a.i.ki.su/
a.i.ki- su
pássaro-S.NOM
“pássaro (geral)”

[GVG]

- (426) [wã.**wãw**.ka.li.su]
/u.ã.u.ã.u.ka.li.su/
u.ã.u.ã.u- kali- su
teia de aranha-?-S.NOM
“teia de aranha”

[CGV]

- (427) [**kũẽ**.**kũẽ**.ki.su]
/kũ.ẽ.kũ.ẽ.ki.su/
kũ.ẽ.kũ.ẽ- ki- su
REDUPL.barulho de abanar-CL.redondo-S.NOM
“abanador”
- (428) ['**kwa**.laj.ja]
/ku.a.la.i.a/
ku.a.la.i- a
aranha-S.NOM
“aranha”
- (429) ['**kwi**.ri.**ʔnãj**.su]
/ku.i.li.^ʔnã.i.su/
ku.i.li.^ʔnã.i- su
ariranha-S.NOM
“ariranha”

[VGC]

- (430) ['**aj**^{eg}.gi.na.ra]
/a.in.kin.na.ra/
a.in.kin- Ø- na- ra
ouvir,escutar-3SG-PRES-PF
“ele ouviu, está ouvindo”

[GVGC]

- (431) [_lwa.^h**waj^{dm}**.na.ra]
 /u.a.u.g.in.na.ra/
 u.a- u.g.in- Ø- na- ra
 INSTR-coçar-3SG-PRES-PF
 “ele coça (com a mão)”

- (432) [^h**waj^{gn}**.gi.na.ra]
 /u.a.in.ki-na-ra/
 u.a.in.ki- Ø- na- ra
 ser estreito-3SG-PRES-PF
 “é estreito, fino”

[CGVC]

- (433) [^h**kwaʔ**.laʔ.tsu]
 /ku.aʔ.laʔ.su/
 ku.aʔ.laʔ- su
 seriema-S.NOM
 “seriema”

[CGVGC]

- (434) [^h**kwajh**.na.wa]
 /ku.a.ih.na.wa/
 ku.a.ih-Ø- na- ra
 grito-3SG-PRES-PF
 “ele grita”

- (435) [^h**k^hwajʔ**.tsu]
 /ku.a.it.su/
 ku.a.it- su
 beija flor-S.NOM
 “beija-flor”

Ressalta-se que, para que a vogal alta passe à margem da sílaba adjacente, é preciso que ela seja átona. Se a vogal alta for tônica, ela permanece ocupando a posição nuclear da sílaba, podendo, entretanto, gerar uma geminada.

- (436) [ha.^h**ti**.a] ~ [ha.^hti.ja]
 /ha.ti.a/
 ha.ti- a
 cesta,cabaça-S.NOM
 “cesta, cabaça”

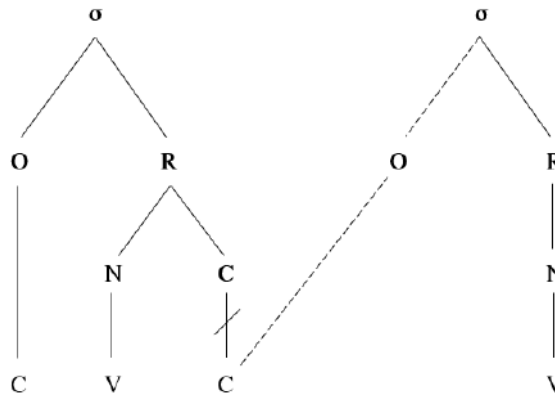
- (437) [a.^h**ki**.a] ~ [a.^hki.ja]
 /a.ki.a/
 a- ki- a
 POS.3SG-semente-S.NOM
 “semente (de algo)”

Em sequências do tipo [GV] é comum observar o fortalecimento do glide, que se comporta como uma consoante. Em sequências [VG], porém, o que se observa para o glide é um comportamento semelhante ao da vogal. Isso ocorre porque, tendo em vista a escala de sonoridade, o *onset* é uma posição forte, que prefere um baixo grau de soância, ao passo que a coda é uma posição fraca, a qual tem preferência por um maior grau de soância. Observe a seguir as diferenças de comportamento de G quando em posição de *onset* e de coda:

- (438) [si.^htʃe.na]
/sih.i.e.na/
sih- i.en- a
casa-CL.aldeia-S.NOM
“casa, aldeia”
- (439) [ʔaj.na.ra]
/a.i.na.ra/
a.in- a- ra
andar-PRC/1SG-PF
“eu estava andando (hoje)”

O tipo silábico mais produtivo na língua é o /CV/, havendo uma tendência à realização dessa sílaba na superfície mesmo quando fonologicamente a mesma não apresenta essa estrutura. Assim, muitas das ressilabificações verificadas em fala corrida configuram a tendência à formação, sempre que possível, do padrão silábico [CV], mesmo que apenas a nível fonético. A regra geral de ressilabação de segmentos da coda para o *onset* em fronteira de morfema ou palavra é representada a seguir, assim como alguns exemplos em que tal regra é operante:

Figura 22 – Ressilabificação em contexto intervocálico entre morfemas/palavras



- (440) [ʔhi.sa.ka.d̥a] ~ [ʔhi.sa.k̥a.d̥a]
/hi.sa.ka.^ʔta/
his- a- ka^ʔt- a
árvore-S.NOM-CL.comprido-S.NOM
“tronco da árvore”
- (441) [ʔd̥u.ha]
/^ʔtu.ha/
^ʔtuh- a
mulher, urucum-S.NOM
“mulher, urucum”
- (442) [ʔtu.ha.ta.su]
/tu.ha.ta.su/
tuh- a- ta- su
abelha-S.NOM-INTENS.grande-S.NOM
“abelha (geral)”

- (443) [¹si_hi^he^{dn}.na.wa]
 /si.hi.en.na.u.a/
 sih- i.en- Ø- na- u.a
 casa-CL.aldeia-3SG-PRES-IMPF
 “ele está na aldeia”

Pode ocorrer, ainda, a realização de uma vogal epentética, geralmente uma vogal alta, a qual, ao ocorrer, promove a ressilabação da consoante na coda anterior, que passa ao *onset* da sílaba fonética que possui como núcleo a vogal epentética. Um exemplo da regra de ressilabação com epêntese de vogal está apresentada abaixo para a palavra [¹haw^ʔtsu] “flecha”, cuja representação fonológica é /hau^ʔtsu/.⁷⁸

Figura 23 – Contexto de ressilabificação com vogal epentética

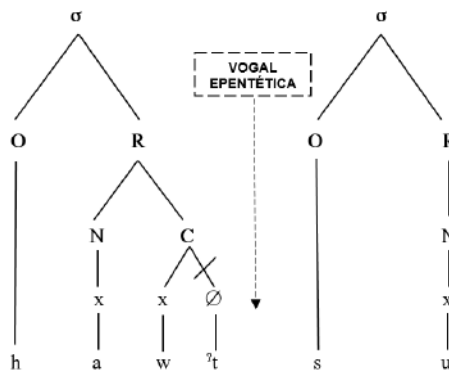
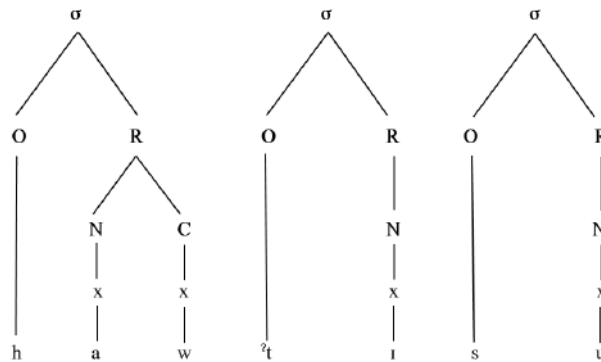


Figura 24 – Resultado da ressilabificação com vogal epentética



⁷⁸ Casos de epêntese vocálica como o descrito aqui foi observado apenas junto ao sufixo nominal {-su}, que delimita a palavra nominal em contexto de fala isolada (apenas em poucos casos pode ocorrer em contexto de uso). Quando ocorre o sufixo nominal {-a}, em contexto de uso, a consoante em coda da raiz é ressilabada para junto do morfema nominal, não havendo, portanto, epêntese: [¹haud̪a], /hau^ʔta/, “flecha”.

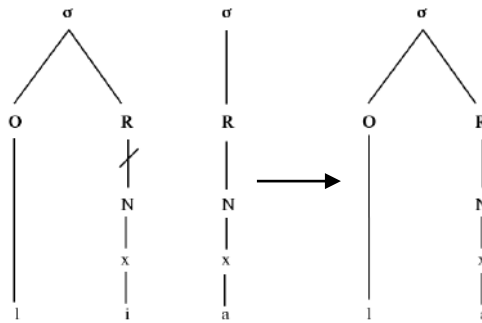
- (444) [haw.[?]ti.su]
 /ha.u[?]t.su/
 ha.u[?]t- su
 flecha-S.NOM
 “flecha”

Nesse exemplo nº 444, o que se observa é que, quando a rima possui duas posições preenchidas, a terceira é extramétrica, tendo em vista que, no que diz respeito à regra do acento, a língua não diferencia sílabas pesadas (bimoraicas) de superpesadas (com mais de duas moras). Sendo assim, ocorre epêntese de vogal para ocupar núcleo de sílaba junto à consoante em coda extramétrica, a qual passa a *onset*. Outros exemplos envolvendo epêntese vocálica (sem extrametricalidade) são apresentados abaixo:

- | | |
|--|--|
| <p>(445) [a'jetisu] ~ [a'jetsu]
 /a.i.et.su/
 a.i.et- su
 ninho-S.NOM
 “ninho”</p> | <p>(446) [wa'lutisu] ~ [wa'lutsu]
 /u.a.lut.su/
 u.a.lut- su
 paca-S.NOM
 “paca”</p> |
|--|--|
- (447) [a'lutisu] ~ [a'lutsu]
 /a.lut.su/
 a.lut- su
 tatu bola-S.NOM
 “tatu-bola”

Além da epêntese de vogal em travamento silábico, também ocorre em Nambikwara do Campo o apagamento de vogal átona, normalmente em posição postônica, em sequências de Vogal + Vogal ocupando o núcleo de sílabas distintas. O apagamento de um dos segmentos vocálicos favorece a formação do padrão silábico [CV], sílaba ótima e, como já sabido, a mais frequente na língua. Um exemplo do apagamento de vogal átona em posição postônica e consequente formação do padrão silábico [CV] é o da palavra [t^hla] “pedra”, cuja forma fonológica é /tah^hlia/, formada pela sequência /CVCC.CV.V/. Com o apagamento da vogal [i] postônica, a vogal final, que corresponde ao sufixo nominal, é ressilabificada, passando a compor o núcleo da sílaba anterior e formando, assim, a sequência [CVC.CV]. Tais processos podem ser melhor visualizados na figura 25 a seguir:

Figura 25 – Ressilabificação com apagamento de segmento vocálico



- (448) ['ta^h.la]
/tah[?].li.a/
tah[?]- li- a
pedra-?-S.NOM
“pedra”

- (449) ['waj.ja.la] ~ ['waj.ja.ra]
/u.a.i.a.li.a/
u.a.i.a- li- a
cachorro-?-S.NOM
“cachorro”

- (450) ['hu:kisu] ~ ['hu:[?]ksu]
/hu.[?]ki.su/
hu[?]ki- su
arco-S.NOM
“arco”

- (451) [[?]kĩ^hna]
/[?]kĩ^h.na/
[?]kĩ^h- nũ- a
areia-CL.grão-S.NOM
“areia, terra”

Em Nambikwara do Campo, na superfície, o *onset* complexo só pode ser formado por uma sequência de obstruinte + glide ou obstruinte + [s]. Alguns exemplos são:

- (452) ['kũẽ.ka]
/ku.ẽ.ki.a/
ku.ẽ.ki- a
época seca-S.NOM
“época da seca (ano)”

- (453) ['tjah.la] ~ ['tjah.la]
/te.i.ah.la/
te- i.ah.lo- a
DEM-CL.masc-S.NOM
“ele”

- (454) ['kũãŋ.ki.su] ~ ['kũãŋ[?].gi.su]
/ku.ãŋ.ki.su/
ku.ãŋ.ki- su
cemitério, cova-S.NOM
“cemitério, cova”

- (455) [ã.lũ.ti.su] ~ [ã.lũ.tsu]
/ã.lũt.su/
ã.lũt- su
tatu bola-S.NOM
“tatu-bola”

Não foram verificados casos de *onset* complexo na superfície formado por sequência de consoante obstruente seguida por líquidas, contexto que seria esperado considerando-se o que é apontado por Clements (1990) no que diz respeito à escala de sonoridade da sílaba e às classes de segmentos que a obedecem. No entanto, tais ocorrências foram atestadas por Braga (2017, p.122-5) em Negarotê e por Telles (2002, p.140) em Latundê. Para o Negarotê, a autora afirma que sequências do tipo Obstruintes + Líquidas são permitidas como resultados de processo de ressilabação, quando a obstruente realizada na coda da sílaba anterior passa a compor *onset* complexo com a consoante líquida fonética [l, r] que inicia a sílaba seguinte. A regra que ilustra esse processo é: VO.LV → V.OLV, em que V = Vogal, O = Obstruente e L = Líquida (BRAGA, 2017, p.123). De modo semelhante, em Latundê, a formação de grupos consonantais do tipo [tr, dr, kr, gr] ocorre em decorrência de processos de redução silábica operantes em sílabas pretônicas de sufixo nominal e verbal (TELLES, 2002, p.140).

A seguir, são tecidas algumas considerações finais sobre a sílaba em Nambikwara do Campo, levando-se em consideração, para tal, o comportamento da sílaba também em outras línguas da família Nambikwara.

3.1.7 Síntese do comportamento da sílaba em Nambikwara do Campo e nas línguas da família Nambikwara

Como pôde ser observado anteriormente nesse capítulo, a sílaba fonológica em Nambikwara do Campo possui como estrutura máxima (C)V(C)(C), possuindo como único elemento obrigatório a vogal nuclear, que compõe núcleo simples, e podendo apresentar *onset* e *coda*. Dentre os três elementos que compõem a sílaba, isto é, o *onset*, o núcleo e a coda, apenas a última pode ser ramificada na subjacência. O *onset* e a coda são preenchidos apenas por consoantes, e o núcleo, por segmentos vocálicos.

Sílabas com *onset* consonântico são mais frequentes do que aquelas que iniciam com vogal, as quais, por sua vez, têm uma tendência a ocorrer em início de palavra e em raízes monossilábicas. A coda é a parte da sílaba mais suscetível aos processos fonológicos, sendo recorrente apagamentos e ressilabificações na superfície.

Sabendo-se que o Nambikwara do Campo é uma língua sensível ao peso silábico, sílabas fechadas e, portanto, pesadas, são majoritariamente acentuadas. As sílabas mais recorrentes na língua são do tipo /CV/ e /CVC/.

Para fins elucidativos e comparativos, o quadro a seguir traz uma síntese do comportamento da sílaba nas línguas da família Nambikwara. No final do quadro, é apresentada, resumidamente, a interpretação a respeito da sílaba do Nambikwara do Campo conforme abordado nesse capítulo.

Quadro 58 – A sílaba nas línguas Nambikwara

Línguas Nambikwara	Interpretações sobre a sílaba
Latundê e Lakondê (Norte) (TELLES, 2002)	• Molde silábico: (C)V(C)(C); • Há 6 possibilidades de combinações de sílabas, todas foram verificadas na língua; • 6 tipos de sílabas: ◦ <u>Abertas (2)</u>: /V/, /CV/; ◦ <u>Fechadas (4)</u>: /VC/, /VCC/, /CVC/, /CVCC/; • Sílabas abertas são menos frequentes do que fechadas; • Sílabas mais frequentes: /VCC/ e /CVC/; • Sílabas menos frequentes: /V/ e /CV/; • /V/, /VC/ e /VCC/ ocorrem exclusivamente em início de palavra; • Sílabas fonéticas podem apresentar uma forma muito distinta comparada à sua representação fonológica.
Mamaindê (Norte) (EBERHARD, 2009)	• Molde silábico fonológico: (C)(C)V(V)(C)(C); • Molde silábico a nível de superfície: (C)(C)X(V)(C)(C), em que X pode ser uma vogal ou uma realização da nasal /n/; • Há 18 possibilidades de combinações de sílabas, todas foram verificadas na língua; • 18 tipos de sílabas: ◦ <u>Abertas (6)</u>: /V/, /CV/, /CCV/, /VV/, /CVV/, /CCVV/; ◦ <u>Fechadas (12)</u>: /VC/, /VCC/, /CVC/, /CCVC/, /CVCC/, /CCVCC/, /VVC/, /VVCC/, /CVVC/, /CVVCC/, /CCVVC/, /CCVVCC/; • Sílabas mais frequentes: /CV/ (entre as sílabas átonas) e /CVC/ (entre as sílabas tônicas); • Sílabas abertas ocorrem em posição átona e podem aparecer em raízes e em morfemas; • Sílabas iniciadas por vogal ocorrem majoritariamente em início de palavra; • Sílabas fechadas ocorrem em grande parte em posição tônica e podem aparecer em raízes e em morfemas; • Sílabas com núcleo ramificado geralmente ocorrem em posição tônica; • Sílabas com <i>onset</i> consonântico são mais frequentes; • <i>Appendix</i>, silabificação e Princípio do <i>onset</i> máximo.
Negarotê (Norte) (BRAGA, 2017)	• Molde silábico: (C)(C)V(V)(C)(C); • Há 18 possibilidades de combinações de sílabas, 17 foram encontradas na língua; • 17 tipos de sílabas: ◦ <u>Abertas (6)</u>: /V/, /VV/, /CV/, /CVV/, /CCV/, /CCVV/;

	○ <u>Fechadas (11)</u>: /VC/, /VVC/, /VCC/, /VVCC/, /CVC/, /CVVC/, /CVCC/, /CVVCC/, /CCVC/, /CCVVC/, /CCVVCC/; • Sílabas mais frequentes: /CV/, /CVC/, /CVV/, /CVVC/; • Sílabas do tipo /V/ e /VV/ ocorrem em grande parte em início de palavra; • Sílabas fechadas ocupam preferencialmente a posição tônica; • Ressilabificação: comum em fala rápida e afeta tanto sílabas abertas quanto fechadas.
Sabanê (isolada) (ARAÚJO, 2004)	• Sílabas possíveis: /CV/, /VC/, /CVC/; • Sílabas mais frequente: /CV/; • Primeiro local onde a silabificação ocorre é no nível do morfema.
Nambikwara do Sul (Sul) (KROEKER, M., 2001)	• Molde silábico: (C)(C)(C)V(V)(C)(C); • /VV/ só é possível quando os ditongos vocálicos são considerados como entidades isoladas; • Se a sílaba for aberta, a realização da vogal é mais longa, se for fechada, a realização da consoante em coda é mais longa; • Se a sílaba for acentuada, pode ter sua realização mais longa por questões enfáticas; • Outra forma de indicar ênfase é repetindo a sílaba; • Há uma sílaba /CC/ <-nx²>, que é a segunda pessoa do singular, quando seguida da segunda pessoa do plural <-ti³>.
Nambikwara do Campo (Sul) (SOUSA NETTO, 2018)	• Molde da sílaba fonológica: (C)(C)V(V)(C)(C); • Molde da sílaba fonética: (C)(C)V(V)(C)(C) • Há 18 possibilidades de combinações de sílabas, 11 foram encontradas na língua a nível fonético e fonológico; • 11 tipos de sílabas fonéticas: ○ <u>Abertas (6)</u>: [V], [VV], [CV], [CVV], [CCV], [CCVV]; ○ <u>Fechadas (5)</u>: [VC], [CVC], [CVVC], [CCVC], [CVCC]; • 11 tipos de sílabas fonológicas: ○ <u>Abertas (5)</u>: /V/, /VV/, /CV/, /CVV/, /CCV/; ○ <u>Fechadas (6)</u>: /VC/, /CVC/, /CVVC/, /CCVC/, /CVCC/, /CCVVC/; • Sílaba fonética e fonológica mais frequente: /CV/.
Nambikwara do Campo (Sul) (própria autora)	• Molde da sílaba fonológica: (C)V(C)(C); • Sílaba resultante de processos fonológicos na superfície: (C)(C)V(C)(C), em que C pode ser consoante ou glide, obedecendo-se a escala de sonoridade;

	• Há 6 possibilidades de combinações de sílabas na subjacência, todas foram encontradas na língua; • 6 tipos de sílabas a nível lexical: ○ <u>Abertas (2)</u>: /V/, /CV/; ○ <u>Fechadas (4)</u>: /VC/, /CVC/, /CVCC/, /VCC/; • Sílabas mais frequentes: /CV/ e /CVC/; • Sílaba menos frequente: /VCC/; • Sílabas abertas e fechadas podem compor raízes nominais e lexicais e morfemas; • Sílabas abertas são geralmente átonas e menos frequentes na língua, à exceção do padrão /CV/; • Sílabas fechadas são normalmente tônicas e ocorrem com frequência na língua; • Sílabas sem <i>onset</i> consonântico ocorrem majoritariamente em início de palavra e em raízes monossilábicas, podendo também ocorrer em meio de palavra e fronteira de morfema; • A sílaba a nível de superfície pode apresentar uma estrutura distinta daquela existente a nível subjacente; • Vários processos fonológicos podem ocorrer no nível da sílaba e interferir, principalmente, na coda; • Apagamento de coda e ressilabificação são comuns em fala acelerada.
--	---

Conforme pode ser visto no quadro 58 acima, há algumas semelhanças e diferenças no que se refere ao comportamento da sílaba nas línguas da família Nambikwara. No que concerne ao molde silábico, observa-se que o Mamaindê (EBERHARD, 2009) e o Negarotê (BRAGA, 2017) apresentam a mesma estrutura com vogal nuclear obrigatória e possibilidades de *onset*, núcleo e coda simples e ramificadas. A esse respeito, a estrutura máxima da sílaba do Latundê e Lakondê (TELLES, 2002), do Sabanê (ARAÚJO, 2004) e do Nambikwara do Sul (KROEKER, M., 2001) são merecedoras de atenção.

Em Latundê e Lakondê e na nossa análise do Nambikwara do Campo, a estrutura máxima da sílaba (C)V(C)(C) parece sugerir que houve, diacronicamente, uma simplificação da estrutura do *onset*, que licencia apenas uma posição a ser preenchida por consoante. Em Sabanê, Araújo (2004) não apresenta expressamente a estrutura do molde silábico, mas, a partir do que é dito pelo autor, chega-se à estrutura máxima (C)V(C), em que a vogal é o único elemento obrigatório da sílaba, mas que precisa de uma consoante adjacente em *onset* ou em coda para compô-la. Assim, essa língua, quando comparada às línguas-irmãs, parece ter sofrido uma simplificação não apenas no *onset*, mas na coda e possivelmente até mesmo no núcleo, visto que nenhum deles licencia duas posições. Por fim, em Nambikwara do Sul, Kroeker, M. (2001) afirma existirem três posições para o *onset* na estrutura (C)(C)(C)V(V)(C)(C), resultado que não foi encontrado nos dados analisados para o Nambikwara do Campo.

Outro fator interessante diz respeito às sílabas que são mais frequentes em cada língua. Observa-se que o tipo /CV/ figura entre os padrões silábicos mais

recorrentes em Mamaindê, Negarotê, Sabanê e em Nambikwara do Campo, ou seja, em quase todas as línguas, à exceção do Latundê e do Lakondê, para as quais o padrão /CV/ figura entre os tipos mais raros de sílaba. Isso é curioso não apenas porque foge ao padrão observado nas línguas da família Nambikwara, mas também ao que é encontrado nas línguas do mundo. Quanto ao padrão /CVC/, parece que o mesmo configura um tipo silábico recorrente em todas as línguas da família já estudadas, não sendo possível confirmar essa afirmação apenas para o Sabanê.

Assim, a partir do que foi exposto nessa seção 3.1 e da observância do quadro 58 acima, pode-se afirmar que, no que tange ao comportamento da sílaba, as línguas da família Nambikwara que guardam mais semelhanças entre si são o Mamaindê e o Negarotê. O Latundê, o Lakondê e o Nambikwara do Campo (própria autora) apresentam a mesma estrutura de sílaba na subjacência, e o Sabanê, apesar de também apresentar semelhanças quanto à sílaba comparativamente à língua aqui em análise, tem, também, algumas diferenças em sua estrutura, podendo estas ter explicações fundamentadas em razões históricas, de distanciamento geográfico ou de outras naturezas.

Na próxima seção, serão abordados os processos fonológicos identificados para o Nambikwara do Campo.

3.2 Os processos fonológicos

Essa seção visa apresentar e descrever os processos fonológicos observados a nível segmental em Nambikwara do Campo. Compreende-se que os processos fonológicos são a expressão na superfície de regras que operam junto aos segmentos, sendo as variantes derivadas, então, motivadas por um determinado contexto. Nessa perspectiva, os processos aqui apresentados estão em consonância com a variação segmental observada no capítulo 2 desse trabalho.

A língua apresenta uma grande riqueza de processos fonológicos, sendo a maioria deles motivada pela estrutura fonológica. Além disso, grande parte dos processos é também opcional, podendo-se observar na superfície, portanto, um alto grau de variabilidade que pode estar atrelada à frequência de ocorrência de um determinado processo ou às possibilidades de flutuação e de realização na superfície de uma forma subjacente. Nesse sentido, a aparente assimetria observada na língua é, também, um desafio analítico, visto que os ambientes engatilhadores dos processos devem ser definidos em termos de classes naturais quando se está tratando de teorias linguísticas.

Para tratar dos processos fonológicos do Nambikwara do Campo, esta seção irá se basear em teorias fonológicas não-lineares, a exemplo da Fonologia Autossegmental (GOLDSMITH, 1976, 1979) e da Geometria dos Traços (CLEMENTS, 1985, 1991; CLEMENTS E HUME, 1995) para a explicação e evidencição dos processos em representações arbóreas de traços. Além disso, ainda no que diz respeito aos modelos não-lineares, a presente descrição também irá se ancorar na Fonologia Lexical (KIPARSKY, 1982, 1985; MOHANAN, 1982, 1986) para compreensão dos processos fonológicos em interface com a morfologia e na Fonologia Métrica (LIBERMAN E PRINCE, 1977; HAYES, 1995), uma vez que o acento (primário e secundário) é também importante no que se refere aos processos fonológicos, podendo engatilhá-los ou ser condicionantes para sua realização. Por fim,

sabendo-se que os processos fonológicos em Nambikwara do Campo operam em diferentes domínios prosódicos, a presente análise também se respalda nos pressupostos da Fonologia Prosódica (NESPOR E VOGEL, 1986; SELKIRK, 2011, 2003).

A maioria dos processos operantes em Nambikwara do Campo ocorrem no domínio da palavra, na raiz ou em fronteira de morfema, sendo a coda geralmente a parte da sílaba mais afetada. Um dado processo pode envolver apenas um ou mais de um domínio prosódico, como poderá ser visto nessa seção.

As regras lexicais concernentes ao acento e ao tom estão descritas no capítulo 4 desse trabalho, porém, como também podem estar atreladas às ocorrências dos processos fonológicos, por vezes serão mencionadas nessa seção. O fato de a regra de acento da língua ser sensível ao peso silábico e de, portanto, o acento poder funcionar como contexto determinante para a realização de alguns processos corrobora essa questão. Os processos aqui identificados e descritos são:

- Assimilação: vozeamento de obstruinte, ponto de articulação das coronais em coda, laringalização de vogal, nasalização das vogais átonas e harmonia vocálica;
- Realizações fonéticas do /s/ em *onset* de sílaba;
- Redução/apagamento: apagamento de consoante, síncope de vogal átona entre sílaba tônica e sílaba átona, monotongação e fusão;
- Epêntese;
- Rotacismo;
- Coalescência consonantal: ensurdecimento de /l/ em *onset*;
- Fortalecimento: fortalecimento do glide coronal [j], dentalização do glide labial [w], implosão de oclusiva;
- Aspiração: aspiração de oclusiva em *onset*, aspiração de coda;
- Pré-oralização de coda nasal;
- Alongamento: alongamento vocálico em sílaba acentuada, alongamento enfático, alongamento de nasal em coda;
- Reduplicação⁷⁹.

Ao final dessa seção, será apresentada uma reflexão acerca dos processos que agem em posição de coda. Posteriormente, será apresentado um quadro resumitivo com as interpretações a respeito dos processos fonológicos encontrados nas línguas Nambikwara já estudadas, o qual será devidamente comentado e comparado aos resultados encontrados para o Nambikwara do Campo.

A seguir, são apresentados os processos fonológicos observados na língua. Para cada um, serão apontados sempre que possível a formalização da regra, a representação dos traços e dos contextos envolvidos com base em Clements e Hume (1995), o domínio prosódico em que ocorrem e se configuram processos obrigatórios ou opcionais. Nos exemplos, serão destacados em **negrito** os contextos relevantes para o processo em questão.

⁷⁹ Esse processo é morfofonológico, tendo sido aqui acrescentado porque também envolve questões de ordem fonológica.

3.2.1 Assimilação

3.2.1.1 Vozeamento de obstruente

O processo de vozeamento de obstruente⁸⁰ ocorre largamente em Nambikwara do Campo, tendo sido também atestado em outras línguas Nambikwara, quais sejam: Latundê (Telles, 2002), Mamaindê (Eberhard, 2009), Negarotê (Braga, 2017) e Nambikwara do Campo (Sousa Netto, 2018). Vale ressaltar, no entanto, que nas línguas do ramo do Norte, tal processo foi observado apenas em consoantes oclusivas, ao passo que, em Nambikwara do Campo, o mesmo também opera com consoante fricativa.

Conforme apresentado no Capítulo 2 desse trabalho, em Nambikwara do Campo, não há contraste entre oclusivas e fricativas surdas e sonoras, de modo que, quando essas últimas ocorrem, configuram variação alofônica de sua contraparte surda. Assim, foi identificado na língua um total de 4 segmentos oclusivos não-glotalizados, /p, t, k, ʔ/ e 2 fricativos, /s, h/. No que concerne às oclusivas, a glotal possui uma restrição de licenciamento quanto à posição de *onset*, podendo ocupar apenas a coda na sílaba. Sabendo-se que o processo de vozeamento ora descrito está condicionado à posição de onset silábico, o segmento glotal não é afetado por este. Quanto às fricativas, não foi verificada ocorrência de vozeamento na fricativa glotal /h/ em posição de *onset*.

Desse modo, o vozeamento de obstruente configura um processo opcional, podendo não ocorrer mesmo quando em contexto favorável. Ele foi atestado na língua junto às consoantes oclusivas /t, k/⁸¹ e à fricativa /s/ em posição de *onset* silábico e pode ocorrer dentro da raiz e em fronteira de morfema. Por fim, a tonicidade não é uma condição para que haja o vozeamento desses segmentos.

Esse processo pode se manifestar em meio e final de palavra⁸² quando a obstruente se encontra em ambiente de alta sonoridade, vindo antecedida por consoante nasal ou ocorrendo em posição intervocálica. Tais contextos estão devidamente formalizados e representados de acordo com a geometria dos traços (CLEMENTS E HUME, 1995) a seguir, juntamente com os exemplos:

Contexto de ocorrência 1: vozeamento pós-nasal

[-soante] → [+vozeado] / N)σ ____ (opcional)

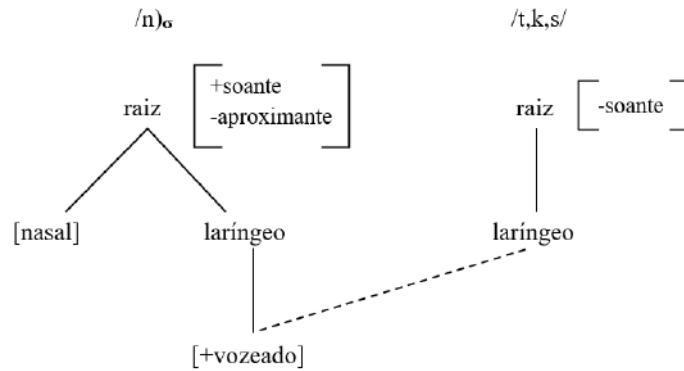
Domínio: palavra prosódica

⁸⁰ Esse processo diz respeito aos segmentos obstruente não-glotalizados.

⁸¹ Devido à carência de dados na língua com a oclusiva bilabial /p/, não foi possível verificar o processo de vozeamento junto a esse segmento. No entanto, como ocorre com as demais consoantes oclusivas (à exceção da glotal /ʔ/), acredita-se que esse processo também se manifeste com /p/. Para mais informações a respeito da realização e distribuição desse segmento em Nambikwara do Campo, ver seção 2.1.2.1.2.1.1 O /p/ do capítulo 2.

⁸² Foi verificada em início de palavra quando a primeira sílaba é uma reduplicação da segunda sílaba, a qual foi produzida com segmento em *onset* vozeado. Um exemplo pode ser visto em “é preto”: [dĩ'dĩnnara], /tĩjnnara/.

Figura 26 – Representação da assimilação do traço [+vozeado] da consoante nasal pela obstruente que a segue



- (456) [hu^hkẽn^dzu]
 hu^hki- ãn- su
 arco-CL.oco-S.NOM
 “espingarda”

- (457) [sɔ^hja^hga^hlosu] ~ [sɔ^hja^hga^hlosu]
 sauian- kalo- su
 peneira-CL.chato-S.NOM
 “peneira”

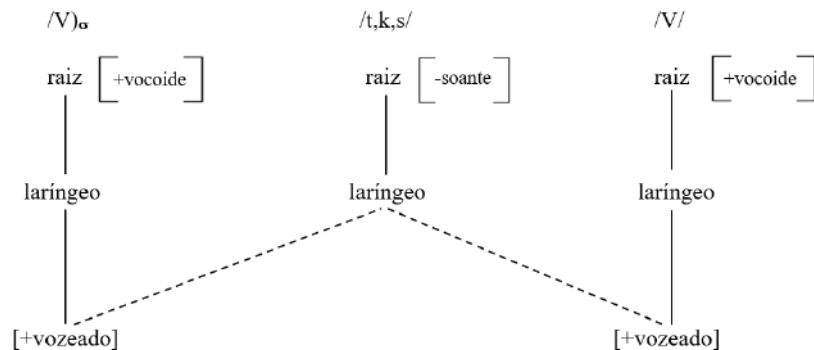
- (458) [wa^hla^dndi^hsu]
 ualan- te- su
 cupim escuro-CL.não espec-S.NOM
 “cupim, espécie de (cupim escuro)”

Contexto de ocorrência 2: vozeamento intervocálico

[-soante] → [+vozeado] / V)_σ ___ V (opcional)

Domínio: palavra prosódica

Figura 27 – Representação da assimilação do traço [+vozeado] das vogais adjacentes pela consoante obstruente



(459) [d̥i'd̥i^dnnara]

t̥i.t̥in- Ø- na- ra
 REDUPL.ser preto-3SG-PRES-PF
 “é preto”

(460) [ʔjanũg̃isu]

ia nũ- ki- su
 fogo-CL.pó, grão, massa-CL.redondo-S.NOM
 “carvão, cinzas”

(461) [ja'jajg̃isu] ~ [ja'jajkisu]

iaiai- ki- su
 REDUPL.chocalho-CL.redondo-S.NOM
 “chocalho”

(462) [ã'n'ãw̃g̃adizu] ~ [ã'n'ãw̃k̃atisu]

a- ãũka- te- su
 POS.3SG-espírito-CL.não espec.-S.NOM
 “espírito dele”

3.2.1.2 Ponto de articulação das coronais em coda

Foram verificadas 2 situações nas quais o segmento coronal em coda assimila o ponto de articulação do contexto adjacente: (1) oclusiva coronal /t/ antecédida por vogal labial e (2) nasal coronal /n/ antecédida por vogal labial ou seguida por consoante coronal ou dorsal. O primeiro caso trata-se de uma ocorrência rara na língua, tendo-se encontrado apenas um dado com tal configuração, na palavra que denomina uma espécie de gavião. A segunda situação, por sua vez, é recorrente nos dados analisados.

Antes de partir para a explicação dos contextos supramencionados, deve-se destacar que o processo de assimilação de ponto de articulação das coronais em coda ocorre em meio de palavra, devido à sua restrição de posição na sílaba (dá-se apenas em coda) e à importância do contexto adjacente, e foi verificado majoritariamente em sílaba tônica, uma vez que o segmento em coda adiciona peso à sílaba, o que interfere diretamente na atribuição do acento. Além disso, é um processo opcional⁸³, apesar de muito frequente no caso das nasais, e ocorre em grande parte das vezes dentro da raiz, podendo também operar em fronteira de morfema.

⁸³ A não-obrigatoriedade desse processo pode estar relacionada, por exemplo, ao fato de consoantes com ponto de articulação labial serem muito pouco frequentes na língua, de modo que, por vezes, em contextos onde era esperada a produção do /n/ ou do /t/ como as bilabiais [m] e [p] correspondentes, ocorrem as coronais modais não-marcadas [n] e [t]. Dois exemplos de não assimilação de ponto de articulação pela consoante coronal em coda junto a vogal labial são: “timbó (espécie de planta)” [kũn'su], /kũnsu/, e “irara” [ʔutsu], /utsu/.

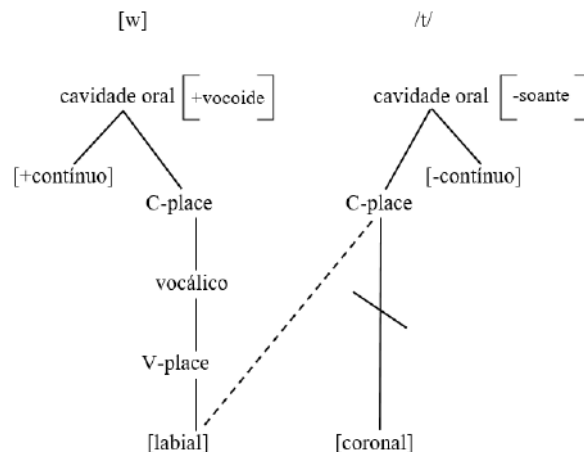
Na primeira situação, a oclusiva coronal /t/ realiza-se como a bilabial [p] devido à assimilação do ponto de articulação [labial] da vogal /u/ que a antecede e que se realiza na superfície como o glide labial [w], que forma ditongo fonético e ocupa a posição de coda. Na sequência, ocorre a epêntese de [t] em *onset* da sílaba seguinte, que, caso não ocorresse, promoveria a ressilabificação da bilabial [p] realizada na coda para o *onset* da sílaba seguinte, quando sendo o sufixo nominal {-a}. Tal processo de assimilação está representado e exemplificado a seguir:

Assimilação progressiva do ponto de articulação [labial] do glide [w] em coda de ditongo pela [C –soante] em coda:

$$\left[\begin{array}{l} \text{-soante} \\ \text{-contínuo} \\ \text{coronal} \end{array} \right] \rightarrow [\text{labial}] / \text{núcleo(V)núcleo [G labial] ___\sigma \text{ (opcional)}$$

Domínio: palavra prosódica

Figura 28 – Representação da assimilação do ponto [labial] do glide adjacente pela consoante oclusiva /t/ em coda



- (463) [ʰtaw^psu] ~ [ʰtaw'su]
 taut- su
 gavião-S.NOM
 “gavião, espécie de”

- (464) [ʰtaw^pta]
 taut- a
 gavião-S.NOM
 “gavião, espécie de”

- (465) [a.jokaʔ^lkaw^psu]
 a- iɔ- kaʔkaut- su
 INAL-boca-broto-S.NOM
 “broto”

- (466) [a.jokaʔ^lkaw^pta]
 a- iɔ- kaʔkaut- a
 INAL-boca-broto-S.NOM
 “broto”

No que concerne às consoantes nasais em coda, o segmento pode assimilar o ponto do glide em ditongo fonético que forma com a nasal coda complexa ou da consoante em *onset* da sílaba que o segue. Assim, se houver um ditongo terminado em glide labial, a nasal assimila o ponto de articulação do glide em coda do ditongo. Se o núcleo da sílaba for constituído por vogal simples labial, coronal ou dorsal, a nasal vai se realizar a depender do segmento que ocorre em *onset* da sílaba seguinte: coronal (*default*) ou dorsal.

Nesse sentido, é interessante observar o que diz Telles (2019) a respeito da assimilação da labialidade do glide pela consoante nasal. Segundo a autora, tal processo só ocorre se houver ditongo, contexto que também foi confirmado para o Nambikwara do Campo:

Se a vogal nuclear não formar ditongo, a realização da consoante nasal será [n], independentemente da qualidade da vogal nuclear. A assimilação da nasal é oriunda do glide e não da qualidade da vogal núcleo da sílaba. Confirma-se essa predição frente ao comportamento da coda nasal seguindo as vogais labiais /o, u/. Nesse contexto, a realização labial da nasal (*[m]) não ocorre, corroborando a interpretação do condicionamento da nasal labial à subjacência de ditongo labial. (TELLES, 2019, p.170)

A ocorrência de processo de assimilação de ponto de articulação do /n/ em coda opera de acordo com o segmento vocoide que o antecede apenas em caso de ditongo com glide [labial]. Nos demais contextos, o que engatilha a realização coronal ou dorsal do /n/ em coda é a consoante em contexto adjacente, em *onset* da sílaba seguinte, sendo irrelevante a qualidade da vogal que ocupa o núcleo da sílaba da qual /n/ faz parte. Note-se que, em todos os contextos mencionados, há a realização de uma consoante em *onset* na sílaba que segue a nasal, elemento fundamental para que não ocorra a rissilabificação da consoante nasal em coda.

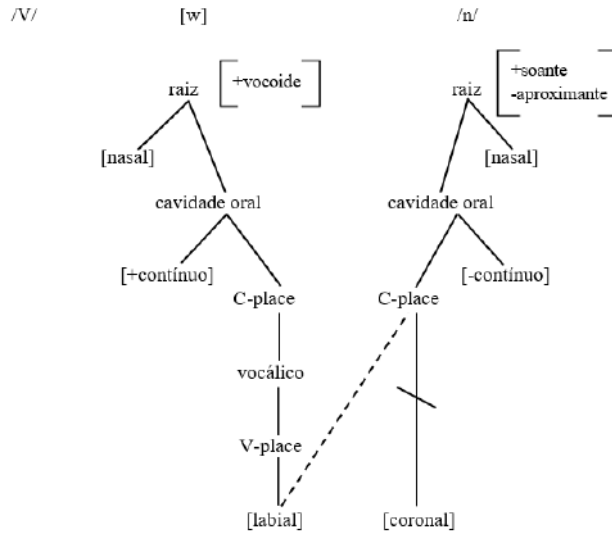
Nesses contextos ora descritos, a vogal nuclear ou o ditongo que antecede a consoante nasal é sempre nasal, visto que, se fosse oral, o segmento nasal em coda seria realizado como um segmento pré-oralizado. Apesar de a regra quanto à assimilação do ponto de articulação e à realização das nasais pré-oralizadas seguir o mesmo raciocínio aqui descrito, esses casos de vogal ou ditongo oral + coda nasal serão abordados separadamente na subseção 3.2.9 *Pré-oralização de coda nasal* deste capítulo. Os contextos de assimilação de ponto pela consoante nasal em coda estão devidamente formalizados e representados abaixo. Exemplos também são expostos na sequência:

Assimilação progressiva do ponto de articulação de glide labial em coda de ditongo pelo /n/ adjacente na coda da sílaba:

$$\left[\begin{array}{c} \text{C} \\ \text{nasal} \\ \text{coronal} \end{array} \right] \rightarrow [\text{labial}] / \text{núcleo}(\text{V})\text{núcleo} [\text{G labial}] \text{ ____})_{\sigma} \text{ (opcional)}$$

Domínio: palavra prosódica

Figura 29 – Representação da assimilação progressiva do ponto [labial] do glide em coda de ditongo fonético pela consoante nasal /n/ em coda



- (467) [hi^hjãw^msu] ~ [hi^hjãw^msu]
 hiĩãũn-su
 flor-S.NOM
 “flor (geral)”

- (468) [wa₁tãwwa¹tãw^mnara]
 uatã.uatãũn- Ø- na- ra
 REDUPL.ser redondo-3SG-PRES-PF
 “é redondo”

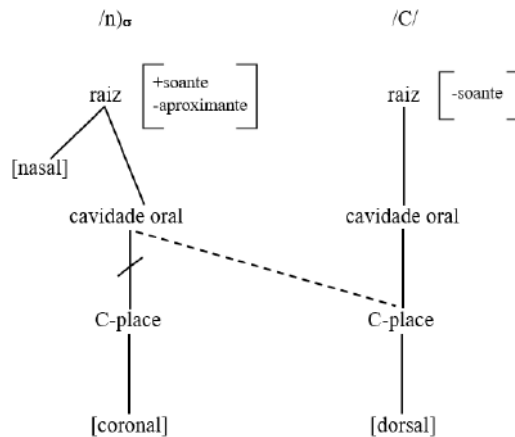
- (469) [tãw^mtara]
 tãũn- Ø- na- ra
 assobiar-3SG-PRES-PF
 “ele assobia”

Assimilação regressiva do ponto de articulação de C no onset pela C nasal coronal na coda:

$$\left[\begin{array}{c} \text{C} \\ \text{nasal} \\ \text{coronal} \end{array} \right] \rightarrow [\text{dorsal}] / \text{rima}(\text{V} __)_{\sigma} [\text{C dorsal}] \text{ (opcional)}$$

Domínio: palavra prosódica

Figura 30 – Representação da assimilação regressiva do ponto de articulação da consoante no onset pela consoante nasal /n/ em coda



Exemplos com /n/ → [ŋ]

- (470) [ha'nũ:ŋgisu] ~ [a'nũŋgisu] (471) [ũ^hja'nãŋkinara]
 a- nũnki- su ũh- ianãnki- Ø- na- ra
 INAL-peito-S.NOM INSTR-enxugar-3SG-PRES-PF
 “peito, seio” “ele enxuga”
- (472) [ãŋga'jã^dnnênara] ~ [ãŋka'jã^dnnênara]
 ãn- kaian- nẽ⁸⁴- Ø- na- ra
 INSTR-molhar-PRV-3SG-PRES-PF
 “ele molha”

⁸⁴ O pró-verbo é um morfema que, de acordo com Kroeker, M. (2001), substitui a raiz verbal em sentenças. Nas palavras do autor: “o pró-verbo *nxe*³ pode ser usado para se referir especificamente ao último verbo independente mencionado. Pode ocorrer em orações dependentes [...] e independentes [...]; com verbos transitivos [...] e intransitivos [...]” (KROEKER, M., 2001, p.96, grifo do autor). Em Nambikwara do Campo, a estrutura identificada como o pró-verbo referido é o morfema {-nẽ}.

Exemplos com /n/ → [n]

- | | |
|---|--|
| <p>(473) [a'sĩn'su]</p> <p>a- s̃ĩn- su</p> <p>INAL-carne-S.NOM</p> <p>“carne”</p> | <p>(474) ['kĩn,d̃a] ~ ['kĩn,d̃a]</p> <p>kĩn- ʔti- a</p> <p>alto-ADVZ-S.NOM</p> <p>“em cima”</p> |
| <p>(475) ['hã̃n:nara]</p> <p>hã̃n- Ø- na- ra</p> <p>ser branco-3SG-PRES-PF</p> <p>“é branco”</p> | <p>(476) ['nũ̃n'su]</p> <p>nũ̃n- su</p> <p>tatu galinha-S.NOM</p> <p>“tatu-galinha, espécie de”</p> |

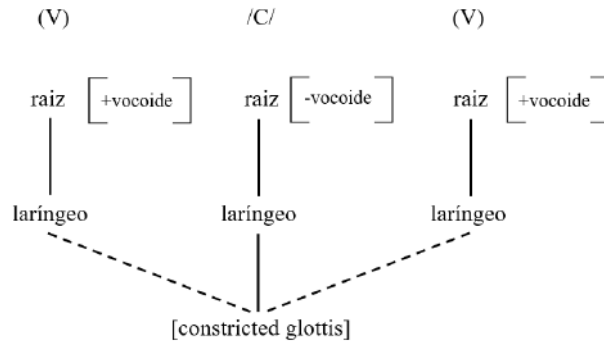
Ressalta-se, por fim, que a vogal nasal fonológica não-marcada na língua é a coronal /n/, conforme visto no capítulo 2 (seção 2.1.2.1.2.3 *A nasal*). Não foram encontrados casos de /n/ em coda seguido por consoante oclusiva labial /p/ em *onset*, segmento que, nos dados observados, ocorre raramente.

Esse processo de assimilação do ponto de articulação por parte das coronais em coda também é mencionado por Eberhard (2009), Braga (2017) e Telles (2019) para as línguas Mamaindê, Negarotê e Latundê, respectivamente. Para os autores, o processo diz respeito à vogal que vem antes da consoante nasal em coda, a qual pode trazer implicações variadas no que se refere à realização desse segmento na superfície.

3.2.1.3 Laringalização de vogal

A laringalização alofônica de vogal acontece com certa frequência na língua. Sua ocorrência está condicionada à presença de uma consoante glotalizada nas adjacências, a qual pode espalhar para a vogal o traço [constricted glottis] mesmo que haja segmentos intervenientes. Tal processo é opcional e pode ocorrer progressivamente ou regressivamente, em vogais tônicas e átonas, dentro de raiz ou em fronteira de morfema. Assim, o único contexto que engatilha a laringalização alofônica de segmento vocálico é a presença de uma consoante glotalizada. Alguns exemplos seguem abaixo, juntamente com a representação desse processo:

Domínio: palavra prosódica

Figura 31 – Representação de laringalização progressiva e regressiva de vogal

- (477) [ʰkĩn, d̥aɲawa] ~ [ʰkĩn, d̥aɲawa] (478) [aʰnẽk̚i su] ~ [aʰnẽk̚i su]
 k̚ĩn- ʔti- a- Ø- na- ua a- ʰnẽki- su
 alto-ADVZ-S.NOM-3SG-PRES-IMF INAL-asa-S.NOM
 “(ele) está em cima” “asa”
- (479) [ʰhisak̚a, d̥a] ~ [ʰhisak̚a, d̥a] (480) [ĩ:ʰnã̚na] ~ [ĩ:ʰnã̚na]
 his- a- kaʰt- a ĩ- nã̚n- ʰna
 árvore-S.NOM-CL.comprido-S.NOM INSTR-beber-IMPER.F
 “tronco (de árvore)” “beba! (falando para mulher)”

3.2.1.4 Nasalização das vogais átonas

No capítulo 2 desse trabalho, observou-se que a língua Nambikwara do Campo, tal qual as outras línguas da família Nambikwara, possui vogais orais e nasais contrastivas em posição tônica, sendo ambas consideradas fonológicas na língua. No entanto, quando em posição átona, a distinção entre vogal oral e nasal é neutralizada, de modo que a nasalidade passa a ser resultante de processo. Assim, as vogais átonas podem se realizar indistintamente como orais ou nasais, geralmente quando há segmento nasal adjacente, sem que isso traga implicações semânticas para as palavras.

A nasalização alofônica de vogais fora da posição do acento pode ser regressiva ou progressiva. O primeiro caso ocorre da direita para a esquerda e é o mais comum, podendo se manifestar na língua de 2 formas: (1) a vogal pretônica assimila o traço [nasal] da consoante em *onset* da sílaba seguinte; ou (2) a vogal pretônica assimila o traço [nasal] da vogal tônica da sílaba subsequente, mesmo havendo uma consoante entre elas. Com relação a esse último contexto, esclarece-se que o *onset* consonântico da sílaba acentuada, a qual possui como núcleo a vogal nasal, é transparente para o espraçamento do traço [nasal] entre vogais, não configurando uma barreira para tal (caso o configurasse, seria considerado um segmento opaco, segundo Clements e Hume (1995)). Por fim, a nasalização progressiva ocorre da esquerda para

a direita e diz respeito à assimilação da nasalidade da consoante em *onset* pela vogal nuclear da sílaba.

Além das situações supracitadas, acrescenta-se que, por vezes, a nasalização ocorre de maneira espontânea, sem que haja um contexto que a engatilhe. Em outras palavras, fora da posição do acento, pode haver nasalização alofônica de vogal mesmo que não haja consoante ou vogal nasal nas adjacências.

A nasalização de vogais átonas opera no núcleo da sílaba, em início, meio e fim de palavra e em sílaba átona. Foi verificado em raiz e em fronteira de morfema e corresponde a um processo opcional. Os contextos de ocorrência, os exemplos, as formalizações e as representações que dizem respeito a esse processo são apresentados abaixo.

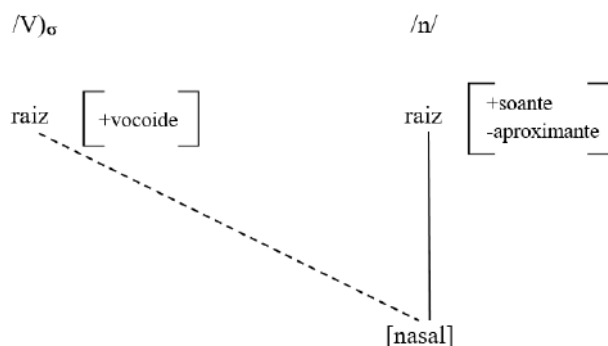
Nasalização regressiva: assimilação do traço [nasal] da consoante em *onset* da sílaba seguinte pela vogal pretônica.

V → [nasal] / ____) σ [C nasal] (opcional)

Condição: V não carrega acento principal.

Domínio: Palavra prosódica

Figura 32 – Representação da assimilação regressiva do traço [nasal] da consoante em *onset* pela vogal da sílaba anterior



- (481) [ni'nĩsu] ~ [nĩ'nĩsu]
 ni.nĩ- su
 REDUPL.pernilongo-S.NOM
 “pernilongo, mosquito”

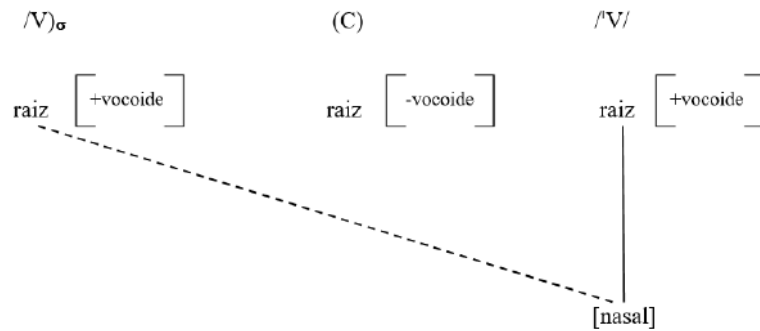
- (482) [anẽ'kĩ:sa] ~ [ãnẽ'kĩ:sa] ~ [ane'kĩ:sa]
 a- nekĩs- a
 INAL-cabelo-S.NOM
 “cabelo”

Nasalização regressiva: assimilação do traço [nasal] da vogal da sílaba tônica pela vogal pretônica (transparência da consoante interveniente⁸⁵ não-nasal).

V → [nasal] / ____)_σ (C) [V nasal] (opcional)

Domínio: Palavra prosódica

Figura 33 – Representação da assimilação regressiva do traço [nasal] da vogal tônica pela vogal pretônica



- (483) [ã'hã^hkanã] ~ [ã'hã^hkã^hnã]
 a- hãka-nũ- a
 POS.3SG-mãe-gente-S.NOM
 “mãe dele(a)”

- (484) [sa'wã:n^dsu] ~ [sã'wã:n^dsu]
 saũ^han- su
 formiga-S.NOM
 “formiga carregadora”

- (485) [ã'^hjãw^hkadizu] ~ [ã'^hjãw^hkatisu]
 a- iãũka- te- su
 POS.3SG-espírito-CL.não espec-S.NOM
 “espírito dele”

- (486) [ka'jã,lẽn^hsu] ~ [kã'jã,lẽn^hsu]
 kaĩã- li- ĩn- su
 areia úmida-?-CL.oco-S.NOM
 “praia (areia molhada)”

- (487) [si^hneka'kãũkalisu] ~ [si^hnekã'kãũkalisu]
 sih- neka- kãũka- li- su
 casa-LOC.em cima-ser côncavo-?-S.NOM
 “oca”

⁸⁵ Nesse contexto específico, nos casos em que a consoante interveniente é um glide, o que se observou é que esse segmento é geralmente uma vogal nasal também na subjacência, formando o ditongo nasal na superfície. Assim, não se considerou nesse processo que uma consoante [+soante, +vocoide] se nasaliza (ver exemplos nº 485, 486 e 487 a seguir).

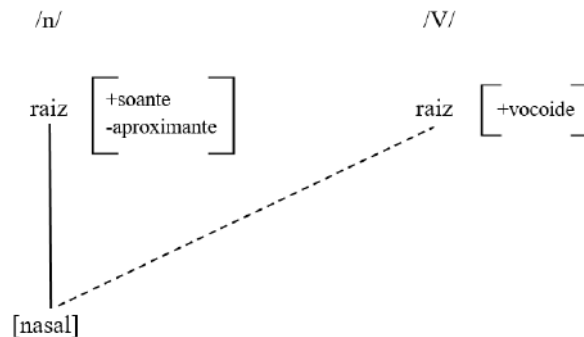
Nasalização progressiva: assimilação do traço [nasal] da consoante em *onset* pela vogal nuclear

V → [nasal] / [C nasal] ____ (opcional)

Condição: V é vogal átona.

Domínio: Palavra prosódica

Figura 34 – Representação da assimilação progressiva do traço [nasal] da consoante em *onset* pela vogal nuclear átona seguinte



- (488) [ã'hã^hkanã] ~ [ã'hã^hkã^hã]
 a- hãka-nũ- a
 POS.3SG-mãe-gente-S.NOM
 “mãe dele(a)”

- (489) [i^hkĩhnã]
 ?kĩh- nũ- a
 areia-CL.pó, grão-S.NOM
 “areia”

- (490) [anẽ^h?ka'sa^hsu] ~ [ãnẽ^hka'sa^hsu] ~ [ane^h?ka'sa^hsu]
 a- ne^h?kasah- su
 INAL-LOC.embaixo do braço-S.NOM
 “axila”

Também há casos de nasalização alofônica espontânea de vogal átona sem contexto adjacente de vogal ou consoante nasal que a favoreça. Ressalta-se, porém, que foram poucos os exemplares encontrados nesse contexto, estando todos em início de palavra. Alguns exemplos estão dispostos a seguir:

- (491) [a'wẽtsu] ~ [ã'wẽtsu]
 a- uẽt- su
 POS.3SG-pena, pêlo-S.NOM
 “pena, pêlo (dele)”

- (492) [a'tihsu] ~ [ã'tihsu]
 a- tih- su
 INAL-sangue, seiva-S.NOM
 “sangue, seiva”

Em outras línguas Nambikwara, a nasalização alofônica de vogais átonas também foi verificada. Telles (2002) afirma que, em Latundê, as vogais nasais são contrastivas na posição do acento e não o são em posição átona, contexto que se confirma nas outras línguas Nambikwara, incluindo Nambikwara do Campo. A autora acrescenta, ainda, que, em posição átona, as vogais orais podem ser nasalizadas alofonicamente devido à assimilação de nasalidade de consoante em contexto adjacente. Por fim, nessa língua, quando acentuadas, vogais nasais podem se realizar como orais, mas o contrário nunca ocorre, isto é, vogais orais tônicas não se nasalizam espontaneamente (TELLES, 2002, p.96). Esse último contexto mencionado (oralização de vogais nasais acentuadas) é frequente na fala dos sujeitos mais jovens em Latundê e não foi verificado em Nambikwara do Campo.

Para o Negarotê, Braga (2017, p.134-5) também confirma a neutralização do contraste entre vogais orais e nasais quando em posição átona. A autora expõe que a nasalização alofônica de vogais não-acentuadas é regressiva, ocorre entre sílabas distintas (o segmento em *onset* espraia a nasalidade para a vogal pretônica que o precede) e atinge principalmente sílabas abertas. Assim, a nasalização alofônica descrita por Braga (2017) assemelha-se a um dos contextos observados para esse processo em Nambikwara do Campo, conforme foi apresentado acima.

3.2.1.5 Harmonia vocálica

O processo de harmonia vocálica é relativamente comum nas línguas do mundo, tendo sido também atestado em algumas línguas da família Nambikwara. Em Latundê e Lakondê, segundo o exposto por Telles (2002, p.134-8), esse processo opera largamente, assim como em Negarotê (Braga, 2017, p.137-41), na qual a harmonização entre vogais se dá de modo semelhante ao das duas primeiras línguas mencionadas. Em Mamaindê (Eberhard, 2009, p.223), tal processo é pouco produtivo, ocorrendo apenas em um contexto particular envolvendo epêntese de segmento junto à consoante fricativa glotal /h/. Os contextos concernentes à harmonia vocálica nessas línguas serão brevemente abordados a seguir nessa subseção, de modo a fazer um contraponto com o Nambikwara do Campo.

Em Nambikwara do Campo, as vogais coronais podem assimilar traços do nó de abertura das vogais adjacentes. Assim, no que se refere à harmonia vocálica nessa língua, foi observada apenas assimilação parcial (altura) entre segmentos vocálicos, com alçamento de vogal média, independentemente de consoantes intervenientes. Esse processo é opcional e pouco produtivo na língua e foi verificado em fronteira de morfema, em meio de palavra.

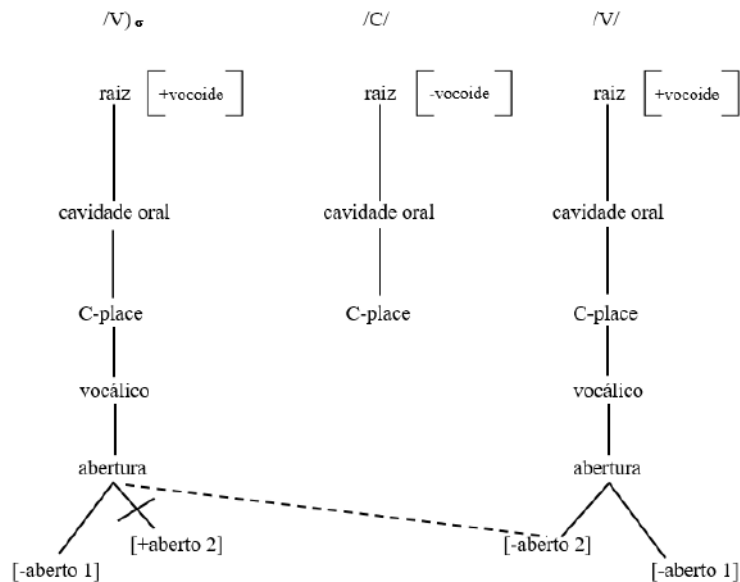
Assim, devido aos pouquíssimos casos observados de harmonia vocálica regressiva total e de progressiva total e parcial (que mais aparentam serem produções aleatórias) considerou-se nesse trabalho que, na língua, a harmonia vocálica ocorre enquanto processo fonológico apenas regressivamente, com assimilação parcial da altura da vogal da sílaba subsequente. No mais, observou-se que a tonicidade da sílaba não constitui um contexto relevante para a harmonização entre vogais, que pode ocorrer entre sílabas átonas ou entre sílabas tônicas e átonas. A regra de assimilação regressiva parcial que demonstra como se dá a harmonia vocálica na língua está apresentada a seguir, juntamente com alguns exemplos:

Alçamento da vogal média seguida de vogal alta na sílaba seguinte⁸⁶:

$$\begin{bmatrix} V \\ -\text{aberto 1} \\ +\text{aberto 2} \end{bmatrix} \rightarrow [-\text{aberto 2}] \quad / \quad \text{---(C)}_{\sigma} C \begin{bmatrix} V \\ -\text{aberto1} \\ -\text{aberto2} \end{bmatrix} \quad (\text{opcional})$$

Domínio: Palavra prosódica

Figura 35 – Representação da assimilação regressiva da abertura da vogal alta pela vogal média precedente (harmonia vocálica com assimilação parcial)



(493) ['e:r^hu] ~ ['ɿ:r^hu] ~ ['ɿ:r^hu]

ɛ- li- su
caju-?-S.NOM
“caju”

Um exemplo desse contexto de assimilação regressiva parcial envolvendo morfema gramatical diz respeito ao sufixo átono {-te}, classificador indicando “coisa ou pessoa não especificada” (KROEKER, M., 2001). É comum tal morfema ser realizado como [-ti] em vez de [-te] quando seguido pelo sufixo nominal final {-su}. A presença da vogal alta adjacente, então, é suficiente para engatilhar o alçamento da vogal coronal média por assimilação regressiva.

Note-se que, quando junto ao morfema sufixal nominal final {-a}, não ocorre processo de harmonização devido ao fato de, antes, ocorrer a síncope da vogal [e]

⁸⁶ O sistema de abertura aqui utilizado para as vogais está de acordo com Clements e Hume (1995). Para mais informações, ver quadro 50 na seção 2.1.2.2 *Vogais* do capítulo 2.

átone do morfema classificador, havendo a realização de [-ta] em vez de [-tea] ~ [-tia], que corresponde ao morfema [-te] seguido pelo sufixo final [-a]. Essa síncope ocorre porque o contexto de V + V em fronteira de sílaba átona favorece a reorganização da mesma, seja por meio de queda de segmentos, como no caso mencionado, seja por meio de epêntese de consoante, de modo a favorecer a realização da sílaba ótima e mais frequente na língua [CV]⁸⁷. Esses contextos podem ser melhor visualizados abaixo:

- (494) [wa'la^dndi^hsu] ~ [wa'la^dndesu]
 ualan- te- su
 cupim escuro-CL.não espec-S.NOM
 “cupim, espécie de (cupim escuro)”
- (495) [wa'la^dnda]
 ualan- te- a
 cupim escuro-CL.não espec-S.NOM
 “cupim, espécie de (cupim escuro)”
- (496) [tuh'nēdisu] ~ [tuh'nēndesu] ~ [tuh'nēndsu]
 tuhnēn- te- su
 abelha-CL.não espec-S.NOM
 “abelha, espécie de”
- (497) [tuh'nēnda]
 tuhnēn- te- a
 abelha-CL.não espec-S.NOM
 “abelha, espécie de”
- (498) [ka'detsu] ~ [ka'detisu]
 kate- te- su
 borrachudo-CL.não espec-S.NOM
 “borrachudo”
- (499) [ka'deta]
 kate- te- a
 borrachudo-CL.não espec-S.NOM
 “borrachudo”

⁸⁷ Os processos abrangendo apagamento/síncope e epêntese de segmentos são tratadas nas subseções 3.2.3 *Redução/apagamento silábico* e 3.2.4 *Epêntese* desse capítulo.

- (500) [ka¹lusatisu] ~ [ka¹lusatɪsu] ~ [ka¹lusatʊsu]

kalusa- te- su
 morcego-CL.não espec-S.NOM
 “morcego (geral)”

- (501) [ka'lusata]

kalusa- te- a
 morcego-CL.não espec-S.NOM
 “morcego (geral)”

Cabe mencionar alguns casos isolados encontrados com aparente assimilação regressiva total e assimilação progressiva parcial e total do nó de abertura de vogal adjacente. Para cada um desses contextos, foi observado apenas um exemplar, razão pela qual não foram interpretados aqui como parte do processo de harmonia vocálica, com formalização de regras, mas apenas como realizações aleatórias. Os exemplos abaixo ilustram essas ocorrências:

Exemplo com vogal média que se torna baixa: aparente assimilação regressiva total

- (502) [anaʔka₁sah¹wɛtsu]

a- neʔkasah- uet- su
INAL-LOC.embaixo do braço-pêlo-S.NOM
“cabelo da axila”

Exemplo com vogal média que se torna alta e depois baixa: aparente assimilação progressiva parcial e total

- (503) [ũkwaʔ¹lihnĩnara] ~ [ũkwaʔ¹lihnẽnara] ~ [ũkwaʔ¹li:hnãnara]

ũh- kuaʔlĩh-nẽ- Ø- na- ra
INSTR-remar-PRV-3SG-PRES-PF
“ele está remando”

Por fim, cabe fazer um breve contraponto do processo de harmonia vocálica em Nambikwara do Campo com as línguas Latundê, Negarotê e Mamaindê. Nas duas primeiras línguas (TELLES, 2002; BRAGA, 2017), o processo é bastante distribuído e ocorre por assimilação regressiva majoritariamente em raízes dissilábicas, de modo que vogais átonas assimilam o grau de abertura (assimilação parcial) ou o grau de abertura e o ponto de articulação (assimilação total) da vogal tônica da sílaba seguinte. Nessas línguas-irmãs, a harmonização entre vogais também opera no sufixo {-ka'loh} “superfície plana / unidimensional” (TELLES, 2002, p.136) ou “plano, achatado” (BRAGA, 2017, p.141), embora haja algumas restrições de ocorrência.

Ao observarmos como se dá esse processo em Nambikwara do Campo, verifica-se que tal sistematicidade descrita pelas autoras para o Latundê e Negarotê não foi atestada da mesma forma. Nessa perspectiva, em Nambikwara do Campo, a

assimilação entre vogais foi atestada apenas regressivamente, com alçamento de vogal média, e o processo de harmonia não foi verificado operando junto ao morfema sufixal dissilábico {-ka'lo}, classificador de configuração que significa “achatado, plano” ou que remete à ideia de algo que cobre ou envolve outro elemento, a exemplo de roupa e casca. Por fim, salienta-se que a harmonia vocálica tal como descrita aqui independe da tonicidade das vogais envolvidas e é pouco produtiva na língua.

Já em Mamaindê, o processo denominado por Eberhard (2009, p.223) como harmonia vocálica é, também, pouco operante, ocorrendo apenas em um contexto particular envolvendo uma vogal epentética com ponto subespecificado quando há uma consoante fricativa glotal /h/ em final de raiz⁸⁸. Aqui, optou-se por tratar desse contexto com a consoante [h] em coda na seção 3.2.4 *Epêntese*.

3.2.2 Realizações fonéticas do /s/ em onset de sílaba

Em Nambikwara do Campo, a realização da fricativa coronal surda /s/ como as africadas [ʈs] ~ [dʂ] ~ [dʑ] é bastante comum. Essa ocorrência pode ter razões de 6 naturezas, quais sejam: (1) espraçamento de nó de cavidade oral do /n/ em coda que antecede o /s/ em onset; (2) desnasalização de /n/ em coda seguido de /s/ em onset; (3) fortalecimento pós-glotal; (4) dissimilação de /s/ com possível epêntese de consoante glotal em coda; (5) apagamento de vogal átona do morfema sufixal {-te} e ressilabificação da oclusiva para o onset da sílaba seguinte formado por /s/; e (6) a fricativa coronal /s/ é precedida por /t/ em coda. Assim, considerando-se que a realização de [ʈs] está condicionada à existência de elemento em coda na sílaba que o precede, ela não ocorre em início de palavra. A seguir, será descrito cada um dos contextos mencionados.

O /s/ pode realizar-se em onset como [ʈs] quando vem precedido pela consoante nasal alveolar /n/. Nesse contexto, ocorre o espraçamento do nó de cavidade oral e, conseqüentemente, do traço [-contínuo] desse segmento para a fricativa coronal surda /s/ contígua, que se realiza como um segmento de contorno.

Dessa forma, observa-se que o /s/ em onset realiza-se como [ʈs], em que o [t] é devido ao traço [-contínuo], quando precedido por /n/, que, nesse contexto, realiza-se como [n], [m], [b̥m], [d̥n] ou [ʔ]. Ressalta-se que as realizações com pré-oralização⁸⁹ de consoante nasal em coda é um processo de natureza diferente e independente daquele que está sendo discutido nessa subseção. A pré-oralização de /n/ em coda, que resulta em segmentos de contorno como [b̥m], [d̥n] e [ʂ̥ŋ], ocorre como uma estratégia de proteção da oralidade da vogal ou do ditongo tautossilábico, de modo a preservar o contraste entre vogal oral x nasal em núcleo de sílaba (ou em núcleo e coda, no caso dos ditongos) em posição de acento. Quanto à estrutura [nʈs], o que se observa é o aparecimento de uma consoante transicional entre /n/ e /s/, denominada consoante intrusiva. De acordo com Wetzels (1995, p.88-9):

⁸⁸ Telles (2002, p.140) e Braga (2017, p.155) mencionam um processo semelhante a esse ao tratar de epêntese de vogal.

⁸⁹ As nasais pré-oralizadas [b̥m], [d̥n] e [ʂ̥ŋ] serão abordadas no item 3.2.9 *Pré-oralização de coda nasal* a seguir nesse capítulo.

De maneira mais geral, nas línguas discutidas por Wetzels (1985) e Clements (1987), [...] oclusivas intrusivas somente ocorrem em sequências que possuem contorno de sonoridade descendente, o que é característica de grupos em posição final de sílaba. [...] A duração relativamente breve das consoantes intrusivas [...] sugere que elas têm um status subsegmental e representam, ao invés de um segmento independente, um elemento de transição, resultante de um ‘retiming’ sistemático dos movimentos articulatórios envolvidos na produção do grupo hospedeiro. [...] Clements (1987) sugere, conseqüentemente, que o ‘mistiming’ não diz respeito a um levantamento antecipado do véu palatino, mas a um retardamento na soltura do fechamento oral da primeira consoante. O que aí acontece é que o complexo estrutura/ponto de articulação de, por exemplo, /m/ em /ms/ (isto é, os traços [-contínuo] e [labial]) é mantido até o ponto em que a articulação de todos os traços do segmento seguinte – exceto aqueles de estrutura/ponto de articulação – já se iniciou. Isso explica porque a oclusiva intrusiva compartilha seus traços de estrutura/ponto de articulação com o primeiro segmento, mas todos os outros traços, incluindo [± sonoro], [±soante], oralidade e não-lateralidade, com o segundo.

Nessa perspectiva, em Nambikwara do Campo, o elemento intrusivo em [n's] é contextualmente previsível e não constitui um segmento independente, sendo, geralmente, mais breve do ponto de vista da duração fonética do que consoantes oclusivas lexicais. Além disso, a nível de superfície, uma estrutura como [n's] é silabificada como [n.'s], em que o [n] permanece em posição de coda e o [s] compõe *onset* fonético⁹⁰.

O espraçamento do nó de cavidade oral com o traço [-contínuo], apesar de muito produtivo, é opcional na língua, podendo ocorrer em meio e final de palavra, em fronteira de morfema com raízes nominais e verbais⁹¹. Além disso, o [s] pode realizar-se com vozeamento pós-nasal opcional, ocorrendo como [d^z]. Esse processo independe da qualidade da vogal nuclear das sílabas envolvidas e da tonicidade, apesar de, geralmente, ter uma sílaba tônica participante. Seguem abaixo a regra, a

⁹⁰ Tal informação se confirma, inclusive, junto aos falantes de Nambikwara do Campo, que, quando solicitados a repetir palavras em fala mais lenta, sempre silabificavam a estrutura [ts] como *onset*.

⁹¹ A observância desse processo em raízes verbais, como no caso de “raspar”, [k^hĩn'sa] ~ [k^hĩn'dza], /kuĩnsa/, corrobora a interpretação de que a ocorrência de [s] não está limitada ao quinto contexto mencionado, a partir da qual a africada ocorre como resultado da síncope da vogal átona coronal [e] do morfema {-te} quando seguido por /s/, visto que esse morfema é um sufixo presente apenas em raízes nominais.

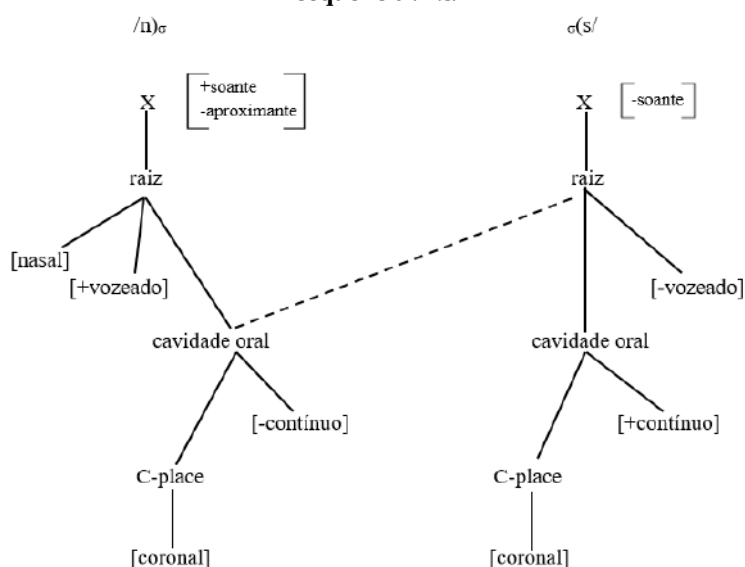
representação e os exemplos do contexto supramencionado⁹². Com o objetivo de facilitar a compreensão das palavras abaixo, são indicados entre parênteses os processos envolvidos em sua formação:

Espraçamento progressivo do nó de cavidade oral na sequência /n.s/

/n)σ σ(s/ → [n's]

Domínio: Palavra prosódica

Figura 36 – Representação do espraçamento do nó de cavidade oral na sequência /n.s/



- (504) [k^hwĩn^tsa] ~ [k^hwĩn^dza] (/ns/ > [n's] consoante intrusiva > [dz] vozeamento
 kuĩn- sa pós-nasal opcional)
 raspar-S.VER
 “raspar”

- (505) [o'sĩn^tsu] ~ [oh'sĩn^dzu] (/ns/ > [n's] > [dz])
 oh- sũn- su
 céu-carne-S.NOM
 “nuvem”

⁹² Um caso interessante contendo coda ramificada com /s/ como segundo elemento pode ser visto na palavra “criança”: [wĩn^tsu], /ũẽssu/. Nessa palavra, a estrutura /ss/ sofre degeminação e há espraçamento de nó de cavidade oral do /n/ para o [s].

- (506) [ˈkũnːsɐ] ~ [ˈkũn^dzu] (/ns/ > [nʰs] > [dʒ])
 kũn- su
 algodão-S.NOM
 “algodão”
- (507) [ˈnũnːsɐ] ~ [ˈnũn^dzu] (/ns/ > [nʰs] > [dʒ])
 nũn- su
 tatu-S.NOM
 “tatu espécie de (lit.: tatu-galinha miúdo)”
- (508) [ˈa^dnːsa] ~ [ˈa^dn^dza] (/ns/ > [nʰs] > [dʰnʰs] pré-oralização do /n/ > [dʰn^dz])
 an- sa
 matar-S.VER
 “matar”
- (509) [a.jokaʔkaw^bmːsɐ] ~ [a.jokaʔkaw^bm^dzu] (/ns/ > [nʰs] > [mʰs] assimilação do
 a- iɔ- kaʔkaun- su ponto de V pelo /n/ > [bʰmʰs] pré-
 INAL-boca-broto-S.NOM oralização do [m] > [bʰm^dz])
 “broto”
- (510) [ˈpo^dnːsɐ] ~ [ˈpo^dn^dzu] (/ns/ > [nʰs] > [dʰnʰs] > [dʰn^dz])
 pon- su
 gado-S.NOM
 “gado, boi”
- (511) [jaˈla^dnːsɐ] ~ [jaˈla^dn^dzu] (/ns/ > [nʰs] > [dʰnʰs] > [dʰn^dz])
 ialan- su
 tucano, foice-S.NOM
 “tucano, foice”
- (512) [ˈwe^dnːsɐ] ~ [ˈwe^dn^dzu] (/ns/ > [nʰs] > [dʰnʰs] > [dʰn^dz])
 uen- su
 bacaba-S.NOM
 “palmeira bacaba”
- (513) [ãnːˈsajnihnara] (/ns/ > [nʰs])
 ãnsainih- Ø- na- ra
 arrotar-3SG-PRC-PF
 “ele arrotou”

O espriamento do nó de cavidade oral pela nasal /n/ também foi visto em palavras resultantes de empréstimos lexicais do português:

- (514) [si'da:da,t^hĩn^dzu]
 <cidade> -a- tĩn- su
 cidade-S.NOM-CL.casa-S.NOM
 “cidade”

Ainda no que concerne à sequência /n.s/, é comum na fala de sujeitos mais jovens a desnasalização da consoante nasal /n/ em coda frente ao /s/ em *onset*, de modo que /ns/ se realiza [ts]. Nesse caso, não ocorre variação com a realização de /n/ em coda, não havendo, portanto, consoante intrusiva, mas apenas desnasalização do /n/ seguido de /s/. Nos exemplos a seguir, é possível comparar as realizações das palavras “peixe” e “tucano” produzidas por falantes jovens e por falantes mais velhos⁹³:

Domínio: Palavra prosódica

Exemplos produzidos por falante jovem:

- | | |
|--|--|
| <p>(515) [ʼaĩtsu]
 aĩn- su
 peixe-S.NOM
 “peixe (geral)”</p> | <p>(516) [jaʼlatsu]
 ialan- su
 tucano-S.NOM
 “tucano”</p> |
|--|--|

Exemplos produzidos por falante adulto:

- | | |
|---|---|
| <p>(517) [ʼaĩ^dnʼsu]
 aĩn- su
 peixe-S.NOM
 “peixe (geral)”</p> | <p>(518) [jaʼla^dnʼsu]
 ialan- su
 tucano-S.NOM
 “tucano”</p> |
|---|---|

O terceiro contexto mencionado diz respeito ao fortalecimento pós-glotal. Neste, o que se observa é a realização do /s/ como [t^s] quando precedido por oclusiva glotal /ʔ/. A regra que regula tal processo e alguns exemplos encontram-se abaixo:

⁹³ Na fala de sujeitos mais velhos ou em fala com velocidade acelerada, em sequências /ns/ pode ocorrer variação no *output* entre [nʼs] e [ʼs], esse último sem a realização da nasal em coda. Nesse caso, o que se verifica é /ns/ > [nʼs] (consoante intrusiva) > [ʼs] (apagamento da coda nasal). Exemplos são: [ʼnãĩ:ʼsu] ~ [ʼnãĩnʼsu], /nãĩnsu/, “jacaré, espécie de (jacaré muito grande)” e [ũhʼnũnʼsatātuwa] ~ [ũhʼnũ:ʼsatātuwa], /ũhnũnsatātuua/, “ele vai empurrar”.

Fortalecimento pós-glotal

/s/ → [tʰ] / /ʔ/σ ____

Domínio: Palavra prosódica

(519) [ʔeʔtʰu]
 eʔ- su
 fumo-S.NOM
 “fumo”

(520) [ĩta'kaʔtʰu]
 ĩtakaʔ- su
 doença-S.NOM
 “doença”

(521) [kʰũʔtʰu]
 kũn- su
 mosquito-S.NOM
 “mosquito, espécie de”

Em coda ramificada com duas consoantes glotais, sendo a primeira a fricativa /h/ e a segunda, a oclusiva /ʔ/, não foi verificado o fortalecimento pós-glotal de /s/. Isso ocorre porque, na superfície, não são possíveis construções envolvendo duas consoantes glotais em coda seguidas por consoante em *onset*. Em estruturas desse tipo, a glotal /ʔ/ não se realiza foneticamente. Observe a seguir o comportamento de raízes com coda ramificada com duas consoantes glotais subjacentes seguidas pelo morfema gramatical {-su} e pelo {-a} em dois pares de exemplos:

(522) [ʔehsu] ~ [ʔehsu]
 ehʔ- su
 machado-S.NOM
 “machado”

(523) [ʔehʔa]
 ehʔ- a
 machado-S.NOM
 “machado”

(524) [ʔdĩhsu] ~ [ʔdĩhsu]
 ʔtĩhʔ- su
 cobra-S.NOM
 “cobra (geral)”

(525) [ʔdĩhʔa]
 ʔtĩhʔ- a
 cobra-S.NOM
 “cobra (geral)”

O que se observa nos exemplos acima é que, após coda complexa contendo duas consoantes glotais, a oclusiva glotal /ʔ/ (segundo elemento da coda) não se realiza na superfície se a sílaba seguinte apresentar *onset* consonântico. Em outras palavras, uma sequência de duas glotais na coda seguida por C no *onset* não ocorre foneticamente. Tal regra pode ser expressa da seguinte forma:

/ʔ/ → Ø / /h/____σ C

Domínio: palavra prosódica

A quarta situação em que se observa a formação de uma estrutura do tipo [ts] é a dissimilação de /s/ com possível epêntese de consoante glotal em coda. Esse contexto diz respeito aos casos em que se tem /s/ em coda seguido por /s/ em *onset*. É sabido que a sílaba possui uma restrição à superficialização de segmento [-soante, +contínuo, coronal] em coda. Assim, o que se observa é a dissimilação envolvendo o traço [+contínuo] em sequência /ss/ (/s.s/), resultando em [ts], silabificado como *onset*, seguida de epêntese opcional de consoante oclusiva glotal (coda *default*) em coda.

Dissimilação do traço [+contínuo] do /s/ em coda

/s)σ σ(s/ → [tʰ]

Epêntese opcional de oclusiva glotal em coda⁹⁴

∅ → [ʔ] / ____ σ(tʰ]

Domínio: Palavra prosódica

(526) [ane'kĩ:tʰu] ~ [ane'kĩʔtʰu]
a- nekĩs- su
INAL-cabelo-S.NOM
“cabelo”

(527) ['wajitʰu] ~ ['wajʔtʰu]
uais- su
açai-S.NOM
“açai”

(528) ['wãjʔtʰu] ~ ['wãjʔtʰu]
ũãis- su
castanheiro-S.NOM
“castanheiro”

(529) ['so:tʰu] ~ [soʔtʰu]
sos- su
banana-S.NOM
“banana”

(530) ['hajitʰu] ~ ['hajʔtʰu]
hais- su
roça-S.NOM
“roça”

(531) ['ho:tʰu] ~ ['hoʔtʰu]
hos- su
macaco-S.NOM
“macaco-prego”

(532) ['wã:tʰu] ~ ['wãʔtʰu]
ũãs- su
chapéu-S.NOM
“chapéu”

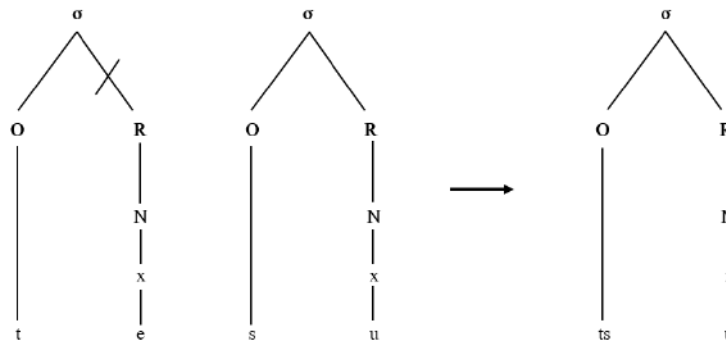
A quinta situação que ocasiona a realização de [ts] é quando há síncope da vogal átona do sufixo {-te}, que, segundo Kroeker, M. (2001, p.62), é um morfema classificador de “pessoa ou coisa não especificada”, e que pode funcionar, também,

⁹⁴ A epêntese de glotal em coda foi observada apenas nesse contexto, antecedendo a consoante /s/, que se superficializa [tʰ], em *onset*.

como um nominalizador. Esse morfema acontece normalmente antes do sufixo nominal {-su}, de modo que, ao ocorrer o apagamento da vogal átona [e], a oclusiva coronal [t] é ressilabificada para o *onset* da sílaba subsequente, compondo a africada [ts]. Esse processo ocorre em fala com velocidade acelerada, mesmo em palavra em contexto isolado. Sua representação e alguns exemplos são os que seguem:

Domínio: Palavra prosódica

Figura 37 – Representação de apagamento de vogal átona e ressilabificação em {-te}



- (533) [ka¹detsu] ~ [ka¹detisu]
 kate- **te-** **su**
 borrachudo-CL.não espec-S.NOM
 “borrachudo”
- (534) [ka¹lusatisu] ~ [ka¹lusatisu] ~ [ka¹lusatsu]
 kalusa- **te-** **su**
 morcego-CL.não espec-S.NOM
 “morcego (geral)”
- (535) [aha¹nẽ:tisu] ~ [aha¹nẽ:tsu]
 a- hanẽ- **te-** **su**
 INAL-gordura-CL.não espec-S.NOM
 “gordura”
- (536) [waʔ¹je^dndisu] ~ [waʔ¹je^dndisu] ~ [waʔ¹je^dndzu]
 uaʔjen- **te-** **su**
 coruja-CL.não espec-S.NOM
 “coruja (geral)”

- (537) [ta'litisu] ~ [ta'lidisu] ~ [ta'litsu]

tali- **te-** **su**
 trovão-CL.não espec-S.NOM
 “trovão”

Esse processo também se observa em empréstimos linguísticos do português:

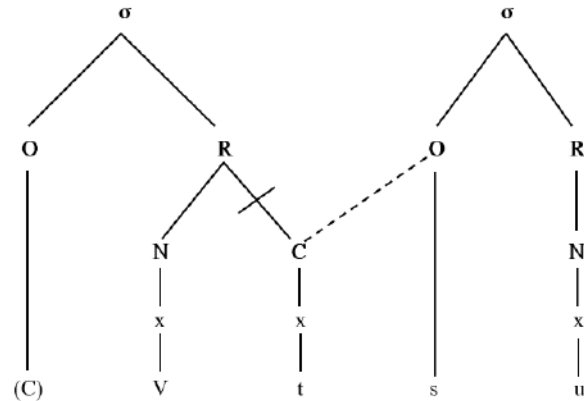
- (538) ['bo:datesu] ~ ['bo:datsu]

<bode>-a- **te-** **su**
 bode-S.NOM-CL.não espec-S.NOM
 “bode”

Por fim, a sexta situação cujo resultado é a realização de [ts] diz respeito ao contexto em que uma sílaba com a oclusiva coronal surda /t/ ou com a correspondente glotalizada /ʔt/ em coda simples ocorre antes de sílaba iniciada pela fricativa coronal surda /s/. Então, há a ressilabificação da coda, que passa ao *onset* subsequente, integrando a africada [ts]. A representação desse contexto e alguns exemplos estão dispostos abaixo:

Domínio: palavra prosódica

Figura 38 – Representação de sílaba terminada em [t] seguida de {-su}



- (539) [tawʔtsu]

taut- su
 gavião-S.NOM
 “gavião, espécie de”

- (540) [wa'tũtsu]

uatũt- su
 girino-S.NOM
 “girino”

(541) [a'jetsu]
 aiet- su
 ninho-S.NOM
 “ninho”

(542) [nũtsu]
 nũt- su
 pilão-S.NOM
 “pilão”

(543) [ʼutsu]
 ut- su
 irara-S.NOM
 “irara”

A realização de [ts] devido à presença da oclusiva coronal na coda da sílaba que precede o /s/ também pode ser encontrada em itens lexicais frutos de empréstimos do português:

(544) [ʼgatsu]
 gat- su
 gato-S.NOM
 “gato”

(545) [ʼpatsu]
 pat- su
 pato-S.NOM
 “pato”

3.2.3 Redução/apagamento

3.2.3.1 Apagamento de consoante

O apagamento de consoante é menos frequente na língua do que aquele que envolve as vogais. Ele pressupõe o apagamento de segmento que ocorre em coda quando seguido por *onset* consonântico de outra sílaba. Em Nambikwara do Campo, as consoantes que podem ocupar a posição de coda são: /t/, /l/, /ʔ/, /^ht/, /n/, /s/ e /h/, isto é, as coronais e as glotais. Dentre essas, sabe-se que a coda tem uma restrição no que se refere à realização fonética do /s/, e, sendo assim, considerou-se aqui que não ocorre seu apagamento nessa posição da sílaba⁹⁵.

Quanto aos outros segmentos, observou-se a ocorrência de apagamento no contexto mencionado com /t/, /ʔ/, /n/ e /h/. No que se refere à oclusiva coronal surda glotalizada /^ht/, não foram identificados casos de apagamento principalmente devido ao fato de esse segmento ser pouco frequente na língua em posição de coda. É comum haver alongamento da vogal nuclear quando da supressão de consoante em coda devido à regra do acento⁹⁶.

O apagamento de consoante é opcional e ocorre dentro de raiz e em fronteira de morfema, em posição medial de palavra, visto que opera na coda de sílaba tônica. Tendo em vista que, em Nambikwara do Campo, os sufixos finais tanto da palavra

⁹⁵ A coda tem uma restrição de ocorrência na superfície de segmento [-soante, +contínuo, coronal]. Assim, o /s/ pode ocupar posição de coda na subjacência, porém nunca se realiza como sua forma modal nessa posição na superfície. Um exemplo é: [ʼhaiʔsu], /haissu/, “roça”.

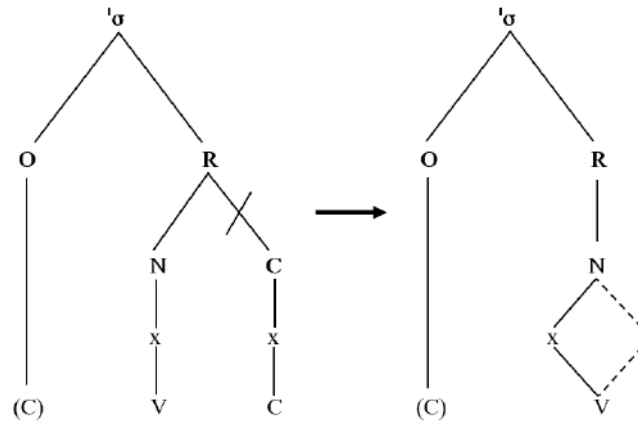
⁹⁶ Para mais informações a respeito do acento, ver seção 4.1 *O acento* do capítulo 4.

nominal quanto da palavra verbal não são acentuados, tal processo não foi observado em final de palavra. Além disso, o apagamento da coda sempre ocorre antes de sílaba com *onset* consonântico, o qual impede a ressilabificação da consoante elidida para o *onset* da sílaba seguinte, que, nesse caso, já está preenchido. Alguns exemplos desse processo podem ser vistos a seguir, juntamente com a regra que o formaliza e a figura com sua representação:

[C -vocoide] → ∅ / 'V___)σ C

Domínio: Palavra prosódica

Figura 39 – Representação do apagamento de consoante em coda com alongamento da vogal devido ao acento



- (546) ['hohnara] ~ ['hoʔnara] ~ ['ho:nara]
 hoh- Ø- na- ra
 nadar-3SG-PRES-PF
 “ele nada”

- (547) ['kũãŋkisu] ~ ['kũãʔgisu] ~ ['kũã:gisu]
 kũãŋki- su
 cova-S.NOM
 “cemitério, cova”

- (548) ['kwajhnawa] ~ ['kwaj:nawa]
 kuaih- Ø- na- ua
 gritar-3SG-PRES-IMPF
 “ele está gritando”

- (549) ['wahkalisu] ~ ['wa:kalisu]
 uahka-li- su
 jacaré-?-S.NOM
 “jacaré”

3.2.3.2 Síncope de vogal átona entre sílaba tônica e sílaba átona

A síncope de vogal ocorre com frequência em Nambikwara do Campo, configurando um processo produtivo, e também em outras línguas da família Nambikwara. Ele se manifesta em fronteira de morfema em posição postônica e não foi verificado em nenhum contexto em sílaba pretônica. A síncope de vogal é operante apenas em meio de palavra afetando uma sílaba átona que segue a sílaba tônica e precede outra sílaba átona sem *onset*.

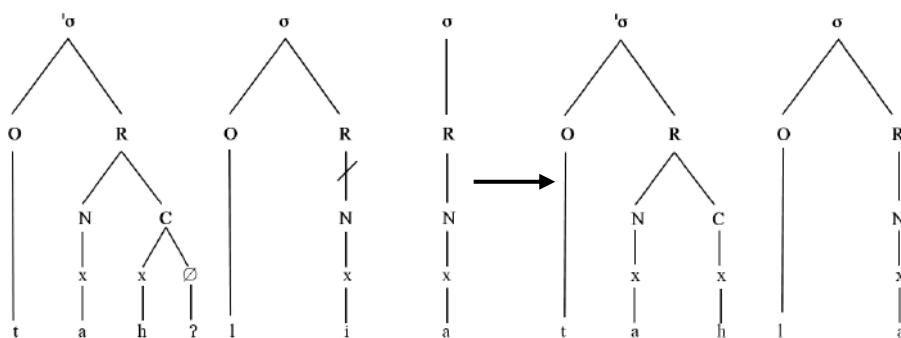
A ocorrência desse processo está de acordo com o que Kroeker, M. (2001) expõe em sua gramática: “Quando duas vogais ocorrem em fronteira morfêmica em qualquer sílaba pós-acentuação, omite-se a primeira vogal. Esta regra não se aplica a sílabas que precedem a sílaba acentuada” (KROEKER, M., 2001, p.114). Um contexto no qual é possível ver a síncope de segmento vocálico acontecendo regularmente na língua é quando ocorre qualquer morfema sufixal átono após a raiz e antes do morfema final nominal {-a}. Exemplos são apresentados a seguir juntamente com a formalização da regra e a representação do processo na palavra “pedra”:

Síncope de vogal átona entre sílaba tônica e sílaba átona:

$[V \text{ -acento}] \rightarrow \emptyset / [V \text{ +acento}] C_0)_\sigma \text{ (} ___\text{)}_\sigma \sigma([V \text{ -acento}]$

Domínio: Palavra prosódica

Figura 40 – Representação de síncope de vogal átona entre sílaba tônica e sílaba átona na palavra “pedra”



(550) ['tahla]
tah?- li- a
pedra?-S.NOM
“pedra”

(551) ['tĩhna]
tĩhno- a
caminho-S.NOM
“caminho, estrada, vereda”

- (552) [kĩn₁d₂anawa]
 kĩn- ²ti- a- Ø- na- ua
 alto-ADVZ-S.NOM-3SG-PRES-IMPF
 “(ele) está em cima”
- (553) [ʷĩĩta # ʷi.jawsu]
 ỹĩ- te- a ui- ĩaũ- su
 veneno-CL.não espec-S.NOM cobra-CL.líquido-S.NOM
 “veneno de cobra”
- (554) [ʷaiala # ʷi:sanara] ~ [ʷaiara # ʷi:sanara]
 uaia- li- a ỹn- sa- Ø- na- ra
 cachorro-?-S.NOM morder-O.1SG-3SG-PRC-PF
 “o cachorro me morde, me mordeu (há pouco tempo)”
- (555) [ka¹lusata] (556) [¹²kĩhna] ~ [¹²kĩ^hnã]
 kalusa- te- a ²kĩh- nũ- a
 morcego-CL.não espec-S.NOM areia-CL.pó, grão-S.NOM
 “morcego” “areia, terra”

Esse processo, assim como o que envolve apagamento de consoantes, configura uma estratégia da língua para evitar sequências de vogais em hiato e favorecer a formação de sílabas CV, sílaba ótima em Nambikwara do Campo e em grande parte das línguas do mundo. Nesse contexto, é interessante observar o que Eberhard (2009) coloca a respeito do processo de elisão de vogal em Mamaindê:

Vowel elision in Mamaindê occurs whenever two unstressed vowels are in hiatus (thus in different syllables). Elision in these cases is obligatory. [...] In each of these cases of vowel adjacency, the first vowel is always elided, and resyllabification occurs, restructuring the orphaned onset with a new nucleus. [...] This process demonstrates the common tendency across languages to avoid adjacent vowels which are heterosyllabic. Adjacent vowels in Mamaindê are permitted, however, when they are tautosyllabic as part of a diphthong sequence in underlying forms, or when one of them is stressed. In other contexts, unstressed syllables may suffer the loss of a vowel, a consonant, or the entire syllable may be lost. (EBERHARD, 2009, p.261-2)

Considerando-se o exposto, é possível perceber que o apagamento de vogais em Mamaindê ocorre de maneira muito semelhante ao observado para o Nambikwara do Campo. Salienta-se que, na língua aqui descrita, a sequência de segmentos

vocoides tautossilábicos também é permitida, configurando os denominados ditongos, conforme apresentando no capítulo 2. Além disso, em contexto intervocálico, vogal acentuada não sofre síncope. Do mesmo modo, o apagamento de sílabas completas é passível de ocorrência na língua em sílabas átonas, porém é mais raro do que a síncope de vogal e o apagamento de consoante.

Em Latundê, também ocorre frequentemente apagamento de consoantes, vogais e sílabas completas. A esse respeito, Telles (2002, p.139-40) afirma, inclusive, que tais ocorrências foram encontradas tanto em fala corrida quanto em dados elicitados e podem estar presentes tanto em morfemas sufixais classificatórios quanto em sílabas pretônicas de sufixo, acarretando a formação de sequências consonantais do tipo [tr, dr, kr, gr]. Alguns exemplos apresentados pela autora são: [si:.'krân] < /setka'tāna/, “eu falei (para alguém)”, [ke'jaʔ.drāna] < /ke'janta'tānta/, “é muito jacaré” e [dɔʰtΛ.rāna] ~ [dɔʰ.trāna] < /tɔhta'tānta/, “eu preciso” (TELLES, 2002, p.140, grifo do autor).

Por fim, em Sabanê, o apagamento de segmento vocálico também foi verificado. Nas palavras de Araújo (2004):

Nominal compounds, must be regarded as two prosodic words, as can be concluded from the distribution of full and reduced vowels, which is readily explained under the assumption of compounds consisting of two independent prosodic words. Inside compounds, across word boundaries, vowel deletion may occur if the first component ends in a vowel and the second component begins with a vowel, whether the latter are different from or identical with the former. (ARAÚJO, 2004, p.84)

Ainda de acordo com o autor, em Sabanê, há o apagamento da vogal [i] em sílabas átonas seguida por uma sílaba [li], como em ['kri:ʷ.wa] < /kiliua/, “casa” e em [ni.'nu:ʔ.ə.pri:a] < /ninuʔapilia/, “água (limpa)” (ARAÚJO, 2004, p.88, grifo nosso). Nesse contexto, um *onset* complexo constituído por consoante oclusiva seguida de líquida é formado na superfície, tal qual em Latundê. Em Nambikwara do Campo, não há formações de segmento oclusivo + líquida de nenhuma natureza, nem a nível fonético nem a nível fonológico.

3.2.3.3 Monotongação

A monotongação, assim como a fusão, que será tratada na próxima subseção, é pouco frequente em Nambikwara do Campo. Em outras línguas da família Nambikwara, como Latundê e Negarotê, esse processo ocorre largamente e, em Mamaindê, o mesmo parece estar restrito a alguns contextos, não sendo, portanto, muito produtivo (TELLES, 2002; BRAGA, 2017; EBERHARD, 2009).

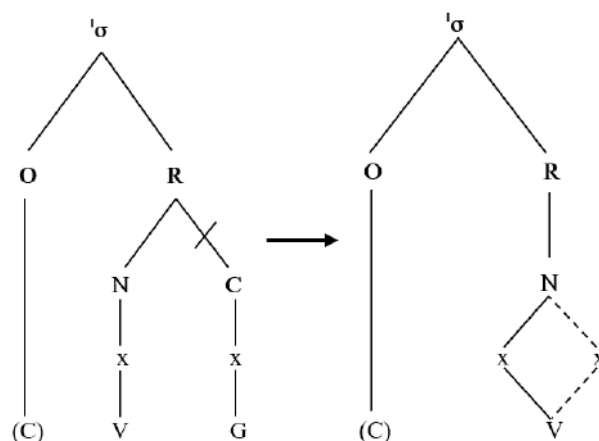
Em Nambikwara do Campo, a monotongação foi observada apenas em sílaba tônica de raiz. Trata-se de um processo opcional, que ocorre, geralmente, em velocidade de fala acelerada, no domínio da palavra. Foi identificado em início e meio

de palavra e apenas em ditongos decrescentes, nos quais o glide se comporta como vogal e, por ocupar a posição de coda, conta mora, fazendo com que a sílaba seja pesada e, portanto, elegível para carregar acento. Em ditongos crescentes, o glide se comporta como consoante, sofrendo comumente processo de fortalecimento e nunca sendo elidido, formando com a vogal uma sílaba [CV] (ou [GV]).

A monotongação⁹⁷ foi vista junto aos ditongos [ãũ] e [ãj], que se realizam como [ã:], visto que o alongamento da vogal está atrelado à concessão de peso à sílaba devido à regra do acento. Abaixo são apresentados alguns exemplos e uma figura que ilustra esse processo:

Domínio: Palavra prosódica

Figura 41 – Representação de monotongação de ditongo decrescente em sílaba tônica



(557) [ˈnã:ˈsu] ~ [ˈnã̃ˈsu]
 ˈnã̃- su
 ariranha-S.NOM
 “ariranha”

(558) [nũˈtã:ˈsu] ~ [nũˈtã̃ˈsu]
 nutã̃- su
 lagarto-S.NOM
 “lagarto, espécie de”

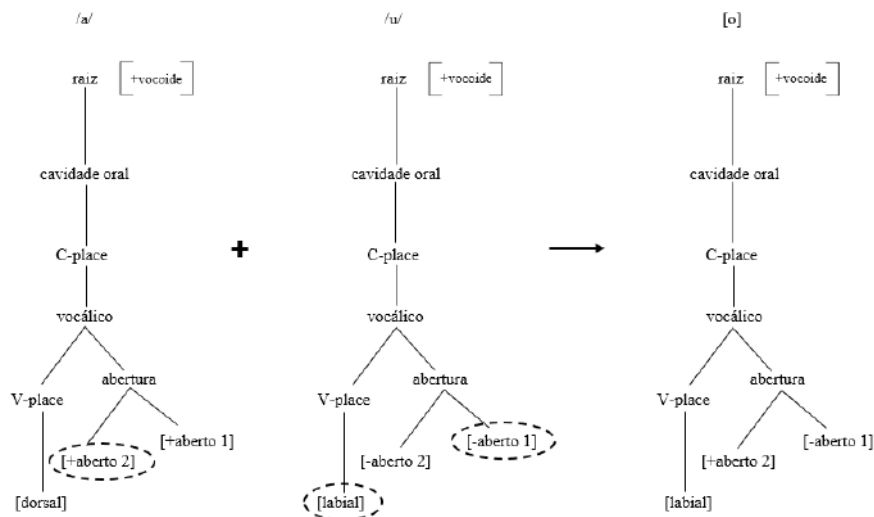
3.2.3.4 Fusão

A fusão é um processo de coalescência de dois vocoides que resulta numa vogal que tem características das duas vogais subjacentes. O processo é pouco recorrente em Nambikwara do Campo. Ele pode ocorrer em sílaba tônica ou átona em início de palavra e foi verificado apenas dentro de raiz. Foi observado nos ditongos [aw] e [ãw], que podem se realizar como as vogais médias [ɔ] ~ [o] e [õ:],

⁹⁷ Ditongos decrescentes nunca são reduplicados, como mostra a subseção 3.2.11 *Reduplicação* desse capítulo. Isso ocorre porque, na língua, só são reduplicadas estruturas [CV].

respectivamente, e não foi verificado em ditongos crescentes pelas mesmas razões apontadas anteriormente no item 3.2.3.3 *Monotongação*. Assim, tem-se na superfície uma vogal que permanece com o ponto de articulação labial da segunda vogal do ditongo, que se realiza como glide, e com uma abertura intermediária entre as duas vogais subjacentes. O processo pode ser visto como uma assimilação regressiva do traço [labial] e uma assimilação progressiva do traço [+aberto2]. A sequência resultante é uma vogal longa que se mantém em sílaba acentuada e é reduzida em sílaba átona, contando apenas uma mora. A representação abaixo ilustra esse processo:

Figura 42 – Representação da fusão no ditongo [aw]



(559) [so'jaʔga,losu]
 saui-an- kalo- su
 peneira-CL.chato-S.NOM
 “peneira”

(560) [hɔ:su] ~ [həwsu]
 haɣ- su
 lobo guará-S.NOM
 “lobo-guará”

Como pode ser visto nos exemplos acima (exemplo nº 559), na sílaba átona, a fusão não irá acarretar vogal alongada, visto que não é preciso acrescentar peso à sílaba uma vez que esta não recebe o acento. No outro exemplo (nº 560), porém, verifica-se o oposto: ocorre juntamente com a fusão o alongamento da vogal, posto que, mesmo configurando uma raiz monossilábica, a atribuição de peso corrobora a posição do acento.

Em Latundê (TELLES, 2002) e Negarotê (BRAGA, 2017), línguas do ramo do Norte, a fusão ocorre de maneira bem distribuída, principalmente em fala acelerada. Em Nambikwara do Campo, conforme já exposto, ela não é muito produtiva, tratando-se de um processo opcional.

3.2.4 Epêntese

A epêntese é um processo relativamente frequente em Nambikwara do Campo. Pode ocorrer com consoante ou com vogal, sempre em fronteira de morfema, em início ou meio de palavra, conforme será visto a seguir. Geralmente, a sílaba que abrange o segmento epentético é átona e as manifestações desse processo são sempre opcionais⁹⁸.

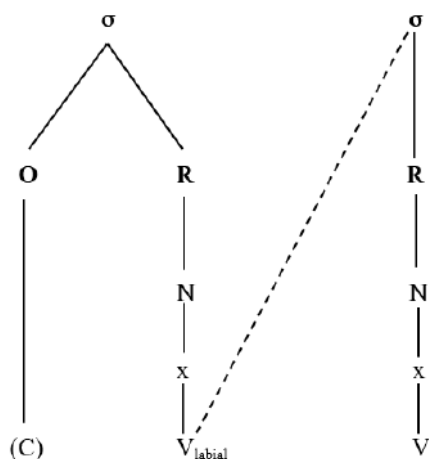
Os contextos mencionados pelo autor foram confirmados, em parte, nos dados analisados. Assim, tem-se que, em fronteira de morfema, não necessariamente em sílaba acentuada, se uma sílaba termina com vogal oral labial ou coronal e a outra sílaba começa também com vogal, independente de qual seja, ocorre a epêntese (geminção) de um glide com o mesmo ponto de articulação da vogal da primeira sílaba. Então, em contexto intervocálico, se a primeira vogal for labial, o glide epentético será labial, e, se for coronal, este glide será também coronal. Tal processo funciona, assim como todos os outros envolvendo epêntese de segmento, como um recurso da língua para criar sílabas do tipo CV, que são as mais recorrentes em Nambikwara do Campo. As regras, suas representações e alguns exemplos podem ser vistos a seguir:

Epêntese de [w] em contexto intervocálico:

$$\emptyset \rightarrow \left[\begin{array}{l} + \text{vocoide} \\ + \text{aproximante} \\ \text{labial} \end{array} \right] / \left[\text{V labial} \right]_{\sigma} \sigma _ \text{V (opcional)}$$

Domínio: palavra prosódica

Figura 43 – Representação da epêntese de [w] em contexto intervocálico



⁹⁸ Kroeker, M. (2001, p.115), em sua gramática, menciona a ocorrência de acréscimo de “consoantes transicionais” em fronteira de morfema entre uma sílaba tônica e uma átona.

(561) [awi'tãw̃wa]

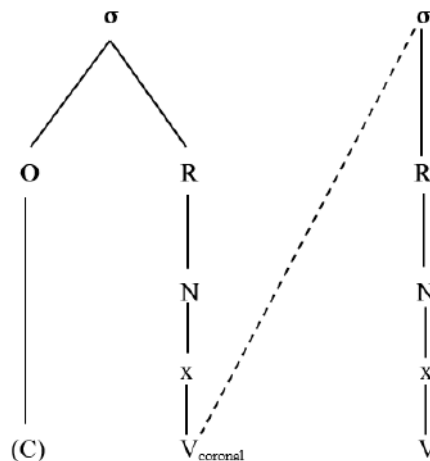
a- uitãũ- a
3SG-direita-S.NOM
“direita (dele)”

(562) [a'lo,wẽhnũsu] ~ [a'lo,ẽhnusu]

alo- ãh- nũ- su
tucumã-CL.corda-?-S.NOM
“corda, fibra de tucumã”

Epêntese de [j] em contexto intervocálico:

$\emptyset \rightarrow \left[\begin{array}{l} + \text{vocoide} \\ + \text{aproximante} \\ \text{coronal} \end{array} \right] / \left[\text{V coronal} \right]_{\sigma} \sigma \text{ (___V (opcional))}$

Domínio: Palavra prosódica**Figura 44 – Representação da epêntese de [j] em contexto intervocálico**

(563) [kwa,lajja'susu]

kualai- a- su- su
aranha-S.NOM-osso-S.NOM
“perna da aranha”

(564) [ha'tia] ~ [ha'tija]

hati- a
cesta, cabaça-S.NOM
“cesta, cabaça”

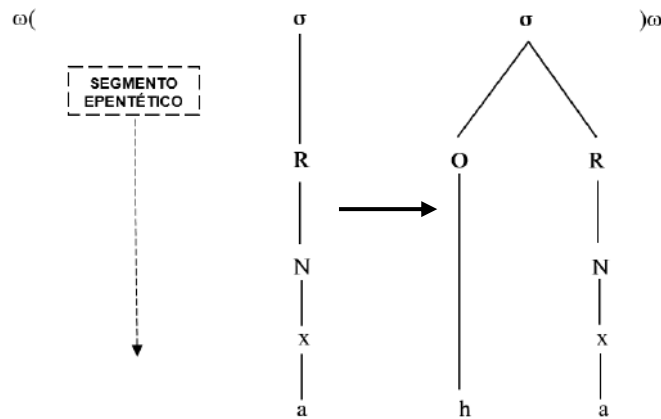
Outro caso de epêntese de consoante presente na língua corresponde ao acréscimo da fricativa glotal [h] em contexto de início de palavra sem *onset* consonântico, passando o [h], então, a ocupar essa posição na sílaba. Esse processo foi identificado em palavra com V inicial, que pode ser um prefixo ou a raiz. Ele é opcional, favorece a formação de sílabas CV e independe de tonicidade. A regra que descreve a epêntese da consoante [h] em palavra com V inicial segue abaixo, juntamente com exemplos e com uma representação de ocorrência:

Epêntese de [h] em palavra com V inicial:

$\emptyset \rightarrow [\text{spread glottis}] / \omega(___\text{V} \text{ (opcional)}$

Domínio: Palavra prosódica

Figura 45 – Representação da epêntese de [h] em início de palavra



(565) [hãwʔi:nara ~ [ãwʔi:nara]
 ãũʔin- Ø- na- ra
 dormir-3SG-PRES-PF
 “ele dorme”

(566) [halo^dʔjahla ~ [alo^dʔjahla]
 a- lon- jahla
 POS.3SG-irmão-CL.masc
 “irmão dele”

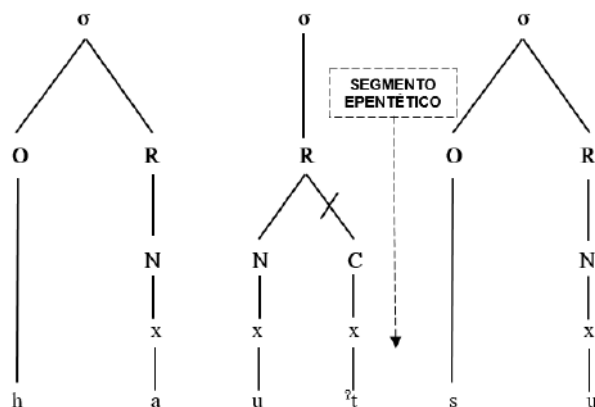
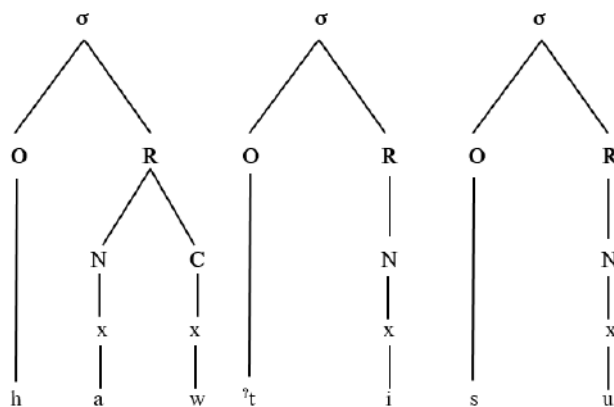
(567) [a^hhinara] ~ [ha^hhinara]
 ahi- Ø- na- ra
 cair-3SG-PRC-PF
 “ele caiu”

(568) [a^hhikisu] ~ [ha^hhikisu]
 a- hiki- su
 INAL-mão-S.NOM
 “mão”

Há, ainda, opcionalmente, epêntese de vogal [i] após as oclusivas coronais /t/ e /ʔt/ em coda. Nesses casos, assim como no anterior, observa-se um processo a favor da formação da sílaba ótima CV. A vogal epentética [i], vogal *default* (não-marcada), passa, então, a compor o núcleo de uma nova sílaba átona postônica cujo *onset* é a oclusiva que compunha a coda da sílaba anterior. A regra, uma representação de um contexto de ocorrência e alguns exemplos podem ser vistos abaixo:

Epêntese de vogal [i] (vogal *default*) após oclusiva coronal em coda
$$\emptyset \rightarrow [i] \text{ / } \left[\begin{array}{c} \text{-soante} \\ \text{-contínuo} \end{array} \right]_{\sigma} \text{ — (opcional)}$$

Domínio: Palavra prosódica

Figura 46 – Representação do *input* da epêntese de vogal [i] após oclusiva coronal em coda em “flecha”Figura 47 – Representação do *output* da epêntese de vogal após oclusiva coronal em coda em “flecha”

- (569) ['haw[?]t[?]su] ~ ['haw[?]tisu]
 hau[?]t- su
 flecha-S.NOM
 “flecha”

- | | |
|---|---|
| (570) ['nũtsu] ~ ['nũt̚isu]
nũt- su
pilão-S.NOM
“pilão” | (571) ['utsu] ~ ['ut̚isu]
ut- su
irara-S.NOM
“irara” |
|---|---|

Quanto às outras línguas da família Nambikwara, o processo de epêntese é mencionado para o Sabanê, Latundê, Mamaindê e Negarotê. Em Sabanê, esse processo ocorre tal qual descrito a seguir:

When two vowels or a glide and a vowel that belong to different prosodic words are adjacent, a glottal stop [ʔ] is inserted between them. This process does not occur between the parts of a compound, where [...] vowel deletion occurs. [...] As expected, glottal insertion does not occur if there is a vowel-consonant sequence at a prosodic domain boundary [...]. In summary, onsetless syllables, in general, and hiatuses, in particular, are avoided across different prosodic words in Sabanê. (ARAÚJO, 2004, p.85-7)

O processo de epêntese tal qual ocorre em Sabanê não foi verificado em Nambikwara do Campo. Em Latundê, Mamaindê e Negarotê, a epêntese de segmento vocálico ocorre de maneira semelhante. Assim, na primeira língua, o processo pode ser engatilhado pela fricativa glotal na coda, a exemplo de ['ʃi:hi̯du], /'sih'tu/, “cesto” e ['ho:ho̯de] ~ ['ho:h̥de], /'hoh'te/, “macaco prego, espécie de macaco” (TELLES, 2002, p.141, grifo nosso). Nas palavras de Telles (2002, p.140):

A epêntese vocálica é um fenômeno opcional em raízes nominais monossilábicas terminadas por uma consoante fricativa glotal /h/ na posição de coda. Esta consoante é opcionalmente ressilabificada com uma vogal epentética idêntica à vogal nuclear da raiz, quando o nome recebe sufixo. De outra forma, quando o nome constitui cláusula, não formando por si uma frase nominal que possa ser livremente enunciada, a vogal epentética não acontece [...].

De modo análogo ao exposto por Telles (2002) para o Latundê, em Mamaindê (EBERHARD, 2009, p.133-4) pode ocorrer uma vogal epentética com ponto subespecificado quando há uma consoante fricativa glotal /h/ em final de raiz. Desse modo, a vogal emerge para formar sílaba com o /h/, que passa à posição de *onset*, satisfazendo, então, a regra de silabificação da língua que não permite, a nível superficial, segmento com o traço [+contínuo] em posição de coda. Exemplos de epêntese em Mamaindê são: ['mi:hi̯ru], /mihtu/, “chuva” e [ga'na:h̥aɖaru], /kanahtatu/, “amanhã” (EBERHARD, 2009, p.133-4, grifo nosso).

Finalmente, em Negarotê, segmentos com traço [+contínuo] em posição de coda não têm qualquer restrição, porém ocorrem foneticamente com menos frequência (BRAGA, 2017, p.155). Nesse sentido, segundo a autora, codas formadas pela fricativa coronal /s/ geralmente ocorrem como um segmento oclusivo, ao passo que aquelas compostas pela fricativa glotal /h/ tendem a ser ressilabificadas para o *onset* da sílaba subsequente junto a uma vogal da mesma qualidade que a vogal nuclear da sílaba que possui o /h/ em coda: [na'kiktu], /na'kistu/, “cabelo dele; [dɛ:hɛneru] ~ [dɛhneru], /tɛhnihtu/, “mulher” (BRAGA, 2017, p.155-6, grifo nosso).

Em Nambikwara do Campo, a posição de coda não está licenciada para segmento [-soante, +contínuo, coronal] a nível fonético⁹⁹, porém não há restrições quanto a segmento [-soante, +contínuo, glote constrita] nessa posição. Dessa forma, quando há [h] em coda em fim de raiz, há várias possibilidades de *output*: produção da própria fricativa glotal [h] em coda, realização do /h/ como a oclusiva glotal [ʔ], ou apagamento dessa consoante seguido de alongamento da vogal tônica devido à regra de acento. É comum, ainda, haver a ressilabificação da fricativa glotal em coda quando seguida por vogal, a exemplo do morfema {-a}, sufixo nominal, que forma junto ao [h] a sílaba [ha]. Exemplos desses contextos de ocorrência seguem abaixo:

Realização da fricativa glotal como oclusiva glotal: /h/ → [ʔ]

- (572) [a'luʔnara] ~ [a'lu^hnara]
 aluh- Ø- na- ra
 vomitar-3SG-PRC-PF
 “ele vomitou”

Apagamento da fricativa glotal /h/ final de sílaba e alongamento da vogal tônica devido ao acento: /h/ → Ø

- (573) [ʰo^hsu] ~ [ʰo:su]
 oh- su
 céu-S.NOM
 “céu”

Observe que a regra acima não se aplica quando /h/ é seguido de consoante glotal, como demonstrado abaixo:

- | | |
|--|---|
| <p>(574) [ʰehʔa]
 ehʔ- a
 machado-S.NOM
 “machado”</p> | <p>(575) [ʰdihʔa]
 ʔtihʔ- a
 cobra-S.NOM
 “cobra (geral)”</p> |
|--|---|

⁹⁹ Para o comportamento fonético do /s/ em coda a nível subjacente, ver subseção 3.1.6 *Silabificação* na parte 1 desse capítulo.

Ressilabificação da fricativa glotal /h/ para onset da sílaba seguinte antes de segmento [+vocoide]: /h/ → [h]

- (576) [ˈsiːhje^dnnawa] (577) [ˌɖaˈsiːha]
 si^h- ien- Ø- na- ua ʔta- si^h- a
 casa-CL.casa, aldeia-3SG-PRES-IMPF POS.1SG-casa-S.NOM
 “ele está na casa” “casa”
- (578) [ˈtuːha,ta^hsu] ~ [ˈtu^hha,ta^hsu]
 tu^h- a- ta- su
 abelha-S.NOM-INTENS.grande-S.NOM
 “abelha (geral)”

3.2.5 Rotacismo

Em Nambikwara do Campo, há 2 consoantes líquidas fonológicas: o /l/, com distribuição larga na língua; e o /r/, com distribuição restrita, conforme será descrito adiante. As líquidas ocupam sistematicamente a posição de *onset* na sílaba, podendo a lateral /l/ ocorrer também em posição de coda, em raros casos. Nenhuma líquida ocorre em início de palavra. Observe os exemplos abaixo:

- (579) [ˈwiːrawa] (580) [jaˈlunara]
 uil- a- ua ialun- Ø- na- ra
 ser bonito, bom-PRES/1SG-IMPF morrer-3SG-PRC-PF
 “eu sou bonito, bom” “ele morreu (hoje)”
- (581) [ˈuːʔlawa]
 ul- Ø- ʔ- a- ua
 ser longe-3SG-NEG-PRES-IMPF
 “não é longe”

Em posição de *onset*, em raiz e em afixos, o /l/ se realiza como [l] quando precedido por vogal dorsal em núcleo de sílaba ou pela fricativa glotal /h/ em coda. Quando é precedida por vogal coronal no núcleo da sílaba anterior, o /l/ realiza-se sempre como o flap [ɾ]. Em ambos os casos, a nasalidade e a laringalização das vogais adjacentes são indiferentes no que concerne à realização de /l/. Assim, é o contexto imediatamente anterior à consoante lateral em *onset* que é relevante para a realização desse segmento como sua forma modal [l] ou como o flap [ɾ].

Quando precedida pela oclusiva glotal /ʔ/ em coda, a lateral coronal pode se realizar como [l], [ɾ], [d] e [ɖ]. Dentre essas possibilidades, a forma modal [l] é a mais comum, porém [l], [ɾ] e [d] ocorrem em variação livre. A implosiva [ɖ] foi observada

em apenas um exemplar, sendo, portanto, a realização mais rara¹⁰⁰. À exceção das consoantes glotais /h/ e /ʔ/, não foi observada nenhuma outra consoante em coda antecedendo a lateral /l/ em *onset*. O quadro a seguir traz uma visão geral dos contextos de realização da consoante lateral coronal /l/ em *onset* e alguns exemplos:

Quadro 59 – Realizações, contextos relevantes e exemplos da lateral coronal /l/

Realização e contexto relevante: sílaba que precede o /l/ em onset <i>Segmento que ocorre imediatamente antes de /l/, em núcleo ou em coda da sílaba anterior</i>	Exemplos
/l/ → [l] - A lateral se realiza como a modal [l]. <i>Lateral precedida por:</i> - Vogal dorsal, independente de laringalização e nasalidade; - Fricativa glotal /h/ em coda.	[wa'lutsu] ualut- su paca-S.NOM “paca” [ĩ'jũ:linara] ~ [ĩ'jũ:linara] ĩ- ãli- Ø- na- ra INSTR-apagar-3SG-PRES-PF “ele apaga” [ʼjuʰlinara] iuhli- Ø- na- ra ter medo-3SG-PRES-PF “ele tem medo”
/l/ → [r] - A lateral se realiza como o flap [r] como resultado de processo de rotacismo. <i>Lateral precedida por:</i> - Vogal coronal, independente de laringalização e nasalidade.	[kali'riʔ'su] kali.(ka)liʔ- su REDUPL.grilo-S.NOM “grilo” [ʼhe:rinara] he-li- Ø- na- ra lutar, brigar-3SG-PRES-PF “ele está lutando, brigando”
/l/ → [l], [r], [d], [d̥] - Variação livre. <i>Lateral precedida por:</i> - Oclusiva glotal /ʔ/ em coda;	[ǻʔ'laʰsu] ~ [ǻʔ'rasu] ǻʔla- su jacu-S.NOM “jacu”

¹⁰⁰ O único exemplo de /l/ realizando-se opcionalmente como a implosiva [ɖ], quando precedida pela oclusiva glotal /ʔ/, foi a palavra “nome”: [a'ĩ:ɖa] ~ [a'ĩ:ɖa], /aʔlia/.

As realizações de /l/ ocorrem em variação livre. Foi visto apenas um caso com implosiva.	[aʔ^hl^hnawa] ~ [aʔ^hd^hnawa] aʔ^hl^h- Ø- na- ua estar frio-3SG-PRES-IMPF “está frio” [a^hɾa] ~ [a^hɗa] a- ɾ- li- a INAL-nome-?-S.NOM “nome”
--	--

A regra que formaliza o processo de rotacismo, que é obrigatório e ocorre em raízes e afixos, no domínio da palavra prosódica, é¹⁰¹:

[-vocoide, +aproximante] → [+contínuo] / [V coronal]]_σ ____

Domínio: Palavra prosódica

A seguir, são apresentados alguns exemplos da consoante lateral coronal /l/ realizando-se como [l] e como [ɾ], conforme os contextos observados no quadro 59 acima:

/l/ → [l]

- | | |
|--|---|
| <p>(582) [walo^hlo^hnnara]</p> <p>ualo.(ua)lon- Ø- na- ra
 REDUPL.ser leve-3SG-PRES-PF
 “é leve”</p> | <p>(583) [wa^hlu^hsu]</p> <p>ualu- su
 urubu-S.NOM
 “urubu”</p> |
| <p>(584) [l^hkāw:lja^hwsu]</p> <p>kāũ- li- ja^h- su
 água-?-CL.líquido-S.NOM
 “mingau, chicha”</p> | <p>(585) [a^hhũ^hle^hn^hsu] ~ [a^hhũ^hle^hn^hsu]</p> <p>ahũ- li- ĩn- su
 lago-?-CL.oco-S.NOM
 “lago, córrego”</p> |
| <p>(586) [ɾ^hjo:linara]</p> <p>ĩ- ioli- Ø- na- ra
 INSTR-cortar-3SG-PRC-PF
 “ele cortou”</p> | <p>(587) [l^hsuhla:nara]</p> <p>suhla- Ø- na- ra
 bater, matar-3SG-PRES-PF
 “ele está batendo, matando”</p> |

¹⁰¹ Aqui, tendo em vista Clements (1991), considera-se que [-vocoide, +aproximante] define a classe das líquidas, de modo que /l/ é considerado [-contínuo] e /ɾ/, [+contínuo].

/l/ → [ɾ]

- (588) [kwi₁ɾi^ʔnãjsu]
 kuili- ^ʔnãĩ- su
 peixe bagre-lontra-S.NOM
 “ariranha”
- (589) [nesa'ki:ɾikisu]
 nesakiri- ki- su
 vagalume-CL.redondo-S.NOM
 “vagalume”
- (590) [wa₁ti:ɾa'ko^dnnara]
 uatila-kon- Ø- na- ra
 girar-rodar-3SG-PRES-PF
 “ele está girando, rodando”
- (591) [ʔi:ɾutesu]
 ĩlu- te- su
 qualquer-CL.não espec-S.NOM
 “alguém”
- (592) [sa^ʔnẽ:ɾakisu]
 sa^ʔnẽ- li- a- ki- su
 menino-?-S.NOM-CL.redondo-S.NOM
 “menino, jovem, rapaz”
- Em morfemas gramaticais dissilábicos em que há consoante líquida, foi observado apenas contexto em que esse segmento é precedido por vogal dorsal ou pela fricativa glotal /h/. Assim, não foi verificada realização de *flap* em morfemas gramaticais dissilábicos.
- (593) [ʔjawka₁losu]
 ĩau- kalo- su
 sentar-CL.chato-S.NOM
 “banco”
- (594) [ʔwawka₁losu]
 uau- kalo- su
 enxada-CL.chato-S.NOM
 “enxada”
- (595) [a₁hi'wẽ₁halisu]
 a- hi - ãẽns- hali- su
 INAL-mão-criança-PL-S.NOM
 “dedos da mão”
- (596) [a₁jũ'wẽ₁halisu]
 a- ĩũ- ãẽns- hali- su
 INAL-pé-criança-PL-S.NOM
 “dedos do pé”
- (597) [wa^ʔnĩn₁tʃ^ha^hlosu] ~ [wa^ʔnĩn₁dʒ^ha^hlosu]
 ua^ʔnĩn- iahlo- su
 pajé-CL.masc-S.NOM
 “pajé, curandeiro”

Em raízes nominais e verbais, a maior incidência que se observa em contexto imediatamente anterior à líquida em *onset* é da vogal dorsal /a/, independente de nasalidade e laringalização. Assim, em morfemas lexicais, há mais ocorrências de vogal baixa antecedendo /l/ em *onset* do que de outras vogais da língua.

- (598) [sa'li:su]
 salĩ- su
 babaçu-S.NOM
 “babaçu”
- (599) [a'la^dnda]
 alan- [?]ti- a
 dia, manhã-ADVZ-S.NOM
 “dia, manhã”
- (600) [a'la^dnnawa]
 alan- Ø- na- ua
 estar quente-3SG-PRES-IMPF
 “está quente”
- (601) [ha'lotesu]
 halo- te- su
 campo-CL.não espec-S.NOM
 “povo do campo”
- (602) [ka'lu:nara]
 kalu- Ø- na- ra
 estar podre, estragado-3SG-PRES-PF
 “está podre, estragado”

O flap é interpretado nesse trabalho como sendo fonológico apenas no sufixo verbal de aspecto perfectivo e pessoa {-ra}. Essa interpretação se baseia no fato de que: (1) nesse afixo, não há variação na realização do flap, que é sempre realizado categoricamente como sua forma modal, mesmo quando antecedido por vogal dorsal, contexto em que seria esperada a realização da líquida [l]; (2) os falantes identificam a realização do morfema perfectivo/pessoa final como [ra] (e nunca [la]) como sendo um importante fator de identidade, que, inclusive, diferencia o modo de falar do grupo Nambikwara do Sul que habita o cerrado (Nambikwara do Campo) daquele que habita a região do Vale do Guaporé; (3) aparentemente, o flap está se fonologizando na língua, já tendo se cristalizado nesse morfema, devido a questões culturais.

- (603) [walo'lo^dnnara]
 ualo.(ua)lon- Ø- na- ra
 REDUPL.ser leve-3SG-PRES-PF
 “é leve”
- (604) [wa:ti:ra'ko^dnnara]
 uatila-kon- Ø- na- ra
 girar-rodar-3SG-PRES-PF
 “ele está girando, rodando”
- (605) [ũha'linara]
 ũh- hali- Ø- na- ra
 INSTR-pintar, desenhar-3SG-PRES-PF
 “ele pinta, desenha, escreve”

3.2.6. Coalescência consonantal

3.2.6.1 Ensurdimento do /l/ em onset

A realização surda da lateral coronal em *onset* é restrita a final de palavra nominal e envolve os morfemas {-li} e {-su}. Ocorre derivação a partir do morfema átono {-li}, cujo significado e classificação gramatical não se conseguiu mapear a

partir dos dados analisados¹⁰², e o sufixo final {-su} em alguns itens lexicais da língua. Em outros, o {-li} se preserva, já gramaticalizado, não sendo possível acessar seu significado. A seguir, são apresentados alguns exemplos com os morfemas {-li} e {-su} em palavras em que o processo de coalescência não opera:

- | | |
|--|--|
| <p>(606) [ˈwajali<u>su</u>]
 uaia- li- su
 cachorro-?-S.NOM
 “cachorro”</p> | <p>(607) [ˈwahkali<u>su</u>]
 uahka-li- su
 jacaré-?-S.NOM
 “jacaré”</p> |
| <p>(608) [wajaˈja<u>li</u>su]
 uaia.(ua)ia- li- su
 REDUPL.cascavel-?-S.NOM
 “cascavel”</p> | <p>(609) [ˈtikal<u>li</u>su]
 tika- li- su
 tamanduá-?-S.NOM
 “tamanduá-bandeira”</p> |

O ensurdecimento da consoante lateral coronal /l/ não ocorre dentro de raiz, mas apenas no *onset* da sílaba final de palavra nominal¹⁰³, em fronteira de morfema, formando a sílaba átona [-lu] ~ [ʰlu]. A realização surda da lateral é sempre prova de presença de um segmento surdo subjacente que não necessariamente se realiza na superfície, nesse caso, o /s/ do sufixo nominal {-su}.

Assim, o que se observa é que em sequências /li-su/ ocorre sistematicamente em algumas palavras da língua a criação de uma líquida surda [ɭ] ~ [ʰɭ] como consequência de uma regra de apócope do /i/ que cria a contiguidade ente /l/ e /s/, de modo que /lisu/ > /lsu/ > [lu] ~ [ʰlu]. Observe abaixo alguns exemplos com essa ocorrência:

- | | |
|--|---|
| <p>(610) [a.jõˈwã.ɭu]
 a- <u>io-</u> ã- li- su
 INAL-boca-pele-?-S.NOM
 “lábio”</p> | <p>(611) [ˈdã.ɭu] ~ [ˈdãːlu]
 tã- li- su
 nambu-?-S.NOM
 “nambu, espécie de”</p> |
|--|---|

¹⁰² Belo (conversa pessoal) interpreta o /-li/, também presente na língua Hahãintesu (Nambikwara do Sul), como sendo um morfema neutro, o qual não especifica gênero (masculino ou feminino) para o item lexical a que se relaciona. Em Nambikwara do Campo, a interpretação desse morfema como neutro não se sustenta, visto que, nessa língua, as distinções quanto ao gênero não são marcadas como em Hahãintesu, que parece ter morfemas específicos para indicar gênero masculino ou feminino. Na língua aqui estudada, o gênero neutro é não-marcado e, quando há necessidade de especificar gênero, são usadas as raízes referentes a “homem” {ˈin} e “mulher” {ˈtuh} ou os classificadores {-ˈiahlo}, {-ˈahla} (masculino) e {-kãˈla} (feminino).

¹⁰³ Este processo não foi observado em palavra verbal, uma vez que nesta são poucas as vezes em que são encontradas sequências de [IV]-[sV], que criariam o contexto necessário para ocorrência desse processo.

- | | |
|---|---|
| (612) [kwa'ta: ^h lu]
kuata- li- su
panela-?-S.NOM
“panela, recipiente” | (613) [ju? ^h dãw ^h lu]
iu? ^h tãũ- li- su
jabuti-?-S.NOM
“jabuti” |
| (614) [ʔãũ: ^h lu]
ãũ- li- su
papagaio-?-S.NOM
“papagaio” | (615) [ʔdũ: ^h lu]
ʔtu- li- su
cutia-?-S.NOM
“cutia” |

Dessa forma, há gramaticalização do morfema {-li} e derivação junto ao {-su} em algumas palavras nominais da língua. Nessas, o que se observa é a derivação /lisu/ > /lsu/ > [l^hu], sendo o ensurdecimento devido à fricativa surda em *onset* subjacente, a qual comumente também favorece a aspiração fonética que pode ocorrer junto à lateral: [l^hu]¹⁰⁴. Observe a derivação de “lagarto (espécie de)” abaixo:

/ianɔlisu/	→ síncope de /i/
/ianɔlsu/	→ coalescência entre /l/ e /s/ com possível aspiração na superfície devido à fricativa surda /s/
	[ja'nɔ: ^h lu]

Nesse exemplo, a apócope do /i/ faz com que apareça uma estrutura /ls/, cuja ocorrência na sílaba não é possível nem em posição de *onset* nem de coda ramificada, nem na subyacência nem na superfície. Também não foram identificadas nos dados analisados sequências de consoante líquida + fricativa surda heterossilábicas, em coda e *onset*, respectivamente. Subsequentemente, ocorre coalescência consonantal, que resulta na lateral surda [l^h] na superfície, em posição de *onset*. Tendo em vista que o /s/ > /h/, uma aspiração opcional, mas muito frequente, pode ocorrer junto à lateral surda: [l^h] ~ [l^h]¹⁰⁵. Finalmente, o alongamento da vogal tônica da raiz ocorre devido à regra do acento.

É interessante notar que quando, em vez do morfema {-su}, ocorre o sufixo nominal {-a}, o que acontece não é a coalescência da lateral /l/ com a fricativa /s/, mas sim a apócope da vogal coronal átona /i/ que compõe o núcleo da sílaba do morfema {-li}, a qual dá lugar à vogal /a/ do morfema nominal {-a}. Devido ao fato de o {-li} se tratar de um morfema átono sem consoante em coda, quando ocorre na

¹⁰⁴ Em sua gramática, Kroeker, M. (2001) grafa os casos de [l^h] como <lhu> e, em contexto de lateral diante do morfema {-a}, a grafia adotada pelo autor é <la>, o que contribui para corroborar a nossa interpretação de que a aspiração está atrelada à fricativa presente no morfema {-su}.

¹⁰⁵ É interessante notar que também há aspiração fonética em coda precedendo o morfema {-su} em contextos em que não ocorre coalescência consonantal, a exemplo de “sucuri (lit.: cobra grande)” [ʔdihʔa:^hta^hsu], /ʔtihʔatasu/, e “vagina (lit.: boca da mulher)” [a:^hkaʔjɔ:^hsu], /akaʔjɔsu/ (para mais informações, ver 3.2.8.2 *Aspiração de coda*).

sequência uma sílaba sem *onset* consonântico, a vogal coronal alta nuclear do primeiro morfema cai e a posição do núcleo passa a ser ocupada pelo morfema {-a} (ver item 3.2.3.2 *Síncope de vogal átona entre sílaba tônica e sílaba átona*). Ressalta-se, ainda, que a aspiração comumente observada em [l̥u] ~ [ʰl̥u] não se observa quando o morfema final é o {-a}.

(616) [w̥aˈl̥uːla]

u̥al̥u- li- a
tatu canastra-?-S.NOM
“tatu-canastra”

(617) [haˈlawla]

halau- li- a
sapo cururu-?-S.NOM
“sapo cururu”

(618) [aˈw̃ãːla]

a- ãã- li- a
POS.3SG-roupa, pele-?-S.NOM
“roupa, pele, couro”

(619) [ãˈt̃ãːla]

ãt̃ã- li- a
colmeia-?-S.NOM
“colmeia”

O quadro a seguir ilustra o que ocorre em final de palavra nominal, em fronteira de morfema, quando há o morfema {-li} seguido dos sufixos finais {-su} ou {-a}.

Quadro 60 – Comportamento de consoantes líquidas em sílaba postônica em final de palavra (fronteira de morfema)

Realização da lateral /l/ ¹⁰⁶	Segmento imediatamente anterior ao /l/ em <i>onset</i> (sílabas precedente)	Realização do /l/ em <i>onset</i> de acordo com a vogal nuclear referente aos morfemas {-su} e {-a} ¹⁰⁷	Exemplo
/l/ → [r], [rʰ]	Vogal coronal oral, nasal, laringal ou nasal e laringal	[ru] ~ [rʰu] /lisu/	[ˈi:ru] ~ [ˈi:rʰu] i- li- su bugio preto-?-S.NOM “bugio preto”

¹⁰⁶ Ressalta-se que a realização do /l/ como [l] ou [r] em raízes e em morfemas gramaticais tem uma origem diferente da realização do /l/ como [l̥] em *onset* em fim de palavra (fronteira de morfema), sendo estes dois processos fonológicos distintos. O primeiro tem como contexto relevante a rima da sílaba mais à esquerda, que pode engatilhar o rotacismo do /l/ (ver item 3.2.5 *Rotacismo*). O segundo, por sua vez, diz respeito a um processo de derivação e coalescência envolvendo dois morfemas: o {-li} e o {-su}. Nesse último, o contexto da sílaba que antecede esses morfemas não é relevante. No entanto, após a ocorrência da derivação, se houver vogal coronal antecedendo o [l̥], este se realiza [r] ~ [rʰ], como resultado de um segundo processo, o de rotacismo. Um exemplo é o de “mosca”: [ˈd̥eːru] ~ [ˈd̥eːrʰu], /^ht̃eːlisu/.

¹⁰⁷ Em final de palavra nominal nesse contexto de fronteira de morfema com consoante líquida em *onset*, não foram identificadas formação de sílaba com outras vogais em posição de núcleo.

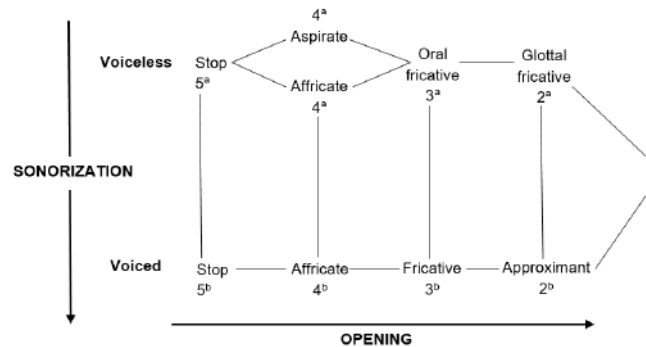
		[ra] /lia/	[^h wajra] uai- li- a espinho-?-S.NOM “espinho”
/l/ → [l̥], [l]	Vogal dorsal oral, nasal, laringal ou nasal e laringal; Fricativa glotal /h/	[lu] ~ [l̥u] ~ [^h lu] /lisu/	[ja'ta: ^h lu] iatã- li- su veado-?-S.NOM “veado, espécie de”
		[la] /lia/	[ja'na:la] iana- li-a onça-?-S.NOM “onça (geral)”

Por fim, salienta-se que não há lateral surda formando sílaba com nenhuma outra vogal da língua (apenas /u/) e em nenhum outro contexto. A coalescência consonantal é um processo opcional, mas muito frequente na língua, que ocorre no domínio da palavra prosódica.

3.2.7 Fortalecimento

Tanto o enfraquecimento (lenição) quanto o fortalecimento de segmentos relaciona-se com mudanças no grau de constricção no trato vocal e na glote (vozeamento). Assim, de acordo com Lass (1984, p.178), a melhor maneira de olhar para processos de lenição/fortalecimento é a partir de duas escalas: abertura e sonoridade. Movimentos para baixo na abertura envolve diminuição da resistência na passagem de corrente de ar (menor constricção no trato vocal), ao passo que movimentos para baixo na sonoridade indicam um aumento no *output* da energia acústica periódica (LASS, 1984, p.179). Nessa perspectiva, o autor apresenta o seguinte esquema para ilustrar as mudanças que envolvem perda ou ganho de força de segmentos:

Figura 48 – Representação da hierarquia de movimentos na escala de força (LASS, 1984, p.178, adaptado)



Nessa representação, movimentos para baixo e/ou para a direita são de lenição, e movimentos para cima e/ou para a esquerda são de fortalecimento. Ainda segundo o autor, geralmente, movimentos para baixo e para a direita são mais comuns, e, quando um segmento começa a enfraquecer, dificilmente ele é fortalecido novamente. O *input* pode se realizar em qualquer ponto dessa escala de representação e pode se transferir de uma hierarquia para outra. (LASS, 1984, p.178-9)

Um outro viés para compreender o processo de enfraquecimento e fortalecimento de segmentos é através da escala de sonoridade proposta por Clements (1990). Nesta, segmentos obstruintes (O), nasais (N), líquidas (L), glides (G) e vogais (V) são agrupados de acordo com sua sonoridade, conforme apresentado abaixo:

Figura 49 – Escala de sonoridade (CLEMENTS, 1990, p.12, adaptado)

O	<	N	<	L	<	G	<	V	
-		-		-		-		+	silábico
-		-		-		+		+	vocoide
-		-		+		+		+	aproximante
-		+		+		+		+	soante
0		1		2		3		4	

Assim, quanto mais próximo do nível de sonoridade 0, ou seja, quanto maior a restrição no trato vocal, mais fortalecido é o segmento. A representação proposta por Lass (1984) para o enfraquecimento/fortalecimento de segmento guarda semelhanças com a de Clements (1990) uma vez que ambas consideram o nível de soância das classes de segmentos para a compreensão desses processos.

Desse modo, tendo em vista as representações aqui expostas, serão abordados a seguir os processos de fortalecimento encontrados em Nambikwara do Campo¹⁰⁸.

3.2.7.1 Fortalecimento do glide coronal [j]

O fortalecimento da aproximante coronal [j] em *onset* pode ocorrer de diversas formas em Nambikwara do Campo, gerando como *output* as realizações [j^h], [j^h], [ʎ^h] e [tʃ^h]. Esse processo é opcional e pode ocorrer em sílabas tônicas e átonas,

¹⁰⁸ Não foi observado processo de lenição em Nambikwara do Campo. Dentre os segmentos que ocupam a posição de coda na língua (/t/, /ʔ/, /^ht/, /n/, /l/, /s/ e /h/), o que se esperava é que o /s/, que não está licenciado para se realizar foneticamente nessa posição devido à restrição da sílaba quanto à superficialização de segmentos [-soante, +contínuo, coronal] em coda, se realizasse como [h] quando seguido por sílaba com *onset* consonântico (contexto que não permitiria a ressilabificação do /s/). O que se verificou, porém, foi que, exceto em raras exceções, em contextos em que a fricativa coronal /s/ não pode ser ressilabada para o *onset* da sílaba seguinte, ela se realiza como a oclusiva glotal [ʔ], coda *default*, ou não se realiza, como demonstrado na seção 3.1.6 *Silabificação*, havendo alongamento da vogal nuclear tônica devido à regra do acento.

sendo preferível nas primeiras. Ele foi verificado em raiz e em fronteira de morfema, como poderá ser visto nos exemplos que serão apresentados adiante.

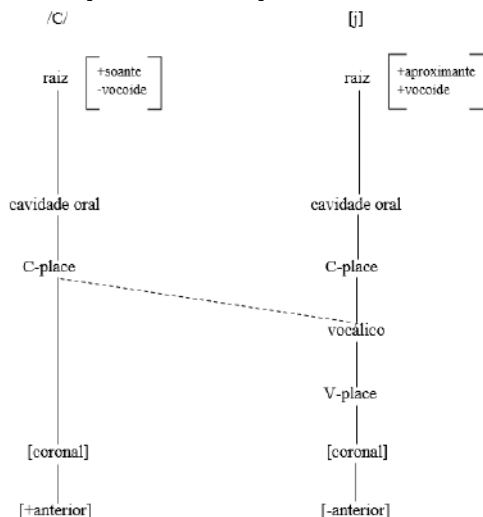
A tendência do glide [j] para consonantização contribui para corroborar a interpretação teórica assumida no presente trabalho de que, em Nambikwara do Campo, glides ocorrem na superfície (ocupando a periferia da sílaba e formando ditongos e tritongos fonéticos de tal forma que se transformam em consoantes em posição de *onset* e mantêm-se glides em coda. O *onset*, posição forte, prefere o menor grau de soância, enquanto que a coda, posição fraca, prefere o maior, sendo por isso que, quando na primeira posição da sílaba, os glides se fortalecem, comumente se realizando como consoantes¹⁰⁹.

A nasal palatal pode ocorrer em duas situações: (1) quando há segmento nasal em coda seguido pela aproximante [j]: /ni/ > [nj] > [n^j] ou (2) quando não há consoante nasal nas adjacências e o [j] vira consoante com mesmo ponto de articulação, o que corresponde ao próprio processo de fortalecimento: /i/ > [j] > [jⁿ]. No primeiro caso, a consoante nasal assimila o nó vocálico do glide coronal. No segundo, devido à nasalidade subjacente, a aproximante realiza-se espontaneamente como [jⁿ].

O [ɲⁱ] foi verificado em apenas um contexto: quando o glide [j] vem precedido por consoante lateral. Então, o processo assimilatório que se procede é semelhante ao mencionado na situação 1 para o segmento nasal palatal, havendo assimilação do nó vocálico da aproximante pela consoante lateral. A seguir, é apresentada a representação da assimilação mencionada para [n^j] e [ɲⁱ] e exemplos dos contextos de ocorrência:

Domínio: Palavra prosódica

Figura 50 – Representação da assimilação do nó vocálico de [j] por /n/ ou /l/



¹⁰⁹ Para mais informações, ver seção 3.1 *A sílaba* (capítulo 3) e subseção 2.1.2.2.3 *Ditongos* (capítulo 2).

Exemplos [nj] > [ɲ]

- (620) [ha'lo^dɲ^hahla] ~ [a'lo^dɲ^hahla]
 a- lon- iahla
 INAL-irmão-CL.masc
 “irmão”
- (621) [wa'li^dɲ^hawsu] ~ [wa'li²ɲ^hawsu]
 ualín- iau- su
 mandioca-CL.líquido-S.NOM
 “mingau, chicha de mandioca”

Exemplos com [j] > [ɲ]

- (622) [ʔāteta] ~ [ɲāteta]
 ʔā- te- tə
 INTER.não humano-NOMZ-INTER
 “Como? O quê?”
- (623) [ã^hɲãwkadizu] ~ [ã^hɲãwkatisu]
 a- ʔãũka- te- su
 POS.3SG-espírito-CL.não espec-S.NOM
 “espírito dele”
- (624) [ɲũ^hɲũkisu]
 ʔũ.ʔũ- ki- su
 REDUPL.minhoca-CL.redondo-S.NOM
 “minhoca”
- (625) [ɲũ:su] ~ [jũ:su]
 ʔũ- su
 carrapato-S.NOM
 “carrapato”
- (626) [ɲãⁿdu:ra] ~ [jãⁿdu:ra]
 ʔãn- ʔtu- ra
 ir-IMPER-PF
 “Vá!”

Exemplos com [lj] > [ʎ]

- (627) [a'hũ,ʎe^dn'su] ~ [a'hũ,le^dn'su]
 ahũli- ien- su
 água-CL.aldeia, circular-S.NOM
 “lago”
- (628) [a'hũ,ʎawsu]
 ahũli- iau- su
 água-CL.líquido-S.NOM
 “água”

No que concerne ao [tʃ], são 3 os contextos em que o mesmo pode ocorrer sob influência do [j]. O primeiro se dá quando, entre consoante nasal em coda e o glide palatal em *onset* da sílaba seguinte há a epêntese de uma consoante intrusiva [t]

(*intrusive consonant* (CLEMENTS, 1987))¹¹⁰. Nesse caso, em vez de a nasal se realizar como [n^j], o acréscimo de uma IC bloqueia sua palatalização e possibilita a realização da consoante africada [tʃ] devido à presença adjacente do glide coronal. No exemplo para a palavra “pajé” (nº 629), que pode ser visto abaixo, ocorre, inclusive, a sonorização do [tʃ], que se realiza como [dʒ] devido ao contexto de alta sonoridade. As realizações [n^j] e [tʃ] ~ [dʒ] podem variar livremente entre si, não havendo um condicionamento específico para a ocorrência de uma em detrimento da outra. No entanto, em contexto de /n/ + [j] em fronteira de morfema a nasal palatal [n^j] é preferível, sendo, portanto, a mais frequente.

- (629) [wa^ʔnĩⁿdʒ^jahlosu]
 ua^ʔnĩn- iahlo- su
 pajé-CL.masc-S.NOM
 “pajé”

O segundo contexto de ocorrência de [tʃ] é quando há um [t] em coda ou uma sílaba átona com [t] em *onset* seguida da aproximante coronal [j] heterossilábica. Assim, o glide promove a palatalização da oclusiva, que se realiza como a africada. Exemplos desse contexto encontram-se abaixo:

- | | |
|--|---|
| <p>(630) [tʃ^jahla] ~ [tʃ^jahla]
 te- iahlo- a
 DEM-CL.masc-S.NOM
 “ele”</p> | <p>(631) [ka^jʔa^jtʃ^jawsu]
 kua^jiat- ʔau- su
 milho-CL.líquido-S.NOM
 “mingau, chicha de milho”</p> |
|--|---|

Por fim, a terceira e última razão para a realização do [tʃ] junto ao [j] é por meio de fortalecimento espontâneo do glide coronal. Assim, a aproximante pode se realizar como a africada [tʃ] em raiz ou em fronteira de morfema, em início ou meio de palavra. Esse processo de fortalecimento espontâneo do glide ocorre preferencialmente em sílaba tônica (com acento primário ou secundário) e é frequente na língua. Para fins de ilustração, seguem dois pares de exemplos:

- (632) [ka^jlih^jtʃ^jawsu]
 kalih- ʔau- su
 ser, estar feliz-CL.líquido, fluido-S.NOM
 “felicidade”

¹¹⁰ Kroeker, M. (2001) também menciona o acréscimo de uma consoante [t] entre morfemas em contexto de consoante nasal seguida por glide coronal. Nas palavras do autor: “Um morfema que termina em /n/ ou em oclusiva acrescenta /t/ antes de /s/ ou /y/ no morfema seguinte” (KROEKER, M., 2001, p.113).

- (633) [ka'li^hnara]
kalih- Ø- na- ra
ser, estar feliz-3SG-PRES-PF
“ele está feliz”
- (634) [u'tʃenakisu]
uiena- ki- su
sol-CL.redondo-S.NOM
“sol”
- (635) [jeki'sūkinara]
ie- ki- sūki- Ø- na- ra
sol-CL.redondo-cobrir-3SG-PRES-PF
“está nublado (lit.: o sol está coberto)”

Ao se comparar os pares de exemplos acima, vê-se que a alvéolo-palatalização da aproximante coronal não está condicionada a contexto intervocálico e nem à existência de oclusiva nas adjacências, situação que poderia promover a epêntese da IC coronal [t] ou até mesmo o espraçamento do traço [-contínuo] da oclusiva para junto do [j], favorecendo, assim, a ocorrência da africada. Mais exemplos com [j] realizando-se como [tʃ] por fortalecimento espontâneo podem ser vistos abaixo:

- (636) [tʃu'tʃutsu]
iuiut- su
REDUPL.pica-pau-S.NOM
“pássaro pica-pau”
- (637) [tʃũ'nẽ]
ĩũ'nẽ
pouco
“pouco, pequeno”
- (638) ['e:ki,tʃawsu]
eki- iau- su
falar com-CL.líquido, fluido-S.NOM
“língua, falante”
- (639) ['e:tʃawsu]
e- iau- su
falar-CL.líquido, fluido-S.NOM
“voz”

O processo de fortalecimento da aproximante [j] também é mencionado por Braga (2017) para o Negarotê, por Telles (2002) para o Latundê, por Eberhard (2009) para o Mamaindê e por Sousa Netto (2018) para o Nambikwara do Campo.

Ainda no que se refere à palatalização/alvéolo-palatalização, ressalta-se o caso da fricativa alveolar /s/ em *onset* que pode se realizar como as fricativas [ʃ] ou [ʒ], essa última quando há vozeamento. Tal realização foi vista em apenas 2 exemplares, em fala corrida, em dados gravados com falante da etnia Wakalitesu, pertencente ao grupo Nambikwara do Campo. Em ambas as ocorrências, o [ʃ] ocorre

como alofone do /s/ no sufixo nominal átono {-su} que, nesses casos, foi usado em sentença, em contexto de fala:

(640) [ãka'noka₁lo₂fu₃haj^dnnara]

a- kano- kalo- su- ain- na- ra
INAL-canoa-CL.chato-S.NOM-3PL-COP-PF
“a canoa é deles”

(641) [tʰahla # 'huki₁fu₂awa] ~ [tʰahla # 'hu:²ki₃zu₄awa]

te- iahlo- a hu²ki- su- Ø- ?- a- ua
DEM-CL.masc-S.NOM arco-S.NOM-3SG-NEG-COP-IMPF
“o arco não é dele (dito na presença do indivíduo sobre o qual se fala)”

O que é interessante de se observar quanto a esses contextos é que a palatalização/alvéolo-palatalização do /s/ ocorre de maneira sistemática e produtiva em outras línguas da família Nambikwara, configurando, de fato, um processo fonológico, ao contrário do que foi observado para o Nambikwara do Campo. A palatalização ou alvéolo-palatalização da fricativa coronal /s/ foi verificada em Latundê, Lakondê, Mamaindê e Negarotê. Nas duas primeiras línguas, de acordo com Telles (2002) e Braga (2012), a palatalização de /s/ pode ocorrer quando há vogal coronal adjacente. Quanto ao Mamaindê (EBERHARD, 2009), a palatalização ou alvéolo-palatalização da fricativa coronal surda pode estar atrelada a 2 regras: a primeira, lexical, prevê a presença de vogal alta junto ao /s/, havendo o acréscimo de uma consoante intrusiva [t] e formando o alofone [tʃ]; a segunda se trata de uma regra de coalescência na qual um [h] precede o [s], que se realiza [ʃ]. Por fim, em Negarotê (BRAGA, 2017), o /s/ pode realizar-se como [ʃ] ou [tʃ]. O primeiro ocorre preferivelmente na fala de sujeitos mais velhos e está condicionado à presença de vogal coronal no núcleo silábico. O segundo, por sua vez, depende da presença de uma nasal na coda da sílaba anterior, e o /s/ deve ocorrer seguido de vogal alta.

3.2.7.2 Dentalização do glide labial [w]

A dentalização do [w], também atestada em Nambikwara do Campo por Sousa Netto (2018), é pouco frequente na língua e acontece em fala com velocidade acelerada. Nesse contexto, o [w] pode realizar-se opcionalmente como a aproximante labiodental [ɱ] quando diante da vogal alta coronal [i] em início de palavra. O [ɱ] ocorre em variação livre com a aproximante labial [w], como pode ser visto a seguir:

Dentalização do glide labial [w] em início de palavra:

$$[w] \rightarrow [v] / \omega(\begin{array}{c} \boxed{ \begin{array}{c} V \\ -aberto1 \\ -aberto2 \\ coronal \end{array} } \end{array}$$

Domínio: Palavra prosódica

- (642) [^hwi:nara] ~ [^hvi:nara]
 uil- Ø- na- ra
 ser bom, bonito-3SG-PRES-PF
 “é bom, bonito”

- (643) [^hvitisu] ~ [^hwitisu]
 ui- te- su
 mutum-CL.não espec-S.NOM
 “mutum”

3.2.7.3 Implosão de oclusiva

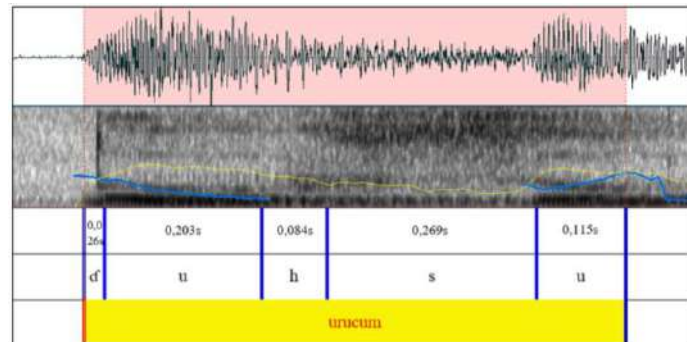
A implosão de oclusiva é frequente na língua e ocorre majoritariamente na fala de sujeitos adultos, principalmente na dos mais velhos. As realizações implosivas observadas foram [ɓ] e [ɗ], sendo a primeira muito rara, visto que as consoantes labiais, em geral, são raras na língua, e a segunda bem distribuída, uma vez que as consoantes coronais são as mais frequentes. Esses segmentos configuram realizações alofônicas das consoantes glotalizadas /^hp/ e /^ht/, respectivamente, e ocorrem apenas em posição de *onset* (fonológico ou fonético, resultante de ressilabificação) formando sílaba junto a vogal de qualquer qualidade. Quando de sua realização, é comum haver o espraçamento da laringalização dessas consoantes para vogais adjacentes.

Para fins de comparação entre a realização do [ɗ] e do [t] em início de vocábulo são apresentados abaixo dois exemplos: “urucum” e “mel”. Essas palavras correspondem a um par mínimo e, nos espectrogramas¹¹¹, é possível visualizar algumas diferenças na produção do segmento inicial, a exemplo da sonoridade de [ɗ] e sua duração mais longa comparativamente a [t].

¹¹¹ Nos espectrogramas, a linha azul diz respeito ao *pitch* e a amarela, à intensidade. Também são apresentadas nas figuras a duração em segundos dos segmentos, a transcrição fonética e a tradução em português.

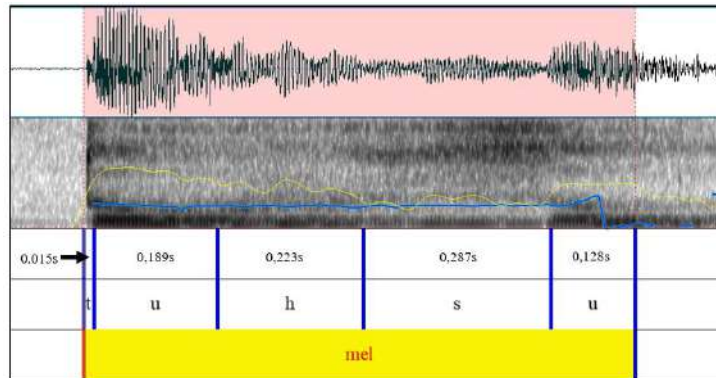
- (644) [ʰdʰsu]
 ʰtuh- su
 urucum-S.NOM
 “urucum”

Figura 51 – Espectrograma de “urucum”



- (645) [ʰtuhsu]
 tuh- su
 mel-S.NOM
 “mel”

Figura 52 – Espectrograma de “mel”



A ocorrência da implosiva coronal [d] está condicionada à posição tônica ou, menos frequentemente, ao tom alto. Assim, a existência de /ʰt/ na subyacência não implica a ocorrência de [d], de forma que, em sílaba átona com tom não-alto, este segmento irá se realizar como [ʔt], [t] ou [d]. Esse contexto pode ser observado no sufixo adverbializador {-ʔti} nos exemplos abaixo, nos quais não há realização de [d]:

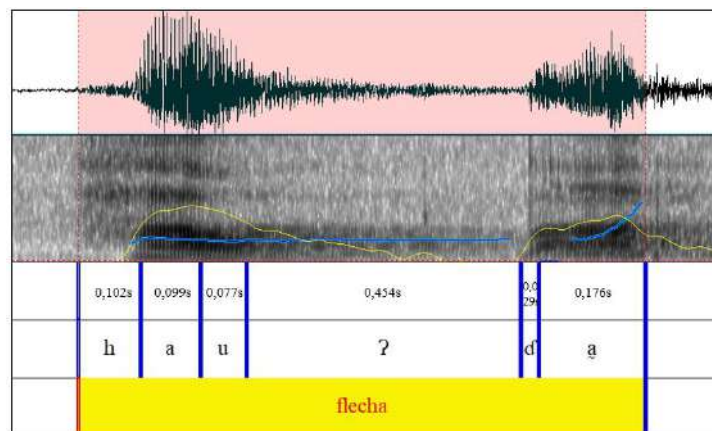
- (646) [wa'su^ʔti # 'siha # wə^ʔ'dɔ:natoa]
 uasu- ^ʔti sih- a uə- ^ʔton- a- tu- ua
 rápido-ADVZ casa-S.NOM INSTR.mão-construir, nascer-1SG-FUT-IMPF
 “vou construir rapidamente uma casa”

- (647) [ɬajna # wa'su^ʔti # hi'nēka # ɪka'la:nawa]~[ɬajna # wa'su^ʔti # hi'nēka # ɪka'la:nawa]
^ʔta- aili- na uasu- ^ʔti hinēki- a ĩ- kalan- a- ua
 1SG-DEM-MT rápido-ADVZ árvore-S.NOM INSTR-subir-PRES/1SG-IMPF
 “eu subo rapidamente na árvore”

Um exemplo de realização da implosiva coronal em sílaba átona com tom alto é o da palavra “flecha”, conforme se observa abaixo:

- (648) [hau^ʔd̪a]
 hau^ʔt- a
 flecha-S.NOM
 “flecha”

Figura 53 – Espectrograma de “flecha”



A implosão de consoantes glotalizadas na superfície é um processo opcional que ocorre no domínio da palavra prosódica, tendo sido atestado em Nambikwara do Campo em início, meio e final de palavra, em raiz e em fronteira de morfema. Outros exemplos com realizações implosivas de consoante glotalizada são apresentados abaixo:

- (649) [ɬɛ:ru]
^ʔpɛ- li- su
 melão-?-S.NOM
 “melão”

- (650) [sa'de:nara] ~ [sa'ʔde:nara] (651) [l'do^dnnara]
 sa^ʔte- Ø- na- ra ʔton- Ø- na- ra
 dançar-3SG-PRC-PF nascer, construir-3SG-PRC-PF
 “ele dançou (hoje)” “ele nasceu, construiu (hoje)”
- (652) [saha'dutara] (653) [l'dũ:nara]
 sa- ha^ʔtut- Ø- na- ra ʔtũn- Ø- na- ra
 INSTR-arrancar-3SG-PRES-PF chupar-3SG-PRC-PF
 “ele arranca” “ele chupou (hoje)”
- (654) [l'eka_id̥isu] ~ [l'eka_iʔdisu] (655) [l'dihsu] ~ [l'dihsu]
 eki- a- ʔti- su ʔti^h?- su
 falar com-S.NOM-contar-S.NOM cobra-S.NOM
 “história” “cobra (geral)”
- (656) [l'dajna] ~ [l'dajna] ~ [l'dajna] ~ [l'tajna]
 ʔta- ai(li)- na
 1SG-DEM-MT
 “eu”

3.2.8 Aspiração

3.2.8.1 Aspiração de oclusiva em *onset*

A aspiração de consoante oclusiva em posição de *onset* é relativamente comum em Nambikwara do Campo. Ela ocorre junto às consoantes /p/, /t/ e /k/, sendo mais frequente nessa última, e foi identificada principalmente em início de palavra, podendo também ocorrer no meio quando se manifesta em morfema. Esse processo pode ocorrer em raízes nominais e verbais e em fronteira de morfema, como poderá ser visto nos exemplos a serem apresentados abaixo.

A aspiração fonética de consoante oclusiva em *onset* não apresenta uma regra de realização porque ocorre espontaneamente, em variação livre. Nessa perspectiva, do ponto de vista articulatorio, esse processo configura um momento de surdez inicial na realização da consoante que não chega a formar um segmento [h] *per se*, correspondendo, na verdade, à contraparte surda do segmento [+vocoide] que segue a oclusiva em *onset*. De acordo com Lass (1984, p.91):

It is often assumed that aspiration (whether allophonic or distinctive) is in some way related to ‘tenseness’, ‘force of articulation’, or some possible correlate like ‘heightened subglottal pressure’ (the *SPE* solution). But the evidence is against this; aspiration is primarily a matter of timing, as aspirated consonant having its

stricture released before the onset of voice on a following voiced segment, giving a period of voicelessness.

A aspiração em Nambikwara do Campo é opcional, ocorre no domínio da palavra prosódica e, nos casos em que foi observada, em sílaba tônica. Alguns exemplos podem ser vistos a seguir:

Exemplo com [p^h]:

- (657) [p^hitsu]
 pit- su
 abóbora-S.NOM
 “abóbora”

Exemplo com [t^h]:

- (658) [si'da:da^hizu] ~ [si'da:da^hizu]¹¹²
 < cidade > a- tĩn- su
 cidade-S.NOM-CL.aldeia-S.NOM
 “cidade”

Exemplos com [k^h]:

- | | |
|--|--|
| <p>(659) [a^hk^husakisu]
 a- kusa- ki- su
 INAL-coração-CL.redondo-S.NOM
 “coração”</p> | <p>(660) [k^hwidisu] ~ [k^hwidisu]
 kui²ti- su
 veado-S.NOM
 “veado do campo”</p> |
| <p>(661) [k^hwaj²su]
 kuait- su
 beija flor-S.NOM
 “beija-flor”</p> | <p>(662) [k^hajsu] ~ [k^haj:su]
 kai- su
 quati-S.NOM
 “quati”</p> |
| <p>(663) [k^hũ²su]
 kũn- su
 mosquito-S.NOM
 “mosquito, espécie de (mosquito do cerrado)”</p> | |

¹¹² Essa palavra configura um empréstimo linguístico do Português, porém carrega a morfologia da língua Nambikwara do Campo, sendo possível observar a realização do morfema {-tĩn} com a oclusiva coronal surda aspirada [t^h].

(664) [kʰwĩn^dza]

kuĩn- sa
raspar-S.VER
“raspar”

(665) [kʰwa^hlu]

kuə- li- su
abacaxi-?-S.NOM
“abacaxi”

3.2.8.2 Aspiração de coda

O processo de aspiração de coda é frequente na língua e ocorre em contexto de vogal seguida por consoante fricativa surda em posição de *onset* na sílaba subsequente. A aspiração da coda pode se dar junto a qualquer segmento vocálico ocupando a posição nuclear da sílaba, ou seja, vogais com ponto de articulação [labial], [coronal] e [dorsal] podem ocorrer antes de aspiração da coda. O contexto que engatilha esse processo não diz respeito à qualidade da vogal em núcleo silábico, mas sim à consoante fricativa em *onset* da sílaba seguinte.

A fim de prover uma explicação plausível para esse fenômeno que envolve o espraçamento de aspiração para a coda da sílaba anterior a partir de consoante fricativa heterossilábica, considerou-se aqui a proposta de Vaux (1998), segundo a qual, em seu estado não-marcado, fricativas surdas são [+spread glottis] e fricativas sonoras são [-spread glottis] (VAUX, 1998, p.497). De acordo com essa perspectiva, tais particularidades são relativas ao estado não-marcado dos segmentos fricativos, e não a um conjunto invariável e absoluto de especificações (VAUX, 1998, p.508). Ainda segundo o autor:

The assumption that voiceless fricatives are specified [+spread glottis] makes it possible to provide a unitary account for a wide range of seemingly disparate phenomena. [...] It accounts for the phonological behavior of laryngeal spreading, fricative assimilation, and postnasal voicing in Armenian, aspiration in Sanskrit, debuccalization in Middle Indic and Spanish, and tonogenesis in Thai. Within theories of phonology that do not adopt the representation of fricatives proposed here, the individual phenomena in this set become difficult to explain, and the common phonological thread uniting them is missed. (VAUX, 1998, p.510)

Desse modo, sabendo-se que essa teoria proposta para as fricativas diz mais respeito a representações fonológicas do que a fonéticas, uma problemática poderia ser apontada considerando-se esse último aspecto dessa classe de segmentos. Tal questão enraíza-se no fato de que as fricativas, sejam elas surdas ou sonoras, necessitam de aspiração na glote para produzir uma corrente de ar satisfatória capaz de gerar a fricção típica desses segmentos (VAUX, 1998, p.509). Considerando-se esse aspecto fonético, o autor estabelece:

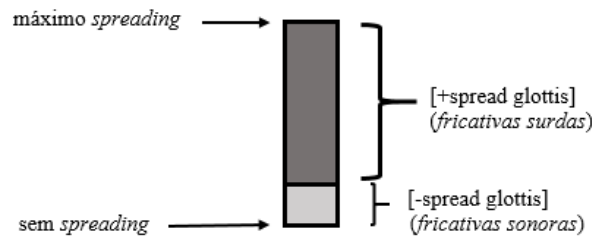
I do not consider this to be a problem, however, given that voiceless fricatives clearly pattern differently from

voiced fricatives with respect to phonological processes. The important point to bear in mind here is that a phonological specification [-X], where X is any feature, does not entail that the component of the vocal tract activated by [X] is completely inert at the phonetic level. [...] Rather, we should acknowledge that phonological features bisect a continuum of phonetic activity. In this view, [+nasal] for example represents lowering of the velum beyond a certain critical zone; [-nasal] represents any lesser degree of velar lowering. Similarly, [±spread glottis] should be defined in terms of a line drawn somewhere in the range of possible degrees of spreading of the vocal folds [...], rather than in the all-or-nothing terms of spreading versus no spreading [...]. (VAUX, 1998, p.509)

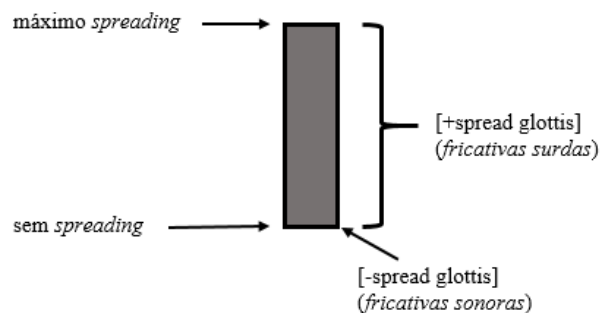
Tendo em vista o exposto, apresenta-se a seguir, apenas para maior esclarecimento, uma representação da definição de [±spread glottis] conforme especificado por Vaux (1998):

Figura 54 – Interpretação de [±spread glottis] em fricativas proposta por Vaux (1998, p.509) (adaptado)

a. Definição de [±spread glottis] proposta por Vaux (1998):



b. Definição tudo-ou-nada de [±spread glottis]:



3.2.9 Pré-oralização de coda nasal

O processo de pré-oralização de coda nasal é bastante frequente na língua e também foi atestado em Negarotê, Mamaindê e Latundê, sendo menos recorrente nessa última. Como verificado no capítulo 2 desse trabalho¹¹³, o Nambikwara do Campo contrasta vogais orais e nasais em posição tônica.

Tanto as vogais nasais quanto as orais podem ou não vir seguidas por coda nasal. O fato, porém, é que, como essas vogais são contrastivas na língua em posição de acento, é fundamental que não haja assimilação de nasalidade pela vogal oral quando seguida por consoante nasal tautossilábica. Assim, para evitar tal assimilação, as vogais orais usam como estratégia de preservação de sua oralidade uma realização pré-oralizada do segmento nasal.

Nesse contexto, em posição acentuada, a variação alofônica entre vogal oral e nasal, possível em sílabas átonas devido à neutralização do contraste entre elas¹¹⁴, não é permitida, sendo necessário haver um bloqueio do espraçamento da nasalidade da consoante em coda quando a vogal nuclear é oral na subjacência. Desse modo, a pré-oralização de consoante nasal em coda só se observa em sílabas acentuadas, nas quais o contraste entre vogal oral e nasal deve ser protegido.

Um exemplo dessa estratégia de preservação da oralidade da vogal nuclear em sílaba acentuada pode ser visto ao se comparar as realizações do par mínimo “é claro” e “é branco” na língua. Na primeira, há vogal oral lexical seguida de pré-oralização da coda nasal, ao passo que, na segunda, o /n/ da coda realiza-se sem pré-oralização porque a vogal configura um fonema nasal. Observe esses contextos a seguir:

(673) ['ha⁴nnara]

han- Ø- na- ra
ser claro-3SG-PRES-PF
“é claro”

(674) ['hãnnara]

hãn- Ø- na- ra
ser branco-3SG-PRES-PF
“é branco”

Como pode ser visto nos exemplos acima, a pré-oralização do /n/ em coda bloqueia a assimilação da nasalidade pela vogal oral em posição nuclear. A nasal pré-oralizada corresponde a um segmento de contorno, que, segundo Clements e Hume (1995, p.251), possui sequências de traços diferentes:

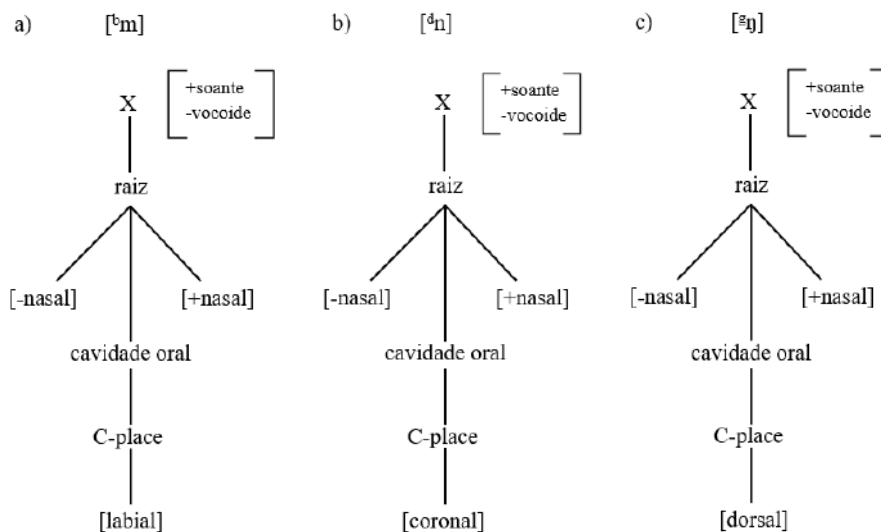
the classical motivation for recognizing contour segments is the existence of phonological “edge effects”, according to which a given segment behaves as though it bears the feature [+F] with regard to segments on one side and [-F] with regard to those on the other (Anderson 1976). Commonly proposed candidates for such segment types include affricates and prenasalized stops. (CLEMENTS E HUME, 1995, p.251)

¹¹³ Esse processo também se encontra descrito no capítulo 2, na seção 2.1.2.1.2.3.1 O /n/.

¹¹⁴ Ver item 3.2.1.4 *Nasalização das vogais átonas*.

Nessa perspectiva, as consoantes pré-oralizadas apresentam, então, de um lado, o traço [-nasal] e, de outro, o [+nasal]. As representações desses segmentos de contorno observados em Nambikwara do Campo encontram-se a seguir, em que a) é [ᵐm], b) é [ᵈn] e c) é [ᵑŋ]:

Figura 55 – Representações das nasais pré-oralizadas



De acordo com Wetzels (2008, p.251), segmentos de contorno envolvendo uma fase oral e outra nasal são comuns nas línguas do mundo. Ainda segundo o autor, a literatura explica a fase oral daquilo que, na subjacência, equivale a uma consoante nasal como uma estratégia de aprimoramento da língua para manter uma distinção clara no tocante ao contraste oral/nasal em vogais (WETZELS, 2008, p.252).

Assim, tendo em vista o que foi mencionado, é importante elucidar o que vem a ser “aprimoramento”. Nas palavras de Wetzels e Nevins (2018, p.835) “enhancement involves recruiting a globally or locally noncontrastive feature in order to further improve the realization of a contrastive feature”. Nesse sentido,

[...] languages may create prenasalized, postoralized, or other partially nasal contour segments as a way of enhancing other contrasts. [...] In venting, noncontrastive nasality may be imposed to improve the realization of the voicing contrast between underlying /p, b/ ([ᵐba] vs. [pa]). In shielding, noncontrastive orality in consonants may be recruited to improve the realization of a contrast on a neighboring vowel ([ᵐba vs. [mã]). (WETZELS E NEVINS, 2018, p.835)

O processo de pré-oralização da coda nasal presente em Nambikwara do Campo configura, portanto, uma estratégia de “proteção” (ou *shielding*) da língua,

- (681) [wa'la^dndi^hsu] (682) ['we^dn'su]
 ualan- te- su uen- su
 cupim- CL.não espec.-S.NOM bacaba-S.NOM
 “cupim, espécie de” “palmeira bacaba”
- (683) ['i^dnnana] ~ ['i^dnnãna] (684) [a'la^dnnawa]
 in- Ø- na- na alan- Ø- na- ua
 voar-3SG-PRES-PF.FEM ser quente-3SG-PRES-IMPF
 “ele está voando” “está quente”
- (685) [wasi'si^dnnara] (686) [ka'ja^dnnara]
 uasi.(ua)sin- Ø- na- ra kaian- Ø- na- ra
 REDUPL.ser seco-3SG-PRES-PF ser molhado-3SG-PRES-PF
 “está/é seco” “está molhado”
- (687) ['wa^dnnara]
 uan- Ø- na- ra
 gritar-3SG-PRES-PF
 “ele grita”
- (688) [waʔ'je^dndisu] ~ [waʔ'je^dndisu] ~ [waʔ'je^dndisu]
 uaʔien- te- su
 coruja-CL.não espec.-S.NOM
 “coruja (geral)”

Exemplos com [ɛŋ]:

- (689) [sɔ'ja^ɛŋginara] ~ [sɔ'ja^ɛŋkinara] (690) [alu'tʃe^ɛŋgisu]
 sauianki- Ø- na- ra aluien- ki- su
 peneira-3SG-PRC-PF perdiz-CL.redondo-S.NOM
 “ele peneirou (hoje)” “perdiz, espécie de”
- (691) ['waj^ɛŋginara] (692) [aj^ɛŋginara]
 uainki- Ø- na- ra ain- Ø- na- ra
 ser estreito, fino-3SG-PRES-PF ouvir-3SG-PRES-PF
 “é estreito, fino” “ele está ouvindo”

O processo de pré-oralização da consoante nasal em coda ocorre de maneira semelhante ao aqui descrito em línguas como o Mamaindê, o Negarotê e o Latundê. Nesse sentido, é interessante observar o que Braga (2017) aponta:

Em Negarotê, assim como em Mamaindê, percebemos que, foneticamente, o que diferencia a nasal pura da pré-oralizada é também, e apenas, o atraso na abertura do velo. Além disso, dois outros argumentos suportam a hipótese do espraçamento do traço oral: primeiro, por haver variação entre nasal pura e nasal pré-oralizada em um bom número de palavras; segundo, e principal argumento, a pré-oralização ocorre sistematicamente e apenas seguindo vogal oral. Não encontramos nos dados da língua sequer um caso de pré-oralização seguindo vogal nasal. (BRAGA, 2017, p.152)

Desse modo, em Nambikwara do Campo, assim como exposto pela autora para o Mamaindê e, mais especificamente, para Negarotê, do ponto de vista fonético, a nasal pura e a pré-oralizada diferenciam-se entre si apenas pela abertura mais atrasada do velo (na realização da segunda). Paralelamente a isso, os dois argumentos mencionados por Braga (2012) também se aplicam à língua aqui descrita no que concerne ao espraçamento do traço oral pela vogal para a coda nasal, não tendo sido encontrado, igualmente, nenhuma ocorrência nos dados de consoante pré-oralizada precedida por vogal nasal em núcleo silábico.

Ainda no que tange à realização do /n/, observou-se que em algumas palavras, a nasal em coda com vogal oral em posição de núcleo pode ser realizada como a oclusiva glotal [ʔ]. Esses casos são mais raros e, quando ocorrem, é comum haver variação com a forma pré-oralizada.

- (693) [pa'paw[?]nara] ~ [pa'paw^bmnara]
 pa.paun- Ø- na- ra
 REDUPL.ser achatado-3SG-PRES-PF
 “é achatado”

Foram verificados, ainda, casos mais raros em que, diante de consoante coronal laringal, a nasal pré-oralizada se realiza como [ʔŋ], com ponto de articulação velar. Tal manifestação ocorre devido ao fato de o segmento glotalizado apresentar, além do ponto de articulação coronal, o traço [+constricted glottis], favorecendo a realização da nasal com uma constrição localizada em posição mais posterior do que a coronal no trato vocal. Alguns exemplos são expostos abaixo:

- | | |
|---|--|
| <p>(694) [ɿ'jaj^ʔŋduʔwa]
 ɿ- iain- ʔtu- ua
 INSTR-comer-IMPERAT-IMPF
 “Coma!”</p> | <p>(695) ['haj^ʔŋdisu]
 hain^ʔti- su
 música-S.NOM
 “música”</p> |
|---|--|

Além disso, quando em fala acelerada, a consoante nasal pode se realizar totalmente oralizada, como [t] ou [d], se seguida por /n/. Esse recurso de proteção da

vogal nuclear ocorre por dissimilação da nasalidade do segmento em coda, que, então se realiza oral e deixa de ser um segmento de contorno.

- | | | | |
|-------|--|-------|--|
| (696) | [^d waj ^d nara] | (697) | [₁ wā ^d waj ^d nara] ~ [wa ^d waj ^d nnara] |
| | uain- Ø- na- ra | | uā- uāin- Ø- na- ra |
| | ser direito, correto-3SG-PRES-PF | | INSTR-coçar-3SG-PRC-PF |
| | “é direito, correto” | | “ele coçou” |

Em Latundê, assim como visto acima para o Nambikwara do Campo, a língua se utiliza de vários recursos para preservar oralidade da vogal seguida por /n/ tautossilábico. De acordo com Telles (2019):

Um aspecto particular do Latundê diz respeito ao fato de a blindagem da vogal oral não ocorrer apenas por meio da pré oralização [...]. Nessa língua, a preservação da vogal oral se dá também através da oralização plena da nasal [...], do apagamento da nasal mediante a realização da variante oclusiva glotal [ʔ] [...] e de um aparente alongamento da vogal nuclear oral seguida pela nasal em coda [...]. (TELLES, 2019, p.172)

Desse modo, observa-se que as línguas da família Nambikwara, como Nambikwara do Campo e Latundê, podem se utilizar de vários recursos para realizar a preservação do contraste oral/nasal em vogais tônicas seguidas por /n/ em coda. Salienta-se que, em ambas as línguas, tais recursos ocorrem em variação livre, sendo a pré-oralização preferível em Nambikwara do Campo, com larga distribuição. Em Latundê, a pré-oralização é menos distribuída e varia bastante com as outras alternativas de proteção da vogal oral, principalmente na fala de sujeitos adultos (TELLES, 2019, p.171).

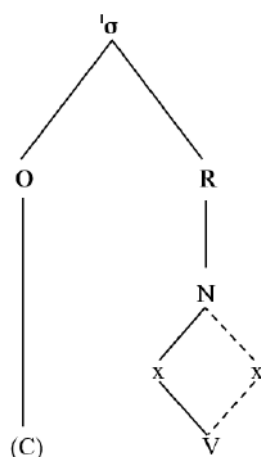
3.2.10 Alongamento

3.2.10.1 Alongamento vocálico em sílaba acentuada

O alongamento de vogal acentuada é muito produtivo em Nambikwara do Campo e também é observado nas outras línguas da família Nambikwara. Ele ocorre na raiz sistematicamente em sílabas acentuadas abertas e opcionalmente em sílabas tônicas fechadas. No que concerne ao acento, a língua é sensível ao peso silábico, de modo que, quando a sílaba é fechada, a coda atribui peso à sílaba, tornando-a elegível para receber o acento. Por outro lado, quando a sílaba é lexicalmente leve, é o alongamento da vogal na superfície que fará com que ela se torne pesada, contando duas moras e preenchendo os requisitos para carregar o acento. Nesse sentido, o alongamento de vogal acentuada é obrigatório em sílaba aberta devido à necessidade de atribuição de peso à mesma para suprir as necessidades da regra de acento, e é opcional em sílaba fechada porque a mesma já é pesada.

Domínio: palavra prosódica

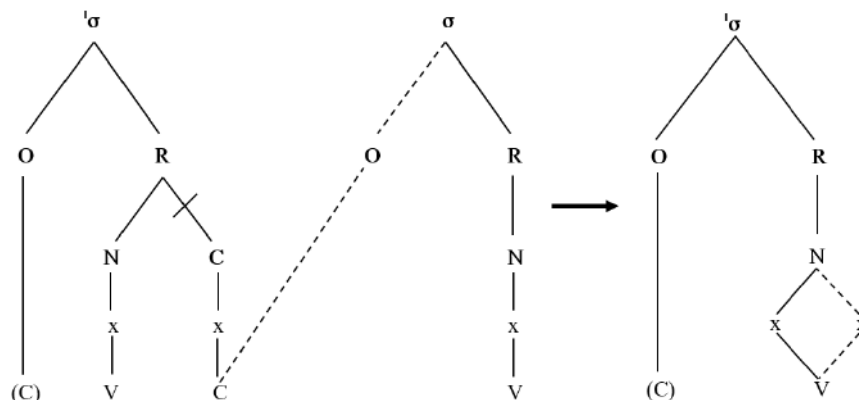
Figura 56 – Representação do alongamento de vogal simples em posição de acento



(698) ['ju: su]
 iu- su
 verme-S.NOM
 “verme”

(699) ['ki: su]
 ki- su
 cupim-S.NOM
 “cupim, espécie de”

O fato, porém, é que, tendo em vista as regras e restrições de silabificação e os processos passíveis de ocorrência em posição de coda na sílaba, é comum, na superfície, uma sílaba lexicalmente fechada ocorrer como aberta, com a mora da coda apagada, seja devido à ressilabificação do segmento em coda para o *onset* da sílaba seguinte, seja devido ao apagamento ou à não realização do segmento em coda. Em qualquer um dos contextos, a regra que será aplicada é a mesma que opera em sílabas lexicalmente abertas, com vogais simples acentuadas: uma mora será acrescida à rima por meio do alongamento vocálico, em conformidade com a regra do acento.

Figura 57 – Representação de alongamento vocálico em sílaba acentuada após ressilabificação de coda

- (700) [kwa^hĩmaka₁losu]
 kualĩm- a- kalo- su
 remo, colher-S.NOM-CL.chato-S.NOM
 “remo, colher”

Ressalta-se, ainda, que a regra do acento não distingue sílabas pesadas de superpesadas, o que implica dizer que sílabas bimoraicas são suficientemente pesadas, não havendo necessidade de diferenciar sílabas com duas ou mais moras. É nesse sentido, então, que sílabas lexicalmente pesadas que se realizam como tal, com pelo menos uma posição de coda preenchida, têm suas vogais realizadas alongadas apenas opcionalmente, uma vez que já não há necessidade de atribuição de mora à sílaba acentuada.

Assim, o alongamento vocálico ocorre apenas em sílaba tônica devido à sua relação com a atribuição do acento¹¹⁵. Esse processo ocorre na raiz, no nível da palavra prosódica, e é obrigatório. Uma vogal pode ser alongada independente de sua qualidade. Alguns exemplos de alongamento vocálico em posição de acento são apresentados a seguir:

Sílabas lexicalmente abertas com alongamento vocálico na superfície:

- (701) [a^hlũsu]
 alũ- su
 rato-S.NOM
 “rato (geral)”

- (702) [a^hlũ:su]
 alũ- su
 anta-S.NOM
 “anta”

¹¹⁵ Para mais informações sobre o acento, ver seção 4.1 *O acento* do capítulo 4.

(703) [ˈũ:ˈsu]
 ũ- su
 capivara-S.NOM
 “capivara”

(704) [ˈnã:ˈsu]
 ñ- su
 lontra-S.NOM
 “lontra”

(705) [ˈwĩ:ˈsu]
 ã- su
 batata-S.NOM
 “batata (doce ou salgada)”

Sílabas lexicalmente fechadas com alongamento vocálico na superfície após ressilabificação de coda:

(706) [ˈĩ.p̃aːwsu]
 ã- iau- su
 água-CL.Líquido-S.NOM
 “água”

(707) [ˈtẽːna]
 ã- a
 tambor-S.NOM
 “tambor”

(708) [ˈhoːsaˌtaːˈsu]
 hos- a- ta- su
 macaco-S.NOM-INTENS.grande-S.NOM
 “macaco-aranha”

(709) [saʔˈweːma]
 saʔuen- a
 mato, floresta-S.NOM
 “mato, floresta”

Sílabas lexicalmente fechadas com alongamento vocálico na superfície devido a apagamento ou não realização da coda:

(710) [ˈkũ:ˈsu] ~ [ˈkũːˈsu]
 kũ- su
 algodão-S.NOM
 “algodão”

(711) [ˈho:ˈsu] ~ [ˈhawːsu]
 hau- su
 lobo guará-S.NOM
 “lobo-guará”

(712) [ˈnã:ˈsu] ~ [ˈnãĩːˈsu]
 ʔnãĩ- su
 ariranha-S.NOM
 “ariranha”

Sílabas lexicalmente fechadas com alongamento vocálico opcional na superfície:

(713)	[^h nãĩ ^h su] ~ [^h nãĩ ^h su]	(714)	[sa ^h ũãĩ ^h ndsu]
	nãĩ ^h - su		saũãĩ ^h - su
	jacaré-S.NOM		formiga-S.NOM
	“jacaré, espécie de (jacaré grande)”		“formiga carregadora”

Por fim, é importante mencionar que, apesar de se encontrar na literatura acerca das línguas da família Nambikwara algumas menções a alongamento compensatório, nesse trabalho, considerou-se que, em Nambikwara do Campo, não há alongamento compensatório de vogal, e sim alongamento vocálico para atribuição de peso à sílaba em posição de acento. Tendo em vista que a língua tem alongamento de vogal acentuada em sílaba aberta, não é possível distinguir entre alongamento compensatório e alongamento de sílaba tônica, pois o primeiro só ocorre em sílaba tônica devido à regra do acento. Não foi encontrada realização alongada de vogal em raiz fora da posição do acento, onde a regra de alongamento de vogal tônica não opera, mostrando que não há prova independente da existência de uma regra de alongamento compensatório.

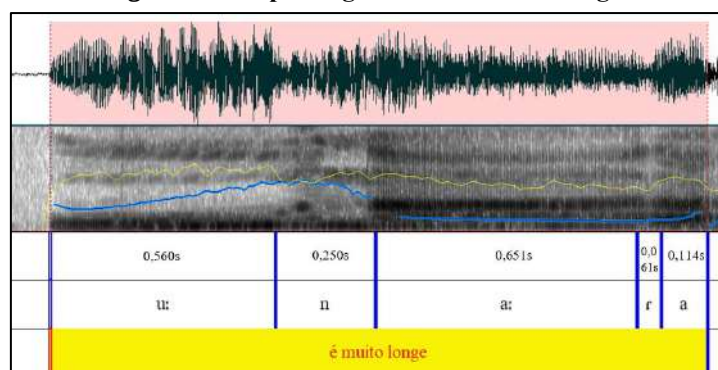
3.2.10.2 Alongamento enfático

O alongamento enfático de vogal ocorre quando o falante deseja chamar atenção para determinada característica daquilo sobre o que se fala. Essa ênfase ocorre, então, opcionalmente, no domínio da sentença (ou do enunciado), e foi identificada majoritariamente em raízes verbais adjetivais, podendo também ocorrer em morfemas que seguem a raiz verbal alongada como uma continuação da ênfase. A autora Bárbara Kroeker (2003, p.08) também menciona esse processo, afirmando que: “Por questão de ênfase, uma sílaba pode ser prolongada. Quanto mais prolongada for a sílaba, maior a ênfase, ocorrendo principalmente, em palavras descritivas, aumentativas e diminutivas”.

Um exemplo desse alongamento enfático pode ser visto abaixo no espectrograma de “é longe”. Neste, a vogal [u] da raiz é alongada enfaticamente e possui uma duração de 0,560s. Considerando-se que a duração normal desse segmento em posição tônica de raiz verbal ou nominal é de, aproximadamente, 0,100ms, a duração do [u] nesse enunciado é considerada bastante longa. A vogal [a] do morfema verbal de tempo/pessoa {-na} também é alongada, realizando-se com 0,651s. Note-se que a duração da vogal [a] do morfema aspectual final é bem menor, totalizando 0,114s. Seguem abaixo o exemplo e o espectrograma da sentença:

- (715) [ˈuːnara]
 ul- Ø- na- ra
 ser longe-3SG-PRES-PF
 “é longe, muito longe”

Figura 58 – Espectrograma de “é muito longe”



Às vezes a ênfase também é realizada com a repetição da sílaba, com realização de tom alto ou extra alto na sílaba tônica da raiz ou mesmo com alteração do padrão tonal da raiz, em palavras verbais¹¹⁶. Outros exemplos com alongamento enfático de vogal tônica na raiz podem ser vistos a seguir:

- | | |
|---|---|
| <p>(716) [ˈkãĩːnara]
 kãĩn- Ø- na- ra
 ser grande-3SG-PRES-PF
 “é muito grande, grosso”</p> | <p>(717) [kaʔˈlaːnara]
 kaʔla- Ø- na- ra
 ser muito-3SG-PRES-PF
 “é muito, são muitos”</p> |
| <p>(718) [aˈluːnara]
 alun- Ø- na- ra
 ser comprido-3SG-PRES-PF
 “é comprido, longo”</p> | <p>(719) [saˈdeːnara]
 saːte- Ø- na- ra
 ser pesado-3SG-PRES-PF
 “é pesado, muito pesado”</p> |

3.2.10.3 Alongamento da nasal em coda

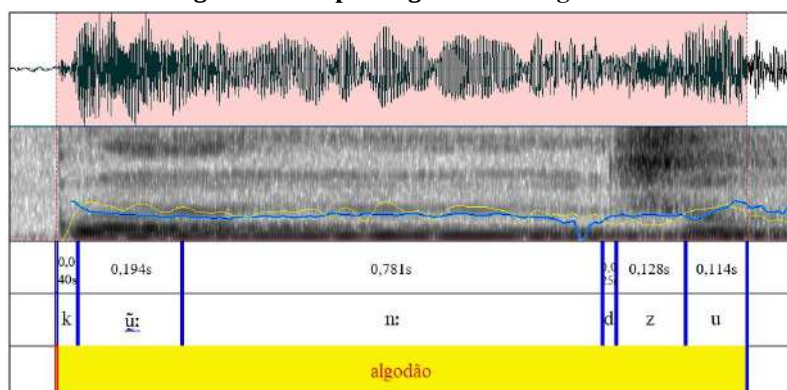
O alongamento da nasal em coda é uma extensão do alongamento de sílaba tônica e do enfático abordados acima. O segmento nasal em coda, devido à sua soância, pode ser alongado em sílaba acentuada para promover a ênfase do sentido atrelado à raiz (ênfase semântica), do segmento em si (ênfase do segmento) ou da tonicidade da sílaba (ênfase de acento). Desse modo, em uma sentença como “é

¹¹⁶ Uma descrição mais detalhada a respeito do papel do tom na atribuição de ênfase pode ser encontrada na seção 4.2 *O tom* (item 4.2.3 *Tom enfático*) do capítulo 4.

estreito, fino”, o alongamento opcional da nasal, que pode ocorrer concomitantemente com o alongamento da vogal nuclear, pode funcionar como uma estratégia para atribuir ênfase a uma dada característica de um objeto. Em um exemplo com alongamento de coda nasal em uma palavra fora de sentença como “algodão”, esse recurso não atribui ênfase necessariamente ao sentido da palavra em si, mas sim à presença do segmento nasal em coda e à tonicidade da sílaba. Esse último contexto pode ser melhor observado a seguir:

- (720) ['kũ:**m**'su] ~ ['kũn'su] ~ ['kũ:'su]
 kũn- su
 algodão-S.NOM
 “algodão”

Figura 59 – Espectrograma de “algodão”



No espectrograma acima, pode-se observar o alongamento não apenas da nasal em coda, mas também da vogal nuclear. Observa-se que o [n] tem uma realização bastante longa comparativamente aos outros segmentos da palavra, incluindo as vogais. Tal alongamento enfatiza, então, a presença do segmento nasal na raiz monossilábica acentuada.

O alongamento de segmento em coda foi verificado apenas com a consoante nasal em Nambikwara do Campo. Esse processo também é mencionado por Eberhard (2009, p.286) para o Mamaindê e por Kroeker, M. (2001, p.111-2) para o Nambikwara do Sul. Com relação a esse último, é interessante observar o que ele expõe:

A extensão é sempre previsível, com base na acentuação e composição das sílabas. A sílaba acentuada é sempre mais comprida. Sendo aberta a sílaba, a vogal é mais comprida. Sendo fechada a sílaba, a última consoante é mais comprida. [...] Uma sílaba normalmente acentuada pode ser prolongada ainda mais para fins enfáticos [...]. (KROEKER, M., 2001, p.111-2)

Esse processo é opcional e ocorre apenas em sílaba acentuada, visto que a presença de nasal em coda atribui mora à sílaba e favorece sua acentuação. Foi verificado apenas em raiz em início ou meio de palavra. Alguns outros exemplos são apresentados abaixo:

- | | |
|--|---|
| <p>(721) [ʼwajɲ:ginara]
 uaĩki- Ø- na- ra
 ser estreito, fino-3SG-PRES-PF
 “é estreito, fino”</p> | <p>(722) [ʼkũɲ:su] ~ [ʼkũn:su]
 kũɲ- su
 timbó-S.NOM
 “timbó (espécie de planta)”</p> |
| <p>(723) [ʼhãɲ:nara]
 hãɲ- Ø- na- ra
 ser branco-3SG-PRES-PF
 “é branco”</p> | <p>(724) [ʼhaɲ:nara] ~ [ʼhaɲnara]
 haɲ- Ø- na- ra
 ser claro-3SG-PRES-PF
 “é claro”</p> |
| <p>(725) [saʼwãɲ:dsu]
 saũã- su
 formiga-S.NOM
 “formiga carregadora”</p> | <p>(726) [ʼwẽɲ:su]
 ũẽ- su
 capim-S.NOM
 “capim (plantação baixa)”</p> |

3.2.11 Reduplicação

A reduplicação é um processo que diz respeito não apenas à fonologia, mas também, e principalmente, à morfologia. Ela ocorre no domínio da palavra, a nível lexical, atuando no processo de formação e derivação do léxico da língua. A respeito da reduplicação, Spencer (1996) expõe:

Phonologically, this is a rather complex phenomenon, and in many respects it is better regarded as a morphological process rather than a phonological one. It is not found, for instance, as an automatic phonological process in any language. However, it is a process which involves a phonological modification of the morphemes it affects and such can be seen as lying on the boundary between phonology and morphology. (SPENCER, 1996, p.68)

Em Nambikwara do Campo, a reduplicação se faz presente na formação de vários itens lexicais, que podem ser nomes ou verbos adjetivais e estativos, a exemplo de cores e atributivos¹¹⁷. Assim, esse processo morfofonológico foi verificado apenas em raízes (nominais e verbais) e ocorre antes da afixação de morfemas às mesmas.

¹¹⁷ Salienta-se que, em Nambikwara do Campo e nas demais línguas da família Nambikwara, os “atributivos” recebem a morfologia verbal (e não nominal), configurando, então, verbos (e não nomes).

Em Nambikwara do Campo, a reduplicação é prefixal, isto é, ocorre da direita para a esquerda, não tendo sido verificada reduplicação sufixal¹¹⁸. O processo ocorre com a função semântica de enfatizar algo ou de se assemelhar ao som produzido por determinado animal, criando ideofones.

Em Nambikwara do Campo, assim como estabelece Eberhard (2009) para o Mamaindê, podem ser reduplicados somente elementos prosódicos, eliminando-se, então, o modelo proponente da ideia de que apenas estruturas CV podem ser reduplicadas e substituindo-o por um modelo que prevê a reduplicação de unidades prosódicas como palavras, sílabas e moras. Ressalta-se que, na língua, elementos em coda nunca são reduplicados, de modo que as sílabas reduplicantes configuram, majoritariamente, o padrão [CV] (ou [GV]).

A reduplicação ocorre através de cópia de uma sílaba da raiz (monossilábica) ou de duas (dissilábica), podendo esta ser total ou parcial, esta última ocorrendo quando a primeira sílaba apresenta material segmental em coda. Desse modo, o processo pode abarcar a raiz toda ou apenas uma parte dela. A reduplicação monossilábica, que pode ocorrer em raízes também monossilábicas ou dissilábicas, é a mais frequente, formando, geralmente, sílabas do tipo [CV].

A reduplicação não necessariamente copia traços que envolvem os segmentos vocálicos. Em outras palavras, se as vogais da sílaba a partir da qual ocorre a reduplicação forem nasais, laringais ou nasais e laringais, isso não implica dizer que as vogais do reduplicante também o serão na superfície. Assim, considerou-se que, na subjacência, a nasalidade e a laringalização das vogais não são reduplicadas nos casos em que ocorre variação. Nos dados em que a reduplicação da nasalidade e/ou da laringalização da vogal da base é sistemática e, portanto, categórica, interpretou-se que tais elementos foram, também, reduplicados, sendo lexicais¹¹⁹. O acento não é reduplicado, sendo atribuído à palavra após a ocorrência do processo. As estruturas de reduplicação monossilábica e dissilábica do Nambikwara do Campo são apresentadas a seguir:

Formas monossilábicas:

Estrutura [CV] + [CV]:

- (727) [ja'na:lanẽ,nẽsu] ~ [ja'na:lane,nẽsu]
 ianahli-a- **nẽ.nẽ-** su
 onça-S.NOM-REDUPL.ser vermelho-S.NOM
 “onça-parda”

¹¹⁸ A reduplicação também é mencionada por Kroeker, M. (2001, p.98-9) ao tratar de “raízes adjetivais”. No entanto, o autor não deixa muito claro como o processo ocorre na língua, afirmando apenas que pode ocorrer com reduplicação da raiz completa ou de apenas parte dela.

¹¹⁹ Em Mamaindê não ocorre reduplicação do traço nasal e/ou laringal das vogais. Segundo Eberhard (2009, p.321): “Nasalization and laryngealization (creaky voice) are typically left out of the reduplicant, even when they are present in the base. As these have been shown to be contrastive vowel features in the language, the almost complete lack of nasalization and creaky voice in reduplicated sequences is unexpected [...]”.

- (728) [ni'nĩsu] ~ [nĩ'nĩsu] (729) [kã'kãtalisu]
 ni.nĩ- su kã.kãta- li- su
 REDUPL.pernilongo-S.NOM REDUPL.raposa-?-S.NOM
 “pernilongo, mosquito” “raposa”
- (730) [jũ'jũkisu] ~ [jũ'jũkisu]
 jũ.jũ- ki- su
 REDUPL.minhoca-CL.redondo-S.NOM
 “minhoca”

Estrutura [CV] + [CVC]:

- (731) [dĩ'dĩnnara] (732) [wasĩ'sĩnnara]
 tĩ.tĩ- Ø- na- ra uasĩ.(ua)sĩ- Ø- na- ra
 REDUPL.ser preto-3SG-PRES-PF REDUPL.secar-3SG-PRES-PF
 “é preto” “é, está seco”
- (733) [he'he^dnnara]
 he.hen- Ø- na- ra
 REDUPL.ser vermelho-3SG-PRES-PF
 “é vermelho”

Estrutura [CV] + [CVG]:

- (734) [wã'wãwkalisu]
 ã.ã.ãka- li- su
 REDUPL.redondo-?-S.NOM
 “teia de aranha”

Estrutura [CV] + [CVGC]:

- (735) [wa'wajʔsã]
 ua.uain- sa
 REDUPL.ir reto-S.VER
 “ir reto”

Formas dissilábicas:Estrutura [CVCV] + [CVCV]:

- (736) [kalaka'lasu]
 kala.kala- su
 REDUPL.galinha-S.NOM
 “galinha”

Estrutura [CVCV] + [CVCVGC]:

- (737) [wa,tã^hwa'tã^mnara] ~ [wa,tãwa'tã^mnara]
 uatã.uatã^hu- Ø- na- ra
 REDUPL.ser redondo-3SG-PRES-PF
 “é redondo”

Estrutura [CVCV] + [CVCVC]:

- (738) [satesa'te^dnnara]
 sate.saten- Ø- na- ra
 REDUPL.ser amarelo-3SG-PRES-PF
 “é amarelo”

- (739) [sade^ssa'de^dnnara]
 sa'te.sa'teⁿ- Ø- na- ra
 REDUPL.ser verde-3SG-PRES-PF
 “é verde”

Tendo em vista os padrões de reduplicação demonstrados acima, pode-se estabelecer o seguinte modelo prosódico para a reduplicação prefixal em Nambikwara do Campo: $\sigma\mu\ \sigma\mu$. Tal modelo consiste, majoritariamente, em unidades prosódicas, as quais correspondem a sílabas monomoraicas. Algumas representações desses modelos de reduplicação estão dispostas a seguir:

REDUPLICANTE		BASE	OUTPUT
$\sigma\mu$	$\sigma\mu$		
n ĩ	+	/nĩ/	[ni'nĩsu] “mosquito”

REDUPLICANTE		BASE	OUTPUT
$\begin{array}{c} \sigma\mu \\ \diagdown \quad \diagup \\ h \quad e \quad n \end{array}$	+	/hen/	[he ^h he ^d nnara] “é vermelho”
REDUPLICANTE		BASE	OUTPUT
$\begin{array}{c} \sigma\mu \quad \sigma\mu \\ \diagdown \quad \diagup \quad \diagdown \quad \diagup \\ k \quad a \quad l \quad a \end{array}$	+	/kala/	[kalaka ^h lasu] “galinha”
REDUPLICANTE		BASE	OUTPUT
$\begin{array}{c} \sigma\mu \quad \sigma\mu \\ \diagdown \quad \diagup \quad \diagdown \quad \diagup \\ u \quad a \quad t \quad \tilde{a} \quad \tilde{u} \quad n \end{array}$	+	/uatãũn/	[watãwa ^h tã ^w nara] “é redondo”
REDUPLICANTE		BASE	OUTPUT
$\begin{array}{c} \sigma\mu \quad \sigma\mu \\ \diagdown \quad \diagup \quad \diagdown \quad \diagup \\ s \quad a \quad t \quad e \quad n \end{array}$	+	/saten/	[satesa ^h te ^d nnara] “é amarelo”

Algumas reduplicações em nomes de objetos, animais e insetos parecem ter relação com o som que os mesmos produzem, configurando, então, exemplos de ideofones:

- (740) [wa^hwaj^hkalisu] (741) [waja^hjalisu]
ua.uai- kalo- su ua.ia.(ua)ia- li- su
REDUPL.varrer-CL.chato-S.NOM REDUPL.cascavel-?-S.NOM
“vassoura” “cascavel”
- (742) [ni^hnĩsu] ~ [nĩ^hnĩsu]
ni.nĩ- su
pernilongo-S.NOM
“pernilongo, mosquito”

Foram encontrados alguns casos de raiz dissilábica com reduplicação de apenas uma sílaba, como pode ser visto abaixo:

- | | |
|---|---|
| (743) [kã'kãlisu]
kã.kãta- li- su
REDUPL.raposa-?-S.NOM
“raposa” | (744) [wã'wãkalisu]
ũã.ũãũka- li- su
REDUPL.redondo-?-S.NOM
“teia de aranha” |
|---|---|

Por fim, alguns dados sugerem que há casos de reduplicação com possível apagamento de sílaba átona após a ocorrência do processo. Esses contextos envolvem a reduplicação monossilábica de raízes dissilábicas, que podem indicar, na verdade, que tenha ocorrido a reduplicação de ambas as sílabas e, posteriormente, o apagamento de uma delas, resultando na aparente reduplicação monossilábica¹²⁰. Alguns exemplos desse contexto são os que seguem¹²¹:

- | | |
|---|---|
| (745) [wasí'si ^d nnara]
uasi.(ua)sin- Ø- na- ra
REDUPL.secar-3SG-PRES-PF
“é, está seco” | (746) [wati'tísu] ~ [wati'tísu]
uati.(ua)tí- su
REDUPL.libélula-S.NOM
“libélula” |
| (747) [sako'kotara]
sako.(sa)kon- Ø- na- ra
REDUPL.ser claro-3SG-PRES-PF
“é claro, brilhante” | (748) [wa'jajalisu]
uaia.(ua)ia- li- su
REDUPL.cascavel-?-S.NOM
“cascavel” |

¹²⁰ Salienta-se, no entanto, que a quantidade de dados analisada para se chegar a essa assertiva foi escassa, não sendo possível afirmar com certeza que tal processo tenha se realizado tal qual mencionado. Assim, a reduplicação com possível apagamento de sílaba átona trata-se, pois, de uma hipótese que necessita de mais dados e investigação para ser devidamente comprovada.

¹²¹ Existe o prefixo verbal instrumental {-uã} que remete à ideia de uma ação realizada com as mãos. Apesar de alguns dos exemplares a seguir iniciarem com [wa], /ua/, não se comprovou que essa construção diz respeito ao morfema instrumental, inclusive porque não se observa laringalização dos segmentos vocoides. Além disso, a sílaba inicial [wa] também foi verificada em reduplicação em palavra nominal, a exemplo de “libélula” e “cascavel”, caso em que essa construção inicial não pode ser o prefixo mencionado, visto que se tratar de um afixo verbal. Assim, considerou-se aqui que, no caso dessas palavras, o [wa], /ua/, inicial é parte da raiz reduplicada. Um exemplo de ocorrência do prefixo instrumental {-uã} é:

[wã'waj^dnara]
uã- uãin- Ø- na- ra
INSTR-coçar-3SG-PRC-PF
“ele coçou”

3.2.12 Os processos que agem na coda

Observou-se que, em Nambikwara do Campo, há muitos processos fonológicos que ocorrem em posição de coda. Nesse sentido, é interessante atentar para a maneira como os mesmos interagem, com o intuito de esboçar algumas generalizações e ordens de aplicação de diferentes regras que atuam nessa posição na sílaba. Para tal, o quadro abaixo sumariza os processos aqui descritos que ocorrem em coda na língua:

Quadro 61 – Processos que agem em posição de coda e seu contexto relevante

Processos que agem na coda	Contexto relevante
<i>Ponto de articulação das coronais em coda</i>	Coronal em coda assimila ponto do glide labial em coda ou, em não havendo ditongo labial, da consoante em <i>onset</i> da sílaba seguinte.
<i>Realizações fonéticas do /s/ em onset de sílaba (dissimilação do /s/ em coda)</i>	Em estruturas /s.s/, há dissimilação da sequência [ss], que se realiza [tʰ] (havendo epêntese opcional de [ʔ] em coda).
<i>Apagamento de consoante</i>	Em sílaba acentuada, quando a consoante em coda é seguida por sílaba com <i>onset</i> consonântico.
<i>Monotongação</i>	Apagamento do glide em coda em ditongos decrescentes.
<i>Fusão</i>	Coalescência de dois vocóides (um em núcleo e outro em coda, em ditongo decrescente fonético) que resulta numa vogal que tem características das duas vogais subjacentes.
<i>Aspiração de coda</i>	Ocorre em estrutura CV seguida de /s/ em <i>onset</i>, do qual ocorre espraçamento do traço [+ constricted glottis] para a coda da sílaba CV anterior.
<i>Pré-oralização de coda nasal</i>	Configura uma estratégia para proteger a oralidade da vogal ou do ditongo frente a uma consoante nasal em coda tautossilábica, favorecendo a manutenção do contraste oral x nasal em vocóide.
<i>Alongamento de nasal em coda</i>	Ocorre em sílabas tônicas como um desdobramento de alongamento vocálico em posição de acento e do alongamento enfático.

A partir da observância do quadro acima, é possível tecer algumas considerações acerca da maneira como os processos em coda interagem entre si e com outros processos fonológicos descritos anteriormente nessa seção. Primeiramente,

observa-se que a dissimilação pode ocorrer na língua como um recurso para não ferir o OCP em sequências do tipo /s.s/. Quando isso ocorre, tem-se como *output* a estrutura [t^s], silabificada em *onset*, e a possível epêntese da oclusiva glotal [ʔ], coda *default*, na primeira sílaba.

Consoantes coronais em coda, principalmente o /n/, assimilam o ponto de articulação do glide labial em ditongos decrescentes ou, em não havendo [w] em coda tautossilábica, da consoante em *onset* da sílaba subsequente. Se o núcleo for composto por vogal oral, ocorre, na sequência, a pré-oralização da consoante nasal em coda, que se realiza [b^m], [dⁿ] ou [ɣ^η], a depender do contexto adjacente.

Ainda com relação à nasal alveolar, em posição de acento, pode acontecer de o /n/ em coda não se realizar na superfície quando ocorre após vogal simples ou ditongo nasal, visto que, nesses casos, a queda da consoante não traz implicações para a realização da nasalidade dos elementos vocoides, os quais, em sílaba tônica, nunca se realizariam oral, isto é, nunca se desnasalizariam. Em um movimento inverso, em sílaba tônica, vogal simples e ditongo oral seguido de consoante nasal em coda teriam mais chance de sofrer nasalização, razão pela qual a proteção criada pela pré-oralização do /n/ ocorre. O fato é que, na língua, de um modo geral, a nasalização de vogal é menos marcada do que a dissimilação do traço nasal, o que justifica o fato de ser comum a língua lançar mão de um recurso de proteção de oralidade da vogal ou do ditongo seguido por /n/ em coda em sílaba acentuada, onde vogal oral e nasal são contrastivas.

Nota-se, ainda, que a coda tende a ser apagada ou ressilabificada e, em havendo *onset* consonântico na sílaba, forma-se o padrão [CV], o mais comum em Nambikwara do Campo. Ressalta-se que todos os processos de fortalecimento encontrados ocorrem no *onset*, posição em que, inclusive, segmentos vocoides se comportam como consoante em sequências [GV], num movimento que segue os princípios da escala de sonoridade da sílaba e reafirma o padrão [CV].

Outro ponto interessante diz respeito ao processo de alongamento vocálico em posição tônica, o qual ocorre devido às regras de acento na língua, que serão melhor abordadas no capítulo 4. O fato, porém, é que, em raízes, o alongamento vocálico em sílabas leves adiciona peso à rima, fazendo com que a mesma se torne elegível para carregar o acento. Esse processo pode ocorrer, inclusive, em sílabas fechadas na subjacência que, ao sofrerem processos na superfície, tornam-se abertas. Nesse contexto, o alongamento da vogal ocorre após a realização de processos como o de apagamento de coda ou mesmo de monotongação e fusão, de modo a adicionar peso à sílaba aberta acentuada na superfície.

A fim de melhor compreender as relações entre processos fonológicos mencionadas, observe o quadro a seguir:

Quadro 62 – Relações entre processos que ocorrem em posição de coda

Implicações e contexto relevante		Algumas relações entre processos	
Padrão silábico	OCP	<i>Dissimilação em sequências [ss], que se realizam [ʃ], com epêntese opcional de [ʔ] em coda</i>	- Sílabas tônicas fechadas que se tornam abertas na superfície e têm a vogal alongada pela regra do acento: /Vs.s/ > [V.f] > [V.f] - Se houver epêntese de consoante oclusiva glotal [ʔ] em coda da sílaba acentuada, o alongamento vocálico não é mais necessário.
	Acento	<i>Apagamento, monotongação, fusão, ressilabificação de coda</i>	- Sílabas tônicas fechadas que se tornam abertas na superfície e têm a vogal alongada pela regra do acento: [(C)V(C)] > [(C)V:] em que C pode ser consoante ou glide; - Enquanto em coda se observa uma tendência à queda, coalescência ou ressilabificação, em <i>onset</i> se observa um movimento a favor do fortalecimento de segmentos (todos os processos de fortalecimentos observados ocorrem em <i>onset</i>).
	<i>Ponto de articulação de coda nasal e pré-oralização</i>		- Assimilação de ponto de articulação pela consoante nasal em coda /Vn/ > [G_{distal}nm] /n.C/ > [n.C_{correnal}] /n.C/ > [ŋ.C_{distal}] - Pré-oralização da coda nasal para proteger vogal ou ditongo oral e preservar o contraste oral x nasal desses elementos [^hm]: /N_{distal}n/ > [G_{distal}nm] > [G_{distal}^hnm] [^hŋ]: /Nn.C_{correnal}/ > [Vn.C_{correnal}] > [V^hŋ.C_{correnal}] [^hŋ]: /Nn.C_{distal}/ > [Vŋ.C_{distal}] > [V^hŋ.C_{distal}]

Como pode ser visto no quadro 62 acima, contextos como padrão silábico, acento e OCP são relevantes no que concerne aos processos que ocorrem em posição de coda na língua. Além disso, tais contextos também são importantes na compreensão de outros processos, conforme descrito nesse capítulo. A seguir, é apresentada uma síntese dos processos fonológicos abordados nessa seção tendo em vista, também, o comportamento dos mesmos em outras línguas Nambikwara.

3.2.13 Síntese dos processos fonológicos observados em Nambikwara do Campo e nas línguas da família Nambikwara

Como pôde ser observado nessa seção, são vários os processos fonológicos que ocorrem em Nambikwara do Campo. Esse contexto não é diferente quando observamos as outras línguas da família Nambikwara, que aparecem esquematizadas abaixo quanto à ocorrência desses processos:

Quadro 63 – Os processos fonológicos nas línguas Nambikwara

Línguas Nambikwara	Interpretações sobre os processos fonológicos
Latundê e Lakondê (Norte) (TELLES, 2002)	• Grande parte dos processos fonológicos segmentais ocorre em nível pós-lexical, indicando que estes são motivados pela estrutura fonológica (e não pelo contexto morfológico); • Processos operantes fora do nível do léxico são automáticos e podem ser obrigatórios (poucos casos) ou opcionais (predominantes); • Processos opcionais apresentam grande variação na superfície e estão relacionados a questões não estritamente linguísticas, como estilo e velocidade de fala; • Processos obrigatórios são regulares e independentes de fatores extralinguísticos; • Processos automáticos (obrigatórios e opcionais) verificados: ○ <u>Assimilação</u>: harmonia vocálica (ocorre regressivamente), vozeamento das oclusivas; ○ <u>Dissimilação</u>; ○ <u>Redução/apagamento silábico</u>; ○ <u>Epêntese</u>. • Domínios de aplicação dos processos fonológicos: 1. Sílabas, 2. Sílabas acentuadas, 3. Radical, 4. Palavra fonológica e 5. Enunciado fonológico; • Muitas vezes mais de um domínio atua na aplicação dos processos, resultando em alofonias a nível segmental; • Uma única forma subjacente pode apresentar variadas formas na superfície que variam livremente entre si (quando condicionadas por fatores não linguísticos).

Mamaindê (Norte) (EBERHARD, 2009)	• 25 processos envolvendo mudança de traços distintivos e 3 envolvendo o acento; • Processos não envolvendo mudança de traços – lexicais (restrições e ajustes feitos na forma subjacente para prepará-la para os processos que ocorrerão na sequência, a nível pós-lexical): ○ <u>Silabificação</u>: licenciamento de coda, maximização do <i>onset</i>; ○ <u>Atribuição de mora</u>; ○ <u>Associação entre tom-mora</u>. • Processos envolvendo a mudança de traços – lexicais e pós-lexicais: ○ <u>Assimilação</u>: vozeamento de obstruinte em <i>onset</i> de sílaba acentuada, vozeamento de obstruinte intervocálica, fricativização, fortalecimento do glide, espraçamento do traço de ponto da vogal, assimilação do ponto de <i>cluster</i> consonantal, oralização de coda nasal; ○ <u>Elisão</u>: elisão de vogal, simplificação de ditongo; ○ <u>Fortalecimento</u>: fortalecimento de <i>onset</i>, aspiração de coronal, implosão de oclusiva; ○ <u>Lenição/enfraquecimento</u>: enfraquecimento coronal, enfraquecimento da vogal; ○ <u>Coalescência</u>: palatalização pós-lexical, desvozeamento do <i>onset</i>, não arredondamento do <i>onset</i>; ○ <u>Metátese</u>: metátese de consoante glotal; ○ <u>Epêntese</u>: epêntese de vogal não-especificada, consoante epentética; ○ <u>Alongamento</u>: alongamento compensatório da vogal, alongamento de vogal após acento, alongamento enfático; ○ <u>Regras de acento (lexical)</u>; ○ <u>Regras de tom (lexical)</u>; • Processos com preenchimento de traços/redundância; ○ Preenchimento de traço de vogal não-especificada, regra de preenchimento de traço coronal, harmonia vocálica, regra de redundância de traço do glide. • Total de processos identificados a nível lexical e pós-lexical: ○ Processos sem mudança de traços: lexical (3) e pós-lexical (1) ; ○ Processos com mudança de traços: lexical (8) e pós-lexical (18); ○ Processos de preenchimento de traço não-especificado: pós-lexical (3);
---	---

	○ Regras de redundância: pós-lexical (2).
Negarotê (Norte) (BRAGA, 2017)	• Os processos fonológicos verificados estão relacionados majoritariamente à sílaba e à sua estrutura; • A maioria dos processos é opcional, mas também há alguns obrigatórios; • Processos fonológicos encontrados: ○ <u>Assimilação</u>: vozeamento das oclusivas, ponto de articulação das coronais em coda, nasalização regressiva das vogais átonas, harmonia vocálica, palatalização/alvéolo-palatalização da fricativa coronal /s/ em <i>onset</i>; ○ <u>Força</u>: fortalecimento dos <i>glides</i>, pré-oralização da nasal em coda; ○ <u>Processos que atingem o segmento completo</u>: alongamento vocálico, epêntese vocálica, monotongação, coalescência consonantal.
Sabanê (isolada) (ARAÚJO, 2004)	• São mencionados, de um modo geral, apenas 2 processos fonológicos, a saber: ○ <u>Apagamento de vogal</u> dentro da palavra fonológica (que pode resultar em ressilabação de segmentos); ○ <u>Epêntese de glotal</u> em contexto intervocálico em fronteira de palavra fonológica. • Em Sabanê, evitam-se hiatos e sílabas sem <i>onset</i> entre palavras fonológicas diferentes.
Nambikwara do Sul (Sul) (KROEKER, M., 2001)	• Apresentam-se alguns processos fonológicos na seção intitulada <i>Morfofonêmica</i>; • Nessa seção, são enumeradas 17 <i>regras ordenadas</i> que envolvem processos fonológicos de: <u>epêntese</u>, <u>assimilação</u>, <u>apagamento</u>, <u>lenição</u>, <u>metátese</u> e <u> fusão</u>.
Nambikwara do Campo (Sul) (SOUSA NETTO, 2018)	• 6 tipos de processos encontrados: assimilação, glotalização, palatalização, lenição, apagamento de coda silábica e fortalecimento da aproximante; • Processos fonológicos observados: ○ <u>Assimilação</u>: assimilação do ponto de articulação da nasal em coda; ○ <u>Glotalização</u>: implosão da oclusiva bilabial surda, vozeamento da oclusiva velar surda, vozeamento da oclusiva alveolar surda, vozeamento da fricativa alveolar surda; ○ <u>Palatalização</u>; ○ <u>Lenição</u>; ○ <u>Apagamento da coda silábica</u>; ○ <u>Fortalecimento da aproximante (dentalização do segmento labiovelar)</u>.

Nambikwara do Campo (Sul) (própria autora)	• A maioria dos processos ocorre no domínio da palavra prosódica e é opcional; • Dentre os domínios prosódicos em que os processos fonológicos podem atuar na língua, a sílaba (em raiz e em fronteira de morfema) é aquele no qual ocorrem mais processos; • Foram identificados 23 processos, que foram organizados em tipos, quais sejam: ○ <u>Assimilação;</u> ○ <u>Realizações fonéticas do /s/ em onset de sílaba</u> ○ <u>Redução/apagamento;</u> ○ <u>Epêntese;</u> ○ <u>Rotacismo;</u> ○ <u>Coalescência consonantal;</u> ○ <u>Fortalecimento;</u> ○ <u>Aspiração;</u> ○ <u>Pré-oralização de coda nasal;</u> ○ <u>Alongamento;</u> ○ <u>Reduplicação.</u> • A coda é a parte da sílaba mais propensa a sofrer processos fonológicos.
--	---

A partir desse quadro, pode-se verificar que, de um modo geral, nas línguas da família Nambikwara são vários os processos fonológicos produtivos. A maioria deles, como foi observado também para o Nambikwara do Campo, é opcional. Os processos de apagamento e epêntese são bastante comuns nessas línguas, tendo sido mencionados para todas elas. Também são frequentes dentre estas os processos fonológicos de assimilação, lenição, pré-oralização de nasal e alongamento.

Dentre os processos de assimilação, o vozeamento de obstruintes é o mais comum. Além disso, é interessante notar que, apesar de ser relativamente frequente dentre as línguas da família, a harmonia vocálica tem uma distribuição sistemática em línguas como Latundê, Lakondê e Negarotê, o que não foi observado em Mamaindê e em línguas do ramo do Sul, como o Nambikwara do Campo, na qual esse processo não ocorre tão largamente. Além disso, a pré-oralização de coda nasal também é mencionado para várias línguas da família, mas parece ocorrer com mais frequência em Negarotê, Mamaindê e em Nambikwara do Campo.

A partir da descrição realizada nessa seção, tentou-se demonstrar por meio de regras e representações de traços e contextos envolvidos a riqueza dos processos fonológicos operantes a nível segmental na língua Nambikwara do Campo, mesmo em situações em que os mesmos ocorram espontaneamente ou em variação livre, como pôde ser observado (esses casos, sem formulação de regras).

No próximo capítulo, serão apresentados o acento e o tom na língua Nambikwara do Campo.

CAPÍTULO 4: O ACENTO E O TOM EM NAMBIKWARA DO CAMPO

Neste capítulo, serão abordados aspectos suprasegmentais da língua. Para tal, o capítulo encontra-se subdividido em duas partes, sendo a primeira destinada à descrição do acento e a segunda, à descrição do tom. A seguir, será apresentado o acento em Nambikwara do Campo.

4.1 O acento

O acento é um elemento prosódico cujos conceito e interpretação podem ser controversos, havendo na literatura vários debates a esse respeito. Segundo Fox (2000, p.114), as discordâncias que abrangem o acento permeiam sua natureza fonética, seu papel fonológico, a busca pelo modo apropriado de sua descrição e as relações guardadas com a morfologia e a sintaxe em línguas específicas. Ainda de acordo com o autor, há uma variedade de termos usados para se referir ao acento, estando seus sentidos atrelados às teorias particulares e aos enquadramentos descritivos no âmbito dos quais são empregados. Aqui, o acento é interpretado a partir dos pressupostos da Teoria Métrica (LIBERMAN, 1975; LIBERMAN E PRINCE, 1977; HAYES, 1995), podendo ser definido da seguinte forma:

The central claim of metrical stress theory, argued in Liberman 1975 and Liberman and Prince 1977, is that stress is the linguistic manifestation of rhythmic structure. That is, in stress languages, every utterance has a rhythmic structure which serves as an *organizing framework* for that utterance's phonological and phonetic realization. One reason for supposing that stress is linguistic rhythm is that stress patterns exhibit substantial formal parallels with extra-linguistic rhythmic structures, such as those found in music and verse [...]. (HAYES, 1995, p.8, grifo do autor)

Nessa perspectiva, pode-se afirmar que o sistema acentual do Nambikwara do Campo é misto, uma vez que se caracteriza pela presença de acento (previsível e imprevisível) e tom lexical¹²². O acento nessa língua é previsível em raízes e parcialmente previsível em afijos: as raízes são sempre acentuadas com acento

¹²² Essa classificação está de acordo com Wetzels e Meira (2010), que, ao analisarem o funcionamento dos sistemas acentuais de línguas da América do Sul, propõem, tendo como base Beckman (1986), uma categorização do acento dessas línguas do tipo: “(1) Stress-accent system – a. weight-driven (mora counting), b. sonority-driven (sensitive to the sonority degree of the nuclear vowel), c. sensitive to the nature of the onset, d. syllable-counting or unpredictable; (2) non-stress accent systems; and (3) mixed tonal/stress systems (evidence for both tone and stress)” (WETZELS E MEIRA, 2010, p.318). Nesse sentido, o Nambikwara do Campo apresenta um sistema acentual pautado na sensibilidade ao peso silábico em raízes (1a), na imprevisibilidade do acento em afijos (1d) e no tom lexical (3).

primário, e os morfemas gramaticais podem ser acentuados ou não e têm acento lexical ou parcialmente previsível. Morfemas classificadores nominais com sílabas pesadas são sempre acentuados e, na palavra verbal, há uma tendência a acentuar afijos com sílabas pesadas que ocorrem próximo à base, mostrando que o parâmetro do peso silábico também é importante nesse contexto. Em raízes, a posição do acento geralmente coincide com a posição contrastiva do tom. Tais relações entre acento e tom, no entanto, serão observadas na seção 4.2 *O tom* desse capítulo.

Os parâmetros em que a língua se ancora para a atribuição do acento são: morfologia (o acento tem comportamentos diferentes em raiz e em morfema gramatical), peso silábico (sílabas pesadas atraem o acento) e posição da sílaba na raiz (se todas as sílabas forem leves ou pesadas, a posição é que define onde será marcado o acento, na sílaba mais à direita). O *pitch* é indiferente para a atribuição do acento, não constituindo um parâmetro válido para tal (apesar de sílabas tônicas geralmente trazerem tom contrastivo). Sílabas acentuadas podem ter *pitch* alto ou não, como será abordado adiante nessa seção.

Os domínios de aplicação do acento são a raiz e a palavra. Na raiz e em afijos, sílabas pesadas (sílabas não-CV) comumente recebem acentos devido à presença de mais de uma mora, sendo que, no que concerne aos afijos, o acento é marcado na entrada lexical em alguns e, caso não seja, é previsível ao nível da palavra prosódica. Quando ocorre queda ou ressilabificação de material segmental na sílaba tônica, a vogal nuclear se alonga em sílabas abertas, de forma a criar o peso silábico preferido pelo acento principal.

Esta seção está organizada da seguinte forma: breve explanação teórica sobre a Teoria Métrica do Acento, correlato fonético do acento, atribuição do acento à raiz (monossilábica, dissilábica, trissilábica e polissilábica com reduplicação), caso de extrametricalidade, atribuição do acento a morfemas gramaticais, o acento no domínio da palavra e, por fim, síntese do comportamento do acento em Nambikwara do Campo e nas línguas da família Nambikwara.

4.1.1 Breve explanação acerca da Teoria Métrica do Acento

De acordo com Hayes (1995, p.24-6), a representação do acento segundo a teoria métrica é baseada nas seguintes propriedades e critérios de adequação: culminatividade, distribuição rítmica, hierarquia de acento e ausência de assimilação. O primeiro critério diz respeito ao fato de cada palavra ou frase ter uma única sílaba com mais proeminência do que as demais, que podem ou não ter acentos secundários. O segundo, por sua vez, refere-se à ideia de que sílabas acentuadas, primárias e secundárias, tendam a ocorrer em distâncias mais ou menos iguais, apresentando padrões alternados, ou rítmicos. A hierarquia de acento prevê que a maioria das línguas acentuais têm múltiplos níveis de acento (primário, secundário, terciário etc.). Por fim, o último critério configura um universal fonológico e estabelece que o acento não é assimilado.

Assim, a teoria métrica pressupõe que o acento não é um traço, mas sim uma estrutura rítmica hierarquicamente organizada (HAYES, 1995, p.26). O acento é, então, representado em *grades métricas* (*metrical grids*), as quais procuram demonstrar a estrutura temporal das batidas das sílabas e palavras. As grades apresentam colunas e fileiras, mais tarde denominadas *camadas*, que, juntas,

conseguem expressar várias particularidades da estrutura rítmica das palavras e frases. Desse modo, por meio das grades métricas, observa-se que a estrutura rítmica é hierárquica e espaçada, apresentando batidas com diferentes níveis de força e com intervalos de repetição na sequência de fala. Além disso, o ritmo obedece a *implicações descendentes* (*downward implications*), de forma que toda batida em uma camada mais alta na grade métrica implica batida nas camadas mais baixas (HAYES, 1995, P.26-7). Na grade, tais batidas são marcadas com um “x”, como poderá ser visto mais adiante nessa seção.

Tendo em vista essas noções, a representação métrica do acento prevê uma revisão de suas propriedades conforme exposto acima. Nesse sentido, as propriedades do acento seriam: culminatividade, distribuição rítmica, ausência de assimilação e múltiplos níveis. As três primeiras características permanecem tal qual descritas anteriormente, sendo a elas somada a noção de estrutura rítmica subjacente à representação do acento na grade métrica. A existência de múltiplos níveis de acento reflete, assim, a natureza hierárquica dessa estrutura rítmica (HAYES, 1995, p.29-30).

A grade métrica adotada por Hayes (1995) é a denominada “grade com parênteses” (*bracketed grids*), a qual é baseada na “grade-pura” (*pure-grid*) (Prince (1983) e Selkirk (1984)). De acordo com o autor, o modelo adotado inclui parênteses em todas as camadas da grade para indicar os constituintes que estariam representados na árvore métrica (formalista) usada em trabalhos prévios sobre teoria métrica para representar o acento (HAYES, 1995, p.38).

As unidades mínimas da teoria métrica do acento (que ocorrem entre parênteses na grade) são os pés métricos. Essa teoria está fortemente ligada às teorias de estrutura silábica, particularmente aos aspectos que dizem respeito ao peso silábico. Assim, a sílaba é a unidade que carrega o acento (*stress-bearing unit*), sendo a ela que as marcas na grade são associadas (HAYES, 1995, p.48-9). Por fim, é importante mencionar que, segundo Hayes (1995, p.50), regras de acento que diferenciam sílabas leves de pesadas figuram dentre as mais interessantes. Essa distinção é encontrada em Nambikwara do Campo, cujo sistema acentual será descrito a seguir.

4.1.2 Correlato fonético do acento

O correlato fonético do acento é algo bastante debatido na literatura. A natureza do acento, bem como sua manifestação a nível de superfície, vêm sendo objeto de investigação de vários autores ao longo do tempo. De acordo com Fox (2000, p.120):

Determining the phonetic basis of accent, unlike that of other prosodic features, is evidently not merely a matter of identifying the physiological mechanisms responsible for producing the relevant acoustic feature and its auditory effect; the phonetic characterization of accent is as much a matter of theory as it is of phonetic fact.

Tendo em vista tal perspectiva, Fox (2000) menciona o estudo de Beckman (1986) sobre a manifestação fonética do acento em Inglês e Japonês como sendo

significativo no que concerne à compreensão geral da base fonética do mesmo. A esse respeito, Fox (2000, p.125-6) expõe:

[Beckman's] investigations are based on two presuppositions: (1) 'that there is such a thing as accent that can be identified and separated from other phonological phenomena in a language', and (2) 'that phonological categories are not necessarily phonetically uniform across languages or even within a language' (p.ix). [...] Beckman's approach appears to solve many of the problems that we have encountered in trying to identify the phonetic basis of accent. It enables us to conclude that 'accent' is not, in fact, definable in phonetic terms but only in terms of its phonological role, which is taken to be an 'organizational' one. [...] We can, with Beckman, identify two main phonetic manifestations of accent, 'stress-accent' and 'non-stress accent' (which we may call 'pitch-accent'), where the latter is almost exclusively a matter of pitch, and the former a combination of a number of features, including pitch, duration, intensity, and perhaps other properties. This view, therefore 'accent' is, phonetically speaking, a kind of 'place-holder' for a number of features which contribute both to its realization and to its identification. Furthermore, one such feature, 'stress', is not a phonetically consistent phenomenon, but is itself a cover-term for a set of phonetic properties, including, as its major but not exclusive component, pitch.

Ainda com relação a essa problemática, Hayes (1995, p.9) afirma que, no que tange ao acento, há correlatos fonéticos que se realizam com maior frequência dentre as línguas do mundo, mas que, apesar dessa tendência, nada é totalmente rígido. Assim, mesmo que haja manifestações fonéticas do acento mais comuns de serem observadas nas línguas do mundo do que outras, não há, interlinguisticamente, um parâmetro absoluto e invariável para tal. Esse ponto de vista está de acordo com a definição do acento proposta pela Teoria Métrica. Nesse sentido:

If the equation of stress and rhythmic structure is valid, then we automatically account for why there is no invariant physical realization of stress. The reason is that rhythm in general is not tied to any particular physical realization; one can detect and recognize the same rhythm irrespective of whether it is realized by (for example) drumbeats, musical tones, or speech. Because of this independence, we are not bound to the prediction that any particular phonetic correlate will invariably

realize stress in any particular language. (HAYES, 1995, p.8-9)

Em Nambikwara do Campo, os correlatos fonéticos do acento são (1) a duração vocálica e (2) a propensão à manutenção da qualidade da vogal¹²³. Quanto ao primeiro aspecto, pode-se afirmar que as vogais tônicas tendem a ser mais longas do que as átonas na língua, principalmente quando se encontram em sílabas abertas. Quando em sílabas fechadas, o alongamento da vogal também pode ocorrer com a consoante em posição de coda. Em velocidade de fala acelerada, em contexto de conversa espontânea, verificou-se que as vogais tônicas de raízes e afijos possuem uma duração aproximada de 100 milissegundos, podendo ser consideradas longas se ultrapassarem esse valor. As vogais átonas, por sua vez, apresentam invariavelmente duração menor do que 100m/s em fala espontânea com velocidade acelerada, sendo consideradas breves¹²⁴. Em fala lenta e/ou silabada, vogais tônicas, átonas, longas e breves podem apresentar mais de 100m/s.

No que se refere à propensão à manutenção da qualidade da vogal, destaca-se que, em Nambikwara do Campo, vogais acentuadas não são sincopadas e não sofrem certos processos fonológicos, os quais se restringem apenas a sílabas átonas, a exemplo da nasalização de vogais. Processos como harmonia vocálica são pouco frequentes na língua e, por vezes, podem atingir a vogal tônica, porém com menos frequência do que atingem as átonas¹²⁵.

O *pitch* não configura necessariamente uma manifestação fonética do acento em Nambikwara do Campo¹²⁶. Em posição de acento, o tom geralmente é contrastivo na raiz, porém há casos de afijos antigos já lexicalizados na mesma. Além disso, morfemas gramaticais também podem trazer tom contrastivo. A respeito da relação entre o tom e o acento em raízes, observe os exemplos que seguem. Nas imagens dos espectrogramas, o traço azul corresponde ao *pitch* e, abaixo, estão o tempo de cada segmento, a transcrição fonética e a tradução da palavra para o português.

¹²³ De modo semelhante, outras línguas da família Nambikwara, como Latundê, Mamaindê e Negarotê, apresentam correlatos fonéticos semelhantes para o acento, sendo a duração vocálica a manifestação mais categórica dentre elas.

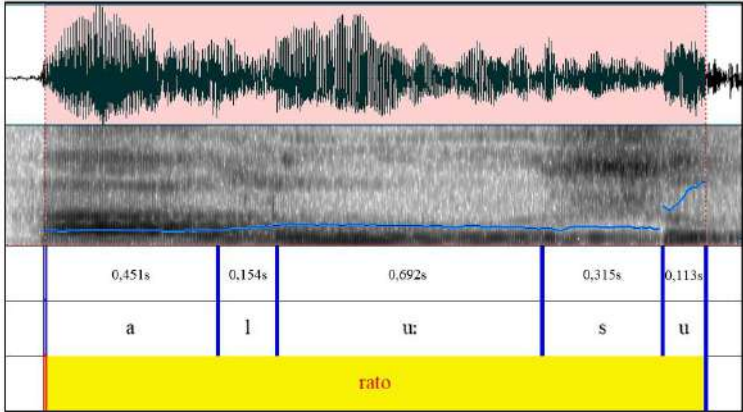
¹²⁴ Essa estimativa também é observada para a língua Latundê (TELLES, conversa pessoal, setembro de 2019).

¹²⁵ Para mais informações sobre os processos fonológicos, ver seção 3.2 *Processos fonológicos* do capítulo 3.

¹²⁶ Ver seção 4.2 *O tom*.

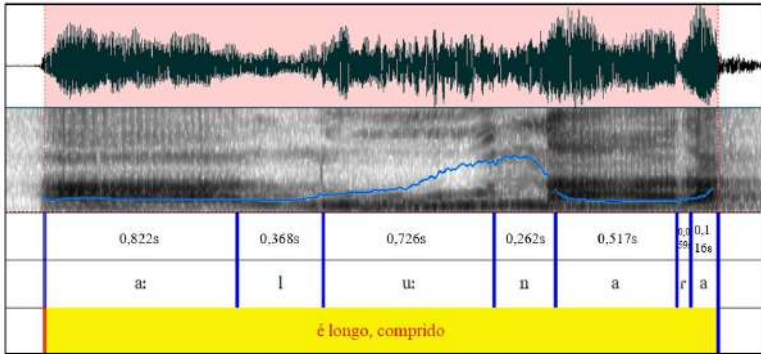
- (749) [a'lu:su]
alu- su
rato-S.NOM
“rato”

Figura 60 – Espectrograma de “rato” realizado em fala lenta e pausada



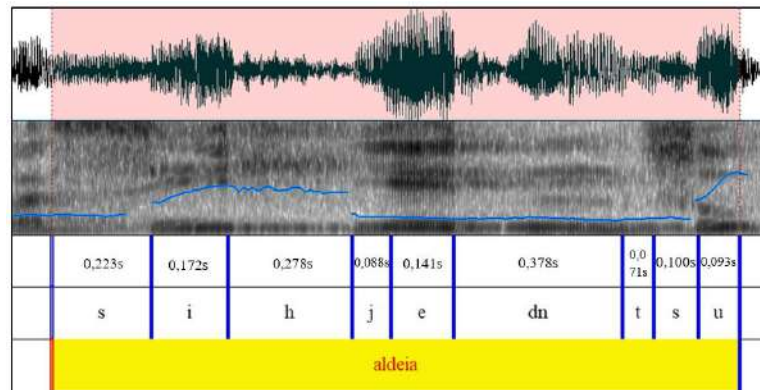
- (750) [a'lu:nara]
alun- Ø- na- ra
ser longo-3SG-PRES-PF
“é longo, comprido”

Figura 61 – Espectrograma de “é longo, comprido” realizado em fala lenta e pausada



- (751) [ˈsih.jeˈnˈsu]
 sih- ien- su
 casa-CL.casa, aldeia-S.NOM
 “aldeia”

Figura 62 – Espectrograma de “aldeia” realizado em fala lenta e pausada



Nas figuras 60, 61 e 62 acima relativas aos espectrogramas dos exemplos 749, 750 e 751, pode-se observar que o acento (primário e secundário) não está condicionado ao *pitch*, visto que tanto sílabas com tom alto quanto aquelas com tom baixo podem ser tônicas.

A proeminência relativa ao acento normalmente não é fácil de perceber em fala espontânea, com velocidade acelerada, em que é comum haver muitos processos fonológicos operando, principalmente em sílabas átonas. Muitas vezes, a diferença de proeminência quando da realização de sílabas acentuadas e não acentuadas nesse contexto de fala é pequena, tornando mais difícil a tarefa de discernir a posição do acento. Em fala mais lenta, porém, a posição do acento é mais evidente e perceptível, sendo mais fácil de ser mapeada. Portanto, muitos dos exemplos aqui apresentados são com base em dados elicitados em fala mais pausada. No entanto, dados com velocidade de fala acelerada também são apresentados nessa seção.

4.1.3 Atribuição do acento à raiz

A atribuição do acento em Nambikwara do Campo obedece a três parâmetros, quais sejam: morfologia, peso silábico e posição da sílaba. O primeiro parâmetro justifica-se pelo fato de o acento se comportar de maneira distinta na base, onde é previsível, e nos afixos¹²⁷, onde é em grande parte das vezes imprevisível e, portanto, lexicalizado. Nesse sentido, é, inicialmente, a morfologia que rege o comportamento do acento na língua.

¹²⁷ O acento nos afixos será abordado a seguir, na subseção 4.1.4 *O acento em morfemas gramaticais* desse capítulo.

É no âmbito da base que os dois outros parâmetros direcionam atenção especial. A língua é sensível ao peso silábico no que se refere à atribuição do acento e, sendo assim, é na sílaba pesada da base que o mesmo se fará presente. Caso todas as sílabas sejam pesadas ou leves, o acento é marcado na sílaba mais à direita, cumprindo-se, então, o terceiro parâmetro supramencionado: posição da sílaba.

Nesse trabalho, sílabas pesadas são compreendidas como aquelas que apresentam a rima ramificada. A esse respeito, é interessante observar o que Eberhard (2009, p.146) expõe:

Our definition of a heavy syllable must then include not only a branching rhyme node, but also a branching nucleus node¹²⁸. The crucial factor for a quantity sensitive stress system, however, is not necessarily which node within the rhyme is branching, but the result of the branching, which is the addition of an extra mora to the syllable. It is this extra mora, whether in the coda or in the nucleus, which makes the syllable heavy and attracts the stress. While I will not be arguing for a new definition of quantity sensitivity, it appears that at least for this language, the standard view needs to be expanded to include not only a branching rhyme node, but also the possibility of a branching nucleus node as well.

O que Eberhard explica para o Mamaindê é que sílabas do tipo (C)(C)VV são pesadas, do mesmo modo que (C)(C)VC(C) e (C)(C)V(V)C(C). Em Nambikwara do Campo, uma vez que o ditongo é interpretado como sendo pertencente ao núcleo e à coda (ditongos decrescentes), sílabas do tipo (C)(C)VC e (C)(C)VC(C), em que C pode ser consoante ou glide, respeitando-se a escala de sonoridade, são, também, igualmente pesadas.

Nesse sentido, aplicando-se os pressupostos da *metrical grid* e *bracketed grid* já discutidos anteriormente¹²⁹ à análise de Nambikwara do Campo, assume-se que, em raízes, sílabas leves e pesadas, independentemente da quantidade de moras (2 ou mais), são marcadas com um x no nível 1 da grade, no qual elas vão receber o acento por peso ou por posição. Salienta-se que a presença de um elemento em coda, tornando a sílaba pesada, já é suficiente para a atribuição do acento na língua a partir do parâmetro do peso silábico, não importando se, na contagem, há mais de duas moras.

Na língua, sílabas com mais de duas moras não recebem acento em níveis diferentes, de modo que, mesmo parecendo ser superpesadas, não apresentam um nível de gradação quanto ao peso silábico e a atribuição do acento: a sílaba pode ser leve (contabilizando 1 mora) ou pesada (contabilizando 2 moras) apenas. Isso implica

¹²⁸ Eberhard (2009) interpreta que o ditongo em Mamaindê forma um núcleo ramificado. No presente trabalho, diferentemente de Eberhard (2009), interpreta-se que o núcleo é sempre simples e o ditongo é formando na superfície nas periferias da sílaba, ocupando *onset* e núcleo (em ditongos crescentes) e núcleo e coda (em ditongos decrescentes). Para mais informações, ver seção 3.1 *A sílaba* do capítulo 3.

¹²⁹ Ver subseção 4.1.1 *Breve explicação acerca da Teoria Métrica do Acento*.

dizer que a sílaba em Nambikwara do Campo pode ser, no máximo, bimoraica, mesmo havendo a contagem de mais de 2 segmentos na coda¹³⁰. Então, se uma sílaba apresenta rima ramificada com duas posições de coda preenchidas, por exemplo, isso não a torna mais propensa a receber o acento do que outra que apresente apenas uma posição de coda ocupada. Nesse caso, ambas as sílabas seriam contabilizadas como pesadas e o acento seria atribuído àquela mais à direita na base. Alguns exemplos desse contexto são:

- | | |
|--|---|
| <p>(752) ['haj^hnara]
 haih- Ø- na- ra
 cruzar-3SG- PRES-PF
 “ele está cruzando (referindo-se a animal)”</p> | <p>(753) ['haj^dnnawa]
 hain- Ø- na- ua
 cantar-3SG- PRES-IMPF
 “ele está cantando”</p> |
| <p>(754) ['waj^gɲginara]
 uainki- Ø- na- ra
 ser estreito-3SG-PRES-PF
 “é estreito, fino”</p> | <p>(755) ['k^hwajʔ^su]
 kuait- su
 beija flor-S.NOM
 “beija-flor”</p> |

Tendo em vista os pressupostos da Teoria Métrica, o acento é atribuído em dois níveis à palavra prosódica. No primeiro nível, no domínio da palavra, ocorre a marcação do acento na base e nos afixos lexicalmente acentuados, que podem apresentar sílaba leve ou pesada. No segundo nível, marca-se o acento principal e, portanto, com maior intensidade da palavra. O acento principal é marcado na sílaba pesada mais à direita na base e, caso haja apenas sílabas leves, então ele é marcado na sílaba leve mais à direita na base. Assim, ao nível da palavra, todos os parênteses indicando sua estrutura morfológica interna ficam intactos, e o acento pode ser atribuído nesse domínio buscando-se a base _{base}[...] _{base} e marcando um x na sílaba acentuada previsível. Os afixos pesados ou lexicalmente marcados já vêm com um x no nível 1.

Em Nambikwara do Campo, uma palavra deve conter, minimamente, uma raiz lexical e um afixo nominal ou verbal. Desse modo, tanto sílabas com acento primário (sempre na base) quanto aquelas com secundário recebem a marcação de um x no nível 1, e apenas a sílaba com acento primário da base recebe um x no nível 2. Encontra-se ilustrado abaixo como se dá a marcação do acento nos 2 níveis mencionados na grade métrica. O nível 1 corresponde a “acento na base e acento lexicalmente marcado no afixo” e nível 2 a “acento da palavra”. São apresentados um total de 4 exemplos, dois com raiz monossilábica e dois com raiz dissilábica, cada par contendo um caso de palavra nominal e um de palavra verbal.

¹³⁰ Isso ocorre de maneira semelhante em Mamaindê (EBERHARD, 2009, p.150-1) e em Negarotê (BRAGA, 2017, p.190).

Atribuição do acento no domínio da palavra prosódica

Raiz monossilábica nominal:

- (756) ['ho:sa₁ta^hsu]¹³¹
- | | | | | |
|---------------------------------------|-----|------|-----|---------|
| x | | | | Nível 2 |
| x | | x | | Nível 1 |
| RN[hos]- | a]- | ta]- | su] | |
| macaco-S.NOM-INTENS.grande-S.NOM | | | | |
| “macaco-aranha (lit.: macaco grande)” | | | | |

Raiz monossilábica verbal:

- (757) ['e:nara]
- | | | |
|-------------------------|-----|----------|
| x | | Nível 2 |
| x | | Nível 1 |
| RV[e]- | Ø]- | na]- ra] |
| falar,dizer-3SG-PRES-PF | | |
| “ele fala, diz” | | |

Raiz dissilábica nominal:

- (758) [wẽ^hha:ja₁wsu]
- | | | | |
|------------------------|--------------------|-----|---------|
| x | | | Nível 2 |
| x | x | | Nível 1 |
| RN[ũẽha]- | ia ₁]- | su] | |
| chuva-CL.líquido-S.NOM | | | |
| “chuva” | | | |

Raiz dissilábica verbal:

- (759) ['waj^gɲginara]
- | | | |
|--------------------------------|-----|----------|
| x | | Nível 2 |
| x | | Nível 1 |
| RV[uainki]- | Ø]- | na]- ra] |
| ser estreito, fino-3SG-PRES-PF | | |
| “é estreito, fino” | | |

A partir da observância da marcação do acento em palavras nominais e verbais da língua, verifica-se a presença de 2 graus de proeminência possíveis, os quais apontam para o fato de que uma sílaba pode possuir acento primário (sempre na

¹³¹ Nessa palavra, o afixo {-ta}, um morfema de intensidade, é acentuado lexicalmente. Por isso, recebe a marcação no nível 1 na grade.

base e marcado no nível 2 da grade) ou secundário (em raiz ou afixos e marcado no nível 1 da grade). Sílabas átonas não são marcadas em nenhum dos dois níveis.

As raízes lexicais nominais e verbais da língua são majoritariamente monossilábicas e dissilábicas, mas há alguns casos mais raros de trissilábicas e polissilábicas, as quais podem ser resultado de processo morfofonológico de reduplicação¹³². Cada um desses contextos será abordado a seguir no que se refere ao acento. Os exemplos a serem demonstrados nas próximas subseções virão acompanhados da sua representação na grade, a qual não irá evidenciar os níveis de marcação do acento na base, nos afixos (quando acentuados) e na palavra prosódica.

4.1.3.1 Raízes monossilábicas

Raízes monossilábicas são frequentes em Nambikwara do Campo. Tais morfemas lexicais podem apresentar uma sílaba leve ou pesada, a qual, em ambos os casos, é acentuada com acento primário. Quando a raiz monossilábica é formada por sílaba aberta, geralmente ocorre o alongamento da vogal nuclear, a qual passa a contar duas moras e a apresentar, então, uma conjuntura ideal para receber o acento. Sílabas fechadas também podem, mais raramente, ter a vogal alongada. Alguns exemplos desses contextos seguem abaixo:

Raízes monossilábicas com sílaba leve

- (760) [a'j̥o:a]
- | | |
|---|---------|
| x | Nível 2 |
| x | Nível 1 |
- [a-_{RN}[i̥o]- a]
 INAL-boca-S.NOM
 “boca”
- (761) [a'su:su]
- | | |
|---|---------|
| x | Nível 2 |
| x | Nível 1 |
- [a-_{RN}[su]- su]
 INAL-osso-S.NOM
 “osso”

¹³² Raízes polissilábicas são sempre resultantes de processo de reduplicação na língua. As raízes trissilábicas, por sua vez, podem sê-lo ou não (ver itens 4.1.3.3 *Raízes trissilábicas* e 4.1.3.4 *Raízes com reduplicação*).

- (762) [a^hhi;ta^hsu]
- | | | | | | |
|------------------------------------|---------|--|------|--|---------|
| | x | | | | Nível 2 |
| | x | | x | | Nível 1 |
| [a- | RN[hi]- | | ta]- | | su] |
| INAL-dedo, mão-INTENS.grande-S.NOM | | | | | |
| “dedo polegar” | | | | | |

- (763) [a^hse:su]
- | | | | | |
|----------------------|---------|--|--|---------|
| | x | | | Nível 2 |
| | x | | | Nível 1 |
| [a- | RN[se]- | | | su] |
| POS.3SG-esposa-S.NOM | | | | |
| “esposa dele” | | | | |

Raízes monossilábicas com sílaba pesada

- (764) [ˈajna]
- | | | |
|-----------------|----------|---------|
| | x | Nível 2 |
| | x | Nível 1 |
| | RN[ain]- | a] |
| peixe-S.NOM | | |
| “peixe (geral)” | | |

- (765) [a^htihsu]
- | | | | |
|--------------------------|----------|--|---------|
| | x | | Nível 2 |
| | x | | Nível 1 |
| [a- | RN[tih]- | | su] |
| INAL-sangue, seiva-S.NOM | | | |
| “sangue, seiva” | | | |

- (766) [ˈu:nara]
- | | | | |
|-----------------------|---------|----------|---------|
| | x | | Nível 2 |
| | x | | Nível 1 |
| | RV[ul]- | Ø]- na]- | ra] |
| ser longe-3SG-PRES-PF | | | |
| “é longe” | | | |

- (767) [ˈehʔa]
- | | | | |
|---------------|----------|--|---------|
| | x | | Nível 2 |
| | x | | Nível 1 |
| | RN[ehʔ]- | | a] |
| machado-S.NOM | | | |
| “machado” | | | |

4.1.3.2 Raíces dissilábicas

Raízes dissilábicas, tais quais as monossilábicas, são frequentes em Nambikwara do Campo. Conforme já mencionado anteriormente, a marcação do acento em raiz com mais de uma sílaba é previsível, sendo atuantes os parâmetros relativos ao peso silábico e à posição da sílaba. Desse modo, a sílaba mais proeminente da raiz dissilábica é a pesada, e, havendo apenas sílabas pesadas ou leves no morfema lexical, acentua-se aquela que se encontra mais à direita.

Quando a sílaba mais proeminente não se encontra no início da raiz, ou seja, quando a raiz não é constituída por uma sequência do tipo $\{\text{nome, verbo}\}(\text{PL} \dots)^{133}$, se a primeira sílaba tiver *pitch* alto ou ascendente, muitas vezes torna-se mais difícil discernir a posição do acento. O *pitch* alto ou ascendente eleva a intensidade de produção da sílaba, o que provoca a dificuldade no reconhecimento daquela que carrega a maior proeminência, pois parece que ambas as sílabas têm a mesma intensidade. No entanto, em fala mais lenta e silabada, percebe-se o alongamento da vogal da sílaba designada como mais proeminente pelos mecanismos acima ilustrados.

A fim de ilustrar esse comportamento, um par de exemplos é exposto a seguir, ambos em contexto de fala lenta. Na primeira palavra, há uma raiz do tipo LL que não constitui exceção à regra do acento¹³⁴ e, portanto, tem como sílaba acentuada aquela localizada mais à direita. É possível ver no espectrograma que a primeira vogal da raiz é produzida com bastante intensidade e apresenta *pitch* ascendente, ao passo que a segunda vogal, núcleo da segunda sílaba do morfema lexical, é realizada com menos intensidade e com *pitch* descendente. Apesar disso, a duração da segunda vogal é de 214 milissegundos, sendo quase o dobro da duração da primeira vogal, cujo tempo é de 117 milissegundos. Assim, nesse caso, a duração vocálica, enquanto correlato fonético do acento, sinaliza a sua posição na base, apesar de o *pitch* e a intensidade perturbarem sua percepção, principalmente em fala com velocidade acelerada. Nos espectrogramas a seguir, são dados a tradução da palavra para o português, sua transcrição fonética e o tempo de duração de cada segmento. Ademais, o *pitch* é marcado pelo traço azul e a intensidade, pela linha amarela.

(768) [ũha li:nara]

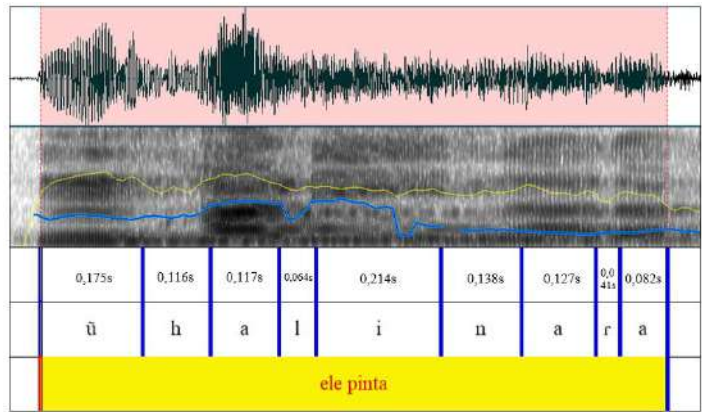
	x		Nível 2
x		x	Nível 1

[ũh-_{RV}[hali]- Ø]- na]- ra]
INSTR-pintar-3SG- PRES-PF
“ele pinta, desenha, escreve”

¹³³ Tendo em vista que a língua é sensível ao peso silábico, nesse capítulo, serão usadas as letras “P” e “L” maiúsculas para referir-se a sílabas dos tipos “Pesada” e “Leve”.

¹³⁴ Para casos de exceção à regra de atribuição do acento à raiz, ver item 4.1.3.5 *Exceção à atribuição do acento à raiz: extrametricalidade*.

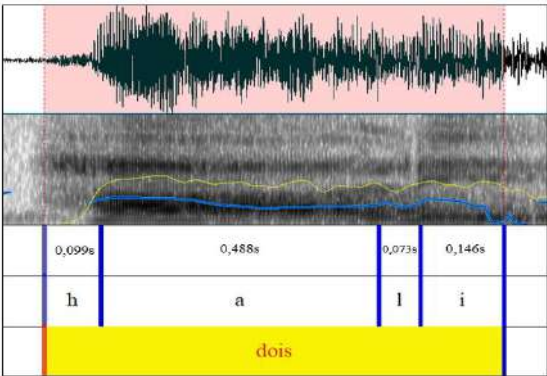
Figura 63 – Espectrograma de “ele pinta” realizado em fala lenta e pausada



A segunda palavra, que se encontra abaixo, corresponde ao número “dois” na língua. Nesta, pode-se ver que, mais uma vez, é a duração vocálica que aponta a posição do acento: a primeira vogal, o [a], possui uma duração de 488 milissegundos, somando mais do que o dobro da duração da segunda vogal, a qual totaliza um tempo de realização de 146 milissegundos. Aqui, o *pitch* na sílaba acentuada, diferentemente do primeiro caso demonstrado acima, é descendente, o que corrobora, inclusive, que esse elemento prosódico não se comporta como um correlato fonético do acento. A intensidade na sílaba acentuada é maior do que na átona, contrariando o que ocorreu na palavra anterior.

- (769) ['ha:li]
x Nível 2
x Nível 1
RN[ha:li]
dois
“dois (número)”

Figura 64 – Espectrograma de “dois” realizado em fala lenta e pausada



Ainda com relação ao *pitch* e ao acento em Nambikwara do Campo, destaca-se que, apesar de o primeiro não configurar um correlato fonético do segundo, ele pode influenciar na intensidade de produção da sílaba, perturbando, por vezes, o discernimento da proeminência acentual no âmbito da raiz. O *pitch* baixo favorece uma realização vocálica (e silábica) com menor intensidade, ao passo que o alto contribui para uma intensidade mais elevada na produção da vogal. Além disso, tons de contorno ascendente parecem favorecer o aumento da intensidade e da duração da sílaba, o que também pode confundir a identificação do acento. Nesses contextos, é sempre a duração da vogal, aliada à sua propensão a manter sua estrutura (qualidade vocálica), que irá indicar a sílaba acentuada da base.

É interessante mencionar que, no âmbito da raiz, sílabas pretônicas tendem a ter vogais mais longas do que as postônicas. Isso, por vezes, pode, mais uma vez, influenciar na percepção do acento em fala acelerada, principalmente quando ambas as sílabas da base são pesadas¹³⁵. No entanto, é possível verificar nesses casos que, além de, mais uma vez, a vogal permanecer mais longa na sílaba acentuada, em contexto de raízes do tipo PP, LL e LP, confirmando-se a regra de que a posição do acento é na sílaba pesada e/ou naquela mais à direita na raiz, o alongamento da vogal pretônica não interfere na sua marcação. Assim, mesmo que a vogal da sílaba mais à esquerda tenha uma realização um pouco mais alongada do que o esperado para uma vogal átona, seja por questões enfáticas, seja devido a uma realização mais silabada em fala lenta, isso não interfere na atribuição do acento, visto que, via de regra, este será marcado na sílaba pesada, no caso de raízes LP, ou naquela que se localiza mais à direita¹³⁶. Alguns exemplos que demonstram essa possibilidade de alongar a primeira vogal sem prejuízos para a marcação do acento na base são:

¹³⁵ Em Mamaindê, conforme afirma Eberhard (2009), a percepção do acento também pode ser difícil em alguns casos. Segundo o autor:

Many times it can be difficult to determine impressionistically which syllable is being stressed by a Mamaindê speaker. That is why careful speech must be used whenever eliciting stress. However, even in careful speech the stress patterns can be elusive, particularly when it involves a root morpheme with two heavy syllables. Both heavy syllables may appear equally long. In these situations we must appeal to vowel quality in order to decide between competing analyses. (EBERHARD, 2009, p.165)

¹³⁶ A única exceção à regra de marcação do acento em morfema lexical é o caso de raiz formada unicamente por sílabas leves que apresenta como vogal nuclear da sílaba mais à direita o /i/. Essa exceção, no entanto, não é categórica em todas as palavras da língua, havendo casos de raízes do tipo LL terminadas em /i/ com acento marcado na sílaba mais à direita, conforme a regra geral (ver subseção 4.1.3.5 *Exceção à atribuição do acento à raiz: extrametricalidade*).

- (772) [ka:'de^dn'su]
 x Nível 2
 x Nível 1
 RN[ka'ten]-su
 viver-S.NOM
 “vivo (ser vivo)”

- (773) [a:^llāsu]
 x Nível 2
 x Nível 1
 RN[alā]- su]
 arara-S.NOM
 “arara”

Por fim, no que concerne à marcação do acento na grade, verifica-se que quando as duas sílabas da base apresentam a mesma estrutura, sendo ambas pesadas, ocorre a marcação das duas no nível 1 “por peso”. A marcação “por posição” da sílaba mais proeminente da base no nível 2 se dá na sequência. Se ambas as sílabas da raiz forem leves, então a marcação no nível 1 será “por posição” naquela mais à direita, bem como no nível 2, referente ao acento principal da palavra prosódica. A seguir, são apresentados exemplos com a marcação do acento em raízes dissilábicas da língua:

Raízes dissilábicas com primeira sílaba pesada: PL

- (774) ['ja^hka₁tasu]
 x
 x x
 _{RN}[iahki]- a]- ta]- su]
 caititu-S.NOM-INTENS.grande-S.NOM
 “queixada”
- (775) ['a₁kisu]
 x Nível 2
 x Nível 1
 _{RN}[a₁ki]- su]
 pássaro-S.NOM
 “pássaro (geral)”
- (776) ['juhlinara]
 x Nível 2
 x Nível 1
 _{RV}[iuhli]- Ø]- na]- ra]
 ter medo-3SG-PRES-PF
 “ele tem medo”
- (777) ['kwãʔkisu]
 x Nível 2
 x Nível 1
 _{RN}[kũãʔki]- su]
 cemitério, cova-S.NOM
 “cemitério, cova”
- (778) ['ãĩndinara]
 x Nível 2
 x Nível 1
 _{RV}[ãĩnti]- Ø]- na]- ra]
 estar triste-3SG-PRES-PF
 “ele está triste”

- | | | |
|-------|--|---------|
| (779) | [a ^o 'kwaj̃:r ^h u] | |
| | x | Nível 2 |
| | x | Nível 1 |
| | [a- _{RN} [nokuj̃]- li]- su] | |
| | INAL-peito, seio-?-S.NOM | |
| | “peito, seio” | |
| (780) | [a ^o ně'haj ^d n ^t su] | |
| | x | Nível 2 |
| | x | Nível 1 |
| | [a- _{RN} [^o něchain]- su] | |
| | INAL-perna-S.NOM | |
| | “perna” | |
| (781) | [a ^h nãw̃su] | |
| | x | Nível 2 |
| | x | Nível 1 |
| | _{RN} [anãũ]- su] | |
| | lagarta-S.NOM | |
| | “lagarta (geral)” | |
| (782) | [wa ^h nũ ⁿ nara] | |
| | x | Nível 2 |
| | x | Nível 1 |
| | _{RV} [uanũn]-Ø]-na]- ra] | |
| | apertar-3SG-PRES-PF | |
| | “ele aperta” | |
| (783) | [wa ^h lũtsu] | |
| | x | Nível 2 |
| | x | Nível 1 |
| | _{RN} [ualũt]- su] | |
| | cabaça-S.NOM | |
| | “cabaça” | |

Raízes dissilábicas com todas as sílabas leves: LL

- (784) [ta^li:ti:tu] Nível 1
 x Nível 2
 x
 _{RN}[tali]- te]- su]
 trovão-CL.não espec.-S.NOM
 “trovão”
- (785) [wa^lu:tu] Nível 2
 x Nível 1
 x
 _{RN}[ualu]- su]
 urubu-S.NOM
 “urubu”
- (786) [aha^lnẽ:ti:tu]¹³⁷ Nível 2
 x Nível 1
 x
 [a- _{RV}[hanẽ]- te]- su]
 INAL-ser gordo-CL.não espec.-S.NOM
 “gordura”
- (787) [[?]nã^ldi:nara] Nível 2
 x Nível 1
 x
 _{RV}[[?]nati]- Ø]- na]- ra]
 estar sujo-3SG-PRES-PF
 “está sujo”
- (788) [ha^lti:nara] Nível 2
 x Nível 1
 x
 _{RV}[hati]-Ø]- na]- ra]
 ser liso-3SG-PRES-PF
 “é liso”

¹³⁷ Nesse exemplo, a forma de base /hanẽ/ é uma raiz verbal nominalizada por meio do acréscimo dos afixos nominais {-te}, classificador de coisa na especificada, e {-su}, sufixo nominal.

- #### 4.1.3.3 Raíces trissilábicas

Em Nambikwara do Campo, as raízes normalmente são monossilábicas ou dissilábicas, conforme já mencionado, mas também há raízes trissilábicas, que são

mais raras¹³⁸. As raízes formadas por 3 sílabas podem, por vezes, serem fruto de processo de reduplicação, porém, nessa subseção, serão abordados apenas os casos sem reduplicação, visto que morfemas lexicais nos quais ocorre tal processo têm um espaço de discussão específico mais abaixo nesse capítulo.

Ao se lançar um olhar sobre as outras línguas da família Nambikwara, percebe-se que Latundê, Lakondê, Mamaindê e Negarotê também possuem predileção por raízes monossilábicas e dissilábicas. Em Sabanê, os nomes possuem geralmente entre 2 e 4 sílabas, sendo pouco frequentes raízes monossilábicas.

De acordo com Eberhard (2009), em Mamaindê, raízes consideradas longas são possivelmente resultantes da presença no léxico de mais de um morfema que, na sincronia, já não se consegue discernir. De acordo com o autor:

Those [roots] with more than two syllables typically involve the concatenation of more than one morpheme and should generally be seen as complex stems. In such cases, the first stratum complex roots are formed and the stress rules apply only once to the result of that morphological operation. (EBERHARD, 2009, p.161)

Essa afirmação também encontra respaldo em Nambikwara do Campo, no qual, sincronicamente, as raízes trissilábicas não formadas por reduplicação parecem envolver a presença de mais de um morfema que já se gramaticalizou na língua, não se podendo mais recuperar suas fronteiras e significados.

No que concerne à marcação do acento, raízes trissilábicas seguem os mesmos parâmetros e as mesmas regras que as raízes dissilábicas, mas cabe fazer uma ressalva com relação àquelas formada por apenas sílabas leves. Assim, havendo sílaba pesada, esta receberá o acento. Caso haja mais de uma sílaba pesada, a que irá apresentar maior proeminência acentual será aquela que se encontra na posição mais à direita na base. No tocante às raízes contendo apenas sílabas leves, foram observados poucos casos com essa configuração e, nos dados observados, verificou-se que todas marcam o acento na sílaba do meio, e não na localizada mais à direita, como era esperado. No entanto, as poucas raízes trissilábicas encontradas se enquadram na regra de exceção do acento, uma vez que contêm a última sílaba terminada em /i/¹³⁹. Então, os dados analisados não são suficientes para afirmar com certeza se as raízes trissilábicas contendo apenas sílabas leves posicionam o acento na sílaba mais à direita, seja devido ao enquadramento dos exemplos encontrados na regra de extrametricidade do acento, seja porque a última sílaba dessas raízes eram morfemas gramaticais átonos que foram gramaticalizados na língua e permaneceram átonos.

Quanto à marcação na grade, raízes com apenas uma sílaba pesada terão a mesma marcada com um x no nível 1 e outro no nível 2, pela proeminência na base, ao passo que raízes trissilábicas formadas por apenas sílabas leves recebem a

¹³⁸ Nos dados analisados, todas as raízes polissilábicas encontradas, que são ainda mais raras do que as trissilábicas, são originadas a partir de processo de reduplicação. Esses casos serão tratados separadamente no item 4.1.3.4 *Raízes com reduplicação* dessa seção.

¹³⁹ Para exceções à regra de atribuição do acento em raízes, ver subseção 4.1.3.5 *Exceção à atribuição do acento à raiz: extrametricidade*.

- (797) [ha'tikisu]
 x Nível 2
 x Nível 1
 _{RN}[hatiki]- su]
 tartaruga-S.NOM
 “tartaruga, cágado”

Raiz trissilábica com uma sílaba pesada: PLL e LLP

- (798) [ʔjaʔlotinara] ~ [ʔja:lotinara]
 x
 x
 RV[iaʔloti]- Ø]- na]- ra]
 ser corajoso-3SG-PRES-PF
 “ele é corajoso”
 Nível 2
 Nível 1
- (799) [ali'si^dnnara]
 x
 x
 RV[alisin]-Ø]-na]-ra]
 pular-3SG-PRC-PF
 “ele pulou”
 Nível 2
 Nível 1
- (800) [nũka'te:ru] ~ [nuka'te:ru]
 x
 x
 RN[nukateh]-li]-su]
 vespa-?-S.NOM
 “vespa”
 Nível 2
 Nível 1

Raiz trissilábica com duas sílabas pesadas: PLP e PPL

- (801) [₁wajka¹sĩⁿnara]
- x
- x x
- Nível 2
- Nível 1
- _{RV}[uajkasĩn]-Ø]-na]-ra]
- espirrar-3SG-PRC-PF
- “ele espirrou”
-
- (802) [₁kaʔ¹nĩhnisu] ~ [₁kaʔ¹nĩhněsu]
- x
- x x
- Nível 2
- Nível 1
- _{RN}[kaʔnĩhne]-su]
- piolho-S.NOM
- “piolho”

ocorre a reduplicação, a sílaba que receberá o acento primário será a pesada e, em não havendo sílaba pesada, o mesmo é marcado na sílaba localizada mais à direita no morfema lexical. Caso haja mais de uma sílaba pesada na base, o acento primário será marcado naquela mais à direita, ficando a sílaba pesada mais à esquerda com um acento secundário. A seguir, são apresentados exemplos de raízes com reduplicação e com a marcação do acento:

Reduplicações sem apagamento de material na sílaba reduplicada

- (804) [wati^ʔtisu] ~ [wati^htisu]
 x Nível 2
 x Nível 1
 [ua_{RN}[(ua)tĩ]¹⁴²- su]
 REDUPL.libélula-S.NOM
 “libélula”
- (805) [jũ^hjũkisu] ~ [n^hũ^hn^hjũkisu]
 x Nível 2
 x Nível 1
 [iu_{RN}[ĩũ]- ki]- su]
 REDUPL.minhoc-a-CL.redondo-S.NOM
 “minhoc-a”
- (806) [ni^hnĩsu] ~ [nĩ^hnĩsu]
 x Nível 2
 x Nível 1
 [ni_{RN}[nĩ]- su]
 REDUPL.pernilongo-S.NOM
 “pernilongo”
- (807) [kalaka^hlasu]
 x Nível 2
 x Nível 1
 [kala_{RN}[kala]- su]
 REDUPL.galinha-S.NOM
 “galinha”

¹⁴² Nesse exemplo, interpretou-se que, após a reduplicação ocorrer, houve o apagamento da primeira sílaba átona da base, de modo que ${}_{\text{base}}[\text{wa}'\text{tĩ}] \rightarrow [\text{wati}]_{\text{base}}[\text{wa}'\text{tĩ}] \rightarrow [\text{wati}.\text{tĩ}]$. Assim, a sílaba $[\text{wa}]$ faz parte da raiz reduplicada, não sendo um afixo. Processo de apagamento semelhante a esse pode ser observado na palavra “borboleta”: $[\text{wade}'\text{dê}:\text{su}]$, $/\text{uate}(\text{ua})\text{têsu}/$. Nesta: ${}_{\text{base}}[\text{wa}'\text{dê}] \rightarrow [\text{wade}]_{\text{base}}[\text{wa}'\text{dê}] \rightarrow [\text{wade}.\text{dê}]$.

- #### 4.1.3.5 Exceção à atribuição do acento à raiz: extrametricalidade

Tendo em vista os parâmetros e regras especificados para a marcação do acento na raiz em Nambikwara do Campo mencionados anteriormente no presente capítulo, observou-se que há um contexto que configura uma exceção. Trata-se de raízes dissilábicas e trissilábicas terminadas em /i/ e compostas apenas por sílabas leves. Nestas, o esperado era que o acento fosse atribuído à sílaba mais à direita, cujo núcleo é /i/, porém isso não é o que ocorre, sendo o acento marcado na penúltima sílaba. O quadro abaixo ilustra esse contexto:

Quadro 64 – Exemplos de contextos de extrametricalidade

Marcação do acento em raízes com padrões LL e LLL terminadas em /i/		
Tipo de raiz	O que era esperado	O que ocorre
Dissilábica: LL	*[ane'kisu] a- neki- su INAL-cabeça-S.NOM “cabeça”	[a'nekisu] a- neki- su INAL-cabeça-S.NOM “cabeça”
	*[ha'li] hali dois “dois (número)”	[ha:li] hali dois “dois (número)”
Trissilábica: LLL	*[nẽhẽ'dika,losu] nẽhẽti- kalo- su parede-CL.chato-S.NOM “parede”	[nẽ'hẽ:dika,losu] nẽhẽti- kalo- su parede-CL.chato-S.NOM “parede”
	*[halu'kisu] haluki- su lança-S.NOM “lança”	[ha'lu:kisu] haluki- su lança-S.NOM “lança”

Situações similares a essa foram atestadas em Negarotê e em Mamaindê. Na primeira, de acordo com Braga (2017), sílabas finais /ni/ e /ki/ de raízes nominais são consideradas extramétricas e nunca são acentuadas, contrariando o que é esperado segundo as regras de marcação do acento da língua. Nas palavras da autora:

Dessa forma, a nossa abordagem considerará raízes formadas apenas por sílabas fonológicas leves, com sílaba final terminada em /i/ átona, como extramétricas exceção à regra do acento, uma vez que nestas teremos a quebra do padrão acentual. Cabe ressaltar que nem todas as sílabas leves com núcleo /i/ rejeitam o acento, como pode ser visto em /wa'li-tu/ “faca” e /ka'wi-ka'loh/ “cocar”. A extrametricalidade apenas se aplica às raízes formadas por sílabas leves terminadas com /ni/ e /ki/. (BRAGA, 2017, p.205)

Em Mamaindê, Eberhard (2009) aborda os casos de aparentes exceções às regras do acento sob o ponto de vista da derivação fonológica. Segundo o autor, há dois casos que se enquadram nessa situação: a vogal /i/ postônica em final de raiz nominal e a vogal /a/ também postônica em fim de raiz verbal. Em ambas as situações,

o que era esperado no que se refere à atribuição do acento não ocorre, sendo acentuada, nesses contextos, a penúltima sílaba da raiz (e não a última com núcleo ocupado por /i/, no caso de nomes, e por /a/, no caso de verbos). Ainda de acordo com Eberhard (2009, p.183):

[...] I will posit that these final poststress /-i/ vowels are underspecified V segments in the lexicon that get their features filled in later by rule. Not only do they lack place features, but they are also unassociated to the syllable structure in their underlying form. In the lexicon the underspecified V consists only of a V root node and an orphaned skeletal position, with no features or syllable structure above it. When the root leaves the lexicon, it immediately gets stressed. But since the underspecified V has no syllable structure associated to it, and since it is syllable structure alone which can license the initial mora row, the underspecified V cannot be stressed and is left orphaned. Only much later, when it gets its features filled in at the end of the post-lexical component, will the V be syllabified, and at that point the stress rules have already applied to the root morpheme. In essence, the end result of underspecifying these final vowels is analogous to extrametricality, where specific peripheral segments are considered invisible to the stress system, and thus unstressable. The difference here is that these unstressed vowels have predictable features, allowing us to view them as being minimally specified both in terms of their features and in terms of their syllable structure. And it is this lack of syllable structure that essentially makes them invisible to the stress rules.

Assim, pode-se afirmar que casos como o observado em Nambikwara do Campo de morfemas lexicais formados apenas por sílabas leves e possuindo sílaba final com vogal /i/ postônica não são exclusivos dessa língua, sendo também comuns em outras línguas da família Nambikwara, conforme evidenciado. Nesse trabalho, a interpretação dada a esse contexto de exceção à regra do acento em raízes nominais assemelha-se à adotada por Braga (2017) para o Negarotê. Portanto, assume-se que as sílabas terminadas em /i/ nos contextos das raízes mencionadas são extramétricas¹⁴³ e, dessa forma, invisíveis à marcação do acento.

¹⁴³ A noção de extrametricalidade adotada está de acordo com Hayes (1995, p.57):

Extrametricality as a notion of metrical theory was put forth by Liberman and Prince 1977, and the idea of general rules of extrametricality was proposed in Hayes 1979. [...] An extrametricality rule designates a particular prosodic constituent as invisible for purposes of rule application: the

Destaca-se, ainda, que, em consonância com Braga (2017) e Eberhard (2009), os casos das sílabas postônicas com /i/ em posição final de palavra são, provavelmente, oriundos da gramaticalização de possíveis afixos junto à raiz. Nessa perspectiva, acredita-se que, devido ao fato de essas morfemas ainda carregarem alguma informação semântica, eles não foram elididos, permanecendo na estrutura da palavra. No contexto dos dados sincrônicos aqui analisados, já não é possível discernir os significados subjacentes a esses morfemas, sendo eles considerados, então, parte da raiz nominal ou verbal. Salienta-se, ainda, que essas sílabas finais cujo núcleo é a vogal /i/ nunca são apagadas em contextos de fala, o que corrobora a sua interpretação como sendo parte da forma de base.

Em Nambikwara do Campo, a vogal /i/ postônica final pode juntar-se a /k/, /l/ e /t/, formando as sílabas /ki/, /li/ e /ti/, respectivamente. Dentre essas, /ki/ é a mais frequente, nunca sendo acentuada quando em posição final de raiz com mais de uma sílaba. Quanto ao /li/ e ao /ti/, embora sejam raras, há vezes em que a sílaba pode receber o acento, não configurando, nesses casos, sílabas extramétricas. A ocorrência de qualquer uma dessas sílabas é imprevisível e independe do contexto morfofonológico adjacente.

Chama-se atenção para o fato de que, nessa subseção, os casos que configuram extrametricalidade e, portanto, exceção à regra do acento descrita previamente são aqueles em que as sílabas /ki/, /li/ e /ti/ fazem parte da raiz, não sendo, então, morfemas gramaticais. Em Nambikwara do Campo, há o morfema classificador {-ki}, referente a “redondo”, o morfema classificador ou nominalizador {-te}, de “pessoa ou coisa não especificada”, e o morfema {-li}, cujo sentido e classificação gramatical não conseguimos mapear devido ao seu avançado estado de gramaticalização na língua. Todos esses afixos serão abordados no item 4.1.4 *O acento em morfemas gramaticais* dessa seção.

Exemplos que contemplam os casos de extrametricalidade seguem abaixo:

Exemplos com /li/

- (812) [ĩĩĩ:linara]
- | | | |
|---|---|---------|
| | x | Nível 2 |
| x | x | Nível 1 |
- [ĩ-_{RV}[ĩĩli]- Ø]- na]- ra]
- INSTR-apagar-3SG-PRC-PF
- “ele apagou”

rules analyze the form as if the extrametrical entity were not there.

- ### Exemplos com /ti/

- (815) [ĩ'ha:tinara]
- | | | | |
|---|---|---|---------|
| | x | | Nível 2 |
| x | | x | Nível 1 |
- [ĩ-_{RV}[hati]- Ø]- na]- ra]
- INSTR-encontrar-3SG-PRC-PF
- “ele encontrou”

- (816) [nẽ'hē:dika₁losu]
 x Nível 2
 x x Nível 1
 RV[nẽḡhēti]- kalo)- su]
 parede-CL.chato-S.NOM
 “paredes”

(817) [ʔ̃ːkinaɾa]
 x Nível 2
 x Nível 1
 RV[ẽki]- Ø]- na]- ra]
 esquentar-3SG-PRES-PF
 “ele esquenta”

- (818) [sa'nĩ:kɪnara]
 x Nível 2
 x Nível 1
 [sa-_{RV}[nĩki]- Ø]- na]- ra]
 INSTR-enterrar-3SG-PRC-PF
 “ele enterrou”
- (819) [ka'na:ki]
 x Nível 2
 x Nível 1
_{RN}[kanaki]
 um
 “um (numeral)”
- (820) [wa'tu:kisu]
 x Nível 2
 x Nível 1
_{RN}[uatuki]- su]
 relâmpago-S.NOM
 “relâmpago”

Como mencionado acima, nem todas as sílabas finais de raízes nominais com vogal /i/ nuclear são átonas. Em alguns casos, é possível encontrar exemplos de raízes compostas por sílabas leves com /i/ final tônico, obedecendo-se, então, a regra de marcação do acento em morfemas lexicais da língua. Acredita-se que, nesses casos, as sílabas finais cujo núcleo é o /i/ sejam, realmente, pertencentes à raiz da palavra, e não um morfema já lexicalizado, como no caso das palavras acima. Alguns exemplos de tais contexto são:

- (821) [a^{hi}hinara]
 x
 x Nível 1
 RV[ahi]-Ø]-na]-ra]
 cair-3SG-PRC-PF
 “ele caiu”
- (822) [ũhjo^{hi}hinara]
 x Nível 2
 x Nível 1
 [ũh- RV[iohi]- Ø]- na]- ra]
 INSTR-trocar-3SG-PRC-PF
 “ele trocou”

(823) [ha'timara]

x

Nível 2

x

Nível 1

_{RV}[hati]- Ø]- na]- ra]

ser liso-3SG-PRES-PF

“é liso”

(824) [ta'litisu]

x

Nível 2

x

Nível 1

_{RN}[tali]- te]- su]

trovão-CL.não espec.-S.NOM

“trovão”

4.1.4 O acento em morfemas gramaticais

O acento em afixos, como supramencionado, é em grande parte lexical e, portanto, imprevisível, diferentemente do que ocorre nas raízes, podendo ser parcialmente previsível quando apresentam sílaba pesada. No domínio da palavra, os morfemas gramaticais tônicos sempre apresentam acento secundário, uma vez que o acento primário está na base. Em Nambikwara do Campo, afixos com sílabas leves podem carregar acento lexical e grande parte dos afixos com sílabas pesadas que ocorre junto à raiz é acentuada, mas também há, em menor quantidade, morfemas gramaticais com sílaba pesada átonos. Isso implica dizer que a sensibilidade ao peso silábico prevista na base também está presente, em certa medida, nos afixos no que concerne à atribuição do acento¹⁴⁴. Nesse sentido, o que se observou é que, no domínio da palavra nominal, morfemas classificadores são sempre acentuados quando apresentam sílaba pesada e, no nível da palavra verbal, tanto afixos derivacionais (mais frequentemente) quanto flexionais (menos frequentemente) podem ser acentuados quando possuem sílaba pesada, mas essa não é uma regra obrigatória.

Os morfemas gramaticais podem vir antes (prefixos) ou depois (sufixos) da raiz e em ambas as posições eles podem ser átonos ou tônicos. Morfemas que ocorrem mais perto da raiz podem ser acentuados ou não lexicalmente, ao passo que aqueles que ocorrem na palavra em uma posição mais periférica, isto é, mais distante da forma de base, nunca são acentuados, a exemplo dos morfemas de tempo, evidência e aspecto. Portanto, é no âmbito da raiz e de suas imediações que o acento, previsível ou lexical, opera no domínio da palavra¹⁴⁵.

¹⁴⁴ Eberhard (2009) também aponta a sensibilidade ao peso silábico ao tratar do acento em morfemas gramaticais em Mamaindê. O autor afirma que morfemas com sílaba pesada são sistematicamente acentuados na língua quando ocorrem próximo à raiz.

¹⁴⁵ Em Mamaindê e em Negarotê, conforme descrito por Eberhard (2009) e Braga (2017), respectivamente, os morfemas que possuem acento lexical também ocorrem próximo à raiz. Em Latundê, Telles (2002) menciona que tanto raízes quanto morfemas gramaticais podem receber acento lexical, mas, com relação aos últimos, isso não parece estar atrelado à posição na qual ocorrem na palavra.

Considerando-se que o Nambikwara do Campo, assim como as outras línguas da família Nambikwara já estudadas, é polissintética, ela apresenta uma grande riqueza no que diz respeito à morfologia e à morfofonologia, podendo a palavra ser formada por vários afixos¹⁴⁶. Adiante, está apresentada uma lista com alguns afixos da língua, sua classificação gramatical, sua tradução para o português, suas possibilidades de produção fonética e exemplos de sua realização. Ressalta-se que essa lista não é exaustiva, mas cumpre o papel aqui proposto de apresentar uma catalogação de alguns dos morfemas mais produtivos na língua tendo em vista a evidenciação do funcionamento do acento lexical em afixos.

As estruturas das palavras nominal e verbal do Nambikwara do Campo são apresentadas abaixo e são baseadas na proposta de Kroeker, M. (2001). Maiores informações e detalhes sobre a morfologia e a morfossintaxe podem ser encontrados na seção *e) Esquema da morfologia do nome e do verbo do Nambikwara do Campo* (adaptado de Kroeker, M. (2001)), na Introdução desse trabalho.

¹⁴⁶ As raízes verbais e nominais nunca formam palavra sozinhas, sendo necessário acrescentar, pelo menos, um morfema gramatical em sua estrutura. Para os nomes, acrescenta-se à base um sufixo nominal, que pode ser {-a}, quando em contexto de uso, ou {-su}, quando em contexto isolado. Quanto aos verbos, é necessário acrescentar ou a morfologia verbal de sufixo pessoal de sujeito, tempo/evidência/pessoa e aspecto/pessoa, ou o sufixo verbal final {-sa} que acompanha verbos em contexto isolado.

Quadro 65 – Legenda de cores

Legenda de cores:	
	Afixos derivacionais
	Raiz nominal e verbal
	Afixos flexionais
	Posição na palavra

- Representação do nome¹⁴⁷:

Quadro 66 – Representação do nome em Nambikwara do Campo

+/- POS/INAL	+ RN	+/- CL	+/- GR	+/- EN	+/- MT	+/- DEM	+/- NOMZ	+/- S.NOM
1	2	3	4	5	6	7	8	9

- Representação do verbo¹⁴⁸:

Quadro 67 – Representação do verbo em Nambikwara do Campo

+/- INSTR	+ RV	+/- S.VER	+/- ME	+/- BN	+/- ADV1	+/- O.PES	+/- ADV2	+/- S.PES	+/- NEG	+/- AUX	+/- T/P/E	+/- ASP	+/- CLT.F
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14

¹⁴⁷ Em que POS/INAL = possessivo e morfema de inalienabilidade, RN = raiz nominal, CL = classificador, GR = morfema de grupo, EN = enfático, MT = morfema de moldura temporal, DEM = demonstrativo, NOMZ = sufixo nominalizador e S.NOM = sufixo nominal. A moldura temporal (MT), o demonstrativo (DEM) e o sufixo nominal (S.NOM) são mutuamente excluídos.

¹⁴⁸ Em que INSTR = prefixo instrumental, RV = raiz verbal, S.VER = sufixo verbal, ME = sufixo de mudança de estado, BN = benefactivo, ADV1 = sufixo adverbial 1, O.PES = sufixo pessoal objetivo, ADV2 = sufixo adverbial 2, S.PES = sufixo pessoal subjetivo, NEG = sufixo negativo, AUX = sufixo verbal auxiliar, T/P/E = sufixo de tempo verbal/pessoa/evidência, ASP = sufixo de aspecto verbal/gênero e CLT.F = clítico final (discurso direto, interrogativo, fala descontinua, etc.).

Os afixos presentes na língua podem ser monossílabos ou dissílabos, tônicos ou átonos. Os morfemas dissílabos com sílaba tônica, embora tenham o acento atribuído lexicalmente, fazem a sua marcação em sua estrutura seguindo as mesmas regras usadas para a raiz. A seguir, há dois quadros com informações sobre morfemas gramaticais da língua, um contendo os monossilábicos e o outro os dissilábicos. Em cada quadro, os afixos estão sistematizados de acordo com o peso silábico (com sílabas leves e/ou pesadas) e a tonicidade (com sílaba tônica ou átona). Nos exemplos, aparece destacado em negrito o morfema gramatical em questão.

Quadro 68 – Comportamento do acento lexical em morfemas gramaticais monossilábicos

Alguns morfemas gramaticais monossilábicos	
1. Morfemas átonos com sílaba leve	
{a-}	• <i>Possessivo de 3ª pessoa do singular ou morfema de inalienabilidade. Dele(a);</i> • Realizações: [a] ~ [ã]; • Prefixo que ocorre imediatamente antes da raiz. [a'wĩ:na] a- ãĩn- a 3SG-pai-S.NOM “pai dele” [a'su:su] a- su- su INAL-osso-S.NOM “osso (dele(a))”
{-li}	• ?. Não foi possível mapear o significado nem a classificação gramatical desse morfema nos dados analisados, o qual está se gramaticalizando na língua. • Realizações: [li] ~ [ri]; • Sufixo que ocorre imediatamente após a raiz¹⁴⁹. [ka'jã:lẽn'su] ~ [kã'jã:lẽn'su] kaĩã- li- ãn- su areia úmida-?-CL.oco-S.NOM “praia (areia molhada)” [waja'ja:lisu] uaia.(ua)ia- li- su REDUPL.cascavel-?-S.NOM “cascavel”
{-ki}	• <i>Morfema classificador. Redondo;</i> • Realização: [ki]; • Sufixo que geralmente ocorre junto à raiz. Pode funcionar como raiz lexical na palavra “semente”, passando, então, a ser acentuado.

¹⁴⁹ Belo (conversa pessoal, ago. de 2019) interpreta o /-li/ também presente na língua Hahãintesu (Nambikwara do Sul) como sendo um morfema neutro, o qual não especifica gênero (masculino ou feminino) para o item lexical a que se relaciona. Em Nambikwara do Campo, o gênero neutro em palavras nominais é não-marcado.

{-a}	• <i>Sufixo nominal</i>. Geralmente demarca o nome e ocorre em contexto de uso ou em relações genitivas e de composição¹⁵¹; • Realizações: [a] ~ [ã]; • Sufixo que ocorre junto à raiz, podendo vir precedido por esta ou por morfema classificador. Pode ocorrer em meio (quando em palavras compostas ou em relações genitivas) ou em fim de palavra, demarcando a palavra nominal. [a'lu:ã] alũ- a anta-S.NOM “anta” ['tu:ha] tuh- a mel-S.NOM “mel”
{ã-}	• <i>Morfema instrumental de agente não especificado que atua sobre si mesmo</i> (KROEKER, M. 2001); • Realização: [ã]; • Prefixo que ocorre imediatamente antes da raiz verbal. [ã'p'o:lisa] ã- ioli- sa INSTR-cortar-S.VER “cortar-se (sem querer)”
{-na}	• <i>Sufixo de tempo verbal (presente/passado recente) e pessoa (sujeito)</i>¹⁵². • Realizações: [na] ~ [a]; • Sufixo verbal que ocorre distante da raiz, em final de palavra verbal ou frase/enunciado, normalmente seguido por morfema aspectual.

¹⁵¹ Kroeker, M. (2001) considera esse sufixo como sendo “artigo definido”. Aqui, este morfema é interpretado como um sufixo nominal que ocorre em final de palavra ou em final de raiz em relações genitivas e de composição, ocorrendo normalmente em contexto de uso, mas podendo ocorrer, também, em palavras isoladas (contexto em que é mais frequente o morfema nominal final {-su}).

¹⁵² Kroeker, M. (2001) interpreta esse afixo como sendo um sufixo de tempo verbal e evidência com orientação individual e verificação de observação no presente/passado recente. Nos dados analisados, não foi possível confirmar o caráter evidencial desse morfema, porém foi comprovada sua função temporal e de marcação de pessoa/sujeito nos casos de construções em 1ª e 3ª pessoas do singular, como pode ser visto na seção 4.2 *O tom* do presente trabalho. Ressalta-se que, embora não se tenha confirmado aqui que este morfema carrega informações relativas à evidencialidade, não se descarta essa possibilidade, sendo necessário estudos mais aprofundados desses contextos para melhor compreender essa questão.

{-ua}	• <i>Sufixo verbal de aspecto imperfectivo referindo-se a interlocutor do sexo masculino;</i> • Realização: [wa]; • Sufixo verbal que ocorre distante da raiz, em final de palavra verbal ou frase/enunciado. [^hhe:sa^hnawa] heh- san- a- ua estar com fome-O.1SG-PRES-IMPF “estou com fome” [^htʃahla # ^hda^hwĩ:najrawa] te- iahlo- a ʔta- ãĩn- a- aira- ua DEM-CL.masc-S.NOM POS.1SG-pai-S.NOM-EQUAT-IMPF “ele é meu pai”
{-ra}	• <i>Sufixo verbal de aspecto perfectivo referindo-se a interlocutor do sexo masculino;</i> • Realização: [ra]; • Sufixo verbal que ocorre distante da raiz, em final de palavra verbal ou frase/enunciado. [^htʃahla # ^hhehnra] te- iahlo- a heh- Ø- na- ra DEM-CL.masc-S.NOM estar com fome-3SG-PRES-PF “ele está com fome” [^hha^dnnra] han- Ø- na- ra ser claro-3SG-PRES-PF “é claro”
{-na}	• <i>Sufixo verbal de aspecto perfectivo referindo-se a interlocutor do sexo feminino;</i> • Realização: [na]; • Sufixo verbal que ocorre distante da raiz, em final de palavra verbal ou frase/enunciado. [^hĩ^hnã:nana] ĩ- nãñ- Ø- na- na INSTR-beber-3SG-PRES-PF.FEM “ele está bebendo” (falando para mulher)

2. Morfema átono com sílaba pesada	
{-san}	• <i>Sufixo verbal argumental (argumento interno) de 1ª pessoa do singular (objeto);</i> • Realizações: [sa] ~ [sa^h]; • Sufixo verbal que ocorre próximo à raiz, em meio de palavra. [^hhehsanawa] heh- san- na- ua estar com fome-O.1SG-PRES-IMPF “estou com fome”
{-ait}	• <i>Morfema adverbial de passado. Ontem (ou anterior);</i> • Realização: [ajt], [et], [et]; • Sufixo que ocorre junto à raiz ou subsequente a outro morfema. [ka'nati # ^hhĩ:naitã] ~ [ka'nati # ^hhĩ:netã] ~ [ka'nati # ^hhĩ:netã] kaʔna- ti hĩn- ait- a noite-NOMZ ADV.tempo-ADV.P-S.NOM “ontem à noite” [a'la:di # ^hhĩ:naitã] ~ [a'la:di # ^hhĩ:netã] ala- ti hĩn- ait- a cedo-NOMZ ADV.tempo-ADV.P-S.NOM “ontem de manhã”
3. Morfemas tônicos com sílaba leve	
{ ^h ta-}	• <i>Possessivo de 1ª pessoa do singular. Meu, minha;</i> • Realizações: [^hdã] ~ [^hdã] ~ [^hdã]; • Prefixo que ocorre imediatamente antes da raiz. [^hdã^hhu:ka # ^hkãĩ:nara] ^hta- hu^hki- a kãĩn- Ø- na- ra POS.1SG-arco-S.NOM ser grande-3SG-PRES-PF “meu arco é grande” [^hdã^hhi:ka] ^hta- hiki- a POS.1SG-mão-S.NOM “minha mão”
{ ^h wa-}	• <i>Possessivo de 2ª pessoa do singular. Teu, tua;</i> • Realizações: [^hwa] ~ [^hwã]; • Prefixo que ocorre imediatamente antes da raiz.

	[₁wa^hhika] ua- hiki- a POS.2SG-mão-S.NOM “tua mão”	[₁wa^hjɔa] ua- iɔ- a POS.2SG-boca-S.NOM “tua boca”
{- ^h ta}	• <i>Morfema de intensidade</i>. Grande; • Realizações: [^hta] ~ [^hta^h]; • Sufixo nominal que ocorre imediatamente após a raiz. [^hwahkala₁ta^hsu] uahka-li- a- ta- su jacaré-?-S.NOM-INTENS.grande-S.NOM “jacaré-de-papo-amarelo (lit.: jacaré grande)” [^hho:sa₁ta^hsu] hos- a- ta- su macaco-S.NOM-INTENS.grande-S.NOM “macaco-aranha (lit.: macaco grande)”	
{- ^h ti}	• <i>Morfema adverbializador</i>; • Realizações: [^hdi] ~ [^hdɪ] ~ [^hti] ~ [^hti]; • Sufixo que ocorre próximo à raiz. [^hkĩn₁dɔnawa] ~ [^hkĩn₁dɔnawa] kĩn- ^hti- a- Ø- na- ua alto-ADVZ-S.NOM-3SG-PRES-PF “(ele) está em cima” [wa^hsu:₁^hti # ^hsi:ha # ₁wa^h?^hɔ:natoa] uas- ^hti si- a ua- ^hton- a- rápido-ADVZ casa-S.NOM INSTR.mão-construir-1SG- tu- ua FUT-IMPF “vou construir rapidamente uma casa”	
{ ^h i-}	• <i>Morfema instrumental de agente não especificado que atua num contínuo</i> (KROEKER, M., 2001); • Realização: [^hi]; • Prefixo que ocorre imediatamente antes da raiz. Pode funcionar como verbalizador quando afixado junto à raiz nominal.	

	[ɿ̃taw₁terawa] ĩ- tau- tel- a- ua INSTR-cortar-IMIN-PRES/1SG-IMPF “eu vou cortar (com machado, faca, enxada)” [ɿ̃uhnara] ĩ- uh- Ø- na- ra INSTR-furar, cavar-3SG-PRC-PF “ele furou, cavou”
4. Morfemas tônicos com sílaba pesada	
{-ĩ ₁ au}	• <i>Morfema classificador</i>. Líquido, fluido; • Realizações: [j̃aw] ~ [tʃ̃aw] ~ [dʒ̃aw] ~ [ɲ̃aw]; • Sufixo nominal que ocorre subsequente à raiz. [a^{tĩh}j̃aw₁su] a- tih- ĩau- su INAL-sangue-CL.líquido-S.NOM “sangue” [wa^{lĩd}ɲ̃aw₁su] ~ [wa^{lĩĩ}ɲ̃aw₁su] ualin- ĩau- su mandioca-CL.líquido-S.NOM “mingau, chicha de mandioca” [¹e:ki₁tʃ̃aw₁su] eki- ĩau- su falar com-CL.líquido, fluido-S.NOM “língua, falante”
{-ka ² t}	• <i>Morfema classificador</i>. Comprido, cilíndrico; • Realizações: [k̃at] ~ [ka²t] ~ [k̃ad]; • Sufixo nominal que ocorre subsequente à raiz. [¹hisa₁k̃adaka₁losu] hisa- ka²t- a- kalo- su tronco-CL.comprido-S.NOM-CL.que envolve-S.NOM “casca do tronco” [a¹j̃e:ta₁ka²tsu] a- j̃et- a- ka²t- su INAL-pescoço-S.NOM-CL.comprido-S.NOM “pescoço”

{- ^h ẽh}	• <i>Morfema classificador</i>. Reto, semelhante a corda, fio; • Realização: [^hẽh]; • Sufixo nominal que ocorre subsequente à raiz. [^hhu;₁k^{ẽh}ha # kũ'sa:nara] huki- ẽh- a kũsa- Ø- na- ra cipó-CL.corda-S.NOM pendurar-3SG-PRES-PF “o cipó está pendurado” [a^hlo;₁w^{ẽh}nũsu] ~ [a^hlo;₁ẽ^hnusu] alo- ẽh- nũ- su tucumã-CL.corda-?-INDEF “corda, fibra de tucumã”
{- ^h ẽn}	• <i>Morfema classificador</i>. Com buraco, oco; • Realização: [^hẽn]; • Sufixo nominal que ocorre subsequente à raiz. [kwa'lajja # ha'ti;₁ẽna # wi'sa:nara] kualai- a hati- ẽn- a uisa- Ø- na- ra aranha-S.NOM cesta-CL.oco-S.NOM dentro-3SG-PRES-PF “a aranha está dentro da cesta” [wa'ta;₁lẽn'su] uata- li- ẽn- su balde, recipiente-?-CL.oco-S.NOM “balde”
{- ^h nãn}	• <i>Morfema classificador</i>. Folha; • Realização: [^hnãn]; • Sufixo nominal que ocorre subsequente à raiz. [^hhi;₁?nãn'su] hi- ?nãn- su árvore-folha-S.NOM “folha da árvore”
{- ^h tĩn}	• <i>Morfema classificador</i>. Aldeia, casa (KROEKER, M., 2003); • Realizações: [^ht^hĩn] ~ [^htĩn] ~ [^htĩn]; • Sufixo nominal que ocorre subsequente à raiz ou morfema gramatical.

	[<Jo'ão> ,ahla # ha'se:a,la # 'tê:sa # <Vilhena> tʃĩna # 'ajnara] João- ahla a- se- k̄ala tẽ- sa Vilhena- João-PT.masc POS.3SG-esposa-PT.fem pegar-1SG Vilhena- tĩn- a ai-Ø- na- ra CL.aldeia- S.NOM ir-3SG-PRC-PF “joão e sua esposa foram a Vilhena” Exemplo com empréstimo do Português: [si'da:da, tʃĩn^dzu] cidade- a- tĩn- su cidade-S.NOM-CL.aldeia-S.NOM “cidade”
{-i'en}	<i>Morfema classificador</i>. Casa, aldeia; - Realizações: [ˈjen] ~ [ˈje^dn] ~ [ˈtʃen]; - Sufixo nominal que ocorre subsequente à raiz. [ˈsi; tʃena] sih- ien- a casa-CL.casa, aldeia-S.NOM “casa”
{-kai?}	<i>Morfema enfático afirmativo</i>. Verdadeiramente, realmente; - Realização: [ˈkʰaj?]; - Sufixo que ocorre junto à raiz. [ɖa'hu:ʔki, kʰaj?a # 'te:ajrinara] ~ [ɖa'hu:ʔki, kʰaj?a # 'te?ajranara] ʔta- huʔki-kai?- a te- aila- Ø- na- ra POS.1SG-arco-ENF-S.NOM DEM.ele-EQUAT-3SG-PRES-PF “meu verdadeiro arco é este” [ɖa'wajʔari, kʰaj?ajrawa] ʔta- uaia- li-kai?- aila- Ø- ua POS.1SG-cachorro-?-ENF-EQUAT-3SG-IMPF “é mesmo meu cachorro”
{-ten}	<i>Morfema verbal desiderativo</i>. Querir, desejar; - Realizações: [ˈte^dn] ~ [ˈde^dn]; - Sufixo que geralmente ocorre junto à raiz. Pode funcionar como raiz verbal quando ocorre sem outro verbo adjacente.

	[wa'ko^dn₁de^dnsa^hnawa] uakon- ten- san- na- ua trabalhar-DESID-O.1SG-PRES-IMPF “quero trabalhar” [tʃahla # 'hu;ʔkẽ:na # 'te^dnnara] te- iahlo- a huʔki- ãn- a ten- Ø- DEM-CL.masc-S.NOM arco-CL.buraco-S.NOM DESID-3SG- na- ra PRES-PF “ele quer uma espingarda”
{-'tel}	• <i>Morfema de ação iminente;</i> • Realização: ['ter]; • Sufixo que ocorre próximo à raiz verbal. [ĩ'taw₁terawa] ĩ- tau- tel- a- ua INSTR-cortar-IMIN-PRES/1SG-IMPF “eu vou cortar (com machado, faca, enxada)” [ũ'hu;₁terawa] ũh- u- tel- a- ua INSTR-cortar, despedaçar-IMIN-PRES/1SG-IMPF “vou cortar, despedaçar a carne”
{'ũh-}	• <i>Morfema de instrumento como agente que atua sobre um alvo (KROEKER, M., 2001);</i> • Realizações: ['ũh] ~ ['ũ:]; • Prefixo que ocorre imediatamente antes da raiz verbal. [ũ'ha:towa] ũh- a- Ø- tu- ua INSTR-cavar-3SG-FUT-IMPF “ele vai cavar (um buraco)” [ũ^hhi'jo:linara] ũh- hi- ioli- Ø- na- ra INSTR-IN.dedo-cortar-3SG-PRC-PF “cortei o dedo”

{u'a-}	• <i>Morfema instrumental de mão humana como agente que atua sobre alvo (KROEKER, M., 2001);</i> • Realizações: [ʼwa̩] ~ [ʼwa̩:] ~ [ʼwa]; • Prefixo que ocorre imediatamente antes da raiz verbal. [₁waʼwa̩^dnnara] ~ [₁waʼwa̩^dnnara] u̩a- u̩a̩n- Ø- na- ra INSTR.mão-coçar-3SG-PRES-PF “ele coça (com a mão)” [wa'su:ʔti # 'si:ha # waʔ'do:matua] uasu- ʔti sih- a- u̩a- ʔton- a- rápido-ADVZ casa-S.NOM INSTR.mão-construir-1SG- tu- ua FUT-IMPF “vou construir rapidamente uma casa”
{-ʼain}	• <i>Morfema de argumento interno do verbo (objeto) de 3ª pessoa do plural (KROEKER, M., 2001);</i> • Realizações: [ʼai^{dn}] ~ [ʼain]; • Sufixo que pode ocorrer imediatamente após a raiz verbal ou após morfema gramatical. [ũhi'jo: laj^dnnara] ũh- hi- ioli- ain- Ø- na- ra INSTR-IN.dedo-cortar-O.3PL-3SG-PRC-PF “ele cortou o dedo deles”

Quadro 69 – Comportamento do acento lexical em morfemas gramaticais dissilábicos

Alguns morfemas gramaticais dissilábicos	
1. Morfemas com apenas sílabas leves	
<i>A sílaba mais à direita recebe o acento, à exceção de sílabas terminadas em /i/.</i>	
{ [?] ta ¹ u <u>a</u> -}	• Possessivo de 1ª pessoa do plural (dual 1SG+2SG). Nosso, nossa; • Realizações: [d<u>a</u>¹u<u>a</u>] ~ [d<u>a</u>¹u<u>a</u>]; • Prefixo que ocorre imediatamente antes da raiz.
[<u>d<u>a</u></u> <u>w</u> ¹ hi:ka]	[<u>d<u>a</u></u> <u>w</u> ¹ aki,nãʔa]
[?] ta <u>u</u> a- hiki- a	[?] ta <u>u</u> a- ki- nãũʔ-a
POS.1PL-mão-S.NOM	POS.1PL-1PL-grupo-S.NOM
“nossa mão”	“nós (dois)”

	[<Jo'ão> ,ahla # <Ma'ria> ka,la # 'so;tera] João- ahla Maria- kala son- tel- Ø- a João-PT.masc Maria-PT.fem casar-se-IMIN-3SG-PRES “João vai casar com Maria”
{-ka'lo}	• <i>Morfema classificador</i>. (1) achatado, chato, plano; (2) que cobre ou envolve algo; • Realizações: [ka'lo] ~ [ka'lo^h]; • Sufixo nominal que ocorre próximo à raiz. Pode ocorrer como raiz lexical em palavra significando “casca, pele”. ['wã:laka,loa] ũã- li- a- kalo- a roupa, couro, pele-?-S.NOM-CL.que envolve-S.NOM “roupa, couro, pele” [ã'hi:ka,lo^hki^hsu] a- hi- kalo- ki- su INAL-mão-CL.que envolve-CL.redondo-S.NOM “punho” [so'ja?ga,lo^hsu] sauian- kalo- su peneira-CL.chato-S.NOM “peneira” • Exemplo de empréstimo do Português: [ka'no:ka,loa] kano- kalo- a canoa-CL.chato-S.NOM “canoa”¹⁵⁴ • Ocorrência de /ka'lo/ como raiz lexical: [aka'lo:a] a- kalo- a INAL-casca, pele-S.NOM “casca, pele”

¹⁵⁴ O fato de a palavra “canoa” em Nambikwara do Campo ser proveniente de um empréstimo lexical do português justifica-se pela distância geográfica dos índios do cerrado dos rios da região.

2. Morfemas com primeira sílaba pesada A sílaba pesada recebe o acento.	
{- ^l tĩhno}	• <i>Morfema classificador</i>. (1) caminho, vereda, trilha; (2) corda, cordão, cipó; • Realizações: [^ltĩhno] ~ [^ltĩhnu] ~ [^ltĩhnũ]; • Sufixo gramatical que ocorre próximo à raiz nominal (após a raiz ou após outro morfema gramatical). Pode ocorrer como raiz lexical na palavra “caminho”. [hu^lkēha^ltĩhna] huki- ěh- a- tĩhno- a cipó-CL.corda-S.NOM-CL.cordão-S.NOM “cipó” • Ocorrência de /tĩhno/ como raiz lexical: [^ltĩhnusu] [^ltĩhna] tĩhno- su tĩhno- a caminho-S.NOM caminho-S.NOM “caminho” “caminho”
{- ^l nãũ?}	• <i>Morfema de grupo (pluralizador)</i>. Grupo, nós, todos; • Realizações: [^lnã?] • Sufixo que ocorre próximo à raiz. [da^lwaki^lnã?a] [?]taũ- ki- nã?- a POS.1PL-1PL-grupo-S.NOM “nós (dois)”
{- ^l ahlo}	• <i>Classificador de pessoa do sexo masculino</i>. Ele; • Realizações: [^ljahlo] ~ [^ltʃ^hahlo] ~ [^ldʒ^hahlo] ~ [^lɲ^hahlo]; • Sufixo classificador que, entre outros contextos, ocorre junto ao morfema demonstrativo {te-}, formando com este o pronome livre “ele”, ou junto a raízes lexicais. Pode aparecer junto a raízes referentes a seres não-humanos, contextos nos quais ocorre uma antropomorfização de um animal, geralmente devido ao seu papel no imaginário e na história da comunidade¹⁵⁵. Esse morfema também se realiza como raiz lexical significando “velho, idoso”.

¹⁵⁵ Esse aspecto também é observado por Belo (comunicação pessoal, ago. 2019) para o povo Hahäntesu (Nambikwara do Sul).

	[^htʃ^hahla] ~ [^htʃ^hahla] te- iahlo- a DEM-CL.masc-S.NOM “ele” [ha'lo^dɾ^hahla] ~ [a'lo^dɾ^hahla] a- lon- iahlo- a POS.3SG-irmão-CL.masc-S.NOM “irmão dele” [^htʃ^hahla # ha'nẽ:a # ,so:sa^hni:nara] te- iahlo- a hanç- a sosa- ani- Ø- na- ra DEM-CL.masc-S.NOM lenha-S.NOM pegar-jogar-3SG-PRC-PF “ele jogou lenha no fogo” [wa^hni^hɾ^hahlosu] wa^hni^h- iahlo- su pajé-CL.masc-S.NOM “pajé” [ɾ^hũ,ɾ^hũki^hka^dɾ^hahlosu] iu.ũ- ki- kan- iahlo- su REDUPL.minhoca-CL.redondo-ser duro-CL.masc-S.NOM “minhoca dura, embuá” Ocorrência de /iahlo/ em raiz lexical: [^hjahla] iahlo- a velho, idoso-S.NOM “velho, idoso”
{-ahla}	<i>Pronome de tratamento masculino. Ele;</i> - Realização: [^hahla]; - Sufixo que ocorre junto a nome próprio de pessoa. [<João> ,ahla # ,kaʔ^hjuha # ũ^hhũ:^hnatuwa] João- ahla kaʔ^hiuh- a ũhũ- ^hna- Ø- tu- ua João- PT.masc carne-S.NOM dar-O.2SG-3SG-FUT-IMPF “joão vai dar a carne a você”

4.1.5 O acento e o domínio da palavra fonológica

4.1.5.1 A hierarquia prosódica e a palavra fonológica

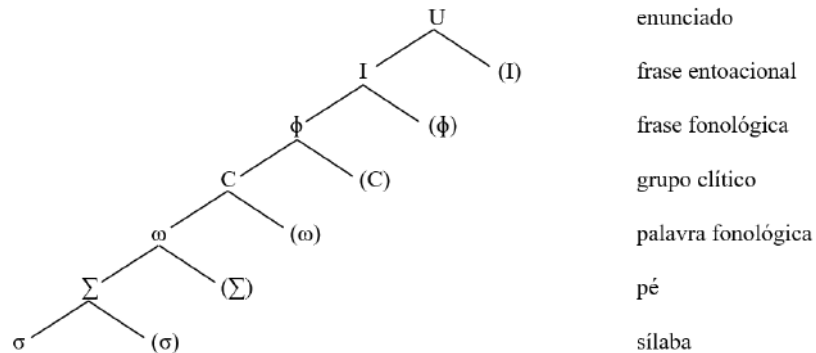
Ao abordar a Fonológica Prosódica, Nespor e Vogel (1986) tratam, preliminarmente, da interface entre a fonologia e outros componentes da gramática para, em seguida, abordar as motivações para os constituintes prosódicos. Segundo as autoras, constituintes correspondem a unidades linguísticas formadas por dois membros ou mais que estabelecem uma relação de dominância entre si, isto é, são unidades linguísticas complexas que apresentam uma relação de forte-fraco. É importante notar que, mesmo havendo uma relação de interface entre a fonologia e outros níveis da gramática, o constituinte fonológico, assim como os constituintes sintático e morfológico, apresenta seus próprios princípios e regras.

A priori, não há necessariamente isomorfia entre os constituintes prosódicos e os sintáticos e morfológicos, podendo eles coincidirem ou não. De acordo com Nespor e Vogel (1986), as diferenças basilares entre esses constituintes permeiam o fato de as regras sintáticas serem recursivas, ou seja, de o sistema sintático não ser finito, diferentemente do que ocorre com as regras que constroem a estrutura prosódica, as quais não são recursivas, já que o sistema fonológico é finito.

A hierarquia prosódica dos constituintes estrutura-se da seguinte maneira: enunciado (U), frase entoacional (I), frase fonológica¹⁵⁶ (Φ), grupo clítico (C), palavra fonológica (ω), pé (Σ) e sílaba (σ). Essa hierarquia¹⁵⁷ está devidamente representada no diagrama arbóreo que segue:

¹⁵⁶ Nespor (2010, p.384-5) expõe que o constituinte prosódico que mais tem espaço em suas pesquisas até hoje é a frase fonológica. Segundo a autora, esse nível da estrutura prosódica é importante para pesquisas em diferentes disciplinas concernentes à linguagem. A ideia de que a ordem das palavras é assinalada por “pistas” contidas na sequência de fala é de importância não apenas para a teoria da gramática, mas também para a percepção e a aquisição de línguas.

¹⁵⁷ A representação da hierarquia prosódica presente em Selkirk (1978) não apresentava o domínio do Grupo Clítico e, assim como na representação de Nespor e Vogel (1986), contava com apenas um nível para a frase fonológica. Segundo Selkirk (2003), trabalhos posteriores têm indicado que uma larga variedade de tipos de frases pode ser motivada. Publicações subsequentes da autora, assim como de outros pesquisadores, distinguem uma Frase (Fonológica) Principal (‘Major Phrase’) e uma Frase (Fonológica) Menor (‘Minor Phrase’), ou mesmo uma Frase Acentual e uma Frase Intermediária.

Figura 65 – Hierarquia e constituintes prosódicos (BISOL, 2001, p.230)

Segundo Nespor e Vogel (1986, p.7), as representações da fonologia prosódica consistem em um conjunto de unidades fonológicas organizadas de forma hierárquica, em contraste com a representação linear da fonologia gerativa tradicional. As unidades fonológicas, definidas na base de regras de mapeamento que incorporam informações de vários componentes da gramática, estão agrupadas, então, em estruturas hierárquicas (ou árvores), como pode ser verificado no diagrama arbóreo acima exposto. Tais estruturas, por sua vez, são organizadas de acordo com alguns princípios que estabelecem a geometria dessas árvores, a saber:

Principle 1. A given nonterminal unit of the prosodic hierarchy, X^p , is composed for one or more units of the immediately lower category, X^{p-1} ; Principle 2. A unit of a given level of the hierarchy is exhaustively contained in the superordinate unit of which it is a part (a restriction with the same effects as Principles 1 and 2 is formulated by Selkirk (1984b) under the name of the ‘Strict Layer Hypothesis’. The same name will be used here); Principle 3. The hierarchical structures of prosodic phonology are n-ary branching; Principle 4. The relative prominence relation defined for sister nodes is such that one node is assigned the value strong (s) and all the other nodes are assigned the value weak (w). (NESPOR E VOGEL, 1986, p.7)

Dado que a estrutura interna de cada constituinte prosódico é caracterizada pela mesma configuração geométrica, as regras que constroem as árvores das diferentes categorias prosódicas terão todas a mesma configuração. Tendo em vista os princípios acima expostos, o constituinte prosódico, de acordo com Nespor e Vogel

(1986, p.7), é formado pela regra que diz que, a um X^p n-área, acrescentam-se todos os X^{p-1} incluídos em uma cadeia delimitada pelo domínio de X^p .¹⁵⁸

Nessa perspectiva, conforme verificado na figura 65, a sílaba (σ) corresponde ao menor constituinte prosódico da hierarquia¹⁵⁹. Como todo constituinte, a sílaba tem uma cabeça (em Nambikwara do Campo, sempre uma vogal) e tem seus dominados, como visto no capítulo 3, e é ela, a sílaba, que configura a categoria de base da hierarquia prosódica.

Ainda de acordo com as autoras, o pé métrico (Σ) é o segundo constituinte prosódico da hierarquia e compreende a combinação de, no mínimo, duas sílabas, entre as quais ocorre uma relação de dominância. A palavra fonológica (ω), por sua vez, é o constituinte que domina imediatamente o pé na hierarquia prosódica¹⁶⁰. Ela guarda apenas um acento primário e, em seu domínio, tanto elementos fonológicos quanto morfológicos interagem. A palavra fonológica pode coincidir ou não com a palavra morfológica. Tendo em vista que as análises apresentadas nesse trabalho abrangem, em certa medida, o domínio da palavra fonológica, é para ela que as atenções estarão voltadas a seguir nesta subseção¹⁶¹.

De acordo com Vogel (2008), dada a substancial variação na estrutura da palavra gramatical através das línguas, é importante observar se a palavra fonológica exibe o mesmo grau de variação daquela ou se ela é ainda mais abstrata devido à natureza da hierarquia prosódica.

Segundo Haspelmath (2010), a definição de palavra morfológica pode pautar-se em critérios semânticos, ortográficos, fonológicos e morfossintáticos¹⁶². No entanto, tais critérios parecem não ser suficientes para conceituar, em um sentido mais universal, aquilo que, intuitivamente, é chamado de palavra nas línguas do mundo. Sendo assim, para o autor, a palavra pode ser definida como um conceito específico e, até certo ponto, variável de língua para língua.

De modo mais ou menos semelhante, Dixon e Aikhenvald (2002) afirmam que é difícil estabelecer critérios capazes de abranger o conceito de palavra fonológica em todas as línguas do mundo. Segundo os autores, a palavra fonológica é uma unidade maior do que a sílaba que leva em consideração características segmentais

¹⁵⁸ Aqui, X^p é um constituinte prosódico e X^{p-1} é o constituinte imediatamente inferior na hierarquia.

¹⁵⁹ Há teorias fonológicas que consideram a mora como sendo a menor unidade prosódica.

¹⁶⁰ Segundo Vogel (2008, p.209-10), em algumas análises, argumenta-se que há a necessidade de um constituinte fonológico adicional entre a sílaba/pé e a palavra fonológica. O *Prosodic Stem* é um constituinte que tem sido proposto para línguas Bantu, estando ele situado na hierarquia prosódica abaixo do nível da palavra fonológica.

¹⁶¹ Para mais informações a respeito dos domínios acima da palavra na hierarquia prosódica, ver Nespor e Vogel (1986).

¹⁶² No que se refere à morfossintaxe, os critérios apontados pelo autor somam um total de 10, quais sejam: pausas potenciais, livre ocorrência, mobilidade externa e fixação interna, ininterruptibilidade, não-seletividade, não-coordenabilidade (relacionada a bases e afixos), ilhas anafóricas (palavras seriam ilhas anafóricas porque formam expressões cujas partes não podem ser anaforicamente relacionadas a outras partes da sentença), não-extratividade (diz-se algumas vezes que partes de palavras não podem ser extraídas, então se algo pode ser extraído, sabe-se que isso não pode ser uma parte da palavra), idiosincrasias morfofonológicas e desvios de biunivocidade. (HASPELMATH, 2010)

(incluindo fenômenos de fronteira de palavras) e prosódicas (como a marcação de acento ou tom e a harmonia vocálica) e o domínio de aplicação de regras fonológicas. A palavra gramatical, por sua vez, consiste em um agrupamento de elementos gramaticais que sempre ocorrem juntos, numa ordem fixa, e que tem coerência e significado convencionalizados.

Nessa perspectiva, para Dixon e Aikhenvald (2002), os critérios fonológicos e morfológicos usados para definir a palavra devem ser, pelo menos inicialmente, observados em separado, uma vez que o critério fonológico define a palavra fonológica, que é uma unidade da hierarquia fonológica, ao passo que o critério gramatical define a palavra gramatical, que é uma unidade da hierarquia gramatical. Em algumas línguas, palavras fonológicas e gramaticais coincidem, sendo nesses contextos, então, que se tem uma unidade funcionando para as duas hierarquias mencionadas.

No que se refere à interface morfologia-fonologia, Vogel (2008) expõe que os constituintes fonológicos acima do nível do pé são construídos através de um mapeamento das estruturas morfológica e sintática para a estrutura de hierarquia prosódica. Sendo assim, em línguas isolantes, a palavra gramatical pode consistir em um único morfema, ao passo que em línguas polissintéticas, como é o caso do Nambikwara do Campo, a palavra gramatical corresponde frequentemente a uma sentença inteira se comparada a uma língua como o inglês, por exemplo. Isso ocorre porque línguas polissintéticas combinam um largo número de morfemas (lexicais ou gramaticais) em uma única palavra, e, embora palavras monomorfêmicas existam nessas línguas, a tendência é que as palavras gramaticais sejam relativamente longas.

Ainda de acordo com a autora, os tipos de morfemas que são candidatos à inclusão dentro da palavra fonológica são: raízes, afixos derivacionais, afixos flexionais, clíticos e palavras funcionais. A palavra fonológica é considerada o domínio de (a) regras fonológicas, incluindo atribuição de acento, (b) restrições fonotáticas e (c) restrições de “minimalismo”.

É interessante observar, ainda, que palavras gramaticais podem ser muito curtas em línguas isolantes e muito longas em línguas polissintéticas, mas isso não necessariamente é verificado para as palavras fonológicas. Assim, se por um lado palavras fonológicas pequenas são encontradas em vários tipos de línguas, por outro não se verificam palavras fonológicas extremamente longas nas línguas do mundo, nem mesmo em línguas polissintéticas (VOGEL, 2008).

Paralelamente a isso, a ideia de que a palavra fonológica coincide com a palavra gramatical nem sempre procede ao se observarem as línguas do mundo. Muitas vezes, estruturas relativamente complexas de palavras gramaticais não correspondem, necessariamente, a palavras fonológicas complexas. Ao invés disso, as palavras fonológicas nessas línguas geralmente seguem o mesmo caminho de línguas com estruturas menos complexas de palavras gramaticais. Como afirma Vogel (2008, p.214), esse é o resultado previsto pelos princípios gerais da fonologia prosódica ao se considerar que estruturas fonológicas são mapeadas das estruturas morfosintáticas, mas não são necessariamente isomórficas a elas. Desta forma, vários tipos de construções morfológicas e sintáticas produzem estruturas de constituinte fonológico relativamente simples.

4.1.5.2 O acento no domínio da palavra em Nambikwara do Campo

A palavra em Nambikwara do Campo pode ser constituída por apenas uma raiz ou por duas raízes. Em ambos casos, a atribuição do acento ocorre conforme já mencionado nesse capítulo: na raiz, acentua-se a sílaba pesada e, caso haja mais de uma sílaba ou nenhuma sílaba pesada, o acento recairá sobre aquela localizada mais à direita. Os morfemas gramaticais, por sua vez, têm acento imprevisível, podendo ser acentuados ou não na subjacência. A raiz sempre carrega o acento primário e os morfemas gramaticais, o secundário, se acentuados lexicalmente.

Um esclarecimento é necessário em se tratando da marcação do acento em palavras que possuem duas raízes, uma vez que uma mesma palavra não pode carregar dois acentos primários. Nesses casos, a raiz mais à direita será aquela que irá carregar o acento primário, ao passo que o morfema lexical mais à esquerda apresentará acento secundário. A marcação do acento nos afixos permanece a mesma.

Ressalta-se que, assim como ocorre com as raízes dissilábicas, em palavras compostas por mais de uma raiz por vezes é difícil discernir onde está localizada a maior proeminência acentual, principalmente em contexto de fala espontânea acelerada. Quando em fala mais lenta, a identificação do acento primário na palavra é facilitada, ficando sua localização mais evidente.

Um caso interessante que vale a pena ser mencionado diz respeito aos classificadores nominais¹⁶³. Esses morfemas são muito usados para formar novas palavras na língua e, por vezes, podem funcionar como raízes lexicais. Observe os exemplos abaixo que ilustram essas duas situações:

Quadro 70 – Morfema classificador operando como morfema gramatical e como raiz lexical

Morfema	Funcionando como afixo	Funcionando como raiz
{-ka'lo}	[¹ səhka.losu] səh- kalo- su deitar-CL.chato-S.NOM “esteira, cama, colchão”	[aka'losu] a- kalo- su INAL-casca, pele-S.NOM “casca, pele”
{-ki}	[jũ'jũkisu] ~ [ɲ'ũ'ɲ'ũkisu] iu.ũ- ki- su REDUPL.minhoca-CL.redondo-S.NOM “minhoca”	[a'kia] a- ki- a INAL-semente-S.NOM “semente”

¹⁶³ Com relação aos morfemas classificadores, pode-se afirmar que eles participam ativamente do processo de lexicogênese na língua, geralmente a partir da referência a formas ou configurações do item lexical ao qual se juntam para compor palavra. Além disso, eles podem operar como um nominalizador em raízes nominais e em construções formadas por sequências de raízes, aparecendo junto à segunda raiz e antes do sufixo nominal final, a exemplo de “unha (da mão)”, [a.hita'lāŋkisu], /ahitalāŋkisu/, que, em sua estrutura, apresenta a raiz da palavra “mão”, [a'hikisu], /ahikisu/ (SOTERO, 2019).

{- ¹ nũ}	[¹ kĩhnũ:su] ?kĩh- nũ- su areia, terra-CL.pó, grão-S.NOM “areia, terra”	[a ¹ nũ:su] a- nũ- su 3SG-pó-S.NOM “pó (de algo, dele)”
---------------------	--	---

Ao se observar o quadro acima, nota-se que, quando funcionando como morfema gramatical, os classificadores podem ser tônicos ou átonos, a depender se são acentuados lexicalmente ou não, e, quando tônicos, seu acento é sempre secundário no domínio da palavra. Por outro lado, quando esses morfemas funcionam como raízes lexicais, são sempre acentuados e é neles que estará a sílaba mais proeminente da palavra, ou seja, a sílaba que recebe o acento primário.

Palavras com mais de uma raiz podem apresentar 3 configurações, quais sejam: (1) composição (duas raízes se unem para dar origem a uma nova palavra), formada por estruturas do tipo raiz nominal + raiz nominal (N + N) ou raiz nominal + verbo adjetival¹⁶⁴ (N + V_{adjetival}), sem morfema gramatical interveniente; (2) verbos seriais, em que duas raízes verbais (V + V) ocorrem justapostas na palavra¹⁶⁵; e (3) incorporações nominais, em que uma sílaba de uma raiz nominal ocorre junto a uma raiz verbal (N + V), tendo seu sentido incorporado à estrutura verbal¹⁶⁶.

Essas estruturas, embora apresentem mais de uma raiz, compõem uma única palavra fonológica. Tal afirmação se sustenta ao serem observados os seguintes comportamentos: (1) não há morfema gramatical entre as raízes; (2) a raiz mais à esquerda pode terminar em sílaba leve ou pesada, e, no caso da segunda opção, se a rima for ramificada e, portanto, houver material segmental em coda, este pode ser realizado ou apagado na superfície, havendo alongamento opcional da vogal nuclear (se esta raiz compusesse uma palavra fonológica sozinha, o alongamento da vogal acentuada seria obrigatório); (3) só há um acento principal, localizado na raiz mais à direita, ficando a sílaba tônica da primeira raiz com acento secundário; e (4) a vogal acentuada da segunda raiz, se localizada em sílaba aberta, realiza-se sempre alongada. A seguir, cada um dos contextos de palavras fonológicas formadas por mais de uma raiz encontra-se devidamente exemplificado:

¹⁶⁴ Em Nambikwara do Campo, os atributivos recebem, na palavra, morfologia verbal. Assim, interpreta-se que os atributivos são, na língua, verbos adjetivais.

¹⁶⁵ Os verbos seriais são mencionados por Kroeker, M. (2001) em sua gramática. Segundo o autor: “Os verbos seriados são compostos de duas raízes verbais justapostas. O segundo dos verbos envolve movimento de algum tipo, como por exemplo, 'levar', 'deixar' ou 'dar'. Há realmente dois verbos que executam uma só função” (KROEKER, M., 2001, p.92).

¹⁶⁶ As incorporações nominais ocorrem com raízes que remetem a partes do corpo. Esse processo também é verificado em Latundê (TELLES, 2002), Lakondê (TELLES, 2002), Mamaindê (EBERHARD, 2009) e Negarotê (BRAGA, 2017).

Incorporação nominal: N + V(830) [ũ_hhĩ_jjo:linara]

			x	Nível 2
x		x	x	Nível 1

[ũh- [RN[hi]- RV[ioli]]-Ø]-na]-ra]
 INSTR-IN.dedo-cortar-3SG-PRC-PF
 “cortei o dedo”

Ainda no que se refere ao domínio da palavra fonológica, é interessante observar alguns casos em que duas raízes ocorrem em sequência estabelecendo relações de composição ou genitivas, no caso da palavra nominal. Tais estruturas são formadas através da sequência de duas raízes nominais ou de uma raiz nominal e uma raiz verbal, podendo haver morfologia entre elas. Assim, em construções desse tipo, é comum acrescentar-se ao final da primeira raiz o sufixo nominal {-a}, o qual delimita a palavra fonológica nesses contextos, estabelecendo-se, então, uma relação entre duas palavras, diferentemente dos compostos mencionados e exemplificados anteriormente. Alguns exemplos desses contextos são:

Relações de composição: N + SN + N/V_{adjetival}(831) [waʔ¹je^dnda # ¹²kĩhna]

	x		x	Nível 2
	x		x	Nível 1

_{RN}[uaʔien]- te]- a] _{RN}[^ʔkĩh]- nũ]- a]
 coruja-CL.não espec-S.NOM areia, terra-CL.pó, grão-S.NOM
 “coruja-buraqueira (lit.: coruja da terra)”

(832) [a¹dĩna # ¹ha^dndisu]

	x		x	Nível 2
	x		x	Nível 1

_{RN}[a^ʔtĩ]- a] _{RV}[han]- te]- su]
 anu-S.NOM ser claro-NOMZ-S.NOM
 “anu-claro (pássaro)”

Relações genitivas: N + SN + N(833) [wate¹tẽa # ¹²nẽkisu]

	x		x	Nível 2
	x		x	Nível 1

[uate _{RN}[(ua)tẽ]- a] _{RN}[^ʔnẽki]- su]
 REDUPL.borboleta-S.NOM asa-S.NOM
 “asa da borboleta”

- (834) ['dihʔa # 'nekisu]
 x x Nível 2
 x x Nível 1
 _{RN}['tɪhʔ]- a] _{RN}[neki]- su]
 cobra-S.NOM cabeça-S.NOM
 “cabeça da cobra”

- (835) ['dihʔa # 'wɪsu]
 x x Nível 2
 x x Nível 1
 _{RN}['tɪhʔ]- a] _{RN}[uɪ]- su]
 cobra-S.NOM dente-S.NOM
 “dente da cobra”

- (836) [kwa'laja # 'susu]
 x x Nível 2
 x x Nível 1
 _{RN}[kualai]- a] _{RN}[su]- su]
 aranha-S.NOM osso-S.NOM
 “perna (osso) da aranha”

Desse modo, construções que guardam relações genitivas e de composição como as verificadas acima apresentam duas palavras fonológicas distintas. Argumentos que sustentam essa afirmação são: (1) há morfema gramatical interveniente entre as raízes, o sufixo nominal {-a}, que ocorre junto à raiz mais à esquerda e delimita, nesses contextos, o domínio da palavra fonológica; (2) não há ressilabificação de segmento entre as raízes, visto que, se a primeira raiz terminar em coda consonântica, esta será ressilabificada para junto do morfema final {-a}, não havendo, então, material segmental passível de ressilabificação para a segunda raiz¹⁶⁷; e (3) há dois acentos principais. Outro contexto relevante com exemplo de delimitação de palavra fonológica é aquele em que uma palavra fonológica iniciada com o prefixo de inalienabilidade ou possessivo de 3ª pessoa do singular {-a-} ocorre após palavra fonológica terminada pelo sufixo final {-a}. Nesses casos, tendo em vista que ambos os afijos são átonos e, em sequência, provavelmente um deles seria apagado (o que seria preferível se pertencessem à mesma palavra), há epêntese de uma consoante fonética [h] junto ao morfema prefixal¹⁶⁸, constituindo uma sílaba CV e preservando,

¹⁶⁷ Os afijos que ocorrem em posição final de palavra (tanto verbal quanto nominal) têm sempre estrutura CV ou V, não tendo sido verificados casos de morfemas gramaticais em fim de palavra com elemento em coda. Assim, não foi possível atestar se, de fato, a ressilabificação de segmento em coda em fronteira de palavra ocorre em Nambikwara do Campo.

¹⁶⁸ O fato de a consoante epentética ser uma fricativa glotal [h] (e não outra consoante com outro ponto de articulação) pode ser justificado pelo fato de as vogais terem uma realização sub-glotal.

assim, os limites das palavras fonológicas. Isso pode ser observado nos exemplos abaixo, nos quais a consoante epentética está destacada em negrito:

(837) [_{<Jo'ão>},ahla # **ha'**su,kala # ,tê:sa'aj^dnnara]

João- ahla a- suki- ahla tê- sa- ain- Ø- na- ra
João-PT.masc POS.3SG-cunhado-PT.masc levar-S.VER-caçar-3SG-PRC-PF
“João foi caçar com seu cunhado”

(838) [wĩesa # **ha'**wĩna # ,têsa'aj^dnnara]

ũẽns- a a- ũĩn- a tê- sa- ain- Ø- na- ra
criança-S.NOM POS.3SG-pai-S.NOM levar-S.VER-andar-3SG-PRC-PF
“o pai da criança a levou”

Em construções genitivas envolvendo parte do corpo, como as apresentadas anteriormente, não foram observadas estruturas do tipo N + _{S.NOM}{-a} + N, em que o segundo nome começa com vogal /a/. Não foram encontradas raízes referentes a partes do corpo iniciando por essa vogal, porém estes morfemas lexicais sempre têm afixado a eles um prefixo possessivo ou de inalienabilidade. O prefixo átono de 3ª pessoa do singular {-a-} confunde-se com o prefixo de inalienabilidade, que apresenta a mesma estrutura morfológica e o mesmo padrão tonal (tom de nível alto), tendo sido os dois aqui interpretados, portanto, como sendo o mesmo morfema (o contexto indica o valor semântico). Dessa maneira, uma palavra como “dente”, [a'wĩ:su], /aũ:su/, sempre ocorre com o prefixo {-a-}, mesmo em contexto isolado, podendo este afixo referir-se à 3sg em “dente dele(a)” ou à inalienabilidade do nome em “dente (que pertence a algo ou alguém)”. O fato para o qual queremos chamar atenção, no entanto, é que, em construções genitivas, esse prefixo desaparece, visto que a raiz nominal que o antecede faz o papel do possuidor. Assim, mesmo em contextos em que seria esperada uma sequência do tipo N + _{S.NOM}{-a} + N, em que o segundo nome iniciaria com vogal /a/ devido ao prefixo {-a-}, não foi possível observá-la nos dados analisados. A fim de ilustrar essa situação, segue um exemplo abaixo:

(839) [a'lũ:a # 'wĩ:su]

alũ- a wĩ- su
anta-S.NOM dente-S.NOM
“dente da anta”

Salienta-se, ainda, que tanto o sufixo nominal {-a} quanto o prefixo de inalienabilidade ou possessivo de 3ª pessoa do singular {-a-} carregam tom de nível alto, não sendo perceptível em fronteira de palavras em que supostamente se poderiam encontrar esses contextos de {-a} + {-a-} nenhuma alteração no padrão tonal. No entanto, observou-se que em fronteira de palavra nominal e palavra verbal pode ocorrer síncope de vogal átona, como demonstrado a seguir (o contexto relevante está em negrito):

- (840) [nẽ'kĩ:sa # 'lu:nara]
 nekĩs- a alun- Ø- na- ra
 cabelo-S.NOM ser comprido-3SG-PRES-PF
 “o cabelo é comprido (ou cabelo comprido)”

Nesse exemplo, há a síncope do morfema sufixal {-a} de “cabelo”, o qual carrega tom de nível alto. No *output*, o tom da vogal [a] na sílaba [sa] é baixo, o que evidencia que essa vogal corresponde à primeira sílaba da raiz do verbo adjetival “ser comprido”. Assim, embora a língua apresente outras estratégias, a exemplo da epêntese de [h], para não realizar formas sincopadas como esta em fronteira de palavra fonológica, as mesmas são passíveis de ocorrência.

Ainda no que concerne às construções genitivas, pode-se afirmar que exemplos como os de “coruja-buraqueira”, [waʔ'je^dnda # ^ʔkĩhna], /uaʔientea # ^ʔkĩhnũa/, e “anu-claro”, [a'dĩ:pa # 'ha^dndisu], /aʔtĩa # hantesu/, demonstram que a natureza das relações estabelecidas entre as raízes por meio do sufixo nominal {-a} vai além da genitiva, estando relacionada à cosmovisão do povo e à própria lexicogênese. Nesse sentido, é interessante observar o que Sotero (2019) expõe a respeito dos sufixos nominais em línguas Nambikwara e, mais especificamente, em Wakalitesú, língua do ramo do Sul:

O sufixo referencial *-a* parece exercer a função do marcador que em muitas línguas do mundo poderíamos chamar de *genitivo* ou *relacional* [...]. No entanto, como observamos, a função do sufixo referencial *-a* parece ser mais ampla do que a de simplesmente construir uma relação entre dois termos em frase nominal e não parece, portanto, encaixar-se completamente nas categorias disponíveis da tipologia linguística. [...] Aqui, optaremos por uma categoria neutra e entenderemos esse morfema como um *sufixo referencial construtivo*. Essa natureza construtiva das palavras marcadas com o sufixo referencial *-a* pode explicar, portanto, a percepção de alguns colaboradores que as definem, quando pronunciadas isoladamente, como “sem sentido”, “sem explicação”, já que elas carregam, nessa interpretação, uma carga semântica um pouco vazia, a ser completada por outros referentes. De uma forma especulativa, o uso do sufixo referencial construtivo em composições nominais pode ser entendido como uma forma funcional que os falantes têm de construir as entidades a partir de formas já lexicalmente cristalizadas na língua. Transpondo para o português, é como se, em vez de recorrer à lexicalização da palavra *mamilo*, a estrutura dessa língua permitisse descrever o referente desejado — de forma eficiente, sem “frustrar o curso da interação

comunicativa”, como reflete Dik (1989) — por meio de construções como *buraco do peito*. (SOTERO, 2019, p.90-1)

Embora fuja ao escopo do presente trabalho estabelecer as relações semânticas relativas aos sufixos nominais do Nambikwara do Campo, é importante fazer uma reflexão sobre as mesmas a fim de melhor compreender o funcionamento da língua. No entanto, o que é importante salientar aqui é que, quando, entre duas raízes (nominais ou nominal + verbal adjetival), ocorre o sufixo nominal {-a}, há duas palavras fonológicas, ao passo que, se não houver o morfema, há uma única palavra fonológica.

Ressalta-se, ainda, que o morfema sufixal nominal {-a} não delimita a palavra fonológica sempre que ocorre. Por vezes, ele delimita apenas a raiz quando esta vem seguida por morfema classificador ou por outro morfema gramatical. Nesses casos, há apenas uma palavra fonológica e o morfema classificador, se acentuado, o será no nível 1 da grade, como visto anteriormente. A ocorrência de duas palavras fonológicas em frase nominal se dá apenas em sequência de raízes com morfema interveniente. As raízes, juntamente com as formas pronominais livres e os advérbios, são os únicos elementos morfológicos que recebem acento primário no domínio prosódico da palavra.

Exemplo do morfema /-a/ em fim de raiz sem delimitar palavra fonológica:

(841) [a'dĩ:na,tasu]

	x				Nível 2
	x		x		Nível 1
RN	[a'tĩ]-	a]-	ta]-	su]	
	anu-S.NOM-INTENS.	grande-S.NOM			
	“anu-preto (pássaro)”				

(842) ['wã:laka,losu]

	x				Nível 2
	x			x	Nível 1
RN	[ũã]-	li]-	a]-	kalo]-	a]
	roupa, couro, pele-?	S.NOM-CL.que envolve-S.NOM			
	“roupa, couro, pele”				

Ressalta-se, ainda, que o morfema {-a} nem sempre se faz presente entre a raiz e o morfema classificador na palavra nominal:

- (845) [ʰi:ka # ka'to:nara]
- | | | |
|------------------------|--------------------------|---------|
| x | x | Nível 2 |
| x | x | Nível 1 |
| RN[hi]- ki)- a] | RV[kato]- Ø]- na]- ra] | |
| fruta-CL.redondo-S.NOM | estar maduro-3SG-PRES-PF | |
| “a fruta está madura” | | |
- (846) [wẽ'ha:ɟawa # ʷã:nara]
- | | | |
|------------------------|----------------------|---------|
| x | x | Nível 2 |
| x x | x | Nível 1 |
| RN[ũẽha]- ɟau)- a] | RV[ũãn]- Ø]- na]-ra] | |
| chuva-CL.líquido-S.NOM | vir-3SG-PRES-PF | |
| “a chuva está vindo” | | |

¹⁶⁹ Nesse caso, o morfema classificador, ao formar palavra nominal junto à raiz verbal, funciona, também, como um nominalizador.

(847) ['tʃ^hahla # 'hohnara]

x

x

Nível 2

x

x

Nível 1

[te-_{PRON}[iahlo]- a] _{RV}[hoh]- Ø]- na]- ra]
 DEM-CL.masc-S.NOM nadar-3SG-PRES-PF
 “ele está nadando”

(848) ['hĩ:na # 'aj:nara]

x

x

Nível 2

x

x

Nível 1

_{ADV}[hĩn]- a] _{RV}[ain]- Ø]- na]- ra]
 ADV.hoje-S.NOM andar, caçar-3SG-PRC-PF
 “hoje ele caçou”

(849) ['sũndi # 'hĩ:naitã # 'tʃ^ha^hla # sa'naja # 'su:nuhẽra]

_{RN}[sũnti] _{ADV}[hĩn]- ait]- a] [te-_{PRON}[iahlo]- a] _{RN}[sanai]- a]
 tarde ADV.tempo-ADV.P-S.NOM DEM-CL.masc-S.NOM tatu-S.NOM
_{RV}[sun]- Ø]-nuhẽ]-ra]
 matar-3SG-PAS-PF
 “Ontem à tarde ele matou um tatu”

4.1.6 Síntese do comportamento do acento em Nambikwara do Campo e nas línguas da família Nambikwara

Nesta seção, foi descrito como o acento opera em Nambikwara do Campo. No quadro abaixo, é possível observar uma síntese do seu comportamento conforme descrito neste capítulo e como o mesmo funciona em outras línguas da família Nambikwara:

Quadro 71 – O acento nas línguas Nambikwara

Línguas Nambikwara	Interpretações sobre o acento
Latundê e Lakondê (Norte) (TELLES, 2002)	• Sistema acentual misto: acento parcialmente previsível; • O acento se realiza foneticamente como <i>pitch</i> alto e sílabas não acentuadas têm <i>pitch</i> baixo. Além disso, vogais de sílabas acentuadas tendem a ser mais longas; • Inicialmente consideradas como línguas <i>pitch-accent</i> (TELLES, 2002), porém reinterpretadas como possuindo sistema acentual misto, apresentando sistema tonal de 2 tons (BRAGA e TELLES, 2014); • Algumas raízes (verbaes, nominais e adverbiais) e afixos são acentuados lexicalmente; • O domínio para aplicação do acento é a raiz e a palavra; • Acento em raiz:

	○ <i>Monossilábica</i>: tanto monossílabos com sílaba leve quanto aqueles com sílaba pesada recebem acento; ○ <i>Dissilábica</i>: a sílaba pesada recebe o acento. Caso haja duas sílabas pesadas, o acento recai sobre uma delas invariavelmente, podendo a outra sílaba receber acento fonético secundário. Se as duas sílabas forem leves, o acento é atribuído àquela mais à direita, que tem sua vogal alongada foneticamente (conferindo peso à sílaba); ○ <i>Trissilábica</i>: acentua a última sílaba, se pesada. Se a primeira sílaba for pesada, acentua-se a primeira com acento primário e a última com secundário. • Padrão nucleado à esquerda quando há mais de um acento lexical por palavra ou quando não há acento lexical em nenhum dos morfemas da palavra; • Distinguem-se raízes acentuadas lexicalmente daquelas que não o são pelo índice de proeminência de um dos acentos da palavra.
Mamaindê (Norte) (EBERHARD, 2009)	• O acento é atribuído a partir de três condições: morfologia, posição da sílaba na palavra ou estrutura da sílaba; • Sensível ao peso silábico; • Análise realizada com base na Teoria Métrica (LIBERMAN AND PRINCE, 1977) e na <i>Teoria da Grade (Grid Theory – KENSTOWICS, 1994; GOLDSMITH, 1990)</i>; • A raiz sempre recebe o acento primário, e o acento secundário pode estar presente em raízes e afixos; • Correlatos fonéticos do acento: duração, qualidade vocálica e amplitude; • Sílabas acentuadas são geralmente mais longas, suas vogais são menos propensas a sofrer processos e são emitidas com maior amplitude; • O <i>pitch</i> não é previsível em sílabas acentuadas; • Na raiz, o acento ocorre na sílaba pesada. Caso todas as sílabas sejam pesadas ou leves, o acento ocorre na sílaba mais à direita (<i>end rule</i> – aplicável ao pé e à palavra); • Em afixos, ocorre apenas acento secundário em morfemas com sílabas pesadas e que aparecem próximos à raiz; • Raízes com 3 ou 4 sílabas: são geralmente resultantes da presença de mais de um morfema (que já não se consegue discernir) e obedecem às mesmas regras de acento descritas para raízes dissilábicas e monossilábicas; • Em raízes reduplicadas, a atribuição do acento ocorre após a fixação da parte reduplicada. Assim, o acento não é reduplicado;

	• Fora da posição da raiz, no nível da palavra, a noção de <i>strata</i> é crucial; • A sensibilidade ao peso silábico funciona em todos os domínios da morfologia, exceto na classe afixos mais distantes da raiz; • Afixos em meio de palavra podem receber acento secundário se compostos por sílaba pesada, mas nunca acento no nível da palavra. Afixos mais distantes da raiz não recebem qualquer acento, mesmo com sílaba pesada; • Lista de <i>strata</i>: regras de acento são aplicáveis até <i>strata</i> nº3, não sendo operantes nos morfemas pertencentes ao <i>strata</i> nº4 (mais distantes da raiz (marcas de sujeito, de <i>tense</i>, de evidencialidade e de modo e sufixos nominais finais); • Acento lexical: morfema enfático /-je?/ “certamente”; • Exceções às regras do acento: vogal /i/ em nomes e vogal /a/ em verbos, ambas ocorrendo após sílaba acentuada na raiz.
Negarotê (Norte) (BRAGA, 2017)	• Análise realizada com base na Teoria Métrica do Acento (HAYES, 1995); • Sistema prosódico da palavra é misto: há acento não-previsível em afixos, previsível em raízes e tom lexical; • Principais parâmetros para atribuição do acento na raiz: peso silábico e posição da sílaba. No domínio da palavra, acrescenta-se a esses 2 critérios a morfologia; • Todas as raízes são acentuadas e os morfemas afixados a elas podem ser acentuados ou não (acentos lexical); • Raízes majoritariamente monossilábicas e dissilábicas, havendo nestas últimas uma tendência à atribuição do acento à sílaba mais à direita (quando todas as sílabas são leves ou pesadas). Em raízes trissilábicas (mais raras), esse comportamento também se confirma; • Correlato fonético do acento: duração e estabilidade vocálica; • O acento na raiz: ○ A raiz sempre recebe o acento primário; ○ O acento é atribuído à sílaba pesada; ○ Quando há apenas sílabas pesadas ou apenas sílabas leves, o acento recai sobre a sílaba mais à direita; • O acento em morfemas gramaticais: ○ É lexical e, então, não-previsível; ○ O peso silábico não determina o acento; ○ Os morfemas gramaticais, quando acentuados e afixados à raiz, recebem acento secundário (domínio da palavra).

	• A maioria das raízes é monossilábica e dissilábica; • Exceções à regra de acento: raízes terminadas em /i/ átono; • Em compostos (palavras com mais de uma raiz), o acento primário recai sobre a sílaba acentuada da raiz mais à direita, de modo que a sílaba acentuada da raiz mais à esquerda recebe o acento secundário.
Sabanê (isolada) (ARAÚJO, 2004)	• O acento é atribuído à sílaba pesada da raiz (nominal e verbal); • Caso haja apenas sílabas pesadas na raiz, a sílaba mais à direita recebe o acento; • Caso a raiz seja composta por apenas sílabas leves, o acento recai sobre a penúltima sílaba; • O acento secundário é iterativo e pode alternar; • Vogal de sílaba acentuada é alongada foneticamente; • Vogal com acento secundário (em raízes com mais de 2 sílabas) é mais longa do que vogal átona e menos longa do que a vogal que recebe o acento primário; • Os nomes contêm entre 2 e 4 sílabas, sendo pouco frequentes raízes monossilábicas; • Em palavras compostas por mais de uma raiz, a sílaba acentuada da raiz mais à esquerda recebe o acento principal; • Palavras como advérbios seguem as mesmas regras do acento; • Há exceções à regra de acento envolvendo a presença de glide; • Acento e ritmo são, então, regulados por 3 mecanismos: ○ 1º: atribuição do acento à raiz, considerando-se o peso silábico; ○ 2º: nível da palavra prosódica – acento atribuído a sílabas pesadas cuja proeminência fonética ocorre por meio de alçamento no pitch; ○ 3º: nível da palavra prosódica – atribui acento rítmico às sílabas restantes alternando entre sílabas com e sem acento.
Nambikwara do Sul (Sul) (KROEKER, M., 2001)	• O acento de intensidade é fonêmico; • A raiz sempre recebe o acento principal; • A sílaba acentuada é sempre mais comprida: se aberta, alonga-se a vogal, se fechada, alonga-se a consoante em coda; • A sílaba acentuada pode ser ainda mais prolongada por razões enfáticas.

Nambikwara do Campo (Sul) (SOUSA NETTO, 2018)	• O acento desempenha um papel importante na morfofonologia da língua; • O acento parece estar relacionado ao peso e à estrutura silábica.
Nambikwara do Campo (Sul) (própria autora)	• Acento interpretado e analisado com base na Teoria Métrica do Acento (HAYES, 1995); • Sistema prosódico da palavra é misto: há acento previsível em raízes, parcialmente previsível em afixos e tom lexical; • Em raízes, o acento coincide com a posição contrastiva do tom; • Todas as raízes são acentuadas com acento primário e os morfemas afixados a elas podem ser acentuados ou não (acentos lexical ou previsível pela classificação morfológica, no caso dos classificadores, ou pela posição na palavra, de acordo com a proximidade em relação à base); • Parâmetros para atribuição do acento na raiz: morfologia, peso silábico e posição da sílaba; • Correlatos fonéticos do acento: duração da vogal e baixa propensão da mesma a sofrer processos fonológicos (estabilidade vocálica); • No domínio da palavra, o acento primário é sempre marcado na raiz e o acento secundário pode ocorrer tanto em raízes quanto em afixos, quando tônicos; • O acento em raiz: ○ É atribuído à sílaba pesada; ○ Quando há apenas sílabas pesadas ou apenas sílabas leves, o acento recai sobre a sílaba mais à direita. • O acento em morfemas gramaticais: ○ Na maioria dos afixos é lexical e, portanto, imprevisível (como no caso de morfemas com sílabas leves); ○ O peso silábico é relevante: afixos com sílabas pesadas que ocorrem próximo à raiz tendem a ser acentuados, e morfemas classificadores nominais com sílaba pesada sempre carregam acento; ○ Afixos mais distantes da raiz no domínio da palavra são geralmente átonos. • Raízes trissilábicas seguem as mesmas regras das dissilábicas no que concerne à atribuição do acento, mas, naquelas formadas por apenas sílabas leves, não foi possível comprovar essa afirmação (foram encontrados apenas casos de exceção);

	• Em raízes trissilábicas e polissilábicas com reduplicação, não há cópia de material suprasegmental, sendo o acento marcado na base, a partir da qual ocorre a reduplicação; • Extrametricalidade: em raízes formadas por apenas sílabas leves, são consideradas extramétricas sílabas cuja vogal nuclear é /i/ (há exceções); • Morfemas gramaticais podem ser acentuados ou não na subjacência (acento lexical e parcialmente previsível); • Palavras com mais de uma raiz marcam o acento primário naquela mais à direita; • Sequências de duas raízes com o sufixo nominal /-a/ delimitando a primeira (mais à esquerda) configuram duas palavras fonológicas.
--	---

Como pôde ser observado, o sistema acentual do Nambikwara do Campo é misto, com acento previsível na raiz, acento parcialmente previsível em morfemas gramaticais e tom lexical, que será descrito na próxima seção desse capítulo. No que tange às outras línguas da família Nambikwara, verifica-se que, à exceção do Sabanê, seus sistemas acentuais operam de modo mais ou menos semelhante ao do Nambikwara do Campo. Paralelamente a isso, nessas línguas, as raízes são majoritariamente monossilábicas e dissilábicas, sendo Sabanê, mais uma vez, o único exemplar do quadro acima que foge a esse padrão, visto que a maior parte de suas raízes apresenta entre 2 e 4 sílabas.

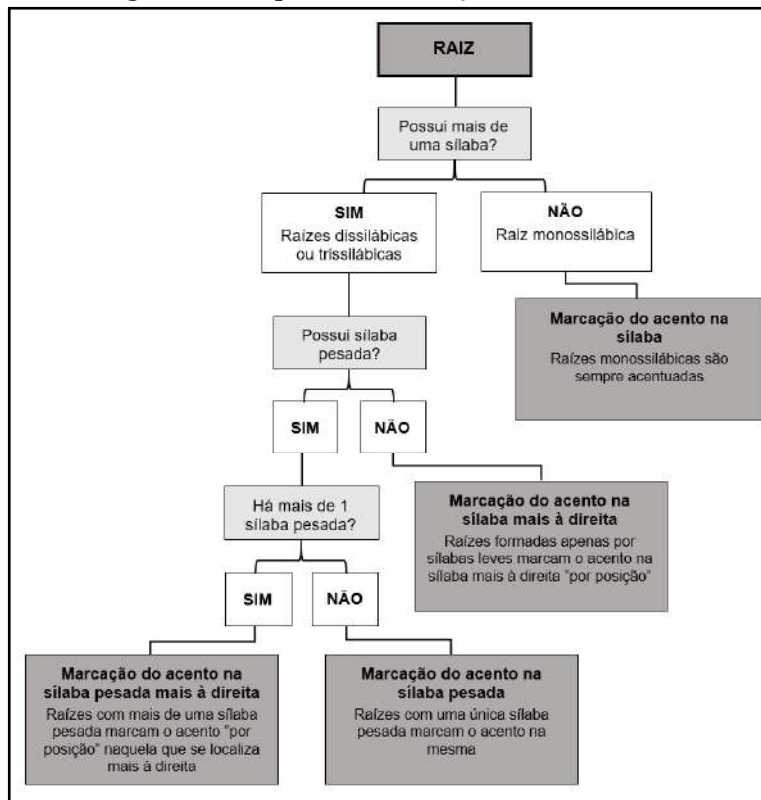
Todas as línguas mencionadas no quadro são sensíveis ao peso silábico, o que indica que essa parece ser uma característica comum à família linguística Nambikwara. Essa afirmação, no entanto, não pode ser comprovada atualmente, pois nem todas as línguas dessa família foram descritas, sendo necessário avanços nesse sentido. A partir da observação e comparação do funcionamento do sistema acentual das línguas já descritas, percebe-se que, além da sensibilidade ao peso silábico, a duração vocálica enquanto correlato fonético do acento parece ser outro ponto em comum entre essas línguas¹⁷⁰.

Quanto à posição do acento principal, verifica-se que tanto em Nambikwara do Campo quanto em Latundê, Lakondê, Mamaindê e Negarotê este se encontra na raiz, sendo marcado na sílaba pesada ou naquela localizada mais à direita (mais detalhes no quadro acima). Kroeker, M. (2001) também menciona que, em Nambikwara do Sul, a sílaba com maior proeminência acentual está situada na raiz, mas não apresenta muitos detalhes acerca de como se dá a sua marcação. Em Sabanê, o acento primário está localizado na sílaba pesada, e, quando não há sílaba pesada, este é atribuído à penúltima sílaba da raiz, diferentemente do que foi verificado nas

¹⁷⁰ Em Latundê e Lakondê, o correlato fonético do acento é o *pitch* e a duração vocálica (TELLES, 2002), enquanto que em Mamaindê (EBERHARD, 2009) é a duração, a qualidade e a amplitude da vogal. Em Negarotê (BRAGA, 2017), o acento se manifesta foneticamente através da duração e da estabilidade vocálica e, em Nambikwara do Sul (KROEKER, M., 2001), a intensidade e a duração da vogal cumprem esse papel. Em Sabanê (ARAÚJO, 2004), o correlato fonético do acento é o *pitch* alto e a duração vocálica e, por fim, em Nambikwara do Campo (própria autora), este é a duração e a estabilidade da vogal.

outras línguas da família. Assim, é apresentado abaixo um esquema ilustrativo de como se dá a marcação do acento (sempre primário) na raiz em Nambikwara do Campo:

Figura 66 – Esquema de marcação do acento na raiz



Quanto ao comportamento do acento secundário, observa-se que este ocorre geralmente fora da raiz nas línguas Nambikwara estudadas, podendo ocorrer na base apenas quando há mais de uma sílaba pesada, de modo que uma irá carregar acento primário e a outra, secundário. No domínio da palavra, o acento secundário está presente em morfemas gramaticais em Nambikwara do Campo (acentos lexical e parcialmente previsível – sílabas leves ou pesadas próximas à raiz), em Mamaindê (sílabas pesadas próximas à raiz), em Negarotê (acentos lexical – sílabas leves ou pesadas) e em Latundê e Lakondê (o acento mais à esquerda é primário e os demais são secundários). Em Sabanê, o acento secundário é iterativo e pode alternar.

A seguir, será descrito o comportamento do tom na língua Nambikwara do Campo. Tendo em vista que, em princípio, o acento é previsível em raízes, na próxima seção serão observadas algumas relações importantes entre acento e tom merecedoras de atenção.

4.2 O tom

Nessa seção, será abordado o tom no Nambikwara do Campo. O acento e o tom não guardam relação necessária. De acordo com Yip (2002), o *pitch* não necessariamente é correlato fonético do acento. Em Nambikwara do Campo, os correlatos do acento são a duração vocálica e a manutenção da qualidade da vogal; o *pitch*, por sua vez, funciona na língua como o correlato do tom. Assim, o tom e o acento são dois subsistemas que coexistem na língua de forma independente. Conforme aponta Hyman (2001, p.1368; 2007, p.485), “a language with tone is one in which an indication of pitch enters into the lexical realization of at least some morphemes”.

O tom não necessariamente é ligado a um segmento moraico na língua. Desse modo, assume-se aqui que o *Tone Bearing Unit* (TBU) da língua são segmentos soantes, isto é, vogais, glides, consoantes líquidas e nasais, e /h/ e /s/, que são os segmentos nos quais o tom se realiza. Nos exemplos apresentados nessa seção, o tom de nível aparece lexicalmente ligado à vogal e o tom de contorno, que ocorre apenas em sílabas pesadas, aparece com o primeiro tom ligado à vogal e o segundo sem estar ligado a nenhum segmento. Tal representação se baseia no fato de que não é claro *a priori* se, na representação lexical, a última consoante de um morfema se realiza na coda silábica ou no *onset* de um morfema seguinte com vogal inicial. Nesse contexto, o que se verifica é que o tom não se encontra atrelado a um segmento moraico, pois *onsets* não contam mora. Assim, o tom se coloca apenas nos segmentos definidos como portadores, que não necessariamente coincidem com as consoantes moraicas que, na coda, contribuem ao peso da sílaba em função da regra do acento, a qual não faz a diferença entre soantes e não soantes, uma diferença que é importante para os tons.

Em Nambikwara do Campo, o tom não é previsível em sílabas acentuadas, sendo, nesse contexto, lexical¹⁷¹. Em sílabas átonas no domínio da palavra o tom é previsível, sendo sempre baixo. Por esse motivo, nessa seção, não serão indicados os tons baixos *default* em sílabas átonas, a não ser quando se deseja chamar atenção sobre eles. Os tons altos e, portanto, não-*default* verificados em sílabas átonas são considerados já lexicalizados na língua e serão marcados nas representações. Em sílabas tônicas, serão indicados tanto tons baixos quanto altos, em raízes e afixos.

Nomes são mais consistentes nos padrões tonais do que os verbos. Isso se dá porque o sândi tonal que ocorre com os verbos não necessariamente ocorre nos nomes¹⁷², mas também foram observados tons morfossintáticos operando na palavra nominal. O tom dos sufixos nominais não afeta o padrão tonal da raiz nem de outros afixos adjacentes.

Essa seção está dividida em 3 partes: a primeira diz respeito ao comportamento do tom na palavra fonológica, a segunda, ao tom morfossintático¹⁷³

¹⁷¹ O tom faz parte das entradas lexicais subjacentes (PULLEYBLANK, 1986, p.20).

¹⁷² Os nomes, no entanto, tendem a evitar dois tons altos HH em fronteira de raiz com morfema.

¹⁷³ A respeito do tom gramatical e de sua relação com o tom lexical, é interessante observar o que Hyman (2016, p.6) expõe:

The distinction between lexical vs. grammatical tone is not quite the same as that between lexical vs. grammatical

(morfologia verbal), e a terceira refere-se ao tom na construção da ênfase. Ao final, é apresentada uma síntese do comportamento do tom na língua Nambikwara do Campo e nas outras línguas da família Nambikwara. A presente análise se baseou nos seguintes valores de F_0 dos colaboradores para interpretação do *pitch* baixo e alto¹⁷⁴:

- C7 (homem):
Valor médio de *pitch* baixo: entre 92 Hz e 148 Hz
Valor médio de *pitch* alto: entre 155 Hz e 260 Hz
- C1 (homem):
Valor médio de *pitch* baixo: entre 73 Hz e 101 Hz
Valor médio de *pitch* alto: entre 109 e 141 Hz
- C6 (homem):
Valor médio de *pitch* baixo: entre 77 Hz e 120 Hz
Valor médio de *pitch* alto: entre 128 Hz e 210 Hz
- C8 (homem):
Valor médio de *pitch* baixo: entre 82 Hz e 125 Hz
Valor médio de *pitch* alto: entre 135 Hz e 190 Hz

A seguir, é realizada a descrição do tom na língua Nambikwara do Campo. Nos exemplos apresentados, os contextos relevantes aparecem destacados em negrito.

4.2.1 O tom no domínio da palavra

O tom em Nambikwara do Campo é imprevisível e, portanto, lexical em sílabas acentuadas. Foram identificados na língua apenas dois tons na subjacência, os

morphemes. *Lexical morphemes* belong to a relatively open class of “content” forms (e.g. noun and verb roots), while *grammatical morphemes* consist of a smaller class of “functional” forms (e.g. affixes, “particles”). *Lexical tone*, on the other hand, is part of the make-up of lexical morphemes, while the term *grammatical tone* is not usually invoked to characterize the linked tones which accompany segmental grammatical morphemes, e.g. the H and L tones of the subject pronouns à ‘I’, í ‘you sg.’, ò ‘he’, á ‘she’ Kalabari [Ijoid; Nigeria]. Instead the concept of grammatical tone refers to tone which is assigned by the grammar independently of the segmental morphemes to which it may ultimately link. (grifo do autor)

¹⁷⁴ Os dados analisados para elaboração dessa seção resumem-se aos coletados junto aos colaboradores/falantes abaixo mencionados, para os quais são informados os valores médios de F_0 . Para mais informações acerca dos colaboradores, ver a Introdução.

quais correspondem aos tons de nível baixo e alto¹⁷⁵. Esses tons realizam-se na superfície com *pitch* baixo e alto, respectivamente, e, quando combinados em uma mesma sílaba, formam tons de contorno, os quais podem ser ascendentes ou descendentes. Nesse trabalho, o *pitch* alto será representado como H (“high”) e o baixo, como L (“low”).

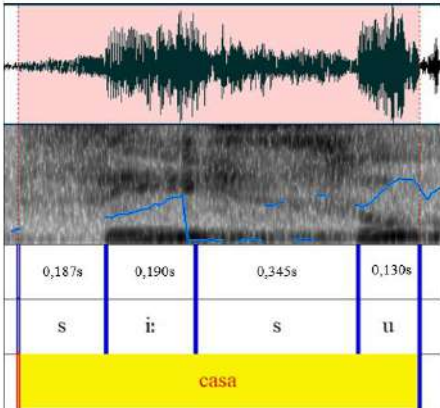
A unidade que carrega o tom (*tone-bearing unit* ou TBU) na língua é segmentos soantes, /h/ e /s/. No âmbito da sílaba, apenas a rima é relevante para o tom. Em posição de acento, sílabas leves podem ser H ou L, e sílabas travadas podem ser L, H, LH e HL. Assim, o que se observa é que tons de contorno do tipo LH e HL são verificados apenas em sílabas correspondendo a morfemas nos quais a vogal portadora de tom é, ao nível lexical, seguida por um segmento que se superficializa como coda.

Grande parte dos exemplos expostos nessa seção corresponde a dados elicitados, nos quais as idiossincrasias relativas ao sistema tonal da língua se tornam mais evidentes. A seguir, são apresentados alguns pares contrastivos em raízes de palavras nominais envolvendo o tom em posição tônica. Ressalta-se que o /h/ em coda nesses exemplos é sempre lexical, e nunca resultante de processo fonológico devido à presença de /s/ adjacente, o qual compõe o sufixo final {-su}. Assim, quando com o sufixo nominal {-a}, todos os exemplos abaixo formam a sílaba final [ha], em que o [h] faz parte da coda da sílaba acentuada da raiz, sendo ressilabificado para *onset* diante de morfema com vogal [a] inicial. Nos espectrogramas, a linha azul corresponde ao *pitch*.

¹⁷⁵ Nesse trabalho, compreende-se por tom de nível “a tone that is defined simply by a discrete level of relative pitch” (MICHAUD E VAISSIÈRE, 2015, p.44). Tendo em vista essa perspectiva, os tons de nível podem se combinar e formar tons de contorno. De acordo com Michaud e Vaissière (2015, p.44), “in level-tone systems, a phonetic contour results from the combination of two or more level tones: typically, a LH sequence realized phonetically as a rise in F₀, or a HL sequence realized as a fall. The contours are phonologically decomposable; the observed movement in F₀ is the result of interpolation between the successive levels”.

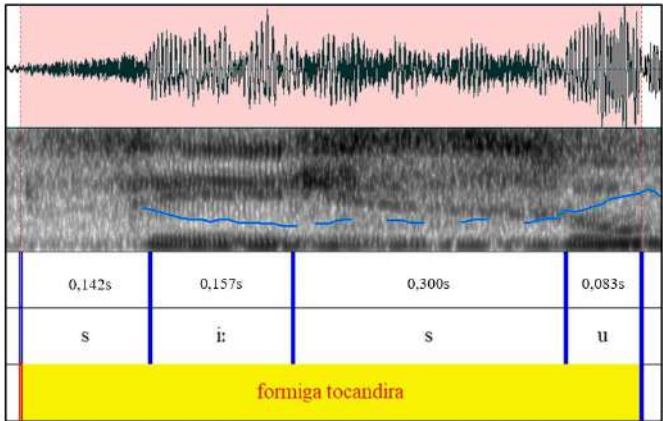
(850) **LH** H **LH** H
 | | || |
/s i h s u/ ['s i : s u]
sih- su
casa-S.NOM
“casa”

Figura 67 – Espectrograma de “casa”



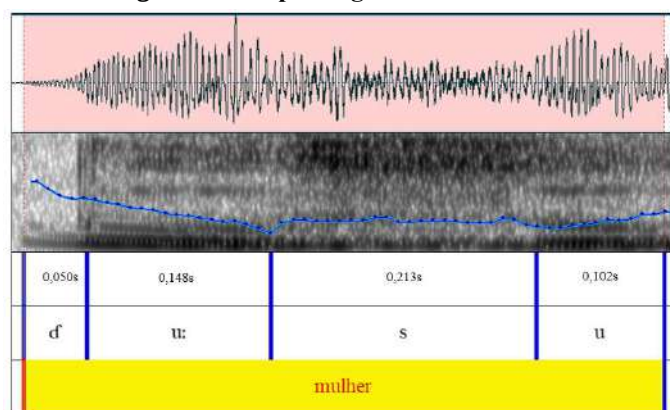
(851) **HL** H **HL** H
 | | || |
/s i h s u/ ['s i : s u]
sih- su
formiga tocadira-S.NOM
“formiga tocandira”

Figura 68 – Espectrograma de “formiga tocandira”



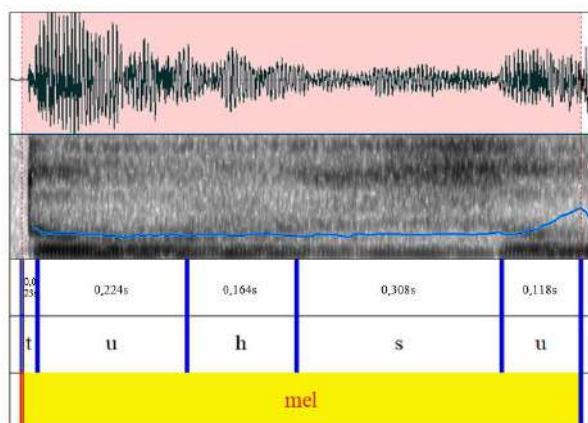
- (852) **HL** **H** **HL** **H**
 | | | | |
 /**t u h s u**/ [**ʔ d u : s u**]
 ʔtuh- su
 mulher-S.NOM
 “mulher”

Figura 69 – Espectrograma de “mulher”



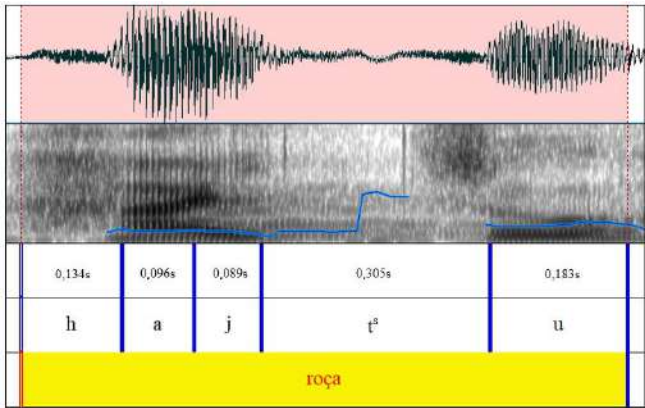
- (853) **L** **H** **L** **H**
 | | | \ |
 /**t u h s u**/ [**t u h s u**]
 tuh- su
 mel-S.NOM
 “mel”

Figura 70 – Espectrograma de “mel”



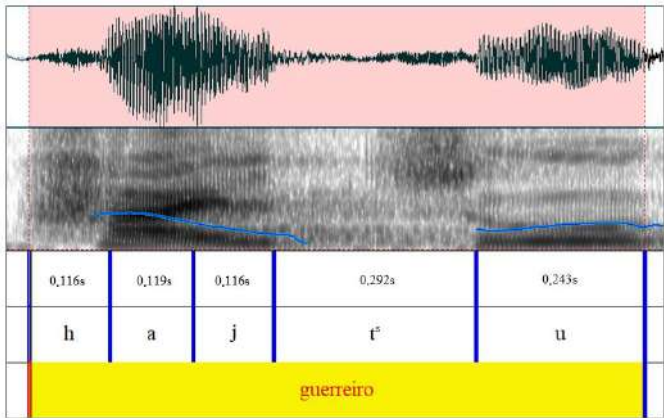
- (854) L H L H
 | | | \ |
/h a i s s u/ [ʰ a j tˢ u]
hais- su
roça-S.NOM
“roça”

Figura 71 – Espectrograma de “roça”



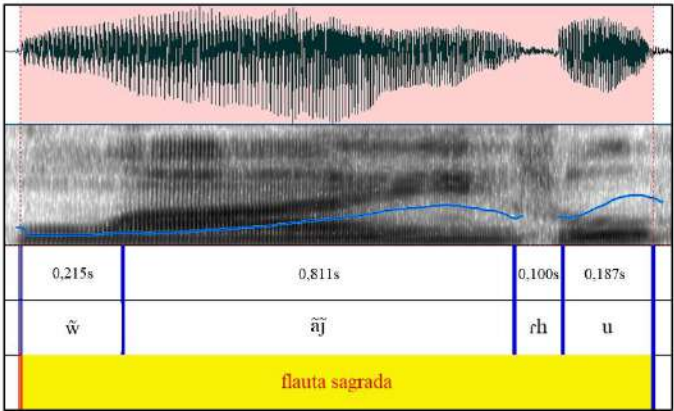
- (855) HL H HL H
 | | | | |
/h a i s s u/ [ʰ a j tˢ u]
hais- su
guerreiro-S.NOM
“guerreiro”

Figura 72 – Espectrograma de “guerreiro”



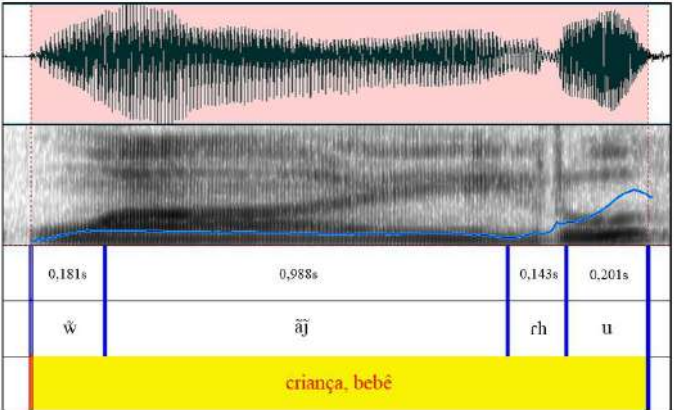
- (856) **LH** H **LH** H
 | | | | |
/ũ ã ĩ l i s u/ [ʼw̃ ã ģ r^h u]
ũãĩ- li- su
flauta sagrada-?-S.NOM
“flauta sagrada”

Figura 73 – Espectrograma de “flauta sagrada”



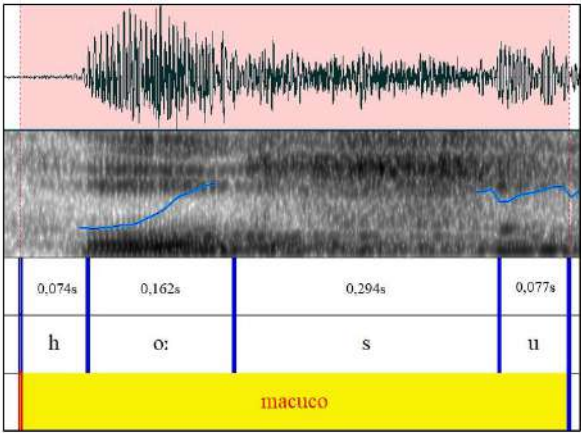
- (857) **L** H **L** H
 | | \ |
/ũ ã ĩ l i s u/ [ʼw̃ ã ģ r^h u]
ũãĩ- li- su
criança-?-S.NOM
“criança, bebê, filho(a)”

Figura 74 – Espectrograma de “criança, bebê”



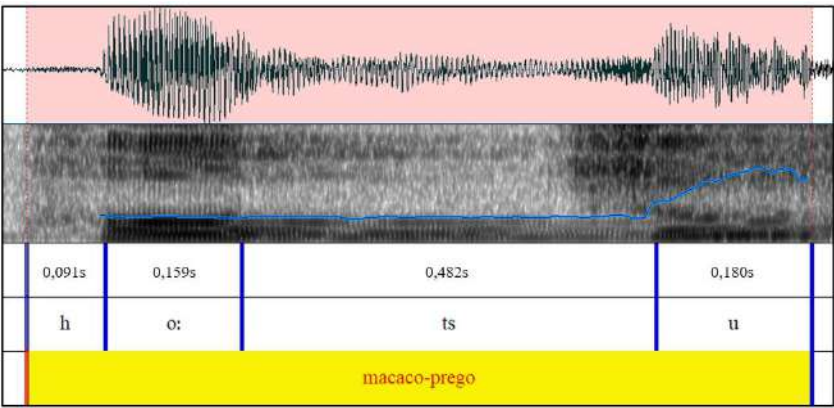
(858) LH H LH H
 | | | | |
/h o h s u/ [ˈh o : s u]
hoh- su
macuco-S.NOM
“macuco”

Figura 75 – Espectrograma de “macuco”



(859) L H L H
 | | | \ |
/h o s s u/ [ˈh o : tˢ u]
hos- su
macaco prego-S.NOM
“macaco-prego”

Figura 76 – Espectrograma de “macaco-prego”



Em posição de coda em sílabas acentuadas, apenas soantes e as fricativas glotal /h/ e coronal /s/ podem carregar tom. Por vezes, a consoante em coda não se realiza e, nesse caso, é a vogal que, alongada devido ao acento, carrega o tom, que pode ser de nível ou de contorno. Salienta-se que o /s/ em coda nunca se superficializa devido à restrição da língua a segmentos [+soante, +contínuo, coronal] nessa posição. No entanto, pode carregar tom na subjacência. Consoantes nasais em coda podem carregar tom na superfície porque são soantes.

- (860) L H L H
 | | | \ |
 /o **h** s u/ ['o **h** s u]
 oh- su
 céu-S.NOM
 “céu”

- (861) HL H HL H
 | | | | |
 /k ǁ **ʔ** n ĩ **h** n e s u/ [k ǁ **ʔ** 'n ĩ **h** n i s u]
 kǁʔnĩhne- su
 piolho-S.NOM
 “piolho”

- (862) L H L H
 | | | \ |
 /s a **ʔ** u e n a/ [s a **ʔ** 'w e : n a]
 saʔuen- a
 mato-S.NOM
 “mato”

Tendo em vista que o tom no nome em Nambikwara do Campo é lexical apenas em sílabas acentuadas e em alguns afixos, é possível verificar sílabas tônicas em raiz com *pitch* alto (H), baixo (L) e com combinações de alto e baixo (HL, LH). As sílabas átonas, por sua vez, têm tom previsível. Desse modo, na palavra nominal, sílabas postônicas são sempre L, exceto os sufixos finais {-su} e {-a}, os quais carregam tom alto já lexicalizado¹⁷⁶. Sílabas pretônicas são, do mesmo modo, geralmente L, como esperado, podendo carregar tom alto quando não possuem consoante em *onset*. Nesses casos, acredita-se que o tom alto da sílaba átona se deve à presença de um antigo morfema já lexicalizado. Isso implica dizer que o sistema

¹⁷⁶ O tom alto desses morfemas finais pode estar ligado, também, a questões entoacionais relativas aos domínios acima do da palavra fonológica, os quais não foram investigados nesse trabalho. Estudos posteriores acerca desses domínios prosódicos são necessários, portanto, para que se possa melhor comprovar a natureza lexical ou prosódica do tom alto dos morfemas finais da palavra.

nominal, tal qual o verbal, também tem tons morfossintáticos interferindo na melodia tonal. Por fim, prefixos acentuados ou átonos podem carregar tom alto lexical. Em síntese, o que se observa é que, no domínio da palavra, à esquerda da sílaba com acento primário, o tom H pode ocorrer em sílaba inicial sem *onset* e em alguns prefixos, o que indica que a língua apresenta um sistema tonal interagindo com tons lexicais morfossintáticos.

Desse modo, no nome (e em raízes verbais), o tom é contrastivo somente em sílabas acentuadas. Nestas, o *pitch* é realizado com mais ênfase devido à proeminência característica do acento. Os exemplos expostos a seguir evidenciam a realização do tom em sílabas átonas e tônicas conforme explicado acima. Tendo em vista que o tom baixo é previsível em sílaba átona (L *default*), este será omitido das representações que a partir de então são apresentadas nessa seção, a não ser nos casos em que se deseja chamar atenção sobre o mesmo.

Ressalta-se que afijos acentuados têm um tom lexical H ou L, o qual será marcado nas representações que seguem. No que tange aos afijos átonos, somente os que carregam tom alto têm tom lexicalizado, contexto que também será marcado nos exemplos. Logo, em sílabas átonas de raízes e afijos, considerou-se que o tom L é *default*, ao passo que, em sílabas tônicas, tanto o tom L quanto o H são considerados lexicalizados.

Sílaba tônica leve com *pitch* alto – H

Exemplo em raiz:

(863) H H H H H H
 | | | | | \ |
 /a **h i** k i s u/ [a **h i** : k i s u]
 a- hi- ki- su
 INAL-mão-CL.redondo-S.NOM
 “mão”

(864) H H H H H H
 | | | | | \ |
 /a **k u** s a k i s u/ [a **k^h u** : s a k i s u]
 a- kusa- ki- su
 INAL-coração-CL.redondo-S.NOM
 “coração”

(865) H H H H
 | | | \ |
 /h a **l u** k i s u/ [h a **l u** : k i s u]
 haluki- su
 lança-S.NOM
 “lança”

(866) H H H H
 | | |\ |
 /h a t i k i s u/ [h a t i : k i s u]
 hatiki- su
 jabuti-S.NOM
 “jabuti”

(867) H H H H
 | | |\ |
 /h a l o s u/ [h a l o : s u]
 halo- su
 campo-S.NOM
 “campo”

Exemplo em morfema gramatical:

- Prefixo possessivo de 1ª pessoa do singular {¹²ta-}:

H
|

(868) H L H H L H
 | | | | |\ |
 /²t a h u k i a/ [i d a h u : k a]
²ta- hu²ki- a
 POS.1SG-arco-S.NOM
 “meu arco”

Sílaba tônica leve com *pitch* baixo – L

Exemplo em raiz:

(869) H L H H L H
 | | | | |\ |
 /a s u s u/ [a s u : s u]
 a- su- su
 INAL-osso-S.NOM
 “osso”

- (870) L H L H
 | | |\ |
 /p i t s u/ [ˈp i : t s u]
 pit-su
 abóbora-S.NOM
 “abóbora”

- (871) L H L H
 | | |\ |
 /ʔp ɛ l i s u/ [ˈʔɛ : r^h u]
 ʔpɛ- li- su
 melão-?-S.NOM
 “melão”

Exemplo em morfema gramatical:

- Sufixo classificador nominal {-ka'lo}:

L
|

- (872) L L H L L H
 | | | |\ | |
 /s ɔ h k a l o s u/ [ˈs ɔ h k a , l o s u]
 sɔh- kalo- su
 deitar-CL.chato-S.NOM
 “cama, esteira”

- Sufixo de intensidade {-ta}:

L
|

- (873) L H L H L H L H
 | | | | |\ | | |
 /t u h a t a s u/ [ˈt u : h a , t a s u]
 tuh- a- ta- su
 mel-S.NOM-INTENS.grande-S.NOM
 “abelha”

Sílaba tônica pesada – HL, LH, LL e HH*Exemplo em raiz:*

- (874) LH L H L H L H
 | | | | | | | |
 /u a u k a l o s u/ ['w a w k a , l o s u]
 uau- kalo- su
 enxada-CL.chato-S.NOM
 “enxada”

- (875) LH H L H H
 | | | | |
 /u a i k i s u/ ['w a j k i s u]
 uaiki- su
 jararaca-S.NOM
 “cobra jararaca”

- (876) L H L H
 | | | \ |
 /i a l a n s u/ [j a 'l a ^d n 's u]
 ialan- su
 tucano-S.NOM
 “tucano”

- (877) L H L H
 | | | \ |
 /k ã n s u/ ['k ^h ã n ^d z u]
 kũn- su
 algodão-S.NOM
 “algodão”

- (878) H L H H L H
 | | | | \ | \ |
 /ĩ n i a u s u/ ['ĩ : n ^j a w s u]
 ãn- iau- su
 água-CL.líquido-S.NOM
 “água”

Exemplo em morfema gramatical:

- L
|

• Sufixo classificador nominal {-i'au}:
(879) H L L H H L L H
 | | | | | \ \ |
 /a t i h i a u s u/ [a 't i h j a w s u]
 a- tih- iau- su
 INAL-sangue, seiva-CL.líquido-S.NOM
 “sangue, seiva”

- L
|

• Sufixo classificador nominal {-ka't}:
(880) L H L H L H L H
 | | | | \ | | |
 /h i s a k a 't a/ [h i : s a ,k a d a]
 his- a- ka't- a
 tronco-S.NOM-CL.cilíndrico-S.NOM
 “tronco”

- (881) H H L L H H H L L H
 | | | | | \ | |
 /a i e t a k a 't s u/ [a 'j e : t a ,k a ? 's u]
 a- ieta- ka't- su
 INAL-pescoço-CL.cilíndrico-S.NOM
 “pescoço”

Sílaba átona leve com *pitch* alto – H

Em raiz, foi observado em apenas um exemplo em palavra verbal. Uma explicação possível para essa ocorrência isolada é que a sílaba que carrega tom alto seja um morfema que se lexicalizou junto à raiz verbal. No entanto, não foram observados outros dados com essa ocorrência:

- Prefixo possessivo de 3ª pessoa do singular {a-} e sufixo nominal {-a}:

H

|

H

|

- Prefixo de inalienabilidade {a-} e sufixo nominal {-a}:

H

|

H

|

- Sufixo nominal {-su}:

H
 |

(885) LH L H LH L H
 | | | | | | \ |
 /s i h i e n s **u**/ [ʰs i h j e ^dn ^ds **u**]
 sih- ien- su
 casa-CL.aldeia-S.NOM
 “casa”

Sílaba átona leve com pitch baixo – L default*Exemplo em raiz:*

- (886) L L H L L H
 | | | | |\ |
 /**k a i** a t s u/ [**k a** 'j a : t s u]
 kaiat- su
 gafanhoto-S.NOM
 “gafanhoto (geral)”

- (887) L H L H
 | | | |\ |
 /**h a i** o/ [**h a** 'j o :]
 haio
 sim, olá
 “sim, olá (concordância ou saudação)”

- (888) L L H L L H
 | | | | |\ |
 /**u a l i** n a/ [**w a** 'l i : n a]
 ualin- a
 mandioca-S.NOM
 “mandioca”

Exemplo em morfema gramatical:

- Sufixo classificador nominal {-ki}:

- (889) H L H H L H
 | | | |\ | |
 /h i **k i** s u/ ['h i : **k i** s u]
 hi- ki- su
 fruto-CL.redondo-S.NOM
 “fruto”

- Sufixo classificador nominal {-nũ}:

(890)	HL	L	H		HL	L	H
	/ʔk ĭ h n ũ s u/				[ʔk ĭ h n ũ s u]		
	ʔkĩh-	nũ-			su		
	areia-CL.pó,	grão-S.NOM					
	“areia”						

- Sufixo de tempo/pessoa {-na}:

(891)	L	L	H		L	L	H
					\		
	/i n n a n a/				[i d n n a n a]		
	in-	Ø-	na-		na		
	voar-3SG-PRES-PF.FEM						
	“ele está voando”						

Sílaba átona pesada¹⁷⁷ – L

Em raiz, qualquer sílaba pesada é acentuada com acento primário ou secundário (este último caso haja outra sílaba pesada na raiz em posição mais à direita, a qual receberá acento primário). Mesmo assim, em raízes, todas as sílabas pesadas que não carregam acento primário se manifestam com tom L.

Exemplo em morfema gramatical:

- Sufixo adverbial {-ait}:¹⁷⁸

(892)	L	H	L		H	LL	H		L	H	L	H		L	H
										\		\	\		
	/a l a t i # h ĩ n a i t a/									[a 'l a : d i # 'h ĩ : n a j t ã]					
	alati				hĩn-				ait-					a	
	cedo				ADV.tempo-ADV.P-S.NOM										
	“ontem de manhã”														

¹⁷⁷ Sílabas pesadas geralmente são acentuadas em Nambikwara do Campo. Em raízes, podem receber acento primário ou secundário, ao passo que em afixos podem receber apenas acento secundário, se acentuadas lexicalmente.

¹⁷⁸ Nesse exemplo, há duas palavras que formam a locução adverbial “ontem de manhã”. Na primeira palavra, [a'ladi], /alati/, “cedo, manhã”, o acento está localizado na penúltima sílaba (e não na sílaba mais à direita, como esperado em contexto de raiz formada apenas por sílabas leves) devido à extrametricalidade da sílaba [di] e ao fato de a sílaba [la] carregar tom alto (se o acento fosse marcado no [di], então teríamos uma sílaba pretônica com *pitch* alto, o que não seria esperado na língua). Para mais informações, ver seção 4.2 *O acento*.

O tom de contorno sempre se realiza sobre um segmento da coda capaz de carregar o tom ou sobre a vogal alongada, de modo que o tom não espraia para o *onset* que segue, mesmo que seja um segmento soante. Em outras palavras, no nível lexical, somente há tom de contorno na raiz em sequências em que se observa sílaba pesada em pelo menos uma de suas realizações.

O *pitch* alto pode ser realizado mais ou menos alto a depender de sua posição na palavra e do ambiente adjacente. Se ocorrer entre dois tons baixos, por exemplo, ele se realiza com menos força e altura do que em início de palavra. Do mesmo modo, o *pitch* alto dos morfemas de aspecto perfectivo masculino /-ra/ e feminino /-na/ em fim de sentença e palavra verbal sofre *downstep*¹⁷⁹ e sempre se realiza mais baixo e, então, menos contrastivo do que aquele que ocorre em raiz ou morfema em outras posições na palavra. O tom alto do sufixo verbal final se confunde também com a entonação no domínio da frase. A respeito do comportamento do *pitch* alto em final de sentença, Kroeker, M. (1977) expõe para o Nambikwara do Sul:

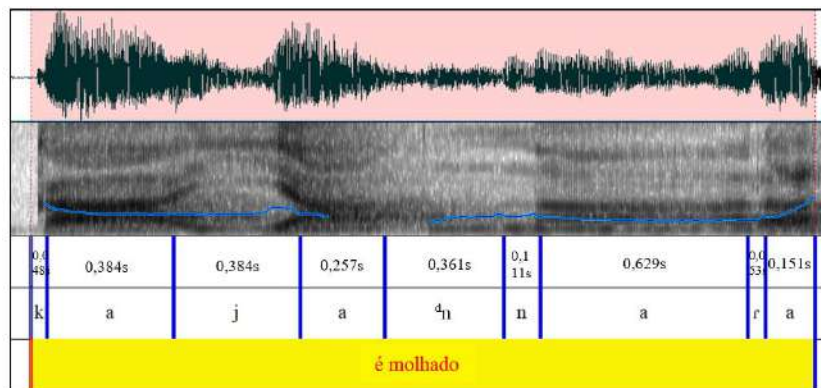
The tone on the final syllable of a sentence, i. e. preceding silence, shows less contrast than elsewhere. [...] It should be noted that the sentence final rising contour ² does not rise as high as other rising contours ². Nor does it stay down as low as would be the case of a low register tone ³ in other positions in the sentence. Therefore, one could write the sentence final tone as either ² or ³. There is no phonological reason for choosing one over the other. In experiments conducted with semi-literate Nambikuáras, the reaction was more favourable to the use of ² than to the use of ³. (KROEKER, M., 1977, p.128-9)

Nesse trabalho, considerou-se que o tom dos morfemas verbais finais {-ra} e {-na}, indicativos do aspecto perfectivo com interlocutor do sexo masculino e feminino, respectivamente, e {-wa} e {-a}, morfemas de aspecto imperfectivo com interlocutor do sexo masculino e feminino, é alto, mesmo que haja implicações entoacionais relativas ao domínio da frase fonológica ou do enunciado. Exemplos de realizações desses morfemas são os que seguem:

¹⁷⁹ Em sequências de tons de nível alto em uma palavra ou sentença, é possível ocorrer *downstep*. Em outras palavras, um tom alto que segue imediatamente outro tom alto sem a presença de um tom baixo interveniente pode ser realizado com *pitch* mais baixo (FOX, 2000, p.190).

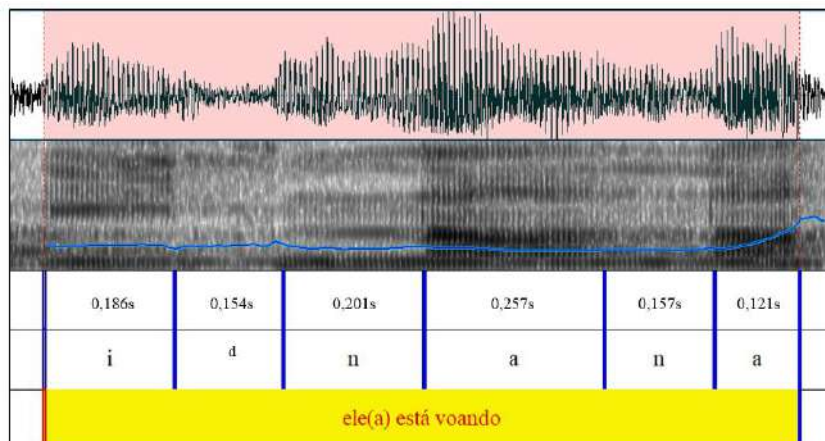
- (893) L L H L L H
 | | | | \ | |
 /k a i a n n a r a/ [k a^j a^d n n a r a]
 kaian- Ø- na- ra
 ser molhado-3SG-PRES-PF
 “é molhado”

Figura 77 – Espectrograma de “é molhado”



- (894) L L H L L H
 | | | | \ | |
 /i n n a n a/ [i^d n a n a]
 in- Ø- na- na
 voar-3SG-PRES-PF.FEM
 “ele está voando”

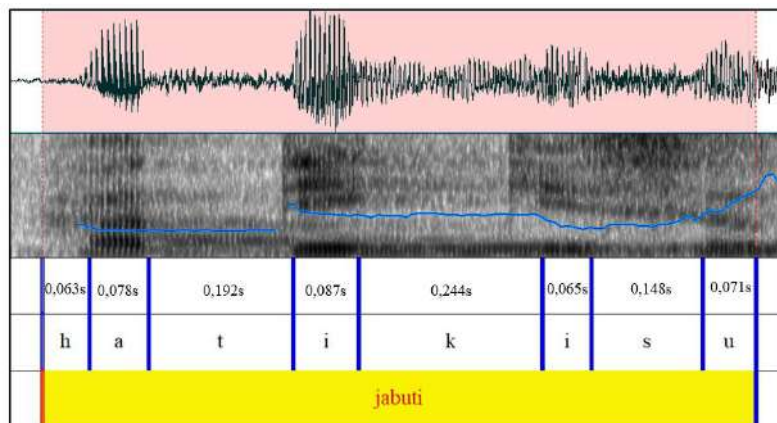
Figura 78 – Espectrograma de “ele(a) está voando”



Quando um *pitch* alto ocorre entre dois tons de nível baixo, o mesmo geralmente tem uma realização menos proeminente do que em início ou mesmo em final de palavra. Os morfemas nominais finais {-su} e {-a} têm *pitch* alto lexicalizado e não interferem na realização do tom nas raízes e nos morfemas que os precedem¹⁸⁰. O mesmo foi verificado com relação aos morfemas nominais finais nas línguas Latundê, Mamaindê e Negarotê. Abaixo, é possível observar a realização de um tom de nível alto em sílaba acentuada entre dois baixos *default*, em meio de palavra, e o comportamento dos morfemas nominais finais {-su} e {-a} no que se refere ao tom:

- (895) H H H H
 | | | \ |
 /h a t i k i s u/ [h a t i : k i s u]
 hatiki- su
 jabuti-S.NOM
 “jabuti”

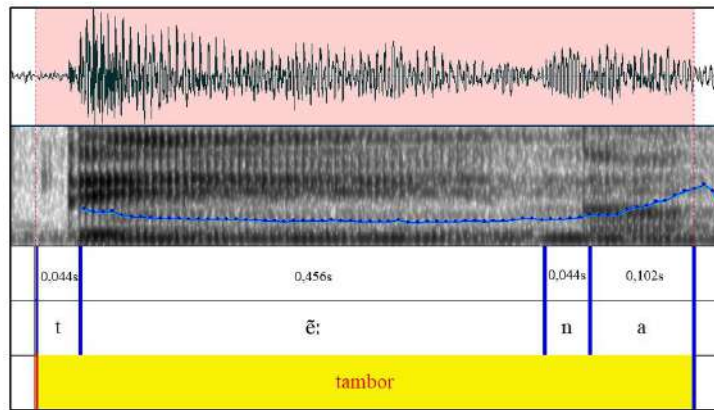
Figura 79 – Espectrograma de “jabuti”



¹⁸⁰ Por se tratarem de morfemas finais, no domínio da palavra nominal, seu *pitch* alto também pode se confundir com a entoação no domínio da frase fonológica e do enunciado. Assim como assumimos que, no âmbito da frase e da palavra verbal, os morfemas verbais finais {-ra} e {-na} têm tom lexical de nível alto, consideramos que os sufixos finais nominais {-su} e {-a} têm, também, *pitch* alto lexicalizado.

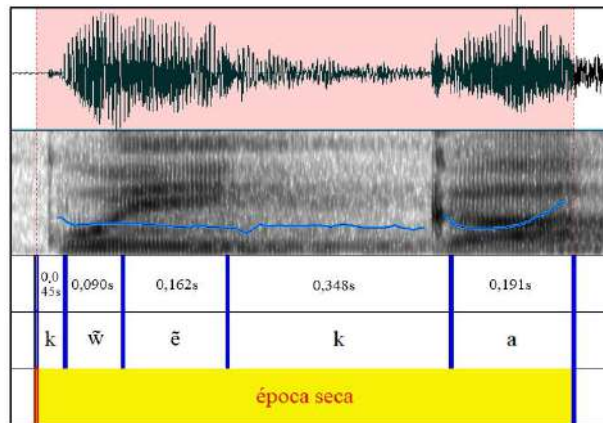
- (896) L H L H
 | | | \ |
 /t ẽ n a/ [t ẽ : n a]
 tẽn- a
 tambor-S.NOM
 “tambor”

Figura 80 – Espectrograma de “tambor”



- (897) L H L H
 | | | |
 /k u ẽ k i a/ [k ỹ ẽ k a]
 kuẽki- a
 época seca-S.NOM
 “época seca”

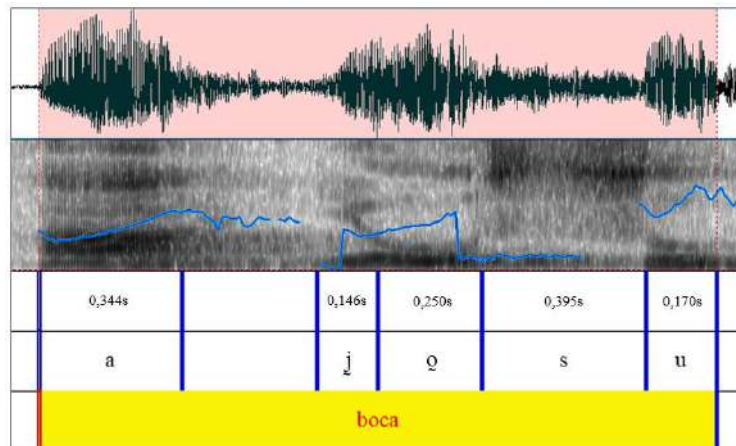
Figura 81 – Espectrograma de “época seca”



Assim, pode-se afirmar que a palavra fonológica em Nambikwara do Campo é, muitas vezes, delimitada por tom de nível alto final tanto no que diz respeito à palavra nominal quanto à verbal. Ressalta-se, entretanto, que isso não significa dizer que todo tom alto delimita palavra fonológica na língua, mas sim que os limites da palavra geralmente carregam *pitch* alto¹⁸¹. Desse modo, a mesma palavra pode trazer mais de um tom de nível alto, visto que a raiz também pode apresentar sílaba tônica com *pitch* alto e não forma palavra sozinha na língua, precisando de, pelo menos, um morfema gramatical (nominal ou verbal) para tal. É possível verificar palavras que apresentam *pitch* alto em todas as sílabas, ou em quase todas, como exemplificado abaixo:

- (898) H H H H H H
 | | | | | |
 /a i̯ ɔ s u/ [a i̯ j ɔ s u]
 a- i̯ɔ- su
 INAL-boca-S.NOM
 “boca”

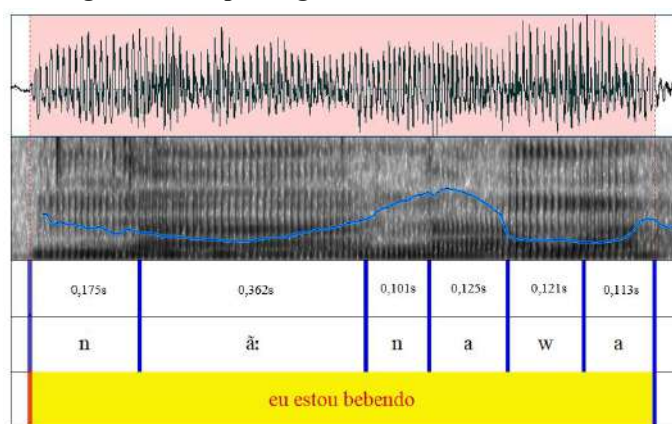
Figura 82 – Espectrograma de “boca”



¹⁸¹ Salienta-se, no entanto, que estudos mais aprofundados acerca da palavra fonológica verbal e de suas relações com domínios mais elevados na hierarquia prosódica são necessários para que se possa confirmar com mais clareza o que ocorre no limite da palavra.

- (899) L H H H L¹⁸² H H
 | | | | \ | |
 /n ã n a u a/ [¹n ã : n a w a]
 nãn- a- ua
 beber-PRES/1SG-IMPF
 “eu estou bebendo”

Figura 83 – Espectrograma de “eu estou bebendo”



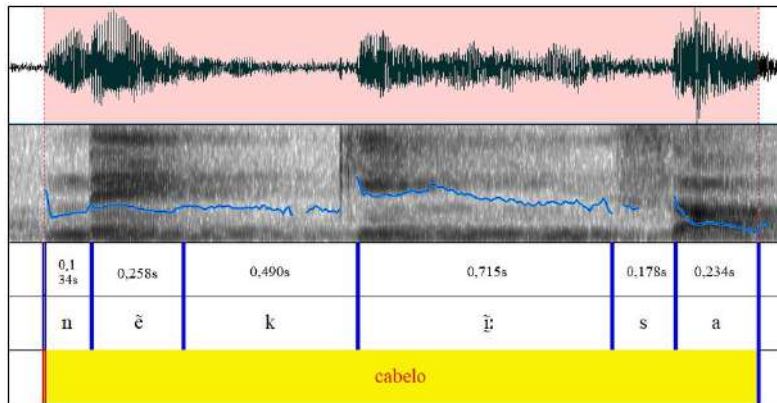
Conforme já mencionado anteriormente, é comum ocorrer ressilabificação na superfície de segmento em coda, o que resulta em uma sílaba aberta e engatilha o alongamento da vogal nuclear acentuada. Nesses casos, a vogal que antes contava como uma única mora e carregava apenas um tom de nível ou o primeiro elemento do tom de contorno passa a contar duas moras e pode continuar carregando um tom de nível, o qual fica associado a duas moras, ou passar a carregar dois tons, cada um ligado a uma mora, formando, então, o tom de contorno. Alguns exemplos seguem abaixo:

- (900) L HLH L LH L H L HL L LH L H
 | | | | | | | | | | | |
 /n ẽ kĩ s a # a l u n n a r a/ [n ẽ 'kĩ : s a # 'l u : n a r a]
 nẽkĩs- a # alun- Ø- na- ra
 cabelo-S.NOM ser comprido-3SG-PRES-PF
 “o cabelo é comprido”¹⁸³

¹⁸² Nessa palavra, o tom de contorno LH não se realiza na raiz devido ao sândi tonal que ocorre entre raiz e morfema de tempo/pessoa em contexto de H]_{raiz} + H. O sândi tonal, bem como o tom morfossintático nos morfemas verbais de tempo/pessoa, será explicado mais abaixo nessa seção, no item 4.2.2 *O tom morfossintático: a palavra verbal*.

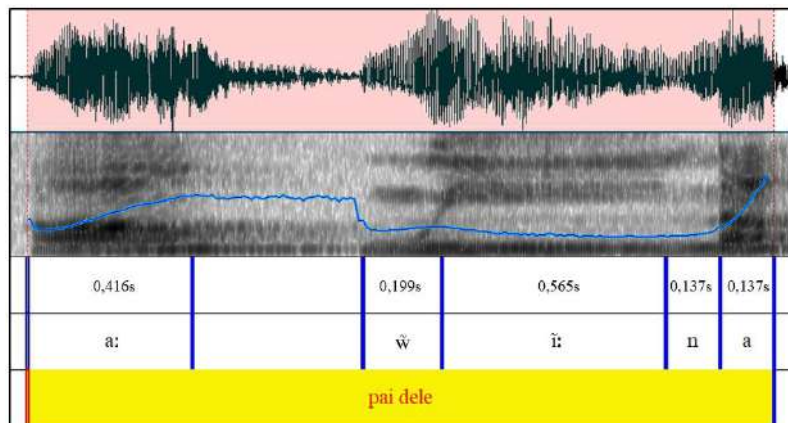
¹⁸³ Nesse dado, também se observa o apagamento do sufixo nominal {-a} com tom alto lexical em [nẽ'kĩsa], /nẽkĩsa/, “cabelo”, de modo que o [a] inicial com tom baixo da palavra seguinte,

Figura 84 – Espectrograma de “cabelo”



- (901) H L H LH L H
 | | | || \ |
 /a ã ãĩ n a/ [a : 'wĩ ã : n a]
 a- ãĩn- a
 POS.3SG-pai-S.NOM
 “pai dele”¹⁸⁴

Figura 85 – Espectrograma de “pai dele”

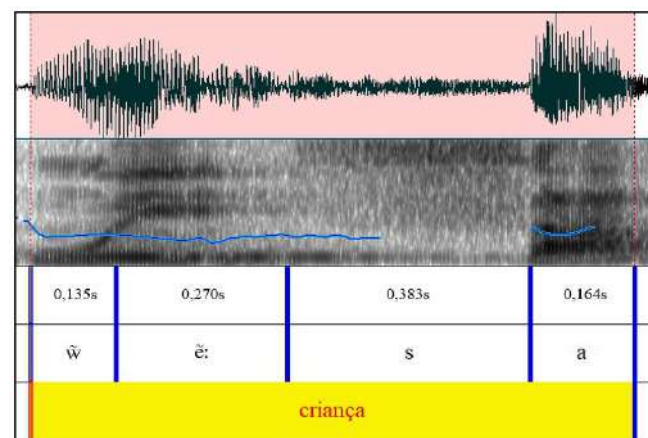


o verbo adjetival “ser comprido”, passa a ocupar o núcleo da sílaba junto à fricativa [s] ressilabada para o onset.

¹⁸⁴ Nesse exemplo, forma-se um tom de contorno fonético na primeira vogal, o prefixo possessivo de 3ª pessoa do singular {a-}, devido ao alongamento causado pela fala lenta e silabada com que a palavra foi produzida pelo falante. Sendo assim, nesse caso, tal contorno é apenas fonético.

- (902) L H L H
 | | | \ |
 /ũ ě n s a/ [ˈw̃ ě : s a]
 ũ ě ns- a
 criança-S.NOM
 “criança”

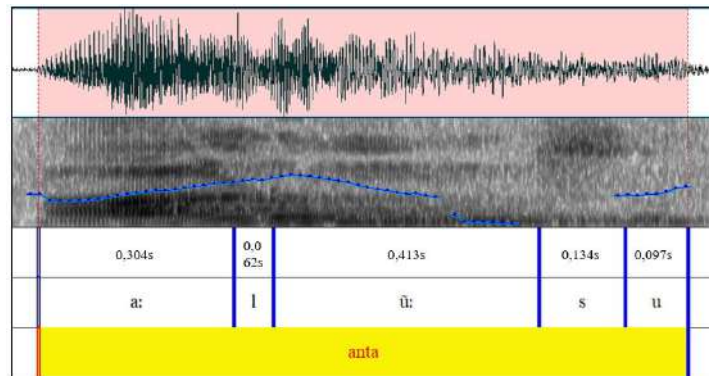
Figura 86 – Espectrograma de “criança”



É interessante notar que, em sequências de sílabas contíguas com tom alto, por vezes se pode observar o alongamento da vogal nuclear da primeira sílaba, criando, assim, uma mora, que apresenta *pitch* baixo, e formando-se na superfície um tom de contorno. Esse fato ocorre como uma estratégia da língua para evitar a ocorrência de dois tons de nível alto em sequência. Essas realizações são comuns em fronteira de morfema, em palavra nominal, quando a sílaba tônica da raiz tem *pitch* alto e vem seguida por um sufixo nominal {-su} ou {-a}, ambos com *pitch* alto. Nesses casos, é comum haver o acréscimo fonético de uma mora pelo alongamento vocálico característico da posição tônica em sílabas abertas e a formação do tom de contorno HL. A esse respeito, observe o exemplo a seguir:

- (903) H H HL H
 | | | | |
 /a l ũ s u/ [a : ˈl ũ : s u]
 alũ- su
 anta-S.NOM
 “anta”

Figura 87 – Espectrograma de “anta”

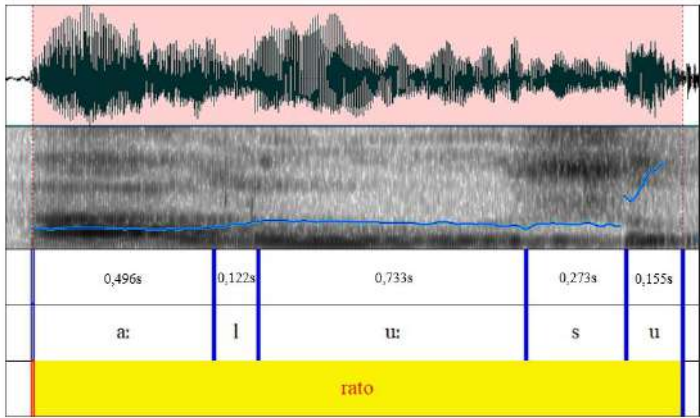


No exemplo nº 903 (figura 87), ambas as vogais da raiz apresentam tom de contorno fonético. Com relação à primeira vogal, o /a/ com *pitch* baixo, o contorno diz respeito ao fato de a sílaba seguinte possuir uma vogal com *pitch* alto, sendo, então, a sequência LH heterossilábica responsável pela curva de transição do *pitch* observável no espectrograma. Além disso, segmentos soantes que ocorrem em posição de *onset* em meio de palavra, embora não carreguem tom, tendem a favorecer a realização de tons de contorno fonéticos nas sílabas adjacentes com diferentes *pitches*. Isso ocorre devido à sua soância característica, a qual possibilita a transição de tons distintos de uma sílaba para outra. O contorno fonético observável na primeira vogal de “anta” ilustra essa assertiva, uma vez que a presença da consoante líquida /l/ entre vogais com tons distintos favorece a transição e forma, então, a curva de gradiência de um tom (baixo) para outro (alto).

Ressalta-se que, em sequência de *pitches* LL em sílabas distintas não se observa a criação de tons de contorno na superfície. Essa estratégia foi verificada apenas em sequências do tipo HH e, por vezes, pode não ocorrer na palavra nominal. Paralelamente a isso, observa-se, ainda, que nem sempre o contorno fonético característico da transição entre sílabas com *pitches* distintos (LH ou HL) se faz presente. Ele pode ocorrer, mas não é obrigatório na língua, e em grande parte das vezes está condicionado à presença de uma consoante soante em *onset* silábico, a qual, como explicado acima, favorece a curva de transição entre tons de nível distintos contíguos heterossilábicos. Os exemplos a seguir mostram sequências de tons baixos LL sem necessidade de criação de tons de contorno e evidenciam que, quando não há segmento soante, a exemplo de consoantes líquidas, em *onset*, tons de contorno de transição entre *pitches* distintos não ocorrem. Por fim, é importante apontar que esses tons de contorno fonéticos aqui mencionados não se confirmam na subjacência. Além disso, tons de contorno na subjacência não se realizam na consoante soante em *onset*, mas apenas em segmento em posição de coda, quando este é [+soante] ou o [h, s], ou na mora criada pelo alongamento vocálico em sílaba aberta em posição de acento, a qual, por estar associada à vogal, é, também, [+soante].

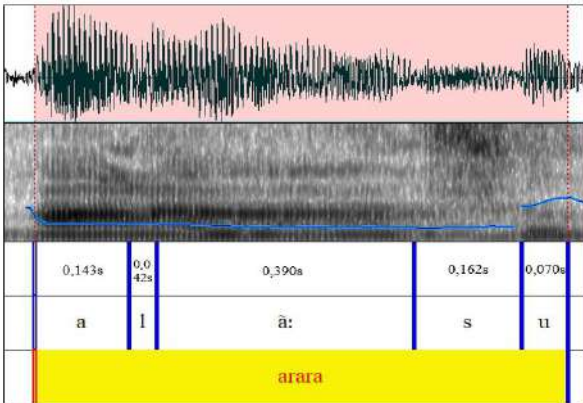
- (904) L H L H
 | | |\ |
/a l u s u/ [a : 'l u : s u]
alu- su
rato-S.NOM
“rato (geral)”

Figura 88 – Espectrograma de “rato”



- (905) L H L H
 | | |\ |
/a l ã s u/ [a : 'l ã : s u]
alã- su
arara-S.NOM
“arara”

Figura 89 – Espectrograma de “arara”

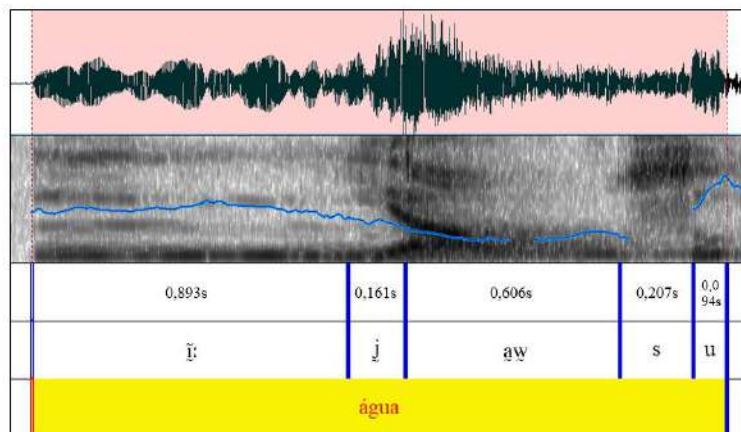


A nasalidade e a laringalização independem do *pitch*. Isso implica dizer que qualquer vogal da língua pode carregar *pitch* alto ou baixo. Assim, vogais orais, nasais, laringais e nasais-laringais podem ter tom de nível alto ou baixo e formar tons de contorno na superfície, como é apresentado a seguir:

Vogal nasal e laringal com pitch alto:

- (906) H H H H
 | | | \ |
 /ĩ n i ǎ u s u/ [ĩ : j ǎ w s u]
 ãn- ǎu- su
 água-CL.líquido-S.NOM
 “água”

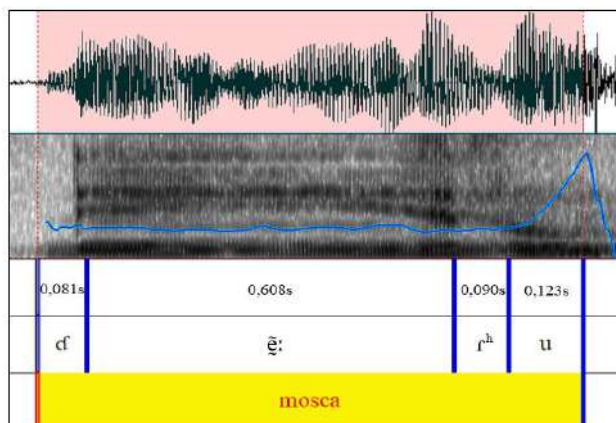
Figura 90 – Espectrograma de “água”



Vogal nasal e laringal com pitch baixo:

- (907) L H L H
 | | | \ |
 /ʔ t ẽ l i s u/ [ʔ d ẽ : r^h u]
 ʔtẽ- li- su
 mosca-?-S.NOM
 “mosca”

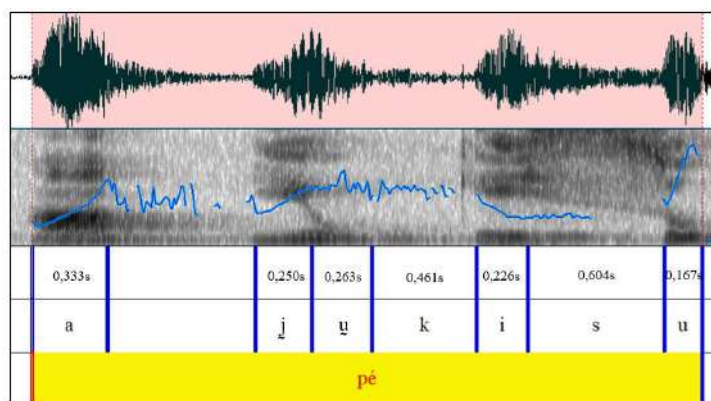
Figura 91 – Espectrograma de “mosca”



Vogal laringal com pitch alto:

- (908) H H H H H H
 | | | | \ |
 /a ǰ ɥ k i s u/ [a ʲ ɥ : k i s u]
 a- ɲuki- su
 INAL-pé-S.NOM
 “pé”

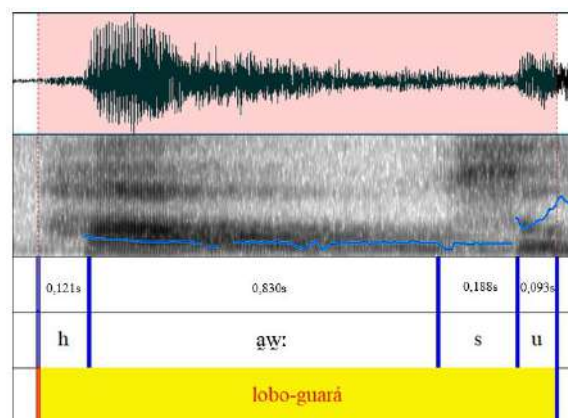
Figura 92 – Espectrograma de “pé”



Vogal laringal com pitch baixo:

- (909) L H L H
 | | | \ |
 /h Ɂ ũ s u/ [ʰh Ɂ w̃ : s u]
 hɁ- su
 lobo guará-S.NOM
 “lobo-guará”

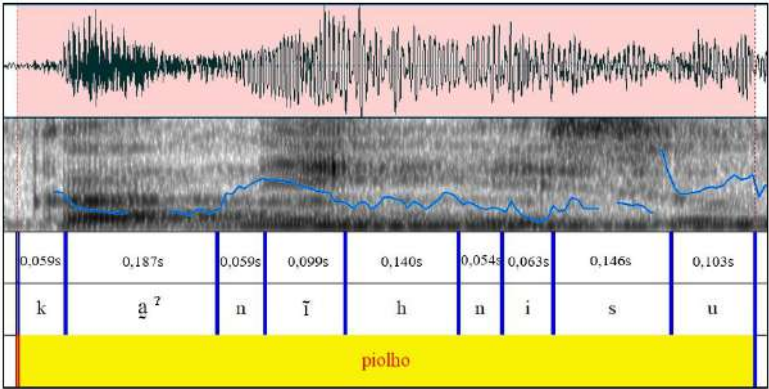
Figura 93 – Espectrograma de “lobo-guará”



Vogal nasal com pitch alto:

- (910) HL H HL H
 | | | | |
 /k Ɂ ʔ n ĩ h n e s u/ [k Ɂ ʔ ʰ n ĩ h n i s u]
 kɁʔnĩhne- su
 piolho-S.NOM
 “piolho”

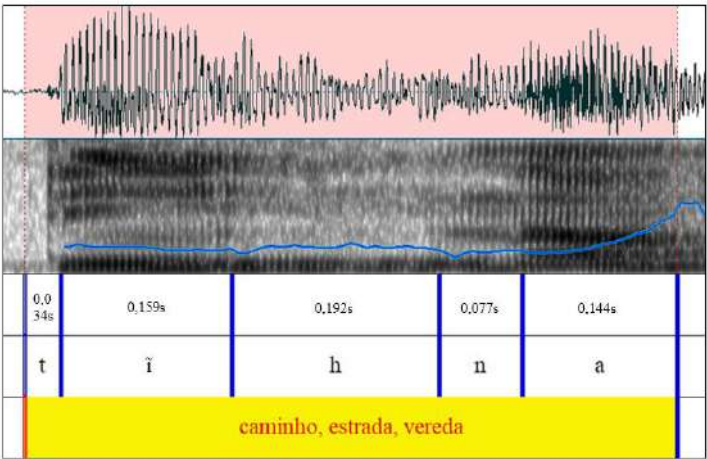
Figura 94 – Espectrograma de “piolho”



Vogal nasal com pitch baixo:

- (911) L H L H
 | | | \ |
/tĩ h n o a/ [tĩ h n a]
tĩhno- a
caminho-S.NOM
“caminho, estrada, vereda”

Figura 95 – Espectrograma de “caminho, estrada, vereda”



Outros exemplos:

- (912) L H L H
 | | |\ |
 /²p ẽ l i s u/ [ʼb ẽ : r^h u]
 ʔpẽ- li- su
 melão-?-S.NOM
 “melão”

- (913) HL H H L H
 | | | | |
 /n ã n s u/ [ʼn ã n 's u]
 nã- su
 tatu-S.NOM
 “tatu, espécie de (lit.: tatu-galinha pequeno)”

- (914) L H L H
 | | |\ |
 /k ã n s u/ [ʼk ã n 's u]
 kã- su
 algodão-S.NOM
 “algodão”

- (915) HL H H L H
 | | | | |
 /k ã n s u/ [ʼk ã n 's u]
 kã- su
 timbó-S.NOM
 “timbó”

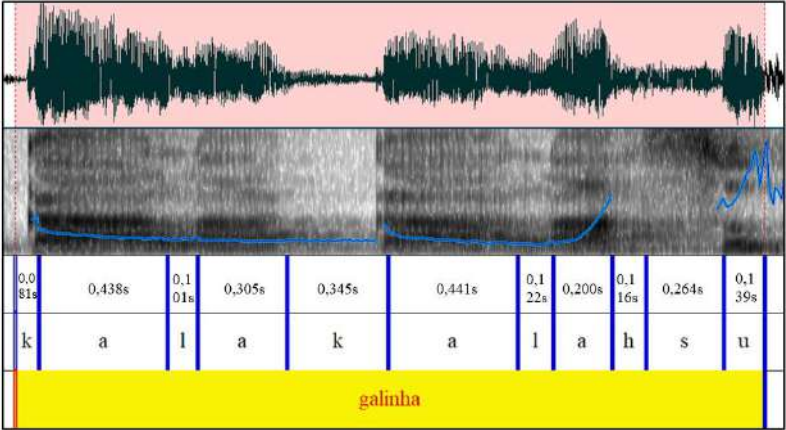
- (916) L H L H
 | | | |
 /ẽ ʔ s u/ [ʼẽ ʔ t^s u]
 ẽʔ- su
 fumo-S.NOM
 “fumo”

- (917) H H H H H H
 | | | | | |
/a n ẽ k i s u/ [a 'n ẽ k i s u]
a- nẽki- su
INAL-raiz-S.NOM
“raiz”

Em conformidade com discussões anteriores presentes nesse trabalho a respeito da reduplicação, palavras formadas a partir desse processo morfofonológico não reduplicam material suprasegmental¹⁸⁵. Desse modo, nem o tom nem o acento são reduplicados na língua, o que corrobora o fato de o tom distintivo em palavras lexicais estar limitado à sílaba acentuada. Os exemplos abaixo ilustram essa assertiva:

- (918) H H H H
 | | | |
/k a l a k a l a s u/ [k a l a k a 'l a ^h s u]
kala.kala- su
REDUPL.galinha-S.NOM
“galinha”

Figura 96 – Espectrograma de “galinha”

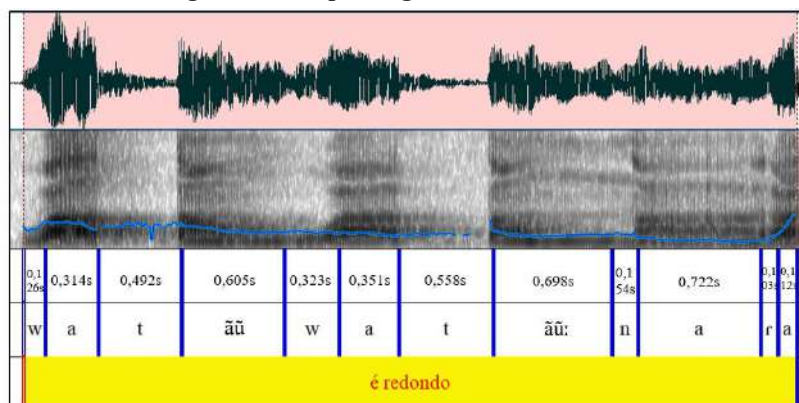


¹⁸⁵ Para mais informação a respeito da reduplicação na língua, ver 3.2.11 Reduplicação, no capítulo 3.

Pode-se observar nos exemplos acima que a sílaba tônica com *pitch* alto apresenta *pitch* baixo na sílaba reduplicada, evidenciando que o tom não participa do processo de reduplicação. Apesar disso, também pode acontecer de a sílaba reduplicada apresentar o mesmo *pitch* da sílaba tônica. Nesses casos, ocorre a reduplicação da raiz inteira, com 2 acentos, de modo que a forma resultante parece se comportar como um composto, com o primeiro acento (da forma reduplicada) foneticamente reduzido.

- (921) L L L H L L L H
 | | | | | \ | \ | |
 /u a t ã u a t ã ã n n a r a/ [w a , t ã w a ' t ã w : n a r a]
 uatã.uatãun- Ø- na- ra
 REDUPL.ser redondo-3SG- PRES-PF
 “é redondo”

Figura 99 – Espectrograma de “é redondo”



Outro exemplo desse contexto é:

- (922) HL HL L H HL HL L H
 | | | | | | | | | |
 /u a t a i t ã i n n a r a/ [w a , t a : ' t ã jⁿ n a r a]
 uatai.(ua)tãin- Ø- na- ra
 REDUPL.ser fino-3SG-PRES-PF
 “é fino”

4.2.2 O tom morfossintático: a palavra verbal

Tendo em vista o que já foi apresentado nessa seção, sabe-se que o tom em Nambikwara do Campo tem função contrastiva em sílaba tônica no léxico. Essa característica também foi comprovada para a gramática, especificamente no que diz respeito à morfologia verbal¹⁸⁶. Nesse trabalho, com o intuito de demonstrar a função contrastiva do tom no âmbito da gramática na língua, optou-se por abordar os paradigmas de 1ª e 3ª pessoa do singular de verbos ativos e de verbos adjetivais que se comportam como ativos¹⁸⁷ nos tempos presente e passado recente¹⁸⁸. Nesse contexto, serão consideradas tanto sentenças declarativas afirmativas quanto negativas. Ao longo dessa descrição, também serão feitas algumas reflexões envolvendo o tom em construções negativas no tempo passado, mas, nesse caso, não serão apresentados paradigmas.

Desse modo, o recorte feito nesse trabalho para apresentar a função contrastiva do tom na morfologia verbal restringe-se a construções do tipo raiz verbal (RV) + morfema de tempo/pessoa (-a, -na) + morfema de aspecto/pessoa. Não foram consideradas aqui os casos em que há outros morfemas gramaticais operando entre a raiz e o morfema de tempo. Também não foram considerados os casos em que há mudança com implicações de sentido no padrão tonal da raiz, a exemplo de algumas ocorrências da 2ª pessoa do singular.

Ressalta-se, ainda, que, conforme já discutido anteriormente nessa seção, o tom alto de morfemas finais de palavra/sentença verbal na língua confunde-se com a entonação. Como este trabalho pretende analisar o tom no nível da palavra, não se debruçando sobre os níveis prosódicos mais altos da hierarquia, será considerado aqui que os morfemas finais de aspecto/pessoa carregam tom alto, sendo necessário, porém, trabalhos posteriores para investigar sua relação com a entonação e com os domínios prosódicos acima do da palavra.

¹⁸⁶ Em Latundê e Lakondê, o tom também foi observado atuando na distinção de pessoa. De acordo com Telles (2002), no morfema de passado recente em verbos dinâmicos, o tom atua na distinção entre 1ª e 3ª pessoas do singular em Latundê e entre 1ª, 2ª e 3ª pessoas do singular em Lakondê.

¹⁸⁷ Verbos adjetivais podem apresentar morfologia diferente daquela usada pelos verbos ativos. O presente recorte feito nesse trabalho para demonstrar o caráter contrastivo do tom na morfologia verbal irá se restringir ao contexto morfossintático característico de verbos ativos e de verbos adjetivais que ocorrem com esta mesma morfologia verbal, mesmo que, em contextos diferentes, verbos adjetivais possam acrescentar outros morfemas que fogem ao escopo da presente análise. Verbos estativos, por apresentarem um paradigma distinto, não foram considerados nesta análise. Nesses verbos, o sujeito é sempre paciente, havendo, então, a indexação de morfologia de objeto entre a raiz verbal e o morfema de tempo/pessoa, que é categórica, pelo menos, na 1ª pessoa do singular. Um exemplo é “eu estou com fome”:

[^hhesa^hnawa]

heh- san- a- ua
estar com fome-O.1SG-PRES/1SG-IMPF
“eu estou com fome”

¹⁸⁸ Na língua, entende-se por “passado recente” um momento transcorrido no dia de hoje (mais cedo).

Assim, no âmbito dos paradigmas verbais que serão aqui discutidos, pode-se constatar que o tom é contrastivo e exerce um papel fundamental no que concerne ao sentido gramatical em 3 contextos principais, quais sejam: distinção de pessoa (1ª e 3ª do singular), distinção entre sentença declarativa afirmativa e negativa e distinção de tempo (presente e passado recente). A seguir, cada um desses contextos será devidamente apresentado e descrito juntamente com os paradigmas verbais de 1ª e 3ª pessoas do singular de verbos ativos e adjetivais (que se comportam como ativos) no presente e no passado recente em sentenças declarativas afirmativas e negativas.

4.2.2.1 Os paradigmas verbais de 1ª e 3ª pessoas do singular no presente e no passado recente em sentenças declarativas afirmativas e negativas

4.2.2.1.1 O morfema *portmanteau* de tempo/pessoa

O morfema de tempo/pessoa {-a, -na} pode carregar tom de nível alto ou baixo. O tom alto indica marcação de pessoa associado com o comportamento tonal da raiz e de outros morfemas que podem vir antes do morfema de tempo/pessoa. No caso da 1ª pessoa do singular de verbos ativos e adjetivais que se comportam como ativos, a marcação de tom alto é suficiente para identificar o sujeito (1SG), não sendo necessário haver outros morfemas gramaticais operando nem alteração no padrão tonal da raiz com implicações de sentido¹⁸⁹. Com o intuito de deixar o comportamento do morfema de tempo/pessoa {-a, -na} mais claro, principalmente no que concerne à 1ª e à 3ª pessoa do singular, objeto de investigação desse estudo, são apresentados alguns exemplos a seguir. Esses exemplos compreendem sentenças na 1sg, 2sg, 3sg, 1pl (inclusivo), 2pl e 3pl e não têm o intuito de demonstrar exaustivamente o comportamento e os paradigmas verbais de todas as pessoas gramaticais. No entanto, eles cumprem a função de ratificar que há diversas possibilidades de construções e de arranjos tonais na palavra verbal na língua, sendo necessário estudos futuros para aprofundar essas questões. Aqui, a apresentação desses exemplos objetiva, portanto, apenas evidenciar a complexidade morfossintática associada ao tom na palavra verbal da língua, o que vem a justificar o recorte de análise feito no presente estudo. Observe que o morfema de tempo/pessoa {-a, -na} de presente e passado recente guarda alomorfia, a qual será discutida mais adiante.

- (923) L H H H L H H
 | | | | \ | |
 /t e n a u a/ [t e : n a w a]
 ten- a- ua
 procurar, caçar-PRES/1SG-IMPF
 “eu procuro, caço”

¹⁸⁹ Mantêm-se, porém, as alterações do padrão tonal relativas à restrição de tom H+H em fronteira de raiz e morfema de tempo no presente e no passado recente. Para mais informações, ver 4.2.2.1.2 *Sândi tonal: restrições de HH em fronteira de raiz com morfema*.

- (924) LH H H L H H
 | | | |\ | |
 /t e n a r a/ [t e : n a r a]
 ten- a- ra
 procurar, caçar-PRC/1SG-PF
 “eu procurei, cacei”
- (925) LH H HL H
 | | | | |
 /i a u n r a/ [j a w : r a]
 iaun- Ø- ra
 morar-PRES/2SG-PF
 “você está morando, mora (aqui)”
- (926) LH H H H L H H
 | | | | | \ | |
 /i a u n n a r a/ [j a w ^b m n a r a]
 iaun- na- ra
 morar-PRC/2SG-PF
 “você morou, morava (aqui)”
- (927) LH HL H L HL H
 | | | |\ | | |
 /t e n i n r a/ [t e : n i : r a]
 ten- in- Ø- ra
 procurar, caçar-2SG-PRES-PF
 “você procura, caça”
- (928) LH L H L H L H
 | | | | | | |
 /t e n n a r a/ [t e ^d n n a r a]
 ten- Ø- na- ra
 procurar, caçar-3SG-PRES-PF
 “ele procura, caça”
- (929) LH L L H L H L L H
 | | | | | | | | |
 /k ã ã n k i t a r a/ [k ã j g i t a r a]
 kãin- kit- a- ra
 ser grande-1PL.I-PRES/1PL.I-PF
 “nós somos grandes”

- (930) HLHL L H H HL HL L H H
 | | | | || || \ | |
 /u i l i n i a h l i r a/ ['w i : r^h i^d p^j a h l i r a]
 uil- in- iah- li- Ø- ra
 ser bonito, bom-2SG-2PL-PL-PRES/2PL-PF
 “vocês são bonitos, bons”

- (931) LH H L H L H H L H
 | | | | | | | | |
 /k ã ã n l i n a r a/ ['k ã ã r i n a r a]
 kãĩn- Ø- li- na- ra
 ser grande-3SG-PL-PRES-PF
 “eles são grandes”

Os exemplos acima mostram que, ao menos no que diz respeito aos tempos presente e passado recente, o morfema de tempo{-a, -na} pode ocorrer ou não na sentença e, quando ocorre, pode vir ou não acompanhado de morfemas pronominais que indicam o sujeito. Quando o morfema de tempo/pessoa não ocorre (exemplos 925, 927 e 930), o padrão tonal da raiz (exemplo 925) e/ou dos morfemas pronominais e de plural (exemplos 927 e 930) indicam tempo (morfologia e padrão tonal) e pessoa (morfologicamente expressa) na sentença.

Quando o morfema de tempo/pessoa ocorre, pode haver ou não morfologia indicando pessoa e/ou número (plural) entre ele e a raiz. Quando há morfemas pronominais, o morfema de tempo/pessoa pode carregar tom baixo ou alto, estando o sujeito da sentença expresso morfologicamente (exemplo 929).

Por outro lado, quando o morfema de tempo/pessoa ocorre sem morfemas pronominais adjacentes, pode haver ou não uma alteração no padrão tonal da raiz para indicar pessoa. Esse é o caso do exemplo 926, em que a alteração do padrão tonal e o tom do morfema de tempo/pessoa atuam conjuntamente na identificação do tempo e da pessoa/sujeito da sentença. Nesse caso, o morfema de tempo/pessoa mantém-se com tom alto (indicando que há marcação de pessoa) e a raiz é realizada com um padrão tonal diferente do de sua forma subjacente: em vez de ser LH, é HL. Assim, nesse exemplo, é o jogo tonal entre esses dois elementos (raiz e morfema de tempo) que informa quem é o sujeito da construção verbal.

Os únicos casos em que a raiz mantém o seu padrão tonal¹⁹⁰ e não há afixos pronominais ou de plural intervenientes entre a raiz e o morfema de tempo/pessoa são os exemplos de 1ª pessoa do singular (exemplos nº 923 e 924) e de 3ª pessoa do singular (exemplo nº 928). O que é interessante notar é que, em sentenças na 1ª pessoa do singular, o tom alto do morfema de tempo/pessoa é suficiente para delimitar o

¹⁹⁰ Pode haver mudança de padrão tonal da raiz nos casos de restrição de tons altos contíguos em fronteira de raiz com morfema de tempo. Nesse caso, a alteração do padrão tonal está relacionada a uma restrição da língua, e não a uma possibilidade de arranjo tonal com implicações de sentido, a exemplo do que pode ser visto para a 2ª pessoa do singular nos exemplos 925 e 926.

sujeito. Nesse caso, não é necessário acrescentar mais morfologia (morfema pronominal) ou mudar o padrão tonal da raiz.

Esse comportamento torna-se ainda mais interessante ao se observar o que ocorre com a 3ª pessoa do singular. Nesse contexto, o tom do morfema de tempo/pessoa é baixo para o tempo presente e alto para o passado recente, não havendo nenhuma alteração no padrão tonal da raiz ou inserção de morfema pronominal. Assim, considera-se nesse trabalho que a 3ª pessoa do singular é não-marcada, com estrutura da sentença/palavra verbal RV + morfema de tempo, sem alterações no padrão tonal da raiz com informação gramatical e implicação de sentido.

Assim, o que se observa é que o tom alto no morfema de tempo/pessoa está atrelado à marcação de sujeito juntamente com a configuração tonal da raiz e de outros morfemas que podem estar presentes na construção verbal, como os morfemas pronominais. Para a marcação de tempo, que também leva em consideração tais contextos, o morfema final de aspecto também ocupa uma posição de importância. Caso o morfema de tempo/pessoa {-a, -na} tenha um afixo pronominal o precedendo, ele (o morfema de tempo/pessoa) pode carregar tom alto ou baixo, a depender do tempo e da configuração tonal do conjunto, havendo uma identificação do sujeito explícita na morfologia (estrutura tonal e comportamento segmental). Se não houver afixos entre a raiz verbal e o morfema de tempo, então este terá tom de nível baixo (tempo presente em declarativa afirmativa) apenas na 3ª pessoa do singular, que é não-marcada na língua. O passado recente, por sua vez, carrega tom alto na 3ª pessoa do singular, fazendo a distinção gramatical com o tempo presente¹⁹¹.

Devido a esses contextos particulares que caracterizam o comportamento da 1ª e da 3ª pessoa do singular é que foi feito o recorte ora apresentado nessa seção. O quadro abaixo sintetiza os contextos descritos e observados nos exemplos de 1 a 9 acima. Ressalta-se, porém, que as possibilidades de construções mencionadas, bem como os exemplos expostos, não são exaustivas e restringem-se aos tipos verbais utilizados nessa análise (verbos ativos e adjetivais que se comportam como ativos). Isso implica dizer, então, que outras possibilidades de construções e de arranjos tonais para além das exemplificadas aqui podem estar presentes na língua, principalmente no que diz respeito às demais pessoas gramaticais (para além da 1ª e 3ª pessoas do singular). Desse modo, o quadro a seguir visa chamar atenção para os comportamentos da 1ª e da 3ª pessoa do singular tendo em vista o comportamento de outras pessoas gramaticais, de modo a justificar o recorte aqui realizado.

¹⁹¹ No exemplo de número 931, embora não haja morfema pronominal de sujeito, há o morfema de plural {-li}, o qual, aliado à 3ª pessoa não-marcada e ao tom baixo do morfema de tempo/pessoa, forma a 3ª pessoa do plural.

Quadro 72 – Possibilidades de construções observadas considerando-se padrão tonal e morfema de tempo/pessoa

Morfema tempo/pessoa	Possibilidades e contextos observados na construção das sentenças/palavras verbais	Alteração do padrão tonal da raiz	Manutenção do padrão tonal da raiz ¹⁹²	Morfemas pronominais	Morfema de plural
	<i>Todas as construções apresentam morfema final de aspecto/pessoa¹⁹³</i>				
SEM morfema	Possibilidade 1 – Exemplo nº 925 • O padrão tonal da raiz indica tempo e sujeito; • 2SG.	X			
	Possibilidade 2 – Exemplos nº 927 e 930 • O(s) morfema(s) pronominal(ais) e/ou de plural indica(m) tempo e sujeito; • 2SG e 2PL.		X	X	X (a depender do sujeito)
COM morfema	Possibilidade 1 – Exemplo nº 929 • Os morfemas pronominais e/ou de plural juntamente com a estrutura e o tom do morfema de tempo/pessoa indicam tempo e sujeito; • 1PL.I (inclusivo).		X	X	X
	Possibilidade 2 – Exemplos nº 923, 924 e 928 • A estrutura e o tom do morfema de tempo/pessoa indicam tempo e sujeito; • 1SG (marcado) e 3SG (não-marcado).		X		
	Possibilidade 3 – Exemplo nº 927 • O padrão tonal da raiz aliado à estrutura e ao tom do morfema de tempo/pessoa indica o sujeito; • 2SG.	X			
	Possibilidade 4 – Exemplo nº 931 • O morfema de plural e a estrutura e o tom do morfema de tempo/pessoa indicam o sujeito; • 3PL (não-marcado).		X		X

¹⁹² Exceto casos relativos à restrição de tons altos H+H em fronteira de raiz com morfema de tempo/pessoa.¹⁹³ A marcação de pessoa a que se referem os morfemas aspectuais diz respeito à pessoa com quem se fala, isto é, ao sexo (masculino ou feminino) do interlocutor. Nesse sentido, o morfema de aspecto também é um morfema *portmanteau*, o qual apresenta as seguintes configurações: {-ra} “aspecto perfeito para interlocutor do sexo masculino”; {-na} “aspecto perfeito para interlocutor do sexo feminino”; {-ue} “aspecto imperfeito para interlocutor do sexo masculino” e {-a} “aspecto imperfeito para interlocutor do sexo feminino”.

A partir da observância dos paradigmas de 1ª e 3ª pessoas do singular em verbos ativos e adjetivais (que se comportam como ativos) na afirmativa, pode-se afirmar que o morfema de tempo/pessoa apresenta alomorfias, as quais não se explicam por meio de processos fonológicos (não há uma razão aparente que condiciona a escolha dos alomorfes). O quadro a seguir ilustra essa afirmação:

Quadro 73 – Alomorfias do morfema de tempo/pessoa em declarativa afirmativa

Tempo	Tipo de construção	1SG		3SG	
		TOM DE NÍVEL BAIXO	TOM DE NÍVEL ALTO	TOM DE NÍVEL BAIXO	TOM DE NÍVEL ALTO
<i>Presente</i>	Afirmativa		-a	-na	
<i>Passado recente</i>	Afirmativa		-a		-na

Morfologicamente, o morfema de tempo/pessoa tem a forma {-a} em sentenças declarativas afirmativas em 1ª pessoa do singular. Observe os exemplos abaixo:

- (932) L L H H L L H H
 | | | | | | \ | |
 /h a t ẽ a u a/ [h a 'd ẽ : a w a]
 hatẽ- a- ua
 dançar-PRES/1SG-IMPF
 “eu estou dançando”

- (933) L L H H L L H H
 | | | | | | \ | |
 /h a t ẽ a r a/ [h a 'd ẽ : a r a]
 hatẽ- a- ra
 dançar-PRC/1SG-PF
 “eu dancei (hoje)”

- (934) L H H L H H
 | | | | \ | |
 /k ă ĩ a r a/ ['k ă ĩ j a r a]
 kăĩ- a- ra
 roubar-PRC/1SG-PF
 “eu estou roubando”

- (935) L H H L H H
 | | | |\ | |
 /k ã ã a r a/ [k ã ã j a r a]
 kãĩ- a- ra
 roubar-PRC/1SG-PF
 “eu roubei (hoje)”

Em sentenças declarativas na 1ª pessoa do singular, quando o morfema de tempo/pessoa tem, morfologicamente, a posição de *onset* não-preenchida, esta pode ser ocupada, na superfície, pela consoante que ocorre em coda de sílaba tônica na raiz que a antecede ou, em caso de raiz com mais de uma sílaba, pela consoante em *onset* da sílaba postônica da raiz. No primeiro caso, tem-se a ressilabação do segmento em coda de sílaba tônica da raiz, que passa à posição de *onset* da sílaba seguinte (morfema de tempo/pessoa {-a}), sendo a vogal tônica da raiz, então, alongada devido à regra do acento¹⁹⁴. No segundo contexto, que ocorre em sílaba postônica de raiz, tem-se o apagamento da vogal átona em núcleo silábico, o qual passa a ser ocupado pelo morfema de tempo/pessoa {-a}.

Ressilabação de consoante em coda de raiz para onset de morfema de tempo/pessoa

- (936) HL H H H L H H
 | | | || | |
 /u i l a u a/ [w i : r a w a]
 uil- a- ua
 ser bonito, bom-PRES/1SG-IMP
 “eu sou bonito, bom”

- (937) LH H H L¹⁹⁵ H H
 | | | |\ | |
 /i a u n a u a/ [j a w n a w a]
 iaun- a- ua
 morar-PRES/1SG-IMP
 “eu estou morando, moro (aqui)”

¹⁹⁴ O alongamento da vogal nuclear ocorre devido à necessidade de manutenção do peso silábico da sílaba tônica da raiz. Assim, a consoante em coda, ao passar para *onset* da sílaba subsequente, deixa sua sílaba de origem leve, havendo, então, o alongamento da vogal nuclear devido à regra do acento, de modo a tornar novamente a sílaba pesada.

¹⁹⁵ Nesse exemplo, o tom H do contorno da raiz não se realiza na superfície devido à ocorrência de sândi tonal em sequências de H+H em fronteira de raiz com morfema de tempo/pessoa. Para mais informações, ver item 4.2.2.1.2 *Sândi tonal: restrições de HH em fronteira de raiz com morfema*.

- (938) LH H H L H H
 | | | |\ | |
 /i a u n a r a/ [ˈj a w n a r a]
 iaun- a- ra
 morar-PRC/1SG-PF
 “eu morava, morei (aqui)”

Apagamento de vogal postônica de raiz com preenchimento de núcleo com morfema de tempo/pessoa

- (939) LH LH H L H H
 | | | | |\ | | |
 /s u h l a a u a/ [ˈs u : l a w a]
 suhla- a- ua
 matar, bater-PRES/1SG-IMPF
 “eu estou matando, batendo”¹⁹⁶

- (940) LH LH H L H H
 | | | | |\ | | |
 /s u h l a a r a/ [ˈs u : l a r a]
 suhla- a- ra
 matar, bater-PRC/1SG-PF
 “eu matei, bati”

Em raízes verbais com mais de uma sílaba, é possível omitir a sílaba postônica em algumas construções, como demonstra o exemplo abaixo:

- (941) LH H H L H H
 | | | |\ | |
 /s u h n a r a/ [ˈs u : n a r a]
 suhla- Ø- na- ra
 matar, bater-3SG-PRC-PF
 “ele matou, bateu”

¹⁹⁶ A raiz verbal {ˈsuhla} se traduz como “bater até matar” ou apenas “matar, bater”, pressupondo-se a ideia de que se bateu em algum animal até que este morresse, ou que se matou o animal batendo nele com um pau.

- (942) LH L H H LH L H H
 | | | | | | | |
 /s u h l a n a r a/ ['s u h l a n a r a]
 suhla- Ø- na- ra
 matar, bater-3SG-PRC-PF
 “ele matou, bateu”

4.2.2.1.2 Sândi tonal: restrições de HH em fronteira de raiz com morfema

A língua tem uma restrição quanto à ocorrência na superfície de dois tons de nível alto adjacentes em fronteira de raiz com morfema de tempo/pessoa. Nesse contexto, é o *pitch* do morfema de tempo, que é contrastivo e, portanto, tem valor distintivo, que permanece alto na superfície, enquanto o tom alto da última sílaba da raiz se realiza baixo. Observe os exemplos abaixo:

- (943) LHH H L H H
 | | | | \ | |
 /t e n a u a/ ['t e : n a w a]
 ten- a- ua
 procurar, caçar-PRES/1SG-IMPF
 “estou procurando, caçando”

- (944) H H H L H H
 | | | | \ | |
 /ã ã ? i n a u a/ [h ã ã ? 'i : n a w a]
 ãã?in- a- ua
 dormir-PRES/1SG-IMPF
 “eu estou dormindo”¹⁹⁷

- (945) LH H H L H H
 | | | | \ | |
 /a i n a u a/ ['a j n a w a]
 ain- a- ua
 andar, caçar-PRES/1SG-IMPF
 “estou andando, caçando”

A regra que rege esse comportamento está formalizada a seguir¹⁹⁸:

¹⁹⁷ Essa raiz verbal também pode significar “ter sono”.

¹⁹⁸ É interessante observar que Eberhard (2009) também encontra uma restrição de sequência tonal entre fronteira de raiz e afijos verbais em Mamaindê. Nessa língua, o sândi tonal ocorre como uma estratégia para evitar sequências HLH nesse contexto morfossintático. Assim, quando uma raiz verbal terminal em HL e é seguida por um afixo com tom H, então o tom L

$H \rightarrow L / ___]_{\text{raiz}} + H$

Condição: em fronteira de raiz com os morfemas de tempo/pessoa {-a, -na} no presente e no passado recente, na 1ª e na 3ª pessoa do singular

A regra que apaga o tom alto da raiz corresponde a uma dissimilação que ocorre para aprimorar a relevância das categorias morfossintáticas envolvidas, criando assim um contraste claro entre a raiz e os afixos relevantes. Em outros contextos, no entanto, sequências de tons altos contíguos são permitidas pela língua, tanto na palavra verbal quanto na nominal, nessa última, inclusive, em fronteira de raiz com morfema (sufixo nominal), como demonstrado acima nessa seção. No quadro a seguir, podem-se observar as possibilidades de *outputs* na sílaba considerando a restrição de tons altos contíguos no contexto supramencionado:

Quadro 74 – Padrões tonais da raiz em fronteira com morfema de tempo/pessoa com tom alto

/σ/ da raiz	Configuração do tom na sílaba na subjacência	Realização do tom na sílaba na superfície
L	L] _{raiz} + H	L] _{raiz} + H
H	H] _{raiz} + H	L] _{raiz} + H
LH	LH] _{raiz} + H	L] _{raiz} + H
HL	HL] _{raiz} + H	HL] _{raiz} + H

Como é possível perceber, os padrões da raiz que sofrem processo devido à restrição de HH em fronteira de raiz e morfema de tempo/pessoa são H e LH. Ressalta-se que não foi observada na língua qualquer restrição quanto à realização de tons baixos contíguos, inclusive em fronteira de raiz e afixos. A seguir, são apresentados exemplos de raízes terminadas com os padrões L, H, LH e HL seguidas de morfema de tempo/pessoa com tom alto:

Exemplos com raiz terminada em L:

- (946) L H H L H H
 | | | |\ | |
 /k ã ã a r a/ ['k ã ã j a r a]
 kãĩ- a- ra
 roubar-PRC/1SG-PF
 “eu roubei (hoje)”

intermediário é apagado e ocorrem 3 tons H em sequência na superfície. Ainda de acordo com Eberhard (2009), essa restrição de sequências HLH é denominada na literatura como ‘*Plateauing*’, sendo comum em línguas africanas Bantu. Em Mamaindê, tal qual o observado para o Nambikwara do Campo, essa restrição diz respeito especificamente ao contexto de fronteira de raiz e afixos verbais, não ocorrendo necessariamente em outros contextos morfossintáticos.

- (947) L H H L H H
 | \ | | | \ | |
 /ĩ ʔ n ã n a u a/ [ĩ ʔ 'n ã : n a w a]
 ĩnũn- a- ua
 cheirar-PRES/1SG-IMPF
 “eu estou cheirando”

Exemplos com raiz terminada em H:

- (948) H H H L H H
 | | | | \ | |
 /ã ã ʔ i n a r a/ [h ã ã ʔ 'i : n a r a]
 ãũʔin- a- ra
 dormir-PRC/1SG-PF
 “eu dormi (hoje)”

- (949) H H H L H H
 | | | | \ | |
 /ã ã ʔ i n n a r a/ [h ã ã ʔ 'i : n a r a]
 ãũʔin- Ø- na- ra
 dormir-3SG-PRC-PF
 “ela dormiu (hoje)”

Exemplos com raiz terminada em LH:

- (950) L H H H L H H
 | | | | | \ | |
 /k ã ã i n a u a/ [k ã ã j n a w a]
 kãĩn- a- ua
 ser grande-PRES/1SG-IMPF
 “sou grande”

- (951) L H H H L H H
 | | | | | \ | |
 /ĩ ã n a u a/ [j ã ã : n a w a]
 jũn- a- ua
 ter-PRES/1SG-IMPF
 “eu tenho”¹⁹⁹

¹⁹⁹ O verbo “ter”, na língua, poderia também ser interpretado como um existencial, de modo que uma sentença do tipo “eu tenho um arco” seria interpretada como “existe um arco que é meu”.

- (952) LH H H L H H
 | | | |\ | |
 /ĩ k a l a n a u a/ [ĩ^h k a 'l a : n a w a]
 ã- kalan- a- ua
 INSTR-subir-PRES/1SG-IMPF
 “eu subo, estou subindo”

Exemplos com raiz terminada em HL:

- (953) HL H H HL H H
 | | | || | |
 /u i l a u a/ [ʼw i : r a w a]
 uil- a- ua
 ser bonito, bom-PRES/1SG-IMPF
 “eu sou bonito, bom”²⁰⁰

- (954) HL L H HL L H
 | | | || | |
 /u i l n a r a/ [ʼw i : n a r a]
 uil- Ø- na- ra
 ser bonito, bom-3SG-PRES-PF
 “ela é bonita, boa”

O processo de sândi envolvendo tom foi observado na língua apenas na palavra verbal, não tendo sido atestado na palavra nominal, e o contexto relevante para a sua ocorrência é fronteira de raiz com morfema de tempo/pessoa {-a, -na} no presente e no passado recente, tendo em vista o recorte da análise feito nesse trabalho. Em Mamaindê, o verbo é, também, o elemento no qual mais ocorre o sândi tonal. Nas palavras de Eberhard (2009, p.203): “The locus of most Mamaindê tone sandhi is within the verb stem. This occurs when a verb root with a HL on its last syllable is followed by a high tone on the next syllable”.

4.2.2.1.3 O tom na distinção de tempo na 3ª pessoa do singular

Na 3ª pessoa do singular, é possível distinguir entre os tempos presente e passado recente em sentenças declarativas afirmativas apenas pelo contraste de tom no morfema de tempo/pessoa {-na}. Nessa perspectiva, se o {-na} carregar tom baixo, ele indica tempo presente, e, se apresentar tom alto, indica passado recente. Dois pares de exemplos desse contexto de contraste gramatical realizado pelo tom são:

²⁰⁰ A lateral /l/ realiza-se como o flap [ɾ] quando precedida por vogal coronal, como pode ser visto nesse exemplo. Para mais informações, ver item 3.2.5 *Rotacismo* do Capítulo 3.

- (955) L L H L L H
 | | | | \ | |
 /a n n a r a/ [ʼa ˢn n a r a]
 an- Ø- na- ra
 matar-3SG-PRES-PF
 “ele está matando, mata (usando arma)”

- (956) L H H L H H
 | | | | \ | |
 /a n n a r a/ [ʼa ˢn n a r a]
 an- Ø- na- ra
 matar-3SG-PRC-PF
 “ele matou (hoje)”

- (957) L L H L L H
 | | | | \ | |
 /i a i n n a r a/ [ʼj a j ˢn n a r a]
 iain- Ø- na- ra
 comer-3SG-PRES-PF
 “ele está comendo, come”

- (958) L H H L H H
 | | | | \ | |
 /i a i n n a r a/ [ʼj a j ˢn n a r a]
 iain- Ø- na- ra
 comer-3SG-PRC-PF
 “ele comeu (hoje)”

4.2.2.1.4 O tom na distinção entre 1ª e 3ª pessoas do singular

O tom pode distinguir, na superfície e em sentenças afirmativas, a 1ª pessoa do singular no passado recente da 3ª pessoa do singular no presente. Isso ocorre porque, nessas construções, o morfema de tempo/pessoa carrega tom alto, no primeiro caso, e tom baixo no segundo, criando, assim, o contraste. Em ambos os contextos, as sentenças terminam com o sufixo de aspecto perfectivo, que pode ser {-ra}, para interlocutor masculino, ou {-na}, para feminino.

- (959) LH H H L H H
 | | | | \ | |
 /ĩ k a l a n a r a/ [ĩ k a 'l a : n a r a]
 ã- kalan- a- ra
 INSTR-subir-PRC/1SG-PF
 “eu subi”
- (960) LH L H LH L H
 | | | | | | |
 /ĩ k a l a n n a r a/ [ĩ k a 'l a : n a r a]
 ã- kalan-Ø- na- ra
 INSTR-subir-3SG-PRES-PF
 “ele sobe/está subindo na árvore”
- (961) LH H H L H H
 | | | | \ | |
 /i a u n a n a/ [j a w n a n a]
 iaun- a- na
 morar-PRC/1SG-PF.FEM
 “eu morava, morei (aqui)”
- (962) LH L H LH L H
 | | | | | | |
 /j a u n n a r a/ [j a w n a r a]
 iaun- Ø- na- ra
 morar-3SG-PRES-PF
 “ela está morando, mora (aqui)”

É importante notar, porém, que esse contraste em estruturas idênticas acontece apenas na superfície, visto que, na subjacência, os morfemas de tempo/pessoa são alomorfes: o de 1ª pessoa do singular em sentenças afirmativas é {-a} e o de 3ª pessoa do singular é {-na}. Além disso, para que essa distinção seja realizada exclusivamente pelo tom, é preciso que a raiz verbal termine com sílaba tônica com coda nasal, a qual será ressilabificada para o *onset* da sílaba seguinte, no caso, o morfema de tempo/pessoa de 1ª pessoa do singular em sentenças afirmativas {-a}, que se realizará, então, [na].

Assim, haja vista a alomorfia entre os morfemas {-a, -na} descrita para a 1ª e 3ª pessoas do singular no contexto citado, nem sempre o contraste exclusivamente tonal nessas pessoas ocorre em contexto idêntico entre o passado recente e o presente afirmativo. Se a raiz verbal terminar em coda não-nasal ou não apresentar consoante em coda, o resultado segmental será diferente para as construções, de forma que a diferença tonal, embora ainda persista, não figurará como o único contraste no *output* fonético.

- (963) L H H L H H
 | | | |\ | |
 /k ã ã a r a/ [ʰk ã ã j a r a]
 kãĩ- a- ra
 roubar-PRC/1SG-PF
 “eu roubei (hoje)”
- (964) L L H L L H
 | | | |\ | |
 /k ã ã n a r a/ [ʰk ã ã n a r a]
 kãĩ- Ø- na- ra
 roubar-3SG-PRES-PF
 “ele está roubando, rouba”
- (965) L L H H L L H H
 | | | | | |\ | |
 /h a t ɛ a r a/ [h a ʰd ɛ : a r a]
 hatɛ- a- ra
 dançar-PRC/1SG-PF
 “eu dancei (hoje)”
- (966) L L L H L L L H
 | | | | | |\ | |
 /h a t ɛ n a r a/ [h a ʰd ɛ : n a r a]
 hatɛ- Ø- na- ra
 dançar-3SG-PRES-PF
 “ela está dançando”

4.2.2.1.5 O tom na construção da negativa: o morfema {-ʔ} e o tom L *default*

Em Nambikwara do Campo, a negativa normalmente é construída com o acréscimo do morfema {-ʔ}, o qual apaga o tom alto do morfema de tempo/pessoa e é, então, fundamental na construção da negação na língua. Quando esse morfema aparece, o mesmo é silabificado na coda da sílaba tônica que antecede o morfema de tempo/pessoa. Tendo em vista o recorte paradigmático aqui realizado, em que foram consideradas apenas estruturas do tipo RV + morfema de tempo/pessoa {-a, -na} + morfema de aspecto/pessoa, a glotal é silabificada na sílaba tônica da raiz, que

comumente é monossilábica²⁰¹. O morfema negativo {-ʔ} passa à posição de coda devido a uma restrição da sílaba, que não licencia posição de *onset* para consoante glotal²⁰².

O que ocorre é que o sufixo glotal {-ʔ}, ao construir a negativa, apaga o tom alto (se houver) do morfema de tempo/pessoa {-a, -na} depois da raiz, de modo que esses afijos se realizam sempre com L *default* (não estando marcados, portanto, nas representações abaixo)²⁰³. Observe alguns exemplos a seguir:

- (967) LH H LH H
 | | || |
 /k ă ĩ n ʔ a u a/ [ˈk ă ĩ ʔ n a w a]
 kăĩn- Ø- ʔ- a- ua
 ser grande-3SG-NEG-PRES-IMPF
 “não é grande”

- (968) L H H L H H
 | | | | \ ʔ |
 /i a i n ʔ a r a/ [ˈj a j ʔ n a r a]
 iain- Ø- ʔ- a- ra
 comer-3SG-NEG-PRC-PF
 “ele não comeu (hoje)”

- (969) HL H H HL H H
 | | | || ʔ |
 /u i l ʔ n a u a/ [ˈw i : ʔ n a w a]
 uil- ʔ- na- ua
 ser bonito-NEG-PRES/1SG-IMPF
 “eu não sou bonito”

Quando o morfema negativo é afixado à raiz, ele torna baixo o tom alto, se houver, da sílaba seguinte relativa ao morfema de tempo/pessoa. Caso esse morfema já carregue tom baixo, a exemplo da 3ª pessoa do singular no tempo presente, então o *pitch* desse morfema se mantém como tal. Assim, pode-se afirmar que o morfema de

²⁰¹ Em Negarotê, língua que também apresenta {-ʔ} como morfema de negação, a consoante glotal nunca se liga à raiz, mas sim ao morfema de tempo/evidencialidade para construir a negativa (BRAGA, 2017, p.256).

²⁰² Para mais informações sobre a sílaba e a silabificação na língua, ver capítulo 3.

²⁰³ Tal interpretação pressupõe os contextos analisados no presente recorte. Estudos futuros mais aprofundados sobre as construções negativas da língua são necessários para averiguar se tal interpretação cabe para outras possíveis construções negativas.

negação {-ʔ} faz com que os tons baixos dos afixos átonos de tempo/pessoa {-a, -na} apareçam na superfície como *default*.

- (970)
- | | | | | | |
|---------------------------|----|-----|------------------------|---|---|
| L | H | H | L | H | H |
| | | | \ | / | |
| /ĩ ʔ n ũ n ʔ n a u a/ | | | [ĩ ʔ 'n ũ n ʔ n a w a] | | |
| ĩnũn- | ʔ- | na- | ua | | |
| cheirar-NEG-PRES/1SG-IMPF | | | | | |
| “eu não estou cheirando” | | | | | |

- (971)
- | | | | |
|------------------------------|----|-------------------|-------|
| HL | H | HL | H |
| | | | |
| /u i l ʔ a u a/ | | [w i : ʔ r a w a] | |
| uil- | Ø- | ʔ- | a- ua |
| ser bonito-3SG-NEG-PRES-IMPF | | | |
| “ela não é bonita” | | | |

Como pode ser visto, existe uma forte relação entre morfologia e fonologia em Nambikwara do Campo, característica que está presente em todas as línguas da família Nambikwara. A prosódia não é dissociada da morfologia, e ambas devem ser observadas em conjunto em grande parte das vezes, como mostra o comportamento da negativa. A esse respeito, Eberhard (2009) tece algumas considerações importantes tendo em vista também a negação na língua Mamaindê:

In some cases, the suprasegmental itself is enough to identify a morpheme in certain situations. This may be a feature more common to tonal languages, where the tones of certain morphemes could be more crucial than the tones associated to other morphemes. The result is that these special morphemes seem to have inalienable tones. Their CV segments may get deleted, but the prosody associated to that morpheme is never deleted. Other tones may be affected by tone sandhi, but this particular tone is never altered. (EBERHARD, 2009, p.2013)

A consoante glotal /ʔ/ correspondente ao morfema de negação, embora seja silabificada em posição de coda na última sílaba tônica da raiz, não carrega tom na superfície devido ao fato de ser uma obstruinte. A neutralização do tom alto do morfema átono de tempo/pessoa {-a, -na}, no entanto, nunca deixa de ocorrer.

(972) LH H H LH H H
 | | | | | ✗ |
 /n ã n ? n a u a/ [¹n ã n ? n a w a]
 nãn- ?- na- ua
 beber-NEG-PRES/1SG-IMPF
 “eu não estou bebendo”

(973) LH H LH H
 | | | | |
 /n ã n ? a u a/ [¹n ã : ? n a w a]
 nãn- Ø- ?- a- ua
 beber-3SG-NEG-PRES-IMPF
 “ele não está bebendo”

Conforme já mencionado na subseção 4.2.2.1.1 *O morfema portmanteau de tempo/pessoa*, o afixo de tempo/pessoa apresenta alomorfia no que diz respeito à 1ª e à 3ª pessoa do singular no presente e no passado recente em sentenças declarativas afirmativas. A fim de ilustrar essa assertiva, trazemos novamente abaixo o quadro 73 apresentado na referida subseção:

Quadro 75 – Alomorfias do morfema de tempo/pessoa em declarativa afirmativa

Tempo	Tipo de construção	1SG		3SG	
		TOM DE NÍVEL BAIXO	TOM DE NÍVEL ALTO	TOM DE NÍVEL BAIXO	TOM DE NÍVEL ALTO
<i>Presente</i>	Afirmativa		-a	-na	
<i>Passado recente</i>	Afirmativa		-a		-na

Ao se observar o comportamento desse afixo verbal em declarativas negativas, verifica-se que esse quadro se expande, de modo que as formas referentes às sentenças declarativas afirmativas e negativas na 1ª pessoa do singular são invertidas com relação àsquelas da 3ª pessoa do singular. Observe o quadro 76 abaixo:

Quadro 76 – Alomorfias do morfema de tempo/pessoa em declarativa afirmativa e negativa

Tempo	Tipo de construção	1SG		3SG	
		TOM DE NÍVEL BAIXO	TOM DE NÍVEL ALTO	TOM DE NÍVEL BAIXO	TOM DE NÍVEL ALTO
<i>Presente</i>	Afirmativa		-a	-na	
	Negativa {-ʔ}	-na		-a	
<i>Passado recente</i>	Afirmativa		-a		-na
	Negativa {-ʔ}	-na		-a	

Em sentenças declarativas negativas de 3ª pessoa do singular, em que há o morfema glotal {-ʔ} que é silabificado para a coda da última sílaba acentuada da raiz, os processos de ressilabificação de consoante em coda de sílaba acentuada da raiz e apagamento de vogal postônica da raiz mencionados anteriormente ocorrem normalmente, mostrando que a consoante glotal /ʔ/ é transparente para a realização desses processos (ou que a glotal /ʔ/ é ligada à coda da sílaba tônica da raiz no nível da palavra). Nesse contexto, o alongamento vocálico da vogal tônica da raiz que ocorre após a ressilabificação de consoante em coda, no entanto, já não é mais obrigatório, visto que a sílaba, com o acréscimo da glotal na coda, mantém-se pesada e elegível para receber o acento. Alguns exemplos desses contextos são os que seguem:

- (974) HL H HL H H H
 | | || | | |
 /u i 1 ʔ a u a/ [ʷ i : ʔ r a w a] ~ [ʷ i ʔ r a w a]
 uil- Ø- ʔ- a- ua
 ser bonito, bom-3SG-NEG-PRES-IMPF
 “ela não é bonita, boa”

- (975) LH H LH H
 | | | | |
 /u 1 ʔ a u a/ [ʷ u : ʔ 1 a w a]
 ul- Ø- ʔ- a- ua
 ser longe-3SG-NEG-PRES-IMPF
 “não é longe”

(976) LH H LH H
 | | || |
 /i a u n ? a u a/ [ˈj a w ? n a w a]
 iaun- Ø- ?- a- ua
 morar-3SG-NEG-PRES-IMPF
 “ela não mora (aqui)”

(977) LH H H L H H H
 | | | | | ↗ |
 /i a u n ? a r a/ [ˈj a w ? n a r a]
 iaun- Ø- ?- a- ra
 morar-3SG-NEG-PRC-PF
 “ela não morava, morou (aqui)”

(978) LH H LH H
 | | || |
 /s u h ? l a a u a/ [ˈs u : ? l a w a]
 suhla- Ø- ?- a- ua
 matar, bater-3SG-NEG-PRES-IMPF
 “ela não está matando, batendo”

(979) LH H H LH H H
 | | | | | ↗ |
 /s u h ? l a a r a/ [ˈs u : ? l a r a]
 suhla- Ø- ?- a- ra
 matar, bater-3SG-NEG-PRC-PF
 “ela não matou, bateu”

Em construções negativas, a diferença tonal responsável pelo contraste entre presente e passado recente na 3ª pessoa do singular se perde na superfície, uma vez que a inserção do morfema glotal {-ʔ} neutraliza os contrastes entre tom baixo e alto no morfema de tempo/pessoa, o qual se realizará sempre L *default*. Nesse caso, a distinção entre presente e passado recente em sentenças declarativas negativas na 3ª pessoa do singular passa a ser feita pelo morfema final de aspecto: o presente se realiza com o imperfeito {-ua}, ao passo que o passado recente ocorre com o perfectivo {-ra}²⁰⁴. Tal comportamento está representado a seguir:

²⁰⁴ Essas formas do morfema de aspecto correspondem àquelas empregadas quando o falante se refere a um interlocutor do sexo masculino, aqui interpretadas como default. Para mais informações sobre o morfema de aspecto, ver item e) *Esquema da morfologia do nome e do verbo do Nambikwara do Campo* (adaptado de Kroeker, M. (2001)) na Introdução.

- (980) L H L H
 | | |\ |
 /a n ʔ a u a/ [ˈa : ʔ n a w a]
 an- Ø- ʔ a- ua
 matar-3SG-NEG-PRES-IMPF
 “ele não está matando, mata”
- (981) L H H L H H
 | | | |\ ʔ |
 /a n ʔ a r a/ [ˈa : ʔ n a r a]
 an- Ø- ʔ- a- ra
 matar-3SG-NEG-PRC-PF
 “ele não matou (hoje)”
- (982) L H L H
 | | |\ |
 /i a i n ʔ a u a/ [ˈj a j ʔ n a w a]
 iain- Ø- ʔ- a- ua
 comer-3SG-NEG-PRES-IMPF
 “ele não está comendo, come”
- (983) L H H L H H
 | | | |\ ʔ |
 /i a i n ʔ a r a/ [ˈj a j ʔ n a r a]
 iain- Ø- ʔ- a- ra
 comer-3SG-NEG-PRC-PF
 “ele não comeu (hoje)”

Em algumas construções do passado com os afixos {-nahe} e {-ahe}²⁰⁵ a negativa é formada sem a presença segmental do morfema {-ʔ}. Nesses casos, embora o morfema não esteja presente, a realização de tom baixo nos morfemas de tempo é sistemática após a raiz, onde o {-ʔ} seria afixado (caso ocorresse). A negativa é formada, então, com o tom baixo *default* dos morfemas de tempo que, sozinho, é suficiente. Compare os 2 pares de exemplos a seguir com sentenças na afirmativa e na negativa na 1ª e na 3ª pessoa do singular do passado:

²⁰⁵ Aparentemente, esses sufixos verbais de tempo passado não carregam tom baixo *default* na sílaba /he/, apesar de a mesma aparecer sempre com tom L nos dados aqui apresentados. Estudos mais aprofundados desses contextos de ocorrência são necessários para confirmar o padrão tonal desses afixos.

- (984)
- | | | | | | | | | | |
|--|---|---|---|---|--|---|---|---|---|
| | H | H | L | H | | L | H | L | H |
| | | | | | | \ | | | |
- /a i n k i n a h e r a/ [a j ^gɨ 'k i : n a h e r a]
- ainkin- ahe- ra
- ouvir, escutar-PAS/1SG-PF
- “eu ouvi, escutei”
- (985)
- | | | | | | | | | | | | |
|--|---|--|---|---|---|--|---|---|---|---|---|
| | H | | H | L | H | | H | | H | L | H |
| | | | | | | | \ | ɬ | | | |
- /a i n k i n Ø n a h e r a/ [a j ^gɨ 'g i ^dn n a h ẽ r a]
- ainkin- Ø- nahe- ra
- ouvir, escutar-NEG-PAS/1SG-PF
- “eu não ouvi, escutei”
- (986)
- | | | | | | | | | | |
|--|---|---|---|---|--|---|---|---|---|
| | H | H | L | H | | L | H | L | H |
| | | | | | | \ | | | |
- /a i n k i n n a h e r a/ [a j ^gɨ 'k i : n a h e r a]
- ainkin- Ø- nahe-ra
- ouvir, escutar-3SG-PAS-PF
- “ele ouviu, escutou”
- (987)
- | | | | | | | | | | | |
|--|---|--|---|---|---|--|---|---|---|---|
| | H | | H | L | H | | H | H | L | H |
| | | | | | | | \ | ɬ | | |
- /a i n k i n Ø a h e r a/ [ʼa j ^gɨ k i : n a h e r a]
- ainkin- Ø- Ø- ahe- ra
- ouvir, escutar-3SG-NEG-PAS-PF
- “ele não ouviu, escutou”

É possível ver que o sândi tonal operante em fronteira de raiz e afixo de tempo/pessoa em contexto de H+H em sentença afirmativa deixa de ocorrer na negativa, visto que a neutralização do tom alto do afixo verbal de tempo/pessoa elimina o contexto de ocorrência do sândi tonal.

No que se refere ao Mamaindê, Eberhard (2009) menciona a existência de um tom flutuante que atua na negativa. Segundo o autor:

In such cases, the phonology cannot delete a grammatical function. If the L tone of the negative is deleted, there would be no difference between the positive command and the negative one, since this single tone segment is the only clue we have of the presence of the negative morpheme. We must therefore allow for some universal constraint that ensures that some material from every morpheme is allowed to surface in the phonetic form of

every word, or in this case, that the floating L tone in the input makes it to the output. (EBERHARD, 2009, p.216)

Em Nambikwara do Campo, a construção negativa também pode se diferenciar da afirmativa apenas pela presença do tom baixo. Quando isto acontece, o que se observa, conforme já explicitado acima, é que, na negativa, os tons baixos nos afixos átonos aparecem na superfície como *default*.

Outros exemplos de negativa sem realização segmental do {-ʔ} estão apresentados abaixo:

- (988)
- | | | | | | | | |
|-----------------------|----|------------|------------------------|---|---|---|---|
| L | H | L | H | L | H | L | H |
| | | | | \ | ʔ | | |
| /h a t ɛ | Ø | a h e r a/ | [h a 'd ɛ : a h e r a] | | | | |
| hate- | Ø- | Ø- | ahe- ra | | | | |
| dançar-3SG-NEG-PAS-PF | | | | | | | |
| “ela não dançou” | | | | | | | |

- (989)
- | | | | | | | | |
|-----------------------|----|--------------|----------------------------|---|---|---|---|
| H | H | L | H | H | H | L | H |
| | | | | \ | ʔ | | |
| /ã ã ʔ i n | Ø | n a h e r a/ | [h ã ã ʔ 'i : n a h e r a] | | | | |
| ãũʔin- | Ø- | nahe- | ra | | | | |
| dormir-NEG-PAS/1SG-PF | | | | | | | |
| “eu não dormi” | | | | | | | |

- (990)
- | | | | | | | | |
|-----------------------|----|------------|----------------------------|---|---|---|---|
| H | H | L | H | H | H | L | H |
| | | | | \ | ʔ | | |
| /ã ã ʔ i n | Ø | a h e r a/ | [h ã ã ʔ 'i : n a h e r a] | | | | |
| ãũʔin- | Ø- | Ø- | ahe- ra | | | | |
| dormir-3SG-NEG-PAS-PF | | | | | | | |
| “ela não dormiu” | | | | | | | |

4.2.2.2 Visão geral dos paradigmas verbais de 1ª e 3ª pessoas do singular

O quadro a seguir apresenta uma visão geral dos paradigmas verbais de 1ª e 3ª pessoas do singular nos tempos presente e passado recente em construções afirmativas e negativas conforme abordado acima:

Quadro 77 – Paradigma verbal de 1ª pessoa do singular de verbos ativos e adjetivos no presente e no passado recente

Pessoa e número	Tempo	Tipo de construção	Comportamento e exemplo
1ª pessoa do singular	Presente	Afirmativa	Há <i>alomorfia</i> no morfema de tempo/pessoa de 1ª pessoa do singular em construções afirmativas e negativas: o morfema é {-a} em declarativas afirmativas e {-na} em declarativas negativas. - O morfema de tempo de 1ª pessoa do singular na afirmativa é {-a} com tom de nível alto na subjunção, realizando-se na superfície também com <i>pitch</i> alto; - O <i>pitch</i> alto do {-a} pode perturbar a realização do <i>pitch</i> na raiz que o antecede, se esta carregar tom alto adjacente; - Consoante em coda de sílaba tônica ou em <i>onset</i> de sílaba postônica da raiz pode ocupar a posição de <i>onset</i> junto ao morfema de tempo/pessoa {-a}; - O morfema de aspecto/pessoa é o imperfeito: {-ua}, para interlocutor do sexo masculino, e {-a}, para interlocutor do sexo feminino.
		Negativa	- O morfema de tempo de 1ª pessoa do singular na negativa é {-na} com tom de nível alto na subjunção, realizando-se na superfície com <i>pitch</i> baixo; - Há o acréscimo do morfema de negação {-?}, que sempre ocorre antes do morfema de tempo de 1ª pessoa do singular {-na}; - Ao ser acrescida à sentença/palavra verbal, o morfema glotal {-?} é silabificado em posição de coda na última sílaba acentuada da raiz, tendo em vista a restrição da sílaba que não permite consoante glotal /-ʔ/ em <i>onset</i>; - A introdução do {-ʔ} na palavra verbal pressupõe abaixamento de tom no morfema de tempo/pessoa, fazendo com que o {-na} se realize com tom de nível baixo (contrastando com a afirmativa, em que o morfema {-a} é sempre alto); - O morfema {-ʔ} não interfere na realização do tom na raiz (não há restrições com tom de nível baixo adjacente em fronteira de raiz com morfema);

			• O morfema de aspecto/pessoa é o imperfeito: {-ua}, para interlocutor do sexo masculino, e {-a}, para interlocutor do sexo feminino.
		Afirmativa	• O morfema de tempo de 1ª pessoa do singular é {-a} com tom de nível alto na subjacência, realizando-se na superfície também com <i>pitch</i> alto; • O <i>pitch</i> alto do {-a} pode perturbar a realização do <i>pitch</i> na raiz que o antecede, se esta carregar tom alto adjacente; • Consoante em coda de sílaba tônica ou em <i>onset</i> de sílaba pos tônica da raiz pode ocupar a posição de <i>onset</i> junto ao morfema de tempo/pessoa {-a}; • O morfema de aspecto/pessoa é o perfeito: {-ra}, para interlocutor do sexo masculino, e {-na}, para interlocutor do sexo feminino.
	Passado recente	Negativa	• O morfema de tempo de 1ª pessoa do singular na negativa é {-na} com tom de nível alto na subjacência, realizando-se na superfície com <i>pitch</i> baixo; • Há o acréscimo do morfema de negação {-ʔ}, que sempre ocorre antes do morfema de tempo de 1ª pessoa do singular {-na}; • Ao ser acrescida à sentença/palavra verbal, a glotal {-ʔ} é silabificada em posição de coda na última sílaba acentuada da raiz, tendo em vista a restrição da sílaba que não permite consoante glotal /ʔ/ em <i>onset</i>; • A introdução do {-ʔ} na palavra verbal pressupõe abaixamento de tom no morfema de tempo/pessoa, fazendo com que o {-na} se realize com tom de nível baixo (contrastando com a afirmativa, em que o morfema {-a} é sempre alto); • O morfema {-ʔ} não interfere na realização do tom na raiz (não há restrição para <i>pitch</i> baixo em fronteira de raiz com morfema); • O morfema de aspecto/pessoa é o perfeito: {-ra}, para interlocutor do sexo masculino, e {-na}, para interlocutor do sexo feminino.

Quadro 78 – Paradigma verbal de 3ª pessoa do singular de verbos ativos e adjetivais no presente e no passado recente

Pessoa e número	Tempo	Tipo de construção	Comportamento e exemplo
3ª pessoa do singular		Afirmativa	<i>A 3ª pessoa do singular é não-marcada na língua.</i> <i>Há alomorfia no morfema de tempo/pessoa na 3ª pessoa do singular em construções afirmativas e negativas: o morfema é {-na} em declarativas afirmativas e {-a} em declarativas negativas.</i> - O morfema de tempo é {-na} com tom de nível baixo na subacência, realizando-se na superfície também com <i>pitch</i> baixo; - O morfema de tempo/pessoa, por ser baixo, não interfere na realização do tom na raiz; - O morfema de aspecto/pessoa é o perfeito {-ra}, para interlocutor do sexo masculino, e {-na}, para interlocutor do sexo feminino.
			- O morfema de tempo na negativa é {-a} com tom de nível baixo na subacência, realizando-se na superfície também com <i>pitch</i> baixo; - Ocorre o acréscimo do morfema de negação {-?}, que sempre ocorre antes do morfema de tempo de 3ª pessoa do singular {-a}; - Ao ser acrescida à sentença/palavra verbal, a glotal {-?} é silabificada em posição de coda na última sílaba acentuada da raiz, tendo em vista a restrição da sílaba que não permite consoante glotal /ʔ/ em <i>onset</i>; - A introdução do {-?} na palavra verbal não interfere na realização do tom no morfema de tempo/pessoa, visto que o mesmo já apresenta tom de nível baixo no presente (não há contraste entre afirmativa e negativa no presente feito através de tom); - O morfema {-?} não interfere na realização do tom na raiz (não há restrição com <i>pitch</i> baixo em fronteira de raiz com morfema); - Consoante em coda de sílaba tônica ou em <i>onset</i> de sílaba postônica da raiz pode ocupar a posição de <i>onset</i> junto ao morfema de tempo/pessoa {-a}, sendo a glotal /ʔ/ transparente para a ocorrência desse processo; - O morfema de aspecto/pessoa é o imperfeito {-ua}, para interlocutor do sexo masculino, ou {-a}, para interlocutor do sexo feminino.
	Presente	Negativa	

		Afirmativa	• O morfema de tempo é {-na} com tom de nível alto na subjunção, realizando-se na superfície também com <i>pitch</i> alto; • O morfema de tempo/pessoa {-na} de passado recente, por carregar tom alto, contrasta com o morfema de tempo presente, que tem tom baixo; • O <i>pitch</i> alto do {-na} pode perturbar a realização do <i>pitch</i> na raiz que o antecede, se esta carregar tom alto adjacente; • O morfema de aspecto/pessoa é o perfectivo: {-ra}, para interlocutor do sexo masculino, e {-na}, para interlocutor do sexo feminino.
	Passado recente	Negativa	• O morfema de tempo na negativa é {-a} com tom de nível alto na subjunção, realizando-se na superfície com <i>pitch</i> baixo; • Ocorre o acréscimo do morfema de negação {-ʔ}, que sempre ocorre antes do morfema de tempo na 3ª pessoa do singular {-a}; • Ao ser acrescida à sentença/palavra verbal, a glotal {-ʔ} é silabificada em posição de coda na última sílaba acentuada da raiz, tendo em vista a restrição da sílaba que não permite consoante glotal /ʔ/ em <i>onset</i>; • O morfema {-ʔ} não interfere na realização do tom na raiz (não há restrição envolvendo <i>pitch</i> baixo em fronteira de raiz com morfema); • Consoante em coda de sílaba tônica ou em <i>onset</i> de sílaba postônica da raiz pode ocupar a posição de <i>onset</i> junto ao morfema de tempo/pessoa {-a}, sendo a glotal /ʔ/ transparente para a ocorrência desse processo; • A introdução do {-ʔ} na palavra verbal pressupõe abaixamento de tom no morfema de tempo/pessoa, fazendo com que o {-a} se realize com tom de nível baixo (contrastando com a afirmativa, em que o morfema {-na} é sempre alto); • O morfema de aspecto/pessoa é o perfectivo: {-ra}, para interlocutor do sexo masculino, e {-na}, para interlocutor do sexo feminino.

Um esquema dos quadros 77 e 78 acima é apresentado no quadro 79 abaixo. Neste, utilizou-se para representar o morfema de aspecto/gênero final as formas relativas a interlocutores do sexo masculino, consideradas aqui como *default*. No entanto, esses morfemas podem assumir as suas respectivas formas femininas, como já mencionado acima, caso o interlocutor seja do sexo feminino. A representação abaixo diz respeito ao *output* fonético. Foram mantidos os tons L *default* dos afixos de tempo/pessoa em construções negativas para que se possa melhor vislumbrar os paradigmas em questão:

Quadro 79 – Esquema dos paradigmas verbais de 1ª e 3ª pessoas do singular de verbos ativos e adjetivais no presente e no passado recente

Paradigmas verbais de 1ª e 3ª pessoas do singular no presente e no passado recente			
Contexto		1ª Pessoa do singular	3ª Pessoa do singular
Presente	Afirmativa	H H RV - (C)a - wa RV-PRES/1SG-IMPF	L H RV - Ø - na - ra RV-3SG-PRES-PF
	Negativa	L H RV - ? - na - wa RV-NEG-PRES/1SG-IMPF	L H RV - Ø - ? - (C)a - wa RV- 3SG - NEG -PRES-IMPF
Passado recente	Afirmativa	H H RV - (C)a - ra RV-PRC/1SG-PF	H H RV - Ø - na - ra RV-3SG-PRC-PF
	Negativa	L H RV - ? - na - ra RV-NEG-PRC/1SG-PF	L H RV - Ø - ? - (C)a - ra RV-3SG-NEG-PRC-PF

Por fim, com o intuito de ilustrar o comportamento dos verbos na 1ª e 3ª pessoas do singular no presente e no passado recente em estruturas declarativas afirmativas e negativas, conforme exposto no quadro 79 acima, são apresentados a seguir os paradigmas completos desses contextos dos verbos /ha'tɛ/ “dançar”, /i'aun/ “morar” e /suhla/ “matar, bater”. A escolha desses verbos visa exemplificar como se dá o comportamento da morfologia verbal junto a: (1) raiz com última sílaba acentuada e sem segmento em coda (“dançar”), não havendo, portanto, ressilabificação ou apagamento de segmento para compor *onset* do morfema de tempo/pessoa {-a}; (2) raiz monossilábica com segmento nasal em coda (“morar”), que é ressilabificado para junto do morfema {-a}; e (3) raiz com segunda sílaba postônica (“matar, bater”), a qual sofre processo de apagamento no núcleo vocálico

quando junto do morfema de tempo/pessoa {-a}. Nas representações, os tons baixos *default* em sílabas átonas foram suprimidos.

Raiz verbal: {ha'tɛ} “dançar”

- (991) L H H L H H
 | | | |\ | |
 /h a t ɛ a u a/ [h a 'd ɛ : a w a]
 hatɛ- a- ua
 dançar-PRES/1SG-IMPF
 “eu estou dançando”

- (992) L H H L H H
 | | | | ✗ |
 /h a t ɛ ? n a u a/ [h a 'd ɛ ? n a w a]
 hatɛ- ?- na- ua
 dançar-NEG-PRES/1SG-IMPF
 “eu não estou dançando”

- (993) L H H L H H
 | | | |\ | |
 /h a t ɛ a r a/ [h a 'd ɛ : a r a]
 hatɛ- a- ra
 dançar-PRC/1SG-PF
 “eu dancei (hoje)”

- (994) L H H L H H
 | | | | ✗ |
 /h a t ɛ ? n a r a/ [h a 'd ɛ ? n a r a]
 hatɛ- ?- na- ra
 dançar-NEG-PRC/1SG-PF
 “eu não dancei (hoje)”

- (995) L L H L L H
 | | | |\ | |
 /h a t ɛ n a r a/ [h a 'd ɛ : n a r a]
 hatɛ- Ø- na- ra
 dançar-3SG-PRES-PF
 “ela está dançando”

- (996) L L H L L H
 | | | | | |
 /h a t ɛ ʔ a u a/ [h a 'd ɛ ʔ a w a]
 hatɛ- Ø- ʔ- a- ua
 dançar-3SG-NEG-PRES-IMPF
 “ela não está dançando”

- (997) L H H L H H
 | | | | \ | |
 /h a t ɛ n a r a/ [h a 'd ɛ : n a r a]
 hatɛ- Ø- na- ra
 dançar-3SG-PRC-PF
 “ela dançou (hoje)”

- (998) L H H L H H
 | | | | ✗ |
 /h a t ɛ ʔ a r a/ [h a 'd ɛ ʔ a r a]
 hatɛ- Ø- ʔ- a- ra
 dançar-3SG-NEG-PRC-PF
 “ela não dançou (hoje)”

Raiz verbal: {i'aun} “morar”

- (999) LH H H L H H
 | | | | \ | |
 /i a u n a u a/ ['j a w n a w a]
 iaun- a- ua
 morar-PRES/1SG-IMPF
 “eu estou morando, moro (aqui)”

- (1000) LH H H LH H H
 | | | | | ✗ |
 /i a u n ʔ n a u a/ ['j a w ^bm ʔ n a w a]
 iaun- ʔ- na- ua
 morar-NEG-PRES/1SG-IMPF
 “eu não estou morando, moro (aqui)”

- (1001) LH H H L H H
 | | | |\ | |
 /i a u n a r a/ [ʼj a w n a r a]
 iaun- a- ra
 morar-PRC/1SG-PF
 “eu morava, morei (aqui)”
- (1002) LH H H LH H H
 | | | || ʔ |
 /i a u n ʔ n a r a/ [ʼj a w ^{bm} ʔ n a r a]
 iaun- ʔ- na- ra
 morar-NEG-PRC/1SG-PF
 “eu não morava, morei (aqui)”
- (1003) LH L H LH L H
 | | | || | |
 /i a u n n a r a/ [ʼj a w n a r a]
 iaun- Ø- na- ra
 morar-3SG-PRES-PF
 “ela está morando, mora (aqui)”
- (1004) LH L H LH L H
 | | | || | |
 /i a u n ʔ a u a/ [ʼj a w ʔ n a w a]
 iaun- Ø- ʔ- a- ua
 morar-3SG-NEG-PRES-IMPF
 “ela não está morando, mora (aqui)”
- (1005) LH H H L H H
 | | | |\ | |
 /i a u n n a r a/ [ʼj a w n a r a]
 iaun- Ø- na- ra
 morar-3SG-PRC-PF
 “ela morava, morou (aqui)”
- (1006) LH H H LH H H
 | | | || ʔ |
 /i a u n ʔ a r a/ [ʼj a w ʔ n a r a]
 iaun- Ø- ʔ- a- ra
 morar-3SG-NEG-PRC-PF
 “ela não morava, morou (aqui)”

Raiz verbal: {^lsuhla} “bater até matar, matar, bater”

- (1007) LH H H L H H
 | | | |\ | |
 /s u h l a a u a/ [^ls u : l a w a]
 suhla- a- ua
 matar, bater-PRES/1SG-IMPF
 “eu estou matando, batendo”
- (1008) LH H H LH H H
 | | | | | ✗ |
 /s u h ? l a n a u a/ [^ls u : ? n a w a]
 suh(la)- ?- na- ua
 matar, bater-NEG-PRES/1SG-IMPF
 “eu não estou matando, batendo”
- (1009) LH H H L H H
 | | | |\ | |
 /s u h l a a r a/ [^ls u : l a r a]
 suhla- a- ra
 matar, bater-PRC/1SG-PF
 “eu matei, bati”
- (1010) LH H H LH H H
 | | | | | ✗ |
 /s u h ? l a n a r a/ [^ls u : ? n a r a]
 suh(la)- ?- na- ra
 matar, bater-NEG-PRC/1SG-PF
 “eu não matei, bati”
- (1011) LH L H LH L H
 | | | | | | |
 /s u h l a n a r a/ [^ls u : n a r a]
 suh(la)- Ø- na- ra
 matar, bater-3SG-PRES-PF
 “ele está matando, batendo”

- (1012) LH L H LH L H
 | | | | | | |
 /s u h ʔ l a a u a/ [ʰs u : ʔ l a w a]
 suhla- Ø- ʔ a- ua
 matar, bater-3SG-NEG-PRES-IMPF
 “ele não está matando, batendo”

- (1013) LH H H L H H LH L H H
 | | | | \ | | | | | |
 /s u h l a n a r a/ [ʰs u : n a r a] ~ [ʰs u h l a n a r a]
 suh(la)- Ø- na- ra
 matar, bater-3SG-PRC-PF
 “ele matou, bateu”

- (1014) LH H H LH H H
 | | | | | ✗ |
 /s u h ʔ l a a r a/ [ʰs u : ʔ l a r a]
 suhla- Ø- ʔ a- ra
 matar, bater-3SG-NEG-PRC-PF
 “ele não matou, bateu”

4.2.3 Tom enfático

A ênfase em Nambikwara do Campo pode ser realizada de três formas, quais sejam: por alongamento vocálico ou de segmento em coda, por acréscimo de sufixo(s) ou através do tom. Essas formas podem ocorrer em isolado ou conjuntamente na construção da ênfase na língua²⁰⁶. O primeiro caso já foi abordado no presente trabalho na seção 3.2.10 *Alongamento* do capítulo 3, portanto, não trataremos dele isoladamente nessa subseção. O segundo caso de ênfase diz respeito ao acréscimo de informação morfológica à sentença. Na língua, há dois morfemas que podem ser

²⁰⁶ Apesar de a presente análise objetivar realizar uma descrição tonal da língua no domínio da palavra, julgou-se importante tecer algumas reflexões com relação ao tom em domínios prosódicos acima deste. Tais abordagens, no entanto, não são exaustivas, de modo que o comportamento do tom nesses níveis prosódicos (acima do da palavra fonológica) deverá ser fruto de trabalhos futuros sobre a língua aqui descrita. Antes de proceder com a análise, deve-se ressaltar que a ênfase pode ter implicações pragmáticas ou gramaticais, sendo também necessário estudos mais aprofundados para demonstrar a sua natureza quando realizada pelo tom. Paralelamente a isso, principalmente no que diz respeito ao contexto pragmático, a entonação tem um papel importante na construção da ênfase. No que concerne à distinção de entonação e tom, que podem se confundir, Fox (2000, p.179) expõe que, enquanto a primeira tem como domínio de aplicação a frase ou a sentença, e não a palavra, e uma função orientada pelo discurso, e não pelo léxico ou pela gramática, o segundo (o tom) tem significado lexical ou gramatical, sendo uma propriedade intrínseca de um morfema, de uma palavra ou de uma construção gramatical.

acrescidos à sentença ou à palavra verbal com o intuito de enfatizar determinada informação. Esses morfemas são o {'kai?}, enfático de sentença declarativa afirmativa que significa “realmente, verdadeiramente, mesmo”, e o {'ti'he?}, enfático de sentença declarativa negativa significando “de forma nenhuma, não mesmo”. A estrutura tonal desses morfemas está representada abaixo:

- (1015) HL H L
 | | |
 /k a i ?/ ['k^h a j ?]
 kai?
 ENF
 “realmente, verdadeiramente, mesmo”

- (1016) L H L H
 | | | |
 /t i h e ?/ [d i 'h e ?]
 tihe?
 ENF
 “de forma nenhuma, não mesmo”

Ao serem introduzidos na sentença, esses morfemas atribuem à mesma a ênfase desejada pelo falante, não sendo necessário alongamento enfático nem perturbação de tom. O alongamento vocálico ou de segmento em coda, porém, pode ocorrer concomitantemente com o uso dos morfemas enfáticos, caso o falante assim deseje, mesmo que o uso de tal recurso não seja necessário nesse contexto, visto que o papel da ênfase já está sendo realizado pela morfologia. A seguir, podem-se observar exemplos com os morfemas /'kai?/ e /ti'he?/. Tons baixos *default* foram suprimidos da representação para melhor visualização:

- (1017)
 H L HL H LH H L H H L HL H LH H L H
 | | | | | | | | | | | | | | | | |
 /^ht a h u k i k a i ? a # t e a i l i n a r a / [d̥ a 'h u k i ,k^h a j ? a # t e ? 'a j r i n a r a]
 ²ta- hu²ki-kai?- a # te- aili- Ø- na- ra
 POS.1SG-arco-ENF-S.NOM DEM-EQUA-3SG-PRES-PF
 “este é realmente o meu arco”

- (1018) H L HL LH H H H L HL LH H H
 | | | | | | | | \ | | | | | |
 /²t a u a i a l i k a i ? a i l a u a/ [d^h a 'w a j^j a l i ,k^h a j ? a j r a w a]
 ²ta- uaiali- kai?- Ø- aila- ua
 POS.1SG-cachorro-ENF-3SG-EQUA-IMPF
 “este é mesmo o meu cachorro”

- (1019) LH H L L H LH H L L H
 | | | | | | | | | | |
 /k ã ã ã n t i h e ? # n ã ? n a u a/ [k ã ã ã d i ,h e ? # 'n ã ? n a w a]
 kãĩn- tihe? # nã- Ø- ?- na- ua
 ser grande-ENF P.VER-3SG-NEG-PRES-IMPF
 “não é pequeno mesmo”

O terceiro e último caso de atribuição de ênfase é por meio do tom, o qual, nesse contexto, atua no nível pragmático. Esse recurso foi verificado com alguns verbos adjetivais, a exemplo de “ser grande²⁰⁷, grosso” /kãĩn/, “ser longe” /ul/, “ser longo, comprido” /a'lun/ e “ser fino” /uatai'tãĩ/. A ênfase realizada por meio do tom pode envolver as outras formas acima mencionadas. Então, por exemplo, a ênfase pode ser construída por meio do acréscimo do verbo adjetival “ser grande” e da alteração do padrão tonal nessa palavra, como será visto a seguir.

Observou-se que o tom pode atuar na atribuição de ênfase de 3 formas distintas. A primeira está relacionada ao alongamento vocálico. Nesse caso, em sílaba tônica, o *pitch* alto do segundo elemento do tom de contorno do tipo LH se realiza na superfície por meio da mora criada pelo alongamento da vogal. Então, à medida que a realização da vogal se torna mais longa, há, também, um aumento gradativo na produção do *pitch*, que pode ultrapassar 300 Hz. Desse modo, tendo em vista a média de alcance do tom de nível alto de cada falante, a ênfase pode ser realizada nesse contexto através de um tom extra-alto na superfície. Os exemplos a seguir ilustram esse contexto:

²⁰⁷ É interessante notar que, no nome, a indicação de “grande” é feita através do acréscimo à raiz do morfema /-ta/, aqui interpretado como um morfema de intensidade que, ao se afixar à raiz nominal, gera um novo item lexical. Assim, o /-ta/ atua na lexicogênese e, portanto, a nível lexical, não funcionando como um enfático. Um exemplo desse contexto é: [h^hoʔt^hu], /hossu/, “macaco-preço” e [h^ho:sa,ta^hsu], /hosatasu/, “macaco-aranha”.

(1020) L LH L H L LH L H
 | | | | | | | |
 /a l u n n a r a/ [a 'l u : n a r a]
 alun- Ø- na- ra
 ser comprido-3SG-PRES-PF
 “é comprido, longo”

Figura 100 – Espectrograma de “é comprido”

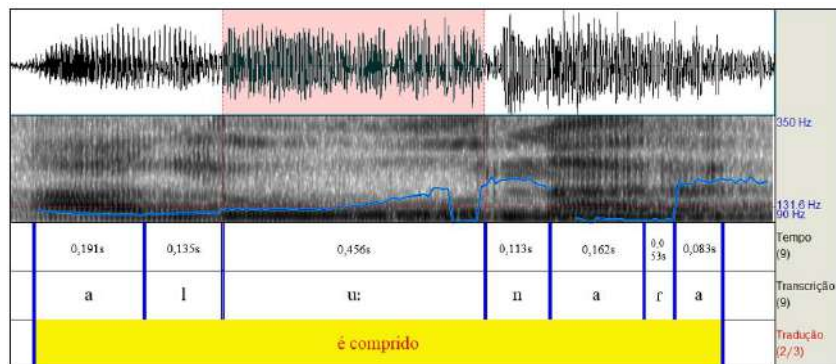
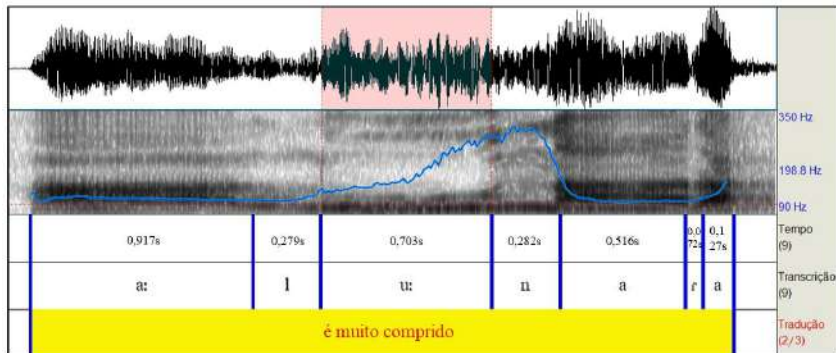


Figura 101 – Espectrograma de “é muito comprido”



Nesse par de exemplos com o verbo adjetival “ser comprido”, a vogal tônica /u/ é alongada na superfície, realizando-se [u:], e a nasal em coda não se realiza. O tom de contorno é carregado, então, pela vogal alongada, que conta duas moras. No primeiro espectrograma (figura 100), a vogal longa tônica [u:] tem *pitch* médio de 131 Hz e *pitch* máximo de 158 Hz. Em “é muito comprido” (figura 101), porém, o que se observa é que o [u:] se realiza ainda mais alongado do que no primeiro caso e apresenta um *pitch* médio de 198 Hz e um *pitch* máximo de 309 Hz. Outro exemplo é apresentado abaixo, dessa vez para o verbo adjetival “ser longe”:

- (1021) LH L H LH L H
 | | | | | | |
 /u l n a r a/ [ˈu : n a r a]
 ul- Ø- na- ra
 ser longe-3SG-PRES-PF
 “é longe”

Figura 102 – Espectrograma de “é longe”

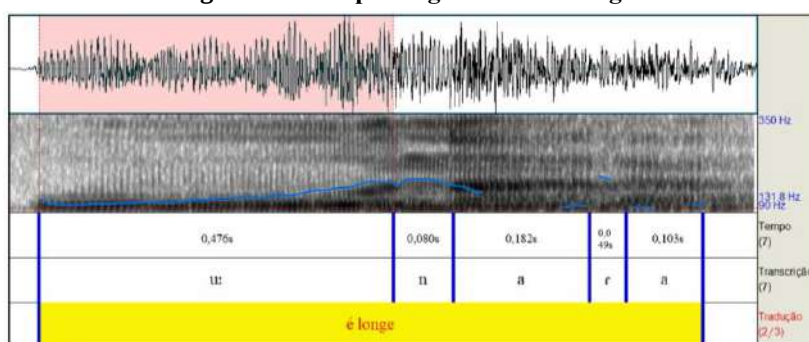
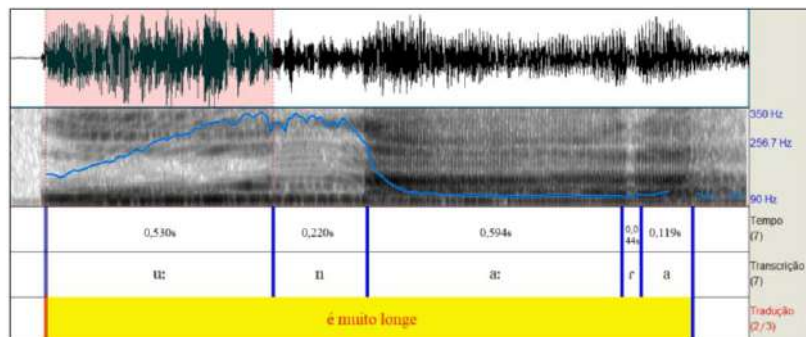


Figura 103 – Espectrograma de “é muito longe”



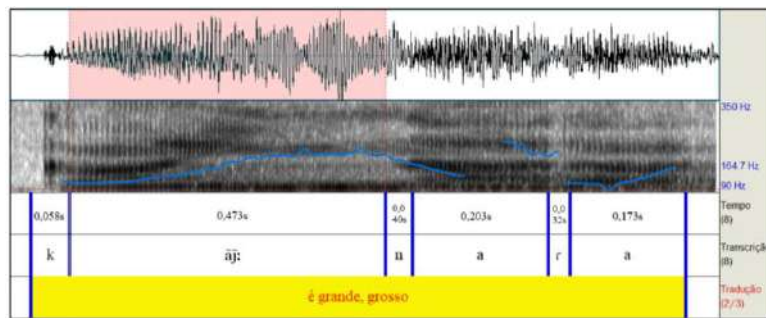
Nesses exemplos, o que se observa, mais uma vez, é a não realização na superfície da consoante em coda, havendo, então, o alongamento da vogal nuclear em posição de acento. Assim, a vogal alta labial longa [u:] realiza-se com tom de contorno LH. Em “é longe” (figura 102X), essa vogal apresenta *pitch* médio de 131 Hz e *pitch* máximo de 173 Hz. Em “é muito longe” (figura 103), a mesma vogal, ainda mais alongada, tem um *pitch* médio de 256 Hz e um máximo de 337 Hz.

Outro modo de conferir ênfase por meio do tom se dá pela alteração do padrão tonal da raiz. Esse caso também é mencionado por Kroeker, M. em um trabalho que antecede a sua gramática. Segundo o autor, pode-se atribuir um maior grau de ênfase à sentença mudando tons que seriam ascendentes ou de nível baixo para tons descendentes em morfemas sufixais e “*verb qualifiers*”, acrescentando-lhes, assim, intensidade (KROEKER, M. (1977, p.133).

Nos dados analisados, tal mudança de padrão tonal da raiz foi observada com o verbo adjetival “ser grande” /kãĩn/. Esse verbo monossilábico apresenta estrutura subjacente LH, a qual, na superfície, se torna HL em situação de atribuição de ênfase a nível pragmático. Paralelamente a isso, é comum nesse contexto o *pitch* alto realizar-se extra-alto, alcançando mais de 300 Hz. Observe os exemplos a seguir:

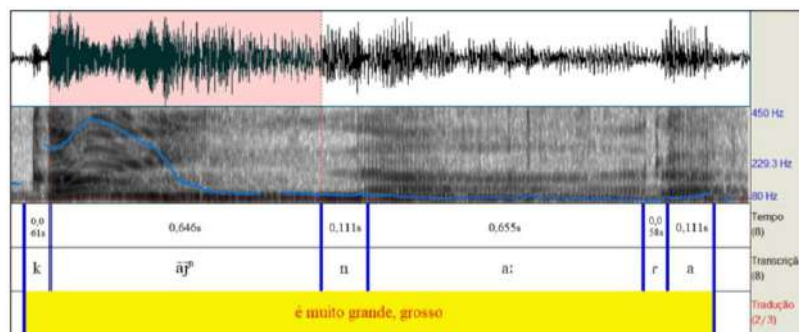
- (1022) LH L H LH L H
 | | | | \ | |
 /k ã ã n n a r a/ [k ã ã j : n a r a]
 kãĩn- Ø- na- ra
 ser grande-3SG-PRES-PF
 “é grande, grosso”

Figura 104 – Espectrograma de “é grande, grosso”



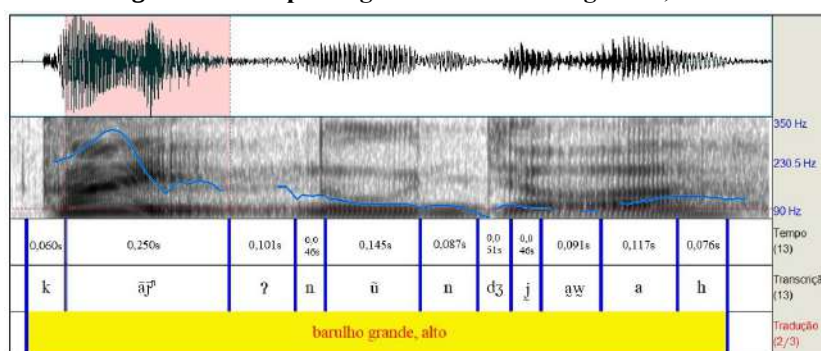
- (1023) LH L H HL L H
 | | | | \ | |
 /k ã ã n n a r a/ [k ã ã j ^ n a r a]
 kãĩn- Ø- na- ra
 ser grande-3SG-PRES-PF
 “é muito grande, grosso”

Figura 105 – Espectrograma de “é muito grande, grosso”



- (1024) LH L L H HL L L H
 | | | | | \ \ \ \
 /k ã ã n ʔ n ã n i a u a/ [k ã ã j n ʔ n ã n , dʒ j a w a h]
 kãĩn- ʔnũn- iau- a
 ser grande-ruído-CL.líquido-S.NOM
 “barulho grande, alto”

Figura 106 – Espectrograma de “barulho grande, alto”



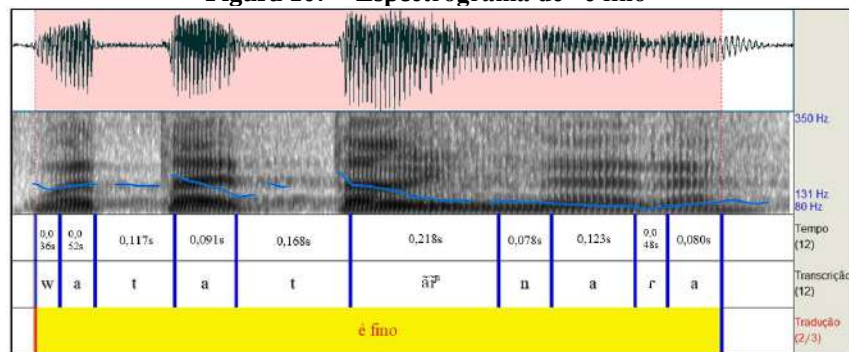
No exemplo nº1022 (figura 104) referente a “é grande, grosso”, observa-se o padrão LH na realização do ditongo [ãj:], não ocorrendo na superfície a consoante nasal em coda. Nesse dado, o ditongo alongado tem um *pitch* médio de 164Hz e um máximo de 215Hz. No exemplo nº1023, porém, o que se verifica no espectrograma de “é muito grande, grosso” (figura 105) é a alteração no padrão tonal do ditongo seguido de nasal que compõe a raiz verbal, que se realiza HL. A sequência [ãjⁿ], nesse dado, apresenta *pitch* médio de 229 Hz e *pitch* máximo de 401 Hz. Por fim, a figura 106 concernente a “barulho alto, grande” demonstra, mais uma vez, a realização enfática HL para o verbo /kãĩn/. Nesse exemplo, a média do *pitch* em [ãjⁿ] é de 230 Hz e o *pitch* máximo dessa estrutura é 317 Hz.

É interessante notar, ainda, que o padrão enfático HL observado nesse contexto para o verbo adjetival “ser grande” segue o mesmo padrão do morfema de ênfase {kaiʔ} de sentença declarativa afirmativa. A diferença, porém, é que, no caso de “ser grande”, há uma mudança no padrão tonal de LH para HL em contexto de ênfase pragmática, enquanto que o morfema gramatical mencionado apresenta, lexicalmente, o padrão HL.

O último caso observado de atribuição de ênfase por meio do tom diz respeito à realização da raiz inteira com *pitch* mais elevado do que o que é observado em situação de fala em contexto não-enfático. Para melhor compreensão desse contexto, observe o exemplo abaixo:

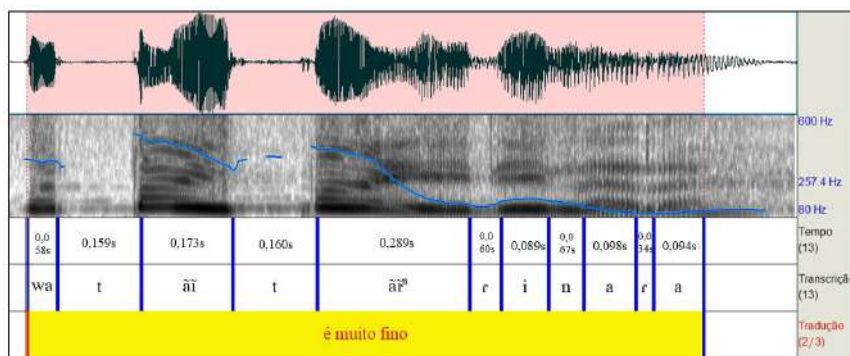
- (1025) L HL HL L H L HL HL L H
 | | | | | | | | | |
 /u a t a i t ã ã n n a r a/ [w a , t a : 't ã ã n n a r a]
 uatai.(ua)tãin- Ø- na- ra
 REDUPL.ser fino-3SG- PRES-PF
 “é fino”

Figura 107 – Espectrograma de “é fino”



- (1026) L HL HL H L H L HL HL H L H
 | | | | | | | | | |
 /u a t a i t ã ã n l i n a r a/ [w a , t ã ã 't ã ã r i n a r a]
 uatai.(ua)tãin- li- Ø- na- ra
 REDUPL.ser fino-EQUA-3SG-PRES-PF
 “é muito fino”

Figura 108 – Espectrograma de “é muito fino”



No que concerne ao exemplo nº1025 (figura 107), “é fino”, tem-se para a raiz /uatai'tãin/ um *pitch* mínimo de 111 Hz, um máximo de 196 Hz e um *pitch* médio de 148 Hz. O dado referente a “é muito fino” (exemplo nº1026, figura 108), por sua vez,

tem a raiz verbal realizada com *pitch* mais elevado, apresentando um valor mínimo de 149 Hz, um máximo de 499 Hz e um *pitch* médio de 348 Hz.

4.2.4 Síntese do comportamento do tom em Nambikwara do Campo e nas línguas da família Nambikwara

Nessa seção, foi descrito o tom na língua Nambikwara do Campo. A seguir, é apresentado um quadro que sumariza o seu comportamento e seu funcionamento em outras línguas da família Nambikwara:

Quadro 80 – O tom nas línguas Nambikwara

Línguas Nambikwara	Interpretações sobre o tom
Latundê e Lakondê (Norte) (TELLES, 2002, 2013)	• Sistema prosódico misto: tom e acento; • Em Telles (2002), essas línguas foram interpretadas como sendo <i>pitch-accent</i>, conceito que foi revisto pela autora em trabalho de 2013; • Tons de contorno ocorrem na superfície, sendo variantes dos tons de nível alto e baixo; • Tons de contorno ocorrem em sílabas abertas quando a vogal se realiza alongada, em fechadas com /n/, /h/, /w/ ou /j/ em travamento silábico, ou em sílabas fechadas com /t/ e /ʔ/ quando essas consoantes não se realizam, sendo, então, a vogal alongada compensatoriamente; • Quando oclusivas se realizam em coda, os tons são de nível; • Tom em processo morfofonológico: no morfema de passado recente em verbos dinâmicos, o tom atua na distinção entre 1ªsg e 3ªsg em Latundê e entre 1ªsg, 2ªsg e 3ªsg em Lakondê.
Mamaindê (Norte) (EBERHARD, 2009)	• Tom não pode ser usado para prever acento; • Dois tons de nível subjacentes: L e H; • Em sílabas tônicas, podem ocorrer os padrões H, L, L-H e H-L em sílabas com 1 ou duas moras; em sílabas átonas, ocorrem apenas L e H; • <i>Tone bearing unit</i> é a mora, de modo que toda mora carrega um tom; • Apenas segmentos soantes carregam tom na superfície; • Principal contexto relativo ao sândi de tom: sequências HLH; • A língua parece apresentar restrições quanto a sequências HLH em fronteira de raiz e afixos verbais: quando uma raiz verbal terminal em HL e é seguida por um afixo com tom H, então o tom L intermediário é apagado e ocorrem 3 tons H em sequência na superfície;

	• Essa restrição de sequências HLH é denominada na literatura como ‘<i>Plateauing</i>’, sendo comum em línguas africanas Bantu; • Os morfemas /-aʔ/ e /-ʔ/ de negação carregam um tom L subjacente. Quando /-ʔ/ é acrescentado à sentença, é silabificado como parte da coda da sílaba que o antecede; • Algumas construções negativas formam a negação a partir de um tom baixo sem nenhuma representação segmental (tom flutuante ou <i>floating tone</i>).
Negarotê (Norte) (BRAGA, 2017)	• Apresenta sistema tonal semelhante ao do Mamaindê; • Há dois tons de nível na subyacência: um alto e um baixo; • Os tons de nível podem ser combinados em sílabas pesadas de modo a formar tons de contorno na superfície; • Realizações de tons na superfície: alto, baixo, crescente e decrescente; • A mora é a unidade que carrega o tom; • Não é permitido mora sem tom; • Tom distintivo em raízes nominais e verbais e em morfemas gramaticais; • Tons complexos ocorrem apenas em sílabas pesadas; • Tom de contorno se realiza apenas em moras lexicalmente presentes, de modo que sílabas pesadas derivadas só podem alongar o tom de nível em sua realização; • Qualquer consoante em coda acentuada pode ser portadora de tom; • Não há relação entre <i>pitch</i> alto e acento de intensidade; • Tom com função gramatical contrastiva em sentenças afirmativas e negativas: o morfema de negação /-ʔ/ carrega tom baixo que distingue as tais sentenças.
Sabanê (isolada) (ARAÚJO, 2004)	• Interpretada inicialmente como língua tonal (Kingston, 1971; Price, 1978; Kroeker, 2001); • Para Araújo (2004), não há evidências para interpretar a língua como tonal; • Tem um sistema acentual previsível nos domínios do nome e do verbo que se manifesta foneticamente principalmente pelo <i>pitch</i>;
Nambikwara do Sul (Sul) (KROEKER, M., 1977, 2001)	• Cada sílaba é marcada com um tom; • Há três tons: um grave, um ascendente e um decrescente; • Os tons são marcados em cada sílaba com um número de índice superior ¹ (decrescente), ² (ascendente) e ³ (grave); • Tons funcionam independentemente da nasalização e laringalização. • Kroeker, M. (1977):

	○ Contraste entre tons ocorre em sílabas átonas e tônicas; ○ Tons de contornos têm maior intensidade quando produzidos em sílabas tônicas; ○ Quando sílaba acentuada com consoante líquida em <i>onset</i> tem um tom decrescente, se a sílaba anterior tiver tom de nível baixo este será realizado como tom ascendente; ○ Tom em posição final de sentença é menos intenso; ○ Morfofonêmica: em alguns contextos, a morfologia verbal pode causar perturbações de tom na superfície; ○ Há morfemas verbais que, para indicar grande intensidade, são realizados com tom decrescente em vez de ascendente; ○ A língua depende fortemente de tons para a comunicação oral; ○ Contrastes de tom podem ser verificados em raízes nominais e verbais e em sufixos verbais indicando pessoa/aspecto e pessoa/negação;
Nambikwara do Campo (Sul) (SOUSA NETTO, 2018)	● A língua apresenta dois tons de nível: um baixo e um alto; ● Há três realizações fonéticas para o tom: contorno ascendente, contorno descendente e tom de nível grave; ● Há um tom superalto decorrente da interação entre um nível lexical alto e a entonação; ● Contrastes mais evidentes nas classes verbais e nominais, sendo essenciais para a compreensão gramatical e lexical da língua; ● Tom tende a ser contrastivo em raízes em substantivos e em raízes e sufixos em verbos; ● Ocorrência de tons distintos independe do acento; ● Tom na morfologia verbal: marcação de pessoa, aspecto verbal e negação; ● Há um morfema de negação /ʔ/ com <i>pitch</i> baixo.
Nambikwara do Campo (Sul) (própria autora)	● A língua apresenta um sistema tonal que interage com tons lexicais morfossintáticos; ● O tom é contrastivo no nome e na raiz verbal apenas em sílaba tônica; ● <i>Tone bearing unit</i> é segmentos soantes, /h/ e /s/ em coda. ● Há dois tons de nível subjacentes: H e L; ● Na superfície, esses tons podem se combinar e formar contornos fonéticos ascendentes e descendentes; ● Sílabas tônicas na superfície podem apresentar os padrões: H, L, HL e LH;

	• Apenas segmentos soantes e as fricativas /h/ e /s/ carregam tom; • O tom é contrastivo em raízes e em morfemas gramaticais; • O tom pode distinguir 1ª e 3ª pessoa do singular, presente e passado recente e sentenças declarativas afirmativas e negativas; • Há um morfema de negação {-?}. Quando ele é afixado à sentença/palavra verbal, ele faz com que os morfemas de tempo/pessoa {-a, -na} se realizem sempre com o tom L <i>default</i>; • No verbo, a língua evita sequências do tipo HH em fronteira de raiz e afixos; • O tom H em morfemas finais de sentença/palavra verbal é menos contrastivo do que o tom H em outras posições da palavra. Nesse contexto, ele se confunde com a entonação; • O tom atua na ênfase de diferentes formas.
--	--

Como pode ser observado no quadro acima, à exceção do Sabanê, todas as línguas da família Nambikwara já descritas configuram línguas tonais com sistema prosódico misto. Em Nambikwara do Campo, o tom é contrastivo em sílaba tônica no nome e em raízes verbais, atuando a nível lexical e distinguindo sentido no léxico e na gramática. Não é possível prever o acento a partir do tom em afixos, pois há afixos átonos com tom H, de modo que ambos os sistemas (o acentual e o tonal) coexistem na língua de forma independente. Por outro lado, como todos as raízes nominais e verbais têm um tom contrastivo, seria em princípio possível prever a localização do acento nestas categorias por meio dos tons lexicalizados. As únicas exceções seriam as raízes com tom H átono inicial e outros exemplos raríssimos que podem corresponder a antigos afixos já lexicalizados.

A fim ratificar que a língua, além de propriedades de línguas tonais, também guarda propriedades das acentuais, vale a pena trazer à tona alguns processos fonológicos condicionados pelo acento. A esse respeito, podem-se mencionar os processos de monotongação e fusão, além do próprio alongamento vocálico de sílabas abertas em posição tônica, conforme visto na seção 3.2 *Os processos fonológicos* do capítulo 3.

Tendo em vista que, em Nambikwara do Campo, o tom é lexical e contrastivo em alguns afixos verbais, atuando na morfossintaxe da língua, é importante que ele seja observado juntamente com a morfologia. No que se refere ao Latundê, Telles (2002) afirma que o tom pode atuar na morfossintaxe distinguindo 1ª e 3ª pessoa do singular no passado recente. Na língua aqui estudada, o tom também atua na diferenciação entre 1ª e 3ª pessoa do singular (no presente), discernindo, ainda, os tempos presente e passado recente, no caso da 3ª pessoa do singular. Além disso, tanto em Mamaindê quanto em Negarotê o tom foi observado na formação de sentenças declarativas negativas, o que também foi comprovado na língua aqui descrita.

Por fim, salienta-se que esta seção tinha como objetivo fornecer subsídios para a compreensão do tom no domínio da palavra fonológica em Nambikwara do Campo. Entretanto, reflexões envolvendo domínios acima do da palavra na hierarquia

prosódica também foram realizadas com o intuito de demonstrar, mesmo que sumariamente, algumas implicações do tom em outros níveis da hierarquia e sua relação com a morfossintaxe e a pragmática, essa última sobretudo no que diz respeito à ênfase. Estudos futuros, porém, são necessários para melhor compreender a complexidade desse subsistema e as relações guardadas com os outros níveis da gramática na língua.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse trabalho, apresentou-se a fonologia segmental e suprasegmental do Nambikwara do Campo. No capítulo 1, foi possível observar algumas informações etnográficas acerca do povo e da família linguística Nambikwara. Nesse sentido, o Nambikwara do Campo é uma língua que pertence ao ramo Nambikwara do Sul, o qual, comparativamente ao ramo do Norte, ainda carece de mais estudos acerca de suas línguas para que se possa melhor compreender as idiossincrasias tipológicas de seu conjunto.

No capítulo 2, foi possível observar a fonologia segmental do Nambikwara do Campo. Viu-se que, como esperado, a língua tem mais vogais do que consoantes, apresentando um total de 13 consoantes e 18 vogais. As consoantes encontradas na língua foram /p, [?]p, t, [?]t, k, [?]k, ʔ, n, [?]n, l, r, s, h/, ao passo que as vogais foram /i, u, ĩ, ũ, e, o, ẽ, a, ã, ĩ, ũ, ẽ, ɔ̃, ẽ, ɔ̃, ẽ, ɔ̃/. No que tange ao ditongo, a interpretação aqui adotada retira complexidade do núcleo silábico e acrescenta às margens da sílaba. Assim, considerou-se que vogais átonas adjacentes a outras vogais, geralmente tônicas, passam à margem da sílaba e se realizam como glides, formando, na superfície, ditongos do tipo VG ou GV. Nesse contexto, é possível encontrar, inclusive, sequências G-V-G.

No capítulo 3 foram apresentados a sílaba e os processos fonológicos da língua. No que se refere à primeira, viu-se que o molde da sílaba fonológica é (C)V(C)(C), ao passo que a estrutura da sílaba resultante de processos fonológicos é (C)(C)V(C)(C). Desse modo, o núcleo licencia apenas uma posição e a rima pode apresentar, no máximo, 3 posições ocupadas. No que diz respeito aos processos, foram observados um total de 23, os quais foram organizados de acordo com os seguintes tipos: assimilação, realizações fonéticas do /s/ em *onset* de sílaba, redução/apagamento, epêntese, rotacismo, coalescência consonantal, fortalecimento, aspiração, pré-oralização de coda nasal, alongamento vocálico e reduplicação. Há vários processos operando em posição de coda silábica, de modo que o *output* da sílaba e, portanto, da palavra pode diferir bastante da forma fonológica. A maioria dos processos fonológicos encontrados é opcional, figurando o apagamento e a epêntese como alguns dos processos mais produtivos não apenas em Nambikwara do Campo, mas dentre as línguas da família Nambikwara. Paralelamente a estes, também são frequentes nessas línguas os processos de assimilação, pré-oralização de nasal e alongamento vocálico.

No capítulo 4, lançou-se um olhar sobre o acento e o tom do Nambikwara do Campo. Tipologicamente, pode-se afirmar que as línguas da família Nambikwara apresentam prosódia mista, com tom e acento coexistindo. Isso já foi observado no Latundê (TELLES, 2002), no Mamaindê (EBERHARD, 1995; 2009), no Negarotê (BRAGA, 2017) e também foi observado nesse trabalho em Nambikwara do Campo. Os parâmetros relevantes observados para a atribuição do acento em Nambikwara do Campo são semelhantes aos das línguas do Norte. A regra do acento da língua é sensível ao peso silábico, sendo o acento previsível na raiz e lexical em morfemas gramaticais. No que se refere ao tom, observou-se que a língua apresenta, fonologicamente, dois tons de nível: o tom alto H e o baixo L, este último tendo sido considerado o tom *default* em sílabas não acentuadas na palavra. No âmbito da raiz,

alguns tons do tipo H podem estar presentes em sílabas átonas devido a antigos afixos já lexicalizados. Em posição de acento, o tom é contrastivo e imprevisível tanto em raízes quanto em afixos. Observou-se, ainda, que o tom interage com a morfossintaxe tanto na palavra nominal quando na verbal. No que diz respeito especialmente a essa última, o tom pode distinguir, por exemplo, tempo verbal e pessoa (1ª pessoa do singular e 3ª pessoa do plural).

Nesse trabalho, buscou-se lançar um olhar para a língua Nambikwara do Campo tendo em vista o domínio da palavra fonológica. No entanto, algumas reflexões acerca de domínios acima do da palavra na hierarquia prosódica também foram incursionadas, numa tentativa de melhor compreendê-los e de melhor demonstrar o funcionamento da fonologia e, em certa medida, de sua interface com a gramática no que se refere ao Nambikwara do Campo.

Finalmente, vale a pena mencionar que o estudo aqui apresentado não tinha como objetivo esgotar as possibilidades de interpretação e de compreensão da fonologia da língua Nambikwara do Campo, mas sim de lançar um olhar investigativo capaz de elucidar algumas questões relativas à fonologia e à interface fonologia-gramática dessa língua e, numa perspectiva mais ampla, das línguas da família Nambikwara, numa tentativa de melhor compreendê-las tipologicamente. Trabalhos futuros são necessários para que se possa dar continuidade a essas investigações, tendo em vista o universo tão amplo e tão rico que essas línguas e povos nos apresentam.

RESUMO

Fonologia segmental e suprasegmental do Nambikwara do Campo (Nambikwara do Sul)

Este trabalho desenvolve a análise e a descrição segmental e suprasegmental da língua Nambikwara do Campo, que integra o ramo Nambikwara do Sul da família linguística Nambikwara, uma das 41 famílias linguísticas sobreviventes, hoje, no Brasil. O Nambikwara do Campo é uma língua falada pelos índios Kithãulhu, Halotesu, Sawentesu e Wakalitesu (TELLES, 2002) que habitam as Terras Indígenas Nambikwara e Sapezal, ambas localizadas no estado do Mato Grosso, na região do cerrado.

O Nambikwara do Campo é uma língua com fonologia complexa, com uma intrincada interface fonético-fonológica e vários processos fonológicos que interagem com diferentes aspectos da gramática. O *corpus* utilizado para a realização desse trabalho compreende aproximadamente 100 horas de gravação recolhidas *in loco* pela autora em 2017.

No que concerne à organização e à estrutura, o presente trabalho apresenta uma introdução, 4 capítulos e as considerações finais, além de um breve vocabulário Nambikwara do Campo-Português. Na introdução são apresentados os objetivos e a justificativa da pesquisa, além do referencial teórico utilizado. São apresentados, ainda, as metodologias de coleta e de análise de dados e um esquema da morfologia da palavra nominal e verbal da língua.

O capítulo 1 trata da apresentação dos falantes da língua Nambikwara do Campo e traz um panorama da família linguística Nambikwara. O capítulo 2, por sua vez, aborda a fonologia segmental do Nambikwara do Campo.

O capítulo 3 divide-se em duas partes. A primeira apresenta a sílaba da língua, que possui como molde fonológico a estrutura (C)V(C)(C) e permite até 3 posições na rima. A segunda parte é destinada aos processos fonológicos observados em Nambikwara do Campo, quais sejam: assimilação, redução/apagamento, epêntese, palatalização, coalescência consonantal, fortalecimento, aspiração, pré-oralização de coda nasal, alongamento e reduplicação.

O capítulo 4 também se subdivide em duas partes. A primeira é dedicada ao acento na língua, que é previsível em raízes e lexical em morfemas gramaticais. O sistema acentual é sensível ao peso silábico. A segunda parte desse capítulo trata do sistema tonal do Nambikwara do Campo. A língua apresenta dois tons de nível fonológicos, o alto e o baixo, os quais podem se combinar em uma mesma sílaba e formar na superfície tons de contorno ascendente e descendente. Assim, a língua apresenta um sistema prosódico misto, com acento e tom lexicais.

A última parte do trabalho traz as considerações finais, nas quais são apontados os resultados encontrados a partir das análises realizadas. Quanto à perspectiva teórica, o trabalho de descrição fonológica (e gramatical) aqui apresentado apoiou-se, inicialmente, nas técnicas da linguística distribucional para a identificação dos inventários segmentais da língua, conforme descrito em Hyman (1975) e Lass (1984), e, posteriormente, no arcabouço teórico fornecido pelas teorias fonológicas não-lineares, como a fonologia autosegmental, lexical e prosódica e a geometria dos traços, presentes em Goldsmith (1995), Spencer (1996), Clements e Hume (1995), entre outros. Foram levados em consideração, ainda, outros estudos existentes sobre

línguas da família Nambikwara, a exemplo de Price (1976), Lowe (1999), Kroeker, M. (2001), Telles (2002), Kroeker, B. (2003), Eberhard (2009) e Braga (2017).

Palavras-chave: Línguas indígenas brasileiras; Família Nambikwara; Nambikwara do Campo; Fonologia; Análise linguística.

SUMMARY

The Segmental and Suprasegmental Phonology of Nambikwara do Campo (Southern Nambikwara)

This work provides the segmental and suprasegmental analysis and description of the Nambikwara do Campo language which is in the Nambikwara do Sul (Southern Nambikwara) branch of the Nambikwara language family, one of the 41 surviving linguistic families in Brazil. Nambikwara do Campo is spoken by the Kithãulhu, the Halotesu, the Sawentesu, and the Wakalitesu indigenous peoples (Telles, 2002), who live on the Nambikwara and Sapezal Indigenous Territories, located in the state of Mato Grosso, in the Cerrado region.

Nambikwara do Campo is a phonologically complex language with an intricate phonetic-phonological interface which has many phonological processes that interact with different aspects of the grammar. To provide the first description of the segmental and suprasegmental phonology of Nambikwara do Campo, this project made use of a corpus comprised of approximately 100 hours of recordings collected *in situ* by the author in 2017.

The introduction provides the research objectives and justification as well as the theoretical framework alongside the methodology for the data collection and analysis, and a layout of the morphology of the verbal and nominal word. Chapter 1 presents the speakers of the Nambikwara do Campo language and gives an overview of the Nambikwara linguistic family. Chapter 2 deals with the segmental phonology of Nambikwara do Campo. Chapter 3 is divided into two parts. The first is about the language's syllable, which is (C)V(C)(C) and permits up to three positions in the rime. The second part is dedicated to the phonological processes attested in Nambikwara do Campo, including assimilation, deletion, epenthesis, palatalization, consonantal coalescence, strengthening, aspiration, pre-oralization of the nasal coda, lengthening, and reduplication. Chapter 4 is also subdivided into two parts. The first analyzes the stress of the language, which is predictable in roots and is lexical in grammatical morphemes. The language's stress system is sensitive to syllable weight. The second part of this chapter deals with the tonal system: the language has two phonological level tones, a high one and a low one, which can combine in the same syllable and form rising and falling contour tones. The prosodic system is mixed, combining stress and lexical tones. The last chapter is dedicated to final considerations, and summarizes the results which arose from the analyses and descriptions. Considering the theoretical perspective, the phonological (and grammatical) description work are based, initially, on distributional linguistic techniques to identify the segmental inventories of the language as described in Hyman (1975) and Lass (1984) and, subsequently, on the theoretical framework provided by the non-linear phonological theories, such as autosegmental, lexical, and prosodic phonology, and feature geometry as in Goldsmith (1995), Spencer (1996), Clements and Hume (1995), among others. Other studies about the languages of the Nambikwara family were also taken into account, including those of Price (1976), Lowe (1999), Kroeker (2001), Telles (2002), Kroeker (2003), Eberhard (2009), and Braga (2017).

Keywords: Brazilian indigenous languages; Nambikwara family; Nambikwara do Campo; Phonology; Linguistic analysis

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, G. A. de. 2004. *A Grammar of Sabanê: A Nambikwaran Language*. Tese (Doutorado em Letras). Amsterdã: Vrije Universiteit, Amsterdam.

BECKMAN, M. E. 1986. *Stress and Non-stress Accent (Netherlands phonetic archives, vol.VII)*. Dordrecht: Foris Publications. 239p.

BELO, E. A. de O. (Núcleo de Estudos Indigenistas – NEI – da Universidade Federal de Pernambuco). Conversas sobre a fonologia e a gramática do grupo Hahãntesu (Nambikwara do Sul) com: Paula Mendes Costa (Núcleo de Estudos Indigenistas da Universidade Federal de Pernambuco e Vrije Universiteit Amsterdam). 2019.

BISOL, L. (Org.). 2001. *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. 3.ed. Porto Alegre: EDIPUCRS.

BLEVINS, J. 1996. The Syllable in Phonological Theory. In: GOLDSMITH, J. A. (ed.). *The Handbook of Phonological Theory*. Oxford: Blackwell. pp. 206-244

BORELLA, C. de C. 2003. *Manuscrito sobre a morfologia do nome no Sararé*. Localizado em: Universidade Federal de Pernambuco, Departamento de Letras, Núcleo de Estudos Indigenistas.

BRAGA, A. G. M. 2012. *Fonologia segmental do Lakondê* (Família Nambikwára). Dissertação (Mestrado em Letras). Recife: Universidade Federal de Pernambuco.

_____. 2017. *Fonologia Negarotê: análise fonológica da língua do grupo Negarotê* (família Nambikwára). Tese (Doutorado em Letras). Amsterdam: Vrije Universiteit.

CHOMSKY, N.; HALLE, M. 1968. *The Sound Pattern of English*. New York: Harper e Row.

CLEMENTS, G. N. 1985. The problem of transfer in nonlinear morphology. *Cornell Working Papers in Linguistics* 7. P.38-73.

_____. 1987. Phonological Feature Representation and the Description of Intrusive Stops. In: BOSCH; NEED et SCHILLER (eds.). Paper From CLS 23: Part 2: *Parasession on Autosegmental and Metrical Phonology*. p.29-50.

_____. 1990. The role of the sonority cycle in core syllabification. In: KINGSTON, J.; BECKMAN, M. (eds.). *Papers in laboratory phonology 1: Between the grammar and physics of speech*. Cambridge: Cambridge University, pp. 283-333.

_____. 1991. Place of articulation in consonants and vowels: a unified theory. In: *Working Papers of the Cornell Phonetics Laboratory*. 5. pp. 77-123.

_____. 1999 [1985]. The Geometry of Phonological Features. In: GOLDSMITH, J. A. (ed.). *Phonological Theory: the essential readings*. Oxford: Blackwell, pp. 201-223. Repr. A partir de *Phonology Yearbook* 2 (1985).

CLEMENTS, G. N.; HUME, E. V. 1995. The Internal Organization of Speech Sounds. In: GOLDSMITH, J. A. (ed.). *The Handbook of Phonological Theory*. Oxford: Blackwell, p. 245-306.

DIXON, R.M.W.; AIKHENVALD, A.Y. 2002. *Word: a crosslinguistic typology*. Cambridge: Cambridge University Press.

DYEN, I. 1992. *Lista de swadesh*.

EBERHARD, D. 1995. Mamainde Stress: the Need for Strata. In: *SIL Publications in Linguistics 122*. Dallas: Summer Institute of Linguistics and University of Texas at Arlington. pp. ix + 159.

_____. 2004. Mamaindê pre-stopped nasals. SIL Electronic Working Papers 2004-002.

_____. 2009. *Mamaindê Grammar: a Northern Nambikwára Language and its Cultural Context*. Tese (Doutorado em Linguística). Amsterdã: Vrije Universiteit, Amsterdam.

EMPRESA BRASILEIRA DE PESQUISA AGROPECUÁRIA (EMBRAPA). 2019. Disponível em: <<http://www.embrapa.br/>>. Acesso em: 3 de setembro de 2019.

FOX, A. 2000. *Prosodic Features and Prosodic Structure: the Phonology of Suprasegmentals*. Oxford: Oxford University Press.

FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍndIO (FUNAI). 2019. Disponível em: <<http://www.funai.gov.br/>>. Acesso em: 27 de agosto de 2019.

GOLDSMITH, J. 1976. *Autosegmental Phonology*. Indiana University Linguistics Club.

_____. 1979. The Aims of Autosegmental Phonology. In: DINNSEN, Daniel (org.). *Current Approaches to Phonological Theory*. Bloomington: Indiana University, pp. 202-222.

_____. 1990. *Autosegmental and Metrical Phonology*. Oxford: Blackwell Publishers.

_____. 1996. *The Handbook of Phonological Theory*, Oxford: Blackwell Publishers.

_____. 2011. The syllable. In: GOLDSMITH, J.; RIGGLE, J.; YU, A. C. L. (Eds.). *The handbook of phonological theory*. 2.ed. Oxford: Wiley-Blackwell Publishing.

GUSSENHOVEN, C.; JACOBS, H. 2017. *Understanding phonology*. 4.ed. Oxon/New York: Routledge.

HASPELMATH et al. 2001. *Language typology and language universals: An International Handbook*, vol. 2. Berlin & New York: Walter de Gruyter.

_____. 2010. The indeterminacy of word segmentation and the nature of morphology and syntax. *Folia Linguistica*. Vol.45. n.1.

HAYES, B. 1995. *Metrical Stress Theory: principles and case studies*. Chicago/London: The University of Chicago Press.

HYMAN, L. M. 1975. *Phonology: theory and analysis*. University of Southern California.

_____. 2001. Tone systems. In: HASPELMATH et al. *Language typology and language universals: An International Handbook*, vol. 2. Berlin & New York: Walter de Gruyter.

_____. 2007. Tone: Is it different?. *UC Berkeley PhonLab Annual Report*, v.3. Disponível em: <<http://escholarship.org/uc/item/1sr5f98x>>.

_____. 2016. Lexical vs. Grammatical Tone: Sorting out the Differences. *Tonal Aspects of Languages*, New York.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). 2010. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/>>. Acesso em: 03 de setembro de 2019.

_____. 2018. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/>>. Acesso em: 03 de setembro de 2019.

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL (ISA). 2019. *Povos Indígenas do Brasil: Nambikwara*. Disponível em: <<https://piib.socioambiental.org/pt/Povo:Nambikwara#Nomes>>. Acesso em: 19 de agosto de 2019.

KENSTOWICZ, M. 1994. *Phonology in Generative Grammar*. Cambridge/Massachusetts: Blackwell Publishers.

KINGSTON, P. 1973. *Phenomena of Morpheme Juxtaposition in Mamaindê*. Ms. SIL.

_____. 1976. Sufixos referenciais e o elemento nominal na língua Mamaindê. *Série Linguística*, 5. Brasília: Summer Institute of Linguistics.

KIPARSKY, P. 1982. Lexical morphology and phonology. In: YANG, I. S. (ed.). *Linguistics in the morning calm*. Seoul: Hanshin. P.3-91.

_____. 1985. The role of quantity in Finnish and English metres. Paper presented at the 11th Annual Meeting of the Berkeley Linguistic Society.

KROEKER, B. 2003. *Aspectos da língua Nambikuara*. Cuiabá: Sociedade Internacional de Linguística.

KROEKER, M. 1977. *The role of tone in Nambikuara*. Rio de Janeiro: Instituto Antropológico Prof. Souza Marques.

_____. 1996. *Dicionário escolar bilíngue Nambikuara-Português, Português-Nambikuara*. Porto Velho: SIL.

_____. 2001. Gramática descritiva da lingual Nambikuara. *International Journal of American Linguistics*, vol.67, n.1. Chicago: The University of Chicago Press.

LASS, R. 1984. *Phonology: An Introduction to Basic Concepts*. Cambridge: Cambridge University.

LÉVI-STRAUSS, C. 1946. The Name of the Nambikwara. *American Antropologist*.

_____. 1948. La vie familiale et sociale des indiens Nambikwara. *Journal de la Société des Américanistes*. v.37. pp.1-132.

_____. 1996. *Tristes Trópicos*. Tradução de Rosa Freire d'Aguiar. São Paulo: Cia. Das Letras.

LIBERMAN, M. 1975. *The Intonational System of English*. Unpublished Doctoral dissertation, MIT, Cambridge, Massachusetts.

LIBERMAN, M.; PRINCE, A. 1977. On stress and linguistic rhythm. *Linguistic Inquiry* 8. 249-336.

LOWE, I. 1999. Nambiquara. In: DIXON, R. M.; AIKHENVALD, A. (org.). *The Amazonian Languages*. Cambridge: Cambridge University Press. pp.268-291.

MADDIESON, I. 2013. Glottalized Consonants. In: DRYER, M. S. & HASPELMATH, M. (eds.) *The World Atlas of Language Structures Online*. Leipzig: Max Planck Institute for Evolutionary Anthropology. Disponível em: <<http://wals.info/chapter/7>>. Acessado em 01 de maio de 2019.

MICHAUD, A.; VAISSIÈRE, J. 2015. Tone and intonation: introductory notes and practical recommendations. *KALIPHO* - Kieler Arbeiten zur Linguistik und Phonetik, Institut für Skandinavistik, Frisistik und Allgemeine Sprachwissenschaft (ISFAS) Abt. Allgemeine Sprachwissenschaft Christian. Albrechts: Universität zu Kiel. Special Issue: "Theoretical and empirical foundations of experimental phonetics", 3, pp.43-80. Disponível em <<http://www.isfas.unikiel.de/de/linguistik/forschung/kaliphoband-2-3ff.ffhalshs-01091477v3ff>>.

MILLER, J. 2019. *Instituto Socioambiental: Povos indígenas do Brasil* (Nambikuara). Disponível em: <<https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Nambikwara#Nomes>>. Acesso em: 19 de agosto de 2019.

MOHANAN, K. P. 1986. *The theory of lexical phonology*. Dordrecht, Holland: D. Reidel.

_____. 1986. *The theory of lexical phonology*. Dordrecht, Holland: D. Reidel.

NESPOR, M. 2010. Prosody: an interview with Marina Nespor. *ReVEL*, vol. 8, n. 15. Disponível em: <www.revel.inf.br/eng>. Acesso em: 16 de janeiro de 2019.

NESPOR, M.; VOGEL, I. 1986. *Prosodic Phonology*. Dordrecht: Foris.

PROJETO BÁSICO AMBIENTAL INDÍGENA (PBAI). 2012. *Linhas de transmissão 600kV, Porto Velho – Araraquara 2 n°s 1 e 2*. Programas de Educação Ambiental e Comunicação Social (terras e populações indígenas nas áreas de influência das linhas de transmissão. Ie Madeira (Interligação elétrica do Madeira) e Norte Brasil (Norte Brasil transmissora de energia).

PRICE, D. 1972. *Nambikwara Society*. Tese. Chicago: University of Chicago.

_____. 1976. Southern Nambiquara Phonology. *IJAL*, 42. 338-48.

_____. 1978. The Nambiquara Linguistic Family. *Antropological Linguistics*. v.20. n.1. pp.14-35.

_____. 1983. Paríci, Cabixi, Nambiquara: a Case Study in the Western Classification of Native Peoples. *Journal de la Société des Américanistes*. v. 69. pp.129-148.

_____. 1985. Nambiquara Languages: Linguistic and Geographical Distance between Speech Communities. In: KLEIN, H. E. M.; STARK, L. R. *South American Indian Languages: Retrospect and Prospect*. Austin: University of Texas Press. pp.304-323.

_____. 1987. *Nambiquara Geopolitical Organisation*. Man (N. S.). v.22. Cornell University. p.1-24.

PRICE, D.; COOK, C. E. 1969. The Present Situation of the Nambikwara. *American Anthropologist. Journal of the American Anthropological Association*. v.71. pp.688-693.

PRINCE, A. S. 1983. Relating to the Grid. *Linguistic Inquiry*, vol.14, N.1. The MIT press.

PULLEYBLANK, D. 1986. *Tone in Lexical Phonology: studies in natural language and linguistic theory*. V.4. Dordrecht: D. Reidel Publishing Company.

RODRIGUES, A. D. 1986. *Línguas Brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas*. São Paulo: Loyola.

RONDON, C. M. S. 1947. *Publicação no. 2 da Comissão de Linhas Telegráficas Estratégicas de Mato-Grosso ao Amazonas* (“Comissão Rondon”). Anexo no. 5. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional. p.45-54.

SECRETARIA ESPECIAL DE SAÚDE INDÍGENA (SESAI). MINISTÉRIO DA SAÚDE. 2013. Disponível em: <<http://www.saude.gov.br/sesai>>. Acesso em: 3 de setembro de 2019.

SELKIRK, E. 1978. On prosodic structure and its relation to syntactic structure. In: FRETHERIM, T. (ed.). *Nordic Prosody II*. Trondheim: TAPIR, p.111-140.

_____. 1984. *Phonology and syntax: the relation between sound and structure*. Cambridge, MA: The MIT press.

_____. 2011. The Syntax-Phonology Interface. In.: GOLDSMITH, J.; RIGGLE, Jason; YU, Alan. *The Handbook of Phonological Theory*, 2. Ed. Oxford: Blackwell Publishing.

_____. 2003. The prosodic Structure of Function Words. In: MCCARTHY, J. (Ed). *Optimality Theory in Phonology: A Reader*, Blackwell Publishing.

SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE COMODORO (SEMEC). 2019.

SOTERO, R. dos S. 2019. *Do que não tem semente: Reflexões ecolinguísticas sobre a categorização nominal no Wakalitesú*. Dissertação (Mestrado em Letras). Recife: Universidade Federal de Pernambuco.

SOUSA NETTO, L. A. de. 2018. *Fonologia do grupo Nambikwára do Campo (Nambikwára do Sul)*. Dissertação (Mestrado em Letras). Recife: Universidade Federal de Pernambuco.

SPENCER, A. 1986. *Phonology*. Oxford: Blackwell Publishers.

_____. 1996. *Phonology: Theory and Description* (Introducing Linguistics, Vol. 1). Wiley Blackwell, 1996.

TELLES, S. 2002. *Fonologia e Gramática Latundê/Lakondê*. Tese (Doutorado em Letras). Vrije Universiteit, Amsterdam.

_____. 2013. Traços Laringais em Latundê (Nambikwára do Norte). *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*. v. 8. n. 2. pp. 291-306.

_____. 2019. Consoante nasal pós-vocálica no Latundê e no Português do Brasil. *Linguística* [online]. Vol.35, n.1, pp.167-177. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.5935/2079-312x.20190009>>.

TERRAS INDÍGENAS NO BRASIL. 2019. *Terra Indígena Nambiquara*. Disponível em: <<https://terrasindigenas.org.br/pt-br/terras-indigenas/3772>>. Acesso em: 23 de agosto de 2019.

VAUX, B. 1998. The Laryngeal Specifications of Fricatives. *Linguistic Inquiry*, Vol.29, N. 3. P.497–511. Massachusetts Institute of Technology.

VOGEL, I. 2008. The morphology–phonology interface: isolating to polysynthetic languages. *Acta Linguistica Hungarica*. Vol. 55 (1–2). pp. 205–226.

WETZELS, L. 1995. Consoantes intrusivas em Maxacalí. In.: WETZELS, L. (ed.). *Estudos fonológicos das línguas indígenas brasileiras*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ.

_____. (ed.). 1995. *Estudos fonológicos das línguas indígenas brasileiras*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ.

_____. 2008. Thoughts on the Phonological Interpretation of {Nasal,Oral} Contour Consonants in some Indigenous Languages of South-America. *Revista Alfa*. São Paulo, 52 (2). pp. 251-278.

WETZELS, W.L.; MEIRA, S. 2010. A Survey of South American Stress Systems. In: VAN DER HULST, H.; GOEDEMAN, R. et VAN ZANTEN, E. (eds.) *A Survey of Word Accentual Patterns in the Languages of the World*. Berlin: Walter De Gruyter, pp. 313-381.

WETZELS, W. L.; NEVINS, A. 2018. Prenasalized and Postoralized Consonants: The Diverse Functions of Enhancement. *Language*, Volume 94, Number 4.

YIP, M. 2002. *Tone*. Cambridge: Cambridge University Press.

VOCABULÁRIO NAMBIKWARA DO CAMPO-PORTUGUÊS

Nesse vocabulário, são apresentadas as formas fonológicas das palavras em Nambikwara do Campo, as quais vêm seguidas pela tradução em português. Nas formas fonológicas, as fronteiras de morfema são indicadas com “-”. Para obter mais informações sobre os afixos, ver subseção *e) Esquema da morfologia do nome e do verbo do Nambikwara do Campo (adaptado de Kroeker, M. (2001))* da Introdução.

/a/

/ain-/	“andar, caçar”
/ainkin-/	“ouvir, escutar”
/a-ĩʔ-li-a/	“nome (dele)”
/a-kalo-su/	“casca, pele”
/a-ki-su/	“semente”
/alã-su/	“arara”
/alai-su/	“bicho-preguiça”
/alan-ʔti-a/	“dia, manhã”
/aluh-/	“vomitar”
/alu-su/	“rato”
/alũ-su/	“anta”
/alun-/	“ser longo, comprido”
/an-/	“matar”
/anãũ-su/	“lagarto(a), espécie de”
/a-ʔnãn-su/	“folha (geral)”

/ã/

/ãũʔin-/	“dormir”
----------	----------

/a/

/aiki-su/	“pássaro (geral)”
/aĩn-su/	“peixe (geral)”
/a-li-su/	“tatu, espécie de (tatu-galinha) (KI) / pequi (WA)”
/alut-su/	“tatu-bola”

/aʔkaʔ-li-a/ “velha, idosa”

/aʔla-su/ “jacu”

/ã/

/ãũ-li-su/ “papagaio”

/e/

/e-/ “falar”

/ehʔ-su/ “machado”

/eki-iaũ-su/ “língua, falante”

/ẽ/

/ẽki-/ “esquentar”

/ẽ/

/ẽʔ-su/ “fumo”

/h/

/hain-/ “cantar”

/haio/ “sim, concordância e saudação”

/hais-su/ “roça”

/halau-li-a/ “sapo cururu”

/hali/ “dois (numeral)”

/hali-/ “pintar, desenhar, escrever”

/halo-te-su/ “povo do campo”

/haluki-su/ “lança”

/han-/ “ser claro”

/hãn-/ “ser branco”

/hanẽ-/ “ser gordo”

/hanẽ-te-su/ “gordura”

/hanẽ-su/ “lenha, fogo”

/hã̃ki-a/	“mãe”
/hatẽ-/	“dançar”
/hati-a/	“cesta”
/hatiki-su/	“tartaruga, jabuti”
/hau [?] t-su/	“flecha”
/ha [?] ki-su/	“cará”
/hehen-/	“ser vermelho”
/hẽ-li-su/	“buriti”
/hiãũn-su/	“flor”
/hiki-su/	“mão”
/hiki-su/	“fruto”
/hiki-a-ta-su/	“estrela”
/hĩli-/	“lavar”
/hi-li-su/	“figado”
/hinẽnki-a/	“árvore, erva, remédio”
/hi- [?] nãn-su/	“folha da árvore”
/his-a-ka [?] t-a/	“tronco da árvore”
/hi-ta-su/	“dedo polegar”
/hi-talãn-ki-su/	“unha”
/hi-ũẽns-hali-su/	“dedos da mão”
/hoh-/	“nadar”
/hu [?] ki-su/	“arco”
/hũli-iaũ-su/	“água”
/hũli-ien-su/	“lago”
/hos-a/	“macaco-prego”
/hos-a-ta-su/	“macaco-aranha”

/i/

/iahki-su/	“caititu”
/iahki-a-ta-su/	“queixada (porco do mato)”

/iahlo-a/	“velho”
/iaki-su/	“porco do mato”
/ialan-su/	“tucano, foice”
/ialun-/	“morrer”
/iana-li-su/	“onça (geral)”
/iana-li-a-ta-su/	“onça-pintada”
/iana-li-a-nẽnẽ-su/	“onça-parda”
/iana-li-a-kãũ-li-su/	“jaguaririca”
/iana-li-su/	“lagarto(a), espécie de”
/iatã-li-su/	“veado, espécie de”
/iaun-/	“estar, morar”
/ie-hu [?] ki-su/	“testa”
/ieki-ki-su/	“olho”
/i-li-su/	“lua”
/i-li-su/	“bugio preto (macaco)”
/in-/	“voar”
/in- [?] ti-su/	“homem”
/in- [?] ti-a- [?] tuh-a/	“sexo (masculino ou feminino). Lit.: homem-mulher”
/iuhli-/	“ter medo”
/iuh?-a/	“chão, terra”
/iuiut-su/	“pássaro pica-pau”
/iu? [?] tãũ-li-su/	“jabuti, espécie de”

/ĩ/

/ĩ? [?] nũn-/	“cheirar”
------------------------	-----------

/ĩ/

/ĩa-nũ-ki-su/	“carvão, cinzas”
/ĩau-/	“sentar”
/ĩau-kalo-su/	“banco”

/iɛt-a-kaʔt-su/	“pescoço”
/iɔ-he-li-su/	“língua (parte do corpo)”
/iɔ-su/	“boca”
/iɔ-ũã-li-su/	“lábio (lit.: pele da boca)”
/iɔ-ɯɛt-su/	“barba”
/iɯki-su/	“pé”
/iɯ-li-su/	“faca”
/iɯ-li-a-ta-su/	“facão”
/iɯ-li-a-ũẽns-su/	“faquinha”
/iɯ-ũẽns-hali-su/	“dedos do pé”

/ĩ/

/ĩn-iaɯ-su/	“água”
-------------	--------

/k/

/kai-su/	“quati”
/kaĩã-li-ẽn-su/	“praia (areia úmida, molhada)”
/kaian-/	“molhar”
/kai-li-su/	“formiga, espécie de (formiga da cabeça amarela)”
/kãĩn-/	“ser grande”
/kalakala-su/	“galinha”
/kala-ki-su/	“ombro”
/kalãĩsu/	“besouro (geral)”
/kalusa-te-su/	“morcego”
/kanaki/	“um (numeral)”
/kaʔtilisu/	“pulga”
/kato-/	“ser maduro”
/kãũ-li-su/	“água, rio”
/kãũ-li-iaɯ-su/	“mingau, chicha”
/kãũ-li-su/	“inhame”

/kaʔ-jo-su/	“vagina”
/kaʔlen-su/	“sapo (geral)”
/kaʔluh-su/	“brejo, pântano, Pantanal”
/kaʔna-ʔti-a/	“noite”
/kaʔnĩhne-su/	“piolho”
/ki-su/	“cupim, espécie de”
/kuaia-li-a-ta-su/	“porcão, javali”
/kuaiaɬ-su/	“milho”
/kuaiaɬ-iaɣ-su/	“chicha de milho”
/kua-it-su/	“beija-flor”
/kualai-su/	“aranha (geral)”
/kuata-li-su/	“panela, recipiente”
/kuata-li-a ʔkĩh-nũ-a/	“panela de barro”
/kuẽki-/	“época da seca”
/kuili-su/	“peixe bagre”
/kuiʔti-su/	“veado do campo”
/kũn-su/	“mosquito, espécie de”
/kũn-su/	“algodão”
/kusa-ki-su/	“coração”

/ʔk/

/ʔkĩh-nũ-a/	“areia”
-------------	---------

/n/

/nãĩn-su/	“jacaré, espécie de (jacaré muito grande)”
/nan-su/	“aranha caranguejeira”
/nẽhẽti-kalo-su/	“parede”
/nekeki-/	“pensar”
/neki-su/	“cabeça”
/nekĩs-su/	“cabelo”

/ninĩ-su/	“mosquito, pernilongo”
/nokɣai-li-su/	“peito, seio”
/nũ-iaɥ-su/	“leite materno”
/nũ-kaʔ-ʔti-su/	“gente, povo, grupo”
/nũki-su/	“braço”
/nũki-a-tũn-su/	“cotovelo”
/-nũ-su/	“pó, poeira”
/nũn-su/	“tatu-galinha (<i>Dasypus novemcinctus</i>)”
/nutãũ-su/	“lagarto(a), espécie de”

/ʎn/

/ʎnãĩ-su/	“ariranha, lontra”
/ʎnẽhain-su/	“perna”
/ʎnẽki-su/	“coxa”
/ʎnẽn-huʔki-a/	“brinco”

/o/

/oh-su/	“céu”
/oh-sĩn-su/	“nuvem”

/s/

/sɣh-/	“deitar”
/sɣh-kalo-su/	“esteira, cama”
/sanai-su/	“tatu, espécie de”
/sa-su/	“pênis”
/satesaten-/	“ser amarelo”
/saʔte-/	“ser pesado”
/saʔte-/	“dançar”
/saũãn-su/	“formiga carregadora”
/sauĩ-li-su/	“periquito”
/sauʔĩãĩ-/	“costurar”

/saʔt̥saʔt̥en-/	“ser verde”
/saʔuen-su/	“mato(a), floresta”
/se-su/	“esposa”
/sih-ien-su/	“aldeia”
/sih-ĩq̣-su/	“porta (lit.: boca da casa)”
/sih-su/	“casa”
/sih-su/	“formiga tocandira”
/sĩn-su/	“carne”
/sis-su/	“capim”
/suhla-/	“matar, bater”
/su-su/	“osso”

/t/

/tah-su/	“novo”
/tahʔ-li-a/	“pedra”
/talã-li-su/	“rede de pesca”
/talãũ-su/	“lagarto(a), espécie de”
/tali-te-su/	“trovão”
/talo-su/	“costas”
/tanũ-li-su/	“anzol”
/ten-/	“procurar, caçar”
/tẽn-a/	“tambor”
/tih-ĩau-su/	“sangue, seiva”
/tik-a/	“ali”
/tĩhno-a/	“caminho, estrada”
/tĩ-su/	“barriga”
/tin-a/	“aqui”
/tiĩn-/	“ser preto”
/tuh-a-ta-su/	“abelha”
/tuhnẽn-te-su/	“abelha, espécie de”

/tuh-su/ “mel”

/ʔt/

/ʔtẽ-li-su/ “mosca”

/ʔtih?-a/ “cobra”

/ʔtih?-a-ta-su/ “sucuri (lit.: cobra grande)”

/ʔtih?-a-ta-ke-li-su/ “arco-íris (lit.: urina da cobra)”

/ʔtuh-su/ “mulher, urucum”

/ʔtũn-/ “chupar”

/u/

/uahka-li-su/ “jacaré (geral)”

/uahka-li-a-ta-su/ “jacaré-de-papo-amarelo (lit.: jacaré grande)”

/uaiaia-li-su/ “cobra cascavel”

/uaia-li-su/ “cachorro”

/uaiki-su/ “cobra jararaca”

/ualãlã-ki-su/ “pulmão”

/ualan-te-su/ “cupim, espécie de”

/ualin-iạu-su/ “chicha de mandioca”

/ualin-su/ “mandioca”

/ualy-li-su/ “tatu-canastra”

/ualu-su/ “urubu”

/ualut-su/ “paca”

/ualyt-su/ “cabaça”

/uan-ẽn-su/ “nariz”

/uaʔnĩn-iahlo-su/ “pajé, curandeiro”

/uasisin-/ “ser seco”

/uata-li-ẽn-su/ “balde”

/uatãuatãũn-/ “ser redondo”

/uatukisu/ “relâmpago”

/uatika-li-su/	“tamanduá-bandeira”
/uaun-te-su/	“redemoinho”
/uaʔien-te-su/	“coruja (geral)”
/uaʔien-te-a ʔkĩh-nũ-a/	“coruja-buraqueira”
/uensu/	“bacaba (palmeira)”
/uiena-ki-su/	“sol”
/uil-/	“ser bom, bonito”
/ui-te-su/	“mutum”
/ul-/	“ser longe”

/ũ/

/ũã-li-a-kalo-su/	“pele, couro, roupa”
/ũã-li-su/	“pele, couro, roupa”
/ũẽha-iaũ-su/	“chuva”
/ũẽnsu/	“plantação baixa, capim, pântano”
/ũẽns-su/	“criança”
/ũẽ-sãĩ-su/	“marido, esposo”
/ũĩn-a/	“pai”
/ũĩnti-/	“ter relações sexuais”
/ũn-/	“ser forte”
/ũn-/	“cheirar”
/ũ-su/	“capivara”

/u/

/uãlu-li-su/	“tatu-canastra”
/uẽt-su/	“pêlo, pena”
/uĩ-su/	“dente”

/ũ/

/ũẽnsu/	“capim molhado”
/ũĩ-su/	“batata (doce ou salgada)”